

ANTOINE ROUAUD

O LIVRO E  
A ESPADA



O LIVRO E  
A ESPADA

ANTOINE ROUAUD

O LIVRO E  
A ESPADA



ARQUEIRO

Título original: *La voie de la colère*

Copyright © 2013 por Bragelonne  
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Dorothée de Bruchard

*preparo de originais:* Suelen Lopes

*revisão:* Flávia Midori e Luis Américo Costa

*projeto gráfico e diagramação:* Valéria Teixeira

*imagem de capa:* Larry Rostant via Artist Partners Ltd.

*adaptação de capa:* Miriam Lerner

*adaptação para e-book:* Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

R763L

Rouaud, Antoine

O livro e a espada [recurso eletrônico]/ Antoine Rouaud; tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Arqueiro, 2018.

recurso digital

Tradução de: *La voie de la colère*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-812-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção francesa. 2. Livros eletrônicos. I. Bruchard, Dorothée de. II. Título.

17-46903

CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

*A Greg, meu amigo, meu irmão,  
cujo apoio e amizade, apesar da  
distância, fizeram com que  
eu nunca parasse de escrever.*

# PARTE I



# 1

## UM CHEIRO DE LAVANDA

*Chega um dia em nossa vida,  
o cruzamento daquilo que fomos  
com aquilo que somos e aquilo que seremos.  
Nesse momento, ao término de tudo,  
é que decidimos qual será o nosso fim.  
Com orgulho ou vergonha da trajetória percorrida.*

*Es it allae, Es it alle en, Es it allarae.*

“O que foste, o que és, o que serás.” Esse era o lema da cidade portuária. Pouco importava qual havia sido seu verdadeiro significado: o mais humilde dos viajantes o conhecia, mesmo sem nunca ter estado ali. Ao sul dos antigos reinos, Massália sempre fora a cidade onde tudo era possível.

A começar por sua posição geográfica. Situada nos confins do mundo, distante da cidade imperial, constituía o derradeiro vestígio de civilização antes do oceano do Oeste, até então inexplorado. De seu porto zarpavam diversos navios mercantes rumo às ilhas Súdias ou, costeando o litoral, em direção às cidades do Norte.

E também por sua história. A cidade fora tantas vezes sitiada, e por tantos reinos, que já nem possuía arquitetura própria. Cada bairro trazia a marca de sucessivos governos, desde as altas torres quadradas do período Aztene, caracterizadas por seus cimos ornados de chifres de dragão, até as altivas casas da dinastia Cagliariere e suas sacadas floridas, sem esquecer as três catedrais da Ordem de Fangol, duas delas erguidas sobre os despojos ainda fumegantes de templos pagãos. Pouco importava de onde você vinha, quem era, o que podia vir a ser. Massália era feita da história de todos os reinos antigos.

Alguns diziam: “Rico ou pobre, fraco ou poderoso, você que foge do restante do mundo pode estar certo de que aqui, na encruzilhada dos povos, só tem a ganhar.”

Nada era capaz de abalar os sonhos que uma simples menção a Massália suscitava. Nem a

chuva forte que desabava sobre as telhas vermelhas. Nem a lama que ela arrastava pelas vielas estreitas. E muito menos a fachada de pedras gastas daquela estranha construção, cujas janelas abertas permitiam ouvir a algazarra de animados beberrões.

– Tem certeza de que é aqui? – perguntou uma voz rouca.

Por baixo do grande capuz, Viola ergueu ligeiramente a cabeça para observar a porta da taberna. Gotas de chuva escorreram devagar pelas lentes de seus óculos redondos, embaçando a visão das janelas iluminadas. Ela assentiu e avançou. As botas afundaram na lama com um chiado desagradável. Sua sombra esbelta na porta de madeira de repente foi encoberta pela do homem atrás dela. Viola hesitou, a mão na pesada maçaneta de ferro. Filetes de chuva escorriam pelo metal negro salpicado de ferrugem.

*Você que foge do restante do mundo...*

Ela não podia mais recuar. Estava com a boca seca, mas não podia. Sabia que naquela taberna encontraria quem procurava. O pigarrear de seu companheiro a despertou do devaneio. Com um gesto brusco, agarrou e moveu a maçaneta.

*... pode estar certo de que aqui, na encruzilhada dos povos, só tem a ganhar.*

O ar fresco se dissipou nas espirais de fumaça acre que subiam até o teto. A cadência das gotas caindo no chão desapareceu ao som das vozes e dos risos. Um relâmpago lançou um fugidio véu sobre os ombros corpulentos e a cabeça calva do homem. Ele fechou a porta antes de seguir Viola. Por fim, surgiu à luz dos lampiões a óleo. Uma criada parou diante dele, por pouco não derrubando a bandeja. Observava, estupefata, as tatuagens que cobriam sua pele morena, serpenteando graciosamente pelas mínimas protuberâncias do rosto. Ele sustentou o olhar por um instante, até que ela resolveu servir uma mesa próxima. Os velhos mercadores de trajas sem graça aplaudiram a chegada da criada.

Os tempos haviam mudado. Os nâagas já não assustavam ninguém. Afinal, o que havia de tão surpreendente em um Selvagem estar naquela cidade, ainda mais na periferia? Se o Império se constituíra apenas de homens civilizados, a República se gabava de abrir as portas para qualquer um... ou qualquer coisa.

Ele percorreu a sala com um olhar desconfiado. Embora os viajantes fossem, em sua maioria, mercadores de pequenas cidades do Oeste, em Massália apenas a negócios, também havia outros, de um tipo bem diferente. Soltou um grunhido ao ver Viola abrindo caminho entre os clientes sem sequer esperar por ele. Conhecia aqueles lugares, os bandidos que ali se entocavam, o perigo que um simples olhar mal interpretado podia desencadear.

Quando a alcançou, ela já tinha chegado ao balcão e mostrava um pedaço de papel amassado a um homem de rosto redondo. Enquanto o ajeitava para ler melhor, o taberneiro passou a mão na testa calva, perolada de suor, e fez uma careta, perplexo, deixando à mostra os três dentes que lhe restavam.

– Dun... Dun... – pensou em voz alta. – Ah, claro, é que a gente fala Dan! É um sujeito lá do Oeste. Eu não estava entendendo... Porque a gente fala Dan, mas escreve Dun. Típico do pessoal do Oeste. Vai entender, eles não são como a gente.

– Esse Dun... ele está aqui? – perguntou Viola.

O taberneiro arqueou a sobancelha e examinou primeiro a moça, depois o nâaga, que, à sua direita, apoiava os cotovelos no balcão. Aquele rosto tão sombrio e as serpentes tão negras que pareciam dançar na pele lisa deixavam-no pouco à vontade. Não se acostumava com aquilo, mas por que deveria rejeitar um novo cliente ou arriscar uma briga? Com um gesto nervoso, tentou ajeitar acima da orelha uma mecha do cabelo grisalho emaranhado. A mulher ainda estava com o grande capuz, uma sombra ocultando a parte superior de seu rosto. Mal se vislumbrava o clarão de um lampião refletido nas lentes dos óculos.

– Quem são vocês? – resmungou, fitando o cabo da clava que se projetava acima das costas do gigante. – Não quero confusão por aqui.

– Não viemos criar confusão – garantiu Viola. – Rogant é apenas meu... protetor – acrescentou, tirando o capuz lentamente e esboçando um sorriso.

A desconfiança do taberneiro se desfez ao ver o rosto de traços delicados. Por trás das lentes dos pequenos óculos redondos, os olhos eram amendoados e verde-escuros. Nas maçãs do rosto, sardas salpicavam a pele leitosa, de uma brancura que realçava o cabelo de um vermelho intenso, preso em coque, duas mechas rebeldes junto às orelhas.

– O senhor certamente entende que, sem ele nesta parte da cidade, quem pode se meter em confusão... sou eu.

Ela era bonita, tinha apenas 20 anos. Uma presa fácil para algum crápula escondido na escuridão das velas. Nas bordas de sua capelina havia finas ondas douradas caprichosamente bordadas. Se não era uma sobrevivente do expurgo que se seguira à queda do Império, então fazia parte dos emergentes republicanos.

– Dun é apenas um velho – explicou o taberneiro enxugando as mãos úmidas num pano imundo. – É meio maluco, mas nunca fez mal a ninguém...

– Eu já falei que não viemos aqui para criar confusão...

– Tudo bem. Ele diz que já foi soldado, mas não é perigoso, sabe...

– Eu só queria conversar com ele – insistiu Viola suavemente, pronunciando bem cada palavra.

– Lembro que, cinco anos atrás, também quiseram “só” falar com um cara como o Dun – rebateu o taberneiro com um olhar severo. – E sabe o que aconteceu? No dia seguinte foi enforcado em praça pública, sob o clamor da multidão.

– O expurgo acabou – garantiu a moça, com ar constrangido.

O taberneiro trocou um olhar com o nâaga. Nada em seus olhos negros indicava qualquer artimanha.

– É o que dizem – murmurou o homem.

Ele enxugou a testa e aguardou um instante, como se avaliasse as consequências de uma eventual delação. Como se questionasse se não era melhor mentir. Quando ergueu a cabeça, parecia tristonho. Ele próprio dera com a língua nos dentes ao mencionar o passado do velho.

– Vocês são de Émeris, aposto minha cabeça.

– Não cortamos cabeças – afirmou Viola, contendo um estranho sorriso. – E também não enforcamos mais ninguém sem julgamento.

– Mas... alguns imperiais ainda estão sendo procurados...

O taberneiro se contraiu.

– Sim – admitiu ela com um tom que se pretendia tranquilizador. – Alguns. Mas não é por isso que estou aqui. Não acredito que Dun tenha cometido algum crime, estava apenas cumprindo ordens. Só quero conversar com ele. Basta nos dizer se ele está aqui e... juro que não vamos incomodar além do necessário.

– Nada de confusão, hein... – advertiu o taberneiro, lançando um olhar para Rogant.

– Só conversar – repetiu Viola.

O taberneiro jogou o pano sobre o ombro e procurou entre as pessoas uma figura familiar. Quando a avistou, sentada a uma mesa, apontou-a com a cabeça. Viola se virou e levou alguns segundos para ter certeza de que era ele. Trocou um olhar com o nâaga, que não lhe foi de nenhuma ajuda. Rogant se limitava a vigiar, meio apreensivo, os movimentos da clientela. A moça se despediu do taberneiro com um gesto e se embrenhou entre os clientes. Alguns olhares maliciosos a acompanharam e os homens assobiaram. Ao redor, as criadas se apressavam levando uma jarra em cada mão. Ressoavam as risadas exageradas dos mercadores. E aquele cheiro de suor misturado com a pungência da fumaça se espalhava por todo o local. Ficou pior quando Viola chegou à mesa de Dun.

– Só umas moedinhas, Dun... Eu devolvo em dobro – suplicava um homem pequeno, segurando um chapéu com força.

– Já disse que não quero mais ver sua cara imunda na minha frente! – vociferou o sujeito sentado à mesa.

O cabelo grisalho estava salpicado de sujeira; na nuca, havia uma mancha escura. Se sua camisa algum dia fora branca, restavam nas mangas apenas uns poucos vestígios da cor original sob uma camada cinzenta e marrom. Seu gibão de couro estava todo rachado nas costas.

– Eu posso me recuperar. Quatro homens estão vindo de Serray e não entendem nada de crapô... Dun, você me conhece, posso ganhar de lavada.

– Você não devia ter falado comigo desse jeito. Eu até teria adiantado algum para você jogar. Mas ninguém fala comigo desse jeito – retrucou o sujeito, apontando um dedo acusatório para o homenzinho.

Depois moveu o braço num gesto que o fez cambalear e indicou-lhe uma mesa em que quatro gaiatos com grandes mantos púrpura cantavam a plenos pulmões.

– Pois vá falar com esses sujeitos de Serray do jeito que falou comigo – resmungou – e logo você vai estar lambendo o chão. Talvez finalmente perceba que eu sou bastante generoso. Suma daqui.

Cabisbaixo, o homenzinho virou-se e desapareceu entre os clientes. Viola sentiu a presença de Rogant às costas. Moveu rapidamente a cabeça e, por sobre o ombro, eles se entreolharam. O nâaga assentiu. Ela então contornou a mesa e se postou na frente do velho. Com as mãos segurando um largo caneco, ele ergueu as sobrancelhas ao notá-la. Dun tinha um rosto marcado pelo tempo e uma barba incipiente em volta dos lábios rachados; uma grossa cicatriz traçava uma curva embaixo do olho direito. Correspondia perfeitamente à descrição: um homem rude, cuja vida se resumira a uma longa sequência de batalhas.

– Dun?

Ele não respondeu.

– Posso me sentar? – perguntou ela, a mão no encosto da cadeira.

O velho não reagiu.

– Não vou tomar muito do seu tempo.

Ele bebeu um gole enquanto ela se sentava e quase engasgou ao ver que o nâaga se instalava à sua direita.

– O que esse Selvagem está fazendo à minha mesa? – resmungou, lançando um olhar feroz para Viola.

– Rogant é um nâaga – explicou ela secamente. – Não é um Selvagem. E a maioria deles agora é sedentária, sabia? São criaturas iguaizinhas a mim e ao senhor. – Ajeitou os óculos com o indicador antes de acrescentar: – Ele está me acompanhando.

– Um tatuado sedentário, é? – Dun suspirou. – E isso lá é desculpa para se sentar comigo sem ser convidado?

Ela sustentou seu olhar com tanta firmeza que ele o desviou para o nâaga. Lutara tantas vezes contra eles que achava insuportável que a República os tolerasse. Esses bárbaros incultos tinham queimado cidades e agora vinham se estabelecer sem que ninguém se importasse. Infiltravam-se como as serpentes que tanto veneravam. E um deles estava ali sentado ao seu lado. Sua mão começou a tremer. Ele cerrou o punho.

– Dizem por aí que o senhor serviu no exército nos tempos do Império.

– Dizem coisas demais em Massália – declarou Dun, e sorveu toda a bebida do caneco.

– Eu não sou de Massália – retorquiu Viola e sorriu.

Uma criada substituiu a jarra vazia, trouxe mais dois canecos para Rogant e Viola e depois desapareceu.

– Não... é claro que não – murmurou Dun, fitando-a. – Você usa roupas finas, trabalhadas, cobertas de uma leve camada de poeira... Andou viajando... e tem berço.

– Não existe mais isso de *ter berço* desde que o Império acabou – corrigiu Viola.

– Ah, é mesmo! – ironizou ele, servindo-se de vinho. – Para a República, pouco importa o sangue. Qualquer um com determinação suficiente pode chegar lá em cima. Já ouvi falar nessas... – ele tomou um gole – ... baboseiras... – concluiu com um grunhido.

Viola trocou um olhar decepcionado com o guardião. Um breve sorriso surgiu em meio às tatuagens de Rogant.

– Meu nome é Viola. Sou historiadora no Grão-Colégio de Émeris.

– E daí? – zombou Dun, virando-se para ela com um sorriso forçado. – Vocês podiam esperar a minha morte antes de começarem a me estudar como se eu fosse uma relíquia. No meu tempo, tinha-se mais paciência.

– Eu não vim estudar *o senhor* – retrucou Viola, com uma expressão de nojo.

Ele meneou a cabeça, as sobrancelhas erguidas. Ela era bonita, embora um tanto jovem. Os óculos de intelectual e o cabelo cor de sangue com as duas mechas roçando a pele de marfim não o deixavam indiferente. Mais que isso, ela exalava um delicioso cheiro de lavanda que reavivava nele doces recordações. Com o juízo embotado pela embriaguez, por um momento sentiu-se atraente o

bastante para conquistá-la. Esqueceu-se até de sua desconfiança.

– Estou à procura de uma coisa e acho que o senhor pode me ajudar a encontrá-la – explicou Viola. – Percorri os antigos reinos, conversei com muitos mercadores, viajantes... até que um deles mencionou um antigo soldado que conhecera em Massália.

Ele suspirou, as mãos segurando o caneco, o olhar enevoado. Voltou-se para o nâaga e seu rosto enrijeceu de imediato. Rogant era tão discreto que o velho quase se esquecera dele.

– E daí? – indagou Dun.

– E daí que ele disse ter ouvido, da boca desse antigo soldado, uma história surpreendente – prosseguiu ela. – Revelou que o senhor contou sobre a queda do Império e como, destacado em Émeris, teria fugido da cidade imperial...

Viola inspirou fundo, baixando os olhos, como se procurasse as palavras. Dun olhava para ela enquanto tomava mais um gole.

– ... levando a Espada do Imperador – acrescentou Viola.

Ele ficou parado, o caneco escondendo a parte inferior do rosto, o vinho escorrendo devagar dos lábios. Era como se tivesse surgido uma luz triste, um clarão fugaz em seus olhos. A algazarra da taberna pareceu se atenuar, pois em sua cabeça ressoava o tumulto de uma batalha. A agitação ambiente logo o trouxe de volta à realidade, mas seu coração estava batendo mais forte. Uma pontada no peito, dura e seca. Respirou profundamente enquanto largava o caneco na mesa, o olhar vagueando pelas ranhuras da madeira.

– Vocês estão procurando Eraed...

– Estamos procurando Eraed – confirmou Viola.

– E acham que ela está comigo.

Dun sorriu.

– Não – respondeu Viola.

Ela afastou uma das mechas com a mão enluvada. Então pegou a jarra e pôs-se a encher os canecos trazidos pela criada. O vermelho do vinho caiu sobre o ocre dos canecos feito sangue na terra. Com um olhar débil, Dun passou a mão pela barba.

– O senhor sabe onde a escondeu...

– E se naquela noite eu estivesse mentindo só para me exibir? – sugeriu Dun, coçando o queixo.

– Acho que não.

Viola sorriu.

– Você não sabe – rebateu ele.

– Tenho certeza. Disseram-me que o senhor se referiu aos territórios do Leste, para além de Vershã. Foi lá que a escondeu, não foi?

– Vamos supor que eu esteja com Eraed. O que isso interessa à República?

– Essa espada serviu à família imperial durante muitos anos e, antes dela, às famílias reais dos Caglieres, dos Perthuis, dos Majoranos... Posso continuar, se quiser.

– Não sou um grande apreciador de aulas de História – confessou ele.

– Já imaginava.

Dun desviou o olhar, perplexo.

– Essa espada representa tudo que essa sua República detesta – argumentou ele, tornando a encarar Viola.

– Essa espada supostamente é mágica. Residiu na bainha de muitos heróis... combateu dragões. Faz parte da história deste mundo, seja ele governado pelo Império ou pela República.

Os olhos de Dun se estreitaram, os lábios estremeeceram. Inclinou-se para trás com uma sonora gargalhada, chamando a atenção das mesas vizinhas. Sentada no colo de um velho mercador de aspecto frágil como um graveto seco, uma mulher forte se esforçou para ouvir a conversa. Logo foi dissuadida por um olhar sombrio do nâaga.

– Heróis? – Dun deu uma risada. – Dragões? Você está ouvindo o que diz? Ser um herói, matar dragões, é a coisa mais fácil do mundo. Você sabe o que é um dragão? Já viu algum?

Viola hesitou antes de balançar a cabeça, um pouco nervosa. Não estava gostando da zombaria do velho soldado. Mas precisava aguentar. Tinha sido avisada.

– São meros lagartos – ironizou Dun. – Uns lagartões idiotas... como os que esse seu cão de caça adora. – Virando-se para Rogant, prosseguiu: – Deixe-me adivinhar. Você e esse Selvagem vão pedir que eu vá até os territórios do Leste buscar Eraed. E, no caminho, que perigos teremos que enfrentar? – Seu tom oscilava entre o deboche e o desprezo. – Lutar contra monstros de que ninguém nunca ouviu falar, salvar castelos sitiados, matar dragões, rá rá... Você é jovem. Me lembra uma pessoa. Sempre sonhando, acreditando em grandes façanhas, imaginando um *destino a ser escrito*. É isso que vocês fazem, aliás, nessa sua... República. O mundo lhes pertence, vocês não têm medo de nada, se jogam com tudo. Na verdade, não sabem quase nada do mundo que os cerca... e quando a realidade surge... – bateu as mãos, cerrando os dentes – ... ela esmaga vocês como se fossem insetos atrevidos. Acreditam em lendas e se esforçam tentando escrever a de vocês. Acham que podem tudo, ainda na aurora da vida, porque detêm *A Verdade*. Pois vou lhe dizer uma coisa...

Com um gesto, convidou Viola a se aproximar. Inclinando-se, sussurrou:

– A escolha não é sua. Isso é se dar importância demais. Está convencida de que seu destino lhe pertence, que criar os melhores momentos só depende de você. Pois saiba de uma coisa: o destino dos homens nunca passou de um murmúrio dos deuses. – Sem tirar os olhos de Viola, ele se endireitou, balançando a cabeça. – Nada mais que um murmúrio. Os deuses selaram nossos destinos já na criação deste mundo. Só que vocês, com essas ideias tão grandiosas, se esqueceram disso, não é? Não acreditam em mais nada. Até me espanta que ainda não tenham queimado as igrejas.

– Pense o que quiser, mas a Ordem de Fangol vem sendo respeitada.

– Vocês desconhecem o sentido da palavra “respeito” – criticou Dun, balançando a cabeça com ar de desprezo. – Vocês se esqueceram do Livro. Vocês o renegaram.

– Cada um de nós é livre para acreditar ou não. Este é um mundo novo.

– Não é o meu mundo – confessou ele, fazendo careta e lançando um olhar para o nâaga.

Ela não tinha a menor dúvida de que aquele era o homem que procurava. Talvez precisasse rever sua estratégia e mexer com seus pontos fracos para que ele baixasse a guarda.

– Quem está dizendo isso? O simples soldado bem distante da linha de frente ou o bêbado? –

perguntou. – Ou ambos, quem sabe? Acho difícil distinguir. Os dois são tão covardes...

O semblante do velho se enrijeceu.

– Está me ofendendo – murmurou.

– É mesmo, Dun? O que mais eu poderia saber a seu respeito, além de que fugiu de Émeris roubando Eraed, a Espada do Imperador?

Ele não estava bêbado a ponto de se deixar levar pela raiva, nem lúcido o bastante para medir as consequências de seu gesto. Estendeu a mão e, sem que seus dedos encostassem em nada, a jarra deslizou pela mesa. Viola ficou sem fala, os olhos arregalados. Ajeitou bem devagar os óculos, como se para se certificar de que estava enxergando direito. Rogant ficou paralisado, os braços cruzados.

O Sopro. Somente grandes cavaleiros do Império souberam usar o Sopro. E, desde sua queda, poucos ainda eram capazes de demonstrá-lo. O dom tinha se perdido.

As risadas na taberna já não passavam de ecos distantes e as pessoas eram vultos fantasmagóricos. Só a jarra atraía a atenção de Rogant e Viola. Tinha mesmo se mexido. Dun afinal se deu conta de quanto aquele gesto o prejudicara. Ele, que vivia contando sua vida de soldado, revelara sua verdadeira face para uma moça vinda do Grão-Colégio de Émeris. Ela mal conhecera o Império. O que ia pensar dele? Que era um desses açougueiros dos antigos reinos, um inimigo da República que ela defendia? Ela, que vinha para aquelas bandas escoltada por um bárbaro, um inimigo em sua antiga vida, saberia dar mostras de discernimento?

– O senhor não é um simples soldado – balbuciou Viola. – É um cavaleiro.

– Ora – disse Dun, desviando o olhar –, a cavalaria morreu junto com o Império...

Dun. Ela repetiu o nome mentalmente, tentando relembrar suas aulas de História. Dun... era um nome familiar.

– Dun-Cadal – murmurou.

Os olhos do velho brilharam de tristeza.

– O senhor é Dun-Cadal, o general Dun-Cadal, da casa Daermon – prosseguiu Viola. – Dun-Cadal, o general da batalha das Salinas, que...

– Estava distante da linha de frente, como um covarde? – interrompeu ele de supetão.

Viola não soube o que responder. A batalha das Salinas tinha entrado para a História não apenas por suas consequências, mas também, e talvez fosse o principal motivo, por sua inacreditável violência. Poucos tinham conseguido se salvar. Quanto ao general, vagueara por meses em território inimigo, até cruzar sozinho a demarcação e conseguir chegar a Émeris. Realizara grandes façanhas, mas esse ato, entre tantos, foi o que ficara gravado na memória.

– A espada está nos territórios do Leste. Pois vá buscá-la e pare de me importunar. Vá buscar o que restou do Império e a exiba para todos.

– Então o senhor admite que a empunhou...

Ele parecia alheio, o olhar fixo no vazio, as pálpebras pesadas.

– Eu admito muita coisa quando bebo. Falo coisas demais! – vociferou. – Vá, vá despejar seu fel sobre a lâmina de Eraed, e o cabo vai parecer sem brilho comparado com sua arrogância – murmurou, como que para si mesmo.

Ele não tinha nada a ver com ela, nem com o nãaga, nem com o que ele próprio fora um dia. Naquele lugar era apenas Dun, e isso já era mais que suficiente. Viola o observava com atenção, reparando em cada detalhe do seu rosto marcado pelo tempo, nas rugas que percorriam a face morena. Ele, o glorioso general, escondido na periferia de Massália. Dun não viera àquela cidade em busca de renascimento, mas da morte. Ela então notou que ele estava sentado de costas para a porta. Qualquer um poderia surpreendê-lo. Ao contar, noite após noite, que tinha sido um simples soldado do Império, talvez esperasse que alguém viesse se vingar, dando então um fim ao seu suplício.

– O senhor está aqui só esperando a morte chegar – disse Viola.

– Não espero nada que não possam me dar. Como mais uma jarra. Que tal?

Com um sorriso triste nos lábios, ajeitou com a mão trêmula o recipiente vazio. Lançou uma estranha expressão ao gigante sentado à sua direita. Como de costume, Rogant não reagiu.

– Preciso da sua ajuda – suplicou Viola. – Essa espada é muito mais importante do que pode imaginar. Tenho que encontrá-la.

No entanto, em meio à algazarra da taberna, seu pedido pareceu não ser ouvido. Passou, entre ela e o velho, a fumaça vinda do cachimbo de um homem gordo sentado a uma mesa vizinha.

– Por favor, Dun-Cadal...

Quase sem ar, ele afastou a espessa nuvem de fumaça com um movimento rápido. Era perda de tempo. Não estava mais ouvindo. Rogant se inclinou para ela e seu olhar foi eloquente o bastante para ele não precisar falar. Viola passou as mãos enluvadas pela capelina que mal tinha secado e se levantou.

– Muito bem – declarou. – Acho que não adianta ficar implorando.

Puxou o capuz lentamente. Apenas o brilho de seus olhos ainda era visível em meio à sombra que tomou seu rosto.

– Pensei que estava falando com o grande general Dun-Cadal, mas pelo jeito estava errada. Olhe só para o senhor... Não é nem a sombra do que foi um dia. Não passa de uma casca vazia, sem nenhuma dignidade, que só sabe erguer o copo com amargura. É difícil acreditar que tudo o que fez na batalha das Salinas seja verdade. Olhando para o estado do senhor, é impossível não duvidar de que tenha sido um grande homem.

Em momento algum ele ergueu os olhos para Viola.

– É... O senhor veio para cá esperar a morte. Só não percebeu que *já* está morto. Por mais que tente esconder a identidade para não macular sua antiga imagem, não adianta. Quando o mundo souber no que se transformou Dun-Cadal Daermon... a única lágrima derramada não vai ser de tristeza, mas de pena.

Não esperou pela resposta e desapareceu entre as pessoas, seguida pelo nãaga. Enquanto o ar frio da viela amenizava os odores de álcool e suor, ainda se perguntava se tinha conseguido atingir os pontos fracos dele. Debaixo da chuva, diminuiu o passo.

– Confie – aconselhou Rogant.

Confiar? Nem mesmo tinham se dado ao trabalho de avisá-la que se tratava de Dun-Cadal Daermon, e não de um simples soldado.

– Eu conheço esse homem há mais tempo que você – continuou Rogant. – *Ele* sabe o que faz. Então, como se para confirmar suas palavras, uma voz soou atrás deles:

– Ei!

Viola virou-se devagar. Em pé junto à porta da taberna, Dun-Cadal parecia ainda mais lamentável que à mesa. A chuva escorria por seu rosto e talvez se misturasse a algumas lágrimas.

– O que sabe sobre Dun-Cadal? – rosnou, a voz oscilando. – Você vem *aqui*, senta-se à minha mesa e cospe no que fui. No que sou... no que serei... – Titubeante, ele cerrou os punhos. – O que você realmente sabe? – exaltou-se. – O que foi que a República lhe ensinou?!

Andou alguns passos e encostou-se num muro. O clarão de um raio iluminou seu rosto enrugado. Parecia tão... destruído.

– O que sabe da minha história? – perguntou, erguendo os olhos para o céu. – O que eu vi, o que eu fiz? O que sabe da batalha das Salinas?

Viola não se moveu. Limitou-se a ficar olhando para o homem recostado na fachada de uma casa, as botas cobertas de lama, o gibão de couro rachado, as mangas da camisa manchadas de vinho, e por fim disse:

– Pois então me conte.

## 2

### A BATALHA DAS SALINAS

*Minha infância acabou  
no dia em que, pela primeira vez,  
eu hesitei.*

**E**stava fresco, apesar do céu cinzento. No entanto, algo estrondava. Um som que não parava de aumentar, sobrevoando o capim alto dos pântanos. Não havia trovoadas, apenas o brilho de pesadas nuvens brancas, arrematadas com toques de cinza como se para acentuar seu contorno. Não era preciso sol para cegar os homens postados na trincheira. Bastava o brilho das nuvens.

Não havia trovões, nem mesmo ira, apenas o sentimento de estar cumprindo seu dever.

Acontecera havia quinze anos.

– É melhor recuar, Dun-Cadal – aconselhou uma voz.

Uma sombra negra cruzou o céu formando um arco perfeito, seguida por um silvo estridente. Antes mesmo de o som se tornar grave, a bala de rocha e estopa revestida de graxa espatifou-se aos pés do cavaleiro, sem que ele sequer esboçasse um gesto de defesa.

– É mesmo? – murmurou Dun-Cadal fitando o horizonte com olhos faiscantes.

Diante dele se estendiam as salinas e os charcos, tão largos e extensos que o horizonte estremecia com o véu do calor. Mal conseguia distinguir os contornos do acampamento inimigo. Ao olhar para a cratera que efervescia a seus pés, contemplou os filetes de fumaça que saíam da bala de canhão ainda quente. Chutou-a com a bota para virá-la.

– Négus – disse, pensativo –, tenho a leve impressão de que o pessoal está ficando impaciente.

Então virou-se, com um sorriso zombeteiro.

– Será que vamos ter que ser grosseiros?

O homenzinho roliço, engolido por sua armadura, revirou os olhos antes de responder:

– Grosseira maior seria morrer antes mesmo do combate. É isso que você quer?

Fazia duas semanas que aguardavam nas cercanias das Salinas sem que nem um golpe fosse

desferido. Apenas tiros de balista que nunca atingiam o alvo. O exército imperial, por sua vez, ainda não se utilizara da artilharia. Na medida do possível, a revolta das Salinas deveria ser contida sem derramamento de sangue. O imperador, no conforto do seu palácio em Émeris, achava que o medo inspirado por seus regimentos bastaria para os insurgentes deporem as armas. Mas, se em duas semanas ninguém desembainhara uma espada, tampouco alguma tinha sido abandonada no campo de batalha...

Dun-Cadal aproximou-se de seu companheiro de armas e afagou-lhe o ombro com firmeza.

– Não tema, Négus. Eu sempre sinto o cheiro da morte. Tirando o sal, nada por aqui tem feito minhas narinas coçarem.

Tinha cabelo castanho e curto, que esvoaçava ao vento. Uma barba rala emoldurava os lábios estreitos, e seu rosto, embora ainda bastante jovem, já trazia as marcas de muitas batalhas. E ele sabia que aquela não seria a última a enfrentar. Mal chegara e fizera questão de avaliar a situação antes que outros generais a apresentassem por ângulos mais promissores. Pulou para dentro da trincheira e esperou o amigo antes de seguir andando.

Perdera as contas de quantos combates tinham atravessado juntos, desde simples escaramuças até grandes campos de batalha. De todos os generais do Império, Négus sempre fora seu amigo mais próximo, seu igual, aquele que ignorava os boatos que circulavam sobre ele e sua personalidade rude. Ele pertencia à casa Daermon, cuja nobreza remontava a apenas um século. Já a família de Négus estivera ao lado de todos os poderosos deste mundo, dos primeiros reinos ao Império. No entanto, Anselme Nagolé Egos, vulgo Négus, afável por natureza, não via nisso um motivo para desprezar aquele que, inúmeras vezes, protegera sua vida no meio do caos. A amizade deles, conhecida por todos, não possuía fragilidades, era profunda como os vales dos territórios selvagens, resistente como a pedra das minas de Kapernevic. O perigo só a fortalecera. Estava próxima de uma verdadeira fraternidade.

Ao longo da trincheira, os soldados, com a lança ao lado, espreitavam o horizonte. À passagem dos cavaleiros, fizeram questão de parecerem leais apesar da tensão e cumprimentaram-nos com o punho junto ao peito. Todos conheciam Dun-Cadal e sua intrepidez em combate. Todos nutriam por ele uma estima sincera. Vê-lo caminhar ao lado de Négus poderia reconfortá-los. Mas, embora fosse um bálsamo para seus corações, a mera presença dos dois não bastava. Estavam aflitos com a situação, tão penosa que beirava a tortura, como bem demonstrava o cheiro dos excrementos estagnados no fundo da trincheira. Estavam ali havia duas semanas e o acampamento já se ressentia das más condições das Salinas. Pântano e lama impediam os homens de evacuarem suas imundícies.

– Estão apavorados – observou Négus.

– Até que não demonstram muito.

– Melhor assim. Eles pertencem à unidade do capitão Azdeki.

– O sobrinho de Azinn? Aquele patife? – espantou-se Dun-Cadal.

– O pessoal da fronteira não o avisou? Já faz dois anos que ele é responsável por esta região. É ele que a tem controlado desde o início da revolta.

– Controlado! – zombou Dun-Cadal. – Esse idiota não controla nem a si mesmo.

– Ainda não houve nenhuma batalha – retorquiu Négus enquanto galgava a pequena escada escavada na terra que conduzia ao acampamento. – Pode-se dizer que tem controlado.

É mesmo? Étienne Azdeki, sobrinho do barão Azinn Azdeki, dos baronatos do leste de Vershã, não era conhecido por sua sabedoria, muito menos por seu talento como estrategista. O fato de o imperador tê-lo encarregado da região das Salinas podia ser visto como um simples erro, mas, com uma guerra despontando nessas terras, virava um autêntico desafio. Étienne Azdeki fora nomeado capitão sem nenhuma experiência de guerra. Agir como era *preciso* nunca fizera parte de suas prerrogativas. Em compensação, agir como *bem entendia* era sua única linha de conduta.

– Não importa – declarou Dun-Cadal. – Fui enviado pelo imperador para coordenar as tropas. O tal de Azdeki vai ter que se conformar em fazer o que eu mandar.

– Você está sempre tão seguro de si, não é, Daermon? – Négus sorriu.

– Aqui me sinto como se estivesse nos braços de uma cortesã! – respondeu o outro com um largo sorriso. – A guerra é como o amor, e o amor é como a guerra!

Dezenas de milhares de tendas verde-escuras se espalhavam pelos pântanos, em meio aos juncos e ao capim alto. Por todos os lados, cavaleiros de armadura se exercitavam em combate singular no centro de rodas de espectadores atentos. A espera era mais perigosa que a própria batalha. O tédio entorpecia os soldados. Dava-lhes tempo de sobra para pensar no perigo que os ameaçava. Era capaz de acabar com sua espontaneidade na hora do enfrentamento. Duas semanas podiam ser pouco tempo numa guerra, mas eram o bastante quando nenhuma escaramuça vinha quebrar a inação. Dun-Cadal receava que os insurgentes das Salinas contassem com essa letargia para impor seu próprio ritmo.

Quando afastou as cortinas cor de púrpura da tenda do estado-maior, no centro do acampamento, soube que era tarde demais para controlar a revolta rapidamente.

– É principalmente aqui que estão concentrados...

Debruçado sobre uma ampla maquete que representava as Salinas, um cavaleiro de armadura preta mostrava uma linha que margeava uma pequena floresta. Na sua frente, um homem de uns 30 anos, de rosto macilento, nariz aquilino e os lábios finos contraídos, escutava atentamente, as mãos unidas às costas. No plastrão prateado da armadura, uma altiva águia segurava uma serpente com as garras. Era o emblema da família Azdeki, a herança de sua consagração à época das grandes batalhas que haviam oposto a civilização do Império aos nômades nãagas até estes serem subjugados.

– Nossos batedores tentaram se aproximar para descobrir quantas balistas eles têm exatamente, mas foram flagrados todas as vezes. Dois deles não retornaram.

Eram cinco cavaleiros ao redor da sumária representação do território, todos vestindo armaduras com as cores de suas casas, uma nobreza regional que, jurando lealdade à família imperial, mandava seus filhos à academia militar para que servissem honrosamente no grande exército. Somente os mais experientes alcançavam a patente de general. Devido à sua nomeação como capitão do condado de Uster, Étienne Azdeki tinha absoluta autoridade sobre os presentes. Eles não passavam de um reforço, todos submissos ao seu comando, embora fossem hierarquicamente superiores. Todos, exceto Dun-Cadal. Ao vê-lo, o jovem nobre retesou-se.

– Azdeki, multiplique por dois as balistas que vocês chegaram a ver enquanto investigavam a situação – declarou Dun-Cadal, indo em sua direção sem ao menos conceder um olhar aos cavaleiros que o saudavam.

– General Daermon – cumprimentou Azdeki em tom ríspido.

Ele se inclinou muito levemente. Esse simples gesto pareceu lhe custar muito.

– Azdeki – respondeu o general, sorrindo, antes de se dirigir aos demais: – É um prazer tornar a vê-los, e tão dispostos a chutar o traseiro de camponeses!

– Você não perdeu tempo – observou alegremente o homem de armadura preta.

– Vim o mais depressa que pude, Tomlinn, e custo a acreditar que a situação não evoluiu nada desde o início do conflito.

Dun-Cadal, com uma olhadela, reparou que o canto da boca de Azdeki se erguia num amargo sorriso. O imperador tinha mais respeito pelo general do que por qualquer outra pessoa. Circulavam boatos sobre os motivos do apoio, mas eram poucos os que podiam se gabar de saberem por quê. A mera ideia de uma amizade entre Sua Senhoria e um emergente, mesmo que fosse um general, era tão impensável que nem passava pela cabeça da maioria dos nobres. Em vez de ficar chateado, Dun-Cadal se vingava daquele desprezo contido não poupando comentários ácidos. Ninguém iria se queixar.

Estava ali a pedido de Sua Majestade Imperial a fim de consertar uma situação extremamente... embaraçosa.

– E agora me expliquem direito o que está acontecendo – pediu Dun-Cadal.

O tom de sua voz se abrandara. Embora não fosse estimado pelos generais, Dun-Cadal tinha por eles uma intensa admiração. Dois deles tinham inclusive sido seus colegas de academia, de modo que nutria por eles uma espécie de afeto. O sentimento não era recíproco, mas Dun-Cadal lidava bem com isso. Sabia que eram talentosos no campo de batalha, e era o que lhe interessava. Tomlinn, de armadura preta, cabeça calva e uma enorme cicatriz riscando o rosto, tomou a palavra, andando ao longo da maquete. Era um dos poucos que sentia alguma simpatia por Daermon.

– O condado de Uster está clamando por independência. E o restante da região das Salinas se uniu à sua reivindicação.

– Eu fiz o que precisava fazer – interveio Azdeki imediatamente.

Houve um silêncio pesado, que sua voz trêmula se esforçou para quebrar:

– Faz dois anos que venho tentando controlar a região, mas esses camponeses não aceitam o fato de terem sido traídos pelo conde de Uster. Estou apenas aplicando a lei!

Pouco importava a Daermon que Azdeki tivesse agido por ordem do imperador, e não lhe interessavam os motivos nem a forma como o caso tinha sido conduzido. Somente as consequências mereciam sua atenção.

– Esses camponeses formaram um exército que está enfrentando vocês e que não se intimida diante da força do Império – interrompeu Dun-Cadal.

– Achei melhor não atacar – argumentou Azdeki. – Além disso, o imperador confiou no meu discernimento. Não sou nenhum aficionado por guerras.

– Não tenho a menor dúvida – zombou o general.

– Daermon... – Négus suspirou atrás dele.

Ereto feito um poste, as mãos unidas às costas, Azdeki parecia em ebulição. Por um instante, o general até achou que ia responder à zombaria, mas ele aguentou o tranco e respirou fundo.

– Essa estratégia ainda pode funcionar – admitiu Négus. – Quando eles se derem conta de que temos no mínimo cem mil soldados e mil cavaleiros capazes de usar o Sopro... certamente vão entender que qualquer batalha seria inútil. E manteremos o Império intacto sem verter uma gota de sangue sequer.

– O conde de Uster era bastante estimado. Há quem diga que ele traiu o Império – acrescentou Tomlinn, aproximando-se de Dun-Cadal.

– Eles não confiam mais em nós – completou um homem corpulento com uma armadura cor de sangue. Em pé ao lado de Azdeki, ele moveu um bloco de madeira que representava uma legião do Império. – O sentimento de revolta enche-os de coragem, mas, quando perceberem quantos somos exatamente, vão admitir seu erro e tudo vai voltar ao normal.

– Isso é o que vocês esperam, e aí é que está o erro. Vocês deviam ter atacado desde o início – afirmou Dun-Cadal, afastando os blocos de madeira com a mão. – Deviam ter mostrado a nossa força, general Kay, em vez de esperar que eles a *notassem*. Não é nada disso. Eles estão entorpecendo vocês. Acreditem, pressinto esse tipo de coisa.

Kay deu um passo para trás, cabisbaixo. Já fazia algum tempo que conhecia Dun-Cadal e era um dos que sempre haviam criticado suas atitudes. Seguro demais... tão arrogante. O fato de, mais de uma vez, ele ter razão não justificava a falta de tato. O mundo estava mudando e ele parecia ser o único a não acompanhar a corrente, arraigado demais em suas certezas, confiante demais naquilo que, até então, estabelecera sua força e sua fama. Todos ali, ao contrário de Daermon, descendiam de altas linhagens. Ele era um emergente, um pretensioso... mas era melhor tê-lo como aliado do que como inimigo.

– O problema poderia estar resolvido. Vocês hesitaram em agir. Hesitaram e estão complicando as coisas... enquanto teria sido tão simples atacar primeiro. Brincadeira de criança.

– E se houver outro jeito além de... – arriscou Kay.

– Vocês discutem muito! – bradou Dun-Cadal.

Ouviu-se um assobio que aumentava de intensidade, forte, estridente, que varou seus tímpanos.

– Chega de discussão – aconselhou, dentes cerrados, antes de gritar: – Abaixem-se!

O teto da tenda foi rasgado. Todos se jogaram no chão, mãos na cabeça, coração disparado. Uma bala de canhão atingiu a maquete, espalhando chamas vorazes nas laterais da tenda. Alguns segundos bastaram para o local virar uma autêntica fornalha, as chamas correndo pelas estacas de madeira feito ondas. De bruços, Dun-Cadal cuspiu a terra que engolira ao cair. Virou-se numa guinada e contemplou, impassível, a armadilha que os envolvia. À direita, viu a armadura vermelha de Kay se levantar, cambaleante.

– Kay! Venha comigo! – ordenou, enquanto lá fora trovejava.

Em meio à fumaça preta que se espalhava, via-se o vulto do roliço Négus ajudando Tomlinn e Azdeki a se levantarem. Dun-Cadal cuspiu outra vez e, mais autoritário, repetiu seu chamado:

– Kay!

– Estou aqui – respondeu este finalmente, com a voz embargada.

Como ele, o general uniu as mãos e, inspirando profundamente, levou-as à virilha direita. Uma ardência terrível tomou conta de seus pulmões. Abstraindo-se da dor, ambos projetaram os braços à frente, expelindo todo o ar que podiam. Um vento violento afastou as chamas, rasgando os panos da tenda que ainda se mantinham de pé, e quebrou as estacas ao meio. O fogo continuou se propagando pelo que restava do abrigo, mas o ar ardido das Salinas já dispersava a fumaça. O acampamento inteiro parecia em sobressalto. Os soldados corriam para as trincheiras aos gritos, os cavaleiros com as espadas em riste apontando o caminho. Do céu, despencavam balas de canhão inflamadas. Dessa vez os insurgentes das Salinas estavam acertando a pontaria.

Enquanto Négus escorava Azdeki, ainda atordoado, Dun-Cadal passou por eles com a mão no punho da espada.

– Vocês tinham que ter atacado primeiro! – bradou.

– Eles... Eles não são muitos – balbuciou Azdeki, os olhos avermelhados.

Em meio aos gritos dos soldados, um som seco foi ouvido, parecendo o andar de um gigante.

– Um ruargue... – sussurrou Kay, desembainhando a espada.

Não, não era um ruargue. Eram uns vinte ruargues, os pelos nas costas curvadas eriçados como farpas escuras, a enorme boca toda melada de uma baba branca, as compridas e fortes patas dianteiras martelando os charcos numa corrida ensandecida. Atrás das criaturas furiosas se erguia um paredão de chamas. Os insurgentes das Salinas tinham enfumaçado seus covis para tirá-los dali, despertando então aquela fúria destrutiva. Os camponeses certamente não eram muitos... mas era a região *inteira* que se rebelava.

– Uns bons 3 metros de altura – constatou Négus, afastando-se de Azdeki. – Seis toneladas de fúria.

Desembainhou a espada e pôs a mão com firmeza no ombro de Dun-Cadal.

– Ah, meu amigo, que vida boa a nossa!

Trocaram um sorriso antes de se dirigirem para as trincheiras. De lá, trataram de organizar as linhas de defesa. Os ruargues eram apenas uma prévia. Atrás deles vinham as tropas inimigas. Alguns cavaleiros permaneceram na retaguarda, coordenando os homens incumbidos de apagar os incêndios. As balas de canhão revestidas de estopa inflamada vinham ininterruptamente. Então, de súbito, restou apenas silêncio. Sob as nuvens brancas se insinuava um véu escuro, camadas de fumaça se movendo ao sabor do vento, logo varadas por uma saraivada de flechas. Empoleirados à beira das trincheiras, os arqueiros mais uma vez se armavam.

– Levantar! – ordenou Tomlinn, que se movia atrás deles brandindo a espada. – Atirar!

Silvos, rugidos, crepitações... nenhum som chegava a encobrir as batidas do coração dos soldados, que viam, horrorizados, os vultos dos ruargues correndo para cima deles. Já estavam próximos demais para os arqueiros terem tempo de armar mais uma flecha. Mesmo que conseguissem, o pelo das criaturas era tão grosso que seria preciso mais que um pedacinho de metal para lhes furar a pele. Silvos, rugidos, crepitações... e os gritos que acompanharam o barulho ensurdecedor das bestas pulando nas trincheiras, a cara amassada contorcida de raiva. A fumaça preta se dispersava em filetes espiralados, entre os quais se mesclava o branco das nuvens com o

cinza da ferragem, as couraças cintilantes ao marrom das sobrevestes. Até o vermelho do sangue aparecer e manchar a terra.

Ao longe, o som dos insurgentes que se aproximavam...

Alguns ruargues não conseguiram transpor a linha dos soldados, seus ventres imberbes e crivados de lanças. Os que cruzaram as trincheiras se refestelaram, criaturas selvagens sedentas de sangue mordendo, esmagando, arrancando tudo que estivesse ao alcance de suas mandíbulas. Preso na bocarra de um dos monstros, um soldado deu um urro de rebentar as cordas vocais. Lançado aos ares, caiu pesadamente alguns metros adiante. Já não vinha mais som de seu corpo estraçalhado. E, à palidez de seu semblante, juntou-se um fio de sangue escorrendo-lhe pelos lábios.

Os ruargues que semeavam o caos entre as fileiras daquele exército eram movidos apenas pelo terror das chamas. Criaturas tão apavoradas quanto apavorantes. A maioria conseguiu escapar pelos pântanos, arrastando consigo, enganchados nas patas traseiras, pedaços de tenda, carroças quebradas... e, vez ou outra, cadáveres desconjuntados.

– Saiam! Saiam de perto dele! – ordenou Dun-Cadal quando um ruargue se viu cercado.

A criatura mostrava as presas, suas largas e proeminentes narinas se franziam, estremeciam, o pelo preto se eriçava nas costas curvadas. Por um momento, seus olhos se estreitaram. E então o ruargue atacou. Mal deu tempo para Dun-Cadal se esquivar afastando-se para o lado. Os três soldados que ainda estavam em seu caminho não tiveram a mesma presteza. Uma patada violenta os varreu como se fossem palha.

A roda logo tornou a fechar-se em torno do animal e Dun-Cadal escolheu o flanco para desferir o golpe. Nem chegou a arranhar sua couraça. O ruargue soltou um urro e firmou-se nas garras para se virar. O general recuou com um salto. Lanças atingiram a espessa pelagem do monstro e se quebraram, o que só o deixou ainda mais furioso. Ele arremeteu, rompendo o cerco. Alguns soldados foram pisoteados, outros, dilacerados por bruscas mordidas, até que a criatura, desafiadora, se ergueu apoiando-se nas patas traseiras. Dun-Cadal vislumbrou-a em meio à fumaça. O ponto fraco. O ventre. A única solução possível. Um golpe bem dado, por baixo da criatura, ali onde a pele, mais fina, revelava grossas veias roxas. Inspirou fundo, prendeu o ar e lançou-se em direção ao animal.

*Sinta o Sopro, seja o Sopro. Sinta, Rã!*

Seu coração batia tão devagar que mal conseguia ouvi-lo. Cada gesto, cada acontecimento ao seu redor tornou-se lento como o andar de uma lesma.

*Aí é que está a magia. Nesse Sopro que você exala.*

O ruargue tornou a se erguer, a bocarra escancarada.

*É como música tocando, Rã... Não basta escutar. Sinta... legato...*

Jogou-se no chão de joelhos, resvalando na terra úmida, vergando o capim alto. O tempo parou. Brasas estavam estagnadas no ar, seu vermelho vibrante sob o branco imaculado das nuvens.

*Staccato...*

As brasas rodopiaram, os capins se endireitaram, o coração do general disparou. Sentia tudo,

percebia cada movimento, previa cada ação. Inclinando o corpo para trás, com a lombar quase encostando no calcanhar das botas, avistou o ventre exposto da criatura. Expeliu o ar dos pulmões, apontando a espada para a pele escura e estriada de veias.

*Sinta o Sopro, Rã. Respire como a vida. Respire no seu ritmo... e ataque!*

O ruargue voltou a bocarra em direção ao céu, urrando de dor quando a lâmina perfurou seu corpo. Dun-Cadal rolou para o lado para não ser esmagado. O monstro desabou em meio a uma agonia lancinante.

– Lá vêm eles!

– Retomem suas posições! Alabardeiros! Quero os alabardeiros!

– Mantenham suas posições!

Mal conseguiam ouvir as ordens sob o rufar dos tambores. De joelhos na lama, Dun-Cadal fitava o cadáver ainda quente do ruargue. Antes mesmo de se levantar, uma flecha cravou-se a poucos centímetros do seu pé direito.

– Dun-Cadal! – chamou Négus atrás dele. – Dun-Cadal!

O general juntou-se ao amigo na borda das trincheiras. À frente, milhares de soldados desaparelhados avançavam ao ritmo do tambor de um jovem. Atrás, ressoou o ruído seco das cordas dos arcos. Ergueu-se uma saraivada de flechas, rasgando as nuvens de fumaça num silvo estridente. A primeira leva se abateu sobre os soldados, perfurando as armaduras, crivando os escudos, cravando-se na terra úmida.

Foi esse o batismo da batalha das Salinas. O primeiro confronto entre os dois exércitos. Breve, mas sangrento. O Império primava pelo número, e os insurgentes, pelo efeito-surpresa. A debandada dos ruargues abriu inúmeras brechas nas fileiras da tropa, o bombardeio da artilharia causara incêndios no centro do acampamento. Os rebeldes tiravam vantagem de um caos sabiamente orquestrado. Os cavaleiros precisaram de sangue-frio para reorganizar os soldados. Estrondo, trovão, choques de espadas, corpos se jogando uns sobre os outros, gritos... estrondo... trovão... E o Sopro... Era isso que os insurgentes não tinham, e sabiam disso. Assim que os generais recorreram ao Sopro, bateram em retirada.



No total, a primeira batalha das Salinas não durou mais que dez minutos. Dez meros minutos em que foram abatidos dois mil soldados. De pé na beirada de uma trincheira, observando a luz do sol cair sobre os corpos imóveis em meio ao deteriorado capim alto, Dun-Cadal praguejava contra a hesitação de Azdeki. Havia sido criadas todas as condições para que o Império sofresse tamanha humilhação. Em uma semana, metade dos reinos saberia do levante das Salinas. Camponeses enfrentando o maior de todos os exércitos. O povo adorava histórias desse tipo. Contanto que não tomasse o partido das Salinas. Conter a região já não parecia ser nada fácil: se outros condados ou baronatos também viessem com veleidades de independência, a situação logo se tornaria impossível de administrar. Já não seria uma simples revolta, mas uma revolução.

Empoleirado na armadura partida de um cadáver, um enorme corvo negro bateu as asas ao mergulhar o bico numa ferida aberta.

– O céu está vermelho... – começou Négus.

Dun-Cadal assentiu, deixando o olhar devanear pelas salinas. Sob as nuvens cinzentas, a luz do sol poente tecia um instigante véu acobreado logo acima do capinzal. Négus parou ao lado do general, os polegares enfiados no cinturão, um grande corte ainda vermelho numa das faces e concluiu, suspirando:

– ... como acontece muitas vezes no entardecer que se segue a uma batalha.

– O que eles querem? – perguntou Dun-Cadal de repente. – O que estão buscando? Guerra? Porque isto já deixou de ser uma simples rebelião.

– Já tivemos combates mais difíceis. E eles acabaram batendo em retirada. Daqui a dois meses ninguém mais vai falar no assunto.

– Não, Négus, meu amigo – retrucou o general, balançando a cabeça, uma expressão de nojo em seu rosto. – Eles venceram. – Fitou o olhar perplexo do homenzinho teso em sua armadura manchada de lama. – Eles sabem o que estão fazendo, acredite. Isto é só o começo. Todo mundo vai se lembrar da batalha das Salinas porque eles vão conseguir humilhar o Império.

Atrás deles, o acampamento ainda fumegava, tendas rasgadas e soldados claudicantes... Tudo era uma completa desordem.

Nos dias seguintes, Dun-Cadal tentou retomar o controle da situação colhendo todas as informações disponíveis sobre as forças adversárias: Quem? O quê? Como? Depois da condenação do conde de Uster, Étienne Azdeki ordenara a dissolução do corpo da guarda do condado das Salinas. Com isso, e considerando a estratégia empregada pelos inimigos, imaginava que o antigo capitão Meurnau assumira a liderança da revolta. Durante dois meses foram alvo de ataques ligeiros, escaramuças que os impediam de avançar pelos pântanos. Os inimigos usaram repetidas vezes a mesma tática, enfumaçando os gigantescos covis dos ruargues e impelindo as criaturas apavoradas para os postos avançados antes de dar o golpe de misericórdia. Perdido no capinzal, o exército imperial tentava a duras penas, se não avançar, ao menos não recuar. Por conta dos pântanos profundos que os soldados desconheciam – e nos quais se afogavam inúmeros homens lastrados por suas armaduras –, dos ruargues que se deliciavam com sua carne e da perseguição das tropas adversárias, a batalha das Salinas não demorou a atingir uma triste notoriedade.

O inferno estava na Terra... e ardia nos pântanos.

O general Kay e cinquenta de seus homens morreram tentando construir uma ponte sobre o rio Seyman. Ele foi apenas um dos primeiros generais a cair. Além dos combates, tinham que enfrentar as doenças trazidas pelos mosquitos das Salinas e a água pútrida dos charcos. Pouco importavam o suor escorrendo no rosto dos soldados ou seu olhar fixo e febril: era preciso estar de prontidão.

– Quero essas catapultas consertadas quanto antes! – ordenou o capitão Azdeki.

Diante dele, três soldados doentes davam mostras de exaustão. Havia dois dias que não dormiam e, em estado febril, consertavam as duas catapultas avariadas no último ataque. Desde a chegada do general Daermon, Azdeki procurava afirmar sua autoridade a todo momento. E isso os

soldados percebiam muito bem.

– Elas têm que estar em condições de funcionar no final da tarde – continuou Azdeki, com expressão tensa.

– Sim, capitão – respondeu um soldado com voz fraca.

– Nada de descansar antes de...

– Façam três horas de pausa!

Azdeki virou-se de repente. Acompanhado de Négus, Dun-Cadal passou por trás dele sem dirigir-lhe nem um olhar. Preferia dar sua atenção aos soldados cambaleantes.

– Vocês mal se aguentam em pé – constatou Dun-Cadal. – Não descansar. Azdeki, as catapultas terão que esperar, os homens são nossa prioridade.

Os soldados não conseguiram conter um sorriso aliviado, que mal disfarçaram quando Azdeki os fuzilou com o olhar.

– General Daermon! – chamou ele.

Nem Dun-Cadal nem Négus, que o seguia, detiveram seus passos.

– General Daermon! – repetiu Azdeki.

Os dois homens entraram numa grande tenda roxa que ostentava os símbolos dourados do estado-maior, uma fina espada cercada por uma coroa de louros.

Com os punhos cerrados, ele também entrou na tenda. Sentado numa pequena poltrona, Dun-Cadal, praguejando, tirava as botas enlameadas. Négus, a um canto, servia dois canecos de vinho.

– General Daermon! – bradou Azdeki. – Com que direito...

– Relaxe, Azdeki – interrompeu Dun-Cadal num tom tremendamente calmo. – Está tão vermelho que sua cabeça vai explodir.

– Explodir? Explodir?! – indignou-se Azdeki, abrindo os braços. – Está passando dos limites!

– Você está sob meu comando. E também vai tirar três horas de descanso.

Négus, num canto escuro, esboçou um sorriso enquanto levava o caneco aos lábios.

– Não tenho tempo para descansar! Ninguém aqui... tem tempo... para descansar, Dun-Cadal. E exijo que, na frente dos meus homens, você me chame pela minha patente: *capitão* Azdeki. – Estava furioso. Também estava sem dormir, ou dormira muito pouco, havia vários dias. – Você chega aqui por ordem do imperador, altivo e arrogante, me rebaixa na frente dos meus homens, contesta minhas ordens sabe-se lá por quê...

– Talvez porque não sejam boas – sugeriu Dun-Cadal, tirando a lama de uma das botas.

– Ora, por favor, me poupe! – exaltou-se o capitão, apontando para ele com um dedo acusador. – Minha família também é próxima do imperador e sei bem como e por que você galgou tão rapidamente todos esses degraus! Nunca se esqueça, Dun-Cadal! Nunca se esqueça de onde você vem nem do que fez para se tornar general. Não foi, de modo algum, por sua honra.

Dun-Cadal não franziu as sobrancelhas nem mesmo levantou a cabeça ou pareceu se importar. Limitou-se a tirar o excesso de lama do couro de suas botas com o dorso da mão. Concentrado na tarefa, falou num tom assustadoramente seco:

– E você nunca se esqueça de que é apenas um capitão... Azdeki. E de que estamos nesta situação, com tantos homens mortos, por culpa sua. Não se esqueça de que, se não tivesse brincado

no colo do seu tio quando criança, você nem estaria nesta tenda falando comigo.

Parou de esfregar a bota quando os panos da entrada da tenda esvoaçaram à saída de Azdeki.

– Você não deveria ter dito isso – observou Négus, trazendo-lhe um caneco de vinho.

– A raiva dele vai passar – resmungou Dun-Cadal.

– Não se trata de raiva, meu amigo... – Négus se inclinou para ele com ar tristonho. – Você o humilhou...

Era muito pior. Estavam lidando com insurgentes, e criar tensões no meio das tropas, principalmente no próprio estado-maior, equivalia a suicídio. Era como admitir a derrota.

– Ele é suscetível demais – minimizou Dun-Cadal. – Deve ser por causa da consanguinidade.

Négus achou melhor não responder e, a passos lentos, foi se sentar num velho baú, o olhar perdido em seu caneco. As querelas entre as antigas famílias do Leste e as do Oeste, recentemente nobilitadas, eram corriqueiras. Entre Daermon e o último dos Azdeki, o problema ia além. Mais dia menos dia, haveria sangue derramado.

– É tão difícil para você engolir que ele foi pessoalmente condecorado pelo imperador? – perguntou Négus em tom baixo.

Dun-Cadal ficou um instante sem responder, tirando cautelosamente as luvas de aço. Quando terminou, deixou escapar um suspiro antes de se virar para o amigo com uma expressão afetada.

– Meu avô começou como capitão, você sabia? Contra o reino de Tule. – Um sorriso estranho fez de sua boca uma linha, enquanto o olhar percorria o interior da tenda. – O primeiro da casa Daermon... Ah, os Tules... Esses descrentes foram duros na queda...

Uma missão divina: fora isso a tomada do reino de Tule. Levar a eles a luz dos deuses e do Livro Sagrado. Emocionava-se ao imaginar seu ancestral pegando em armas e guerreando por uma causa justa. Os Daermons tinham conquistado sua nobreza com sacrifício.

– Quando Tule foi tomada, ele descobriu lá uma biblioteca gigantesca – prosseguiu Dun-Cadal. – Eles próprios escreviam seus livros, sabia? Davam-se esse direito! Que... – Sua voz ficara embargada. – Ele queimou todos aqueles livros – prosseguiu, meneando a cabeça. – Queimou. Então uns soldados de Tule vieram para cima dele e de seus homens. Ele perdeu um braço.

– Bem, sei quanto seu avô se dedicou ao Império, Dun-Cadal, não é essa...

– É, sim! – interrompeu o general em tom seco. – A questão é justamente essa. A família Azdeki teve grandes cavaleiros, além de grandes estadistas, mas Étienne não é um deles! Por acaso ele já tinha desembainhado a espada antes de vir para as Salinas? Já tinha provado sua coragem? A família dele combateu as grandes invasões dos nâagas, mas ele foge quando os vê. São homens desse tipo, Négus, que um dia ainda vão acabar com o Império. Nem todo nobre é um cavaleiro. Todo cavaleiro precisa merecer esse título.

– Ele cursou a academia militar – rebateu Négus, mantendo a calma. – Como todos nós. – Tomou um gole de vinho fitando Dun-Cadal, que estava cabisbaixo, trincando os maxilares. – A condecoração dele foi merecida.

– Há homens morrendo sob as ordens dele.

– Sob as suas também já morreram muitos.

– Mas não à toa – garantiu Dun-Cadal com veemência. – Você colocaria a sua vida nas mãos de

Étienne Azdeki? Colocaria, em plena batalha? Responda, Négus...

Por fim, fitou os olhos do amigo. A ira enfim se atenuava por trás de seu ar confiante. Ele tinha certeza de estar vencendo a discussão.

– Não... – confessou Négus debilmente.

– Homem nenhum faria isso – concluiu Dun-Cadal. – Nenhum. Ele não tem carisma suficiente para que os homens o sigam. E sempre irá tomar decisões erradas em caso de perigo.



Somente algumas semanas depois Dun-Cadal compreendeu a que ponto estava enganado a respeito de Étienne Azdeki. Isso foi antes de ele conhecer o garoto.

Embora Kay não tivesse conseguido construir uma ponte que permitisse cruzar o rio Seyman e avançar pelas terras das Salinas, a ideia não havia sido descartada. Foi despachada uma nova expedição, liderada por Tomlinn, Azdeki e o próprio Dun-Cadal. Se quisessem dar fim ao conflito, precisavam tomar a cidade de Forte d'Aed, que ficava do outro lado do rio.

Movendo-se com cuidado pelos pântanos havia, no mínimo, sessenta homens, dos quais cerca de metade puxava os pedaços da ponte. Os três oficiais, a cavalo, andavam de um lado para outro motivando seus homens. Raras vezes se permitiam um palavrão, conscientes de que se tratava de uma árdua tarefa. Já carregando o peso das armaduras e das armas, os soldados ainda tinham que arcar com o peso da madeira. E a esse esforço se somava o cheiro pestilento do lodo. Naquele lugar, as salinas se misturavam aos charcos.

Estavam a apenas uma hora de caminhada do rio quando algo entre os juncos chamou a atenção de Dun-Cadal, que seguia à frente como batedor. Puxou as rédeas da montaria para fazê-la recuar e trotou até Tomlinn, que vinha à frente do cortejo.

– Estão nos observando.

– Também tive essa impressão – concordou Tomlinn, com o semblante sério. – Acha que são quantos?

– Sei lá... talvez uns dez. Batedores – sugeriu Dun-Cadal em voz baixa.

A oeste, sob os raios escarlate do sol poente, alguns juncos oscilavam de modo estranho em meio ao capim alto, como se alguém os apartasse com extrema precaução. Só havia um jeito de conferir. Dun-Cadal lançou um olhar de divertimento para Tomlinn antes de esporear os flancos de seu cavalo. Galopou até o capitão Azdeki, na outra ponta da fileira e, tão logo o alcançou, avisou:

– Movimentação a oeste. Mantenha a formação cerrada, mas prepare-os para revidar.

– Estamos contornando o inimigo, general Daermon... Devem ser apenas animais selvagens. Seria perda de tempo – protestou Azdeki.

– É uma ordem – murmurou Dun-Cadal, os maxilares trincados –, capitão Azdeki – acrescentou com um sibilo.

Embora tivesse certeza de estar com a razão, o jovem capitão limitou-se a obedecer e, avançando enquanto o general seguia na direção de Tomlinn, alertou seus soldados:

– Fiquem de sobreaviso. Perigo a oeste. Sejam rápidos quando chegar a hora.

Animais selvagens... ou insurgentes. A possibilidade de Azdeki ter razão nem passou pela cabeça do general. Esse rapaz presunçoso sempre fizera as escolhas erradas. Por que agora seria diferente? Acompanhado por Tomlinn, apartou-se da tropa. Seu cavalo reagiu, como se ciente da proximidade do perigo. Um tapinha no pescoço fez com que ele retomasse a marcha. No capinzal, não havia nada que parecesse uma ameaça. Alguns mosquitos zumbiram em seus ouvidos, o cheiro do lodo estava quase insuportável. Mas nem sinal de inimigos.

Os cascos dos cavalos se atolavam, tornando a marcha cambaleante. Mais alguns metros e já não conseguiriam se livrar da armadilha natural do lamaçal. Embrenharam-se nos charcos, o capim alto tornando a fechar-se atrás deles com um leve farfalhar. Logo os soldados ao longe já não passavam de vultos, para além dos juncos deformados pelo calor.

O vento se intensificou, curvando o capim alto, traçando sulcos na água estagnada. E, junto com a brisa, ouviu-se um longo rugido.

– Dun-Ca...

Um vulto negro irrompeu do pântano, arrastando Tomlinn sem que este tivesse tempo para reagir. Sem seu cavaleiro, o cavalo empinou, relinchando antes de fugir para oeste. Um rosar, e outro, e mais um, serpenteando entre os juncos. Desembainhando a espada num gesto preciso e segurando as rédeas com mão firme, Dun-Cadal sentia suas têmporas martelarem feito tambores. Viu os vultos balançando os ombros no capinzal.

– Azdeki! – berrou. – Azdeki!

Mas seu chamado ficou sem resposta. Num movimento brusco, forçou sua montaria a dar uma meia-volta arriscada. Os cascos afundaram ainda mais no lodo.

– Azdeki! – voltou a bradar.

Ao longe, o capitão ordenava aos seus homens que avançassem.

– Santa Miséria! – praguejou Dun-Cadal.

Por fim enxergou-os com mais clareza. Três ruargues, de pelagem verde malhada de preto, soltaram um som com ares de bravata.

– Tomlinn! – chamou ele, cortando o ar com a espada. – Tomlinn!

Um grito de dor se ouviu a poucos metros dali, sob as costas curvas e agitadas de uma das criaturas.

– AZDEKI!

O impacto foi tão violento que ele quase chegou a ouvir as próprias costelas se quebrando. As mandíbulas do ruargue se fecharam em seu antebraço, as presas por pouco não perfuraram o metal antes de arrastar o general em sua queda, e junto dele o cavalo relinchava de pavor, os olhos sobressaltados, duas bolotas de azeviche rodeadas de branco.

Houve um choque, seguido de um som que lembrava um pano sendo rasgado, quando o ruargue estripou o cavalo no chão. Um estalido seco e Dun-Cadal sentiu sua perna se quebrar sob o peso da montaria. Preso, o rosto mergulhado no lodo fétido, ele vislumbrava o cimo do capim, que dançava lentamente ao vento.

– Azdeki!

Estava tudo tão calmo longe dos resmungos do ruargue que iniciava sua refeição. Suave como o filete de sangue que abria um sulco na lama, mesclando-se à água imunda dos charcos para lhe dar a aparência do vinho...

*Rã... Vou chamá-lo de Rã...*

Um vinho amargo e rascante a ondular no caneco de um velho cavaleiro perdido em Massália. Bem longe dos charcos das Salinas. O gosto do lodo, porém, ressurgia em sua boca. Tomou um gole para dissolver as recordações na bebida.

– Rã...



– Rã? – perguntou Viola.

Com o olhar perdido, Dun-Cadal balançou a cabeça, sem saber direito para onde se virar. Já não havia muita gente na taberna. Há quanto tempo estava falando? Tempo demais para o seu gosto. Mais uma vez, deixara-se levar pela embriaguez. Em outra mesa, os mercadores de Serray cantarolavam, quase no fundo do poço, pálpebras pesadas, jarras vazias. O homenzinho que suplicara a Dun-Cadal se aproveitava da desatenção deles para esvaziar seus bolsos.

– Hã?

– O senhor disse: “Eu chamei Azdeki com todas as minhas forças, Azdeki, Azdeki” – relatou Viola. – E então, do nada, o senhor falou “Rã”.

Embora a taberna estivesse quase vazia, uma densa nuvem de fumaça ainda pairava no ar.

– Ah. – Dun-Cadal suspirou. Então acrescentou, com um tom envergonhado, um sorriso triste e sofrido: – Rã é o garoto. O garoto que salvou minha vida.

Seria a fumaça irritando seus olhos a ponto de deixá-los vermelhos? O semblante dele se endureceu em seguida. Sim, tinha conversado demais, falado demais, contado demais.

– Não é nada... Melhor esquecer isso tudo – declarou, com excesso de saliva na boca.

– Ele bebeu demais – afirmou o taberneiro, que recolhia as jarras vazias da mesa vizinha. – Vocês deviam acompanhá-lo.

Surpresa, Viola ergueu as sobrancelhas.

– Até a casa de Mildrel, a cortesã. Fica a duas ruas daqui. É onde costumam deixá-lo quando já não passa de um barril ambulante – explicou, antes de voltar para trás do balcão a passos pesados e cansados.

Dun-Cadal inclinava-se perigosamente para a frente, o nariz batendo no caneco, olhos semicerrados.

– O garoto... – disse Viola, pensativa.

E, como se não tivesse perdido seu vigor, o cavaleiro levantou a cabeça, um brilho estranho em seus olhos arregalados, tal qual o cintilar de uma lâmina.

– O maior cavaleiro que este mundo já viu.

# 3

## FERIDA

*Toda ferida acaba se fechando.  
Ficam as cicatrizes para nos lembrar de sua existência.  
E, embora a dor se torne menos intensa,  
nunca deixa de ser profunda.*

Ele devia ter dormido bastante, mas pouco importa o tempo de sono quando a cabeça rui sob o peso do vinho. Endireitou-se na cama desfeita com uma dor de cabeça lancinante e a penosa sensação de uma lâmina perfurando sua nuca. Os intensos raios do sol atravessavam as cortinas marrons, compondo colunas luminosas no assoalho encerado, fortes demais para seus olhos sonolentos. Ergueu uma mão diante do rosto para ocultar a luz, resmungando palavras que ele próprio não compreendia. Uma coisa era esquecer quem a gente era se afogando no álcool. Outra era voltar a lembrar com a sensação de a cabeça ter sido esmagada por uma bigorna. Estava sem botas e sem gibão, mas ficou mais sossegado ao ver que ainda estava vestido, até se sentir um tanto frustrado ao reconhecer o local. A poucos metros, havia um tanque, junto a um toucador com um espelho comprido. Ligeiramente inclinado, o espelho refletia uma imagem pálida do cavaleiro que um dia ele fora.

A porta do quarto abriu-se devagar, revelando uma mulher, bela apesar da idade, os cabelos cacheados caindo nos ombros desnudos. Usava um vestido verde justo na cintura e um corpete que realçava delicadamente seu colo, sobre o qual repousava um pingente em forma de espada. As poucas rugas que sulcavam seu rosto e o canto dos olhos azul-oceano em nada alteravam sua beleza. Dirigiu-se à janela e depositou a bandeja que trazia nas mãos na mesa banhada pela luz. Com a garganta seca, Dun-Cadal sentou-se na beirada da cama e massageou a nuca com a mão entorpecida, na esperança de que o mal-estar desaparecesse. O cheiro de lavanda que se insinuou fez com que, por um breve instante, ele se esquecesse da dor.

– Imagino que não se lembre de nada – disse ela enquanto pegava da bandeja um cesto de pão,

maçãs, uma jarra e um copo.

Pelo tom de sua voz, decerto não era por timidez que mantinha-se de costas para o cavaleiro e com o rosto inclinado na direção da bandeja. Não era a primeira vez que ele acordava ali, sem nenhuma lembrança de como chegara até a cama.

– Foi a moça de cabelo avermelhado que o trouxe – explicou ela, enchendo o copo com suco. – Aliás, ela não, o nâaga. Ele teve que carregá-lo até aqui, de tanto que suas pernas estavam dormentes.

O nâaga... Viola... sua memória ia voltando aos poucos. Com ela, um gosto horrível de remorso.

– Eu falei... – sussurrou ele.

– Demais?

Ela ergueu a cabeça, inclinando-a levemente de lado, de tal modo que o sol pareceu dar um beijo dourado em sua face. Assim, parecia ser vinte anos mais jovem. O coração cansado de Dun-Cadal disparou e ele soube que nunca se sentiria tão vivo quanto se sentia com ela.

– As Salinas – respondeu.

– Eu sei.

Ela se virou, o semblante contraído em uma ira contida. A menor palavra infeliz, o menor erro faria com que ela explodisse. Conhecendo-a, Dun-Cadal sabia que era melhor não enfrentar sua fúria.

– Ela perguntou sobre *Rã* – disse a mulher em tom ferino. – Fique tranquilo, você já não estava em condições de falar sobre o que quer que fosse.

– Mildrel... – sussurrou ele, como se procurasse uma desculpa.

Ela trouxe o copo e lhe ofereceu sem delicadeza.

– Beba. É suco de frutas de Amauris.

Ele tomou um gole sem se fazer de rogado e, apesar da acidez da bebida, conformou-se em tomar todo o suco de uma só vez.

– Sei que o gosto não é bom, mas vai ao menos prevenir a dor de estômago. Também trouxe pão e umas maçãs.

– Mildrel... – repetiu ele, segurando a mão dela.

Ergueu os olhos para a mulher e a sensação foi pior que um golpe de espada no peito. Ela permanecia imóvel, o olhar fixo na parede, os lábios contraídos. Não precisava censurá-lo, mesmo porque ele não teria o que retrucar. Conheciam-se havia tanto tempo que o menor gesto já dizia tudo. Farejando o ar, Dun-Cadal esboçou um sorriso cansado.

– Lavanda. – Ele riu. – Ela cheirava a lavanda, igual a você...

– Ela é da República. Você sabe o que a República fez com os generais que não ficaram do seu lado – respondeu ela, melancólica. – Por que conversou com ela? O que foi que lhe deu? Até agora você se limitava a mentir. Desta vez, você se denunciou!

– O que eu tenho a ver com a República? Não me interessa.

Ela puxou a mão num gesto brusco e lançou-lhe um olhar irritado, como se ele não passasse de um menino levado que andou fazendo bobagem.

– Ela pode mandar prender você a qualquer momento...

– Quem se importa? – Ele suspirou, levantando-se.

Caminhou com dificuldade até o tanque do outro lado do cômodo, satisfeito por ver que já estava cheio de água quente. Abriu delicadamente os primeiros botões da camisa e então, sentindo brotar certa impaciência, tirou-a pela cabeça.

– Eu me importo – confessou Mildrel.

Continuava no mesmo lugar, ao lado da cama desfeita, mãos unidas. Olhando por sobre o ombro, ele a viu, aureolada pela luz do sol, tão linda, tão digna em sua ira contida.

– Eu não significo mais nada para ninguém aqui – retorquiu ele. – Já faz tanto tempo... Que perigo eu posso representar para eles? Essa moça sabe disso.

Inclinou-se sobre o tanque, mergulhou as mãos na água e molhou a cabeça. O calor da água relaxou a pele marcada de seu rosto, acariciando as pálpebras doloridas por conta do álcool e do sol do meio-dia. As lembranças de seu expurgo em seguida à queda do Império pareceram-lhe tão tênues como o vapor que saía da água. Tantos cavaleiros haviam sido julgados pela República, tantos homens direitos e altivos tinham sido condenados, tanta honra fora ultrajada em julgamentos públicos sujeitos à pressão popular. Ele sobrevivera àquilo tudo fugindo feito um cão dos arautos de uma República incipiente, chegando a se esconder por dois anos nas matas do norte. Depois disso, Dun-Cadal Daermon e todos que tinham servido ao maldito imperador foram caindo no esquecimento...

– É verdade. Você não representa perigo nenhum para mais ninguém, a não ser você mesmo. E há muito mais tempo do que você imagina. Não foi a queda do Império que derrubou o grande Dun-Cadal Daermon.

Ele se deteve, os braços apoiados na borda do tanque, a água escorrendo pelo rosto. A imagem do garoto o assombrava e, toda vez que pensava nele, vinha a mesma sensação de queda e de dor. As recordações do velho guerreiro já não passavam de uma chaga aberta e putrefata.

– Foi a perda de Rã que acabou com você.

– Você não sabe o que está dizendo – murmurou ele.

– Será que não? – Ela estava quase rindo, mas era um riso zombeteiro, pérfido... desdenhoso. – E você por acaso sabe o que diz para desconhecidos? Por acaso parou para pensar no que essa mulher queria?

Mildrel andou a passos lentos em direção à porta, sem tirar os olhos das costas desnudas do velho guerreiro. Uma larga cicatriz riscava uma das omoplatas. Recordação de uma antiga batalha, o beijo de um machado, da época em que, de corpo e alma, ele defendia seu ideal de uma gloriosa civilização. Como ela havia gostado de sentir essa cicatriz sob seus dedos...

– Ela é uma historiadora de Émeris – explicou Dun-Cadal, voltando a se lavar. – Queria conversar com um soldado do Império.

– E topou com você por puro acaso – ironizou Mildrel, abrindo a porta. – Só para o caso de você ter esquecido, não é bom ostentar saudade dos tempos antigos aqui em Massália. Vários conselheiros foram convidados para a Noite das Máscaras.

Ela aguardou uma reação, mas Dun-Cadal permaneceu calado, o olhar perdido no tanque.

Desde que chegara a Massália, sua única preocupação havia sido encher o caneco. Mildrel não aguentava mais. Quando ela enfim fechou a porta ao sair e o som de seus passos tornou-se apenas um eco distante, ele se endireitou.

Não podia culpá-la, só estava preocupada com ele. Sempre fora assim. E, o que é pior, também sempre tinha razão. Ele dissera coisas demais para a tal Viola, sem saber nada sobre ela ou sobre suas reais intenções, se é que ela as tinha omitido. Fora de fato a primeira vez que, em seus delírios de ébrio, ele falara a verdade. Supondo que ela estivesse mesmo à procura de Eraed, aceitaria sua recusa ou ia ameaçar denunciá-lo? E, mesmo ele sendo Dun-Cadal Daermon, será que seu nome ainda interessava aos augustos conselheiros da jovem República?

Ele já não era nem sombra do que fora... A cavalaria se dissolvera junto com o Império. O Sopro havia sido esquecido. E, o que para Dun-Cadal era ainda mais funesto, tinha a impressão de que mais ninguém acreditava no Livro do Destino e que os deuses, aos poucos, vinham sendo renegados. Sim, os tempos estavam mudando, era algo que seu corpo dolorido constantemente vinha lhe lembrar, principalmente o suplício que percorria sua perna direita. Pôs a mão trêmula nela, como se quisesse acalmá-la, mas não adiantou. Fitou o próprio olhar no espelho do toucador.

*Azdeki! Volte aqui, sua imundície!*

A dor não era apenas física; a verdadeira ferida era outra, interna.

*Azdeki!*

Ele carregava uma cicatriz, a pior de todas, aquela que não se vê mas que se sente, intensa, ardida, até o coração bater pela última vez.

*Azdeki! Tomlinn!*



– Azdeki! – berrava ele, caído no pântano.

Naquele instante, a ideia de que o capitão pudesse tê-lo abandonado à própria sorte não passava de uma estranha e assustadora hipótese. Atordoado pela queda e pelo peso do cavalo esmagando sua perna, já não raciocinava, ali perdido, o corpo inerte na grossa lama das Salinas. Atraído por seus gritos, o ruargue surgiu acima da carcaça do cavalo, a bocarra cheia de sangue, as largas narinas se abrindo no ritmo da pesada respiração.

– Venha... – murmurou Dun-Cadal.

No momento, a adrenalina anesthesiava toda a dor... a adrenalina e a febre súbita. Em pé sobre o cadáver do cavalo, o ruargue dominava o cavaleiro ferido, seus músculos sobressaindo sob a pele coberta por longos pelos verdes e pretos. Sem tirar os olhos da criatura, Dun-Cadal remexeu na lama, nervoso, procurando a espada. O ruargue estreitou os olhos, abrindo devagar a bocarra para exalar um hálito fétido e então soltar um urro. No capim alto, o cavaleiro percebeu o ruído dos outros dois monstros avançando lentamente em sua direção, atraídos pelo cheiro de seu suor. Sua mão batia na lama sem encontrar nem rastro da espada.

– Santa Miséria... – praguejou entre dentes.

A dor subia pela perna quebrada, cada vez mais esmagada pelo peso do cavalo agora somado ao do ruargue. A criatura rugiu, desafiadora, esticando o pescoço na direção da presa. Pensar em alcançar a espada e retalhar a cara do ruargue era pura ilusão. Só restava uma solução antes que a dor ficasse insuportável e ele desmaiasse. Inspirando profundamente, puxou as mãos para si, uma careta de dor contorcendo seu rosto constelado de lama e suor. Precisava se concentrar em escutar o mundo, sentir cada vibração, fundir-se no ar e ler tudo ao seu redor... ler e ver o que não podia ser visível. Sentia o Sopro, transformava-se no Sopro. Sua perna voltava à vida, seus ossos quebrados rompiam a carne feito navalha.

O ruargue se debruçou sobre ele de tal maneira que poderia, numa rápida mordida, arrancar sua cabeça. No entanto, algo parecia impedi-lo. Incrédulo, o monstro observava aquele homem encurralado, os cabelos imersos na água estagnada, olhos semicerrados, feições contraídas de dor. No instante em que ele estendeu as mãos, a criatura furiosa finalmente abriu as mandíbulas, mostrando as presas afiadas. Não podia alcançá-la nem feri-la com as mãos nuas. Ainda assim... uma força magistral a impeliu para longe, junto com a carcaça escavada do cavalo.

Só então Dun-Cadal teve a sensação de que seu corpo inteiro saía de um sono profundo, cada membro, cada parte rememorando a violência da queda. Só nesse momento Dun-Cadal soltou um berro de deslocar o maxilar que foi diminuindo até ele perder os sentidos.

Ao longe, soou um estranho rugido.

Quando abriu os olhos da primeira vez, avistou uma rã que o espiava, piscando rapidamente, a garganta se inflando de modo intermitente.

Da segunda vez, já não havia rã alguma, somente o capim alto que parecia avançar vagarosamente pelo pântano. Gotas de chuva cavavam crateras na lama negra. Estava tudo tão sombrio. Mas não tão sombrio quanto a escuridão que novamente o invadiu.

Moveu as pálpebras lentamente. A imagem do capinzal lhe pareceu mais brilhante, banhada por um sol cintilante. Curiosamente, sentia-se... seco?

– Santa Mi... – resmungou com uma voz tremendamente rouca, a garganta pegando fogo.

Fez uma careta enquanto erguia a cabeça até onde conseguia. Seu pescoço estava rijo como um pedaço de pau velho, mas não era nada comparado ao restante do corpo. Percebeu que estava deitado em um velho cobertor puído em cima da terra rachada, à beira do pântano, debaixo de uma carroça velha, caída e escorada em duas toras de lenha. Uma tala improvisada feita de galhos e capim abrigava sua perna quebrada, deixando à mostra um tecido manchado de sangue seco. Como viera parar ali? Quem o trouxera? Fazia quanto tempo?

– Mexa-se devagar – disse uma voz infantil. – Sua perna está longe de estar curada. Eu fiz o que pude, mas agora só resta dar tempo ao tempo.

Sentado debaixo da carroça, as pernas dobradas junto ao corpo, estava um menino. Braços cruzados sobre os joelhos, fitava o cavaleiro com olhos cinzentos e um jeito sério.

– Sua perna está feia à beça – continuou.

– Tão feia assim? – sussurrou Dun-Cadal.

– Tinha ossos aparecendo – confessou o menino com a maior calma.

– Então foi você...

Sua cabeça latejava, ele se mexia com dificuldade, entorpecido por vários dias de inação. Aos poucos, no entanto, estava voltando a si.

– Foi você quem me trouxe para cá...

O menino assentiu, ainda sem mostrar a parte inferior do rosto, escondida pelos antebraços.

– O cavalo – disse ele. – Com o cavalo.

Tinha um rosto redondo, recém-saído da infância, o cabelo desgrenhado e a pele clara. Dun-Cadal se recostou, sem fôlego, a cabeça pesada e a visão constelada de estrelinhas efêmeras. Por um instante o céu de anil pareceu turvado, então se firmou.

– Já disse, vá com calma – insistiu o menino. – Faz oito dias que não se levanta.

– Oito... oito dias... – balbuciou o cavaleiro.

Tentou engolir a saliva, mas estava com a garganta muito seca. Ao vê-lo assim, com a cabeça inclinada para trás feito um peixe fora d'água tentando respirar, o menino achou graça. Levantou-se e se aproximou de Dun-Cadal a passos lentos.

– Eu deixei água ali – disse, apontando para um pequeno cantil feito de barriga de ovelha. – Foi só o que encontrei. Por aqui há mais água salgada que doce.

Examinando o garoto, Dun-Cadal sentou-se com dificuldade, levando a mão às costelas machucadas. Não sabia que idade tinha... 12, 13... 14 anos talvez, não mais que isso. Usava uma simples camisa bege aberta no colarinho, uma calça preta surrada e botas reforçadas com pedaços de corda. Cachos negros caíam em sua testa, a sujeira manchando seu rosto como se ele tivesse mergulhado de cara na lama.

– Obrigado... – balbuciou Dun-Cadal enquanto pegava o cantil com a mão ansiosa.

Bebeu um gole e por pouco não cuspiu tudo. A água tinha gosto podre, mas sua sede era tanta que se obrigou a engolir, fazendo careta. De esguelha, avistou sua espada cravada no chão junto a um monte de caixas em estado precário, parcialmente encobertas por um velho pano verde-escuro.

– O senhor é cavaleiro, não é? Um cavaleiro do Império – disse o garoto, desfazendo o sorriso.

Dun-Cadal fez um meneio breve de cabeça em assentimento. Seu pescoço ainda estava rijo demais para se mover normalmente.

– E você, quem é? – perguntou.

O garoto, contudo, não respondeu. Mantinha os olhos na terra seca, afagada por uma brisa leve que rolava pedrinhas entre suas botas. Dun-Cadal esperou, mas não surgiu nada para quebrar o silêncio. Aproveitou para observar a paisagem, em busca de alguma pista que lhe indicasse onde estava. O garoto obviamente o arrastara por vários metros para tirá-lo do pântano onde estivera atolado. Delineavam-se, ao longe, os carvalhos da floresta que margeava o rio Seyman. Do outro lado, havia apenas charcos espetados de capim verde e juncos balançando ao sabor do vento. Acima deles pairava uma estranha e fina bruma de calor. Perguntou-se se Azdeki conseguira armar a ponte e atravessar o rio... e então veio a memória de Azdeki o abandonando e a fúria voltou.

– O Império atravessou o Seyman já faz quatro dias – anunciou o garoto enquanto ia fuçar nas caixas no fundo da carroça.

Portanto, Azdeki tinha conseguido construir a ponte.

– Quer dizer que nós tomamos Forte d'Aed. – Dun-Cadal suspirou.

A revolta fora reprimida e o capitão Azdeki tornara-se o herói da batalha das Salinas. Um sorriso amargo desenhou-se em seus lábios rachados. Que ironia...

– Não – rebateu o garoto, voltando para junto dele com uma estranha caixa nas mãos.

Sentou-se em posição de lótus ao lado do cavaleiro, com a caixa no meio das pernas.

– Eles tentaram, mas não conseguiram – disse, evasivo, antes de adotar um tom autoritário que não combinava com ele: – Agora me passe o cantil.

– Como assim, tentaram?

Percebendo que Dun-Cadal não lhe daria o cantil enquanto não obtivesse uma resposta, o garoto o arrancou de suas mãos, exasperado.

– O que você vai fazer...

– Não vou envenená-lo – tranquilizou-o com um resmungo. – É que o senhor precisa beber alguma coisa para melhorar ou nunca vai conseguir ficar de pé a tempo.

É claro que ele não ia envenená-lo. Dun-Cadal tinha visto sua espada cravada em um local adiante. Em oito dias, o garoto podia tê-lo matado à vontade. Mas tanto cuidado com um provável inimigo o deixava intrigado. A região estava em guerra... Não podia se dar ao luxo de esquecer esse fato e confiar em qualquer um; e, na sua situação, prevalecia a desconfiança.

– Você é das Salinas? – perguntou.

– Sou.

Puxou a tampa da caixa e enfiou rapidamente a mão lá dentro. Quando tirou, no punho fechado se remexia uma forma verde. Ao colocá-la em cima do cantil, impediu qualquer comentário:

– Mas eu o salvei dos ruargues.

– De que jeito? – indagou o cavaleiro, intrigado.

– Isso é segredo.

De seu punho fechado escapavam duas patas compridas que não paravam de se mexer. Ele deu um apertão e um líquido amarelo, fumegante, escorreu no gargalo. Dun-Cadal se deu conta do que ele segurava e, com nojo, desviou o olhar antes de exclamar:

– Santa Miséria... é uma rã... Você está fazendo uma rã mijar no cantil!

– É uma Ashala Machal, uma rã dos juncos – explicou o garoto como quem recita uma lição. – Elas urinam quando estão com medo. É muito bom para quem está doente.

– Isso é asqueroso.

– Talvez. – Ele sorriu, devolvendo a rã à caixa. – Mas foi o que lhe dei de beber esse tempo todo em que esteve inconsciente, e foi graças a isso que a febre baixou. Com o muco da pele eu fiz um unguento para a sua perna. O sal dos charcos já tinha começado a cavar a ferida. Esse unguento abrandou a dor. E a urina é um fortificante, para o senhor se sentir melhor.

Dun-Cadal engoliu em seco. Já tinha tomado coisas infames ao longo de sua carreira, mas se conformar em ingerir *mijo*... era pedir demais.

– E você quer que eu tome isso...

– O senhor prefere morrer aqui?

Desafiaram-se com o olhar enquanto o garoto lhe oferecia o cantil. Não, é claro que ele não

queria morrer ali. Também não queria ficar ali para sempre. Nos olhos cinzentos do garoto, viu uma determinação que o fez sorrir. O moleque faria qualquer coisa para vê-lo beber aquela mistura e, na sua condição, recusar não era uma boa ideia. Ele decerto poderia se defender ou até matar o garoto, apesar de seu ferimento. Era um general do Império, e não um qualquer...

No entanto, alguma coisa no olhar do menino, uma vontade, uma ira, o deixava curioso.

Tomou um gole e então entendeu de onde vinha o estranho gosto podre da água.

– Falando sério – sussurrou, estreitando os olhos –, quem é você?

O garoto deixou o olhar se perder na bruma distante enquanto juntava algumas pedras junto aos pés e as jogava no capinzal sem muita convicção.

– Você deve ter um nome. Como chamam você por aqui?

– Não tenho nome.

– Não tem nome? – espantou-se Dun-Cadal.

– Não tenho mais. Perdi – irritou-se o menino.

Estava jogando as pedras com mais energia.

– E seus pais?

– Morreram. Estamos em guerra, caso não tenha percebido – ironizou, lançando-lhe um sorriso amarelo. – Já faz tempo que eu fugi de Forte d’Aed...

– Por quê?

Ele pareceu refletir por um instante. Estaria recordando algum fato doloroso? Ou pensando numa resposta que soasse plausível? O general tinha em mente que seu jovem salvador era um filho das Salinas, um provável insurgente, um possível traidor do Império. Uma coisa era ele não o ter matado, outra era ganhar sua confiança com um objetivo específico.

– Por causa da guerra... e eu estava com medo.

Dun-Cadal examinou-o e se obrigou a tomar mais um gole.

– E a carroça? Era sua?

– Não... É uma carroça velha – respondeu ele. – E me serve de cabana. Eu estava escondido aqui e, um dia, vi vocês passarem. E então foram atacados pelos ruargues... e aqui está o senhor.

Parou de jogar pedrinhas, mas manteve os olhos ao longe, parecendo alheio.

– Eles eram três – recordou Dun-Cadal. – Você lutou com os três ruargues... sozinho?

– Já disse, é um segredo meu. – Levantou-se com um pulo. – O senhor precisa descansar. Vou tratar de achar algo para a gente comer à noite. Há por aqui umas rãs enormes, rãs-colmeia, é como são chamadas. Têm uma carne macia, que nem a do frango.

E, enquanto ele ia até o fundo da carroça pegar um alforje, Dun-Cadal o interpelou:

– Menino! Sou muito grato por sua ajuda, de verdade, mas preciso me juntar à minha tropa, ela...

O garoto se virou enquanto colocava o alforje a tiracolo.

– Ainda não. Está fraco demais.

E desapareceu atrás da carroça.

– Menino! Ei, menino! Volte aqui! – chamou o cavaleiro.

Por mais que gritasse, não obteve resposta. Cansado, deixou-se cair no cobertor e foi cerrando

as pálpebras, sentindo a cabeça pesar mais e mais. Até tentou pensar no que deveria ou poderia fazer para encontrar o acampamento do Império, mas a fadiga levou a melhor e ele acabou dormindo várias horas. Quando abriu os olhos, o sol já estava se pondo atrás da carroça inclinada e o garoto acendia uma fogueira. Com dificuldade, Dun-Cadal apoiou-se num cotovelo. Tinha a sensação de que seu corpo inteiro fora pisoteado pelos cascos de um cavalo furioso. Sua perna machucada lembrava constantemente sua presença, apertada num curativo que começava a exalar um fedor de carne podre. O garoto viu que ele havia acordado, mas não disse nada. Aliás, não trocaram nenhuma palavra até ele trazer uma pequena tigela de madeira cheia de coxas de rã assadas. Vendo a cara de nojo do cavaleiro, conteve uma risada.

– Está achando graça, é? – O homem suspirou. – Vendo um invasor tendo que se submeter aos seus... gostos culinários...

– As Salinas sempre fizeram parte do Império – rebateu o menino, voltando a sentar-se junto ao fogo.

Surpreso com a resposta, o general quase derrubou a coxa de rã que levava à boca.

– Fico feliz de ouvi-lo falar assim – disse Dun-Cadal antes de dar uma mordida na carne.

Tinha de fato um gosto muito parecido com o do frango. Abstraindo-se do aspecto pouco apetitoso do batráquio, até que não era ruim. Anoitecera e só o clarão das chamas vacilantes iluminava o rosto do menino. Seu olhar, em geral tão severo, parecia mais suave.

– Foi graças a isso que eu sobrevivi por aqui – explicou, apontando o dedo para o prato de rãs. – Existem catorze tipos, só no oeste das Salinas. Na região toda, deve haver umas... trinta, quarenta espécies diferentes de rã. Cada uma tem sua serventia. Com algumas se faz veneno, com outras, remédio... Com a pele, a baba, a urina...

Apontou novamente com o indicador para a tigela de Dun-Cadal.

– E outras se comem...

– É isso que se aprende nas escolas de Forte d’Aed? – ironizou Dun-Cadal enquanto mastigava.

O garoto baixou a cabeça, pensativo, segurando um galho e enfiando-o devagar no meio do fogo.

– Bem, menino... me diga o que vem depois.

– Depois?

– É, depois. Você me salvou dos ruargues, cuidou de mim do melhor jeito que conseguiu. E, embora ache que as Salinas sempre fizeram parte do Império, você é, e continua sendo, um filho das Salinas. Então, o que pretende fazer depois? Eu sou seu prisioneiro, ao que parece...

O menino largou o pedaço de madeira em chamas e desviou o olhar.

– O cavalo do seu amigo... está atrás da carroça.

Dun-Cadal se endireitou, firmando-se nos cotovelos para poupar a perna quebrada, e avistou as orelhas da montaria de Tomlinn despontando atrás da carroça.

– É mesmo... Então foi assim que você me arrastou até aqui... – deduziu.

– Eu enrolei uma corda na sua cintura – explicou o garoto, mostrando com gestos de que forma o tinha amarrado. – E nas axilas. Prendi tudo no cavalo... e aqui está o senhor...

– E aqui estou eu – repetiu Dun-Cadal.

Fitou o menino enquanto terminava de comer as coxas de rã. Não estava realmente com fome apesar dos vários dias sem comer, decerto por causa da dor. Ao ingerir a carne tenra, foi recobrando o apetite.

– Você é um moleque danado – declarou.

Pelo resto do dia, Dun-Cadal bem que tentou fazê-lo falar, mas ficou com a sensação de estar conversando com as paredes. Ao mergulhar no sono, seu último pensamento foi terrível...

E se amanhã o garoto o entregasse aos insurgentes?

Essa ideia o afligiu nos dias que se seguiram. Sua perna não estava totalmente curada, suas costelas ardiam e cada respiração era uma tortura. Toda vez que tentava levantar, pensava que ia desmaiar. O garoto trocou seu curativo três vezes e, nas três, ele pôde constatar o tamanho do estrago. Chagas fundas e inflamadas haviam sido costuradas às pressas em vários pontos, ali onde os ossos, ao se quebrarem, tinham rasgado a pele. Não era obra de nenhum grande cirurgião do Império, mas o garoto fizera o possível.

Muitas vezes o cavaleiro tentou descobrir mais a respeito dele, em vão. Tinha mais habilidade com a espada do que com interrogatórios. E com frequência o garoto saía do acampamento improvisado montando o cavalo de Tomlinn, rumo a alguma aldeia das Salinas.

Na sua ausência, Dun-Cadal tentava se conformar, remoendo possíveis estratégias para o caso de o garoto traí-lo. Mas por quê, então, faria tanto esforço para curá-lo? Esse paradoxo era um verdadeiro quebra-cabeça. Tentou resolvê-lo elaborando uma sequência lógica a fim de adivinhar o objetivo do garoto. Até que afinal resignou-se a deixar as coisas acontecerem: o destino já estava escrito e ele não tinha como controlar o futuro. Os deuses tinham colocado aquele menino em seu caminho, e assim devia ser. Não havia nenhum fatalismo nesse pensamento, nenhuma desistência, apenas uma forma... de aceitar os fatos.

Os dias foram passando. Nenhum insurgente apareceu para prender o general ferido. O garoto, embora pouco falasse, se esforçava para cuidar dele da melhor forma possível. Dun-Cadal se contentava com isso. Quando se sentiu forte o bastante para ficar de pé, com uma tábua da carroça servindo de muleta, o cavaleiro refletiu que já passara tempo demais naquele pântano.

– Parece um pernalta... – caçoou uma voz às suas costas. – Dun-Cadal tentava se equilibrar na perna boa. – Melhor não – aconselhou o garoto, enquanto o cavaleiro penava para arrear o cavalo.

Toda vez que apoiava sua perna convalescente no chão, uma flecha de fogo subia-lhe até o coração e sua testa parecia inflamar-se. O cavalo pastava tranquilamente atrás da carroça e parecia não gostar que um pernetá tentasse pôr uma sela no seu lombo.

– A guerra continua sem mim. Já estou restabelecido para ir me juntar aos meus, menino – afirmou Dun-Cadal.

No entanto, seu rosto molhado de suor e suas feições contraídas de dor afirmavam o contrário.

– Não vai conseguir montar com a perna desse jeito – avisou o garoto. – Pernalta não monta a cavalo. O senhor fica engraçado assim, se equilibrando. Vai acabar caindo.

– Você acha, é? – zombou o cavaleiro enquanto dava um último apertão na correia sob o ventre do cavalo.

Por pouco não caiu ao recuar, a tábua comprimindo sua axila apesar da cota de malha. Não via

a hora de se livrar dela! Com uma das mãos no arção da sela e a outra atrás, soltou a muleta para içar-se penosamente na montaria. Fez várias tentativas até conseguir erguer a perna machucada à altura do lombo do cavalo. Então, gemendo, deixou-a deslizar pela sela. A bainha da espada bateu na armadura deslustrada. Pensou que ia desabar quando sua perna, sustentada pela tala de madeira, esbarrou no estribo vazio. Uma vez firme na sela, as mãos segurando as rédeas, conseguiu recobrar o fôlego e aos poucos aplacar a dor.

– Você acha... – repetiu num sussurro, fitando ao longe.

O pântano estava coberto por uma névoa de calor, e o céu, coberto pelas mesmas nuvens brancas que o haviam recebido naquela região.

– Preciso me juntar aos meus – acrescentou ele.

Manobrando as rédeas, forçou o cavalo a avançar. A tala bateu no couro da sela e esse simples gesto arrancou-lhe uma careta de dor. Se precisasse cavalgar assim por horas, com uma única perna boa, aquilo era apenas uma prévia do que teria que aguentar.

– E quanto a mim? – preocupou-se o menino atrás dele.

– Você? Fique aqui o tempo que quiser, feliz no meio das rãs, e faça o possível para se desviar de homens armados. A coisa pode esquentar... Tenho uma cidade para tomar.

– O senhor se refere a Forte d’Aed?

O garoto caminhava ao lado com o cavalo, tentando apanhar as rédeas.

– O senhor não sabe o que aconteceu em Forte d’Aed...

Se continuasse assim, ia acabar parando o cavalo. Dun-Cadal cerrou os dentes e cutucou-o com os calcanhares para dar início ao trote. O garoto foi obrigado a dar um passo para o lado para não ser derrubado. O cavaleiro respondeu à expressão zangada do menino com um sorriso zombeteiro.

– Imagino que o idiota do Azdeki não soube tomar a cidade e teve que dar para trás.

Conteve uma risada, suas costelas repuxando a cada sacudida. A dor lhe dava vontade de vomitar, mas sua vontade foi mais forte. Precisava encontrar suas tropas, precisava levar a luta até o fim e reprimir a revolta.

– Eles perderam. O senhor mesmo disse que a guerra continuou sem o senhor.

Dun-Cadal puxou levemente as rédeas. O cavalo diminuiu o passo.

– O Império perdeu as Salinas quatro dias atrás – contou o menino.

Com uma das mãos, fez o cavalo dar meia-volta. A poucos passos dali, o garoto estava parado, punhos cerrados próximo às coxas. Seu rosto recobrava a expressão raivosa dos primeiros dias. Havia algo infantil na maneira como franzia o cenho, como se tivesse sido castigado e estivesse prestes a defender sua causa com unhas e dentes. Dun-Cadal devia acreditar no que ele dizia? Uma coisa era Azdeki não ter conseguido tomar uma cidade. Outra era ele, os cem mil soldados e os mil cavaleiros fazendo uso do Sopro terem sido derrotados, algo simplesmente impensável.

– Forte d’Aed foi uma armadilha. Eles derrotaram seus companheiros... e em seguida lançaram um grande ataque – explicou o garoto em tom melancólico. – Seu exército ficou tão surpreso que não reagiu a tempo... e bateu em retirada.

– Como assim...? – perguntou Dun-Cadal com o semblante contraído.

Estava atordoado. Ele, o homem de armas tão altivo e arrogante, vacilando sobre uma

montaria esquelética.

– Para se juntar aos seus, vai ter que cruzar as linhas inimigas – confessou o garoto. – O senhor está perdido diante dos insurgentes que controlam as fronteiras das Salinas.

Dun-Cadal se inclinou sobre o pescoço do cavalo, um braço no arção da sela. Estava mesmo encurralado, sozinho, sem ninguém saber que ainda estava vivo.

– Você devia ter dito isso antes – esbravejou Dun-Cadal. – Santa Miséria, devia ter dito isso antes!

– E o que teria mudado? – O insolente lhe dirigia um estranho sorriso que contrastava com seu olhar severo. – Vai precisar de mim.

– Não diga! Além de salvar minha vida você ainda quer me ajudar a sair das Salinas?

Dun-Cadal tinha elevado a voz, denotando algo entre a raiva e o desespero. Tentava pensar direito, achar uma solução, uma saída. Só que sua perna ardia de forma atroz, a dor subia pela coxa, varava seus intestinos e atingia, intensa, o coração. O garoto estava certo: ele não estava suficientemente recuperado para cavalgar.

– O senhor é um cavaleiro. – Lançava a Dun-Cadal um olhar decidido. – Me ensine a lutar.

– O quê? – espantou-se o general.

– Me ensine a lutar e eu o ajudo a fugir das Salinas e encontrar suas tropas.

– Por que acha que vamos conseguir cruzar as linhas inimigas tão fácil? – provocou Dun-Cadal.

Levou a mão às costelas doloridas. Se ficasse mais tempo naquela posição, ia acabar desmaiando.

– Isso pode ser feito – respondeu o menino. – O senhor não sabe do que eu sou capaz.

– Eu não sei nada sobre você! Nem sei como se chama!

– É só me dar o nome que quiser – rebateu. – Me ensine a lutar. Não vai se arrepender.

Não se movia nem um centímetro, ali parado, o rosto ligeiramente abaixado, o olhar severo erguido para o cavaleiro que ele enfrentava sem medo algum.

– Lutar? Pegar em armas na sua idade?

– Vou me tornar cavaleiro antes que o senhor perceba.

– Quanta certeza! Ser cavaleiro leva tempo, menino.

– Eu posso fazer isso.

– Você não vai ser de nenhuma serventia para cruzar as linhas inimigas.

– Eu posso fazer isso – insistiu em voz baixa.

Cada vez que o cavaleiro elevava o tom, o menino respondia em voz baixa, mas firme.

– Menino, você está começando a me irritar! – vociferou Dun-Cadal, puxando as rédeas. – Você ainda é uma criança! Reconheça o seu lugar e tente não sonhar que é maior do que é. A situação está complicada demais para eu ainda ter que cuidar de você.

– Eu não sou mais criança! – Apontou para ele um dedo acusador. – O senhor não vai longe desse jeito e sabe disso, mas prefere atentar os demônios a ficar aqui cuidando do seu ferimento... Enquanto isso, podia me ensinar a lutar, mas não, prefere se lançar à morte, sozinho, sendo que eu sei onde estão os insurgentes, quantos são e por onde devemos seguir! Juntos podemos conseguir... – Sem fôlego, baixou os braços, a boca contorcida de raiva. Estava trêmulo, a ponto de

chorar. – ... e eu não sou mais criança – repetiu.

O cavalo relinchou. Também parecia cansado. Dun-Cadal, a contragosto, acabou aceitando a ideia de que não podia seguir viagem sozinho.

– Você sabe manejar uma espada? – perguntou.

O menino assentiu timidamente. Então voltaram para junto da carroça. Dun-Cadal precisou de ajuda para apear e, com um braço apoiado nos ombros de seu jovem salvador, voltou capengando para a cama. Ao deitar, a dor na perna diminuiu... por um tempo. Descansou-a sobre uma caixa velha para o sangue circular melhor e o pé não inchar.

– Me ajude a tirar as botas. – Ele suspirou.

Observou enquanto o menino obedecia, tentando vislumbrar em sua fisionomia algum indício que lhe permitisse saber mais a seu respeito. Uma cicatriz, uma expressão, um detalhe no qual não tivesse reparado... algo, mesmo mínimo, que desse ao garoto ao menos a sombra de um passado. Qualquer coisa era melhor do que aquele vazio absoluto. Depois de tirar as botas, ele veio para perto do cavaleiro e tirou a rã da caixa para extrair sua urina.

– Vou lhe dar um nome – anunciou Dun-Cadal erguendo o queixo para ele.

– Fique à vontade – respondeu o menino, chacoalhando o cantil para misturar a urina com a água.

– Vejamos... Você me apelidou de Pernalta, não foi? Vou lhe dar o troco. Já que você parece gostar desses bichos... Vai ser... Rã... Vou chamá-lo de Rã...

Pensou que o garoto fosse se magoar, mas ele se limitou a menear a cabeça enquanto abria e lhe oferecia o cantil.

– Por mim, tudo bem... – sorriu tristonho – Pernalta.

Ou seja, ele topava qualquer coisa para alcançar seu objetivo, até mesmo um apelido ridículo.

– Cavaleiro Rã... Você quer ser o cavaleiro Rã? – ironizou Dun-Cadal, pegando o cantil.

O olhar que cruzou o seu arrancou-lhe toda a segurança. Brilhava, naqueles olhos cinzentos, uma vontade inquebrantável. Suas palavras foram doces, mas secas, um murmúrio que ficou para sempre gravado na memória, tão forte quanto um grito:

– Um dia o senhor vai entender. Pode ter certeza. Ainda vou ser o maior cavaleiro que este mundo já viu.

# 4

## ○ ASSASSINO ○

*– Atacar pelas costas?*

*Isso é lutar sem honra!*

*– Não há nenhuma honra em matar, menino. Nenhuma.*

*Pouco importa como você dá o golpe.*

*Não há glória nenhuma em tirar uma vida.*

Tudo que ela sabia do mundo aprendera nos livros. Anos de estudo no Grão-Colégio de Émeris tinham ajudado Viola a adquirir uma cultura impressionante, mas tudo aquilo nunca passara de meras palavras. Para as quais, nesse momento, ela descobria algum sentido. Diante dela, finalmente tomavam corpo as obras escritas, copiadas e recopiadas havia centenas de anos pelos monges da Ordem de Fangol, aqueles servos dos deuses que eram, até então, os únicos detentores da escrita. A escrita... a voz dos deuses que, séculos atrás, fora registrada no Livro Sagrado. Desaparecido o Liaber Dest, deposto o Império, mudaram as regras do jogo. O saber já não podia ser privilégio de uma elite. Com a República, uma jovem camponesa como Viola podia estar preparada para a história de seu mundo e para o modo de relatá-la com uma pena mergulhada na tinta. O que ela tinha visto de fato? Visto com os próprios olhos? As trilhas arborizadas de seu vilarejo natal tinham dado lugar às amplas e extensas avenidas de Émeris, a cidade imperial. E além disso? Apenas palavras nos livros descrevendo os antigos reinos de forma poética.

Assim, o simples fato de pisar nas ruas pavimentadas de Massália era para ela como uma nova etapa da vida. Viola enfim pudera percorrer as terras, viajar até a cidade do fim do mundo. Andando em meio à heterogênea multidão, tomava consciência da riqueza da República. Por toda a rua, mercadores convidavam os transeuntes a descobrirem seus maravilhosos produtos: legumes, especiarias que pinicavam as narinas, colares trançados, tecidos rendados e até carne-seca ou ainda sangrenta de um porco abatido ali mesmo, junto às bancadas...

O sol a pino banhava a cidade com uma luz ocre e pairava no ar um aroma pesado de almíscar

e citrinos. Nos tempos do Império, Massália fora a única cidade onde quem sonhava com algo diferente podia alcançar seu objetivo. Agora que a República regia o destino dos povos, a prerrogativa dessa cidade se espalhara feito um vento de esperança, de modo inesperado, pelos antigos reinos. Disso a própria Viola era um exemplo: filha de um ferreiro, ela se destacara no Grão-Colégio, outrora reservado à nobreza. Que futuro se abria diante dela? O de uma historiadora diante das obras antigas de uma biblioteca? Ou o da arqueóloga saindo mundo afora em busca de antigos artefatos e outros ídolos? E a quem ela ia amar? Com quem ia fundar uma família? Que lugar ia ocupar naquele novo capítulo do mundo, agora que o povo tinha a oportunidade de escolher um amanhã...?

Fazia a si mesma essas perguntas sem de fato esperar uma resposta. A possibilidade de haver muitas respostas era boa demais. Seus pais não haviam tido, em momento algum, a oportunidade de pensar no futuro. Seu pai havia sido ferreiro, tal como o pai de seu pai, e assim por diante. Quanto à sua mãe, mal sabia escrever o próprio nome. Embora ensinassem as letras para algumas pessoas, os monges fangolinos cuidavam de manter o controle sobre a escrita.

– Senhorita, experimente esses aromas das ilhas Súdias! Especiarias como nunca provou antes – chamou um homem bem barbeado, de pele morena, a barriga roliça quase apoiada na bancada repleta de sacos de especiarias.

Ela esboçou um sorriso, meneou a cabeça com ar pouco interessado e passou por dois homens que brigavam no meio da rua sem que ninguém se importasse. Tinha mais o que fazer além de perambular pela cidade. Haviam-lhe confiado uma missão e ela fazia questão de cumpri-la. Encontrar Eraed, a Espada do Imperador, não era um capricho, mas um desejo de não denegrir o passado. Eraed... era muito mais que um símbolo: era uma espada lendária, forjada no início dos tempos.

Ao sair da rua do comércio, avistou um chafariz seco que se erguia no meio de uma praça pavimentada de vermelho e branco. Ali, em meio às altas casas burguesas de sacadas floridas e amplas janelas, ficava a mansão onde tinha deixado Dun-Cadal. Não era difícil reconhecê-la à luz do dia. Era a única construção cujas cortinas continuavam fechadas e diante da porta caminhavam mulheres com os ombros desnudos. Vestidos longos batiam em seus pés descalços, finos tecidos que se ajustavam perfeitamente às curvas do corpo. Vendiam seus encantos a quem pagasse mais. E não poderiam ter mestra melhor. Comentava-se por aí que Mildrel fora uma das mais prestigiadas cortesãs do Império, partilhando segredos de alcova, destilando beijos e conselhos na penumbra dos salões privados.

Viola ajeitou os óculos antes de se sentar à beira do chafariz. No centro, erguia-se um anjinho de pedra com as grandes asas abertas, um joelho dobrado como se estivesse prestes a alçar voo. Observou os transeuntes: mercadores que vinham a Massália a negócios, viajantes enlameados andando a passos cansados, puxando suas montarias, ou nâagas que estufavam orgulhosamente o peito ao conversar. De esguelha, por fim avistou o vulto familiar de um velho cavaleiro de barba malfeita.



Dun-Cadal estava saindo da casa de Mildrel, a mão direita erguida em frente ao rosto para se proteger do sol. Na mão esquerda segurava uma maçã que levou à boca para dar uma mordida. Duas mulheres que caminhavam diante da porta cumprimentaram-no com um largo sorriso e uma delas deu-lhe um beijo no rosto antes de ele se despedir estreitando os olhos. A luminosidade intensa o cegava, refletida no pavimento. Para alguém com as pálpebras pesadas de álcool, era difícil suportar a luz do sol.

– Fiquei com receio de que nunca mais fosse sair dessa casa – disse uma voz às suas costas.

Olhou por sobre o ombro, ainda mastigando um pedaço da maçã. Viola, atrás dele, andava a passos ligeiros, mãos nas costas, duas mechas rebeldes de cabelo esvoaçando acima das orelhas miúdas. Então a moça de cabelos vermelhos não ia deixá-lo em paz. Examinou-a da cabeça aos pés fazendo uma careta.

– Você... – sussurrou com voz rouca.

– Sentiu minha falta? – Ela sorriu, balançando-se feito uma criança. – E olhe que, em se tratando de companhia feminina, acho que não teve do que se queixar na noite passada.

Dun-Cadal, resmungando, recomeçou a andar. Viola foi atrás.

– Parece tão simpático quanto ontem – observou ela em tom zombeteiro.

– Aquele seu Selvagem não veio junto? – vociferou o cavaleiro. – Está ocupado desenhando coisas feias na cara?

– Ah, se está sentindo falta dele, não se preocupe, logo vai vê-lo.

– Não faço a menor questão...

Ele apertou o passo, mordendo a maçã com certo nervosismo. Ser importunado assim, pouco depois de acordar, era insuportável. Tão insuportável quanto o martelo que batia dentro de sua cabeça. A isso ainda se somavam os ruídos de Massália, seus camelôs, seus pregoeiros... suas gaiotas planando no céu sem nuvens. Dun-Cadal usou os ombros para abrir caminho entre a multidão. Viola não desgrudava dele.

– Você voltou para me ameaçar? – provocou Dun-Cadal.

– Ameaçar? Com quê?

– Agora que já sabe quem sou...

– Não estou interessada em julgá-lo – interrompeu Viola, alcançando-o e passando a andar junto dele.

Um mercador que vinha em sentido contrário carregando um barril quase esbarrou nela. Viola se esquivou dando um passo para o lado e recomeçou a andar atrás do cavaleiro. O homem seguiu em frente, assobiando, aparentando indiferença.

– Não quero vingança, o que quero é outra coisa – acrescentou ela.

– Não vou ajudá-la a encontrar a espada.

– Mas ela pertence à História!

– E essa História já acabou...

No final da rua se moviam os mastros dos navios ancorados no porto. Uma multidão parecia seguir para lá. Aflito para escapar daquela agitação e sentar tranquilo diante de um caneco cheio, Dun-Cadal dobrou à direita. À entrada da via havia um gigante tatuado, de braços cruzados, o

canto da boca erguido num estranho sorriso. Seus olhares se cruzaram e, pelo cenho franzido do velho general, não foram nada amigáveis.

– Eu falei que logo ia ver Rogant de novo – sussurrou Viola atrás dele.

Dun-Cadal deu meia-volta e resolveu descer em direção ao porto. Viola foi atrás antes que ele sumisse na multidão.

– Dun! Dun! – chamou. – Espere por mim!

– Por que deveria esperar? – indagou ele em tom firme. – Só estou esperando a hora de você trazer os guardas da República.

– A guerra civil acabou, general – retrucou Viola. – Ponha isso na cabeça. Acha que vou denunciá-lo só por esperança de que, na prisão, finalmente decida falar?

– Pode ser.

– Ora, isso seria idiotice.

– Também pode ser – ironizou o cavaleiro.

Na enseada estavam atracados barcos grandes e imponentes, oscilando levemente na água. De um deles descia uma curiosa escolta de guardas usando couraças vermelhas e azul-celeste, alabarda na mão, espada na bainha. À frente do cortejo, dois soldados de armas mais leves portavam estandartes com as cores dos recém-chegados. Os conselheiros... O que ouvira dizer se confirmava. Conhecia vários deles. Estacou e sentiu, atrás de si, o corpo frágil de Viola junto ao seu.

– Por que iria denunciá-lo se aqueles que, bem mais que o senhor, se beneficiaram com o Império sem nem sequer defendê-lo são hoje representantes eleitos pelo povo? – murmurou ela.

Eram quatro, quase todos velhos e enrugados, usando amplos mantos vermelhos salpicados de lírios dourados e orlados de pele creme. Dos quatro, Dun-Cadal reconheceu três. O duque de Azbourt, um homem cruel com o rosto marcado pelas rugas, corpulento apesar da idade avançada, que por muito tempo se refugiara em seu ducado no Norte, deixando de se importar com os favores do imperador. O marquês de Enain-Cassart, homenzinho de voz fina, peruca empoadada e fisionomia sorridente, que andava de bengala, vagueara durante muito tempo pelos corredores do palácio de Émeris, jurando até o fim sua lealdade ao Império. Por meio de que negociação conseguira se firmar como candidato ao cargo de conselheiro de sua região? Um dos principais motivos era decerto sua fortuna. Vinha em seguida um desconhecido, bem mais jovem, que tinha uma cicatriz abaixo do olho direito, e Dun-Cadal não teve a menor dúvida de que era ligado aos dois primeiros. Quanto ao último... Dun-Cadal meneou a cabeça, cerrando os maxilares.

– Não sei se tornou a vê-lo depois que ele o abandonou nas Salinas – disse Viola. – O fato é que Étienne Azdeki é atualmente um dos conselheiros mais eminentes da República. Outros ainda devem chegar, para a Noite das Máscaras. Se o povo virou essa página do seu passado, por que não faria o mesmo em relação ao senhor?

Ela veio para o lado dele e seu olhar percorreu a multidão que se aglomerava em volta do cortejo. Ele tinha se desinteressado da República, queria esquecer o mundo na esperança de que se esquecessem dele. Para quem conhecera pessoalmente o imperador, esses que agora governavam tinham pouquíssima importância, a ponto de ele ter a impressão de estar vivendo em outra realidade. Alguns haviam se reerguido das ruínas do Império.

– Parabéns, general, está percebendo que este mundo não é nem preto nem branco, bem diferente do que pensava nos tempos do Império...

Alguma coisa estava errada. Uma sensação vaga... vaga demais para ele entender o medo que brotava aos poucos. Isso influenciou a resposta que deu a Viola, que soou como uma ameaça.

– Não faça esse joguinho comigo – aconselhou em tom mordaz.

– Eu também sei ser irônica. Só que tenho duas vantagens.

– Quais?

– Além de não ter cheiro de suor, eu sou... bonitinha.

Dun-Cadal não conseguiu conter o sorriso, embora o ar lhe parecesse mais pesado, como se houvesse uma tragédia anunciada. Sim, algo de fato estava errado. Mas aquele cheiro de lavanda por um instante o apaziguou. Principalmente porque ela não mentia ao mencionar seu rostinho lindo.

– Não lhe desejo nenhum mal, general, pode ter certeza.

Encarou-o com seus olhos tão bonitos, tão verdes, orlados de cílios finos e longos. Seu brilho mal se turvava com as lentes dos óculos. Como resistir ao doce encanto que ela exalava, àquela vontade contida numa luva de pelica? Ele tinha a impressão de que ela o aflagava como faria com um velho lobo que se quer amansar. No fim das contas, isso não o desagradava. Chegou até a imaginar que ela poderia ser filha de Mildrel. Aquele cheiro de lavanda combinava deliciosamente com as duas. Sem dizer nada, mordeu a maçã com força, arrancando um pedaço como se fosse carne grudada num osso, e desviou o olhar.

A sensação estava mais nítida. Era, para ele, evidente. Seus sentidos de guerreiro ordenavam que tivesse cuidado.

– Não saia daqui – disse, enquanto seguia com os olhos o cortejo que deixava o cais e agora atravessava a praça.

Na frente de um prédio grande enfeitado com altas colunas de mármore branco, quatro carruagens aguardavam os recém-chegados.

A multidão se aglomerava ao redor dos conselheiros, heterogênea, divertida, curiosa... opressiva. Somente o corredor de honra formado pelos alabardeiros impedia os mais afoitos de cumprimentarem seus representantes no Conselho. Enquanto Azdeki, Azbourt e o desconhecido concediam um interesse questionável ao povo que os recebia, Enain-Cassart se deliciava com a calorosa acolhida. O marquês não hesitava em se aproximar, esgueirando a mão raquítica entre os soldados para retribuir os afetuosos cumprimentos do povo de Massália. Um sorriso iluminava seu rosto enrugado. E, embora a luz do sol no lajedo da praça o obrigasse a estreitar os olhos, quem olhava para ele percebia um brilho de alegria pela fresta de suas pálpebras.

– General? – arriscou Viola num sussurro constrangido.

Ele ergueu a mão para pedir silêncio e caminhou na direção da praça, buscando qualquer coisa de incomum na multidão. Podia sentir, intuir... a morte, escondida em algum lugar, prestes a atacar. Quem? O quê? Ainda não tinha condições de dizer, mas sentia sua presença. Quando reparou no vulto curvado usando um casaco velho remendado e um capuz de dobras ondulantes, ele soube. Tinha a aparência simples de um velho mancando em meio aos curiosos, a atenção

concentrada no marquês.

O general alcançou finalmente a multidão, os aplausos martelando sua cabeça ainda cansada. Deu uma última mordida na maçã e deixou-a cair no chão. O talo foi pisoteado em seguida. O vulto avançava. Gritos de alegria. Risos. Um alarido, alguns metros mais longe. Troca de injúrias e palavrões. Alguns alabardeiros deixaram a formação para prestar auxílio aos colegas. Uma briga se armava junto ao cortejo, leve, mas suficiente para chamar a atenção. Quanto mais se aproximava, mais seus sentidos entravam em alerta. Logo aconteceria.

O vulto de casaco tropeçou num guarda, que quase se desculpou, mas seu sorriso se desfez quando as pernas cederam sob seu peso.

Logo, logo...

O velho amparou o corpo do soldado por alguns segundos, então o deixou cair sem ruído e saiu andando às costas do marquês. A poucos passos dali, os alabardeiros apartavam três marinheiros e o que parecia ser um nâaga furioso.

Agora.

O vulto do velho se endireitou de repente, num gesto que pareceu estranhamente lento. Com um movimento de ombros, deixou cair o casaco remendado, revelando um homem de capa verde, um fino capuz encobrindo seu rosto. Em seu cinturão, duas adagas e o cabo fosco de uma espada. Nos punhos, pulseiras de couro. Em sua desenvoltura, a prova indiscutível de que tinha sangue-frio.

Dun-Cadal se deteve imediatamente, sem fôlego. Aprendera a observar, identificar, perceber a aproximação de um assassino. Havia protegido o imperador, tornara-se sua sombra, espreitara o menor movimento na corte. Quando o marquês de Enain-Cassart virou-se lentamente, soube que era tarde demais.

– Então, meu rapaz, você...

O sorriso encantador do conselheiro se extinguiu quando a lâmina perfurou-lhe a garganta. Não houve grito, nem uma palavra sequer, apenas bolhas de sangue saindo pela boca e estourando nos lábios.

Rápido. Preciso. Ligeiro. E sem nenhum remorso ou lamento, nem mesmo a sensação de dever cumprido. O que aquele homem sentia, Dun-Cadal era capaz de adivinhar. Ele próprio trabalhara assim durante anos. Para defender o imperador, às vezes era preciso atacar primeiro...

Enain-Cassart desabou de lado sem ter tido tempo de notar que a vida o abandonava. Os aplausos se calaram com a surpresa. Por um instante, não mais que o tempo de um respiro, ouviu-se apenas o som da onda quebrando ao longe. E a capa verde batendo nas botas do assassino e hipnotizando o general, no mesmo ritmo do sangue em suas têmperas.

Matar. Muitas vezes ele fizera exatamente daquele jeito.

*O senhor já foi um assassino?*

Antes de o imperador autorizá-lo a treinar seu sucessor e antes de ser promovido a general em retribuição aos serviços prestados. Ele entregara sua túnica ao seu aluno...

À direita de Dun-Cadal, uma mulher de cabelo sujo e preso, faces rosadas cheias de veiazinhas vermelhas, permanecia boquiaberta. Quando ela enfim conseguiu pronunciar uma palavra, sua voz

ressoou na praça silenciosa.

– Assassino... Peguem ele! – gritou.

A multidão se alvoroçou, gente apavorada fugindo da praça enquanto os alabardeiros escoltavam às pressas os três conselheiros para as carruagens. Sozinho, de pé junto ao cadáver do marquês, o assassino parecia sentir prazer em assistir à debandada. Mal se moveu quando os guardas o cercaram, lanças e alabardas apontadas para ele.

Dun-Cadal tinha esquecido aquela túnica no exato momento em que outro a tinha vestido. Deixara-a para trás, como um legado. Uma simples capa verde... um fantasma do passado. O general respirava pesadamente, lançando olhares rápidos para as pessoas que continuavam a poucos passos da cena, curiosas e assustadas. Durante anos a fio ele tentara afogar suas lembranças no álcool, e agora, em poucas horas, sua história inteira voltava à tona. De Eraed até Rã... de Azdeki àquele que o sucedera junto ao imperador.

– Deponha as armas!

– De joelhos! Vamos, ajoelhado!

– Deponha as armas!

As vozes autoritárias dos soldados mal cobriam o alarido. As lanças apontavam para o assassino. E ele, muito à vontade, encarava um a um os homens que o ameaçavam. Seus lábios fechados não estremeceram. Estava calmo demais. Por quê? Por que se comportava assim? Qualquer assassino teria cometido o crime da maneira mais discreta possível e aproveitado a movimentação coletiva para fugir.

Quando um soldado ousou se adiantar, ele enfim reagiu, segurando sua lança com mão firme e puxando-a para si num gesto preciso. O coitado nem teve tempo de reagir e o assassino já lhe enfiava uma adaga na cota de malha com tal força que a atravessou e perfurou o abdômen.

Era um recado. Um aviso. Uma ameaça dirigida a todos os conselheiros. Ao subir em sua carruagem, Azdeki acompanhou a cena com o olhar. A roda de soldados se fechou ao redor do assassino. No centro, duas adagas cortaram o ar. Ouviu-se o tilintar de lâminas e armaduras. Ante o olhar estupefato do velho general a poucos metros dali, emergiu o vulto do assassino. Uma adaga em cada mão, ele afastou os soldados e correu com agilidade para a praça.

Ele... o protetor de Reyes, o assassino... a Mão do Imperador... Mas por quê? Como? Dun-Cadal se sentia em um turbilhão. Sentimentos, perguntas... nenhuma resposta plausível, nenhum conforto. Ele precisava saber, precisava detê-lo. Foi correndo atrás dos guardas. Diante do fugitivo, a multidão se dispersou aos gritos. Nenhum homem, nem o mais forte entre eles, ousou interferir. Numa rua que descia da praça do porto, um esquadrão de soldados, confiante, se preparava para deter o criminoso. Ele não tinha como escapar, repetia o velho para si mesmo.

O assassino não diminuiu nem um pouco a marcha ao ver o paredão de lanças no alto da rua. Também não pareceu preocupado com os soldados que ganhavam terreno atrás dele. Com um movimento dos quadris, enveredou para a direita, apoiou-se num barril que estava embaixo de uma goteira enferrujada e pulou para a sacada florida de uma casa do outro lado da rua. Os soldados, atônitos, se detiveram subitamente. Atrás deles, Dun-Cadal, tossindo, entrou numa viela que avistou à sua esquerda. Fazia tempos que não corria tão depressa, mas não importavam a dor

que sentia a cada inspiração nem sua cabeça pesada de álcool. Olhando na direção dos telhados, avistou o vulto do assassino galgando com agilidade.

– Pegue-o! Pegue-o!

– Ele foi por ali!

– Não podemos perdê-lo de vista!

Uma viela, uma rua, e mais outra... Dun-Cadal quase esbarrou diversas vezes em transeuntes surpresos. Buscava com o olhar o assassino, que pulava de um telhado para outro. Seu ombro encostou numa mulher que passava carregando um cesto de roupas. Com uma careta, tentou manter o equilíbrio, ignorando os insultos, e continuou a correr. Passados cinco minutos, uma pontada reduziu seus passos. Levou a mão ao coração, recostou-se num muro, ouvindo os gritos distantes dos guardas. Ofegante, o rosto em brasas, inspirou fundo para se recompor. Tudo em volta rodopiava. A própria rua estava fora de foco. Fechou os olhos e suspirou devagar. Já estava longe a época em que ele também fugia pelos telhados, saltando cheio de vigor, recorrendo ao Sopro. Tinha sido um dos melhores cavaleiros. E agora?

Não passava de um velho louco, perdido em Massália, esperando uma morte violenta num boteco da cidade baixa. Só que não, não fora a morte que viera ao seu encontro. Fora descoberto por uma moça ruiva e, junto com ela, seu passado inteiro ressurgia... Olhos cerrados, ouviu uma voz, um sussurro...

*Estou pronto!*

Deixou-se cair, deslizando pelo muro, a testa encharcada de suor.

*Estou pronto!*

*Não. E não se fala mais nisso, Rã.*

Era o que o garoto tinha jurado havia tanto tempo, pouco antes de unirem seus destinos. Com inesperada firmeza, ele lhe garantia que estava pronto para deixar as Salinas, cruzar as linhas dos insurgentes, lutar e matar. Bem distante de uma simples brincadeira de criança com pedaços de pau, Rã se julgava pronto para cometer o irreparável. Já que uma vida não pode ser devolvida...



– Ontem o senhor disse que eu tinha progredido muito!

– Para um maneta, aprender a manejar a espada com os pés é um progresso enorme – rebateu Dun-Cadal com um sorriso irônico. – Não significa que ele é capaz de derrotar um exército.

Apoiando-se numa muleta improvisada, foi mancando até a carroça. Fazia dois meses que estava ali e era a primeira vez que finalmente conseguia ficar mais de duas horas em pé sem sentir dor.

– O senhor é um... babaca! – vociferou Rã cerrando os punhos, a testa franzida.

Cansado, o general se sentou devagar sobre um caixote e largou a muleta junto à madeira carcomida da carroça. Ao longe, o sol estava se pondo e banhava com uma cor sanguínea o capim alto das Salinas. Estava habituado à insolência do garoto e quase a achava engraçada. Aceitava que

ele o chamasse de Pernalta. Ninguém nunca se atvera a lhe dar um apelido. Mas essa tolerância não tinha a ver com o fato de ele estar afastado do exército... Aquele garoto era alguém que, sem dúvida alguma, sobreviveria a ele, era uma parte dele, do seu saber, e... Não, mais do que isso, ele era aquilo com que tantas vezes sonhara e não soubera dar para Mildrel. Ao vê-lo parado a poucos passos do fogo, punhos cerrados junto às coxas numa atitude de fúria emburrada, não se arrependia de ter aceitado lhe ensinar a arte da guerra. O garoto vinha se saindo bem e, sobretudo, ardia nele uma paixão por aprender que seria capaz de consumi-lo. Quando era jovem, o general também passara por isso, mas nunca a esse ponto. Só precisava apagar o fogo de vez em quando. Rã ainda tinha muitas coisas para aprender. Entre elas, a paciência.

– Sou babaca por querer manter você vivo? Tudo bem, aceito a crítica.

– O senhor não entende... – O garoto suspirou e em seguida se sentou.

– Entendo que você tem pressa de sair daqui. Imagine eu! Você me alimenta com o que consegue furtar em Forte d'Aed. Uma porcaria, sim... mas um pouco mais saboroso do que o que você caça por aqui... Aliás... – Apontou o dedo para ele fazendo uma careta de nojo. – ... essas rãs-colmeia andam revirando cada vez mais meu estômago. Tente encontrar outra coisa.

– Aí é que está! Está na hora de ir embora! – afirmou Rã.

– Não. Você não está pronto... nem eu – garantiu Dun-Cadal, baixando o dedo para sua perna estendida.

Ela agora parecia mais firme, tanto que ele tinha tirado a tala, mas ainda precisava criar massa muscular antes de tentar qualquer coisa. Mais um mês seria necessário antes de ele se jogar numa fuga alucinada através das linhas inimigas. Conformara-se com essa ideia, uma vez que não tinha escolha. E o que o convencera de que esse era, dos males, o menor fora justamente a vontade de Rã. Tinha começado a treiná-lo sem muita convicção. Até observar que, depois de escurecer, o garoto continuava treinando e treinando, pensando que o professor dormia. Vira seu vulto brandindo o pedaço de pau que lhe servia de espada de exercício e, com o passar dos dias e das noites, a espada do cavaleiro. Rã só se permitia umas poucas horas de sono e nunca se queixava. Não, isso era segredo dele. Noite após noite, ia treinando a sequência de movimentos.

– Amanhã... amanhã vamos aprender algo novo – disse Dun-Cadal.

Pegou o cantil que estava a seus pés e o abriu devagar. Rã veio sentar-se a um canto da carroça, reclamando.

– Você sabe deter um golpe e já aprendeu a dar umas estocadas. Amanhã vamos ver como se ataca alguém pelas costas.

– Atacar pelas costas? – espantou-se Rã, puxando os joelhos para junto do peito.

Aquela era sua posição preferida, com a cabeça escondida atrás das pernas. Tal como quando Dun-Cadal o vira pela primeira vez.

– Isso é lutar sem honra! – resmungou Rã.

Dun-Cadal se obrigou a tomar um gole. O estranho remédio de Rã tinha provado sua eficácia, mas ele ainda precisava conter o vômito cada vez que o ingeria, mesmo que apenas uma gota. Engoliu antes de se inclinar para o garoto.

– Não há nenhuma honra em matar, menino. Nenhuma. – Sua voz de repente ficou séria,

pausada: – Pouco importa como você dá o golpe. Não há glória nenhuma em tirar uma vida.

Ouvia-se apenas o crepitar do fogo no crepúsculo e seus olhares não se apartavam. Por fim, Rã baixou os olhos para os próprios joelhos.

– O senhor não foi sempre um cavaleiro, não é?

Dun-Cadal colocou o cantil de volta a seus pés e estalou os dedos, bocejando.

– Não.

Com o pé convalescente, esfregou o chão diante dele, pensativo. O garoto não merecia saber mais a seu respeito. Se acabasse se abrindo com ele, as coisas seriam diferentes. Podia confiar nele a esse ponto? Afinal, era um filho das Salinas... um inimigo que salvara sua vida e, em vez de se refugiar em Forte d'Aed, rebelava-se contra os seus. Não seria capaz de entender a trajetória de seu mentor.

– O senhor já foi um assassino? – perguntou Rã sem nenhum constrangimento.

Surpreso, Dun-Cadal olhou para ele.

– Na sua opinião, qual a diferença entre um assassino e um cavaleiro?

Perplexo, Rã atçou o fogo.

– Um mata por dinheiro, o outro, por dever – disse ele por fim, incerto.

– Você tem uma visão bastante simplista disso tudo. – Dun-Cadal respirou fundo. – Acredite, um dia você vai entender.

Jantaram pouco depois, saboreando um coelho que Rã furtara no dia anterior no mercado de Forte d'Aed. Como era bom dar um tempo das rãs-colmeia! Naquela noite, trocaram palavras simples, chegaram quase a brincar um com o outro e adormeceram com a mente calma e serena, longe do tumulto da revolta.

O mês seguinte foi, com poucas diferenças, igual aos anteriores. Rã estava aprendendo o manejo da espada, os ataques furtivos, as defesas. E toda noite, quando julgava que seu mentor havia adormecido, repetia os movimentos estudados durante o dia. Enquanto a perna de Dun-Cadal se fortalecia, o garoto ganhava olheiras escuras. Mas o general nunca fez qualquer comentário. Via que ele penava, aguentava, se esfalfava até cair de joelhos, o rosto marcado pelo esforço. Rã, a cada vez, tornava a levantar sem que o mentor precisasse pedir. Até onde era capaz de ir? Assim como não o criticava, Dun-Cadal tampouco o elogiava. Limitava-se a ensinar-lhe, calando sua admiração quando o garoto encadeava os movimentos com uma careta e os músculos doloridos.

O general já tivera alunos mais talentosos, mas nenhum com aquela força de vontade próxima da loucura, que compensava todos os seus defeitos. Rã estava certo de que se tornaria o maior cavaleiro que o mundo já tinha visto. Passados três meses, Dun-Cadal começou a achar que ele tinha todas as condições para isso.

– Braço estendido. Falei para estender o braço.

No meio do capinzal, com o semblante fechado, o garoto apontava a espada do general à frente. O sol brincava de esconde-esconde com pesadas nuvens brancas orladas de cinza. No dia anterior, uma patrulha vinda de Forte d'Aed passara muito perto de onde acampavam. O cerco estava se fechando.

– Mais ereto – disse Dun-Cadal, erguendo o braço de seu aprendiz com o pedaço de pau. Rã dirigiu-lhe de esguelha um olhar sombrio, mas rapidamente voltou a atenção para a frente.

– Aparar!

Num movimento súbito, esticou uma perna para trás, flexionou a outra e puxou a espada em direção à cabeça.

– Cortar!

Ele a girou e golpeou o flanco de um inimigo imaginário.

– Seus pés, menino, preste atenção na posição dos pés.

– Estou prestando atenção – rebateu ele, relaxando a postura para descansar os músculos doloridos.

Fazia cinco horas que cortava o ar com sua lâmina sem fazer uma única pausa e era a primeira vez que se queixava. Dun-Cadal vinha esperando o momento em que ele daria mostras de impaciência. Sabia que o garoto era confiante demais, seguro demais, pronto para se jogar na boca do lobo. As linhas inimigas não haviam avançado. O Império não estava mais recuando. E eles iam sobrevivendo, ali, no meio do pântano.

– É mesmo? – Dun-Cadal sorriu, usando o pedaço de pau como se fosse uma espada. Girou-o no ar enquanto lentamente ia se posicionar na frente do menino. – Então retome a sua postura – ordenou.

Com um suspiro, Rã obedeceu.

– Aparar! – gritou o general, brandindo a espada de madeira à sua frente.

Rã aparou o golpe, mas sentiu uma pontada violenta na mão, no exato local onde o general tinha batido.

– Estocar!

Antes mesmo de concluir seu gesto, Dun-Cadal já dava um passo de lado e mergulhava em sua direção golpeando a perna estendida. Rã flexionou o joelho, reprimindo um grito. O pedaço de madeira o atingiu atrás da cabeça e em seguida, batendo em seu ombro, derrubou-o de lado.

Com metade do rosto na lama, o garoto praguejou, ofegante.

– Sua perna estava esticada demais. Ou seria cortada por uma espada, ou quebrada por uma clava – disse Dun-Cadal com calma. – Levante-se.

Rã levantou-se com uma careta. Sua fúria crescia. Pela primeira vez, foi tão forte que arruinou sua paciência.

– Estique bem o braço...

– Para que tudo isso? – fulminou o garoto. – Meu braço esticado? Meus pés aqui ou ali? Para quê? O senhor faz isso só para adiar nossa partida. Porque está com medo. Não é um grande cavaleiro. Salvei sua vida à toa. – Jogou a espada no chão com um ar enojado. – Teria sido melhor deixar que os ruargues o devorassem – resmungou, desviando o olhar.

– Então foi por isso...

A fisionomia de Dun-Cadal pareceu se abater, um magro sorriso riscando seus lábios. O garoto era um mistério para ele, e não via a hora de descobrir mais a seu respeito. Algo finalmente se desvendava. Curiosamente, percebeu que isso não o deixava indiferente.

– Foi só por isso que você me salvou.

Rã estava de costas para ele, as mãos nos quadris, contemplando o pântano ao longe.

– Para que eu ensinasse você a lutar, fugir das Salinas... e depois? – acrescentou Dun-Cadal.

Ele falava calmamente, o olhar fixo naquele garoto que salvara sua vida por interesse. Ficara tanto tempo de sobreaviso, fizera de tudo para não se apegar, mas, com o passar dos dias, tinha aprendido a gostar dele. Do que é que ele fugia para ter aquele imenso desejo de se tornar cavaleiro do Império?

– Rã, o que você vai fazer depois?

– Depois do quê? – exaltou-se o menino.

– Depois que a gente atravessar as linhas e encontrar meu exército...

Rã se virou devagar, o olhar ainda furioso, mas sua fisionomia já relaxando aos poucos.

– Eu disse que ia ajudá-lo a cruzar as linhas.

– Não foi para isso que você me pediu para treiná-lo. – Ele pareceu ficar incomodado e o general perguntou: – Do que você está fugindo...? – O garoto já não sabia para onde olhar, de repente ficou triste. – Rã...

– Não tenho mais nada aqui... – declarou. – Mais nada.

Dun-Cadal deixou que o silêncio se estendesse, na esperança de que o garoto o quebrasse com uma confissão. Mas não houve nada além do som do vento batendo no capim alto.

– Você quer lutar para matar pessoas, é isso – Rã não reagiu, então o general continuou: – Estou lhe ensinando a se manter vivo. Você vê diferença entre um assassino e um cavaleiro. Só que, agindo desse jeito, o que você quer é se tornar um assassino.

– Não, Pernalta... Não é isso, é...

– Desde o começo estou lhe ensinando a se manter vivo porque amanhã, quando tentarmos cruzar as linhas, não quero perder você.

– O senhor não entende, é... – De repente se calou, surpreso. – O que o senhor disse? – exaltou-se. – Acabou de dizer que...

– Você salvou a minha vida. Quase não se queixou, aguentou esses exercícios como poucos cavaleiros conseguiram fazer antes de você.

– O senhor acabou de dizer que...

– Eu respeito isso, garoto. Mas, se você não me escutar, vai acabar morrendo em combate. E eu nunca iria me perdoar.

Rã ficou quieto. Tinha ouvido muito bem. Ao vê-lo daquele jeito, Dun-Cadal percebeu que havia encontrado as palavras certas para obrigá-lo a refletir um pouco.

– Amanhã. Você está pronto – disse e voltou-se.

A voz de Rã o deteve:

– Não.

Dun-Cadal virou-se e surpreendeu-se ao ver o garoto com a espada na mão, o braço estendido.

– Me ensine mais – pediu Rã.

O vento no capim alto, o sol deslizando por trás das nuvens, o coaxar de uma rã ao longe... As Salinas estavam vivas, tranquilas, sem se preocuparem com os dois homens perdidos dentro delas.

Sem nem notarem que uma relação acabava de nascer, uma relação que iria mudar a história do mundo.

– Me ensine... Eu não estou pronto.

# 5

## LUVAS DE SANGUE

*Se houve um único herói  
nas Salinas,  
gravem apenas este nome:  
Dun-Cadal Daermon.*

A mão segurava o bastão para conferir a pegada. A madeira não podia nem escorregar do punho fechado nem se quebrar ao bater. Com um movimento do pulso, girou-o no ar e em seguida o deteve num gesto preciso. A madeira vibrou como se tivesse esbarrado em alguma coisa. Satisfeito, o cavaleiro aproximou o bastão de sua armadura gasta e pôs a palma da mão sobre a ponta aguçada. A arma estava afiada o bastante para perfurar o couro de um boi. Tirou a mão da ponta e seu olhar avistou o reflexo de um homem cansado na água estagnada. Tinha as feições marcadas de sal e o rosto queimado de sol. Sua barba denunciava os meses passados nas Salinas. Sentado à beira do pântano, já quase não reconhecia a si mesmo.

– Nem vai dar para furar uma armadura com isso – lamentou-se Rã atrás dele.

– O objetivo não é esse – respondeu Dun-Cadal calmamente.

Levantou-se, contendo um gemido quando sua perna parcialmente recuperada foi transpassada por uma dor como a de um punhal raspando o fêmur. Seus ossos iam aguentar. Ele ainda não estava velho. Era um general, tinha enfrentado outras batalhas, outras guerras. Seus ossos não iam se quebrar.

De pé junto ao cavalo, Rã mantinha os olhos baixos, nervoso. Segurava as rédeas sem convicção e dava a impressão de querer estar em qualquer lugar, menos ali. No entanto, algumas horas antes se mostrara mais animado ao deixarem o acampamento. Dun-Cadal deduziu dessa mudança de humor que ele tinha pressa de começar a lutar. O garoto ardia de impaciência e, à menor contrariedade, fechava-se como uma ostra. Se bem que ostras não ficam se queixando.

– Temos que nos apressar, também não vamos ficar aqui o dia inteiro.

– Vamos esperar anoitecer antes de fazer qualquer coisa – rebateu Dun-Cadal ao se juntar a ele.

Jogou-lhe a espada de madeira com um gesto preciso. Sem dificuldade, Rã a pegou no ar. Ele era ágil. Ansioso, mas ágil. Isso era bom.

– O bosque está a apenas uma hora de caminhada! – insistiu Rã. – Em duas horas, podemos sair da região! Há poucos soldados por estes lados. Já disse, vai ser brincadeira de criança.

Dun-Cadal avançou a fim de encará-lo. Esperava que ele tornasse a baixar os olhos, mas o garoto estava decidido a se fazer ouvir. Com um fino sorriso nos lábios, o general falou em tom suave:

– Em brincadeira de criança dificilmente se crava uma lança na nuca de um homem.

– Mas...

– Quando escurecer – insistiu Dun-Cadal montando o cavalo.

O animal perdera sua soberba, os ossos estavam salientes sob a pelagem marrom, as patas secas feito pedaços de gravetos velhos. Ainda assim, aguentara o tranco naqueles meses nas Salinas, transportando Rã várias vezes até Forte d’Aed. Nessas viagens, o menino não se limitara a roubar para comer, tinha também colhido informações importantíssimas sobre o andamento da revolta. Chegara a descobrir a localização exata das forças inimigas. E, depois de representar as linhas com ramos e pedras na carroça, esperou pela opinião do cavaleiro.

Dun-Cadal avaliou a situação e soube imediatamente por onde atacar. Para se garantirem, precisavam agir no escuro. Depois de rechaçar Azdeki e seus homens, os insurgentes tinham estendido suas forças por todo o norte das Salinas, constituindo uma muralha de vários quilômetros de acampamentos. Embora naquele exército improvisado somente poucos milhares fossem soldados aguerridos, o povo que pegara em armas não era menos temível. O grande número impedia Dun-Cadal de contar com uma entrada discreta. E foi com imenso alívio que vislumbrou uma possível brecha no alinhamento de madeira e pedras que representava a linha de frente. Ali estava ela, tão evidente! No local exato em que eles guardavam suas catapultas. Sem grande proteção, um pouco afastada dos acampamentos, oferecia o ponto de passagem ideal.



– Vamos parar aqui – ordenou Dun-Cadal.

Tinham finalmente chegado ao limite do bosque. Acima das copas se elevavam volutas de fumaça cinzenta. Os acampamentos dos insurgentes aticavam suas fogueiras à medida que o céu escurecia. Algumas estrelas brilhavam no crepúsculo, pouco incomodadas com as nuvens finas que se moviam suavemente diante delas. Ao canto das corujas que acordavam somava-se o doce farfalhar das folhas tocadas pelo vento da noite.

Dun-Cadal desceu do cavalo e se pôs a desselá-lo.

– Eles estão logo atrás deste bosque – afirmou Rã, olhando ao redor preocupado.

Temia que uma patrulha os descobrisse. Dun-Cadal achou graça. O menino precisava aprender a ser paciente e a usar o pouco de quietude que ainda tinham para aplacar sua ansiedade, que seria

capaz de paralisá-lo na hora do combate.

– Eu sei – murmurou o cavaleiro.

Jogou a sela ao pé de uma árvore, tirou as cilhas do cavalo e deu-lhe um tapa na garupa. Quando o animal se tornou apenas um vulto galopando rumo à escuridão dos pântanos, Rã se aproximou de seu mentor.

– O senhor gostava dele?

– Era só um pangaré. – Dun-Cadal sorriu.

– Não... não do cavalo.

Seu sorriso se desfez à lembrança de Tomlinn sendo abocanhado por um ruargue. Seu olhar vagueou ao longe, sombrio como seus pensamentos.

– Ele era um bom general, um nobre cavaleiro... – Virou-se bruscamente e, pondo uma mão pesada no ombro do garoto, acrescentou: – E, antes de mais nada, era meu amigo...

A passos lentos, galgou a pequena colina embrenhada no bosque. Rã o seguiu.

– Estávamos cientes do perigo. Só que eu achava que ele ia morrer sob uma saraivada de flechas, e não entre reles caninos.

Quando se encostou numa árvore para recobrar o fôlego, reparou na expressão preocupada de seu discípulo. Preso ao cinturão, o pedaço de madeira talhada pendia como uma espada. Um mero pedaço de pau... para enfrentar armaduras. De esguelha, observou sua própria arma, cujo cabo reluzia junto a seu corpo. Seria possível saírem assim das Salinas? Será que realmente acreditava nisso? Um cavaleiro ainda manco e um... moleque dos pântanos que tinha, como única arma, uma espada de madeira.

– Você sabe o que o espera por lá? – perguntou com voz rouca.

– Eu... sei, nós vamos lutar para...

– Não é isso – interrompeu o cavaleiro, balançando a cabeça. – Você está pronto para matar? – Fez-se um longo silêncio, tão pesado que Rã desviou o olhar. – Não existe nada pior, Rã, nada pior que ver alguém morrendo. O último sopro, o último brilho de um olhar fitando o seu. Não é brincadeira. Não tem nada de inofensivo.

– Eu estou pronto.

– Não são só eles que você vai matar. Qualquer que seja o motivo dos seus atos, quer você os justifique ou não, nunca haverá desculpa para ceifar a vida de quem quer que seja.

– Eu estou pronto – repetiu Rã, insistindo.

– Escute o que estou dizendo! – bradou Dun-Cadal, afastando-se da árvore em que estava recostado.

O garoto fez um súbito gesto de recuo, espantado com o clarão de ira que viu nos olhos do cavaleiro.

– Você é apenas um menino. Como vai se sentir quando enfiar esse pedaço de pau na carne de um homem? Vai desmoronar?

– Nunca! – exclamou Rã entre os dentes.

– Você vai matar sua inocência também, meu rapaz. E, acredite, quem mais lamenta isso sou eu. – Com um olhar hesitante, o garoto assentiu e Dun-Cadal continuou: – Por outro lado, como você

mesmo disse, a gente pode conseguir... e eu sou louco o suficiente para acreditar em você.

Com pulso firme, bateu na casca de um pequeno freixo. Não que a dúvida o estivesse invadindo antes da louca investida, mas o medo ia aos poucos lhe dando um nó no estômago. Quantos já não vira, pouco mais velhos que ele, partir cheios de brio para a batalha e caírem de joelhos, aos prantos, no meio da luta? Como seria com seu pupilo? Era só um moleque... apenas um moleque.

– Não tenho mais nada para fazer aqui – declarou Rã. Sua voz estava fraca, mas seu tom continuava firme. – Aqui... eu não sou mais nada.

Dun-Cadal virou-se para ele, pensativo. A oportunidade era boa demais.

– E antes... quem você era?

Rã lançou um rápido olhar para os pântanos banhados pelo anoitecer.

– Ninguém interessante – revelou, como quem faz um comentário sobre o tempo. – Um menino... que não dava muito certo. Nunca tive grandes talentos.

– E agora tem?

O menino lançou-lhe um olhar capaz de fazer estremecer o mais corajoso dos homens. Determinado, ardente, intenso... ninguém poderia detê-lo.

– Pelo menos tento dar o melhor de mim.

*O que mais poderia lhe pedir?*, pensou o cavaleiro. Uma coruja pairou acima deles. O vento aumentou, curvando o capim ralo que pisavam. O som da água do pântano já não parecia mais que um murmúrio distante. As terras dos antigos reinos, das quais apenas a linha de insurgentes os separava, se estendiam para além da floresta. Dun-Cadal sentou-se ao pé do freixo mais próximo e ergueu os olhos para o céu.

– Vamos esperar aqui. Atacaremos no meio da noite, quando estiverem com a vigilância meio... sonolenta.

Esboçou um fraco sorriso enquanto Rã vinha para junto dele. O garoto hesitou, como se esperasse a permissão de seu mestre para se sentar. O general desviou o olhar, arrancou um talo de capim num gesto curto e o levou à boca. Mascando, deixou o olhar vagar sobre as sombras crescentes no limite da floresta. Rã se acomodou à sua direita, com um ar ausente. O piar da coruja rompeu o silêncio.

– Lembra o que eu lhe ensinei? – perguntou Dun-Cadal de repente, sem nem encará-lo.

– Lembro – respondeu Rã, indolente.

– Lembra o que eu lhe pedi para fazer?

– Lembro. – Com o braço esquerdo, fez um gesto de que agarrava algo e fingiu dar um golpe com a mão direita. – Quando atacar um guarda pelas costas, tenho que imobilizá-lo e desfechar um golpe, um só, debaixo da omoplata.

– E a mão?

– Ponho na boca dele para abafar o grito. Tudo ao mesmo tempo.

– Muito bem. – Dun-Cadal suspirou. – Nada além disso, nada de confronto direto... – De soslaio, observou o garoto, que, cabisbaixo, puxava casualmente a grama entre as pernas afastadas. – Você não gosta disso, não é?

Esperou um instante pela resposta. Como o garoto se manteve calado, o cavaleiro continuou:

– Você queria um ataque mais grandioso. Queria enfrentá-los. Estou enganado ou essa é a ideia que você tem dos cavaleiros? Bravos, corajosos... É isso? Enfrentá-los como se enfrenta a morte...

– Faço o que senhor me mandar fazer – murmurou o garoto.

– Muito bem. – Dun-Cadal parecia satisfeito. Observou as estrelas que se iluminavam, uma a uma, no céu cada vez mais escuro. – Está vendo estas luvas? – Sem tirar os olhos do espetáculo celeste, estendeu para Rã as mãos enluvadas de ferro, certo de que a curiosidade o impeliria a olhar. – Não parece, mas estão cobertas de sangue. Das batalhas, dos combates, mas não só.

– Não vejo sangue nenhum – observou Rã com voz fraca.

– Não? É que não dá mais para notar, mas eu sinto. No fim das contas, é o que importa. Nunca se eximir, assumir o que se faz.

– O senhor não foi sempre cavaleiro, certo?

O garoto já lhe perguntara isso uma vez. Na verdade, era mais uma afirmação do que uma pergunta.

– Não. Antes de ser cavaleiro, eu fui algo que você não ia querer ser. – Virou-se para o menino, curioso para ver sua reação. – Um assassino – confessou.

Rã nem pestanejou. Sustentou seu olhar, sobrancelhas levemente franzidas, esperando que ele continuasse.

– Não vi grande diferença entre os atos que cometi como assassino... – continuou o general – e os que perpetrei como cavaleiro do Império. A cada vez, a vitória ou o sucesso, chame como quiser, exigia que eu matasse algumas pessoas. Pessoas que certamente tinham família, amigos... obrigações. – Sua voz estava ficando rouca, o tom, mais grave, e seu olhar, cada vez mais esquivo. – Então, que diferença faz matar as pessoas de frente ou pelas costas? Desde que seja rápido e bem-feito, sem que elas tenham que sofrer antes de ir para o céu... Faça rápido e bem-feito, Rã.

Fitou-o demoradamente.

– Vou fazer – prometeu o garoto.

Sem tirar os olhos de seu mentor, calçou as luvas de lã remendadas que roubara dias antes de um comerciante de Forte d'Aed.

Sua tranquilidade fingida não enganava um homem habituado à guerra como Dun-Cadal. Quantas vezes já não vira jovens soldados – até mesmo mais velhos que Rã – ostentarem a mesma rigidez, esperando com isso disfarçar o medo que os abalava por inteiro. Não, ele não se iludia, muito menos ao fitar as mãos com luvas de lã que o garoto não parava de esfregar uma na outra. Isso não tinha a ver com frio. Rã tentava se acalmar do jeito que dava, e o general sabia disso. Assim como adivinhava o verdadeiro motivo desse roubo: as luvas decerto evitariam que as mãos do garoto ficassem manchadas de sangue.

Vã esperança.

As horas que se seguiram pareceram dias. Quando finalmente Dun-Cadal se levantou, uma faixa brilhante cruzava o firmamento, como que para conduzir os homens de um lado a outro da Terra. Nenhuma nuvem turvava o cintilar das estrelas. O vento balançava as folhagens de mansinho. Ouviu-se um estalido seco. Dun-Cadal olhou por sobre o ombro e viu Rã imóvel, um pé ainda pousado num galho quebrado.

– Cuidado onde pisa. Não podemos errar. – Virou a cabeça, o queixo roçando o ombro, olhos semicerrados. – Não vou esperar por você – sussurrou, antes de puxar a espada.

Em silêncio, embrenhou-se na floresta. Dava o sinal da partida sem tê-lo claramente anunciado. Havia uma única recomendação importante: “Cuidado onde pisa.” Um só passo em falso era morte na certa. Insistira muito nesse ponto. O plano havia sido compreendido, repassado e decorado nas últimas semanas, principalmente naquele último dia. Rã lhe dera todas as indicações possíveis sobre o número de soldados, seu posicionamento, a troca da guarda. Muitos homens, apenas de passagem por Forte d’Aed, tinham se mostrado tagarelas nas mesas das tabernas. Para que sobrecarregar esse momento com palavras inúteis? Só a ansiedade já pesava o suficiente. Ele observara Rã treinar exaustivamente, vira quanto o menino progredira num curto período. Era supérfluo encorajá-lo, seu orgulho lhe bastava. Embora continuasse a chamá-lo afetuosamente de “moleque”, já o considerava um soldado. Um homem de guerra não precisava de tantos cuidados.

Restava apenas o som do vento na vegetação, e suas roupas roçando os galhos se mesclavam facilmente com ele. Ninguém os escutaria chegar. Uma coruja bateu asas nervosamente antes de alçar voo. Depois de meia hora se esgueirando silenciosamente na floresta, chegaram aos seus limites. Dun-Cadal se ajoelhou e, fazendo um rápido gesto, ordenou a Rã que se abaixasse. A alguns passos dali, ao pé de uma última faia, começava uma fileira de tendas cinzentas remendadas. O acampamento se estendia à esquerda e à direita, ocupando uma área larga e comprida salpicada de inúmeras fogueiras. Vultos armados de lanças andavam lentamente pelas veredas. Seriam tão numerosos assim? Como era possível? Não podiam ser todos das Salinas... Ou então eram de fato todos os habitantes, crianças, velhos e adultos, que se insurgiam contra seu Império. Dun-Cadal afagou a grama com a ponta dos dedos. Aquela era a última chance de recuar, mudar de ideia, adiar aquela maluquice para o dia seguinte... Ali, naquele instante, o futuro estava sendo decidido.

À sua frente se erguiam cerca de cinquenta catapultas. Quatro homens apenas pareciam vigiá-las, armados de lanças fabricadas às pressas. A poucos metros dali, contudo, se estendia a maior parte do acampamento. Abrigados por tendas iluminadas, mais homens faziam a vigilância. Por sorte, os soldados de carreira, que de fato entendiam de combate, encontravam-se mais adiante. Os homens nas catapultas eram novatos. E idiotas. Dun-Cadal surpreendeu-se ao ver os braços deles dobrados à luz das tochas altas. Os receptáculos estavam carregados com bolas de pedra sujas de graxa. Seu corpo inteiro se retesou ao avistar a tocha que iluminava o conjunto. Cretinos... Estavam preparados! As catapultas estavam prontas para atirar! Só restava uma saída, um jeito possível de escapar.

Bem devagar, o general avançou curvado. O primeiro guarda não percebeu nada. Mal sentiu a lâmina perfurar seu músculo, subindo atrás da omoplata, quando uma mão pesada cobriu sua boca para conter a exclamação de surpresa. O cavaleiro desceu cuidadosamente o corpo até o chão e, com o olhar fixo nos dois outros soldados postados ao pé da catapulta, fez sinal para que Rã se aproximasse. Mostrou-lhe então o último soldado, que urinava junto ao poste de uma tocha alta, e apontou com um dedo autoritário a cerca que circundava o acampamento. Na noite clara,

distinguiu-se claramente o contorno dos cavalos pastando. Tudo estava correndo melhor do que o previsto. Para Dun-Cadal, os dois guardas junto à catapulta e, para o pequeno, o último soldado, que, assobiando, tratava de fechar o cinturão.

Tal qual um predador cercando cuidadosamente a presa, ele avançou lentamente, as costas inclinadas, os joelhos flexionados. Atrás dele, Rã adotou a mesma postura e se dirigiu para o guarda ao pé da tocha. Só mais alguns passos. Com o canto do olho, Dun-Cadal viu o menino segurando o pedaço de madeira com toda a força, enquanto sua outra mão tremia. Torceu para ele se lembrar dos gestos tantas vezes repetidos nos mínimos detalhes. O braço à altura do pescoço para sufocar o inimigo, um golpe rápido logo abaixo da omoplata, subindo em direção ao coração. Rápido. Preciso. Discreto. Não vacilar. Não recuar. Não hesitar. Dessa vez ele não estaria ali para protegê-lo. Aos poucos, foi se distanciando de Rã.

O vulto do cavaleiro deslizou rente às enormes rodas das catapultas. Sua sombra se dividia na madeira maciça da base das máquinas. A luz das tochas criou um brilho fugaz na ponta de sua espada. Dun-Cadal olhou para o chão. As rodas tinham sulcado a terra numa curva. Uma coisa era eles terem armado as catapultas para poderem usá-las o mais rápido possível, mas posicioná-las daquela maneira, sem perceber que nenhuma delas apontava para a linha de frente, era um erro grosseiro.

Deteve-se por um momento, percorreu o acampamento com olhos habituados a espreitar qualquer movimento suspeito, então fez seu aprendiz parar.

Rã por pouco não tropeçou numa raiz.

*Santa Miséria, o foco, mantenha o foco e olhe para a frente!*, praguejou Dun-Cadal em sua mente. A poucos passos do garoto, o guarda tornava a pegar sua lança, encostada no poste em que acabara de urinar.

*Não vacile, menino. Não recue*, repetia o general para si mesmo, como se esperasse que seus pensamentos influenciassem o comportamento de Rã. Era o menino que, naquele momento, ia mostrar do que era capaz. Seu valor seria julgado no exato instante em que cravasse o pedaço de madeira entalhada no...

– Ei!

Dun-Cadal estacou junto a uma larga roda de madeira, à sombra da catapulta. Mal esboçara um movimento, já prestes a se jogar sobre os soldados, quando Rã deixou-se cair ao seu lado enfiando a cara na grama. O general se conteve para não intervir, mão crispada no punho da espada.

– Foi assim que lhe ensinaram a montar guarda? – bradou a mesma voz.

O garoto desaparecera no meio do capim, o que era muito bom, já que os dois insurgentes estavam bem perto dele.

– O quê? Eu só estava mijando...

Perto, tão perto dele... Não distinguiram, porém, o contorno de seu corpo estendido no escuro. Dun-Cadal observava os homens enquanto considerava todas as possibilidades, desde um ataque inconsequente por parte de seu aprendiz encurralado até a eventualidade de ele ficar paralisado de medo. Independentemente do que acontecesse, o general estava pronto para agir, sua mão

apertando o punho da espada com tanta força que já não sentia a ponta dos dedos.

– Nunca saia do seu posto sem avisar os outros! – repreendeu o homem.

– Chegamos ontem, capitão – defendeu-se o soldado, insolente. – Não sabemos o que fazer, ora. Só nos mandaram alinhar as catapultas.

– De onde vocês são?

– De Avrai, capitão. Somos quinze.

Mesmo de longe, Dun-Cadal notava o brilho das botas limpas, mas surradas. O soldado devia pertencer à guarda do falecido conde de Uster. Dun-Cadal tinha certeza disso. Encostou-se na catapulta e examinou o homem forte, com uma larga espada no cinturão de couro, que repreendia o guarda amador. Fomentar uma revolta com apoio popular era uma coisa. Outra, bem diferente, era manter dentro da ordem pessoas para quem essa revolta não era nem vocação nem dever.

Traçou com o olhar a trajetória da bala e seu sorriso ressurgiu, mesclado a uma estranha animosidade. O acampamento...



– Vocês têm sempre que... – tentou prosseguir o oficial, mas sua voz se embargou quando reparou no inacreditável alinhamento das catapultas. – O que foi que vocês fizeram?

– A gente alinhou as catapultas, ué.

O oficial deu um passo à frente. Só um. Na penumbra, seu olhar experiente vislumbrou o contorno de um corpo caído. Ao som da espada sendo puxada da bainha, o aprendiz de Dun-Cadal reagiu. Medo ou coragem? Tanto fazia. Ele rolou para o lado, apanhou alguma coisa e se levantou. Com o coração disparado, Dun-Cadal esperou.

*Vai, menino... vai...*

– Você...?! – espantou-se o homem. – Mas como?

Estava com a espada na mão, pronto para estender a perna e atacar o intruso, mas ficou ali parado, surpreso. Tinha ombros largos, a cabeça calva, o lábio cortado. No seu rosto, uma cicatriz partia do olho direito e terminava no lábio superior.

*Agora, suplicava Dun-Cadal, andando rente à catapulta sem tirar os olhos de Rã. É agora ou fuja.*

– O que você...?

A madeira perfurou a garganta com tamanha violência que nem a vítima nem seu colega tiveram tempo de reagir. Rã berrou e, movido por uma fúria ensandecida, largou o ferido e o empurrou com um pontapé. Agitando freneticamente as mãos, o oficial tentava arrancar o pedaço de madeira enfiado em seu pescoço. Arrotava sangue com uma careta, a cabeça jogada para trás. Em convulsões, desabou no chão aos pés do soldado aturdido, que reagiu desajeitadamente, apontando a lança para o garoto com mãos trêmulas. Seu olhar parecia perdido. Pingava suor por debaixo do capacete amassado, riscando linhas imperfeitas na pele morena da testa. Suor... igual às lágrimas que escorriam sinuosas de seus olhos embotados.

Dun-Cadal não podia mais esperar. Inspirou profundamente, fazendo uma careta pela dor que lhe dilacerava o peito, e imaginou a tocha partindo-se ao meio. As chamas lamberam a bola de graxa em seu receptáculo.

No cercado, os cavalos se agitaram. No chão, o capitão estava imóvel, o olhar vidrado.

– Toque o a... – começou uma voz ao longe.

O restante da frase foi encoberto por um estalido seco seguido de um silvo. Uma bola de fogo subiu aos ares formando um arco perfeito e se precipitou rumo às tendas centenas de metros adiante. Vieram as chamas e, com elas, os gritos. Uma sombra corria por trás das catapultas, precedida pela queda das altas tochas. Quando caíam, seu fogo abrasava as balas dentro dos receptáculos. Os cavalos relincharam.

Dun-Cadal controlava melhor a respiração, puxando à sua frente um fio invisível como se agarrasse as tochas. Usava o Sopro para movê-las, sumir na escuridão feito um fantasma e, sem desferir um golpe sequer, acionar o braço armado de cada balista. Quando julgou já ter semeado caos suficiente no acampamento, pulou sobre a roda de uma das catapultas. Abaixo dele, dois guardas olhavam, estupefatos, o garoto enfrentar um dos soldados à luz das chamas que tomavam o acampamento. Não tiveram tempo de entender o que caíra em cima deles. Uma espada furou a axila de um, no espaço entre a leve armadura e o braço, antes de descrever um círculo avermelhado de sangue e abrir um talho profundo na garganta do outro.

– Menino! – berrou o general.

Poucos metros adiante, no limite do acampamento, Rã estava desamparado. Diante dele, o soldado já estava sem nenhum aprumo, hesitante, a lança tremendo nas mãos. Tentou uma investida. Rã imediatamente recuou e caiu sentado. No fundo escuro das tendas lambidas por chamas amarelas coroadas de vermelho-sangue, esboçaram-se os vultos trêmulos de soldados acorrendo. A surpresa já passara.

– MENINO! – bradou Dun-Cadal correndo até ele.

O guarda vislumbrou, na escuridão, uma forma opaca vindo em sua direção.

– Estamos... estamos... – gaguejou. – ESTAMOS SENDO ATACADOS!

Foi o necessário para o medo obrigá-lo a fugir. Largou a lança sem se preocupar com o garoto e desapareceu por entre as tendas. Surgiram vozes ao longe. Homens se aproximavam e o tilintar das espadas nas armaduras ressoava como um carrilhão. Ao se aproximar do discípulo com uma das mãos na perna, Dun-Cadal conteve um gemido. Tinha se esforçado demais, seus ossos e músculos vinham lembrá-lo de que ainda não estava curado. Ao se ajoelhar, segurou o braço do garoto e os dois se levantaram cambaleando.

– Venha! – ordenou o general. – Venha comigo!

Em poucos passos, alcançaram a cerca. Uma flecha passou zunindo perto de seu ouvido.

– Suba, garoto! Depressa!

Abriu a porteira e empurrou Rã na direção dos cavalos. Uma flecha se cravou no chão diante dos seus pés. Viu, num relance, um arqueiro próximo às tendas armando outra flecha, sua fina silhueta aureolada pelas chamas. Mais soldados surgiam, meros vultos, meras sombras se destacando no acampamento abrasado. Rã se agarrou ao pescoço de um dos cavalos e montou;

por pouco não caiu quando o animal empinou relinchando.

– Corra! – ordenou Dun-Cadal com uma expressão sombria.

– Mas... e o senhor... – gaguejou o menino.

– Corra! – berrou o general, cheio de fúria.

*Há uma lenda que diz...*

Com a mão firme, deu um tapa na garupa do cavalo em que Rã estava montado e o animal disparou num galope.

*Não é uma lenda, eu estava lá, nas Salinas, e eu vi!*

Noite adentro, o cavaleiro logo transformou-se num vulto confuso. E Dun-Cadal deu meia-volta.

*Eu também estava lá, e ele estava ali, sozinho.*

Eram uns vinte ou mais, correndo enquanto ele mancava em direção às catapultas. Grunhindo, aparou uma flecha com um golpe da espada.

– Faz meses... meses que estou aqui. Vocês não iam querer que eu cedesse agora, no mais... – resmungava ele.

*Há uma lenda que diz que um homem, sozinho, enfrentou as Salinas e incendiou nosso exército.*

Ele parou diante das catapultas, forçando a respiração, a perna rebentando de dor.

– Eu sou Dun-Cadal Daermon, da casa Daermon! Gravem este nome! – clamou, enquanto os vultos se lançavam sobre ele.

Sem se mover 1 centímetro, aparou um golpe à esquerda, outro à direita. Sua respiração foi ficando lenta, suave, fresca como o vento acariciando a relva. Sentia a vida ao redor, cada grama, cada árvore, cada coração que dava vida ao que o cercava. Rechaçou as investidas, em seguida golpeando, cortando, talhando com a lâmina afiada, batendo com o punho da espada. Chegavam mais homens, sempre mais, e ao longe havia a sombra dos arqueiros erguendo os arcos em sua direção.

Seu coração desacelerou, sua visão se tornou mais clara, e foi como se ele estivesse em todo lugar ao mesmo tempo, intuindo cada movimento, ouvindo cada respiração, até sentir o sangue escorrer das feridas. Ele estava pronto.

*Não é uma lenda, eu lutei contra ele... e fugi como todos os outros.*

Ajoelhou-se e bateu no chão com o punho da espada, um golpe, apenas um. E um potente Sopro se estendeu, tal uma onda causada por uma pedra lançada num rio. Aqueles que o atacavam foram jogados a uns 10 metros de distância. As flechas se voltaram contra seus arqueiros, as chamas aumentaram, as tendas oscilaram, as catapultas tombaram de lado.

*Ele causou mais estragos do que dez mil de seus homens no cerco de Forte d’Aed! Dele nós sentimos medo... Não se tratava de um simples general...*

Mais adiante, na relva, soldados gemiam. Alguns estavam apenas atordoados; o general, por sua vez, juntou as últimas forças para ir até o cercado.

*Se houve um único herói nas Salinas, gravem apenas este nome...*

Lançou-se num galope, correndo igual a um fantasma noite adentro, deixando para trás uma paisagem de chamas vorazes e corpos atordoados. Quando chegaram os reforços àquela parte do

acampamento, os sobreviventes, com os rostos lívidos, as mãos trêmulas, tinham apenas um único nome a dizer:

*Dun-Cadal Daermon.*

# 6

## UM FILHO

*Que ironia...  
Eu sempre soube dar a morte...  
nunca soube dar a vida...*

— **P**alavras são como fitas em torno de um embrulho, sabe...

As velhas mãos tarimbadas seguravam um caneco de vinho. Seu olhar se perdia no líquido vermelho-sangue na esperança de afogar suas lembranças, essas imagens fugidias mas cortantes, esses vultos que tinha odiado, amado, detestado, protegido...

– Fala-se muita coisa, mas as palavras estão bem longe da verdade.

Ouviu-se um rangido quando Viola puxou uma cadeira para se sentar. Fora tão fácil encontrá-lo de novo, naquela taberna onde tinham conversado no dia anterior. Depois de perseguir o assassino, Dun-Cadal tinha ido para lá, sentindo calafrios. Ali estava o que poderia acabar com suas dores morais e físicas... ou pelo menos entorpecê-las. Já estava na sua segunda jarra de vinho. Além dele e da moça, só havia um pobre velho sentado a uma mesa próxima da janela, dispondo cartas de tarô em silêncio.

– As palavras revestem tudo.

Com as costas curvadas, ergueu o rosto e sua fisionomia se abrandou ao cruzar olhares com a moça, seus olhos verdes e serenos. Ela era tão calma, doce e bonita, pequenas sardas constelavam sua face. Os lábios rosados se entreabriram, mas nenhuma palavra surgiu. Ela apenas o escutava, ele, o remanescente de uma época gloriosa, inútil como uma espada embotada.

– Ouvei dizer que quando fugi das Salinas enfrentei nada menos que trezentos homens – disse ele com um riso estranho. Baixou os olhos, pensativo, meneando a cabeça. – Mas eu contei, sabe. Sempre soube contar depressa... – Falava sem esperar resposta, como se conversasse consigo mesmo. – Eram quinze. Quinze garotos de uns 20 anos no máximo. Nem um pouco treinados para a luta. Quinze, sendo dois na retaguarda disparando flechas. – Fitou mais uma vez o olhar

impassível de Viola. – E foi assim que me tornei uma lenda... Sem ganhar batalha nenhuma. Só dei um susto neles. Essa história correu de boca em boca, de aldeia em aldeia. Feito um floco de neve que acaba virando avalanche. As palavras revestem tudo. Uma história de nada ganha uma amplitude... gigantesca...

Fez uma pausa e levou o caneco à boca. Com a borda encostada nos lábios rachados, fez uma careta.

– E esta é sua figura histórica, Viola-não-sei-do-quê da cidade republicana de Émeris...

Esvaziou o caneco com um só gole e largou-o na mesa com um gesto brusco. Tudo nele parecia desmoronar e seu corpo estava tão ressecado que já não era nem capaz de chorar ao pensar na própria sorte.

*Me ensine... Eu não estou pronto.*

Seus pensamentos se perdiam num passado despedaçado, dilacerado... ainda sangrento.

– Mataram um conselheiro. Em plena luz do dia – contou Viola. – Massália está em pânico.

Assassinaram um homem da República.

– E não vai ser o último – resmungou Dun-Cadal.

– A guarda republicana está no encalço do assassino.

– E vai continuar atrás dele amanhã...

Ela pôs delicadamente as mãos na mesa e piscou como quem tenta aplacar uma irritação qualquer.

– O senhor sabe quem foi, não é? – indagou.

– O conselheiro?

– Não, o assassino...

Ele se recostou no espaldar da cadeira, perplexo. Aquilo estava muito além das atribuições de uma historiadora. Será que ela estava descobrindo em si mesma uma paixão pela justiça?

– Mesmo que soubesse, o que isso mudaria?

– Tem algo a ver com a sua história, não tem? – Ela fez um muxoxo, um brilho malicioso surgiu em seu olhar. – Eu sou... historiadora – acrescentou.

– E a espada?

– O senhor vai entregá-la para mim, eu sei ser persuasiva – afirmou ela, inclinando-se de leve sobre a mesa. – Sua história também me interessa.

Ele pegou a jarra e encheu seu caneco, suspirando.

– E por que acha que vou querer contá-la?

– Porque já começou...

Fitando o vazio, ele colocou a jarra na mesa. Ela estava certa. Terrivelmente certa. Seu cheiro de lavanda o enfeitiçava. Tinha vontade de confiar nela sem pensar nas consequências. Mildrel o havia alertado, mas ele não se importava. Algo nela despertava sua confiança. Ou então estava mesmo com vontade de confessar tudo, de extravasar algo que era um grande peso, que o impedia de seguir em frente. Pensativa, ela fitou suas mãos unidas. Sem pressa, avaliava cada palavra. Dun-Cadal a observava, curioso, enquanto ela hesitava.

– As pessoas ainda acreditam no *Liaber Dest*. Eu nunca soube direito se devia acreditar ou não.

Sou uma cria da República, não é mesmo? – disse ela por fim e lançou-lhe um sorriso sem jeito. – O que eu sei é que, depois que fui embora da minha aldeia, conheci pessoas que se referiam ao Livro Sagrado. Sempre achei estranho que elas... acreditassem numa coisa sem terem nenhuma prova de sua existência. Para mim é mais... complicado ainda, agora que sou historiadora. A Ordem de Fangol não gosta da ideia de que podemos... reestudar a História, essa que até então só eles eram autorizados a contar. Chegaram a dizer que andavam querendo... como era mesmo?... Ah, sim, que andavam querendo “reescrever a História”...

Viola conteve uma risadinha nervosa. Dun-Cadal a escutava com paciência, sem entender aonde ela queria chegar. Observava enquanto ela procurava as palavras certas. E não sentia nenhum prazer nisso. Simplesmente esperava, apático.

– Em suma... isso tudo para dizer que não tenho de fato uma opinião formada sobre o *Liaber Dest*, nem sobre as suas crenças – continuou ela. – Mesmo sabendo perfeitamente que alguém como o senhor sempre teve fé. Quer dizer, se o que dizem sobre o *Liaber Dest* for verdade, se o destino dos homens está mesmo escrito nele, então já está tudo decidido, não é? Estava escrito que o grande Dun-Cadal acabaria aqui, à beira da morte.

– Você acha que estou às portas da morte? – zombou ele.

Uma rápida olhada para o copo cheio trouxe a resposta. O que veio em seguida encerrou suas reticências.

– Pelo menos as chaves o senhor tem – respondeu ela com objetividade. – Após esses anos todos, depois da queda do imperador e da sua vida errante, nunca sonhou em conhecer alguém como eu? Nunca teve a esperança de que alguém pudesse se interessar pelo senhor? Por tudo o que fez? Pois o senhor foi importante. Se chegasse esse momento, se chegasse alguém disposto a escutá-lo, iria deixar a oportunidade passar? Não achava que estava escrito que, um dia, o general Daermon iria poder dizer a sua verdade?

Ele desviou o olhar. Viola tinha resposta para tudo. O que ele podia rebater? Havia anos tentava esquecer aquilo que fora e aquilo que se tornara. E ela exigia que ele a levasse até a antiga espada, símbolo de um Império destruído. Mesmo tendo a espada como objetivo, também estava interessada no homem. Com certeza ele negaria se alguém o questionasse sobre o assunto, mas o interesse dela mexia com ele. Ninguém se preocupava com Dun-Cadal, com exceção de Mildrel, e o que era pior, ninguém em Massália se importava com tudo o que tivera que enfrentar em sua longa vida.

– E, se eu decidir lhe contar a minha história – ele suspirou –, por onde devo começar?

– Que tal começar com Rã?

Os olhos verdes de Viola o enredaram; ele tinha a impressão de não ver nada além deles. A taberna sumira, seu sangue corria quente nas veias, seu corpo inteiro estava envolto em algodão. Somente aquele olhar brilhante parecia mantê-lo acima da maré, tal qual um farol guiando um marinheiro perdido.

– Rã – repetiu ele, assentindo lentamente.

E então começou a contar.

Contou seu encontro com o garoto nos pântanos, os meses passados nas Salinas curando sua

perna ferida até a louca escapada durante uma noite estrelada. Relembrou sua fuga, sem se ater a detalhes que lhe pareciam inúteis, contou como tinha ido ao encontro de Rã na planície que se abria além da floresta. Tudo voltava à sua memória como se tivesse acontecido na véspera. Revia claramente o semblante de seu jovem aprendiz, contorcido de dor. Não, o sofrimento não era físico. O garoto tinha matado um homem e não conseguia esquecer sua expressão de espanto, imobilizada para todo o sempre, a ponta de uma espada de madeira cravada no pescoço, a carne rasgada da qual brotava um jorro vermelho ininterrupto, um líquido fumegante e gosmento. O general sabia quanto essa imagem do sangue escapando do corpo e, com ele, a vida de um homem, manchava a mente para sempre. Relatou em poucas palavras a viagem dos dois até Émeris, mencionando rapidamente a parada em Garmaret, onde o exército imperial se posicionara depois de ser rechaçado das Salinas.

Não, só o que importava era a chegada deles a Émeris...



– De que tamanho ela é? – indagou Rã.

– De que tamanho? – O mentor riu.

Fazia um ano que se conheciam. Cavalgando numa trilha margeada de carvalhos, pareciam dois viajantes exaustos, com suas amplas capas negras manchadas de lama. O vulto franzino do rapaz estava mais encorpado e havia quem visse nele o prenúncio de um homem; o menino ficara nas Salinas, junto com o corpo do capitão calvo. Sob o capuz, seu olhar continuava sombrio, mas suas feições tinham se suavizado.

Dun-Cadal também havia mudado. Seu rosto encovado pelos meses de fome nos pântanos tinham readquirido sua forma bruta. A barba incipiente mostrava que voltara recentemente para a estrada, depois de uma parada que lhe propiciara um mínimo de conforto: banho quente, comida, cama macia...

Haviam se passado dois meses desde a fuga, um mês desde a escala no forte de Garmaret. Nas últimas semanas, tinham percorrido os antigos reinos e percebido que a revolta se espalhava feito gangrena, devorando os quatro cantos de um Império enfraquecido.

Lutaram, enfrentaram muitos perigos... mas só o que contava era sua chegada a Émeris. Ao longo do trajeto, ele e o menino tinham aprendido a gostar um do outro.

Dia após dia, o menino progredia. Dia após dia, chegava mais perto de se tornar o que prometera a si mesmo. E, dia após dia, Dun-Cadal sentia um orgulho que disfarçava por trás do semblante duro e autoritário. Nenhum elogio, nenhum estímulo, apenas alguns acenos satisfeitos. O menino não dava mostras de se incomodar com isso.

– É duas vezes maior que Forte d'Aed? – perguntou Rã.

Por sobre o ombro, Dun-Cadal lançou-lhe um sorriso zombeteiro.

– Três? Dez vezes? – sugeriu o garoto, cada vez mais espantado.

– Você mesmo vai dizer, menino.

Em meio às árvores, que lembravam um corredor de honra, o caminho sumia à frente. À medida que avançavam, voltou a aparecer a trilha sinuosa, descendo por uma colina arborizada feito serpente rastejando entre os carvalhos. Mais abaixo, rente a uma falésia da qual jorrava uma torrente nebulosa, erguia-se uma cidade imensa, ativa e cintilante, com altas torres prateadas dominando círculos e mais círculos de elevadas construções. No topo do prédio mais alto tremeluzia o clarão do sol do meio-dia. Rã ficou sem fala. Desde a fuga das Salinas, tivera a oportunidade de conhecer cidades do Oeste que eram o dobro de Forte d'Aed – a cidade natal ainda era sua única referência. Mas essa... essa superava, sem dúvida, tudo o que era capaz de imaginar. Quedas-d'água borbulhavam aos pés da capital. Revoadas de pássaros de asas imensas acompanhavam o curso do rio e mergulhavam junto às margens; então tornavam a subir e sobrevoavam a vasta floresta que se estendia por quilômetros até as montanhas.

– E então? – provocou Dun-Cadal, surpreso. – Perdeu a língua? Ou está calculando quantas Forte d'Aed caberiam dentro desta cidade?

Rindo, pôs o cavalo a trote esporeando-o com os calcanhares. Quando Rã conseguiu tirar os olhos de Émeris, o cavaleiro já descia a colina ziguezagueando por entre as árvores. Como Dun-Cadal previa, o garoto, sem fôlego, o alcançou.

– É... É... imensa – balbuciou, ao aproximar-se do mestre.

– Existe outra palavra para descrevê-la – respondeu Dun-Cadal.

Recordava-se da primeira vez que cruzara a ponte sobre a torrente. Nunca esqueceria a vertigem que o oprimiu enquanto transpunha as portas da cidade, entre as muralhas brancas que a cercavam. Tinha mais ou menos a idade de Rã... e deixara a casa Daermon, nos territórios do Oeste, para nunca mais voltar.

– Que palavra? – indagou imediatamente o aluno.

– Imperial... – murmurou o mestre com uma voz surpreendentemente séria e respeitosa.

Sim, podia facilmente entender o que o garoto estava sentindo, pois ele próprio conhecera aquela cidade em circunstância similares. Seu tio o mandara para a academia militar, realizando assim seu desejo de ir embora do Oeste. Tal como Rã, fugira de uma vida que não lhe convinha, uma vida de castelão sem glória a reinar sobre um território sem magnitude, em meio a pessoas sem ambição. A casa Daermon era relativamente recente – sua história só remontava a seu avô – e uma de suas características era uma espécie de humildade que Dun-Cadal associava à covardia. Quanto menos a casa Daermon se fizesse notar, menos risco corria de atrair a fúria da família imperial. Ainda criança, atizara os próprios sonhos até não poder mais e, quando finalmente surgira a oportunidade de servir dignamente ao Império, fez de tudo para que seu tio o mandasse à melhor escola. Então se descortinou diante dele um caminho glorioso, que ele decidiu trilhar com segurança e ostentação, fazendo pouco das costumeiras reticências dos membros de sua casa. Dera início ao seu destino em Émeris, cidade-símbolo do sucesso, pois era lá que se decidia a sorte do mundo: o coração e o cérebro de um Império imortal.

Passaram a trote pelas ruas enlameadas dos bairros pobres, que eram como uma coroa de casas com telhados de colmo. Quando os cascos tocaram o pavimento, as casas se tornaram mais arrogantes, com amplas janelas. Rã ficou calado. Se bem que... mesmo sem palavras, sua atitude

comunicava o enlevo. Ao entrarem no palácio, parecia menos tranquilo. Nos grandes salões de amplas janelas, entre os generais que saudavam, ele se retesou, baixou a cabeça, seu olhar fugidio sempre em movimento como se procurasse alguém. Dun-Cadal o apresentou brevemente, esquivando-se assim das perguntas de seus irmãos de armas.

Sua epopeia nas Salinas dera o que falar. Provocava, na cavalaria, um misto de orgulho e inveja. Contava-se por toda parte que ele, sozinho, tinha acabado com o exército de insurgentes. Embora parecesse não lhe dar qualquer atenção, o cavaleiro estava de olho em seu aprendiz. Não tanto por conta de seu comportamento, mas pelo que devia estar sentindo. Como era apertar todas aquelas mãos ao cruzar, nos vastos corredores, com uma quantidade de gente que nunca devia ter visto?

Pura vertigem...

Para um menino do interior, estar ali no meio daqueles homens com armaduras coloridas, que exibiam os antigos símbolos de suas casas, já era bastante intimidador. Adentrar o antro da cavalaria, descobrir brasões e armaduras, espadas antigas penduradas nas paredes como respeitáveis recordações, era inebriante. Ali reuniam-se os maiores defensores da família Reyes, os mais valorosos combatentes, cujos elmos estavam orgulhosamente expostos. As armaduras tinham se tornado mais leves com o passar dos séculos, e as espadas, mais aprimoradas. Daermon não tinha dúvida de que Rã poderia seguir o glorioso exemplo de seus predecessores. Mas só depois de aprender a superar a própria ansiedade.

Das brancas paredes do palácio aos gigantescos vitrais que ornavam os salões, dos guardas de capacetes dourados e lanças reluzindo ao sol ao respeitoso silêncio das damas de vestidos acetinados, tudo era novidade para quem até aquele momento tinha vivido nos pântanos. Ali, o cheiro de rosas e grama recém-cortada se mesclava aos mais fascinantes aromas.

– É a primeira vez que vem aqui, não é? – perguntou-lhe um homem de túnica branca com um pano vermelho caído sobre o ombro.

Seguiram o homem por um longo corredor revestido de espelhos. Dun-Cadal o apresentou como o intendente do imperador. Este, ao saber de sua chegada, mandara chamá-los quanto antes. Rã se sentia perdido no meio de tantos generais, capitães, condes e barões que avistara ao entrar no palácio. Ele, que mais de uma vez tinha sido insolente, mostrava-se tímido e reservado. A isso se somava o visível nervosismo, cujos efeitos seu mestre constatou ao se aproximarem de uma larga porta dupla envernizada com dobradiças douradas. A pele do rapaz estava molhada de suor, seus gestos pareciam mais bruscos e sua respiração, mais abafada.

– Você é mudo? Não disse nada até agora – perguntou o intendente. – Ouvi falar de você, sabia? Seu nome é Rã, não é?

– É...

– Rã... – repreendeu Dun-Cadal.

– Sim, Excelência – corrigiu o garoto.

– Meu rapaz, sua dedicação ao Império merece toda a nossa atenção... e respeito.

– Obrigado, Excelência – respondeu Rã, num tom subitamente seco.

Dun-Cadal compreendia perfeitamente a inquietação de seu aprendiz. Ele próprio não tinha, ao

chegar ali e se deparar com o pai de Asham, disfarçado sua apreensão com uma falsa segurança? Rã ainda era jovem demais para se fazer de pretensioso. Quando o intendente abriu as portas, ouviu-se um demorado rangido. Num vasto salão com piso de mármore estriado de preto erguiam-se dezenas de colunas lisas, reluzentes. Nenhum móvel, nenhum assento, nem mesmo um trono. Apenas uma fina cortina vermelha perto de uma sacada, atrás da qual farfalhavam as copas das árvores. Escondida pelo tecido, uma sombra estranha, imponente, parecia estar sentada em uma enorme tina da qual subiam nuvens de vapor. Vultos femininos vertiam baldes de água no banho.

Rã se retesou.

– Vá – ordenou Dun-Cadal empurrando-o. – E só fale quando ele lhe dirigir a palavra.

A sombra se curvou, como uma criança prestes a passar mal. Com um gesto, o intendente pediu que o seguissem.

– Vossa Majestade Imperial – anunciou com voz forte –, o general Daermon, que retornou das Salinas, e seu jovem... protegido.

– Trouxe um filho de lá? – zombou alguém. – Por isso demorou tanto?

À medida que se aproximavam, Dun-Cadal notou que o andar do garoto ia ficando mais decidido. Estava mais ansioso que antes. Cenho franzido, feições contraídas, tinha apertado o passo e caminhava ao lado do intendente. Mais alguns passos nesse ritmo e seria o primeiro a se apresentar diante do imperador. Decerto ia desacelerar no último instante. O general esboçou um sorriso. Estava prestes a responder quando um ruído o fez levar a mão à espada. Uma lâmina zuniu no ar e parou junto à garganta do garoto. O intendente deu um passo para o lado, surpreso.

– Paz, Daermon – sussurrou uma voz grave.

Dun-Cadal se retesou. Dava para ver o brilho de sua espada entre a bainha e o punho. Hesitou em puxá-la num gesto brusco, mas tinha reconhecido o homem e sabia que era muito veloz. Sob o queixo erguido de Rã, a Mão do Imperador encostava sua lâmina.

– Ele não é inimigo! – bradou Dun-Cadal.

– Mas vem das Salinas...

A voz tinha um timbre extremamente desagradável: uma mistura de rouquidão e chiados, como se houvesse pedregulhos em sua garganta que obstruíam a respiração.

– Esteja pronto para me defender, Logrid – disse a sombra atrás da cortina, enquanto uma serva voltava a verter água em seu banho. Volutas de fumaça deslizaram pelo pano. – Mas não creio que um menino fugindo de sua região em guerra tenha vindo de tão longe para matar o imperador.

O assassino inclinou de leve a cabeça, feito um predador observando minuciosamente sua presa. Olhou para a mão do garoto, que ostensivamente se dirigia para o punho da espada. Parecia haver uma lágrima no canto de seu olho direito, que inchava junto à pálpebra, prestes a escorrer pelo rosto contraído de medo. Sob o grande capuz do assassino, nada se via de seu rosto. No entanto, ele certamente o analisava e seria capaz de jurar que o garoto desafiava seu olhar.

– Deixe-o em paz, Logrid! – bradou Dun-Cadal.

Logrid baixou a espada. Aproximando-se do general, enfiou-a na bainha que pendia de seu cinturão.

– É assim que somos recebidos – murmurou Dun-Cadal, enquanto o outro o rodeava.

– Só estou seguindo seus ensinamentos... Daermon – respondeu o assassino em voz baixa.

– O moleque não representa nenhuma ameaça ao imperador, Logrid...

O homem dirigiu-lhe um estranho sorriso, atravessou a sala discretamente e desapareceu atrás de uma coluna. Deixava para trás um jovem paralisado de medo... ou humilhação.

– Rã...

– Talvez seja melhor o senhor conversar com Sua Majestade Imperial em particular – sugeriu o intendente ao ouvido do general.

Dun-Cadal assentiu. Que bicho tinha mordido Logrid para investir daquele jeito contra uma criança? Sabia que a rebelião das Salinas estava longe de ter sido reprimida, mas daí a suspeitar de um simples menino... Suspirou, enquanto o intendente conduzia Rã até porta. O garoto, com ar emburrado, nem sequer dirigiu-lhe um olhar. Era tão orgulhoso... Tinha sentido muito medo na frente da pessoa mais importante do mundo. E, o que era pior, fora humilhado sem poder mostrar seus supostos talentos. Isso ia lhe ensinar a ser paciente, pensou o general; ia lhe ensinar a ser humilde. Haveria uma hora em que, controlando sua ira, ele fatalmente se revelaria ao mundo em todo o seu esplendor. Por ora, o importante era a guerra, e a ideia de que o menino pudesse influenciar seu curso devia passar pela mente do imperador. No meio do caos, brotava a esperança. Quando a porta se fechou, Dun-Cadal se encaminhou para a cortina vermelha, certo de que trouxera das Salinas uma autêntica pedra preciosa. A sombra estava saindo do banho em meio a uma curiosa ondulação na água e foi imediatamente coberta pelos vultos delgados. Parecia um anjo fechando as asas, assistido por vestais. Ou um demônio. A forma de uma cabeça ergueu-se lentamente e as mulheres se afastaram. Por fim apareceram, passando pela cortina; eram jovens e belas, e usavam longas túnicas verdes bordadas de ouro. Quatro delas carregavam a tina ainda fumegante. Lançaram um olhar curioso para o general antes de sumirem por trás das colunas. Uma porta bateu, então só restou o chiado de uma respiração. Oculto pela cortina, um vulto permanecia imóvel.

– Ele salvou minha vida – disse Dun-Cadal de repente.

– Eu sei – respondeu o imperador. – Perdoe Logrid. A revolta tem semeado a inquietação até aqui em Émeris. Quem são nossos amigos? Quem são nossos inimigos? Difícil saber.

Fez uma pausa, movendo-se um pouco para o lado.

– Logrid... só quer me defender. Como você, muito tempo atrás.

Deu a impressão de estar procurando algo a seus pés, abaixou-se e pegou o que, no escuro, parecia ser um banquinho.

– Foi muito bom saber que você está vivo, Dun-Cadal! É um prazer ter você por aqui – confessou enquanto se sentava.

– Prazer ainda maior é o meu de estar vivo, Vossa Majestade Imperial. Só não tenho certeza de que o capitão Azdeki seja da mesma opinião.

O imperador conteve uma risada.

– Sim, andei ouvindo algumas coisas. Não se preocupe. Apesar das súplicas do tio, mandei-o para outra linha de frente. Foi o máximo que pude fazer. Ele afirma ter pensado que você estava

morto. E quem pode provar o contrário? Todos nós pensamos. Aproxime-se – pediu. – Venha para perto de mim...

O general obedeceu sem dizer nada, sua espada batendo na coxa. Lá fora, os passarinhos cantavam.

– É bonito, não é? O cantar do meu Império... – disse o imperador em tom sonhador. – O que acontece quando alguns ficam dissonantes? – De súbito, sua voz ficou mais rouca: – Você esteve em Garmaret, não é?

– Encontrei Négus por lá, depois que fugimos das Salinas. Ele me contou.

– Ah, é? Contou o quê?

– Que a revolta tinha alcançado outras regiões, Vossa Majestade Imperial.

Atrás da cortina, a sombra meneou a cabeça.

– Feito um rastilho de pólvora.

– Négus me informou que as suspeitas recaíam sobre o filho mais novo de Uster...

– Sim – admitiu o imperador. – Sim, é o que eu acho. Laerte de Uster, o segundo filho de Oratio de Uster... O pai foi julgado e enforcado por traição. O pérfido denegria meu poder em seus escritos! Denegria o *Liaber Dest*, denegria a Ordem de Fangol... Queria destruir tudo aquilo em que acreditamos. Imagino que o filho esteja disposto a tudo para se vingar... inclusive colocar um povo inteiro contra mim. Esse povo por quem dou a minha vida, esse povo... não passa de um bando de crianças ingratas! Sou o pai delas, e elas se voltam contra mim sem pensar. Esse Laerte precisa ser julgado, como Oratio foi! Ele está incentivando o meu povo a se dilacerar! E todos são cúmplices no sangue derramado.

– Vossa Majestade Imperial... – murmurou Dun-Cadal.

Havia ira na voz do imperador. Também havia uma estranha resignação. Como se, afinal, tudo aquilo não fosse inesperado.

– Eu também posso derramar sangue se for preciso. Posso me mostrar intransigente, sabia? Não sou mais o menino que você protegia, aprendi muita coisa. Oratio de Uster achava que o Império não podia perdurar, que era preciso mudar, que eu não era digno! Foi pelo próprio *Liaber Dest* que minha família se tornou imperial! Eu sou e continuarei sendo um Reyes, pelos deuses! Apesar do que toda essa gente possa dizer. Não sou digno, eu? Digno de quê? De governar uma corte de línguas viperinas, de adutores buscando minha proteção em troca de falsos elogios...

A sombra de uma espada se ergueu, perfeita, fina e reta, cujo punho parecia envolvida pela mão fechada do imperador. A cortina ondulou de leve.

– Eles estão aqui, Dun-Cadal, meu amigo – declarou ele, brandindo Eraed. – Os verdadeiros insurgentes estão aqui. Aqueles que estão na origem disso tudo. Esfregam-se feito cobras nas minhas pernas. Eles me bajulam, me seduzem e acham que eu não percebo.

Havia nojo em suas palavras. Aquilo o afetava mais do que ele queria admitir. Por trás daquilo surgia uma aflição que só o general era capaz de notar. Conhecia Asham Ivani Reyes havia muito tempo. Ele baixou a espada, que desapareceu em uma bainha que segurava com as mãos trêmulas.

– Como foi nas Salinas? – perguntou de súbito, como se o general estivesse voltando de uma viagem a passeio.

Desconcertado, Dun-Cadal pensou antes de responder.

– Úmido...

– Um ano – murmurou o imperador.

– Teria preferido ficar bem menos por lá – reconheceu o general, então mudou de tom: – Não se deixe abater, Vossa Majestade Imperial. Essa revolta não significa nada. Se teme ser derrotado, mais vale render-se agora mesmo.

– Gosto disso... – respondeu o imperador. – Você é o único que fala assim comigo.

Fez-se um silêncio antes de a voz abafada do imperador ressurgir:

– Mas não é perto de mim que mais preciso de você. É na linha de frente. Você causou uma forte impressão nas Salinas. Eles levaram dias para se recuperarem da sua fuga. Imagine só... um cavaleiro sozinho...

– Mais um menino, Vossa Majestade Imperial.

– Pior ainda. – O imperador riu. – Um simples menino...

– Ele tem talento. Vai se tornar um grande cavaleiro, tenho certeza. Queria poder apresentá-lo com mais demora. Ele estava ansiosíssimo só de pensar em conhecê-lo.

– Vou parabenizá-lo quando vocês voltarem... – O imperador suspirou. – Os dois...

Bastou essa frase para Dun-Cadal entender que seu aprendiz havia sido reconhecido e colocado sob sua exclusiva proteção. O menino o acompanharia, caso ele assim decidisse. Reyes se levantou devagar e a sombra de sua cabeça diminuiu como se estivesse se virando para a sacada.

– Sinto muito, meu amigo, se tão depressa o mando de volta para a guerra.

Um farfalhar de asas ressoou dentro da sala. Para além da sacada, as copas das árvores se agitaram quando um bando de pardais levantou voo.



O Império tremia em seus alicerces, as regiões se incendiavam uma após outra, não se tratava de uma simples revolta. Nunca antes o poder estivera ameaçado dessa forma. E a quem podiam acusar? O povo é que estava, aos poucos, se insurgindo contra o seu senhor. “Crianças”, dissera o imperador, crianças furiosas. Enquanto andava pelos longos corredores do palácio imperial, Dun-Cadal tentava entender. A maioria das pessoas tinha o que comer. Os impostos não eram insustentáveis e os camponeses não dependiam de um nobre arrogante: deviam lealdade ao Império, e não a um conde qualquer de mentirinha. O imperador cuidava para que todos fossem respeitados e a justiça fosse assegurada. Os deuses haviam escolhido sua família e escrito para ela um destino fora do comum. Expressar alguma dúvida quanto à legitimidade de seus atos, à inteligência de suas decisões, era o mesmo que insultar a escolha divina.

Quando abriu a porta de madeira que havia tanto tempo sonhava em transpor, já não buscava respostas para essas perguntas. Só o que lhe importava era um cheiro de lavanda.

– Soube que você tinha voltado. Mas não acreditei – declarou uma voz seca.

Ele cruzou o cômodo com passos decididos, espremendo a mulher contra a janela para beijá-la.

Praguejando, ela o rechaçou. Por um instante, ele ainda tentou mantê-la junto a seu corpo, mas a bofetada que deixou seu rosto vermelho o dissuadiu.

– A acolhida aqui em Émeris não é mais como antigamente – resmungou ele, esfregando o rosto.

– Seu filho da mãe! – exaltou-se ela, rapidamente dirigindo-se até a porta para fechá-la. – Nem lhe ocorreu me mandar uma carta para me deixar tranquila!

– Tranquila com quê? Pelo que estou vendo, você andou muito entretida durante a minha ausência.

Finalmente reparou no quarto onde tinha entrado sem cerimônia. Uma ampla cama com dossel, ladeada por dois criados-mudos finamente esculpidos; nas paredes, tapeçarias de um vermelho intenso orladas de ouro. Quando se despedira de Mildrel, ela era apenas uma cortesã em meio a tantas, sem grandes rendimentos ou aparatos. Na sua ausência, tinha se transformado na mais apreciada pelos nobres, na mais odiada por suas semelhantes. Aos olhos de Dun-Cadal, porém, ainda era única.

Ela se movia ao longo da cama, deslizando os dedos pelo cobertor verde brilhante.

– Eu não pertencço a você, Dun-Cadal. Você sabia, desde o começo, qual era a minha índole...

– Você não me pertence... mas sentiu minha falta. – O general sorriu, se aproximando.

– Não é disso que se trata – respondeu ela em tom amargo.

As mãos dele, em geral tão fortes, roçaram os pulsos da mulher e então seus dedos se fecharam carinhosamente sobre a pele delicada. Ela nem esboçou qualquer gesto. Os cachos do cabelo castanho caíam sobre os ombros desnudos, os lábios carnudos eram de um vermelho suave. Seus olhos delineados de preto o fitavam sem pestanejar.

– Um ano sem ter notícias, um ano em que todos o julgavam morto... seu...

– Seu o quê? – sussurrou ele, inclinando-se lentamente na direção dela.

Mildrel não conseguiu terminar a frase, de tão longa que fora a espera. Os lábios dos dois se uniram demoradamente... até que o abraço os fizesse esquecer tudo e os levasse para longe, bem longe, da guerra queurgia, da morte que rondava. Havia ficado tanto tempo sem se ver. Agora seus corações batiam rápido, forte, juntos, na mesma cadência.

O sol já estava se pondo quando Dun-Cadal aproximou-se da janela. Sob os lençóis, de onde escapava uma perna desnuda, Mildrel o observava, pensativa. Ela então inspirou fundo, mal disfarçando a decepção.

– Você já vai embora de novo, não é?

Dun-Cadal não respondeu. Concentrava sua atenção na parte do palácio que avistava dos aposentos da amante. Um colorido azinhavre ia substituindo o dourado dos telhados e, mais abaixo, erguiam-se as altas casas brancas da cidade.

– Como ele é...?

Ele virou-se para ela, o olhar ausente.

– O menino das Salinas... As pessoas comentam por aqui, você sabe – prosseguiu Mildrel em tom zombeteiro. – Nunca param de contar sua façanha. Dun-Cadal, o general, transformou-se num autêntico mito. Não bastava você lutar pelo Império... ainda tinha que ficar gravado na mente

das pessoas...

– As coisas não são como parecem.

– Estava escrito que você traria consigo um menino...

– Mildrel...

– ... escrito num livro do qual ninguém jamais leu uma página! – exclamou ela com secura.

Ele ficou calado um instante. O *Liaber Dest* sempre fora a maior causa de desavença entre eles. Ela nunca tinha acreditado no Livro Sagrado e não perdia a oportunidade de criticar sua fé, pois, sempre que confessava algum receio às vésperas de um combate, ele justificava os riscos que corria com a simples fatalidade. Para a cortesã, o fato de as crenças se fundamentarem num livro perdido era sinal de ignorância. Pragmática como era, aceitava os rumores e o disse-me-disse da corte sem se interessar pelas origens do mundo. Ela experimentava a doçura do divino num leito de cetim. As ideias, os sonhos, deixava para aqueles que não eram capazes de amar. Essa diferença de postura entre eles não deixava de afetar seu amor, que, no entanto, era profundo demais para acabar por causa dessas brigas.

– É assim que é. Eles decidiram a nossa vida. Não se pode negar a existência do Livro Sagrado só porque ele desapareceu. Quer você queira, quer não – disse o general.

– E o garoto? Estava escrito que você ia buscá-lo num pântano? – Ele franziu a testa. Mildrel se endireitou na cama. – Não vejo a hora de conhecê-lo. – Ela sorriu.

Havia tristeza em seus olhos. Ele sabia o que lhe doía, mas não podia tocar no assunto. Ela não estava interessada.

– Ele é apenas meu discípulo.

– Não sabia que você era tão... compassivo. Tirar um órfão das Salinas, ensinar-lhe tudo o que sabe, cuidar dele, zelar por seu bem-estar como um pa...

– Preciso ir – interrompeu ele, num tom neutro. – Ainda fico alguns dias em Émeris antes de pegar a estrada para Vershã. A gente se vê.

Pegou a camisa na cama e a vestiu.

– O que ele tem que os outros não têm, Dun-Cadal? Me diga!

– Ele precisa de mim...

– Eu também. Não quero ser cortesã pelo resto da vida... – murmurou Mildrel.

– Você não me pertence.

– Mas podia pertencer.

Segurando o plastrão da armadura na mão, ele ficou parado, então lançou-lhe um olhar estranho. Ela baixou os olhos, dobrando as pernas junto a si como uma criança flagrada em sua travessura. Sem dizer nada, Dun-Cadal vestiu as várias partes da armadura. Assim que se aprontou, foi até a porta e, com a mão na maçaneta, olhou para ela uma última vez.

– A gente se vê.

Esperou um instante, na esperança de ela confirmar um próximo encontro ou suplicar para ele ficar um pouco mais. No entanto, nada aconteceu. Sempre fora assim e sempre seria. Não podiam ficar um sem o outro, mas todo momento partilhado tinha que terminar. Ele ia voltar para a guerra e não havia nada que ela pudesse fazer. Só rezar por ele e por sua salvação. Muitas vezes, depois de

ele partir, ela levaria as mãos ao ventre esperando sentir a vida crescendo ali lentamente, para assim poder ter uma parte dele para sempre...



Dun-Cadal vagueou certo tempo pelos corredores do palácio, desfrutando de uma tranquilidade que havia dois anos não sentia, até que seus passos o conduziram a um vasto pátio interno cercado de corredores abertos margeados de colunas. Deteve-se um momento, lembrando quando chegara ali muito jovem. Assistira às aulas, tinha aprendido a arte da guerra, até ser considerado inapto para o comando. Um sorriso surgiu em seus lábios. Que atípica havia sido sua trajetória! Que caminhos não tivera que trilhar para alcançar a mais alta patente militar...

Alguns alunos conversavam junto a uma fonte. Usavam um gibão vermelho e branco que trazia desenhada no peito, num escudo de prata, uma espada altiva e fina com punho trançado. A mítica Eraed, a Espada do Imperador.

Dun-Cadal avistou um rapaz sentado à beira da fonte que enxugava intensamente o nariz do qual escorria sangue. Estava com um lado do rosto inchado, o lábio inferior cortado. Acontecera uma briga pouco antes. O general aproximou-se dele a passos lentos, certo de que todos o observavam com alguma deferência. À medida que foi sendo reconhecido pelos alunos, não se ouviu mais uma palavra sequer. A não ser as do general, que mal eram audíveis.

– Você já fez amizades... – murmurou para o garoto.

– Não foi nada – resmungou Rã.

O intendente o trouxera ali, deixando-o aos cuidados do mestre de armas de plantão para que lhe fosse dado um quarto. Durante a breve estadia em Émeris, não seria um escudeiro igual aos outros. E ali, mais do que em qualquer outro lugar, todo novato precisava impor respeito desde o primeiro dia. Fora o que Rã amargamente descobriria.

*Sempre é difícil encontrar nosso lugar...*

Dun-Cadal deixou seu olhar percorrer o grupo de alunos. Tinham empalidecido. O general Daermon estava ali em pessoa e o garoto que alguns deles tinham surrado sem nenhum pudor era seu protegido. Dun-Cadal nem precisou dizer nada para que os culpados desviassem o olhar. Ele hesitou por um longo instante. Será que devia puni-los?

*Sempre é difícil descobrir do que somos capazes... Mostrar isso para os outros, então... Além disso, violência não é a solução. Vinho, taberneiro! Mais vinho!*

Dun-Cadal limitou-se a fitá-los com um olhar feroz.

– Venha comigo – disse com um suspiro. – Vamos cuidar disso. E tire a mão do nariz, ele não vai cair só por causa de alguns murros.

*Dun-Cadal, já bebeu demais.*

Rã se levantou fungando, olhos baixos, maxilar contraído. Seguiu-o a passos rápidos, passando entre os alunos sem nem olhar para eles. A poucos metros dali, um jovem nâaga os observava enquanto entravam na academia.

*Meu caneco! Eu não terminei meu... meu caneco! Seu ladrão!*



– Dun-Cadal! Pare com isso!

– Meu caneeeco!

– General!

Ela elevara a voz como nunca tinha feito. Ficou tão surpresa quanto o velho, que tamborilava na porta da taberna. Teve que reconhecer que sua repentina autoridade funcionava maravilhosamente bem. De bêbado gritão, Dun-Cadal se transformou em um menininho pego com a boca na botija.

– Ele não quer mais atendê-lo. Já escureceu, o senhor deveria ir dormir.

Viola o ajudou a se afastar da porta. Dentro da taberna, a animação rolava solta e Dun-Cadal podia ouvir, embora abafados pela porta, os risos e a música de pífaros e flautins. Desviou o olhar a contragosto, titubeando ao lado da moça. O dia passara tão depressa, ao sabor de sua história, regado a canecos cheios. Não era só no passado que ele tinha mergulhado...

– Vamos, Dun-Cadal, vou acompanhá-lo.

– Vai me acompanhar... – zombou ele entre soluços. – Mas eu sou um herói! E você, quem é? Uma ama-seca... rá rá... uma ama-seca...

– O senhor está fedendo...

Ele pesava no seu ombro, os pés quase falseando a cada passo que dava. Na viela lamacenta, mal iluminada por lampiões a óleo pendurados nas sacadas, se alguém cruzasse com aquela moça frágil sustentando um homem corpulento como Dun-Cadal, ia achar graça. Ou ficar interessado...

Três homens, escondidos na escuridão de uma rua adjacente, os avistaram. Era bom demais para ser verdade. Aproximaram-se em meio a risadinhas.

– Ei! – chamou o mais magro dos três, segurando um pedaço de pau cravado de pontas afiadas. – Aonde pensa que vai, minha linda? Seu avô não parece muito bem das pernas. Vocês não teriam algum dinheiro para nos dar nesta noite tão bela?

Viola parou de imediato. A cabeça de Dun-Cadal, sem energia, caiu sobre seu ombro. Ele fez uma careta e seus olhos se reviraram, como se procurasse um ponto para fitar.

– O que é... isso...? – resmungou.

– Temos companhia... – murmurou Viola, a voz repentinamente tensa.

No escuro, os vultos distintos não pressagiavam nada de bom. Um parecia gigante; outro, provavelmente o chefe, era magro como um espeto; e o terceiro era roliço como uma bala de canhão. Os três usavam calças marrons remendadas e camisas da mesma cor com gola em V. Somente o mais magro se permitira um gibão de couro sem mangas e um curioso chapéu caído para o lado.

– Meliantes! – berrou o general, empurrando a moça com uma cotovelada. – Salafrários! – Foi para cima deles, quase se estatelando várias vezes. – Podem vir para a *bliga*, patifes!

– “Bliga”? – debochou o mais roliço.

– Ele está caído – comentou rindo o gigante de voz rouca.

– General! – gritou Viola.

Ele ainda tentou dar um murro furioso no primeiro bandido, mas esse simples gesto bastou para desequilibrá-lo. Já tinha passado por tantas batalhas, travado tantos combates, mas, naquela noite, Dun-Cadal Daermon não era mais que um bêbado se esborrachando no chão. Ali... ridículo e atônito, o pouco de lucidez que lhe restava feriu seu amor-próprio. Ali... sentado na lama.

Houve troca de murros, fortes, rápidos. Houve gritos de espanto, um braço estalado quando o nôaga, surgido do nada, agarrou um dos bandidos. Dun-Cadal tentou enxergar alguma coisa, mas não conseguia manter a cabeça erguida. Eram só vultos vagos e sons iguais a ecos rodopiando em sua mente. Até que o silêncio se seguiu à disparada dos bandidos em fuga. Ele baixou a cabeça, o estômago embrulhado, um aperto no peito. Podia ter feito picadinho deles. Podia ter usado o Sopro, tê-los desafiado como outrora desafiara os maiores guerreiros... Uma mão muito fria segurou seu pulso e o ajudou a levantar-se.

– Agora venha – disse uma voz rouca.

Havia nela certa... compaixão? Um pulso firme o puxava. O pulso de um gigante tatuado.

– Vo-Você – gaguejou Dun-Cadal, ameaçador.

– Sim – respondeu Rogant com um estranho sorriso nos lábios. – O prazer é todo meu em tornar a vê-lo, velho fantasma.

– Eu ainda... não... morri! – resmungou ele.

Atrás do general, surgiu a voz de Viola, seca:

– Obrigada por ter intervindo.

Dun-Cadal tentou se virar e olhar para ela, mas o sono pesava em suas pálpebras e cada gesto se tornava mais penoso. Imaginou, por um breve instante, que ela olhava para os telhados tentando avistar algo lá em cima.

E então apagou.

# 7

## RECOBRAR A DIGNIDADE

*Lutar com uma espada é fácil.  
Mas, para vencer os próprios demônios,  
a lâmina não tem qualquer serventia.  
Você, que está aí de joelhos, já sem orgulho nenhum,  
levante-se, mesmo trêmulo, e recobre sua dignidade.  
Pois ela é de fato a única arma  
que o protege dos poderosos.*

— Fleechaas!

O grito desesperado logo foi encoberto por um silvo ensurdecedor. Uma nuvem escura se abateu sobre os soldados da infantaria, golpeando as couraças e capacetes dos mais sortudos, trespassando as sobrevestes de couro dos demais. Aos sons secos e mordazes do metal sucederam-se o som, pungente e pesado, de carne dilacerada e, em seguida, os gritos roucos dos soldados caindo ao chão. A funesta sinfonia deu lugar a um silêncio assombroso. As primeiras linhas não se dispersaram, os homens se reerguiam em meio aos companheiros caídos. Tinham que manter suas posições na planície. Fazia mais de uma semana que vinham se esforçando para isso, e muitos já haviam lutado antes. A revolta se espalhara por diversas regiões, mas, encurralada ao pé de Vershã, estava fraquejando. Em breve, as tropas vindas do Leste, comandadas pelo capitão Étienne Azdeki, ajudariam a fechar o cerco e a tranquilidade voltaria a reinar. Só precisavam aguentar mais um pouco.

– Mantenham a linha! Mantenham! – ordenou uma voz grave atrás deles.

De pé sobre o cavalo, Dun-Cadal Daermon exortava suas tropas, os cascos da montaria martelando o solo a cada vaivém. Alguns soldados retomaram seus postos, o semblante ainda tenso de medo. Outros permaneceram imóveis. Do outro lado da planície, atocaiados junto à mata ao pé das montanhas, os arqueiros inimigos preparavam mais uma saraivada.

– General! General Daermon!

Um jovem cavaleiro vinha galopando em sua direção e parecia nervoso. Sua armadura, salpicada de entalhes e fissuras, denunciava muitas batalhas. Um filho de boa família totalmente fiel ao Império, um daqueles que haviam seguido a escolha de seus pais sem expressar qualquer tipo de dúvida, justificando sua inquestionável submissão com o respeito às tradições. Em outras circunstâncias, o rapaz seria decerto elegante e cortês, daria mostras de erudição e até de um certo senso de humor nos banquetes de Émeris. No entanto, mal saíra da academia militar e já fora mandado para os campos de batalha. A guerra o transformara a tal ponto que, nos festejos seguintes, se limitaria a levar a taça aos lábios, concordando com os comentários de quem não havia abraçado a carreira militar. Dun-Cadal só podia respeitar um jovem cavaleiro como ele, que estava aprendendo a arte da guerra e a dominar uma força tão delicada como o Sopro. Dessa batalha, um jovem assim precisava sair vencedor, pois um dia, quem sabe, talvez salvasse a vida de seu general. O cavaleiro puxou as rédeas num gesto seco e o cavalo se deteve bufando.

– General, a cavalaria está a postos. As tropas do capitão Azdeki contornaram Vershã e estão aguardando suas ordens.

Ele assentiu. Era chegada a hora.

– Ao meu sinal – disse com voz grave.

Com os calcanhares, pôs seu corcel num trote por trás das linhas da infantaria. Era o momento de atacar, a espera já se estendera demais. O imperador não o mandara ali para tomar conta de um pedaço de terra, mas para retomar um condado. Desceu uma pequena colina e juntou-se ao grosso do exército e a centenas de cavaleiros prontos para defender seu Império.

– Está na hora! – gritou, desembainhando a espada.

Perto da planície, a infantaria aguentava mais uma saraivada de flechas quando, de súbito, o chão começou a tremer. O rugido foi crescendo como se algo se aproximasse. Os capitães agiram imediatamente, berrando ordens. Os soldados, reagrupando-se em perfeita sincronia, formaram largas fileiras. E, surgindo da colina atrás deles, a cavalaria desabalou pelas alamedas margeadas por soldados a pé.

Na mata ao sopé das montanhas, poucos conheciam a arte da guerra. Alguns tinham servido ao Império, outros haviam se destacado como mercenários, mas a maioria não passava de camponeses ou modestos artesãos das cidades das redondezas e alguns burgueses seduzidos pela ideia de “mudança”. Ao ouvirem aquele estrondo, o coração deles bateu mais forte. Ao ver a poeira crescente, alguns sentiram um aperto no peito. Ocultos pelas nuvens de poeira erguidas pela cavalaria, os soldados do Império avançavam. Assim que rompesse as linhas inimigas, a infantaria imperial abriria suas defesas. Embora alguns covardes fugissem, abandonando armas improvisadas e o pouco orgulho que tinham, a maioria se resignou a morrer ali, em Vershã. Eles lutavam por uma nova visão de mundo. As mãos se agarraram nas lanças, nos punhos das espadas, nos cabos das maçãs, como se fossem seu último recurso antes da queda. E, por conta própria, sem que ninguém ordenasse, lançaram-se de encontro aos atacantes em meio à confusão. O ferro golpeou a carne, pontas afiadas rasgando a pele. A cavalaria rompeu as linhas, os corpos voaram... e fez-se o caos no limite da floresta. Os que ficaram para trás não perderam por esperar.

Surgindo da montanha, os soldados de Azdeki atacaram.

Os insurgentes já não tinham nada a perder. Não podiam baixar as armas, havia muito em jogo. Queriam transformar uma simples revolta numa autêntica revolução. De pé, resistiam. De joelhos, aguentavam firme. No chão, ainda lutavam. Nada os fazia desistir, nada a não ser a morte.

Dun-Cadal alcançara a floresta. Com o braço armado açoitava o ar, talhando, cortando. Até que uma lança atingiu o pescoço de seu cavalo. O animal relinchou e, com as patas cedendo, jogou o general ao chão. O homem se levantou rapidamente, aparando um golpe e mais outro com o dorso da espada. Com a mão livre rechaçou o adversário sem encostar um dedo nele. O insurgente foi projetado no ar, chocando-se em seguida com o tronco de uma árvore e fazendo um barulho tremendo. A poucos passos dali, um rapaz se deteve de repente. Já vira seu mentor usar o Sopro, tinha inclusive aprendido as primeiras noções, mas para ele era sempre como um chamado.

Dun-Cadal bem que desconfiava, de modo que, em pleno combate, procurava vigiá-lo de soslaio. Viu Rã dar um passo para o lado, esquivando-se da ponta de uma lança. Um homem grisalho arqueava as costas, espantado por não ter atingido o alvo. O aprendiz cortou o ar com sua lâmina e a cravou no ombro do homem, que soltou um urro antes de cair com uma careta. Pouco tempo antes, o garoto podia ter se impressionado. No calor da ação, porém, aprendera a esquecer toda e qualquer humanidade. Seus gestos tinham se tornado mecânicos, simples respostas aos ataques, esquivas e estocadas repetidamente ensaiadas. Quanto a isso, Dun-Cadal estava sossegado. O garoto sabia se defender. Quando dois homens se lançaram em cima dele, não teve nenhuma dificuldade em reagir, sem qualquer tipo de remorso. Era ele ou eles. As espadas golpearam a dele. O garoto se inclinou, mergulhou a lâmina no ventre de um dos oponentes e então, girando, esquivou-se do ataque do outro. Derrubou-o com um pontapé nas costelas. O infeliz viu a espada se afundar em seu corpo. A lâmina transpassou seu torso com um ruído estranho, pungente.

– Rã! Não se afaste!

Dun-Cadal também estava lutando firme. Rechaçando energicamente sucessivas investidas, ainda assim permanecia de olho em seu aprendiz. Embora se preocupando mais de uma vez, sentia-se mais tranquilo ao ver a desenvoltura do garoto com a espada. Rã não só reproduzia aquilo que ele lhe ensinara como, não satisfeito em beirar a perfeição em cada um de seus gestos, improvisava sem nenhuma cerimônia. Toda a sua raiva explodia no campo de batalha e, ainda que pudesse atrapalhá-lo, conferia aos seus movimentos uma precisão digna dos maiores esgrimistas. Um único golpe lhe bastava para derrubar um oponente, e era com igual destreza que lidava com o seguinte.

– Não estou me afastando – queixou-se, repelindo um homem com uma cotovelada.

Dessa vez era um soldado, provavelmente um antigo mercenário do Norte, a julgar por sua cota de malha e seu capacete de pontas. Mas a firmeza do garoto não bastaria, pois outros mercenários já vinham em seu auxílio, correndo entre as árvores, pesadamente armados.

O general precisou se livrar de dois insurgentes, mais habituados a mexer com a terra do que a combater, como demonstrava o tremor de seus braços a cada golpe que desferiam. Ele aparou uma lança com a espada e deu um soco no rosto de um deles. O homem, atordoado, caiu de joelhos, os

olhos semicerrados. Então, com um movimento do pulso, Dun-Cadal fez a lâmina rodopiar antes de atacar e perfurar a mão do outro. Urrando de dor, o camponês largou a arma e fugiu.

Rã, por sua vez, resistia como podia ao ataque de quatro mercenários, hábeis e precisos com suas armas. Dois deles usavam uma clava de pontas e por pouco não partiam a espada a cada golpe. Rã então tentou o impensável.

Seu mentor compreendeu imediatamente quando o viu de olhos fechados, recuando um passo. Devia estar tentando acalmar o coração disparado, respirar e sentir o mundo em redor... para usar o Sopro. No entanto, até então ele mal conseguira mover um pote de barro e só esse esforço o deixara esgotado, à beira do desmaio. Como podia se achar capaz de dominar uma força como aquela? Rã esquivou-se da ponta de uma espada girando o corpo e parou, de joelhos, com uma das mãos estendida na direção dos quatro inimigos.

– Rã! Não, não, não! – bradou Dun-Cadal, correndo na direção do menino.

O general moveu a lâmina no ar para abrir caminho. O garoto reprimia uma careta, o peito agitado por sobressaltos. Estava aguentando firme. Estava...

Não viu chegar o golpe.

Uma clava bateu no pulso do garoto. Sua espada voou pelos ares e se cravou no solo a alguns metros dali. A dor no braço desarmado arrancou-lhe um grito, até que um reflexo o fez inclinar-se para trás, se esquivando por pouco de uma lâmina. O gume, zunindo, roçou a ponta de seu nariz. Ele então rolou no tapete de folhas da floresta e se pôs novamente de joelhos.

– Rã! – gritava Dun-Cadal às suas costas.

O general jamais chegaria a tempo, a menos que usasse o Sopro. Mesmo assim, será que conseguiria? Seus pulmões ardiavam; mais um esforço tão rápido com certeza o mataria. Só lhe restava o mais trivial dos métodos de combate. Dun-Cadal passou a mão numa espada que estava por ali fincada no solo e, com uma lâmina em cada mão, abriu caminho entre os combatentes. Os insurgentes ao seu redor começavam a se dispersar. As tropas de Azdeki estavam chegando.

– Seus cachorros! – bradava ele, correndo, cortando o ar com suas armas, partindo ao meio, rechaçando os infelizes que via pela frente. – Safados, imundos!

A poucos metros, tendo por única defesa uma armadura leve e amassada, Rã já não se mexia. Havia quatro soldados prestes a se lançar sobre ele. O garoto pulou para o lado, evitando o primeiro golpe. Mas os outros três atacantes manejavam tão bem suas armas que ele não teria uma segunda chance. Uma clava e duas espadas voaram em sua direção. Impotente, julgou ter chegado sua hora. Não ouviu o ruído dos cascos no chão batido, como também não percebeu a chegada repentina da cavalaria de Azdeki. Apenas vislumbrou o fio de uma lâmina se esgueirando entre ele e os mercenários, detendo-os em sua corrida, então derrubando as espadas num gesto rápido. O homem que segurava a clava foi jogado no chão por uma força invisível.

E, como que para arrematar a obra do cavaleiro, surgiu Dun-Cadal atrás dos dois espadachins e cravou-lhes as armas nas costas, enquanto derrubava o terceiro, que se levantava meio zonzo, com um pontapé no rosto. O homem caiu para trás, o nariz ensanguentado, os olhos revirados.

– Um homem sem uma arma não é nada – disse uma voz. – Sua arma é tudo, inclusive a dignidade.

A espada junto à coxa, a mão segurando o cabo com firmeza, o corpo ereto e orgulhoso confortavelmente acomodado na sela... aquele olhar de desprezo e o nariz aquilino. Não foi difícil para Dun-Cadal reconhecê-lo. Deleitando-se com a própria arrogância, Azdeki examinava o garoto com um olhar torto.

– Seu mentor nunca lhe ensinou nada? Você talvez não tenha escolhido o mestre certo – declarou, antes de esporear a montaria e sair a galope.

Por pouco não derrubou Dun-Cadal ao passar.

– Capitão! – vociferou o general.

O cavaleiro, contudo, já desaparecia entre as árvores. Ao redor, os insurgentes fugiam. Restavam apenas os soldados do Império e, esparsos entre as folhas secas, abatidos junto às raízes salientes, centenas de corpos. O tumulto da batalha ia aos poucos se acalmando. Pairava na mata um cheiro de sangue e suor. Rã agora podia ouvir os galhos estalando sob os passos do general.

– O que foi que você fez, seu peste? – esbravejou Dun-Cadal.

– Quem é aquele homem? – perguntou o garoto com igual veemência.

– No que você estava pensando quando baixou a guarda?

– O nome dele... Qual é o nome dele? – insistiu Rã. – Me diga!

Desafiador, o rosto franzido de raiva, avançou para Dun-Cadal. A mão do mentor o deteve pelo ombro antes que Rã desse um passo além da conta.

– Acalme-se, imbecil! Acalme-se!

– Quem é ele? – exaltou-se Rã.

– Azdeki! – respondeu Dun-Cadal. – Capitão Étienne Azdeki, e embora me seja muito difícil...

Acalme-se, pelos deuses!

O garoto tentava passar, mas Dun-Cadal quase o agarrava pelo pescoço para impedi-lo.

– Rã! Rã, olhe para mim!

Aquele era, a seu ver, o pior defeito de seu discípulo. Queria ter enfrentado aqueles homens sozinho, sem ninguém para ajudar, e muito menos para salvar sua vida. Tinha fracassado. Fora humilhado.

– Olhe para mim, garoto – repetiu Dun-Cadal em tom mais suave. – Acalme-se...

Conseguiu, por fim, prender sua atenção. Ao redor, homens do Império acudiam os feridos. Gemidos se misturavam ao canto dos pássaros, que aos poucos ressurgia.

– Está querendo calar a boca dele, não é? – perguntou Dun-Cadal. – Pelos deuses, olhe para mim! É isso que você quer? Eu também quero fazer isso, acredite, mas, seja qual for o sentimento que desperta em você, Azdeki é um capitão do Império, é filho de uma das mais antigas e ilustres famílias da corte. Você lhe deve respeito por isso.

– Cachorro... – resmungou Rã.

– Você lhe deve respeito! – insistiu Dun-Cadal. – E, mesmo que me custe dizer isso, ele estava certo.

– ... imundo... – continuou o garoto, baixando os olhos.

– Ele estava certo, seu cabeça-dura! O que você estava tentando fazer? Me diga! Tentou usar o Sopro?

O olhar de Rã faiscou, desafiando o general.

– Tentei – admitiu, com cara de poucos amigos.

– Você não está pronto.

– Eu consigo! – defendeu-se o garoto.

Dun-Cadal o soltou de repente e, depois de um silêncio, o semblante contraído, recuou alguns passos sem tirar os olhos dele.

– Isso é o que nós vamos ver... – sussurrou.

– Sem dúvida alguma.

Desafiavam-se com o olhar. Dun-Cadal se virou sem dizer mais nada.

O Império acabava de retomar o vale de Vershã e a estratégia fora obra sua. No acampamento, houve festa ao redor das fogueiras. Alguns soldados foram despachados para a cidade mais próxima a fim de restaurar a ordem, mas a maioria pôde desfrutar de um descanso bem merecido. Dun-Cadal e Azdeki evitavam um ao outro. Era óbvio que o capitão se ressentia por ter sido afastado do comando das Salinas. O castigo teria sido outro caso ficasse provado que tinha deliberadamente abandonado o general nas garras de um ruargue. Mas ninguém conseguira – ou se atrevera a – afirmar isso ao imperador. De modo que, entre os dois cavaleiros, existia uma trégua forçada. Os rancores mútuos seriam um entrave para o bom andamento da guerra. E, bem... pelo menos dessa vez, Azdeki não fugira.



No dia seguinte, ao nascer do sol, os homens dormiam em suas tendas, junto às fogueiras extintas, espalhados por todos os lados, num sossego que mal era perturbado pelo pio dos pássaros. Uma névoa matutina envolvia o acampamento silencioso. Deitado de lado, junto ao cercado dos cavalos, braços dobrados junto ao peito, Rã dormia. Sobressaltou-se com um pontapé em suas costas. Virou bruscamente a cabeça com uma careta. Um vulto imponente se erguia diante dele, envolto pela aurora numa estranha luz descorada, sem que ele conseguisse distinguir seu rosto.

– De pé.

Levou alguns segundos para reconhecer Dun-Cadal.

– O que foi...? – resmungou, esfregando os olhos.

Ainda estava com sono.

– Levante-se – ordenou Dun-Cadal.

Ao ver a seriedade do rosto de seu mentor, o garoto entendeu que nenhuma queixa o faria mudar de ideia, pois não dissera mais nada. Levantou-se, as pálpebras ainda pesadas, conformado em não dormir um pouco mais.

Dun-Cadal começou a caminhar. Estremecendo ao frio da manhã, Rã o seguiu a contragosto. Passaram entre as tendas, serpenteando pelos soldados adormecidos. Persistia o cheiro de álcool e de carne de porco assada. O garoto prendeu a respiração: aquele cheiro lhe dava náuseas. Quando

chegaram aos limites do bosque, o ar se fez mais fresco, mais agradável.

– Mestre?

Silêncio. Embrenharam-se no escuro das árvores, os galhos secos estalando sob seus passos. Os pássaros cantavam. Passado algum tempo, Dun-Cadal enfim se deteve e, de costas para seu aprendiz, pôs-se a refletir.

– Mestre Dun-Cadal...?

– O Sopro – começou o mestre com voz abafada. – O que eu lhe ensinei?

Rã hesitou. O que o general esperava que ele dissesse? Depois de ser acordado daquele jeito, não conseguia responder com discernimento, portanto quem falava era sua decepção.

– Pouca coisa... - queixou-se.

– Pouca coisa? – repetiu o general com um riso contido. Então se virou e seu semblante por um momento pareceu mais relaxado. Até a severidade voltar a contrair suas feições. – Não perguntei o que você acha. Perguntei o que você sabe. Então, o que foi que eu lhe ensinei?

Rã, naquela manhã, não conseguiu sustentar o olhar do mestre. Lutava contra a vontade de fechar os olhos, de dormir, de enfim descansar sem combate, sem medo, sem nada disso. Apenas fechar os olhos e não pensar mais.

– Tudo respira – respondeu por fim.

– O quê? – indagou o general, pondo uma mão atrás da orelha.

– Tudo está em movimento, como uma respiração. Isso é o Sopro – explicou o garoto, como quem recita uma lição, e deu um passo para trás, na defensiva, quando Dun-Cadal se aproximou desembainhando a espada.

– Foi só isso que você decorou... e tem a pretensão de se achar capaz de usar o Sopro tão fácil assim. – O mentor suspirou. – Muito bem. Me desarme.

– Como?

– Me desarme!

Afastou os braços, convidando-o a dar a estocada. Um estranho sorriso percorreu seus lábios enquanto observava a reação do aprendiz. O garoto tremia. Seria por causa do frio da manhã ou da angustiante perspectiva de enfrentá-lo em um duelo? Pouco importava, na verdade. Dun-Cadal sabia muito bem o que fazer. Quando Rã levou a mão ao punho da espada, seu sorriso congelou.

– Sem a espada – ordenou.

– O senhor está louco? Não vou...

– Me desarme sem a espada. Já que sabe usar o Sopro, vamos lá, surpreenda-me.

Embora não deixasse transparecer, Dun-Cadal exultava. À sua frente, o rapaz não sabia o que fazer. Hesitava, perdido, bem diferente do arrogante que o enfrentara no dia anterior.

– Estou esperando – murmurou Dun-Cadal.

Rã estendeu o braço, com a mão aberta na direção do mestre. E o general aguardou. Viu como ele aos poucos se retesava, os músculos do braço se contraindo a ponto de vibrarem feito um pedaço de madeira, mas nada aconteceu.

– Você não sabe o que é o Sopro – concluiu, embainhando secamente a espada.

O garoto baixou o braço e os olhos, mortificado. Toda a sua ira voltava a borbulhar, prestes a

explodir. Uma raiva cujo único motivo era a sua evidente derrota. Dun-Cadal estava certo. Não esboçou nem um gesto quando o general parou junto dele, encarando-o duramente.

– O Sopro é transmitido de cavaleiro para cavaleiro, não é um dom. É para quem sabe entender a maneira de usá-lo. Então aprenda. Sinta as coisas, Rã. Você não precisa abrir os olhos para vê-las. Basta saber que elas existem à sua volta. Senti-las vivas...

O garoto, no entanto, virou a cabeça como se não quisesse escutar. Seu orgulho beirava a insolência.

– Feche os olhos! – bradou o general. Não precisou repetir. Ele talvez fosse insolente, mas não era estúpido. – Muito bem... Agora – disse, com a voz repentinamente mais mansa – procure escutar o som do vento... Siga-o pelas árvores... Voe com ele... Escute os pássaros... não, o canto não... – Pôs a mão no ombro de Rã e se inclinou junto ao seu ouvido. – ... o batimento de seus corações...

O semblante de Rã relaxou, sua respiração ficou mais calma, mais vagarosa.

– A terra... o mundo inteiro é como o ar indo e vindo. O Sopro... a respiração do mundo. Todo mundo pode ouvi-la... mas sentir, controlar? Já é mais difícil... É preciso estar atento... se concentrar... Sinta o Sopro, seja o Sopro.

O peito do garoto agora se movia mais depressa. Quando viu que ele franzia o cenho, Dun-Cadal soube que o tinha conduzido aonde queria. O ritmo de suas palavras e a tranquilidade da voz o hipnotizavam.

– Sinta o Sopro, seja o Sopro – prosseguiu devagar. – Sinta, Rã! Respire como a vida. Respire no seu ritmo. Aí é que está a magia. Nesse Sopro que você exala. É como música tocando, Rã... Não basta escutar. Sinta... *legato... staccato...* Imagine, visualize a árvore ali na nossa frente... Está imaginando?

Já não havia raiva, ofensa, tensão. Rã, ao seu lado, se aprumava confiante. Dun-Cadal deixou passar um tempo antes de elevar a voz:

– Sinta o Sopro, Rã... e ataque!

Num movimento súbito, o garoto esticou o braço e, nisso, sobreveio um som igual ao grito do vento na tempestade. As folhas secas se ergueram num turbilhão, um sulco se abriu até o pé da árvore com incrível rapidez. A casca voou sobre as raízes protuberantes, então se grudou uns centímetros acima com um estalido semelhante ao gemido de um moribundo.

Só então Rã abriu os olhos. O general estava preparado, as mãos nos ombros do garoto. Já passara por isso, conhecia a dor que se segue ao primeiro autêntico uso do Sopro. Quando o viu abrir bem a boca, a respiração entrecortada, recordou a ardência no peito, os músculos que, de repente, pesavam feito chumbo. Rã foi se inclinando, cedendo ao próprio peso. Seu mentor o amparou e ajudou-o a se ajoelhar.

– Calma... calma... calma, menino – murmurava, apertando-o junto ao peito.

*Eu... eu prometo...*

E o garoto tossiu, com tanta força, tanta energia, que parecia literalmente estar botando, aos prantos, os pulmões para fora.

*Rã...*

– O Sopro, Rã... se aprende... Entendeu agora? Um dia você vai saber usá-lo. Eu prometo. Em troca, prometa para mim que nunca mais vai tentar uma loucura como essa de ontem.

*... ainda está dormindo, não pode acordá-lo.*

Com o corpo sobressaltado, pigarreando com força para arejar os brônquios, Rã assentiu.

*Ainda está dormindo!*

– Eu... eu... eu prometo – conseguiu articular, entre dois acessos de tosse.

*Acorde-o.*



– Ele ainda está dormindo.

– Acorde-o, preciso falar com ele.

Embora as vozes fossem abafadas, conseguia entender claramente cada palavra pronunciada.

– Peço que se retire – aconselhou uma voz.

– Não pretendo ir embora sem antes falar com ele – respondeu outra voz, com igual energia.

Veio a luz, finalmente. Aos poucos, suas pálpebras começaram a se mover, os olhos embaciados. Acima dele, os ornamentos desbotados do teto se embalavam num estranho clarão dourado. Tentou virar a cabeça, mas parecia haver uma bigorna alojada em seu crânio, as pontas batendo em suas têmporas ao menor movimento mais brusco. Fazendo uma careta, endireitou-se na cama. A casa de Mildrel. Estava de volta à casa de Mildrel. As imagens do dia anterior começavam a lhe voltar à mente. Segurou a cabeça com as mãos, amaldiçoando a si mesmo por ainda estar vivo. Como queria não acordar, já não ser mais que esquecimento, nem mesmo uma sombra, nada além de um vazio.

– A senhora não está entendendo! É importante!

Era uma voz jovem bastante determinada.

– Você não é bem-vinda aqui, fuçando o passado das pessoas.

Não foi difícil reconhecer Mildrel. As duas vozes vinham de trás da porta fechada do quarto. Através das cortinas cerradas, os raios de sol, já bem fortes, vinham se dissipar junto à parede oposta à janela. No cômodo ao lado, Mildrel e Viola discutiam. Obviamente, tudo opunha as duas mulheres. Uma cortesã que passara a vida seduzindo para galgar os degraus da alta sociedade parecia ter muito pouco em comum com uma jovem republicana.

– Deixe-o em paz...

Não era uma ordem; na verdade, era uma súplica. Sentando-se numa poltrona com braços revestidos de uma douradura desbotada pelo tempo, Mildrel suspirou.

– É Eraed que você quer, não é?

– Sim, foi por isso que procurei Dun-Cadal – respondeu Viola. – Ele fugiu de Émeris com ela. E essa espada faz parte da história deste mundo, minha senhora.

Junto à porta da saleta, Viola estava de pé, mãos unidas à frente do corpo. Mesmo elevando o tom para se fazer ouvir, ao mencionar a espada parecia voltar a ser uma menininha tímida.

– Eraed foi forjada para os reis deste mundo. Há quem diga que ela é mágica, capaz de quebrar as mais duras rochas, de furar a pele dos maiores dragões...

Calou-se por um instante, ajeitando uma mecha ruiva atrás da orelha. Pelas lentes de seus óculos redondos brilhava o lampejo de um devaneio.

– O que quer que esteja pensando, minha senhora, o que me trouxe aqui foi algo bem diferente – concluiu.

– Ele não tem nada a ver com o assassinato do conselheiro – garantiu Mildrel, antecipando-se à acusação que temia.

Viola meneou a cabeça.

– Eu sei disso. Estava com ele quando mataram o conselheiro. Mas ele conhece o assassino.

Se ficou surpresa com a informação, Mildrel não demonstrou. Aprendera a disfarçar suas emoções. Uma cortesã tinha que ser boa atriz para arrancar certos segredos e, mais que isso, fingir que não os conhecia.

– Tenho certeza. Ele mencionou a... Mão do Imperador.

Mildrel baixou o olhar. A luz do sol que entrava pela janela atrás dela aclarava seus ombros nus. Em sua nuca, caíam delicadas mechas cacheadas. Quando Viola a vira pela primeira vez, era noite. Ao chegar, naquela manhã, teve tempo de observá-la melhor. Entendia o que tinham lhe dito sobre ela: uma flor que o tempo custava a murchar... Já imaginava que Mildrel ia se colocar entre ela e Dun-Cadal. Estava até preparada.

– Você acha que pode tudo só porque nós servimos ao imperador Reyes, não é? – indagou Mildrel em tom ácido. – Você, com seus estudos, sua História, seus oculoelhos redondos, sua juventude louca e arrogante, vem fuçar no passado das pessoas, cutucar as feridas mais profundas para atingir seu objetivo... A liberdade que essa sua República lhe dá é a liberdade de julgar os outros. Só isso... – Num gesto nervoso, espanou o vestido antes de se levantar. – Não vou pedir de novo. Saia da minha casa. É um lugar que acolhe muitos cavalheiros de Massália. Alguns me devem favores e não hesitariam em cuidar de você... dentro do mais absoluto respeito por essa República que você tanto aprecia.

Passara para as ameaças pouco veladas. Viola sentiu suas mãos se umedecerem à ideia de que pudesse lhe acontecer algo doloroso. Só precisava cuidar de Dun-Cadal até que ele, espontaneamente, a levasse até Eraed.

– Senhora, é uma questão de vida ou morte...

– Para o *general* Dun-Cadal? Duvido. Para você, certamente.

– Preciso falar com ele.

– Basta eu enviar uma missiva ao chefe da guarda de Massália – avisou Mildrel, unindo as mãos.

– Não vai fazer nada disso – interveio uma voz rouca, quase inaudível.

A porta do quarto fora aberta sem elas perceberem. Dun-Cadal estreitava os olhos, uma mão apoiada no batente para manter o equilíbrio. Deu um passo incerto, fazendo uma careta. Aquela dor de cabeça não queria lhe dar trégua. Havia bebido quase o dia inteiro. Pigarreou para clarear a voz.

– Não vai fazer nada disso – repetiu – porque não pode, e sabe disso. Quem vem visitar suas meninas não são os burgueses da República, são os marinheiros de passagem...

– Cale a boca! – indignou-se Mildrel.

Dun-Cadal não se importava de reduzir a pó todo o esforço de Mildrel para protegê-lo. Os dois viviam no passado e viam o futuro como um inimigo.

– Por mais que tente assustar a moça, acho que não vai conseguir. Ela está determinada, não está?

Virou-se para Viola, que assentiu com um breve movimento da cabeça.

– O senhor ontem mencionou um tal de Négus – disse Viola sem esperar. – Um amigo seu.

– Sim – respondeu Dun-Cadal, lacônico.

– Um conselheiro – acrescentou ela.

O olhar do velho general se perdeu no vazio. Sua garganta estava seca. Négus também havia traído aquilo que passara anos defendendo. Seu velho amigo Négus... A dor de cabeça ficou mais forte e ele pôs a palma da mão úmida na testa.

– Négus chegou, está em Massália.

– E daí? – Ele suspirou.

– Pode alertar seu amigo. Eu levo o senhor até lá, ele vai ouvi-lo – explicou Viola.

Será? Será que ainda eram amigos, depois de tanto tempo? O general olhou para a jovem. Era tão determinada... Havia em seus olhos uma luz parecida com a que ele observara num certo garoto, muito tempo antes.

– Vai continuar sendo um fantasma pelo resto da vida? – murmurou Viola. – Ou vai agir como agiria um verdadeiro... *general*?

Ele parecia tão frágil, com aqueles olhos vermelhos e aquela pele esverdeada! Duvidava que conseguisse despertar dentro dele algo que parecia estar mais morto que adormecido. Mas ela precisava tentar.

– Com que direito você...? – exaltou-se a cortesã.

– Mildrel – interrompeu Dun-Cadal.

Dissera seu nome num sussurro. Apenas olhou para ela. Um olhar triste. Tudo aquilo não era por acaso: a chegada de Viola, Eraed, suas lembranças mais vivas do que nunca... a Mão do Imperador. Algo poderoso estava em curso... o divino?

– Me espere lá embaixo – pediu a Viola.

Quando o som dos passos dela na escada se distanciou, o velho guerreiro, ainda titubeante, atreveu-se a entrar na sala.

– Você não devia! – vociferou Mildrel.

– Não devia o quê? Dizer que você estava inventando histórias para assustá-la? – provocou ele, e então se apoiou numa mesa, massageando os olhos com a mão trêmula. – Você, como todos nós, fugiu de Émeris e da corte! Vem sobrevivendo numa República que já nos esqueceu. Nenhum dos homens que você corteja tem poder neste mundo. A única coisa que você ainda pensa controlar sou eu. Você já me protegeu o suficiente, minha cara. Essa moça tem razão. Está coberta de razão...

– Ela o fitava com um olhar severo, em que ele gostaria de ver outra coisa além de censuras. –

Mildrel...

– E ela? – indagou a cortesã com voz trêmula. Um sorriso transformou seus lábios vermelhos em uma linha. – O que ela tem que as outras não têm?

– Talvez seja o fato de que ela precisa de mim – sugeriu ele.

Foi até a porta com passos mais firmes, então se deteve, com a mão na maçaneta.

– Não é a Mão do Imperador – disse Mildrel.

– E se fosse? – rebateu Dun-Cadal, fitando a fechadura, pensativo.

– Você quer vingá-lo, é isso? Dun-Cadal, você não é mais um...

– Um general? – Ele se voltou tão bruscamente que precisou se segurar na maçaneta. Um sorriso amargo franziu seu semblante. – Como é que você me vê, Mildrel? Como um dejetto? Um resquício?

– Não foi o que eu quis dizer...

– Como? Como um pobre pinguço? É isso que eu sou, Mildrel, um bêbado! Passei tempo demais afastado do mundo. O que eu sei da República? O que sei das pessoas que sobreviveram depois do Império? Se, antes de morrer, eu puder fazer algo bom... não por um Império, não por uma República, mas só para salvar vidas... Como faria um cavaleiro. Um general...

No olhar de Mildrel, aureolado pelo sol forte de Massália, ele já não via nenhuma censura, nenhuma ira ou tristeza. Apenas afeto.

– Me diga, Mildrel. Me diga como você me vê – insistiu em voz débil, antes de acrescentar: – É ele mesmo, é Logrid, tenho certeza. Quer se vingar de todos que destruíram o Império, todos aqueles que viraram a casaca. Só pode ser isso. – Abriu a porta. – Sinto muito.

– Por quê?

– Por você. Por você e por mim. Que ironia... Eu sempre soube dar a morte... – saiu do cômodo e, fechando a porta ao passar, concluiu com voz rouca: – ... mas nunca soube dar a vida...

# 8

## KAPERNEVIC

*Vejam... Você me apelidou de Pernalta, não foi?*

*Vou lhe dar o troco.*

*Já que você parece gostar desses bichos...*

*Vai ser...*

*Rã...*

*Vou chamá-lo de Rã...*

Cada passo era um esforço, cada movimento reavivava a dor dentro de sua cabeça, que era igual ao estrondo de uma violenta batalha cujo eco custava a sumir. Caminhava fazendo o possível para manter a dignidade, mas seu equilíbrio era tão precário que tinha que andar rente às paredes para se apoiar de vez em quando.

– Acha que consegue? – perguntou Viola.

Na rua repleta de vida e ruídos, ela parecia um farol, luminosa, tranquila... seu rosto tão suave, emoldurado por duas mechas onduladas de um vermelho flamejante afagando as faces. E o cheiro de lavanda que pairava ao seu redor o apaziguava. Os muros claros de Massália, refletindo a crua luz do sol, eram como uma tortura. Ele estreitava os olhos, resmungando:

– Está tudo bem... tudo bem...

– Falta pouco – disse ela para encorajá-lo.

Ele se apoiou numa fachada, lívido, praguejando contra seu vício. Precisava ter bebido tanto? Veio-lhe à mente a imagem de um caneco, como se tomá-lo fosse a solução para sua dor. Baixou o olhar. Sua mão direita tremia...

– Abram alas! Abram alas! – bradou uma voz.

Os transeuntes se afastaram diante de uma tropa de guardas. Devia ser a quarta que cruzavam desde a mansão de Mildrel. Marchavam todos no mesmo ritmo, os pés batendo no chão lamacento, as pontas das lanças brilhando acima dos capacetes. Nunca haviam sido usadas.

Aqueles soldados decerto nunca tinham estado em combate, mas avançavam inflados de orgulho... *Patético*, pensou.

– É por causa do assassinato do marquês de Enain-Cassart – explicou Viola. – Desde ontem à tarde estão vasculhando a cidade.

– Ah, é? – Dun-Cadal respirou fundo. – Boa sorte para eles...

Passaram em frente a uma igreja antiga, de portas abertas, em cujo patamar encontravam-se quatro homens usando baeta preta, as cabeças raspadas. À sombra do campanário, recitavam em coro palavras sagradas, um livro aberto nas mãos. Dun-Cadal reconheceu alguns trechos do *Liaber Moralis*, um dos pilares da Ordem de Fangol. Deteve-se, pensativo. Quantas vezes escutara os sermões dos monges? Será que ainda lembrava o que era certo ou errado? Estavam quase cantando, cheios de fervor, atraindo grupos de curiosos. Houve uma época em que centenas de pessoas assistiam às missas. A fé vinha se perdendo, enquanto outras religiões se instauravam. A dos nâagas, que veneravam as serpentes, voltara a ser tolerada. A das ilhas Súdias, que nomeava seus deuses, era respeitada e, pior, corriam boatos sobre um “filho das águas”, um messias, que um dia viria purificar a Terra. Dun-Cadal crescera à sombra do *Liaber Dest*, no qual estava registrado o destino imutável dos homens. Tinha aprendido a distinguir o certo do errado no *Liaber Moralis* e o respeito aos deuses no *Liaber Deis*... Será que a República dava ouvidos à Ordem de Fangol em Émeris ou já se esquecera de quanto os monges tinham trabalhado para construir uma sociedade justa?

– Temos que nos apressar, Dun-Cadal – disse Viola.

Recomeçou a andar, o capuz batendo nos ombros. Por toda parte, nas ruas e nas praças, observava-se uma surpreendente mistura que o Império jamais teria tolerado. Os pobres cruzavam com os ricos, os nâagas andavam sem ouvir comentários, senhoras com lindos vestidos coloridos estendiam a mão para jovens burgueses bem penteados. Mesmo que não trocassem mais que umas poucas palavras, todos tinham a liberdade de se falar, se elogiar ou, no pior dos casos, se xingar. A ordem dera lugar a um caos indescritível, imerso numa incessante algazarra de idiomas, de odores ora agradáveis, ora repulsivos. Quer dizer que era naquele barro molenga que a República pretendia fundar seus alicerces, bem longe do duro e firme cimento do Império?

– Então é isso que é sua... República! – exclamou Dun-Cadal, a boca franzida em uma expressão de nojo.

Essa mistura, esse desprezo pelos monges da Ordem de Fangol, esse esquecimento... Por isso ele fechara os olhos por tanto tempo. Aquele, de fato, já não era o seu mundo.

– É aqui – disse Viola, sem se dignar a reagir ao comentário.

Estavam numa grande praça cercada de construções imponentes. No frontão de uma delas se destacavam cabeças de lobo com as mandíbulas à mostra. A fachada do edifício ilustrava a ostentação típica do período dos reis Caglieres, facilmente comparáveis aos mais ferozes animais, andando sempre em matilhas. Durante três séculos, pouco antes do advento dos Reyes, tinham exercido uma política de conquista, invadindo reino após reino até as longínquas ilhas Súdias. Estabeleciam as raízes do Império, até que um deles o declarasse como tal: foi o único da dinastia Cagliere a usar o título de imperador. O último lobo morreu solitário.

Uma ampla escadaria conduzia aos portões, vigiados por quatro alabardeiros pouco inclinados a conversa. Sem esperar, Dun-Cadal passou à frente da moça.

– O que... Ei! – exclamou ela.

Seus passos, apesar do cansaço, eram rápidos e decididos. A dor de cabeça se atenuava. Ele parou de repente, fitando-a por sobre o ombro.

– Você queria que eu me encontrasse com Négus, não?

– Eles não vão deixá-lo entrar – respondeu a jovem, correndo atrás dele.

Tinha razão. Négus fora seu amigo mais próximo... Será que ainda era, agora que servia àqueles contra quem tinham lutado juntos? Mal pôs o pé no patamar, as alabardas baixaram à sua frente com um estalido seco.

– Viemos falar com o conselheiro Négus – interveio imediatamente Viola com voz trêmula. – Queremos pedir uma audiência.

– As visitas estão proibidas – respondeu secamente um dos guardas.

Desde o assassinato, as ordens eram claras. Ninguém deveria se aproximar dos conselheiros da República antes da grande Noite das Máscaras. Viola, com as mãos levantadas, se colocou entre Dun-Cadal e as alabardas.

– Por favor, perdoem meu amigo por essa aproximação brutal, mas...

– Diga a Négus que um velho amigo quer vê-lo – interrompeu Dun-Cadal. – Anunciem o homem que ele pensou ter morrido nas Salinas. – Então acrescentou, vendo a resistência dos guardas: – Ele vai entender.

Com um gesto, convidou-os a abrirem os portões. Após um breve instante de hesitação, um deles entrou no prédio, retornando uns bons dez minutos depois. Sem dizer nada, o guarda os fez entrar e conduziu o general e Viola a um grande salão com vastas janelas coloridas de vermelho e dourado. Ao passarem por elas, o sol desenhava curiosas teias oblíquas nos ladrilhos acobreados. Duas fileiras de colunas se erguiam como um corredor de honra até o pé de duas escadarias que emolduravam uma larga porta de carvalho.

– Aguardem aqui – ordenou o guarda, indicando uma série de bancos dispostos abaixo das janelas. – O conselheiro Négus vai recebê-los em alguns instantes.

Quatro soldados desceram as escadas com passos cadenciados e se posicionaram em lados opostos da porta, a mão no punho da espada. Não seria precaução demais apenas para eles dois? Um idoso de olhos cansados e uma moça de olhar inocente protegido por óculos frágeis? Viola foi calmamente se sentar num dos bancos. Sua tranquilidade era fingida, Dun-Cadal percebia isso muito bem. De vez em quando, ela cerrava os punhos junto às coxas, como se para aplacar a apreensão. Ele se aproximou dela, recostando-se numa coluna com os braços cruzados.

– Como está sua cabeça? – indagou Viola.

– Vai melhorar – respondeu ele, erguendo os olhos para as grandes vidraças atrás dela. – A coloração das janelas conferia à luz do sol um brilho dourado. – Será que... andei falando demais? – inquietou-se em voz baixa, com ar distante.

O general enfrentou seu olhar, ansioso por ver a resposta antes mesmo de ela dizer qualquer coisa.

– Não tanto quanto eu gostaria – respondeu ela com um leve sorriso. – Se está com medo de ter me contado para onde levou Eraed, posso garantir que nem tocou no nome da espada. O senhor falou em Rã. Falou na batalha ao pé de Vershã.

Ele assentiu, pensativo.

– Gosta dele, não é?

Dun-Cadal se manteve imóvel, os olhos semicerrados.

– De Rã – explicou Viola. – O que aconteceu com ele? A História não o menciona. O senhor, no entanto, aparentemente o considera um grande cavaleiro.

O rosto dele endureceu.

– Não basta constar nos livros de História para ter existido – indignou-se.

– Não foi o que eu quis dizer – defendeu-se ela.

– E daí? Você não sabe nada sobre ele.

Dun-Cadal se afastou da coluna, prestes a vir para cima dela. Sentada no banco, Viola recuou até a parede num gesto de pânico. Ele se inclinou na direção dela, o hálito ainda tomado pelo álcool.

– Nada – repetiu ele num sussurro. – Não sabe nada. Ele era o melhor dentre nós, o mais puro. Os monges deviam ter escrito suas façanhas. Teria sido o maior se... Teria... – Parou de súbito, o olhar vidrado, enevoado, então se endireitou, apertando o cinturão com as mãos. – O Império ainda existiria. Ele o teria defendido sozinho. No meu tempo, ele era muito conhecido, sabe... mas imagino que, sob a República, não seja de bom-tom lembrar disso. Ele era conhecido e respeitado. Você já ouviu falar no dragão de Kapernevic?

– O último dragão vermelho? – Dun-Cadal assentiu, desviando o olhar. – O maior dragão do Norte – explicou Viola, como quem recita uma lição. – Durante anos ele aterrorizou a região, até...

– ... até chegarmos lá – reconheceu Dun-Cadal. – Os dragões, em sua maioria, são animais estúpidos que muitas vezes se assustam com a mera aproximação humana. É fácil enganá-los. Às vezes, até se esquecem de voar, para você ter uma ideia. Já os dragões vermelhos... Esses são grandes, raros... e extremamente violentos. Estávamos em Kapernevic. Estávamos lá. Négus também. Foi a última vez que o vi.

Ouviram, ao longe, uma porta rangendo. Os dois se viraram para a extremidade do salão e avistaram um homem baixo e roliço que usava uma longa e larga toga branca e um pano verde e dourado no ombro. Trocou umas palavras com os guardas e procurou com o olhar as pessoas que pediam para vê-lo.

– E...? – indagou Viola num sussurro.

– Se não existe mais dragão vermelho em Kapernevic, é graças a Rã. Apenas a ele – murmurou o militar, sem mais explicações.

Num gesto brusco, contornou a coluna e foi ao encontro do homem baixo e roliço. Viola levantou-se e o seguiu, as mãos suadas.

– Négus! – bradou Dun-Cadal em tom pouco amigável.

– Conselheiro Négus – corrigiu o homem, vindo em sua direção.

– Para mim você sempre será Anselme Nagolé Egos, vulgo Négus.

Os dois homens ficaram frente a frente. Embora Dun-Cadal, pelo menos dois palmos mais alto, o olhasse de cima, o homenzinho não parecia nada intimidado. Encarava-o com arrogância, confiante, um braço dobrado sobre a barriga, o polegar esfregando a palma da mão num gesto lento.

*Em Kapernevic. Foi a última vez que o vi.*

– Faz tanto tempo – observou o conselheiro, sem demonstrar qualquer emoção. – Meu velho amigo...

Ficaram olhando um para o outro sem dizer mais nada. E as feições marcadas de seus semblantes foram relaxando à medida que um sorriso emocionado se desenhava em seus lábios.

*Em Kapernevic.*

– Tempo demais – murmurou Négus, oferecendo a mão.

Dun-Cadal olhou para a mão estendida.

E ofereceu-lhe a sua.

*Kapernevic...*

*... a mão com dedos vermelhos, o sangue espesso correndo em suas veias para enfrentar o frio fulminante da região.*



Afastou um ramo para apreciar melhor a paisagem lá embaixo, um vale coberto de pinheiros e atravessado por um rio congelado. Entre a ramagem desenhavam-se os telhados de colmo da aldeia de Kapernevic e suas torres de vigia de madeira. Quando soltou o ramo, este estalou feito chicote, espalhando ao redor a penugem branca que cobria seus espinhos. O rangido da neve sob seus passos não perturbou o garoto atrás dele.

– Não acha que já chega? – reclamou Dun-Cadal.

Próximo aos cavalos presos ao tronco de um pinheiro, Rã balançava devagar, jogando os braços à frente ao expirar. Um sulco imediatamente se abriu no chão, indo até um pinheiro. Em toda parada, todo acampamento, todo momento ocioso ele se exercitava, sem poupar esforços. Aos poucos, fora aprendendo a usar o Sopro sem sofrimento, e se seus pulmões ainda latejavam depois de cada tentativa, a dor já se tornara suportável.

Os dois vestiam amplas capas pretas guarneçadas de pele, botas pretas acolchoadas que protegiam os pés do frio do Norte.

Três anos tinham se passado desde as Salinas. A guerra prosseguia, encadeando vitórias e derrotas, dando-lhes pouca trégua. Voltaram três vezes a Émeris. Três vezes Rã não conseguira encontrar o imperador. Contudo, embora o garoto não pudesse confirmar, Dun-Cadal não deixara de tecer elogios a seu aprendiz. Asham Ivani Reyes acompanhava com interesse a evolução do jovem, chegando a levantar a hipótese de que em breve seria consagrado cavaleiro. Um órfão tornar-se cavaleiro já era, por si só, algo bem raro, mas o imperador dignar-se a estar presente em seu juramento beirava a esfera do impossível. Apenas alguns poucos nobres haviam tido essa

honra; o último fora Étienne Azdeki. O general nunca tinha lhe dito, certamente por pudor, ou para preservar sua aura de mentor, que se orgulhava muito dele. Nenhum dia se passava sem ele se exercitar até quase cair desmaiado. Rã não mencionava a dor. Não deixava o sofrimento transparecer. Fazia questão de esperar até seu mestre dormir, ou se ausentar, para testar seus limites e ampliá-los mais e mais. Por pudor, decerto...

– Pare com isso – ordenou Dun-Cadal. – Um menino como você só vai acabar se machucando.

– Um menino como eu seria capaz de derrubá-lo, Pernalta. – Rã sorriu, mexendo os ombros para relaxar.

Massageou o ombro direito e fez uma careta, então tratou de soltar as montarias. Seu rosto estava mais seco, seu maxilar, mais quadrado, as feições, mais finas. Pouco a pouco, o homem começava a surgir. Um cavanhaque incipiente contornava seus lábios. Achando graça, Dun-Cadal pensou que, um dia desses, seria bom lhe ensinar a se barbear direito.

– É mesmo? Eu não apostaria nisso se fosse você.

– Não é bem assim. Porque, se não fosse eu, o senhor teria alguns anos a menos. Quem foi que lutou contra os ruargues nas Salinas? O senhor é que não foi. Ficou lá dormindo, debaixo do seu cavalo.

Dun-Cadal meneou a cabeça, sorrindo, enquanto enfiava a mão numa grossa luva de couro. Apreciou o calor suave aquecendo seus dedos e segurou as rédeas do cavalo, pondo um pé no estribo.

– Rã, você está sendo atrevido. Atrevido.

– Só estou pondo em prática o que o senhor me ensinou – defendeu-se o garoto, imitando o mentor.

– Não lhe ensinei a ser atrevido.

Os dois montaram seus corcéis e saíram trotando pela pequena trilha quase totalmente coberta pela neve. Em vários pontos a terra virava lama suja e uma penugem macia cobria os pinheiros. Reinava o sossego, perturbado apenas pelos cascos dos cavalos.

– Isso é porque o senhor não imagina as lições que tiro só de observá-lo.

– Bajulação também? – Dun-Cadal riu. – Está com medo de que, ao chegar a Kapernevic, eu resolva lhe dar um chute no traseiro, para me elogiar assim?

– Por que nos mandaram para lá? – queixou-se subitamente o garoto, enquanto puxava seu capuz forrado de pele para proteger-se do frio. – A maior parte da guerra está no Sul.

– Não está gostando da paisagem?

– Pernalta, o senhor é um general – indignou-se. – Já provamos nosso valor mais de uma vez, não foi? Então por que nos mandaram buscar esse... alquimista?

– O imperador talvez ache que está na hora de acalmar esse seu ímpeto – zombou Dun-Cadal.

Rã tinha crescido bastante, mas ainda acontecia de enfrentar o general vez ou outra. De forma mais moderada, sem dúvida, e até se dando um tempo para pensar antes de agir. Mas sua ira permanecia intocada. “Ímpeto”, na verdade, era uma palavra leve. Tinha 16 anos e se comportava ora feito criança, ora feito homem. Um dia a maturidade acabaria levando a melhor.

Atravessaram as florestas nevadas, desceram até o centro do vale, percorreram a galope as

clareiras cobertas por um pesado manto branco. Cruzaram com algumas carroças repletas de mulheres e crianças que, com olhar fúnebre, fugiam da região. Mas fugiam para onde? Já não havia lugar que escapasse das chamas, não havia vale, campo ou estrada que resistisse ao derramamento de sangue. A guerra estava por todos os lados.

Chegaram a Kapernevic sob um céu de brilho pálido. À beira do rio congelado, perdidas entre florestas de pinheiros, erguiam-se casas de madeira. As chaminés de pedra expulsavam espirais cinzentas de fumaça que se dispersavam pelos quatro cantos da aldeia, sobrevoavam as torres de vigia e desapareciam sobre a floresta. Os aldeões que haviam optado por ficar, ou que não podiam se dar ao luxo de abandonar o pouco que tinham, se agasalhavam com grandes panos remendados. Vagueavam feito fantasmas, lívidos, cheios de olheiras. Junto à porta de uma casa decrepita, estava sentada uma mulher que segurava nos braços uma menininha de talvez 5 anos. Em meio à sujeira que encardia o cabelo da criança, Rã discerniu mechas loiras, reminiscências de tempos mais felizes. A menina o acompanhava com os olhos, sem nenhuma expressão precisa. Limitava-se a observar de forma distante, aconchegada no colo da mãe. A vida parecia ter abandonado todos eles.

Ante o olhar impávido daquela pobre gente, os cavaleiros marcharam lentamente. Foram escoltados por alguns soldados até a torre de vigia que ficava na outra extremidade da aldeia, virada para as colinas arborizadas ao Norte. Nenhuma palavra, nem mesmo um sussurro, acerca de sua chegada. Até que o silêncio gélido foi quebrado por um riso. Descendo a escada do campanário, um homem rechonchudo quase explodia de alegria. Usava uma armadura amassada, pesada e apertada, além de uma pele de animal sobre os ombros. Passou a mão roliça no rosto avermelhado pelo frio. Não acreditava no que estava vendo.

– Me disseram que alguém vinha buscar o inventor, mas estava a mil léguas de imaginar que fosse você – confessou ele, entre risadas. – Você...

Apontou o dedo para o general, que descia do cavalo.

– Você por aqui! – exclamou, abrindo os braços. – Meu velho amigo!

– Deviam ter mandado você para o Sul! É por causa do frio que seu apetite continua imenso? – zombou Dun-Cadal antes de se abraçarem. – Eu achava que íamos escoltar um alquimista.

– Alquimista, inventor, tanto faz, meu amigo... ele é um pouco de tudo... e de nada.

Rã também desceu do cavalo, deixando para um dos soldados a tarefa de levar as montarias até o bebedouro. Alguns aldeões com ar exaurido que passavam próximo à torre de vigia pararam para observá-los. O general e seu pupilo usavam, ao contrário deles e até mesmo dos soldados, belos trajes que não pareciam ter se desgastado em nenhuma batalha. Rã os examinava, desconfiado, o polegar enfiado entre o cinturão e a virilha, os dedos afagando o punho da espada. Soltando-se do abraço do companheiro de armas, Dun-Cadal olhou para Rã de relance. O garoto estava alerta, como se estivesse em território inimigo. O que ele temia? Aqueles pobres esfarrapados? Percebeu em sua fisionomia uma expressão que o entristeceu... uma expressão de desprezo. Rã desprezava aquela gente. O trabalho de educá-lo estava longe de terminar...

– Rã, venha cá! – chamou.

– Como ele cresceu... – murmurou Négus.

– Nem por isso se tornou sensato – disse o general, antes de elevar a voz quando Rã se aproximou deles: – Lembra-se de Négus? De Garmaret?

O garoto assentiu em silêncio e se inclinou levemente. A primeira parada deles, depois de deixarem as Salinas, fora o forte de Garmaret, então sob o comando do general Négus. É claro que ele lembrava. Dun-Cadal, na ocasião, o vira conversando com uma moça, uma refugiada das Salinas, e com seu olhar experiente percebera que ela não lhe era indiferente. Rã não esboçou nenhum sorriso, nenhum sinal de simpatia, só o mínimo da polidez devida a um general. O semblante de Négus ficou sombrio.

– Ouvi falar muito em você – comentou. – Mudou muito desde que nos vimos em Garmaret.

– O senhor também, desde que perdeu a cidade – respondeu Rã secamente.

Camuflados pelo capuz, seus olhos faiscavam, mordazes, encarando firmemente o general baixinho. O tempo pareceu passar mais devagar, como se a resposta do garoto os tivesse atordoado. Antes que Dun-Cadal pudesse se indignar, Négus, estupefato, suspirou. Então virou a cabeça na direção do céu, soltando uma forte gargalhada e batendo na barriga protuberante.

– Não há como duvidar! – exclamou. – Você é mesmo o mentor desse garoto!

Imediatamente aplacou sua irritação com um tapinha amigável no ombro.

– Às vezes ele esquece com quem está falando – justificou Dun-Cadal, lançando ao garoto um olhar de repreensão.

Rã, porém, pareceu não ligar.

– Ora... ele tem razão – concordou Négus, agitando as mãos. – Eu de fato perdi Garmaret.

Quem não perderia, frente àquela rebelião?

Dun-Cadal recebeu ouvir uma voz afirmando que ele próprio não perderia, mas Rã ficou calado. O garoto percebera o constrangimento do general. Mas havia malícia e provocação no olhar divertido que lhe lançou. Dun-Cadal se retesou, punhos cerrados, pronto para dar-lhe uma lição. No fundo, contudo, gostava de seu temperamento. Em outras circunstâncias, com pessoas que não apreciasse, até acharia graça em seu atrevimento.

– Não imaginei que o imperador mandaria você – confessou Négus. – Principalmente nesse papel de simples escolta. O tal inventor tem tanta importância assim?

Pela careta em seu rosto redondo, era óbvio que não tinha grande estima pelo homem.

– O inventor, não sei, mas o nobre da corte que solicitou o repatriamento, sem dúvida.

– Bem... – Négus suspirou. – Se o imperador atendeu ao pedido e confiou a missão a vocês, é porque a considera importante. Para ser bem sincero, por mim está ótimo. Mais alguns dias e eu ia acabar enfiando a espada nesse sujeito.

Desconcertado, Dun-Cadal franziu a testa. Négus percorreu a aldeia com o olhar, observando as casas.

– Aladzio! Aladzio! – chamou. – Onde é que essa anta se meteu? ALADZIO!

Quando um vulto magro, com um tricórnio na cabeça, apareceu numa esquina, Négus fez sinal para que se apressasse.

– Aladzio! Venha cá!

– E-Estou indo, general, estou indo – gaguejou o rapaz. – Só me dê tempo de... Ai, puxa!

Ao correr, derrubou quatro rolos compridos de pergaminhos que trazia embaixo do braço. Inclinou-se para juntá-los, e com isso uns livros que segurava junto ao peito escorregaram do outro braço. Ajoelhado na neve, ofegante, tratou de juntar tudo. No ar frio, sua respiração formava nuvenzinhas que se multiplicavam à medida que sua ansiedade aumentava.

– Isso aí? Um gênio? – provocou Négus. – Faz três meses que está estudando umas pedras não sei do quê e só o que conseguiu foi atear fogo no celeiro.

– Talvez por acidente, não? – sugeriu Dun-Cadal.

– Três vezes seguidas?

Dun-Cadal cruzou os braços contendo uma risada.

– Não sei que nobre da corte faz tanta questão desse imprestável, mas com certeza está querendo incendiar a própria casa – acrescentou o general Négus baixinho. – Aladzio! São só uns pedaços de papel, deixe que apodreçam na neve! – reclamou.

– Deixar que apodreçam? – escandalizou-se o alquimista, enquanto desajeitadamente juntava os pergaminhos. – Estas obras dos monges copistas? O senhor nem imagina, general, a súplica de saber contida nestes “pedaços de papel”. Seria uma ofensa à Ordem de Fangol se eu estragasse sua obra.

Assim, tiritando em seu longo manto azul, pernas unidas, veio andando passinho por passinho. Quando chegou ao pé da torre de vigia, se deparou com Rã impedindo sua passagem, os dedos tamborilando no punho da espada. O alquimista tinha cerca de 25 anos, rosto lívido, olheiras fundas, bochechas coradas de frio. Seu cabelo cacheado esvoaçava pela nuca, protegido por um tricórnio negro como ébano. O largo manto azul estava coberto de manchas estranhas, resíduos de experiências ou simples sujeira, era difícil dizer. Passando a língua pelos lábios finos rachados, conteve um riso sem jeito, passou por Rã e, muito constrangido, se apresentou perante os dois generais.

– Mil perdões, eu... achei uns... uns... sim, uns achados, eu diria – gaguejou. – Umas pedras naquelas minas perto de... lá, nas minas...

Amassando os pergaminhos junto ao peito, conseguiu soltar um dos braços e estendê-lo em direção à floresta atrás da torre de vigia.

– O território dos homens de Stromdag – explicou Négus virando-se para o amigo. – É ele quem lidera a revolta em Kaperdae, Krape e nas cercanias de Kapernevic. Prometeu liberdade aos mineiros que se uniram a ele.

– As minas – repetiu Aladzio, com ar sonhador. – Há muitos achados por lá. – Um largo sorriso, quase igual ao de um tolo, iluminou seu semblante. – Para mim é como um... – Buscou uma palavra e então, inclinando-se levemente, disse em tom de conivência: – Sabe, como o beijo de uma mulher num lugar mais... enfim...

Dun-Cadal desviou o olhar, ao mesmo tempo se divertindo e chocado. Quem tinha tanto interesse nesse homem a ponto de mandar buscá-lo na região mais remota do Império? Então, como se Aladzio não estivesse presente, o general se virou para o amigo.

– Stromdag? – perguntou. – Não vou me demorar por aqui, mas me ponha a par das novidades.

– Ora, não há nada de novo – respondeu Négus.

Andando em direção aos pilares da torre de vigia, Dun-Cadal elevou a voz:

– Rã, leve Aladzio para a estalagem e prepare nossos quartos.

– Mas... – disse o garoto, gemendo.

Dun-Cadal mal moveu a cabeça. Seu tom bastou para reprimir qualquer traço de insolência.

– Cuide de Aladzio e não discuta. Vamos partir amanhã, assim que amanhecer.

Trocou um sorriso com Négus ao ouvir o garoto resmungando.

– Vamos lá – disse Rã ao inventor num tom glacial.

Os dois seguiram pela rua principal da aldeia rumo à estalagem. Aladzio quase trotava atrás do garoto, preocupando-se em não derrubar seus preciosos pergaminhos.

Alguns soldados, pálidos e com olheiras, passaram perto da torre de vigia. O metal de suas armaduras estava manchado, bastante entalhado e, por baixo, pedaços das cotas de malha pendiam feito pano velho rasgado.

– Stromdag? – indagou Dun-Cadal. – Quem é ele?

– No começo, um simples ladrão – respondeu Négus. – Para a maioria dos camponeses da região, é uma espécie de bandido de bom coração.

Pôs-se a galgar a escada que levava ao alto da torre, convidando o amigo a segui-lo, e enquanto subia prosseguiu:

– Há pouco mais de um ano, assumiu a frente da revolta do Norte. O general anterior conseguiu rechá-lo até Kaperdae, mas isso lhe custou a vida.

– E eles têm mantido suas posições, com este frio? – perguntou Dun-Cadal.

Négus chegou ao alto da torre, apoiou-se no parapeito e içou-se para a guarita. Toras pesadas, amarradas umas nas outras com cordas trançadas, compunham uma espessa plataforma cercada de tábuas. Em cada canto, pilares de madeira sustentavam um telhado inclinado. Dois guardas andavam de um lado para outro perscrutando o horizonte com um arco na mão. Um terceiro guarda estava sentado junto a um saco velho e talhava uma ponta de flecha com um facão. Ao ver Négus se aproximar, endireitou-se, como que pego em flagrante. Sem dizer nada, o semblante austero, o general fez um gesto. O homem se afastou para deixar que se aproximassem do parapeito. Apoiando as mãos na borda, contemplaram a extensão de floresta coberta por uma fina penugem leitosa. O horizonte se confundia com o céu de um branco ofuscante.

– Esse é o terreno deles – observou Négus com seriedade. – Conhecem os mínimos recantos, desde essa floresta até os montes, um pouco mais ao norte. Aqui eles estão em casa...

– ... como nas Salinas – comparou Dun-Cadal.

– Nas Salinas eles jogaram os ruargues contra nós. Aqui, prometem liberdade aos mineiros... e atacam a fúria dos dragões...

Esses territórios pertenciam ao Império, mas que general podia se gabar de conhecê-los bem? A maioria havia sido criada em Émeris ou, como no caso de Dun-Cadal, tinha passado a juventude reclusa num castelo. Se a guerra continuava, era simplesmente porque se romperam o laço que os unia ao povo. Nem o próprio imperador tinha consciência disso. Pela primeira vez, embora tivesse passado por tantos combates, Dun-Cadal teve a estranha sensação de que o Império estava

realmente ruindo.

– Está vendo aquela depressão? – perguntou Négus, apontando ao longe.

Dava de fato para vislumbrar, por baixo das copas das árvores, o vale arborizado até o sopé dos montes.

– Só por isso ainda não fomos derrotados – admitiu Négus. – Os dragões são tragados pela floresta. Nem lhes passa pela cabeça sobrevoá-la até Kapernevic. Percebe? Quando Stromdag os expulsa de seus antros, eles disparam por entre as árvores. É só por isso que ainda estamos aguentando.

– Animais... – grunhiu Dun-Cadal. – Simples animais...

Sabia que os dragões eram estúpidos, que agiam igual às ovelhas, mas não que chegassem a esse ponto. O suposto trunfo dos rebeldes talvez se revelasse, no fim das contas, um ponto fraco.

– Animais, sim, mas que fazem picadinho dos nossos homens mesmo em terra. Imagine se um dia algum deles resolve voar para este lado do vale... Até agora eles têm se contentado com o monte.

– Não há motivo para se preocupar – garantiu Dun-Cadal. – Com esses dragões idiotas, é sempre a mesma coisa. Se os colocarem num corredor a céu aberto, vão simplesmente andar por ele feito ratos. As coisas não mudam, meu caro Négus.

– Mudam, sim – rebateu Négus num sussurro, os olhos baixos. – Algumas mudam.

Inspirou fundo antes de falar, como se quisesse se livrar de um peso morto:

– Nada mais será como antes. Esta guerra já dura tempo demais. Você, que estava em Émeris, não percebeu?

– O quê?

– O ninho de víboras, meu amigo. O imperador tem sido mal aconselhado. Laerte, o filho de Uster, está desaparecido. Dizem que está em campanha para os lados de Eola. Embora haja realmente uma revolta por lá, ninguém pode afirmar, de fato, que é comandada por ele. Parece estar em todo lugar, à frente de toda rebelião que aparece. Você sabe que prenderam insurgentes em Serray. Eles foram interrogados. Prenderam outros para os lados de Brenin. Todos contaram ter cruzado com Laerte, mas ninguém soube dizer como ele é. Esse homem deixou de ser de carne e osso, virou um boato. E sabe o que acontece com os boatos? Correm até o palácio. Lá também a revolta está latente... Aquilo que não se vê assusta muito mais. Alguns nobres teriam se juntado a ele. As ideias de Oratio de Uster são atraentes. Ao enforcá-lo, nós o transformamos num mártir. E isso Laerte entendeu muito bem. Uma guerra política, de acusações, disse me disse... é o que está acontecendo em Émeris. Uma guerra em que as palavras são a única arma.

Apoiado no parapeito, Dun-Cadal deixou seu olhar vagar pela estranha e quieta paisagem. Kapernevic parecia tão sossegada. As copas das árvores distantes balançavam levemente, afagadas por um vento suave.

– Existe algum suspeito? – inquiriu Dun-Cadal, com expressão séria.

A simples ideia de que Émeris pudesse estar infestada era insuportável para ele. O palácio era seu refúgio, seu antro, seu coração. Ele protegera o imperador de forma inconfessável, para em seguida servir a ele do modo mais honroso. E eis que o mundo perfeito que construía para si

vacilava feito uma pobre torre de vigia... uma torre de madeira, tão frágil quanto essa em que se encontrava agora.

– Há boatos sobre alguns nobres de famílias próximas das Salinas. Os condes de Alser, de Rubegond... o duque de Erimburgo... sem falar nos refugiados das Salinas... especialmente alguns.

Combater. Bater. Atacar. Isso era comum para Dun-Cadal. As brigas de influência nas altas esferas, porém, eram-lhe totalmente estranhas. Sentia-se desarmado. Tenso, endireitou-se devagar.

– Quais são seus planos para enfrentar Stromdag? – indagou.

Era melhor falar de assuntos que entendia.

– Meu amigo... – Négus pôs a mão no seu antebraço, com uma expressão terrivelmente triste. – O imperador suspeita dos refugiados das Salinas que se encontram em Émeris. Você não entendeu isso ainda?

Dun-Cadal respirou fundo. Sim... ele compreendia. Captara muito bem a alusão, mas negava-se a considerá-la uma possibilidade. Num gesto rápido, soltou seu braço da mão de Négus e se afastou do parapeito.

– Dun-Cadal – chamou Négus.

– Não há por que desconfiar de Rã mais do que de qualquer outra pessoa – disse o general secamente, sem se virar.

Estava prestes a descer a escada, já com o pé no primeiro degrau.

– Me escute! – implorou Négus, alcançando-o com passo decidido.

– Ele não vai trair o Império! – exaltou-se Dun-Cadal.

– Pode até ser, mas fique atento – aconselhou Négus. – Pessoas próximas do imperador acham que ele é perigoso.

Dun-Cadal respondeu à expressão aflita do amigo com um sorriso de escárnio. Rã não passava de um menino, mas era temido pelos pérfidos conselheiros que envenenavam o imperador com palavras vis. Era um ponto em que todos concordavam.

– Eles têm razão em ter medo dele.

A ideia lhe agradava. Não entendia nada de política e não gostava muito do jogo do poder. Importava-lhe apenas o respeito conquistado pelos atos, não pelas palavras. Rã arriscara tantas vezes a vida para rechaçar a revolta que era insuportável supor, mesmo por um instante, que pudessem acusá-lo.

Durante o restante do dia, enquanto ele e Négus passavam as tropas em revista, Dun-Cadal não parou de pensar no que esperava por eles em Émeris. Será que, mesmo sendo bastante íntimo do imperador, teria influência suficiente para defender seu discípulo caso... Não, era inconcebível. Quando se encontrou com Rã no suave calor da estalagem, ainda não estava tranquilo. O garoto segurava um cavalinho de madeira. Já o tinha visto algumas vezes contemplando o estranho bibelô, que arranjara na estrada das Salinas e lembrava um brinquedo de criança. Rã sempre o pegava na véspera de um combate. O fato de ele estar com o cavalinho de madeira naquele momento não prenunciava nada de bom.

– Eles parecem cansados, não é? – comentou Rã enquanto seu mentor se sentava à mesa.

Numa ampla lareira crepitavam chamas de um vermelho intenso. Dançavam sobre as toras,

consumiam a madeira, ondulando, destilando ao redor um calor generoso. À sua volta, alguns soldados se contentavam com uma parca refeição fumegante. Outros, no balcão, se embebedavam em silêncio, o olhar perdido, um ar ausente. Pairava ali uma sensação de cansaço. Como se o frio de Kapernevic congelasse todos os desejos.

– Por acaso nós também não estávamos cansados no sopé de Vershã? – brincou Dun-Cadal, juntando as mãos sobre a mesa. – E em Bredelet, depois de três semanas lutando? Se você estivesse aqui há algum tempo, como eles, teria esse mesmo olhar, acredite.

– Pode ser – concordou Rã, olhando para seu prato.

Sua comida se desenhava na porcelana. Com um gesto indolente, pegou o caneco fumegante e tomou um gole. O cheiro chegou ao general, que identificou, com ar de nojo, suco de frutas quente. Doce demais para o seu gosto. De soslaio, Dun-Cadal avistou uma criada com um impressionante decote enchendo uma jarra junto a um barril. Acenou para chamá-la e focou a atenção em seu pupilo. Rã parecia perturbado.

– E Aladzio, onde está?

– Foi para a casa em que está alojado... para fazer as malas. É verdade que vamos embora amanhã?

– Nós temos uma missão: levar esse inventor para Émeris. Ele corre perigo nesta região e há gente importante preocupada com sua segurança.

– Tenho vontade de bater nele – disse Rã secamente. Dun-Cadal conteve uma risada. – Não ria, Pernalta – continuou com ar constrangido. – Ele não para de falar... Palavras e mais palavras. Ele corre mais perigo se ficar dez minutos comigo do que se continuar aqui até o fim da guerra.

– Ora... – o general suspirou – você se acostuma. A viagem não vai ser muito longa. Com certeza seu problema não é esse. Me conte.

Rã hesitou.

– Vamos deixar essa gente toda aqui? – perguntou.

– Négus zela por eles...

– Ouvi falar em dragões... num dragão vermelho, principalmente. Dizem que é o pior bicho do mundo, que ataca as aldeias sem deixar sobreviventes.

– Então é isso... – Dun-Cadal sorriu.

O garoto queria enfrentar os dragões. Queria partir para a briga, agir, fazer algo concreto, e não apenas servir de guarda-costas para um inventor tagarela.

– Dragões são animais estúpidos.

– Não os dragões vermelhos...

– Concordo, esses são um pouco mais espertos... mais imponentes, cruéis, é preciso ter certa maestria para derrubá-los, mas, mesmo assim, são umas bestas. Criaturas que só atacam os homens quando obrigadas.

– Não é o que dizem os nâagas. Eles contam que são mais do que bestas. Que são antepassados.

Não gostava nem um pouco de ver seu aprendiz se referir aos nâagas com tanta seriedade. Esses Selvagens cultuavam tudo o que era coberto por escamas, com o pretexto de que eram

ancestrais da humanidade. Para eles, dragões eram criaturas dignas de respeito.

– Onde você escutou essa bobagem?

Rã fechou a cara.

– Os nâagas são uns brutos – resmungou Dun-Cadal. – Eles acreditam no poder dos dragões, mas também na força dos homens quando comem os prisioneiros de suas guerras tribais. Rã, eles são... umas bestas, assim como os dragões. Lembre-se disso. Além do mais, esse dragão não é problema nosso. Ele só tem reagido porque está entre nós e Stromdag. No dia em que esta guerra terminar, ele vai voltar para o canto dele, acredite. Por acaso o dragão atacou Kapernevic? Não, nunca. As pessoas falam nele por conta do folclore. Ele só representa um perigo por causa da guerra ao redor. E você sabe que não podemos ficar aqui.

– Por que não? – indignou-se Rã. – O senhor é um general! E eu sei lutar. Já vencemos algumas batalhas.

– E também perdemos.

– Poucas! Nós dois mudamos tantas vezes o curso da guerra!

– É realmente por essas pessoas que você quer ficar aqui para lutar?

– O senhor não entende... – Rã bufou com ar abatido.

A criada veio até a mesa deles trazendo um caneco para Dun-Cadal, que ela encheu imediatamente. Ele fez sinal para que deixasse a jarra na mesa. Só um copo não seria suficiente. A moça então tratou de recolher o prato do rapaz, inclinado-se bem na altura dos seus olhos. O olhar de Rã foi inevitavelmente atraído para o corpete, subiu até o vertiginoso decote e fixou-se na pele lisa do colo. Dun-Cadal baixou a cabeça, a mão diante da boca para disfarçar um sorriso.

Rã, de fato, não era mais uma criança. Quando a criada se afastou levando o prato do garoto, Dun-Cadal quebrou o silêncio.

– Aí do lado – zombou, mostrando o canto dos lábios dele.

– O que foi?

– Você está babando.

Rã, que por pouco não enxugou ingenuamente a boca, não gostou da brincadeira. Chateado, meneou a cabeça e guardou o cavalinho de madeira no bolso do casaco de couro.

– Essa moça... essa que você tem encontrado em Émeris... – disse Dun-Cadal, já sem o sorriso. – Você gosta dela, não é?

Rã sustentou seu olhar por um instante, então bebeu o caneco de uma só vez.

– Ora, todo mundo sabe disso. Em Émeris tudo se sabe – garantiu o general em tom divertido. – É a moça que você reencontrou em Garmaret depois da nossa fuga, não é? Ela também é das Salinas. Você já a conhecia?

– Não interessa – disse o rapaz bruscamente, levantando-se da mesa.

Atravessou a estalagem e abriu a porta com força. Dun-Cadal ficou pensativo, as mãos em volta do caneco. Levou o seu caneco aos lábios e também tomou tudo num só gole. O vinho lhe desceu pela garganta, rascante, áspero, escorrendo para as suas veias num suave calor. Soltou o caneco, hesitou em se servir mais, então saiu. Encontrou Rã no patamar da estalagem, encostado na fachada, braços cruzados, o capuz cobrindo sua cabeça.

Esperou antes de descer os degraus e pisar a neve com um rangido. A lua estava alta, cheia e luminosa. A aldeia inteira se tingia de azul na noite calma. No alto da torre de vigia mais próxima, dois guardas espreitavam à luz de uma tocha trêmula.

– Lembro-me do meu primeiro amor – começou a dizer, como se falasse consigo mesmo. – Eu era pouco mais velho que você. Lembro-me do desejo, da vontade... – Voltou-se para Rã. – Será possível um sentimento doer tanto na barriga? – Dun-Cadal riu.

Rã, porém, continuava impassível. O que o general esperava? Que ele se abrisse a ponto de contar tudo? Que a conversa o deixasse mais tranquilo? Négus talvez tivesse razão, talvez houvesse traidores agindo em Émeris... e uma jovem refugiada das Salinas podia estar usando Rã e sua inocência. Se é que um aprendiz de cavaleiro ainda pudesse ser inocente.

– Amanhã vamos ajudar Négus a lançar o ataque contra os insurgentes de Stromdag – decidiu o general.

Rã foi se afastando da parede, soltando os braços, mudo de surpresa. Como poderia ter imaginado, por um instante sequer, o real motivo dessa reviravolta? Dun-Cadal sabia que o garoto corria muito menos perigo ali, combatendo inimigos visíveis, do que voltando para o ninho de cobras que era Émeris. Quanto a Aladzio, sobreviveria por mais um ou dois dias. Um grito soou ao longe, uma espécie de urro rouco.

– Você já viu um dragão? – perguntou tranquilamente Dun-Cadal, pensativo.

No céu, bem alto sobre a floresta, quatro vultos negros subiram rodopiando. Suas asas se abriram, seu longo pescoço se fez mais nítido à luz da lua. Os dragões despertavam na noite.

No próximo anoitecer eles iriam caçá-los, a eles e a todos que tentavam se erguer contra o Império.

## SALVAR UMA VIDA

*Vai continuar sendo um  
fantasma pelo resto da vida?  
Ou vai agir como agiria  
um verdadeiro... general?*

Sobre o mármore bege salpicado de preto se erguiam altivas colunas. Cercando a sala, altas janelas coloridas conferiam à luminosidade do sol um tom avermelhado. No centro estava um homem baixo, o rosto marcado pela idade, umas poucas mechas grisalhas na cabeça calva. Apesar da corpulência, sua toga branca era larga e havia um pano verde preso no ombro. Agora era conselheiro... Quem ainda se lembrava de que ele conduzira exércitos rumo à vitória, que fizera uso do Sopro como ninguém e que lutara pela última vez junto a Dun-Cadal Daermon em Kapernevic?

– Sou Viola Aguirre, conselheiro Négus – apresentou-se a jovem ao apertar a mão estendida do homenzinho, historiadora do Grão-Colégio de Émeris.

Seduzido por seu encanto, ele a observou enquanto Viola o saudava com uma breve reverência e acrescentava:

– Somos muito gratos por nos conceder um pouco de sua atenção, tendo em vista que mal acabou de chegar a Massália. Trata-se de um assunto da maior importância e...

– Ele está aqui, Négus – interrompeu Dun-Cadal.

O conselheiro continuou sorrindo, mas de repente pareceu mais irônico.

– E eu achando que você queria falar sobre os bons velhos tempos... – murmurou.

Dun-Cadal estava com a expressão que assumia nos dias ruins, uma barba incipiente no rosto marcado, e seus olhos, avermelhados de álcool, davam-lhe um ar miserável. Quem visse os dois homens conversando nunca imaginaria que haviam sido heróis um dia.

– O assunto diz respeito ao assassinato do conselheiro Enain-Cassart – explicou Viola. – Temos motivos para crer que...

– Deixe-nos a sós – ordenou Dun-Cadal sem tirar os olhos de seu velho amigo.

Ela hesitou um instante antes de assentir, virou-se e caminhou até um banco embaixo das janelas.

Sozinhos no meio da imensa sala, os dois homens se encaravam sem grandes demonstrações de afeto. Em seus olhos, porém, havia um brilho estranho. Era impossível esquecer o que tinham vivido juntos. E isso tornava ainda mais insuportável o que descobriam um do outro naquele momento.

– Pensei que estivesse morto – confessou Négus.

– Pensei que você fosse digno – respondeu Dun-Cadal entre os dentes.

Estava contendo sua ira. Vê-lo ostentar daquela forma as cores da República o indignava. Devia haver uma explicação.

– As coisas mudam, meu amigo...

– A esse ponto? – indagou Dun-Cadal com voz grave. – A ponto de esquecer por que lutava e se oferecer para o inimigo?

– Então você veio me julgar – lamentou Négus com um sorriso triste. – Um fantasma do passado vindo me julgar...

– Não... – Dun-Cadal respirou fundo. Balançou a cabeça, baixando os olhos como se buscasse a seus pés algo para lhe dar coragem. – Não – repetiu.

Teria também mudado a esse ponto? Já não reconhecia a si mesmo naquele corpo amorfo que lhe servia de barco para navegar de caneco em caneco, entre uma taberna da periferia e a casa de Mildrel.

– Eu estava ontem no porto quando mataram Enain-Cassart... – acrescentou ele.

Négus não sorria mais. Seu rosto afável se tornou, de súbito, o de uma estátua.

– Eu vi quem foi – continuou Dun-Cadal. – Ele está aqui.

– E quem foi? – perguntou o conselheiro num sussurro.

Franzindo o cenho, enfim demonstrava alguma emoção.

– A Mão do Imperador...

Fez-se um breve silêncio enquanto eles se encaravam sem pestanejar. Dun-Cadal foi o primeiro a desviar o olhar.

– A Mão do Imperador – repetiu Négus, avaliando a gravidade da situação. – E você... então você veio me avisar.

– Vim salvar sua vida – declarou Dun-Cadal.

Mas seu rosto estava lívido, o olhar distante, sua aparência... imunda. Ele estava sujo, inspirava pena. Négus o examinava da cabeça aos pés, não conseguia disfarçar sua aflição.

– Você continua vivendo no passado, não é? Logrid está morto, Dun-Cadal. Enain-Cassart foi assassinado por um louco, mais nada. O resto não lhe diz respeito.

E foi tudo. A conversa não iria além disso. Mas o velho general não se conformava em ser ignorado dessa forma, convencido de que tudo aquilo que os outros faziam questão de ignorar era exatamente o que precisava ser dito. A Noite das Máscaras fora decretada feriado nacional. A noite em que, com o rosto escondido por uma máscara, todos esqueciam sua condição, agora

comemorava a vitória de um povo sobre a opressão. Naquele ano, por obra do destino, Massália estava acolhendo a fina flor do Conselho, e a presença de um assassino ostentando as cores de um Império decaído não era mera coincidência. Enquanto Négus se virava e seguia para a porta no fundo da sala, Dun-Cadal ainda tentou deter seu antigo companheiro de armas:

– Négus, espere!

Não conseguiu sequer segurar seu braço. Embora tivesse engordado, Négus nem por isso perdera sua agilidade. Esquivou-se dando um passo para o lado, num misto de tristeza e desprezo. Junto à porta, os guardas se retesaram.

– Os assuntos deste mundo não lhe dizem mais respeito, Dun-Cadal! Você não é mais capaz de entendê-los! – exaltou-se o conselheiro.

– Entender o quê? Que você soube perfeitamente ressurgir do meio das cinzas daquilo que nós defendíamos? – disse com voz trêmula. – Você era um cavaleiro! Um general! Tinha prestado um juramento!

Ira, dor e decepção fecharam sua garganta. Era mesmo seu amigo quem estava ali, com aquela toga horrorosa fedendo a arrogância? Ou um reles emergente?

– Nós acreditávamos em certos valores, Négus. O Império... a Ordem de Fangol...

– O Livro perdido, é isso? – indagou Négus, balançando a cabeça. – E se a gente merecesse mais do que o destino que os deuses escreveram no *Liaber Dest*? Foi essa decadência que eles reservaram para você? Dun-Cadal, você era grande, mas nunca parou para pensar.

– Se não tenho mais aquela grandeza, me diga o que você fez com a sua!

– Isso você não é capaz de entender – respondeu Négus com a mesma fúria. – Pode até me ver como um traidor, se preferir, mas me diga o que foi que aquela nossa grandeza em defender os Reyes lhe trouxe. Olhe para si mesmo e me diga se servir ao Império o tornou alguém maior. – Virou-se de modo determinado e andou em direção à porta com passos decididos. – Eu sempre servi ao povo, no passado e agora. Você, por outro lado, sempre serviu apenas a seus próprios sonhos!

Aturdido, Dun-Cadal o ouviu bater a porta ao sair, sem nem reparar na presença de Viola às suas costas.

– Dun-Cadal? – chamou ela de mansinho. – Está tudo bem?

Fitou-a rapidamente e sentiu-se incomodado ao ver compaixão no olhar dela. Não precisava disso. Merecia muito mais. Um dia já não tinha sido muito mais que um bêbado assíduo da periferia de Massália?

– Não, não está – respondeu, fitando ferozmente a porta.

Algo estava sendo tramado ali atrás. Ele podia sentir o ar vibrando, feito uma corda esticada.

Você...

– Vamos encontrar um jeito de convencê-lo – disse ela para tranquilizá-lo enquanto um guarda se aproximava.

Você fica...

Ela pôs delicadamente a mão no seu ombro.

– Eu sempre soube sentir a presença da morte – afirmou ele, a voz trêmula, uma lágrima no

canto do olho.

O guarda se aproximou deles, prestes a acompanhá-los até a saída.

*Você fica comigo, Rã... Négus, as armadilhas estão prontas?*

– Ela está aqui! – bradou ele.

De súbito, Dun-Cadal agarrou o homem pela gola e, com a mão livre, segurou o punho da espada. Antes que o guarda pudesse esboçar qualquer gesto, empurrou-o para o chão enquanto desembainhava a lâmina. Lançou-se para a porta por onde Négus tinha saído.

*Eles estão vindo... Eu sinto.*

Saiu correndo, já sem fôlego, o coração rebentando de tanto bater, a cabeça quase explodindo. Suas têmporas martelavam com tanta força que tinha a sensação de estar fervendo por dentro. Seu corpo inteiro parecia não passar de um pedaço de carne velha, podre, inútil, flácida... queimada.

*Os dragões...*

*Eles estão chegando...*

Ele corria. Corria porque a estranha sensação do dia anterior, no porto, tornava a pinicar suas têmporas. Já convivera tanto com a morte que podia senti-la antes mesmo de ela atacar. Rebentou com o ombro a madeira da porta e deteve-se de repente.

*Négus, as armadilhas estão prontas?*

*Talvez seja a nossa última batalha lado a lado, meu amigo...*



– Eles estão chegando.

Na noite estrelada, as bocas exalavam espessas espirais de fumaça. O frio atingia os homens, apertava-os com força, catando qualquer vestígio de calor em suas armaduras cobertas de geada. Estavam de prontidão, deitados na neve à luz das tochas, junto às árvores. Em pé ao lado deles, Dun-Cadal apertou com força o punho da espada e o som de sua luva de couro escorregando pela bainha reverberou no silêncio.

– Não estou ouvindo nada – sussurrou Rã, não muito longe.

– Confie nele – disse Négus, encostado numa árvore logo adiante, e piscou para Rã antes de erguer a lâmina da espada diante do rosto.

Haviam se agrupado num pequeno aclive no meio da mata que circundava Kapernevic, centenas de soldados enregelados por causa do frio esperando o ataque, angustiados. Fazia mais de uma hora que os batedores tinham deixado suas posições, esgueirando-se silenciosamente entre as árvores à procura do acampamento dos insurgentes. Sua missão era simples: fingir um ataque-surpresa, simular uma retirada e atrair o exército inimigo, certo da própria superioridade, até o local desejado. Dun-Cadal elaborara o plano de última hora, com base nas informações de Négus e depois de considerar todas as possibilidades. A imbecilidade dos dragões era o elemento-chave de seu plano, o ponto fraco da estratégia de Stromdag. Só restava usá-lo em seu favor. Estranhamente, era graças a Aladzio que a ideia lhe ocorrera. Chegara a hora de ver se funcionaria.

– Mantenham suas posições – ordenou em voz baixa, ajoelhando-se no alto do acive.

No escuro, ele mal discernia o movimento dos pinheiros. Seria o vento curvando os galhos? Não. Vultos vinham correndo em sua direção. A intuição de Dun-Cadal se confirmava. O som de armaduras tilintando numa corrida alucinada foi ficando mais nítido e em seguida ouviu-se algo que lembrava um trovão.

– Eles estão chegando! – berrou uma voz.

Então outra:

– Alerta!

Dun-Cadal e Négus trocaram um olhar. Tudo ia se decidir naquele momento: era a única falha visível de uma estratégia inteiramente baseada na criatividade de um homem que, até o momento, só conseguira pôr fogo num celeiro. Rã, ao saber do plano, se mostrara reticente. Négus, de início, pensara que fosse brincadeira.

– Lanceiros! – bradou Dun-Cadal.

Não era brincadeira. Os primeiros soldados ergueram suas lanças. Diante deles, a apenas poucos metros, outros homens com machados em punho tentavam controlar a ansiedade, recostados nos pinheiros, em cujo tronco algumas cordas haviam sido enroladas. O som de trovão. Um estalo. Um estalo. Um som de trovão.

– Chegaram! – gritou um homem, emergindo da penumbra num salto.

Atrás dele, dez batedores resfolegavam. Então rugidos ensurdecedores ecoaram na noite. Já não era mais um som de trovão, mas um estardalhaço infernal, um misto de madeira quebrada e terra revirada. Quando o primeiro dragão abriu a mandíbula à luz das tochas, não houve um instante de hesitação.

– Agora! – exclamou Dun-Cadal, pondo-se de pé.

Rápidos, brutais, os machados se abateram sobre as cordas. Bastaram três golpes para cortá-las e soltar a imensa rede camuflada aos pés dos pinheiros. Reforçada por arame farpado, a armadilha surgiu do chão, lançando ao redor o tapete de neve e espinhos que a cobria. Mais uma vez os dragões haviam seguido, sem pensar, a própria fúria desabalando floresta adentro. O primeiro foi imobilizado no ato. Ali perto, seus irmãos seguiam o mesmo destino. Por mais que abrissem as asas tortas por reflexo, por mais que as batessem com força, por mais que rugissem, a cabeça estava presa em grossas malhas de corda e metal.

Os lanceiros então atacaram, aos berros, lacerando o couro dos prisioneiros. Dun-Cadal arrematou cravando a lâmina no olho arregalado da criatura mais próxima. Ao virar-se, viu Rã, braços vacilantes, mal segurando a espada numa das mãos. Estava boquiaberto diante dos enormes corpos marcados por inchaços cinzentos, as amplas mandíbulas espetadas de dentes brilhosos de baba, as ventas espessas exalando nuvens de fumaça. Dun-Cadal havia lhe explicado tudo antes do combate. Mas vê-los ali ao vivo, debatendo-se com força para escapar das redes que entravavam seus movimentos, era algo bem diferente.

– Rã!

Ele não respondeu. Não se moveu. Nem notou os berros estridentes dos guerreiros que se aproximavam.

– Rã! Pelos deuses, saia daí!

Eles surgiram entre os pinheiros como uma onda tempestuosa, mercenários, soldados, camponeses de todas as idades e tamanhos, contornando os dragões ou passando por cima das carcaças para se lançarem na confusão. A raiva era sua espuma, a valentia, seu fluxo incessante. Foi um caos indescritível, lâminas batendo umas nas outras, braços, pernas, cabeças cortadas, corpos caindo com estrondo no chão, estertores rasgando a noite. Os golpes ribombavam, os grunhidos dos dragões aprisionados vinham se juntar aos gritos dos combatentes como um eco. Era, por toda parte, a mesma animalidade, a mesma violência, a mesma ira...

Rã aparou um golpe e esquivou outro antes de dar uma estocada. Com a mão livre bateu na cabeça de um de seus atacantes.

– Rã! Veja!

Depois de dar o golpe de misericórdia no vulto à sua frente, virou-se para Dun-Cadal, a ponta da espada coberta de um sangue viscoso e preto que escorria num filete. O general lutava a poucos passos de distância, limitando-se a aparar os golpes com o dorso da espada.

– O dragão! – gritou.

O garoto deu meia-volta. A 10 metros, uma das criaturas conseguira rasgar a malha da rede a dentadas, esmagando com as patas os pobres soldados que tentavam contê-la. Rã imediatamente correu em sua direção. O tumulto dos combates cresceu atrás dele.

– Daermon! – gritou Négus ali perto.

Sua espada talhava carnes, cortava membros, batia nas lâminas de outras espadas e vibrava. Ele às vezes se limitava a abrir os braços, criando à sua volta um Sopro potente que lançava os adversários a metros de distância. Apesar do peso, tinha agilidade para evitar os golpes e se curvar em seguida para cravar a lâmina. Nenhum rosto se diferenciava dos demais, eram todos simples sombras em movimento. Os generais estavam habituados a esse caos, um turbilhão de desconhecidos se lançando para cima deles, sem nome, sem história, sem nada que valesse a pena lembrar. Eles também tinham uma vida, uma família, sonhos e medos, mas pensar em sua humanidade no calor da batalha, considerá-los seus semelhantes, seria como cavar a própria cova. Os gestos eram mecânicos, por vezes simples reflexos, soma de anos de aprendizado da luta. Dun-Cadal derrubou um dos atacantes, sem notar alguém às suas costas. Um mercenário brandia um machado e quando estava prestes a atacar o general...

– Santa Miséria! – bradou Dun-Cadal, virando-se ao som da espada que transpassava o corpo do rebelde.

O homem caiu de joelhos, uma expressão de espanto congelada no rosto. Atrás dele estava Négus, crispando numa careta seus lábios rachados pelo frio mordaz. Dun-Cadal soltou um suspiro de alívio.

– Salvei sua vida, meu amigo – observou Négus, orgulhoso, colocando-se imediatamente ao seu lado.

A neve estava coberta de sangue, como uma injúria.

Os pinheiros se curvavam sob os golpes dos dragões presos na armadilha. Os vultos negros, que as tochas tremeluzentes mal clareavam, moviam-se numa dança mortal. Entre eles, Dun-Cadal

buscava desesperadamente o pupilo. Quando enfim o avistou, Rã abria passagem entre os rebeldes, rodopiando, rolando, saltando. A lâmina de sua espada lançava um brilho avermelhado a cada golpe desferido. Estava a apenas poucos metros do grande dragão que, com as poderosas e raivosas mandíbulas, destroçava a rede que o prendia até os ombros.

– É o dragão vermelho – sussurrou Négus. – Dun-Cadal! A rede não vai aguentar!

Era maior que os demais, seus músculos sobressaindo sob as escamas de um vermelho vivo, dois chifres espiralados na cabeça, os olhos amarelos marcados por um preto brilhante. De suas ventas escapavam espirais de fumaça que dançavam com graça e se entrelaçavam. Chegava a ser quase hipnótico. Seu rugido imobilizou o garoto que corria. A criatura terminou de rasgar a rede com uma dentada, afastou as malhas e levantou a cabeça num movimento circular. As malhas eram reforçadas com arame farpado, deveriam ter aguentado! Dragões vermelhos eram tão raros e belicosos que nem por um instante Dun-Cadal imaginara que Stromdag fosse capaz de mandar um para atacá-los. Mesmo com o risco de a criatura se voltar contra seu exército, Stromdag conseguira transformá-la numa aliada.

Quando o dragão abriu as mandíbulas, inspirando, o braço de Négus deteve Dun-Cadal.

– Rã! – urrou ele.

– Dun-Cadal, não! – ordenou Négus.

Num gesto brusco, o dragão vermelho esticou o pescoço, a bocarra aberta, revelando uma língua fina com dois ganchos na ponta. Junto à úvula, duas pregas de carne rosada se contraíram, então o fogo jorrou. As chamas vorazes consumiram os homens mais próximos, lançaram-se com avidez sobre os pinheiros; o incêndio foi tão repentino que Rã foi arremessado a 2 metros de distância. Atordoadado, viu a criatura bater as asas e alçar voo, grunhindo.

– Rã! Fuja! – ordenou Dun-Cadal, empurrando Négus com uma cotovelada, prestes a correr em direção ao pupilo.

– Dun-Cadal! Temos que bater em retirada!

Ele virou-se num gesto brusco. O crepitar das chamas, as chamas se tocando, tudo aquilo era ensurdecedor. Négus precisou erguer a voz para sobressair ao estardalhaço:

– Temos que bater em retirada!

– Não podemos recuar! – rebateu Dun-Cadal.

Mais adiante, Rã se levantara, ainda meio grogue, acompanhando com o olhar o vulto imponente da criatura furiosa, que cuspiu mais uma língua de fogo antes de sair sobrevoando os pinheiros. Os gritos dos soldados, presos nas armaduras incandescentes, quase o fizeram vacilar de medo. As tochas humanas se debatiam, devoradas pelas chamas, jogando-se na neve na esperança de extingui-las.

– Rã! – chamou Dun-Cadal.

Gritos estridentes e chamados medonhos precederam a chegada dos mineiros. Eles surgiram tendo por únicas armas suas picaretas em riste, prontas para furar a carne até os ossos se partirem.

– Daermon!

Os dois generais foram rapidamente cercados e, de costas um para o outro, conseguiram conter a onda do ataque. A multidão fechava-se sobre eles. Estocada, defesa, o movimento das lâminas...

Sopro... Os mineiros voaram, espatifando-se nos pinheiros em chamas, caindo com força nas rochas cobertas de neve derretendo.

*Négus... meu amigo...*

Estava tudo perdido. A libertação do dragão vermelho, que sobrevoava a mata soltando longos rugidos ameaçadores e roucos, acabava com qualquer coragem. Os soldados imperiais começaram a fugir.

As espadas fendiam o ar, aparavam, batiam, cortavam. Mercenários mais hábeis vieram se juntar aos mineiros.

Por quanto tempo prosseguiu o combate? Alguns minutos? Pareceu durar uma eternidade. Os generais tombavam, Stromdag podia atacar Kapernevic atizando a fúria do dragão vermelho para que ele incendiasse tudo ao passar. Nenhum exército imperial seria capaz de detê-lo.

*Podíamos ter morrido ali, juntos... Podia ter sido melhor perder a vida ali, lado a lado, quando não éramos tão diferentes um do outro.*

Até que se ouviu o urro. Um som grave, potente, bestial. Um grito de aflição rasgando a noite e perturbando as investidas inimigas. Ao longe, acima dos cumes, a silhueta do dragão vermelho batia com força as asas, banhadas pela lua cheia.

Lá do alto, o dragão era puxado em direção ao chão por algo indescritível, algo tão potente que o fazia mover a cabeça freneticamente, rosnando. O medo mudou de lado. O pânico se infiltrou nas fileiras inimigas. Por mais que se contorcesse para todo lado, a criatura era prisioneira daquela força invisível. Era algo imenso e apavorante, que conseguia segurá-la mesmo com seus sobressaltos. Dun-Cadal e Négus reconheciam aquela força, embora nunca tivessem, em toda a vida, assistido a tamanha demonstração do Sopro. Quem eram e, principalmente, quantos eram os cavaleiros do Império que estavam atuando com tanta maestria? Só uma vontade inabalável faria com que alguém usasse o Sopro dessa forma. Bastava um Sopro mal controlado para o corpo inteiro ficar machucado, carne e ossos... Ao seu redor, o medo tomava conta dos insurgentes. As tropas inimigas iam se dispersar, temendo a queda de seu trunfo.

O dragão vermelho foi como que tragado e desapareceu entre os pinheiros. A queda foi acompanhada de um barulho de árvores derrubadas e de um ruído grave que lembrava um terremoto, breve e violento.

– Pelos deuses! – sussurrou Négus.

Foi a virada da batalha. A notícia da queda do dragão vermelho se espalhou feito rastilho de pólvora. Os homens de Stromdag bateram em retirada. Logo restavam apenas o crepitar das chamas ainda se fartando com as carcaças, os suspiros dos sobreviventes, os gritos dos moribundos. Por mais que vasculhasse a floresta com o olhar, Dun-Cadal não viu nem sombra do pupilo. Verificou cada corpo no chão, cada rosto inchado e queimado, erguendo com raiva o que restava dos cadáveres. Nem sinal de Rã.

– Dun-Cadal – disse Négus atrás dele.

Não era esse corpo, nem aquele... Só restavam soldados calcinados perto da armadilha destrocada pelo dragão vermelho.

– Dun-Cadal! – repetiu Négus com força. Agarrou-o pelo ombro, obrigando-o a endireitar-se. –

Ali está ele – anunciou.

Sob a luz oscilante das chamas, Rã avançava na noite clara, mancando, o capuz cobrindo a cabeça, um fio de sangue escorrendo dos lábios. E, debaixo do braço, um chifre...

*Você não está pronto.*

*Eu consigo!*

... que ele jogou aos pés de seu mentor antes de cair de joelhos.

– Acho... Acho que vencemos – balbuciou.

Négus, ao lado de Dun-Cadal, estava boquiaberto. O garoto acabava de dominar o Sopro como ninguém antes conseguira fazer.

*Vou ser o maior cavaleiro...*



Junto à porta, Dun-Cadal fez uma pausa, os dedos soltando devagar o punho da espada.

*Você salvou minha vida... em Kapernevic...*

Ali, em meio aos pergaminhos desenrolados, aos livros abertos em desordem, jazia seu antigo camarada, os olhos ainda abertos, mas já sem brilho algum. Sua cabeça estava pousada na borda da lareira de pedra.

*Lamento não ter podido salvar a sua...*

Cinzas da lareira voavam ao redor do cadáver, depois saíam, se desmanchando, pela janela aberta. Finas cortinas azuis esvoaçavam à leve brisa, revelando o tom bege da rua vizinha.

– Pare! Pare! – gritou o guarda, já na sala.

Dun-Cadal levantou-se com esforço. Viola o olhava com preocupação. Parar? Com o assassino ainda por perto? Que sandice! Dun-Cadal cruzou o gabinete a passos rápidos e pulou a janela no exato momento em que o soldado entrava no cômodo. Ignorou seu chamado e desceu para uma viela pavimentada que dava numa avenida bastante movimentada. Seu sangue ferveu quando avistou, esgueirando-se na multidão, a silhueta atlética do assassino. O sujeito, com o rosto oculto por um fino capuz, um casaco verde-escuro batendo no alto das coxas, olhou rapidamente por sobre o ombro e apertou o passo.

– Alerta! – gritou o soldado, ainda meio atordoado, as mãos no parapeito da janela.

*Os assuntos deste mundo não lhe dizem mais respeito...*

Louco de raiva, Dun-Cadal enveredou pela viela, mergulhando em seguida no fluxo ininterrupto da avenida comercial. Esbarrou num homem e por pouco não lhe deu um golpe com a espada.

*Daermon!*

Com o coração acelerado, balançou a cabeça e deu meia-volta, buscando com o olhar um sinal de Logrid. Mas havia apenas pessoas. Centenas de pessoas, trajes finos, esfarrapados, homens, mulheres, nâagas, comerciantes, gente da alta sociedade... cheiros, especiarias, perfumes, rosas, lírios... suor. Ao sol do Sul, tudo se misturava, cores e buquês, imundícies e fedores. Sua cabeça

girava. Então o reconheceu, correndo com agilidade, movendo-se sem esbarrar em ninguém. Dun-Cadal soltou um grunhido e saiu em seu encaço, abrindo caminho a cotoveladas. Houve gritos à medida que os transeuntes viam a espada em riste.

Suas pernas estavam ficando pesadas. O peito ardia, os pulmões expeliam o ar num assobio, a garganta não passava de um conduto áspero, como se estivesse em carne viva. Escorriam lágrimas dos seus olhos. Mas continuou correndo, cada vez mais, derrubando uma banca com estardalhaço. Perseguiu o homem por várias ruas, sempre achando que estava ganhando terreno. Ou seria o assassino se preocupando com a distância para que o velho não desistisse?

Ouvia-se ao longe o martelar das botas da guarda, junto com os gritos de pavor dos moradores.

Estava sem fôlego, seu coração batia descompassado, saltando no peito como se prestes a escapar. Suas têmporas latejavam. Ele ia cair.

Não caiu.

Continuou. Tinha que continuar. Um dia enfrentara exércitos inteiros, percorrera todo o Império até suas mais remotas regiões. Não era uma simples corrida que ia detê-lo. O orgulho foi a tábua de salvação à qual se agarrou, e redobrou o esforço ao entrar numa viela à sombra de dois prédios altos. Lá na ponta, uma pilha de caixotes estava escorada num muro que tinha o dobro da altura de um homem. Encurralado, o assassino estava imóvel.

– Você! – exclamou Dun-Cadal, arfando, a respiração sibilante. – Você!

*Às vezes eu... odeio você.*

Brandiu a espada à frente com uma dificuldade espantosa. Parecia estar três vezes mais pesada e precisou segurá-la com os dois braços para mantê-la ereta.

– Vire-se – ordenou com uma voz fraca e arranhada. – Vire-se!

*Era preciso, Dun-Cadal. Eu sou o imperador. Cabe a mim tomar as decisões mais difíceis. É o meu dever.*

Devagar... bem devagar, o assassino obedeceu. Não se via nada do seu rosto, escondido pela sombra do capuz. E na cabeça do velho ecoavam momentos do passado, dilacerantes como o fio de uma espada. Por pouco não fraquejou ao mover-se na direção de Logrid.

– Por que... por que matou Négus? – perguntou, a respiração pesada. – Por que voltou dos mortos?! Puxe a espada! Puxe!

– Você ainda está muito fraco – murmurou o assassino sem esboçar um gesto sequer. Sua voz estava estranha, grave, forçada.

– Fraco – chiou Dun-Cadal.

Avançou com passos incertos, mais trêmulo de exaustão que de medo. Sua respiração aos poucos ia se acalmando, embora a garganta continuasse tremendamente seca.

– Não me subestime, Logrid... – aconselhou, com um sorriso ameaçador. – Eu ainda sou o general Dun-Cadal Daermon!

Readquirira alguma força na voz, movido pela raiva que fervia dentro dele. Endireitou as costas devagar, numa atitude ativa. Seu olhar, sem perder o brilho da tristeza, de repente pareceu mais decidido. Tinha um objetivo, afinal, uma luz a guiar seu caminho. Ali, na sua frente, o círculo podia

se fechar. Superando o bêbado, renascia o general. A descida de Dun-Cadal ao inferno começara quando o assassino cometera o irreparável. E decerto acabaria ali, numa simples viela de Massália. Com pulso ágil, levou a espada à frente.

– Eu sou o general Dun-Cadal Daermon – repetiu baixinho, como se tentasse convencer a si mesmo. – Já fui um dos maiores.

À sombra do capuz, o assassino permanecia impassível enquanto observava o general vir em sua direção com passos calculados.

– Mesmo que o tempo tenha feito a sua parte – continuou Dun, com a voz cada vez mais áspera. – Mesmo que meu coração agora bata descompassado, cansado e partido, continuo sendo... um... general. Nunca se esqueça.

*Às vezes...*

– Fico contente em saber que você ainda se lembra – respondeu o assassino. – Mas não vou lutar contra você. Não enquanto eu não tiver a espada.

A resposta o surpreendeu a tal ponto que ele estacou, mas sem baixar a guarda. Eraed? Ele estava falando de Eraed?

– Puxe a espada! – bradou Dun-Cadal, apontando a lâmina de modo desafiador para o assassino. – Puxe a espada e vamos acabar logo com isto!

O homem deu um passo para trás, a mão subindo lentamente para a bainha.

*Às vezes eu... odeio você.*

– Eu trocaria cem homens da sua espécie por um único Rã – esbravejou o general. – Você não vale nada. Você não é nada!

– Redescobriu seu orgulho, Dun-Cadal? – O assassino parecia sorrir, a cabeça inclinada. Tornou a baixar a mão. – Está de volta, finalmente – concluiu.

Dun-Cadal paralisou-se de surpresa. O assassino dera meia-volta com uma rapidez espantosa e já galgava os caixotes empilhados.

– Volte aqui – balbuciou o general. – Volte aqui, covarde!

O homem pulou por cima do muro sem nem olhar para ele. Enquanto isso, as botas da guarda republicana já ressoavam atrás do general.

– Eu vou matá-lo, Logrid. Pelos deuses! Juro, juro que vou matá-lo! Você me paga! – gritou.

– Parado! – ordenou uma voz.

Ele não se moveu quando as alabardas apontaram em sua direção. Os guardas o cercaram, mas ele nem olhava. Seus olhos fitavam o ponto mais alto do muro que Logrid acabara de saltar.

– Você me paga... – murmurou para o vazio.

– Largue a espada, assassino! Largue!

Não se defendeu quando o desarmaram. Não disse nada nem reagiu quando o conduziram para a prisão.

*Às vezes eu... odeio você.*

# 10

## LOGRID

*Nunca se esqueça, Dun-Cadal!  
Nunca se esqueça de onde você vem,  
nem do que fez para se tornar general.  
Não foi, de modo algum,  
por sua honra.*

Tinham voltado para Émeris com o esplendor de mais uma vitória. Kapernevic fora salva, seu terrível dragão, abatido, e os boatos sobre a identidade de quem executara essa façanha corriam soltos. Poucas pessoas sabiam o nome do cavaleiro exemplar que havia derrotado o lendário monstro, mas os alunos da academia militar suspeitavam que fosse um dos seus. Aquele que, mesmo presente, continuava sendo uma sombra. Por muito pouco o misterioso Rã, o único dentre eles que frequentava os campos de batalha, não foi recebido pelo imperador Asham Ivani Reyes e não recebeu honrarias por suas façanhas.

Sempre que o garoto retornava, acabava demonstrando, nas aulas de esgrima, de domínio do Sopro ou de estratégia, seus talentos e a experiência adquirida na guerra. Seria por causa de sua óbvia superioridade que preferia manter distância? Ao que se soubesse, não tinha nenhum amigo. Na verdade, os jovens nobres de sua turma olhavam para ele com ciúme, com inveja, mas também com receio. Quem saberia dizer do que o tal Rã, que servia ao mítico general Daermon, era capaz?

Um dragão fora abatido em Kapernevic. Não era surpreendente que aquele homem brilhante e seu aprendiz tivessem participado da batalha. E o fato de Rã ter usado o Sopro para derrubar a criatura, embora parecesse improvável, tendo em vista a dificuldade do golpe, era comentado com a maior seriedade. Onde quer que lutassem, o relato de suas façanhas, mesmo nas derrotas, acabava chegando aos corredores do palácio. Os dois, sozinhos, talvez ainda ganhassem essa guerra...

O que, com mão firme, segurava a espada no grande pátio da academia militar não conseguia

tirar essa ideia da cabeça. Diante dele, Rã o fitava com um olhar decidido, um olhar de que nada poderia detê-lo, um olhar que fixava-se em sua presa e intuía cada uma de suas emoções. Formando um círculo em volta dos dois, seus colegas os observavam, apreensivos. As aulas de duelo eram uma oportunidade de praticar o que aprendiam na teoria e a maioria participava com certo entusiasmo. Desde que Rã não estivesse com eles.

– Investir! – ordenou o professor.

As lâminas imediatamente se cruzaram num estalido. Recostado numa coluna, de braços cruzados, Dun-Cadal observava seu pupilo se livrar facilmente do oponente. Em poucos golpes jogou-o no chão: desarmou-o com um leve meneio do pulso, se agachou e o derrubou com um movimento da perna. Então, como que para assinar sua obra, deslizou a ponta da espada sob seu olho direito. O sangue escorreu do corte fino sem que o adversário se dispusesse a enxugá-lo com a manga. Não houve nenhum aplauso, nenhum ruído, só o sussurro do vento nas árvores que cercavam o pátio interno. O garoto se apoiou nos cotovelos e engoliu em seco, um nó no estômago. De pé e em silêncio, Rã apontava a espada para sua garganta. O olhar não expressava nada, a simples atitude impunha respeito.

– Muito bem. Vocês viram de que modo Rã venceu este duelo – disse o professor, andando em direção ao meio do círculo com as mãos nos quadris. – Já tinha vencido antes mesmo de as espadas se encontrarem. Na opinião de vocês, por que isso aconteceu?

*Porque ele há de ser o maior*, pensou Dun-Cadal, sorrindo, antes de deixar o pátio e percorrer os longos corredores entre a academia militar e a praça, na qual ficava a fonte. Havia sido na borda daquela fonte que topara com Rã, o rosto inchado logo após uma rixa, na primeira vez que tinham voltado para Émeris. Contemplou-a, pensativo, um tanto agitado pelo remorso. Rã não tinha, afinal, derrotado sozinho um dragão vermelho? Então por que ficava de olho nele sempre que tinha a oportunidade? Talvez para se parabenizar por tê-lo descoberto no meio das Salinas. Aquele menino era um diamante bruto, só precisava ser lapidado para virar uma joia. Ou será que... ainda, e sempre, só estava preocupado com o próprio bem-estar?

Passou um bom tempo andando pelos corredores do palácio, hesitando ir até Mildrel, de quem se despedira pela manhã após mais uma briga. Estava pronto para estreitá-la de novo em seus braços, mas temia que ela o obrigasse a pedir desculpas, algo que ele detestava fazer. Apesar de tudo que sentia por ela, Mildrel não passava de uma cortesã. Continuou andando, até abrir as pesadas portas da catedral dos deuses.

Sobre os pilares que contornavam o coro da catedral havia dezenas de estátuas de semblante imóvel, homens e mulheres de togas compridas que em nada se distinguiam dos simples mortais. Os deuses, ali, tinham uma fisionomia semelhante à dos homens e só seu imenso tamanho expressava o caráter divino. Próximos do altar de pedra, em que batia a luz do sol filtrada por um enorme vitral circular, bancos de madeira vazios estavam alinhados em perfeita ordem. Dun-Cadal permaneceu quieto na primeira fileira, até que o bispo de Émeris, com sua toga branca e dourada, uma touca vermelha caindo nos ombros, viesse sentar-se à sua direita. Seu rosto acinzentado era marcado por rugas profundas, finos cabelos brancos iguais a fios de seda desciam-lhe pela nuca, as pontas roçando a ampla gola roxa e engomada da toga. Com a mão manchada de marrom, deu

uns tapinhas no ombro do general, num gesto paternal.

Dun-Cadal abriu-se com ele sobre suas preocupações com Rã.

– Os deuses velam por ele, pode ter certeza, general, mas só eles sabem do papel que lhe destinaram nesta provação que é a vida – disse-lhe o bispo.

– Eu rezo por ele todos os dias... – revelou Dun-Cadal.

– Como todos nós rezamos pelos soldados que estão na guerra contra os insurgentes. – Sentado ao seu lado, o bispo sorriu.

– Quanto a mim, meu velho amigo, rezo especialmente por você.

Quando viera para Émeris, fora ali que Dun-Cadal muitas vezes encontrara refúgio nos momentos de dúvida, medo e fraqueza. Mais que isso, sua fé o conduzira ao caminho do prestígio. O bispo, que se chamava Anvelin Evgueni Reyes, era tio do atual imperador. Se o bispo não tivesse enxergado nele mais do que ele aparentava na época, Dun-Cadal nunca teria sido apresentado à corte, nunca teria salvado a vida do jovem Asham Ivani, nunca teria começado como guarda-costas... nem se tornado, em seguida, a primeira Mão do Imperador.

– Ninguém sabe qual é o desígnio dos deuses – prosseguiu o ancião. – Provações difíceis estão por vir, mas tudo leva a crer que, para ajudá-lo a enfrentá-las, eles lhe ofereceram a ajuda de um rapaz.

– Ele é bem mais que isso – rebateu Dun-Cadal sem nenhuma animosidade, apenas com o desejo de ser sincero.

– É mesmo?

– Acho que os deuses me mandaram esse garoto para ele ganhar esta guerra. E proteger o Império.

O bispo assentiu com um breve aceno de cabeça e levou a mão fechada à boca para conter um forte acesso de tosse. Procurou na batina um lenço para enxugar os lábios.

– Nesse caso, escolheram o homem certo para ensinar esse garoto a ser “grande” – disse.

Levantou-se, percorrendo o local com um olhar respeitoso. As estátuas dos deuses desafiavam-se com os olhos. Majestosas, não apresentavam qualquer rachadura em seu invólucro de pedra. Disso cuidavam diariamente os artesãos que reparavam os esfacelamentos causados pelo tempo.

– O Império é como essas estátuas – observou o bispo, unindo as mãos. – Vai se fragilizando com o passar dos anos. Precisa de feitos, de armas e de grandes batalhas para que seu brilho resplandeça. Foi assim que Adismas Deo Cagliariere se tornou o primeiro imperador. Era fervoroso em suas crenças. A ponto de procurar pelo *Liaber Dest* e prometer a si mesmo que seria o primeiro a encontrá-lo.

Fez uma pausa, pensativo, um leve sorriso nos lábios finos.

– Só receio que isso tenha acabado com sua dinastia, em benefício da nossa – zombou com um riso contido antes de prosseguir: – O fato é que Deo Cagliariere, já que não possuía o Livro Sagrado, fez vários comentários aos outros dois *Liaber*. Eu só queria, antes de deixá-lo sozinho, citar um trecho do *Liaber Deis* e o comentário acrescentado por Deo Cagliariere.

Pela primeira vez desde que se sentara naquele banco, Dun-Cadal, as mãos unidas no colo, ergueu os olhos para o bispo. Com a maior naturalidade, Anvelin olhou para ele, a cabeça

levemente inclinada.

– O *Liaber Deis* diz o seguinte: “Ninguém é tão grande quanto os deuses. Mas cuidam os deuses para que, entre os homens e eles, surjam grandes destinos. Se os deuses não são nomeados, os heróis, nesse mundo, não de sê-lo.” E Deo Cagliariere acrescentou... – inclinou-se ligeiramente para a frente e sussurrou: – ... “É estranho como grandes nomes se sucedem...”. – Endireitou-se lentamente, desviando o olhar. – Se os deuses puseram esse menino no seu caminho, não foi apenas para salvar sua vida. Ele há de ser o eco de sua grandeza, pelo bem do Império. Vou rezar por você e por ele. Tenho certeza de que o imperador juntará suas preces às minhas. E não há dúvida de que os deuses já sabem disso... e já planejaram para que nossos pedidos sejam ouvidos.

Dirigiu-lhe um último sorriso antes de se virar, passar rente ao altar e desaparecer por uma portinha de madeira que se fechou discretamente à sua passagem. Novamente sozinho, o general tornou a cerrar os punhos, fechando os olhos e dando um longo suspiro. As palavras do bispo eram de fato um reconforto. Os deuses tinham planejado unir os destinos do mentor e do pupilo para que este se tornasse ainda maior que seu mestre. Dun-Cadal tinha consciência de sua notoriedade e das vitórias que, sozinho, conquistara para o Império. O fato de que Rã um dia poderia fazer ainda melhor com certeza o deixava mais tranquilo. Tentando manter em mente apenas essa ideia, pôs-se a recitar uma oração, repetindo sem cessar a mesma súplica, num quase sussurro:

– Que esta guerra se encerre com glória, que Rã sobreviva com honra e, caso finde sua vida na última batalha, que morra com dignidade.

Apertava as mãos, estreitava os olhos como se disso dependesse sua vida. Rezava para que o destino definido no início dos tempos fosse tão grandioso quanto ele esperava. Assim era a verdadeira fé. Aceitar e agradecer aos deuses.

– Pífiyas palavras... – sibilou uma voz atrás dele.

Os lábios do general se imobilizaram e ele abriu lentamente os olhos.

– Como é?

– Pífiyas e vãs palavras, já que, segundo o bispo e todas as suas ovelhas, o que há de ser já está determinado. Acredite, se os deuses realmente escreveram a história dos homens, a esta altura já fecharam o livro e mudaram de assunto. Então, para que louvá-los? Caso o destino traçado não lhe convenha...

Como foi que não percebera quando ele se sentara atrás dele e abrisse os braços para apoiá-los no espaldar com ar indolente, a ponta da bainha roçando as lajotas do piso da catedral? Dun-Cadal se endireitou devagar. Então virou-se o suficiente para vislumbrar o vulto escuro do assassino com um simples olhar por sobre o ombro. A Mão do Imperador ostentava seu eterno ar misterioso, o capuz ocultando sua cabeça por completo. A capa verde se abria sobre um plastrão de couro guarnecido de pregos, um cinturão ornado de inúmeras adagas e o pomo prateado de sua espada. Dun-Cadal, porém, tinha certeza de que Logrid, à sombra do capuz, não tirava os olhos dele.

– Eu estimava você – declarou o general de repente.

– E eu sempre retribuí sua estima – rebateu o homem em tom grave. – Só que agora percebo

suas falhas.

– Minha fé não é uma delas.

– Parece que sim, Dun-Cadal, quando ela o deixa cego.

Virando de lado, o general pôs o braço no espaldar do banco e cerrou o punho. Sustentou o olhar de Logrid, que conseguia imaginar mesmo na escuridão do capuz. O assassino não esboçou nenhum gesto.

– Você era um bom homem, Logrid... um bom homem...

Balançou a cabeça com ar desapontado.

– Talvez seja porque não encontrei expiação na fé, como o senhor, ou porque, ao contrário do senhor, ache difícil entender o porquê de existirmos... e o que pedem para eu fazer.

– Pois eu nunca gostei de matar! – bradou Dun-Cadal, endireitando-se.

Com a mão firme e aberta, bateu no espaldar do banco. A madeira estremeceu. A pancada causou um terrível eco na catedral, seguido por um pesado silêncio. Seu interlocutor, imóvel e tranquilo, não se perturbou.

– E quanto ao seu... Rã? – desdenhou Logrid. – Perguntou-lhe o que pensava? Quando ele perceber que tomou gosto por esse tipo de poder, já vai ser tarde demais.

– Você não sabe...

– ... tirar uma vida e me justificar por isso – completou Logrid.

– Você não sabe o que está falando.

– Que tipo de nova criatura o senhor vai gerar, *general* Daermon?

Dun-Cadal desviou o olhar, voltando à sua posição no banco sem perceber que estava fugindo do confronto. Fora pego de surpresa, e se lembrava das expectativas que depositara em Logrid antes de ser nomeado general e ceder-lhe seu lugar. Era um jovem tão hábil, com tanto talento para o combate, tão... paciente. Em que momento tinha se pervertido a ponto de exibir aquele ar cruel?

– Vai transformá-lo em mais uma Mão do Imperador para que sua criação possa ser eterna?

– Basta, Logrid! – Dun-Cadal suspirou, baixando a cabeça. – É a sua inveja que está falando. –

Fez uma pausa antes de continuar: – Ele há de ser muito maior do que você nem sonharia ser – afirmou o general.

– Ele vai traí-lo.

– Basta, já disse – estrondou Dun-Cadal. – Ele vale muito mais que...

– Que um assassino? – interrompeu Logrid bruscamente.

Então apoiou as mãos no espaldar e achegou-se a ele com tanta agilidade que não se ouviu ruído algum. Postou-se diante do general, os dedos da mão direita afagando o punho da espada.

– O senhor foi a primeira Mão do Imperador, Dun-Cadal. E, se me criou, foi para o seu brinquedinho não cair no esquecimento! E para a família imperial se lembrar do seu nome! Por puro orgulho.

– Eu escolhi você! – bradou Dun-Cadal, defendendo-se.

Levantou-se, empurrando Logrid. Quanto mais se exaltavam, mais forte se fazia o eco na catedral, ricocheteando nas estátuas e no vitral do coro. Vozes frias e metálicas que ainda se ouviam

junto com a fala seguinte de Logrid:

– Sim, claro, eu era perfeito para o senhor. Não tinha vínculo nenhum... Uma mãe morta por sífilis, um pai que nunca se dignou a me reconhecer, mas que, em sua infinita bondade, pagou meus estudos na academia. Para ser um assassino é preciso, ao contrário de um cavaleiro, trilhar o caminho da fúria... Não é assim?

– Não se tratava de fúria – rebateu Dun-Cadal.

– Ora, claro que sim, não negue – insistiu Logrid. – A fúria pelo resto do mundo, esse mundo que vê em Reyes a decadência de uma raça. Bem, é um caminho menos glorioso que o seu, admito, mas é mais eficaz.

– Eu acreditei em você! Eu achava que...

– Quer dizer que não acredita mais – declarou Logrid em tom seco. – Para o senhor só contam esses “deuses” que nunca se mostram.

A mão de Dun-Cadal se fechou no punho da espada. Duas lâminas foram prontamente puxadas, cruzando-se ao pé do altar.

– Está blasfemando... – disse ele num sussurro.

– Defende com mais prontidão quem não fará nada pelo senhor. O que nos traz de volta à cegueira da sua fé.

Ficaram ali se encarando, um esperando que o outro atacasse, sem se preocuparem com as consequências daquele duelo. Algo os impelia a se desafiarem: os velhos rancores alimentados pelos anos, a decepção recíproca, a sensação de terem se enganado. E, principalmente, o confronto entre um mestre e seu pupilo, para a transmissão de poder, parecia vez ou outra inevitável. Mas nunca tinham chegado às vias de fato.

– Não foi um erro acreditar em mim. Seria um erro acreditar nesse garoto das Salinas repreendeu Logrid.

– Você não sabe de nada...

– Se está aqui rezando, é por ele, não pelo Império.

Fervendo de raiva, Dun-Cadal estendeu a perna numa primeira investida, que Logrid desviou sem dificuldade. A segunda, em compensação, foi mais difícil de evitar. Arqueou-se para trás e viu a lâmina passar rente a seu rosto num grande arco. Mal teve tempo de se aprumar e aparar um golpe fraco no flanco. O duelo enfim tomou forma, uma dança macabra de duas lâminas vibrando no ar e se tocando com alarde. O choque ecoava na catedral feito um terrível dobre fúnebre. Sob o olhar imóvel das estátuas divinas, enfrentavam-se com uma destreza de que poucos se poderiam gabar, procurando falha na guarda do outro até perceberem a súbita mudança em sua respiração. O tempo pareceu se dilatar, os movimentos ficaram mais vagarosos. Ergueram, por fim, as mãos livres.

Os dois Sopros colidiram, propagando uma onda de choque que anuviou a visão de ambos. Mantiveram-se de pé, apesar do impacto, recuando em meio a uma nuvem de poeira. Com a respiração sibilante, se encararam por alguns instantes.

– Dun-Cadal, você devia abrir os olhos... – aconselhou Logrid, resfolegando.

– Para quê? – bradou o general. – Para quê, Logrid?

– Para os vínculos do conde de Uster com a família Reyes. Para a acusação que pesou sobre ele e os motivos daquela revolta.

Encararam-se de modo hostil. Viam explodir seu rancor com exacerbada violência. As palavras, mal formuladas ou mal entendidas, não passavam de um estopim, de uma desculpa para aquele duelo havia tanto esperado. Seus caminhos tinham se apartado muito tempo antes.

Recuaram um passo cada um, como para se esquecerem da raiva. O orgulho do mestre face à ambição do antigo pupilo. Nunca tinham de fato compreendido um ao outro.

– Alguns partidários do conde de Uster se encontram em Émeris, Dun-Cadal – prosseguiu o assassino. – Eles se refugiaram aqui e vêm atuando às escondidas! Contra nós! Abra seus olhos.

– Estão bem abertos – retorquiu Dun-Cadal. – O que vejo não me agrada nem um pouco...

– As Salinas, Dun-Cadal. O senhor trouxe as Salinas para junto do imperador. Esqueça esse seu pupilo... Ele não terá força suficiente para proteger o imperador de seus verdadeiros inimigos.

Então era isso. Em meio ao caos, Logrid revelava seu ciúme.

– Eu escolhi você – disse Dun-Cadal em tom severo. – Entre tantos outros, escolhi você para me substituir como a Mão do Imperador. Rã não vai tomar seu lugar. Outra coisa está reservada para ele.

Esperava que isso bastasse para acabar com o ciúme de Logrid, que, suspeitava, irrompera antes mesmo de eles chegarem a Émeris. Ciúme que crescera qual erva daninha face às recentes vitórias no Norte e à derrubada do dragão vermelho. Logrid, porém, teve a reação contrária. Adiantou-se rapidamente, prestes a atacar, mas pensou melhor e guardou devagar a espada na bainha, indicando que não queria mais partir para as vias de fato. Somente a voz denunciou sua ira, que subiu pela garganta, grave e dura feito rocha:

– O senhor acha que quero afastá-lo de seu pupilo por medo de que ele tome o meu lugar?

– Eu disse que ele tem talento. Isso incomoda você. Eu posso entender, mas...

– Dun-Cadal... – a voz soava diferente. Havia nela certa tristeza mesclada com decepção. – Não se trata de uma simples revolta que poderá ser controlada pela força. É o nosso mundo que está mudando. Eu, mais do que ninguém, estou fazendo minha parte. Tiro a vida dessa podridão que nos ameaça, mas sozinho não vou chegar a lugar nenhum... Alguns nobres estão prontos para seguir a corrente, caso os insurgentes cheguem às portas de Émeris. Alguns já vêm atuando em favor da queda da cidade.

Tantas divergências haviam surgido entre eles. Já não se entendiam, se é que tinham se entendido algum dia.

– Se eu lhe ensinei a matar pelo imperador, foi para defendê-lo, não para você se orgulhar disso – censurou Dun-Cadal com firmeza. – No meu tempo, a Mão era temida e respeitada. Depois que você vestiu o uniforme, tudo que...

– ... tudo que o senhor construiu, eu estou destruindo – concluiu Logrid num sussurro. – Parece até que nunca ouvi esse sermão. Eu... – Hesitou, antes de erguer a mão enluvada e apontar o dedo para o general. Dando um passo à frente, chegou à beira do altar. – ... respeito o senhor, que me ensinou tanta coisa. Mas o senhor é tão... tão vulgar, tão frugal! – exclamou. – Um antigo, é isso que o senhor é. Nunca passou pela sua cabeça que eu também podia lhe ensinar alguma coisa.

– Pelos deuses, Logrid! – vociferou o general.

– Basta desses seus deuses! – rosnou o assassino. – Eles por acaso estão aqui para avisá-lo do perigo? Eu estou!

Deu um passo para trás. Em meio à luz quente do meio-dia que se derramava do grande vitral, tirou o capuz, revelando no lábio superior uma cicatriz que uma barba incipiente mal conseguia cobrir.

– Há vozes tramando contra o imperador. O mal que deu origem a Oratio de Uster está agora entre nós. Vozes que dão maus conselhos, que ocultam a verdade por trás de palavras inocentes. Os refugiados das Salinas conspiram contra Sua Majestade Imperial, os próprios nobres estão prestes a abandoná-lo caso a revolta vire revolução. Esses vão preservar seus privilégios, acredite.

– Sandices – disse Dun-Cadal desviando o olhar. – Você ouve falar coisas e distorce o sentido.

– Eu sou os olhos, os ouvidos e a Mão do Imperador, Dun-Cadal. Sou o guardião do Império! É nele que eu acredito, e não numa divindade qualquer. São ele e o seu mundo que vou defender até a morte. Só que o senhor... o senhor já não ouve, já não vê... e sua mão vai tremer no dia em que tiver que lutar.

Dun-Cadal balançou a cabeça, enojado, e resolveu sair dali antes que a ira e a decepção o dominassem. Tinham usado as espadas, tinham se desafiado. Essa guerra andava mesmo semeando o caos, se levava antigos aliados a se odiar a ponto de quererem se matar.

– Não se ganha mais a guerra no campo de batalha, Dun-Cadal. Hoje ela é feita de palavras e promessas. De seduções, mentiras e traições. Quem age, age às escondidas. E quem melhor que eu para ver isso?

Palavras, promessas, traições... E se o verdadeiro duelo entre eles também fosse assim? Cansado de discutir, Dun-Cadal deu o golpe de misericórdia.

– O nome dele vai ser lembrado. O seu, não... – disse, com o olhar incerto.

Não contara com os talentos de Logrid, talentos que, como seu mestre, nunca percebera: para o discurso, para a palavra, para desestabilizar e machucar mais fundo que uma espada.

– Não contei para mais ninguém isso que estou lhe dizendo – afirmou friamente o assassino. – Ninguém mais merece minha confiança e meu respeito. Ninguém mais seria capaz de salvar o Império além de Dun-Cadal Daermon. Esse garoto das Salinas há de ser o seu fardo. Quando ele cair, vai arrastá-lo junto... – Logrid recuou vários passos antes de acrescentar: – ... para o abismo.

Dun-Cadal baixou os olhos. Quando tornou a erguê-los, o assassino havia sumido. Ficou ali parado alguns minutos, uma mão no espaldar do banco à sua frente, hesitando em recostar-se no pilar às costas. Ficou ali, o olhar vagueando pelas lajotas que levavam ao altar iluminado pelo sol turvo que atravessava o vitral. Ficou ali, entre a ira e a reflexão. Era um homem da guerra, não das palavras. Um general, não um cortesão. Um pulso de ferro feito para bater, não um desses que agia pelas costas do imperador para decidir o destino do mundo. Os únicos conselhos que se dispunha a dar a Sua Majestade vinham do bom senso, bom senso da terra onde nascera. Filho de um nobre, passara a infância no Oeste, descalço. Logrid crescera em Émeris, no meio da elite, até Dun-Cadal perceber seu potencial e transformá-lo em seu sucessor. Um nobre chamado Duberon seduzira uma moça de boa família e não se atrevera a reconhecer a criança por medo de

comprometer sua posição na corte com um escândalo. Comprou então o silêncio da jovem mãe solteira financiando os estudos do menino. Dun-Cadal tinha reparado em Logrid na época em que o imperador lhe dera a oportunidade de se tornar general de seus exércitos e logo vira nele o candidato ideal para sua sucessão. Uma Mão do Imperador perfeita, hábil no combate, ágil e esperta. A Mão do Imperador doente, cujo poder já era contestado por alguns. Uma Mão imortal, sem nome, sem rosto, mas não sem honra. Logrid aceitara. A mãe fora recentemente levada pela doença, depois de anos tentando esquecer o antigo amante nas zonas mal-afamadas da cidade. Uma decadência que ele acompanhara dia após dia sem poder fazer nada... a não ser aguentar.

Os deuses sempre tinham feito as coisas direito.

A primeira vítima do assassino foi Duberon. O conde era um desses que achavam que a família Reyes estava no fim. Passou-se o tempo e Dun-Cadal não tinha como negar a lealdade de Logrid ou duvidar de suas intenções. Daí sua certeza de que o ciúme tinha um papel importante em suas afirmações. O fato de existir um complô era mais do que mera hipótese... Mas pensar que Rã pudesse estar envolvido tinha mais a ver com um acerto de contas.

O general suspirou.

Não encontrou nenhum conforto, nenhuma resposta, na estátua do deus que se erguia às suas costas. Por mais que o interrogasse com o olhar, os olhos de pedra levemente abertos fitavam um ponto à frente sem se importar com a insignificante criatura a seus pés.

*Ninguém tem o direito de nomeá-los. Eles estão em tudo.*

*Estão aqui, agora. Antes de nós e depois de nós.*

Certa vez, durante seu aprendizado, Logrid o questionara a respeito dos deuses, sem que em momento algum o mestre imaginasse que aquelas dúvidas se transformariam em certezas:

– Quem são eles, afinal? O que eu penso estar decidindo já estava mesmo escrito? Com que direito eles nos destinam ao que quer que seja? Não passamos de brinquedos para eles?

Ao que Dun-Cadal só soubera responder:

– Eles são os deuses. Não estão brincando conosco. Transformam nossa vida em narrativas, em histórias, em sagas. Para que a humanidade alcance seu ápice. Eles conhecem o início e o fim dos tempos. Temos que agradecer-lhes por terem nos dado a vida e um destino cujo sentido a eles pertence.

E ali, aos pés da estátua cujo olhar ele tentava em vão encontrar, qualquer outra resposta parecia inconcebível.

## A QUEDA DO IMPÉRIO

*Quantos anos são necessários  
para construir um Império?  
E quantos segundos para destruí-lo?*

Com as costas da mão, ele tirou a poeira do rosto.

Na cela imunda e quente, banhada por uma tonalidade alaranjada, grades sujas tapavam a pequena claraboia, sobre a qual ouviam-se botas caminhando. Cada passo jogava terra seca na cabeça do prisioneiro. Deitado no catre de madeira, braços cruzados sob a cabeça, ele observava a luz que diminuía aos poucos, ao ritmo dos transeuntes. Fazia horas que esperava pacientemente que viessem interrogá-lo. Repassava sem cessar a sequência dos acontecimentos, buscando entender, encontrar um sentido para aquilo tudo, um motivo, algo que o tranquilizasse. Quando se despedira de Négus em Kapernevic, ele ainda estava a serviço do Império. Ao reencontrá-lo, trabalhava para aqueles que os tinham derrotado. Dun-Cadal decerto jamais entenderia os motivos dessa mudança. No entanto, jamais atentaria contra a sua vida. Pelo contrário, tinha tentado alertá-lo. Mas de que adiantaria negar? Ele obviamente era o culpado ideal. Na cela minúscula, brincava com suas lembranças como se fossem peças de um quebra-cabeça, tentando uni-las num quadro que fizesse sentido, numa imagem coerente. Não surgiu nenhuma. Quando a janelinha da porta de ferro foi aberta, ele ignorou. Um olho apareceu na abertura, acompanhado de um riso irônico.

– Olá, general! – disse uma voz fanhosa. – Como está?

Conhecia apenas o tom da voz do carcereiro, mas já era o suficiente para ter uma ideia. Imaginava-o magro e sujo, amargurado por não passar de um simples guarda e, o que era pior, estúpido. Lá fora, sem dúvida alguma o desprezado era ele. Ali dentro, vingava-se livremente de sua condição, humilhando, por trás da pesada porta de ferro, os prisioneiros que apodreciam no cárcere.

– Dizem por aí que você era um dos grandes, é isso mesmo? Um supergeneral. Agora baixou a bola – esganiçou a voz. – Tem um pessoal que nem você que se entregou. A gente até foi legal com eles. Sabe o que a gente faz com o pessoal como você que não se entrega?

Sem tirar os olhos da luz que se extinguiu do lado de fora, Dun-Cadal esboçou um fraco sorriso.

– Transformaram todos eles em conselheiros – murmurou.

– A gente enforca – garantiu o carcereiro, como se não tivesse escutado. – Agora, com um macaco velho feito você, não vai ser só isso. Você fez coisa à beça durante a guerra. – De repente, mudou de tom: – Aproveite – aconselhou, cheio de desprezo. – Porque daqui a pouco, mesmo sendo general, vai se tornar apenas um pobre-diabo pendurado numa corda.

O homem tornou a fechar a janelinha com força. Sua risada encobriu o estrondo do metal e o som de seus passos se afastou aos poucos. Quando já não passava de um eco bem distante, Dun-Cadal suspirou. Talvez o guarda tivesse razão. Talvez ele fosse julgado. Bem que Mildrel avisara: “Você sabe o que a República fez com os generais que não se alinharam com ela.”

Tentara salvar a vida de um conselheiro e Viola era a única que podia depor a seu favor. Mas onde ela estava? E se o abandonasse? Fechando os olhos, tentou não pensar mais no assunto. Não era a primeira vez que se encontrava numa cela e, embora sua vida, naquela época, não corresse perigo, sua situação, pelo que se lembrava, não tinha sido mais confortável. Muito pelo contrário. Doze anos antes, bem distante de Massália...

... lembrava-se de ter procurado por ele, em vão, por toda a academia militar...

*Aladzio!*

... em Émeris. A imagem da cidade cintilante foi aos poucos se desenhando em sua memória e, ao sair da cela pútrida, viu-se andando até o pátio da academia militar.



– Aladzio! – chamou, andando rapidamente na direção do inventor.

Ele usava um tricórnio na cabeça e um manto azul com debrum dourado, destoando das túnicas cinzentas dos alunos da academia. Mais que suas vestimentas, o que o diferenciava era sua atitude. Enquanto todos os alunos presentes se afastavam com certa deferência, ele nem parecia notar a chegada do general. Um pouco atrás dele, sobre uma base de madeira, havia um comprido tubo de chumbo preto. Dun-Cadal pouco se interessava pela máquina que ele testava em pleno pátio da academia militar. Só quando aproximou-se dele é que Aladzio reparou na sua presença, ainda ocupado em resolver algum problema espinhoso.

– Ah! – exclamou, com o olhar distante. – General Daermon... que bons ventos... que bons ventos...

– Me trazem. É o que queria perguntar, Aladzio?

– É. Enfim, prazer em vê-lo. – Não olhava para ele, absorto na máquina que o aguardava. – Quem sabe um pouco mais de enxofre... ou de salitre... ou talvez seja melhor uma bala mais leve – pensava em voz alta.

– Aladzio...

– O projétil precisa alcançar alta velocidade e manter um eixo muito preciso, senão, bum!, explode! – prosseguiu, reproduzindo a explosão com as mãos.

– Aladzio... – repetiu o general.

– Ou então... Mas é claro! – festejou. – É a umidade! A mistura está úmida demais! A pólvora não reage.

– Aladzio! – bradou Dun-Cadal, irritado.

Durante um longo mês, na estrada de Kapernevic para Émeris, tinham aguentado o ininterrupto fluxo verbal de Aladzio. Mais de uma vez, Dun-Cadal tivera que intervir para que Rã não o nocauteasse com um golpe de espada. No entanto, à medida que se aproximavam da cidade imperial, os dois militares passaram, se não a apreciar, pelo menos a tolerar sua tagarelice.

– Estou procurando Rã...

– Ah, sim, sim – gaguejou Aladzio, esfregando as mãos.

O inventor garantiu que encontraria o pupilo junto à passarela, uma longa ponte de pedra que ligava a academia militar às salas de armas, acima dos jardins suspensos do palácio. Dun-Cadal deixou-o com sua invenção e atravessou o pátio da escola. Desde sua volta para Émeris, e contra qualquer expectativa, Aladzio e Rã tinham se tornado amigos. O fato de seu discípulo andar por aí com o inventor não o incomodava muito; Dun-Cadal deixava-o desfrutar de um descanso bem merecido, longe do caos da guerra. Principalmente, gostava de vê-lo socializando. Rã tinha convivido muito pouco com sua turma. Os colegas sempre o viam com desconfiança, inveja, e Rã instintivamente mantinha distância deles.

Era um fato inédito eles permanecerem tanto tempo na cidade imperial sem que os mandassem de volta para a linha de frente. Sua última incursão, em Kapernevic, fora coroada por tamanho sucesso que aquele tempo livre concedido pelo imperador serviu para Rã prestar seu juramento. Somente a ausência de Sua Majestade Imperial, por motivos de saúde, ofuscou o brilho daquele dia. De resto, quanta satisfação, quanto orgulho Dun-Cadal sentiu ao pousar a espada no ombro de seu pupilo.

*Preste o juramento.*

*... defender o Império...*

Embora a guerra continuasse e a rebelião, com o passar dos meses, viesse ganhando terreno, Émeris se mantinha tranquila e sossegada, uma ilha de quietude em meio ao tumulto. O canto dos pássaros substituíra os gritos dos soldados. O sol banhava com raios suaves as pedras brancas do parapeito.

*... nunca trilhar o caminho da fúria...*

Ele avistou Rã com sua capa cinzenta e, junto dele, uma jovem de uns 20 anos, trança negra caída no ombro desnudo. Usava um vestido carmesim simples, sem nenhum bordado ou outro sinal de riqueza. Talvez a criada de alguma duquesa refugiada em Émeris. Não. À medida que se aproximava, reconheceu os olhos de um azul intenso e a pele morena, luzidia, e a mesma bela aparência que ela exibira em Garmaret... Estava mais alta, mas era ela, tinha certeza.

– Rã! – bradou o general.

*Cavaleiro...*

O rapaz se virou e seu semblante endureceu, enquanto a moça sussurrava algo em seu ouvido. Ela foi embora antes de Dun-Cadal chegar perto do recém-nomeado cavaleiro... Agora era quase seu igual. Os dois ficaram observando o vulto gracioso passar pela extremidade da ponte e descer a escada que dava no interior do palácio, até que o general quebrou o silêncio em tom de censura:

– Estou procurando você há horas.

– Já foi mais eficiente – respondeu Rã, sem expressar nenhuma emoção.

Continuava fitando a extremidade da passarela como se a moça ainda estivesse lá. Ele tinha mudado tanto em tão pouco tempo quanto tinha crescido, já estava da altura de seu mentor. Suas feições haviam se tornado mais finas e também mais duras, as maçãs do rosto estavam mais salientes e linhas marcavam sua testa quando ele franzia as largas sobrancelhas. Já seus olhos cinzentos ainda guardavam um brilho juvenil, embora às vezes fosse possível ver neles uma estranha severidade.

– Quando não está com Aladzio, está com ela – censurou Dun-Cadal. – Você sabe o que eu acho disso.

– Estive treinando com os cadetes, Pernalta – garantiu Rã placidamente.

– E se amanhã nos mandarem de volta para a linha de frente? Não é com os cadetes que você tem que treinar. Você é um cavaleiro, seu cabeça-dura!

– Estarei preparado – assegurou, finalmente expressando sua irritação. Seu tom se tornara seco, a fala, rápida. Exasperado, virou-se para os jardins em desníveis, as mãos na borda da passarela. – Você está sempre com Mildrel – reclamou.

– É diferente.

– E o imperador não fica o tempo todo mandando você treinar. Tenho treinado todas as manhãs. Principalmente desde que me tornei cavaleiro. Tenho o direito de me encontrar com ela.

– É diferente – repetiu Dun-Cadal suavemente.

– Diferente por quê? – exaltou-se Rã, sustentando o olhar de seu mentor.

– Porque Mildrel não é uma refugiada!

O garoto desviou o olhar, balançando a cabeça.

– Essa história de novo... – falou com certa impaciência.

– Eu já lhe disse quando voltamos de Kapernevic: não pode mais se encontrar com ela. Não vê como todo mundo anda desconfiando de todo mundo? Négus me alertou. E eu... alertei você.

– Eu também sou das Salinas, esqueceu? – sussurrou Rã.

O garoto não estava mesmo entendendo. As recomendações de seu mentor, que ele via como uma injustiça, não tinham o objetivo de atormentá-lo.

– Rã, é só até a guerra acabar. Depois você vai ter todo o tempo do mundo para cortejar essa moça... – Queria se mostrar confiante, mas ele próprio não sabia de nada. Os rumos da guerra não andavam nada bons e até acabar podia levar vários anos. – Não quero que desconfiem de você.

Depois de hesitar um instante, pôs a mão no ombro do rapaz. Rã se esquivou com um gesto brusco e se afastou.

– Ainda mais agora que foi sagrado cavaleiro – acrescentou Dun-Cadal.

– Pois isso devia me dar o direito de me encontrar com quem eu bem entendesse – sibilou Rã.

– Ah, meu rapaz, não pense que já chegou lá. Você ainda tem muito chão pela frente até...

– Não entendo – queixou-se ele, fitando o general com um olhar sombrio. – Para você nunca sou bom o bastante, não é? Não importa o que eu faça, nunca é suficiente. Você alguma vez me elogiou, por acaso? Alguma vez me disse “Muito bem, *moleque*”? Mesmo depois do juramento, alguma vez me deu parabéns? Eu queria dizer que você foi como um p... Eu... – Não encontrou as palavras certas e baixou os olhos. Quando tornou a erguê-los, estava com a voz afiada feito uma espada: – Às vezes eu... odeio você.

Para fugir de qualquer reação, afastou-se a passos rápidos, a capa esvoaçando. Sozinho no meio da passarela iluminada pelo sol poente, Dun-Cadal suspirou, desapontado. Tinha a sensação de que não conseguiam mais conversar, de que nenhuma palavra era a *melhor*, escolhida no *melhor* momento. Mais de uma vez a discussão entre eles terminara com o garoto indo embora, como se tudo tivesse sido dito e nada pudesse ser explicado, apaziguado, suavizado... Nessas horas, parecia que tudo os separava. E toda vez, ao compará-lo com Logrid, tinha medo de chegar ao mesmo resultado.

No entanto, era uma relação constituída de olhares de cumplicidade e palavras mordazes. Em certo sentido, Rã tinha razão. Ele nunca o elogiara, e por que faria isso? O garoto não era talentoso, era simplesmente brilhante, esforçado, movido por uma força que ninguém entendia. Dun-Cadal tentara saber mais sobre sua história, descobrir o que ele tinha passado antes de se conhecerem e que decerto explicava sua motivação. Com o passar dos anos, resolvera aceitar que nada seria revelado, preferindo vê-lo crescer a ouvi-lo falar sobre o passado. Só o futuro importava. E o futuro parecia cada vez mais sombrio. O imperador mandara chamá-lo e ele não tivera tempo de contar para Rã o que estava pressentindo. Algo ruim...

Sua intuição nunca falhava. E estava sentindo o cheiro da morte.



– Os insurgentes estão se aproximando de Émeris! – afirmou uma voz que lembrava o crepitar das chamas, desagradável e seca.

As portas se abriram diante do general e foi com passos incertos que ele atravessou a sala, a mão no punho da espada. Junto às finas cortinas afagadas por uma brisa ligeira, o trono do imperador, todo de ouro e prata, reluzia com um brilho opaco.

– O Oeste, o Sul e o Sudeste caíram esta manhã.

– É aqui que tudo será decidido – previu um idoso que se apoiava numa bengala de carvalho.

– Devia ter agido mais rápido – concluiu o homem de voz desagradável, a papada aumentando quando ele inclinou a cabeça para a frente.

Sua corpulência quase ocultava o imperador, e usava um largo manto em tons de azul. Não havia como ignorar sua semelhança com o capitão Azdeki, a poucos passos de distância. Mas, enquanto Étienne tinha um porte elegante e altivo, seu tio lembrava um monte de carne flácida

com uma única mecha de cabelos brancos. O barão Azinn Azdeki, dos baronatos do leste de Vershã, sempre frequentara mais os salões de banquetes, como os das festas do duque de Page, do que os campos de batalha. Ninguém reagiu à entrada do general. Apenas o imperador pareceu prestar atenção, o olhar se desviando de seus conselheiros para fitá-lo. Eram seis. O próprio tio do imperador, o Grão-Bispo Reyes da Ordem de Fangol, estava ao lado do sobrinho. O marquês de Enain-Cassart, os cabelos brancos penteados para trás, a mão firme na bengala de carvalho, se encontrava próximo ao trono. À direita do barão Azdeki, seu sobrinho estreitava os olhos, pensativo. À esquerda, impacientavam-se o duque de Rhunstag e o conde de Bernevin: o primeiro, corpulento em seu casaco de pele, o outro apertado num manto púrpura atado com um cinturão prateado. Ambos tinham propriedades adjacentes e costumavam agir juntos, como vizinhos inseparáveis, sem nem mesmo serem amigos. Supunha-se que cada um encontrava no outro o que lhe faltava para ser importante, já que um tinha a apurada inteligência dos políticos, e outro, os típicos atributos dos comandantes de guerra.

Havia um ano, esses nobres presentes compunham o último círculo próximo do imperador. Aos poucos, e ao sabor dos boatos de que alguns tinham se aliado a Laerte de Uster e seus insurgentes, os membros da corte haviam sido afastados, restando apenas aqueles seis. Sempre rápidos em seus conselhos, generosos nos elogios, capazes de lançar suas verdades com uma firmeza espantosa.

– Temos que encomendar o assassinato de Uster! – exclamou Bernevin. – Sem ele, a revolta ficará acéfala.

– Não, não – rebateu Enain-Cassart com uma voz fina. – Nem sabemos direito onde ele está, nem a aparência que tem agora. E não é ele quem anda conspirando aqui no palácio.

– Majestade Imperial – interveio Rhunstag, inflando o peito para assumir mais imponência. – Os mineiros já se juntaram a eles. Sem falar nos nâagas, a quem prometeram a liberdade. As tropas rebeldes ganharam reforços consideráveis.

– Temos que organizar desde já as defesas do palácio – reforçou Azinn Azdeki. – Meu sobrinho parece ser a pessoa mais indicada para essa tarefa, que... – Dun-Cadal deixou escapar um suspiro irônico, finalmente atraindo todos os olhares para si. – ... que não admite a mínima falha – concluiu o barão, retesando o maxilar ao ver Daermon.

De todos os generais do grande exército, Dun-Cadal era, sem dúvida, o mais capacitado, mas para muitos nobres ele ainda era um emergente da pior espécie. Inúmeras vezes o imperador tivera que defendê-lo junto à corte, argumentando que o general vencera mais batalhas do que qualquer outro homem de guerra. Assim como seu avô, ele dera o sangue pelo Império. Era tão nobre quanto esses que se limitavam a ostentar um título sem nunca terem pisado num campo de batalha.

– Não dá para esperar mais, Majestade Imperial – disse Bernevin.

– É hora de se render às evidências – acrescentou Rhunstag. – A revolta já anda correndo solta na cidade baixa. Precisamos de ações exemplares.

– O Império nunca esteve tão frágil, e somente sua decisão, sábia e esclarecida, poderá rechaçar o inimigo para fora de Émeris – assegurou Azinn Azdeki. – Mande prender os conspiradores. É

preciso enforcá-los sem julgamento, como fez com aquele ferreiro traidor!

– Mostre para o povo que não está com medo – aconselhou Rhunstag. – Abafe a revolta em Émeris. E preparemos as defesas contra os exércitos de Uster. Aqui não terão mais nenhum apoio.

– Sei que não lhe agrada julgar assim seus súditos, mas foi o que fez com Oratio de Uster. Já que as ideias dele sobreviveram, vamos agir antes que reduzam seu Império a cinzas. Devemos deixar passar ou punir os suspeitos de um complô? É preciso tomar uma decisão. E não há dúvida de que a sua será a mais acertada – disse Enain-Cassart e sorriu.

Fez-se silêncio. O olhar do imperador estava cravado em Dun-Cadal, como se só ele merecesse sua atenção, como se fosse o único de quem esperava aprovação. Um bando de pardais bateu asas, as sombras negras revoando por trás das finas cortinas.

– O que acha, meu amigo?

Disfarçando a inimizade por trás de sorrisos débeis, todos aguardaram a resposta do general. Dun-Cadal fez uma pausa, buscando as palavras certas para expressar sua opinião. Também não era o caso de atizar a fúria dos nobres presentes criticando sua absoluta falta de discernimento. Embora os considerasse, em parte, responsáveis pela situação, não podia se indispor com eles fazendo acusações.

– Acho que eles têm razão, Vossa Majestade Imperial – disse por fim. – Temos de nos preparar para um ataque a Émeris.

– E além disso? – indagou o imperador com uma voz tremendamente baixa.

– Além disso, enforcar os suspeitos de conspiração não é a melhor maneira de abortar uma revolta dentro da cidade.

Azinn Azdeki conteve uma exclamação de espanto, chocado por alguém ousar contradizê-lo. Pareciam galos de quintal, inflando o peito e batendo asas. Somente Enain-Cassart conseguiu disfarçar sua insatisfação, baixando os olhos.

– Pelo contrário, só iria atizá-la – garantiu Dun-Cadal.

– É mesmo? – perguntou o imperador, suspirando.

– Mas a revolta já está aí! – exaltou-se Bernevin.

– Vai ter coragem de negar, general Daermon, que alguns nobres já têm apoiado os insurgentes? – questionou Rhunstag. – O duque de Erimburgo fugiu de Émeris há dois meses. Tudo leva a crer que alguns de seus homens ficaram aqui preparando o terreno não para uma revolta, mas para uma revolução!

Acreditavam, então, que a imagem de supostos traidores balançando na ponta de uma corda seria suficiente para aplacar qualquer veleidade de revolta na capital. Não entendiam mesmo nada do povo, não tinham visto sua coragem no campo de batalha. Aqueles simples *camponeses* que Dun-Cadal combatera desde o início da guerra... nenhum deles havia baixado as armas ao ver seus irmãos tombarem. Muito pelo contrário. Ele notou o olhar do barão para Enain-Cassart quando este aproximou-se do imperador.

– Imagino que tenha me chamado por um bom motivo – disse o general, preferindo pôr fim à discussão. – Não para eu aconselhá-lo quanto ao que fazer, o que Bernevin já faz muito bem.

Ignorando a alfinetada, Bernevin desviou o olhar e ergueu o queixo com altivez. Dun-Cadal até

gostaria que ele reagisse, para poder mostrar que ele jamais levaria a melhor. Mas não diante de Reyes. Se o imperador o chamara, certamente era para encarregá-lo da defesa do palácio. Senão já o teria mandado de volta para a linha de frente junto com Négus e os demais militares.

Por trás da máscara dourada, as pálpebras do imperador se cerraram. Precisava fazer a escolha certa. O futuro dependia disso. E vidas... Ou será... será que sua preocupação era outra? Ele ergueu a mão em direção ao bispo à sua direita. Seu tio a apertou afetuosamente esboçando um parco sorriso.

– Compreendo seu ponto de vista, meu amigo, compreendo – garantiu, meneando a cabeça. – De modo que também peço que compreenda, por mais que isso possa lhe custar.

– Desculpe, como assim? – perguntou Dun-Cadal, surpreso.

– Estava escrito, general – acrescentou o bispo, tristonho. – Ninguém pode fugir das decisões divinas...

As portas no fundo da sala se abriram e uma dezena de soldados entrou com a maior discrição. Dun-Cadal mal os ouviu. Notou sua presença, como também reparou, de repente, na ausência inabitual de uma pessoa em especial.

– Eles têm razão, você mesmo disse – prosseguiu o imperador com voz trêmula. – Enquanto o povo enfurecido se aproxima de nossas portas comandado por um louco, suas ideias nocivas já tomaram conta da cidade faz tempo...

– Vossa Majestade Imperial... – murmurou Dun-Cadal.

Não sabia o que estava sendo tramado. Como teria adivinhado? Seu coração bateu mais forte e sua preocupação aumentou. Logrid não se encontrava ali. A Mão do Imperador, seu assassino pessoal, não estava escondida atrás das colunas como costumava, pronta para defender seu senhor. Só havia uma explicação para sua ausência: fora enviado numa missão.

– Bernevin – chamou o imperador –, faça com que o povo entenda que não vou tolerar nenhum tumulto e que será punido todo aquele que puser em dúvida a grandeza do Império e apoiar a insurreição. Será punido todo aquele que reivindicar a proteção de Oratio de Uster! A começar pelos refugiados das Salinas.

– Certo, Vossa Majestade Imperial – respondeu Bernevin, fazendo uma reverência.

– Vossa Majestade Imperial... – repetiu Dun-Cadal.

– Meu amigo, você já fez tanto, tanto! – O imperador suspirou. – É assim que eu agradeço. Mas você se deixou cegar pelos sentimentos.

– O que fez, Majestade? – inquietou-se o general.

Às suas costas, os soldados se adiantavam.

– Eu os acolhi... – A voz do imperador vacilava, tanto de tristeza quanto de ódio, carregada da dor de uma traição e do mais absoluto desprezo por aqueles que desejara proteger. – ... e é assim que eles me agradecem!

– A moça – interveio Étienne Azdeki em tom seco. – A moça que anda com esse seu... Rã. O nome dela é ESYLD ORBEY.

– A filha do ferreiro pessoal do conde de Uster – prosseguiu seu tio com uma satisfação espantosa. – Juntos, estavam alimentando um complô. Eles e mais outras pessoas...

– O que fez, Majestade?! – bradou Dun-Cadal, levando a mão à espada.

Os soldados já começavam a cercá-lo, ameaçando-o com suas lanças.

– Apenas cumpra o meu dever! – esbravejou o imperador, já em seu trono.

Uma mão surgiu por debaixo da capa, apoiando-se para não perder o equilíbrio.

– É justamente por sua causa que estou agindo desta maneira. Seu pupilo não merece sofrer em praça pública como Orbey e sua filha.

– Pelos deuses! O que fez, Majestade?! – repetiu Dun-Cadal, à beira das lágrimas.

– Exatamente aquilo que os deuses esperavam de nós! – afirmou o bispo. – General, nada do que acontece aqui já não está escrito no *Liaber Dest*! Apele para a sua fé. Deixe de ser cego!

Por isso Logrid não estava ali. Saía para caçar. Com os olhos enevoados, Dun-Cadal buscava desesperadamente uma escapatória. Precisava sair dali quanto antes, correr ao encontro de Rã, enfrentar o assassino, brigar, se defender, salvar sua vida, não deixá-lo na mão, não abandoná-lo, lutar, se defender... não deixá-lo sozinho, sem defesa. Era como se Rã voltasse a ser o menino que ele conhecera nas Salinas, frágil e inexperiente.

– Capitão Azdeki, cuide para que o general Daermon seja tratado com toda a consideração que sua posição merece – ordenou o imperador. – Em seguida, prepare a defesa de Émeris.

– Não pode fazer isso! – gritou Dun-Cadal, a espada em riste.

Os soldados se retesaram, prontos para intervir, mas Azdeki ergueu a mão, impedindo-os. Sozinho, cercado, Dun-Cadal bateu na ponta das lanças com o dorso da espada num gesto de desafio, na esperança de que um dos soldados se afastasse para deixá-lo fugir. Onde estava Rã? Em que corredor Logrid estaria de tocaia, esperando por ele?

– Ele não o traiu! Ele combateu pelo senhor! Matou o dragão vermelho de Kapernevic sozinho!

– General Daermon...

– Vossa Majestade Imperial, ele ainda é um menino! É meio bobo de vez em quando, mas é o melhor dentre nós! Não tem o direito de fazer isso!

– General Daermon! – repetiu o imperador, elevando a voz.

Dun-Cadal girava, vez ou outra estendendo a perna para investir, mas o soldado visado sempre dava um passo para trás e retornava ao seu lugar.

– Ele lutou pelo senhor! Ele lutou pelo senhor! – berrava Dun-Cadal. – Ele defendeu o Império!

Será que Rã perceberia a espada indo em sua direção? Teria tempo de aparar o golpe? Saberá se defender? Sozinho, perdido, sem entender por que os que o tinham acolhido agora o tratavam com tanto desprezo. Era apenas um menino...

Pelas sombras entre as colunas, avançava o vulto de Logrid. Como queria, naquela hora, ver o rosto oculto pelo capuz, perceber um clarão de medo quando se lançou sobre ele, berrando com toda sua alma. Os soldados conseguiram conter Dun-Cadal com dificuldade, de tanto que se debatia. Imobilizaram seu braço armado.

– Logrid! – exclamou o general, louco de raiva. – Logrid! Podre! Imundo! LOGRID!

O assassino recuou um passo, surpreso diante de tamanha fúria.

– Logrid! Eu amaldiçoo você. Amaldiçoo! Pelos deuses!... Amaldiçoo você...

Sem fôlego, foi ficando sem forças, cansado, perdido, abatido como nunca. Ele, que a vida

inteira pensara que um dia cairia sob os golpes do inimigo, curvava-se agora diante de um golpe do destino. O assassino pareceu fraquejar, cabisbaixo, o ombro apoiado numa coluna.

– Já está feito? – perguntou Azdeki.

Logrid assentiu com um breve gesto da cabeça. Com a mão, o capitão ordenou aos soldados que soltassem o louco furioso. Dun-Cadal caiu de joelhos, exausto, o corpo abalado pelo pranto.

– Não tem o direito...

– Eis então o grande Dun-Cadal Daermon... – murmurou Azdeki.

*Eis então o grande Dun-Cadal Daermon...*

– Sinto muito, meu amigo – reconheceu o imperador, com voz trêmula. – Não tive escolha. Sua traição será calada para sempre, ficará tão somente sua honra nos campos de batalha. Era preciso, Dun-Cadal. Eu sou o imperador. Cabe a mim tomar as decisões mais difíceis. É o meu dever.

*... o grande Dun-Cadal Daermon...*

– Prendam-no até ele voltar a si.

*Eis então...*



O cheiro úmido do cárcere, a batida seca na porta de ferro, a impotência causada pela prisão, como se o apartassem da própria vida. Vivera isso em Émeris. Agora ia viver o mesmo em Massália.

– Eis então o grande Dun-Cadal Daermon – disse uma voz.

Estava dormindo, não o ouvira entrar. As palavras o arrancaram do sono com certa suavidade, até que o som seco da porta se fechando o acordou num sobressalto. O sol da tarde projetava uma luz fraca pela claraboia e o vulto permaneceu na sombra por algum tempo. Dun-Cadal sentou-se no catre, massageando a nuca. Não tinha dúvidas de quem se tratava. Reconhecera a silhueta fina usando uma longa toga branca.

– Quantos reencontros... – resmungou.

– Pois não é? – concordou o homem, irônico.

Com a mão no pescoço, inclinado para a frente, Dun-Cadal permaneceu calado, erguendo o olhar para o vulto a poucos passos dele. Parecia tão arrogante quanto no porto. Não era Enain-Cassart quem merecia ter morrido...

– Entre, Étienne, por favor, sintá-se em casa.

Ele avançou sob a luz fraca, revelando seu rosto imberbe e encovado, o nariz aquilino e os finos lábios contraídos, o cabelo grisalho penteado para trás. Um braço dobrado sobre o peito, um pano vermelho no ombro, ele examinava o prisioneiro com ar de desprezo.

– Estava aqui justamente revivendo antigas lembranças – confessou Dun-Cadal em tom amargo. – O dia em que vocês me prenderam e você foi encarregado de defender Émeris.

– O passado é apenas passado – respondeu Azdeki, mantendo a tranquilidade.

A vontade de Dun-Cadal era pular em sua garganta, estrangulá-lo com força até seu semblante

altivo finalmente se tingir de medo. Azdeki ter chegado aonde chegara era, para ele, totalmente inconcebível. Ele, que fora o primeiro a enfrentar a revolta, e agora aqueles que mais tarde fundariam a República encontravam-se nas fileiras de seu exército. O inimigo de ontem era o amigo de hoje. Mas não para Dun-Cadal. Para ele, o inimigo continuava sendo inimigo, o tempo nunca mudaria isso.

– O que importa é o futuro, sei – ironizou Dun-Cadal. – Devo dar-lhe os parabéns por ter se saído tão bem depois que o Império chegou ao fim?

Azdeki, sem responder, aproximou-se do catre, os olhos fitando a claraboia levemente aclarada pelo sol poente de Massália. Sentado na beirada, Dun-Cadal o observou sem dizer nada, reparando na lama que manchava a bainha de sua toga.

– Então você não está morto! – disse Azdeki, encarando a abertura.

– Como pode constatar. – Dun-Cadal suspirou. – Quanto a você, certamente está mais para um político hábil do que para um estrategista militar.

Talvez fosse melhor já não estar neste mundo do que ver tantos antigos conhecidos, amigos ou irmãos de armas, quebrando os juramentos de lealdade ao imperador.

– Pensei que você tinha caído na época da tomada de Émeris e da morte de Reyes.

– Da morte do *imperador* – corrigiu Dun-Cadal.

Azdeki assentiu, um leve sorriso nos lábios, antes de se sentar junto ao general.

– Eu não o matei, Azdeki – resmungou, cabisbaixo.

– Eu sei – admitiu o conselheiro, unindo as mãos delicadas.

Mãos bem cuidadas demais para erguerem uma espada.

– Tentei salvar Négus, tentei avisá-lo da volta de Logrid, por isso estava lá – prosseguiu Dun-Cadal com uma voz grave.

– O mundo mudou, Daermon. Os salvadores de hoje não são os mesmos de ontem. Você tem sorte. Sendo quem é, daria um culpado ideal. Mas uma jovem depôs a seu favor.

Viola... Embora não demonstrasse, Dun-Cadal sentiu-se aliviado. Essa garota era mesmo simpática. Primeiro, mudara sua vida ao procurar por ele, e agora o salvava.

– Você tem sorte. Se não fosse por ela...

Azdeki deixou a frase em suspenso e olhou discretamente para o general como se para conferir que ele imaginava os piores suplícios.

– É porque eu nunca me rendi, não é? – perguntou Dun-Cadal, suspirando.

– O ódio pelo Império ainda é muito forte em algumas pessoas – admitiu Azdeki. – Mas todos os generais renegados tidos como perigosos foram presos.

Dun-Cadal conteve uma risada de nervoso e passou a mão pelo rosto. É claro que, aos olhos da República, ele não era perigoso. Ele, que, no entanto, em seus tempos de glória, tantas vezes mudara os rumos de uma batalha. O problema era que, sem Rã, já não passava de um general inofensivo. Seu prestígio se dissolvera no vinho.

– Quanto a isso, não tem o que temer – acrescentou Azdeki, se levantando.

– Por quê, então?

– Por que eu vim vê-lo? – perguntou o conselheiro. – Meu filho vai se casar no dia da Noite das

Máscaras. Sou um conselheiro eleito pelo povo e, assim espero, amado por ele. Passei a vida em meio aos poderosos e houve uma época em que vivi à sombra de um general...

Azdeki já tinha lhe dado as costas; com o porte altivo, saboreava aquele momento e o deixava se estender no silêncio. Dun-Cadal ficou sentado em seu catre simples de madeira com uma expressão abatida, a sujeira da pele disfarçada apenas pela barba. Entendeu, por fim, o motivo da visita e fechou os olhos. Como era penoso esperar pela resposta, sabendo que ia acabar com o pouco de honra que lhe restava. O conselheiro inclinou de leve a cabeça, sem nem voltar-se para o prisioneiro. Por que o faria? Para rebaixá-lo ainda mais?

– Queria ver com meus próprios olhos o que o grande herói Dun-Cadal tinha se tornado.

Seguiu em direção à porta a passos lentos.

– Azdeki!

O conselheiro parou, já prestes a bater no metal para sinalizar ao carcereiro que a conversa terminara. Mas sua mão deteve-se no ar, imóvel.

– Quantos vocês são? – perguntou Dun-Cadal. – Quem mais se vendeu para a República para conservar algum poder? Me diga.

Não havia nenhum ódio em sua voz, só despeito. Fizera essas perguntas entre longos suspiros. Parado diante da porta, Azdeki não esboçou nenhum gesto. Refletiu alguns instantes antes de responder em tom glacial:

– Você nunca foi muito inteligente, não é, Daermon? Nunca viu nem entendeu o que estava acontecendo. O mundo podia ter desabado sob os seus pés que você nem teria sentido.

Négus dissera-lhe algo parecido. Teria sido cego a esse ponto? Teria sido, no fim das contas, um simples guerreiro, um meio, um instrumento...

– Era tudo tão previsível, visível... Estava escrito – disse Azdeki, sorrindo. – Era para ser assim. O Império era à imagem e semelhança de seu imperador... doente. – Virou-se, o punho ainda erguido em frente à porta. – É estranho... Pensei que sentiria mais prazer ao ver você nesse estado tão miserável.

Sem erguer os olhos, Dun-Cadal respondeu, unindo as mãos como em oração:

– É estranho, Azdeki, mas fico feliz por você não ter conseguido deter Logrid. – Seu olhar, então, lentamente desafiou o do conselheiro. – Porque todos os seus jogos de poder não serão nada diante da vingança dele. Ele então fará aquilo que eu sou incapaz de fazer.

Azdeki crispou os lábios, os maxilares cerrados. Hesitou antes de bater energicamente na porta. O carcereiro abriu em meio a um tilintar desagradável.

– Os deuses têm pena dos bêbados, Daermon. Você está livre.

Por um breve instante, Dun-Cadal julgou avistar um brilho no olhar do conselheiro. Foi o que bastou para esboçar um sorriso.

Naquele breve instante, percebera medo naquele olhar tão altivo.

## ONDE SE CRUZAM OS CAMINHOS

*Só depois de as recordações o despertarem é que irei me revelar.  
Aqui, onde se cruzam os caminhos  
daquilo que fomos, daquilo que somos e daquilo que seremos.*

— **E**u sei o que está pensando, meu amigo. Sei que não me entende.

A voz do imperador era abafada pela pesada porta da cela. Na escuridão, a cabeça apoiada no metal frio, Dun-Cadal ouvia a própria respiração sibilante. Estava ali sentado na terra úmida, mudo de indignação. Seus dedos lentamente escavavam sulcos no chão, como válvula de escape.

– Não me julgue apressadamente – prosseguiu Reyes. – O peso do poder, a maldição, é exatamente isso. Às vezes, para preservar a integridade do meu Império, preciso ferir quem me é próximo. Não me julgue. – Esperou, mas Dun-Cadal não disse nada. – Eu tinha que protegê-lo. Tinha que prendê-lo até você recobrar a calma, a razão. Compreenda...

A súplica não teve resposta. O imperador então continuou a falar:

– Você sabia, não é? Sabia que gente ligada a Laerte de Uster tinha se infiltrado na cidade, jogando meus mais fiéis conselheiros contra mim. Você sabia. Eu acolhi os refugiados das Salinas pensando que fazia o certo, mas eles cuspiram na mão que estendi. Foi loucura acreditar, mesmo por um instante, que um fruto podre pudesse voltar a ser verde. Entre eles estava a filha do ferreiro... Ele está morto. Ela talvez quisesse vingá-lo, vá saber! Não podia deixar que desvirtuasse alguém como o seu aprendiz. Ela o estava jogando contra você, e você estava cego, Dun-Cadal. O cavaleiro Rã...

– Não pronuncie o nome dele! – revoltou-se o general, à beira das lágrimas.

Sua voz ressoou como um trovão e em seguida fez-se um silêncio pesado. Inclinou a cabeça para trás, sentindo o metal frio da porta. Então, ainda escavando nervosamente a terra, deu três cabeçadas bruscas, suportando a dor que se espalhava para as têmporas, mas sem abafar o sofrimento que despedaçava sua alma.

– Mais cedo ou mais tarde, ele ia conspirar com ela, Dun-Cadal – afirmou o imperador com uma voz triste. – Sabe disso, não é? Ele a amava. Acabaria conspirando com ela. Um jovem, por amor, é capaz de qualquer coisa, inclusive perder a si próprio... Era preciso.

Havia algo errado na sua maneira de falar. Articulava as palavras de um jeito estranho, como se duvidasse ou se controlasse para não dizer o contrário. O que parecia óbvio para Dun-Cadal é que ele não estava dizendo toda a verdade.

– Eu não tive escolha – continuou, com uma segurança espantosa. – O único e exclusivo culpado é esse Laerte de Uster que dividiu o meu povo. Acredite, vou proteger Émeris. Vou rechaçar a revolta até os confins do Império. E Laerte... Laerte... Ele não terá descanso nem refúgio. Dia e noite, em todo lugar, não será mais que uma presa fugindo de seu predador.

Media cada frase, cada palavra pronunciada, com tanta gravidade que até o ar parecia mais pesado. Asham Ivani Reyes já tinha, muitas vezes, desabafado com o general. Conhecia-o desde criança. Porém, nesse caso, não se tratava de confidência. Era como se ele buscasse a absolvição.

– Perdi minha mãe quando vim ao mundo. Perdi meu pai aos 10 anos. Precisei aprender a reinar desde pequeno, meu amigo. Eu tinha um dever a cumprir: conduzir o meu povo. Desde que veio para Émeris, você sempre soube me proteger. Sempre esteve por perto, Dun-Cadal. Você, esse ambicioso que tanto respeito... Até que um dia pousei Eraed no seu ombro e fiz de você um general. Não foi um sinal da minha afeição?

Parou para recobrar o fôlego. Sua voz estava trêmula, abafada. Doente.

– O homem forte do Oeste protegendo um imperador carcomido, que mal se aguentava em pé, um imperador tolo e fraco – murmurou. – Você merecia que eu o tornasse cavaleiro pessoalmente, pois a espada que carrego é o Império, sabe? Com seu poder, sua beleza, sua força. Suprema, reta, de um equilíbrio perfeito. Alguns dizem que ela é mágica desde que foi forjada. Desde tempos imemoriais sempre estive no cinturão dos comandantes deste reino. Atravessou o tempo sem se deixar enfraquecer. É muito mais que tudo isso, mais que o tempo, mais que os homens, mais que qualquer outra criação deles. Ao final do mundo, há de permanecer Eraed, sua lâmina... Dizem que é capaz de quebrar qualquer coisa. E, enquanto meu povo se dilacerava, quando essa revolta precisava ser “quebrada”, eu nem mesmo a puxei da bainha...

– O senhor é fraco – respondeu Dun-Cadal em tom monocórdio.

Nem chegava a ser um ataque. Apenas a verdade, dita de forma brutal.

– Sempre fui – respondeu o imperador, rindo. – Sempre fui, meu amigo. – Era um riso repleto de tristeza e, quando se extinguiu, só restou mágoa em sua voz. – Não foi por isso que meu tio e meu pai o nomearam minha Mão? Sabe como eu sou fraco, repulsivo. Para muitos, sou um monstro, quando na verdade... – Fez uma pausa antes de pigarrear. – ... na verdade sou um pai para eles. Quero dizer, para o povo. O que será dele sem mim? Querem tomar suas próprias decisões, não é esse o famoso *sonho* de Oratio de Uster? Será que acreditam de fato que são responsáveis por suas escolhas? Eles não passam de crianças. Sou responsável por eles. Por este Império. Assim está escrito desde a noite dos tempos.

– A *eles* o senhor escutou – sussurrou Dun-Cadal. – Azdeki, Rhunstag, Bernevin... Eles o transformaram num fantoche. Não me venha falar em responsabilidade.

Interpretou o silêncio que se seguiu como uma confissão.

– Não é tão simples – defendeu-se o imperador do outro lado da porta. – Aconteceram tantas coisas por aqui enquanto você defendia o Império na linha de frente... Sim, eu poderia lhe contar, mas qualquer pessoa contaria uma história bem diferente. – Ouviu-se um som metálico na porta. O som de um níquel... – Como as duas faces de uma moeda – murmurou ele. – De um lado, está a imagem da minha mãe. Do outro, o brasão do Império. Duas coisas aparentemente distintas, tanto na forma quanto no significado, e no entanto... trata-se de uma única e mesma moeda. O mesmo acontece com os fatos. Dependendo de quem relata, mudam da água para o vinho...

O que ele estava tentando dizer? Defendera aquele homem desde a mais tenra idade, tinha ido ao inferno por ele. E aquele homem havia lhe tirado o que ele conquistara de mais precioso, mais precioso que a glória, que as vitórias. Tinha arrancado um pedaço dele.

– Eu ordenei a execução de Oratio de Uster porque ele era perigoso. E ele era, Dun-Cadal... – Ouviu o imperador se levantar. – Assim me disseram – acrescentou Reyes. Ouviu também o som de sua mão pousada no metal gelado da porta. – A mesma coisa com seu jovem amigo... Foi assim que tudo aconteceu, Dun-Cadal. De sussurro em sussurro ao pé de um ouvido... Tudo, na verdade, já está decidido de antemão. É assim que isso deve acabar... sem o seu perdão, imagino.

Seus passos se afastaram lentamente, como uma lembrança... uma memória distante.



A escuridão da cela se desfez dando lugar a uma luz suave, morna. O sol de Massália se punha ao longe, atrás das casas altas de sacadas floridas. Sim, o imperador já não era mais que uma lembrança, e Dun-Cadal, um homem de rosto marcado e barba grisalha.

– Não precisa agradecer! – exclamou uma voz suave quando ele enveredou por uma via deserta, preferindo evitar o tumulto da avenida principal.

Olhando rapidamente para trás, reconheceu o rosto cordial da jovem historiadora de Émeris. Ela sorria, algo que ele não tinha a menor vontade de fazer. Seguiu seu caminho, massageando a nuca. Um caneco cairia muito bem.

– Mas, se quiser agradecer, vou entender como um elogio – insistiu Viola, quase correndo atrás dele.

Dun-Cadal andava rapidamente, decidido. Ela ia ficar atrás dele, sabia que não ia se livrar da jovem. Ressoavam em sua cabeça as palavras de Logrid...

*Não vou lutar contra você. Não enquanto eu não tiver a espada.*

Eraed. Viola queria Eraed. Logrid também a queria. Ele não tinha dúvida de que conseguiria levar aquele segredo para o túmulo. Só que a curiosidade o mordida. Nada acontecia por acaso.

– Pensaram que o senhor tinha matado Négus. Falei para eles que não podia ser verdade – explicou Viola, tentando caminhar ao seu lado. – Tive que interceder a seu favor. O conselheiro Azdeki deixou bem claro que, de agora em diante, o senhor está sob minha vigilância e eu... Puxa! – O tom de sua voz subira aos poucos, até estalar feito chicote quando ela parou de repente. – Será

que dá para me ouvir um instante? Ou isso é pedir demais? – bradou ela.

Viola estava ali, tesa, as mãos cerradas junto às coxas, as sobrancelhas franzidas, com seus óculos redondos. Os olhos verdes o paralisaram quando ele se virou. Perdeu-se neles, perturbado, totalmente tragado pela juventude de seu rosto jovem. Viola, definitivamente, não desistiria. Não era só por interesse que o tinha libertado. Não. Dava para perceber o respeito em seu olhar. Então seu semblante se suavizou.

– Obrigado.

– Pronto, já é um progresso – disse ela, bufando e relaxando os ombros. – O senhor não é nada fácil.

Dun-Cadal finalmente esboçou um sorriso.

– Por que está fazendo tudo isso? – perguntou.

– Fazendo o quê?

– Infernizando a minha vida – respondeu ele, sem desfazer seu leve sorriso.

Ela se limitou a franzir a testa.

– Pela espada – confessou Viola. – Eu ajudo o senhor e o senhor me leva até a espada.

Ele meneou a cabeça devagar.

– Muito bem.

Então voltou a andar.

– O quê? Só isso? – surpreendeu-se ela. – Ei, espere!

Mais uma vez tentou alcançá-lo, mas ele, cada vez mais depressa, já chegava ao fim da via.

– E o conselheiro Azdeki? Falou com ele? O que foi que ele disse? E Logrid? O que aconteceu?

Viola o enchia de perguntas, mas ele não estava disposto a responder. Entraram numa rua pavimentada sem muita agitação, onde circulavam apenas alguns transeuntes. Não havia ali mercados, gritos, guardas. Somente a vida simples da cidade. Alguns voltavam para casa, outros conversavam em bancos junto a uma pequena fonte que vertia água clara num tanque coberto de algas verdes.

– Afinal, aonde está indo desse jeito? – quis saber Viola.

Ele avistou uma estátua no final da rua, no centro de um pequeno cruzamento. Meio encoberta de hera, um musgo macio ligando o pedestal à úmida pavimentação de Massália, ninguém parecia notá-la. Representava um homem brandindo uma espécie de pergaminho e prestes a anunciar uma grande notícia.

– Queria que esse seu *tatuado* nos deixasse um pouco em paz – declarou ele de súbito.

Quando ele se virou, Viola empalideceu.

– Ele está aqui para me proteger... – assegurou.

Atrás dela, o vulto maciço do nâaga surgiu da sombra de uma sacada. Dun-Cadal lhe lançou um olhar feroz antes de se voltar novamente para a moça com um sorriso forçado.

– Quer saber? Eu não teria tanta certeza.

Incomodada por ter caído na armadilha, ela abriu a boca para protestar, mas Dun-Cadal já recomeçara a andar acelerando o passo.

– É assim que me agradece? Já está ficando antipático de novo! Em que boteco vai se

embebedar desta vez?

– Não vou me embebedar – respondeu ele secamente e reduziu o passo ao chegar a um cruzamento.

– O que foi? – impacientou-se Viola.

Diante dele estava a estátua, o pedestal cercado de grades de ferro por onde escorria a água estagnada das ruas. Estava com o nariz quebrado, os detalhes esmaecidos, a hera subindo até o ombro, mas ele a teria reconhecido em meio a outras mil. Ainda não havia passado por ali desde que chegara a Massália. Fechou os olhos, inspirando para espantar as lembranças. Não adiantou, foi até pior. As imagens da queda de Émeris ressurgiam do nada, ofuscantes, avermelhadas por chamas vorazes que se moviam freneticamente em meio a nuvens de fumaça suja. Reviu a si mesmo nos corredores do palácio, tossindo, pigarreando, perdido...



Acordara com uma explosão e vira, estupefato, a porta de sua cela dobrada ao meio, a parede parcialmente desabada. Por todo lado, explosões que pareciam trovões abalavam o edifício. Mesclado ao clamor de distantes combates, escutava o bater das espadas sem conseguir identificar de onde vinha. Saíra desvairado pelos corredores, aturdido, a testa ensanguentada, o rosto coberto de poeira. Sabia ao menos para onde ir? Émeris estava sendo atacada e os insurgentes já invadiam o palácio. Azdeki não aguentara. Sabia ao menos...

De súbito, parou diante da porta dupla sem entender o que o levava até ali. Abriu-a com toda a força, sem saber da triste cena que estava prestes a contemplar. Que vontade o guiava?

E qual não foi sua amargura ao avistar o vulto contorcido, envolto na capa negra, a máscara reluzindo a poucos centímetros da mão inerte. Estava deitado, silencioso, a luz tremeluzente das chamas traçando seu contorno. Atrás dele, erguiam-se as cortinas consumidas pelo fogo, vibrando ao eco dos combates. Nenhum pássaro cantava nas copas das árvores que abraçavam a sacada de mármore.

Dun-Cadal se ajoelhou ao seu lado. Cobriu o rosto, imóvel até o fim dos tempos, com a máscara dourada.

Por pouco não saiu da sala assim, tomado pelo rancor, sem entender nada. Por pouco não fugiu, esquecendo-se dela.

Mas ela não podia cair nas mãos dos insurgentes, tendo em vista tudo o que representava. Ele a levava consigo, atravessando as ruínas de um Império em chamas... Eraed saíra do cinturão do imperador e fora parar com ele naquela cidade portuária. Percorrera os antigos reinos, que foram se apaziguando aos poucos. Até Massália...



– Essa estátua... é uma das que foram construídas em homenagem à proclamação da República

– observou Viola.

Ele abriu os olhos devagar. Um clarão alaranjado, suave e caloroso aureolava o monumento. Bem menos intenso que o do fogo crepitando.

– É – admitiu, como se falasse sozinho. – Pensando bem, não deixa de ser irônico.

A jovem não respondeu de imediato. Observou-o enquanto ele dava a volta no pedestal, espiando as casas da esquina. Franziu o cenho.

– O que é irônico? – perguntou por fim.

Ele parou de repente, o rosto parecendo mais rijo ao ver um portão de ferro ligeiramente escondido por um vão numa fachada onde a hera, mais uma vez, fazia as vezes de cortina.

– Eu ter escondido a espada aí embaixo – murmurou Dun-Cadal, aproximando-se com ar preocupado.

– Está querendo dizer que... – sussurrou Viola.

Os olhos dela procuravam desesperadamente pelo nãaga. Sem o menor receio, Dun-Cadal já abria o portão, agarrando as grades para puxá-lo. Precisou tentar várias vezes até finalmente conseguir destravá-lo com um rangido estridente. Fazia dez anos que não cruzava aquele portão.

– O senhor a escondeu aqui? – concluiu Viola, atônita. – Aqui mesmo, em Massália?

Ela obviamente não tinha cogitado essa possibilidade. Na noite em que haviam se encontrado, ele mencionara os territórios do Leste. Era o lugar que ele sempre citava quando, totalmente bêbado, se punha a falar sobre a queda do Império. E todo mundo tinha acreditado... Se esse homem estava dizendo a verdade, era nos territórios do Leste, não longe de Vershã, onde havia escondido Eraed. Dun-Cadal conteve um sorriso de escárnio.

– Eu falo demais quando bebo, você me conhece. Nem imagina quantos caçadores de tesouros costumam percorrer Vershã... – disse, tirando um palito de fósforo do bolso do casaco.

Cruzou o portão e desapareceu na escuridão de uma escada íngreme. Um cheiro pestilento se espalhou, ardido e salgado. Viola fez uma careta de nojo e desceu a escada, tomando o cuidado de conferir se Rogant estava a poucos passos atrás dela.

Na escada, Dun-Cadal acendeu uma tocha, e com ela ateou fogo às outras que havia na parede.

Os degraus brilhavam à luz do sol que entrava pela grade, somada à das tochas. A escada descia numa curva e chegava a um conduto subterrâneo no qual corria uma água fétida. Às imundícies arrastadas pela corrente misturavam-se ratos do tamanho de gatos.

– Maravilha... – ironizou Viola.

À beira do canal, Dun-Cadal aguardava. O clarão das tochas oscilava e marcava os contornos de seu rosto sério. Roedores enormes passavam por suas pernas sem que ele se importasse. Ao contrário de Viola, que media seus passos e erguia instintivamente o vestido com mãos trêmulas.

– Uma maravilha fervilhante – acrescentou ela num sussurro.

Mas não recuou. Avançou tateando, decerto com uma careta de nojo, mas estava determinada a não perdê-lo de vista. Para Dun-Cadal, era um alívio. Talvez fosse mesmo a escolha certa, e não um mero impulso. Quaisquer que fossem os motivos de Logrid para vir até Massália e matar dois conselheiros, tudo parecia apontar para Eraed. Se Logrid ouvira dizer que Dun-Cadal a tinha escondido, talvez deduzisse que estava ali, na cidade do Sul. Antes Viola do que ele. O velho general

estava mesmo decidido a entregar a espada para a jovem. De certa forma, ela merecia.

Seguiu o canal até um amplo aposento em que a água se juntava, vinda de três túneis similares. As correntes uniam-se em torno de uma grande laje octogonal banhada pela luz do sol. Acima, as grades de evacuação junto à estátua eram como estranhas persianas salpicadas de sujeira. Viola soltou o vestido, pouco à vontade. Caminhar desse jeito era um entrave. Apertou o passo, contendo um grito quando um roedor roçou sua canela. Assim que alcançou Dun-Cadal, ele a fitou, e ela retribuiu com uma careta de poucos amigos. Devia estar praguejando porque o general a levava ali, até os dejetos da cidade.

Tinha enterrado o derradeiro símbolo do Império naqueles esgotos fétidos. Surpreendente, vindo de um homem que tanto lamentava o fim do Império e ainda o considerava o único regime aceitável. Ele cruzou o aposento, passou por cima da laje e, depois de contar os túneis com o olhar, parou na frente de um deles.

– Por que disse que ela estava nos territórios do Leste? – perguntou Viola, observando-o enquanto ele se ajoelhava e vasculhava uma reentrância na pedra.

Sentiu náuseas ao vê-lo espantar os ratos com a mão. Ele em seguida enfiou o braço no buraco.

– E por que não? – sussurrou Dun-Cadal.

– Acho que sei o porquê – declarou a moça. – Se era para mentir, o melhor lugar era o ponto mais alto do mundo, não é?

Assim muitos anos se passariam até Eraed virar uma lenda e ninguém mais se atreveria ou se interessaria em procurá-la. As montanhas de Vershã eram conhecidas por serem extremamente perigosas.

Dun-Cadal tirou o braço da cavidade, trazendo na mão um objeto longilíneo envolto num grosso pano marrom. Colocando-se no centro da laje, tratou de tirar o tecido. Aos poucos, surgiu uma lâmina cujo brilho o tempo não tinha alterado, clara e lisa até a guarda torneada e o punho finamente esculpido. Sua perfeição era tão evidente que ninguém deixaria de vê-la como uma criação divina.

– Aqui está – sussurrou Dun-Cadal. – Eraed.

Segurava-a respeitosamente, hesitando em manejá-la pelo punho.

– Por quê? – arriscou Viola timidamente, estreitando os olhos com ar desconfiado.

– Não era o que você queria? – respondeu Dun-Cadal em tom seco. – Pois aqui está. – Estendeu o braço para lhe apresentar a espada. – Pegue-a. É a Espada do Imperador, deve ter algum valor para o seu museu da República. Pegue.

Hesitante, ela contornou a laje lentamente, seu olhar oscilando entre a espada e o rosto tenso do general. Aquela era a única coisa material que o ligava ao homem que fora um dia. E ele estava pronto para se separar da espada sem a menor cerimônia.

– Por quê? – repetiu Viola.

– Porque ela merece um lugar melhor que este – respondeu o general sem muita convicção. – Talvez porque eu ache que você tem condições de protegê-la.

– Protegê-la? Do quê? – indagou ela.

– De quem... – respondeu ele.

Sem conseguir disfarçar o tremor das mãos, ela as uniu às costas. Dun-Cadal fitou a lâmina, sabendo que ela havia entendido.

– Mais alguém pediu a espada.

– Logrid – confessou ele com um suspiro. – Imagino que Logrid também a queira.

Viola fez o possível para disfarçar o alívio que sentia. Mas era óbvio que o general estava absorto demais com a lâmina perfeita que tinha nas mãos para prestar atenção nela.

– Você me ajudou – admitiu Dun-Cadal em voz baixa. – Você me ouviu...

Seus olhos tristes se voltaram para ela, mergulharam em seu olhar como se tentasse desesperadamente se segurar. Até então, para amansar o idoso, ela contara tão somente com um perfume de lavanda. Sua tenacidade, seu humor e sua juventude tinham feito o resto. Dun-Cadal gostava dela.

– Você merece... – disse ele. – Você a queria, pois então pegue. – Estendeu novamente os braços para ela, apresentando a espada com certa deferência. – Ela nunca me foi de muita serventia – explicou. – O lugar dela é num museu...

– Por que mudou de ideia? – indagou Viola, curiosa.

– Por quê? – retrucou ele com um riso nervoso. – É uma simples espada.

– Uma espada mágica.

Ele balançou a cabeça com um sorriso desanimado.

– Você não entende... – disse Dun-Cadal.

– Ela pertenceu às grandes linhagens deste mundo.

– Ela não é mágica – murmurou ele.

– Foi forjada em tempos imemoriais, é encantada, é capaz de...

– Você não sabe de nada! – exaltou-se ele. – Você não entende! Não passa de uma espada. Por acaso ela salvou Asham Ivani Reyes?

Seu rosto se contorcia de raiva. Lágrimas brotavam em seus olhos. Diante dele, porém, Viola permanecia impassível. Atrás do velho general delineou-se a imponente silhueta de um nâaga.

– Você acha que ela mudou alguma coisa? – prosseguiu Dun-Cadal. – O Império caiu... e eu com ele. Então me diga, onde estava sua suposta magia? Eu nunca a vi ser desembainhada. Tudo o que dizem sobre ela não passa de baboseira! Ela serviu a muitos imperadores, mas não protegeu o último deles.

Lembrou-se de si mesmo debruçado sobre o cadáver ainda quente do imperador. Um corpo inerte jazendo no meio do palácio em chamas...

– Sua magia talvez não seja essa.

– Ela não é mágica! – insistiu ele. – É apenas um símbolo! Será que você não entende? – Sua raiva se transformou em amargura, e sua voz, num sussurro: – Eraed nunca passou de um símbolo.

Em nenhum momento Dun-Cadal se atrevera a tocar no punho, preferindo segurá-la como se fosse um objeto precioso, na palma das mãos.

– E quem mais, além de Dun-Cadal, poderia lhe dar tanta importância?

Ele ficou imóvel, parecia paralisado. Reconhecia aquela voz, embora estivesse mais grave. Era a mesma dicção, a mesma tensão em cada palavra pronunciada. Saindo de um dos túneis, o homem

avançava com um andar felino, o rosto encoberto pelo capuz. As tochas realçavam o contorno da capa verde, das botas de couro e luvas. Em seu cinturão, o cabo de uma espada em que ele pousava a mão.

– Mas... mas... – balbuciou Viola, lívida.

– Um símbolo que você teve o cuidado de não deixar em Émeris. Não surpreende que um homem que passou a vida servindo e dando tudo de si a um Império queira levar consigo um pedaço dele... antes que tudo arda em chamas.

Dun-Cadal permaneceu imóvel, o coração disparado. Também empalideceu. De soslaio, viu que o nâaga surgia da escuridão de um dos túneis.

– Isso não estava planejado – balbuciou Viola por fim. – Isso...

– Planejado... – repetiu Dun-Cadal num sussurro.

O homem deteve-se a poucos passos da laje.

– Eu queria vê-lo, Viola. Nada poderia me impedir – rebateu a voz abafada.

O nâaga visivelmente não estava gostando da surpresa, mas limitou-se a cruzar os braços e se recostar na parede abaulada do aposento. Chutou para longe um rato que passava na sua frente.

– Sei quem você é... – começou a dizer Dun-Cadal, a garganta seca.

O homem assentiu devagar. Dun-Cadal era capaz de jurar que ele estava sorrindo. Com Eraed nas mãos, não se atrevia a fazer qualquer gesto nem conseguia desviar o olhar. Não tinha mais forças para tanto.

– Pensei que fosse Logrid – confessou, com um quê de tristeza na voz. – Mas por que... por que tudo isso...

– Não é uma boa ideia. Melhor você ir embora – disse Viola, segurando seu braço. – Queríamos a espada e conseguimos. É inútil.

O homem a ignorou.

– Foram tantas coisas que você não quis ver – acusou o homem. – Você não faz ideia do que eu passei. Não faz a menor ideia.

– Pare enquanto é tempo – suplicou a jovem, apertando seu braço.

Ele a empurrou levemente.

– Se você soubesse quanto me senti perdido ao seu lado, o ódio que senti, quanto me culpei.

*Às vezes eu... odeio você.*

– Seus antigos amigos traíram o Império e agora vão atacar a República. Não é espantoso que, para salvar a República, precisemos da espada do último imperador? Ironia do destino...

Inúmeras perguntas queimavam seus lábios, mas por qual delas começar, qual delas aplacaria aquela dor que brotava? Ali, usando a capa de Logrid, já não o reconhecia.

– E eles agora querem perverter o sonho de meu pai – afirmou o homem com a maior tranquilidade –, mas não vão acabar com o que restou dele. Precisamos da espada...

– Seu pai...

Uma parte de sua vida desmoronava. Por mais que tentasse juntar os pedaços, não conseguia formar um todo coerente. O homem assentiu brevemente e então tirou o capuz, revelando enfim um rosto que ele acreditara que nunca mais veria.

– Eu me perdi, Pernalta. Até meu nome foi tirado de mim, por vários anos. Eu escolhi meu caminho. E sei que você não vai gostar dele.

– Laerte – disse Viola, preocupada.

Dun-Cadal sentiu que seu coração se partia.

– De Uster! – exclamou, estupefato.

*Esse homem deixou de ser de carne e osso, virou um boato.*

*Como as duas faces de uma moeda... O mesmo acontece com os fatos. Dependendo de quem relata, mudam da água para o vinho...*

# PARTE II



# 1

## DESTINO

*Ironia do destino  
ou desejo dos deuses  
dar a um homem a chance  
de alimentar seu próprio inimigo?*

O primeiro beijo, a primeira palavra de amor, o primeiro abraço... A vida de um homem é repleta de acontecimentos que ficam gravados para sempre em sua mente. A primeira arma, o primeiro golpe, a primeira morte pela qual foi responsável... Quem consegue se lembrar ou ter consciência, entre tantas primeiras vezes, do momento em que a vida adquire sentido? Do momento em que o destino assume o controle de tudo e o leva a trilhar um único caminho. Esse momento acontecera dezessete anos antes.

– Não é assim que se faz, Laerte – disse uma voz suave.

As Salinas estavam sob o comando do conde de Uster, um homem respeitado por seu discernimento, sua autoridade e sua clemência. Era um homem de letras, ágil com a espada, mas tão apaixonado pela pena que era conhecido por deixar a lâmina embainhada quando outros a teriam usado para serem obedecidos. O povo o amava tanto por seus talentos de espadachim quanto por sua cultura. Ele os esclarecia.

– É assim – explicou ela, segurando na seta para prendê-la na balestra.

Naquela época, ninguém podia imaginar que, dali a dois anos, a guerra estaria incendiando a região. Se Oratio tinha alguma culpa, era por blasfemar, mas mesmo os mais religiosos entre seus súditos o perdoavam facilmente. Indo de encontro às leis dos monges de Fangol, ele escrevia as próprias obras – que não eram registros e, sim, reflexões sobre o futuro deste mundo – e fazia-o com tanta inteligência que elas já vinham sendo secretamente discutidas em Émeris.

A moça pegou a balestra das mãos de Laerte e mostrou o que tentara explicar.

– Você apoia no ombro, assim, faz pontaria... – calou-se um instante, concentrada no alvo – ...

e atira – sussurrou.

Apertou o gatilho e, num estalido seco, a seta se cravou na casca de uma árvore. Sem nada acrescentar, devolveu a arma ao garoto com um sorriso zombeteiro. Era bonita, os longos cabelos negros caindo em cachos nos seus ombros desnudos. O vestido verde se ajustava às curvas incipientes de seu corpo recém-saído da infância. Ainda não era uma mulher, mas tentava ter a aparência de uma. Decerto era por isso que Laerte, diante dela, se sentia um perfeito tolo. Não sabia nada sobre a obra de Oratio de Uster nem das turbulências que essa obra andava causando nos altos escalões. Embora fosse seu pai, o que chamava sua atenção era algo bem diferente. Intimidado, contemplava furtivamente cada feição da moça, cada curva de seu corpo. Quando ela o fitava com seus olhos azuis amendoados, ele, com as faces coradas, desviava o olhar.

– É simples – disse ela com uma voz repentinamente aguda.

Sorria como se o avaliasse. Laerte não suportava quando ela agia assim, ativa, quase desdenhosa. Só porque acabara de completar 14 anos e ele tinha apenas 12. Ainda ouvia o mestre de armas de seu pai gritando em seus ouvidos: “Seu molenga idiota! Até uma menina segura a espada melhor que você!”

No caso dela, era verdade. Seu pai era ferreiro e ela crescera cercada de armas que aprendera a manejar desde a mais tenra idade. Quando pequenos, ela sempre levava a melhor. Agora era diferente. Ela já não brincava, não se divertia do mesmo jeito que ele... Estava interessada em outras coisas e ele às vezes se sentia excluído. O que era pior, ela falava com ele como um adulto se dirigindo a uma criança. Se ela o irritava tanto assim, por que não conseguia deixar de observá-la?

– Simples não é, mas sei como se faz – disse Laerte com um gemido, manejando a balestra.

– Que garotinho corajoso...

Ela sorriu e andou até a árvore.

A jovem retirou a seta e, quando Laerte aproximou-se dela, ficaram parados em silêncio, um do lado do outro. Lá embaixo se estendiam os pântanos serenos das Salinas. Alguns pantaneiros cuidavam de suas obrigações, vigilantes, pois os charcos não muito longe dali fervilhavam de ruargues àquela época do ano. Era o começo do verão, as fêmeas saíam das tocas com os filhotes para caçar e não era raro um infeliz terminar em suas presas.

– É lindo – disse ela.

O garoto olhava mais do que o véu de calor que ondulava sobre os pântanos; ele a observava. Quando, de soslaio, ela notou seu interesse, ele enfim se pôs a contemplar a paisagem. Ao longe, duas pernaltas apoiavam-se em uma das patas, a outra dobrada junto ao tronco. Àquela distância, o bico longo e fino lembrava uma lâmina afiada.

– Sim, são... são as Salinas – murmurou ele.

Ela sorriu de leve antes de cair numa risada zombeteira.

– As Salinas. É só o que você sabe dizer?

– E daí? – perguntou Laerte, incomodado.

– Será que seu preceptor não lhe ensina outras palavras para descrever a paisagem além de... – ela se inclinou para ele, fazendo um trejeito – ... “são as Salinas”? – concluiu com voz suave.

Ele sentia o cheiro dela, via seus lábios bem próximos, sua pele morena tão delicada. O desejo

lhe deu um nó no estômago que nunca havia sentido e ele se controlou para não beijá-la.

– O que vai ser de você? Não tem jeito com as armas...

– O mestre de armas diz que estou melhorando! – mentiu Laerte.

– Também não é dado às letras, como seu pai... Do que você gosta, afinal?

Ela não esperou pela resposta e foi descendo a colina ao encontro dos cavalos que haviam ficado amarrados na orla da floresta. Por trás das árvores, erguiam-se ao longe as muralhas de madeira de Forte d'Aed e, no meio, uma alta torre de pedra.

– Gosto de montar – disse Laerte, que vinha atrás dela.

– Só isso?

Não, claro que não. Na verdade, estava mentindo. A única certeza que tinha era que gostava de estar com ela. Apenas isso. De resto, poucas coisas lhe davam prazer. Seu caminho já estava traçado: com seu irmão mais velho destinado a uma longa carreira militar, ele assumiria o lugar do pai. As coisas eram assim. O primogênito era posto a serviço do imperador, cabendo ao caçula assumir a sucessão. E, mesmo que seu destino não estivesse tão claramente traçado, ele não conseguiria pensar em outra coisa para seu futuro.

Não era mais criança, mas também não era um homem, e achava difícil entender o que lhe interessava. Às vezes, gostava de brincar com seus soldadinhos de madeira. Havia dias em que os deixava de lado, reclamando que não tinha mais idade para isso e que queria cavalgar por onde bem entendesse. O problema era que, embora sentisse que tinha crescido, todos à sua volta, assim como sua amiga, o viam como um *garotinho*. E não é que ela tinha razão? Ele ainda guardava no bolso seu brinquedo preferido, um minúsculo cavaleiro de madeira esculpido pelo pai.

– Iago, sim, sabe manejar uma espada. Gosta de andar a cavalo, é um bom arqueiro e entende de poesia – afirmou ela.

Ele sentiu as pernas fraquejarem. Mas se manteve em pé, as mãos suando quando ela lhe passou as rédeas do cavalo.

– Ele cavalga muito melhor que você e acharia palavras maravilhosas para comentar a paisagem – acrescentou ela, soltando sua montaria da árvore.

Laerte foi puxando o cavalo atrás de si, cabisbaixo, meio trôpego. Quando ela falava em Iago, seus olhos exibiam um brilho de que ele não gostava. Intenso demais. Iago, o filho do capitão da guarda, mostrava ter alguns talentos. E tinha 16 anos! Era louro. Alto. Qualquer outra qualidade Laerte veria como um defeito. Iago era o autêntico protótipo do belo rapaz a quem ninguém resistia. Foram andando ao lado dos cavalos até os limites da floresta.

– Ah, uma rã! – exclamou ela ao chegar à estradinha de terra que serpenteava mata adentro.

Passou as rédeas do cavalo para ele e correu atrás do anfíbio apavorado. Mesmo rápido, o gesto com que aprisionou o animal nas mãos não tinha nenhuma dureza. Deixou à mostra a cabecinha verde listrada de preto e lhe deu um beijo. Como nada aconteceu, abriu as mãos e a rã, mais que depressa, pulou no capim e sumiu em direção ao pântano.

– Que... asqueroso – disse Laerte, enojado. – Você tem mesmo que fazer isso toda vez que vê uma rã?

– Pode ser que uma delas seja o meu príncipe encantado – defendeu-se ela, dando de ombros.

Voltou para junto dele e, estreitando os olhos, tocou no seu nariz. – Ninguém sabe qual rã esconde um príncipe encantado...

– Pois essa aí com certeza não era um. E quem garante que você não vai ficar cheia de pústulas?

Ela levou o cavalo até a estrada de terra que se embrenhava na floresta, ziguezagueando pelo mato florido até virar um rastro incerto em meio aos troncos.

– As rãs não dão apenas pústulas! – indignou-se. – Minha avó me ensinou que, apesar do que se diz por aí, elas têm muitas virtudes.

– Já sei, já sei... – disse Laerte, enfadado.

– A urina da rã-dos-juncos é um excelente remédio! São só uns pobres bichinhos, sabe? Algumas teriam muito a ensinar ao mais exímio estrategista.

Ela montou o cavalo e o vestido escorregou, mostrando suas pernas até a altura das coxas. Laerte engoliu em seco, segurando as rédeas com força. Tinha vontade de beijar aquelas pernas, de deslizar sua mão por elas, de cheirá-las. A sensação era nova e repentina, e ele baixou os olhos. Não para espantar esses pensamentos que, afinal, eram agradáveis, mas para não incentivá-los. Também montou e, com os calcanhares, instigou o cavalo, que começou a andar.

– Você sabia que a rã-de-Erain se alimenta de marimbondos e zangões? – prosseguiu a moça. – Ela tem uma técnica toda especial para caçar. A pele dela adota a cor da presa. Quando chega perto de uma colmeia, transforma-se praticamente em um deles. E, então, no momento em que eles baixam a guarda... – Inclinou a cabeça para o lado e olhou para Laerte de um jeito estranho. – A rã-de-Erain espera chegar o mais perto possível do inimigo para atacar. Está vendo, condezinho, dá para aprender muita coisa até com uma simples rã...

– Não me chame de condezinho – respondeu ele, aborrecido.

– E não é que ele se ofende...? Vai se ofender se chegar por último nas portas de Forte?

Incitou o cavalo com os calcanhares e saiu a trote pela estrada. O de Laerte empinou, surpreso, e por pouco não o derrubou. Ao observá-la se afastando, ele oscilava entre a raiva e o riso. Seu cabelo cacheado parecia flutuar acima da pele morena de seus ombros.

Chamava-se Esylld Orbey, filha do ferreiro de Forte d'Aed. E Laerte de Uster, filho do conde da região das Salinas, a amava dia após dia sem ousar confessar a ninguém. Partiu também a galope.

Seu caminho já estava todo traçado, tal como a trilha que levava da floresta à cidade. Um dia ele seria o conde das Salinas, e não estava certo de saber governar com a mesma desenvoltura de seu pai, nem de contar com a ajuda do irmão mais velho, que provavelmente já seria então um general para assegurar a paz no Império. Teria uma esposa, filhos. E o que mais? Contentava-se com aquilo que já tinha, não sonhava com mais nada, fazia o que lhe pediam, sem questionar, aprendia a amar em segredo, sem dizer nada. Ah, sim, de uma coisa ele gostaria. De ser como Iago. Não o Iago bonito, louro, talentoso. Só queria um pouco do seu carisma, da sua destreza... um pouco da atenção de Esylld.

Finalmente a alcançou. Ela estava parada, o rosto sério, os olhos fitando uma estranha fumaça preta que se erguia para além das árvores, em Forte d'Aed. Quando ele se aproximou, acalmando sua montaria que de repente ficara nervosa, Esylld lançou-lhe um olhar autoritário.

– Não saia daqui.

– Como assim? Por quê? O que foi?

Então ele viu a fumaça. A torre estava em chamas. Empalideceu, o coração acelerando. E não se atreveu a avançar. Esyld saiu a galope na direção das muralhas de madeira da cidade. Para encontrar o quê? Laerte podia ir atrás dela, cavalgar pela cidade, ver por si próprio a tragédia que estava acontecendo. Mas ele, o filho caçula do conde de Uster, medíocre esgrimista, aluno mediano, de físico ordinário, não tinha sequer um pingo de coragem para escoltar a moça que amava.

Os cascos do cavalo de Esyld martelaram a estrada de terra que levava a Forte d’Aed até que ela sumiu ao longe em meio a uma nuvem de poeira.

Ele esperou, indeciso, durante uma longa hora. O que fazer? Ir atrás dela? Ficar ali? O que estava acontecendo? Desceu do cavalo, amarrou-o numa árvore e ficou dando voltas feito um animal enjaulado, o olhar voltado para as muralhas da cidade. Recostou-se numa árvore, respirando pesadamente, e então escutou ao longe um alarido de combate. Atrás dele, percebeu um estalido seco. Mal teve tempo de se virar e uma fina mão enluvada segurou seu ombro, enquanto a outra tapava sua boca para abafar o grito.

– Xiiiiiu! – ordenou uma voz. – Calma, Laerte. Sou eu.

Ele reconheceu Esyld sob a capa azul. Por que tinha mudado de roupa? Antes que ele conseguisse perguntar qualquer coisa, ela pegou em uma sacola mais uma capa, dessa vez preta, e a estendeu para ele.

– Vista isto, depressa. Temos que sair daqui. Eles mandaram patrulhas para procurar você.

– Eles quem? – perguntou ele com voz trêmula. – Esyld, o que está acontecendo?

Colocou a capa por cima da camisa. Esyld pôs as mãos em seus ombros e seu olhar mergulhou no dele.

– O Império. Seu pai foi preso. Toda a sua família também – anunciou ela sem expressar nenhuma emoção.

– Por quê?

– Meu pai está com o capitão Meurnau ao norte da cidade. Temos que ser rápidos. Vamos!

Suas feições estavam tão tensas, tão duras que mal a reconhecia. Pegou a mão dele e o puxou floresta adentro. Meurnau, o capitão da guarda...

– Uma garota saindo da cidade chama menos atenção – disse ela, muito nervosa. – Disseram que você estava nos pântanos. Estão vasculhando os arredores de Forte, procurando por todos os lados...

Chegaram aos limites da floresta, onde uma pequena carroça, com a parte traseira coberta com uma lona, esperava por eles.

– Menos ali, onde nem imaginam que você poderia estar. Esconda-se, podem aparecer soldados...

Ela sorriu, mas de um jeito tão tenso que não o deixou mais tranquilo. Ajudou-o a deslizar para baixo da lona. Nuvens começavam a encobrir o céu. Ao longe, um aguaceiro se preparava para cair. Entre dois sacos fedendo a esgoto, Laerte se encolheu feito um recém-nascido. O sangue latejava em suas têmporas. Suas mãos tremiam. Cerrou os punhos. Seu pai tinha sido preso pelo

Império e ele nem sabia por quê. E, se estavam atrás dele, era para prendê-lo também. O que a casa de Uster tinha feito? Os escritos de Oratio, por si sós, não justificavam um ato desses. Então, por quê?

Ouviu o estalar das rédeas, e em seguida o som dos cascos martelando o chão. A carroça começou a se mover.

– Não se mexa de jeito nenhum – ordenou ESYLD.

Durante os poucos minutos que durou o trajeto até as portas da cidade, ele escutou apenas sua respiração, pesada, entrecortada. Um manto de angústia o cobria, sua pele estava úmida e a garganta, seca. Quando ouviu vozes abafadas, que imaginou serem de soldados interpelando ESYLD, prendeu a respiração. Houve um diálogo tenso. Vozes secas, cheias de autoridade e desprezo. Uma única palavra mal interpretada e seria o seu fim. Sob a lona, apertou os joelhos junto ao corpo e fechou os olhos. Se um soldado atacasse ESYLD, daria tempo de ele sair dali para salvá-la? Será que tentaria? Que a protegeria com o corpo, aceitando ser perfurado por uma lâmina? Conteve um gemido, seus olhos se enchiam de lágrimas. Sentiu várias apalpadelas, um soldado passando a mão pela lona. O som ficou mais claro, as apalpadelas, mais fortes... Não... Não era um soldado, eram gotas de chuva. O aguaceiro caía sobre Forte d'Aed.

A carroça finalmente recomeçou a andar. Quando parou e alguém ergueu a lona, Laerte estava com os olhos vermelhos por conta das lágrimas. Embora o primeiro rosto que avistasse na penumbra fosse o de um homem barbudo, e não o de ESYLD, sentiu vergonha assim mesmo. De soslaio, viu a moça, encharcada, observando-o com tristeza. Imediatamente enxugou os olhos com o dorso da mão, cerrando os dentes de raiva. Ela não podia vê-lo nesse estado. Não assim, covarde, perdido, sem qualquer pudor.

– O senhor está a salvo. Venha – disse o homem, empurrando-o com a mão em seu ombro. – Pensei que o tinham apanhado no mato. O tempo urge.

Era o pai de ESYLD e, pelo visto, estavam no celeiro adjacente à sua oficina. Ele ainda usava o avental coberto de poeira sobre uma camisa preta em que mal cabiam seus ombros largos. Atrás de uma porta se ouvia estalar a lenha no forno de uma forja, a luz alaranjada tremeluzindo entre as tábuas do tabique.

– ESYLD, sele os cavalos, precisamos partir em uma hora! – avisou o ferreiro, puxando o garoto até uma escada que levava a uma coxia.

Subiram sem demora e contornaram a coxia até chegarem a uma pequena porta, na qual mestre Orbey deu três batidas breves, seguidas de duas longas. Laerte olhou para ESYLD, que, lá embaixo, tratava de preparar os cavalos, nervosa. Na pressa, derrubou a sela que carregava e praguejou, a voz chorosa. Ela parecera tão decidida ao vir buscá-lo na floresta. Teria preferido ficar com ela, abraçá-la. Pelo menos isso ele sabia que conseguiria fazer.

A porta rangeu ao se abrir. Atrás dela, dois guardas com a mão no punho da espada o examinaram com olhar desconfiado. Ao reconhecerem Orbey, afastaram-se para deixá-los entrar. Era um cômodo apertado, com alguns caixotes contendo material de ferreiro em um canto e uma enorme bigorna usada. Um homem de rosto fino, marcado por pequenas cicatrizes, estava sentado diante de uma mesinha junto à única janela, que dava para uma rua de Forte d'Aed. A forja de

mestre Orbey ficava na parte mais alta da cidade. Dali dava para ver a praça principal junto à igreja. Sobre a mesa havia um capacete de capitão da guarda, identificável pela cabeça de dragão, de mandíbulas abertas, no protetor nasal. O homem pôs sobre o capacete uma mão enluvada de ferro.

– Capitão Meurnau? – espantou-se Laerte, a garganta seca.

Se ele estava ali, escondido na oficina de mestre Orbey, a situação era ainda pior do que Laerte imaginava. Meurnau se endireitou e, com um rápido gesto de cabeça, indicou um banquinho perto dos caixotes.

– Sente-se – ordenou em tom firme.

Então, dando-lhe as costas, convidou Orbey a se juntar a ele perto da janela.

– Vários soldados de Azdeki estão vasculhando os arredores da cidade – contou-lhe o ferreiro num sussurro.

Passando a mão pelo cabelo louro-acinzentado, Meurnau inspirou fundo enquanto escutava o ferreiro. Os dois davam a impressão de quererem poupar Laerte daquela conversa, da qual decerto nada teria ouvido caso tivesse se sentado como o capitão tinha mandado.

– Eles vão voltar depois que não encontrarem nada, e aí não vamos mais poder passar pelo norte. Temos que sair de Forte d’Aed agora mesmo, Orbey.

– Eu sei – concordou o ferreiro. – Minha filha já está selando os cavalos. Mas e depois?

– Depois veremos. Os baronatos do Sudoeste sempre respeitaram o conde, e alguns concordavam abertamente com seu ponto de vista. Primeiro temos que ir para um lugar seguro e então organizar a rebelião.

– Rebelião? Meurnau, nem pense nisso! – indignou-se Orbey.

– Capitão... – chamou Laerte.

Os dois homens junto à janela não o ouviram. Orbey buscava o olhar esquivo do capitão. Ao longe, na praça da igreja, acabavam de montar uma forca.

– Não é isso que o conde quer!

– É exatamente isso que ele quer, ferreiro – rebateu Meurnau. – O Império está moribundo, já passou da hora de mudar a forma de governo.

– Não pela força!

– Capitão! – repetiu Laerte, avançando.

Com os punhos cerrados, sentia seu sangue ferver nas veias. Em sua cabeça, uma pergunta se impunha a todas as outras, mas ninguém prestava atenção nele.

– Já que o Império deixa as Salinas sem seu senhor, sem o consentimento do povo, as Salinas vão clamar por sua independência! – bradou Meurnau. – Chega de nos curvamos aos mais ínfimos desejos de um tirano. É uma indignidade considerar Uster um fora da lei e tratá-lo com tanto desprezo, depois de tudo o que ele fez por esses galinhos de quintal. Uma indignidade, ferreiro!

– CAPITÃO MEURNAU! – gritou Laerte.

Os dois homens se viraram de repente, reparando com surpresa na atitude determinada do garoto. Meurnau o treinara diversas vezes para duelo, duvidando abertamente de seus talentos

como esgrimista. Dos três filhos do conde de Uster, Laerte era o mais discreto, sem muita personalidade, ofuscado em qualquer circunstância. O fato de ele elevar a voz daquela forma para se fazer ouvir, não com arrogância, mas com uma autoridade que lembrava a do conde, era algo que surpreendia até a ele próprio. Mas não parou para pensar nisso. Sua ira era forte demais para conseguir ficar calmo.

– Onde está meu pai? – perguntou. – E minha mãe?

– Laerte, estamos tentando administrar a situação da melhor forma possível – explicou Meurnau. – Por favor, fique no seu...

– Me diga o que está acontecendo! – exaltou-se o garoto, sustentando seu olhar. – Onde prenderam minha família? Por que ninguém impediu? Me diga!

O capitão pestanejou. Era a primeira vez que Laerte, do alto de seus 12 anos, lhe dava uma ordem. Contando com o respeito que Meurnau tinha obrigação de demonstrar por ele, parecia disposto a desafiá-lo para obter uma resposta. O ferreiro se adiantou.

– Está a maior confusão na cidade, senhor. O capitão Azdeki veio prender o conde seu pai e seu irmão, acusando-os de alta traição ao Império. Sua mãe e sua irmã foram levadas, não pudemos...

– Seu pai não é um traidor, Laerte – interveio, entre dentes, o capitão.

Sentia-se enojado sempre que lembrava das manobras de Azdeki.

– Então por que eles estão mentindo? – indagou Laerte, atônito. – Por que estão fazendo isso?

– A Ordem de Fangol, obviamente, quer recuperar o que é dela – respondeu Meurnau. – E o imperador, em sua fraqueza, não se opôs a isso.

– Sua família possui muitas coisas que despertam cobiça – acrescentou Orbey, sem jeito.

Não era aquilo que Laerte queria saber, não era o mais importante. O medo fazia seu estômago se contorcer.

– Cadê ele? Onde está meu pai? – Sua voz agora tremia. Estava imaginando o pior. – Mestre Orbey! Cadê meu pai?

O ferreiro, cabisbaixo, deu um passo para o lado, revelando a janela atrás dele.

– Ele já foi julgado, senhor...

Ao longe, além dos telhados de madeira das casas mais abaixo, era possível imaginar a exata localização da forca. Alguém ia ser enforcado. Laerte olhou para a janela e depois para os dois homens. Não estava entendendo. Não tinha a menor vontade de entender. Pouco lhe interessava, afinal, saber o porquê, o como, o quando. A única coisa que notava, furioso, era que o capitão da guarda estava imóvel. Tomado por uma raiva crescente, deixou de lado qualquer moderação:

– E vai deixar que ele morra?

– Laerte...

Meurnau suspirou.

– Vá salvá-lo! Não deixe isso acontecer!

– Laerte, se acalme!

– Seu covarde! – gritou o menino. – Vá lutar! Você está às nossas ordens! Obedeça! Meu pai é o seu conde! Vá salvá-lo!

– Por todos os deuses, senhor! – interveio Orbey. – Controle-se!

Será que iam reagir, pegar em armas e socorrer seu pai? Juntos, iriam libertar sua mãe, seu irmão, sua irmã? Não. Nem Meurnau, nem mestre Orbey, nem os dois soldados pareciam dispostos a agir. Dominado pela ira, Laerte correu para a porta, pegando-os de surpresa, e seguiu para a escada. A voz autoritária do capitão soou atrás dele:

– Laerte! Volte aqui!

Com a razão devastada pelo medo, o garoto nem pensou no risco que corria. O medo ia virando fúria. Precisava ver com os próprios olhos o que se passava no adro da igreja. A ideia de que não tinha como intervir nem lhe passou pela cabeça.

– Laerte...? – Esyld espantou-se ao vê-lo abrir as portas do celeiro.

– Senhor! – chamou Orbey da coxia.

Meurnau já vinha descendo a escada. Sem nem olhar para a moça, Laerte montou o cavalo que ela acabava de arrear. No exato momento em que o capitão chegou para detê-lo, Laerte disparou a galope pelas ruas desertas de Forte d’Aed. Não o preocupava a cidade parecer despovoada; os clamores ao longe o guiavam. A eles se somava o barulho da chuva, que lembrava o rufar de tambores. A apenas duas ruas da praça, ao avistar numa esquina as alabardas de soldados vestidos de preto, reduziu o passo e cobriu a cabeça com o capuz remendado. Desmontou, largou o cavalo sem sequer amarrá-lo e avançou. Por pouco não deu meia-volta, o coração acelerando com força, quando à sua frente passou um pelotão de soldados, as botas batendo na terra açoitada pelo aguaceiro. Foi quando finalmente se deu conta do perigo que estava correndo, da loucura que não soubera conter em meio ao súbito furor. Estava sendo procurado pelo Império. Seu pai ia ser executado. Ao invés de fugir, estava se jogando na boca do lobo. O que poderia fazer contra um exército inteiro?

No entanto, algo o obrigava a avançar. Ardia dentro dele um fogo estranho, cuja força ele não saberia descrever, nem mesmo nomear. Talvez fosse a esperança ainda correndo em suas veias, fazendo seu coração bater tão depressa. Teve a impressão de que de repente sua roupa ficara muito apertada. Foi até a praça. Uma multidão se reunia em volta do grande cadafalso erguido às pressas. Não havia nenhuma alegria, nenhum entusiasmo, apenas gritos de espanto, alguns de revolta. Pudera. Sobre o tablado, prestes a ser executado, seu pai fitava o horizonte com um olhar reto e altivo. A seu lado, encarando o chão embora se esforçasse para manter a dignidade, seu irmão mais velho murmurava uma oração, com uma corda amarrada no pescoço, as mãos atadas às costas. Laerte por pouco não desmaiou.

Inspirou fundo.

– Silêncio! Silêncio!

Bem próximo, um homem de rosto magro e nariz aquilino procurava conter as vaias fazendo um gesto com as mãos. Usava uma armadura prateada e uma ampla capa vermelha presa nos ombros que ia até os pés. Uma águia, pintada no plastrão, triturava uma serpente com as garras.

Conduzidos por um homem de armadura leve, decerto um jovem cavaleiro, lanceiros vieram postar-se frente ao cadafalso para rechaçar a multidão. Laerte abriu caminho entre os espectadores sem que reparassem em sua presença. Ele também não conseguiu prestar atenção em ninguém. Andava levemente curvado, a cabeça à altura do peito. A chuva tornara sua capa ainda mais

pesada. Deixaram-no passar. Ninguém o reconheceu, tamanho era o espanto de todos ao verem seu amado conde pendurado numa corda. Quando chegou perto dos soldados posicionados ao pé do cadafalso, Laerte viu em seus semblantes uma determinação que fez seu corpo estremecer.

– Silêncio! – repetiu o homem em cima do tablado.

Fez-se uma calma aparente enquanto ele percorria a multidão com um olhar penetrante.

– Eu, capitão Étienne Azdeki, em nome de Sua Majestade, o imperador Asham Ivani Reyes, me apresento para julgar os traidores aqui presentes... – Apontou um dedo inquisidor para os dois réus, que estavam a poucos passos de distância, e fitou o público com ar severo. – Esse homem, que tem governado vocês todos esses anos, fomentou um complô contra seu imperador, destilou palavras falsas, semeou dúvidas e inquietação em suas mentes e seus corações! Sua Majestade Imperial constatou pessoalmente sua alta traição. A Ordem de Fangol também fez uma solicitação...

Ergueu-se uma vaia da multidão. Reunidos junto ao cadafalso, monges de batina preta procuravam manter a compostura.

– O conde Oratio de Uster cometeu diversos ultrajes – continuou Azdeki – e, apesar dos alertas de nosso bispo de Émeris, não manifestou qualquer arrependimento! Diante dessas inúmeras acusações, e apesar da tristeza de Sua Majestade Imperial, é com fatalismo que devo aqui pronunciar a sentença!

Fatalismo? Não era o que parecia. Laerte lançou-lhe um olhar furioso, tentando memorizar cada feição de seu rosto. Aquele homem era o portador de sua desgraça e ele sabia seu nome: Étienne Azdeki. Nem por um segundo acreditou que seu pai e seu irmão iam morrer. Daqui a pouco apareceria alguém para salvá-los.

– Minha mão... – disse uma voz suave ao seu lado.

Sentiu as pessoas se movimentando atrás dele e, virando-se, seus olhos cruzaram com o olhar pesaroso de Etyld. Baixou-os imediatamente.

– Segure minha mão. Tome – insistiu ela num sussurro. – Aperte.

Os dedos da moça se esgueiraram entre os dele. Laerte então apertou a mão dela como se fosse a coisa mais preciosa do mundo. Sua pele era macia e seu calor, reconfortante. Sua simples presença acalmou seu coração. Conteve um louco desejo de tomá-la nos braços, por medo de que ela fugisse.

– Dom Oratio Montague, conde de Uster, é considerado culpado de alta traição ao Império e a Sua Majestade Imperial Asham Ivani Reyes; culpado de ultraje aos deuses e a seus representantes, os monges da Ordem de Fangol. De acordo com a lei, ele e toda a sua descendência serão punidos com a pena capital...

Um grunhido descontente percorreu a multidão. Os guardas brandiram as lanças para acabar com qualquer veleidade. Os monges recuaram, puxando o capuz para cobrir a cabeça raspada, e puseram-se a entoar cânticos. Azdeki virou-se para o conde e fitou seus olhos negros sem nenhuma hesitação. Seguro da própria onipotência, caminhou até ele.

– ... a morte por enforcamento – acrescentou Azdeki encarando o conde.

Havia sangue coagulado na camisa branca e na farta barba do prisioneiro. Sob seus olhos

inchados, alguns hematomas. Nos lábios rachados, esboçou-se um riso insolente.

– Pode sorrir, conde – cochichou Azdeki, com ar falsamente abatido. – Mordeu a mão que o alimentava... e aí está... – aproximou-se de seu ouvido e sussurrou: – ... em uma corda...

Como parecia sujo e acabado com aquela roupa esfarrapada, apesar do porte altivo que se esforçava por manter diante do povo. A seu lado, o filho mais velho continha o choro. O conde defendera sua família, se opusera à sua prisão, lutara contra os soldados nos corredores da torre. Mas sua valentia não fora suficiente. Ali estava, no cadafalso, junto com seu primogênito, imaginando a sorte reservada à esposa e à filha. Restavam-lhe duas razões para se manter assim, com o olhar reto e altivo, às portas da morte: a absoluta necessidade de morrer com a dignidade de um mártir para que sua obra não desaparecesse com seu último suspiro, e o consolo de saber que um membro de sua família escapara. Laerte. Seu pequeno Laerte tinha, mais uma vez, escapulado para os pântanos com a filha do ferreiro. Esse Azdeki não iria submetê-lo a tortura e executá-lo na frente do seu povo.

– Aperte a minha mão – disse Esyld ao ouvido do garoto.

– Carrasco! – chamou Azdeki.

Em meio à multidão, o conde avistou, horrorizado, o rosto triste e sério do filho caçula.

– Cumpra a sua função! – bradou o capitão.

– Aperte minha mão com força...

Pela primeira vez na vida, ele viu medo no olhar do pai.

O carrasco baixou uma alavanca com força. Um rufar de tambores...

O som seco das tábuas se abrindo sob os pés dos condenados.

Um estalo...

E, depois, só o som do vento soprando a chuva sobre uma multidão muda de horror... e dois corpos pendurados, balançando nas cordas. Laerte fechou os olhos, o peito oprimido por uma dor tão insuportável que as lágrimas começaram a brotar. Apertou a mão de Esyld e, quando dobrou os joelhos, sentindo um grito subir por sua garganta, ela pôs o braço em seu ombro e o levou dali em meio à multidão que aos poucos voltava a se agitar.

– Povo das Salinas! – conclamou Azdeki. – Vocês estão livres de um usurpador! Estão de volta à luz do Santo Império!

Laerte não via luz nenhuma. Mal percebia os vultos dos quais se esgueiravam em meio às gotas de chuva, às lágrimas. Passaram por um pelotão que marchava na entrada de uma rua e Esyld o puxou para debaixo de um pórtico. Depois de certificar-se que ninguém podia vê-los, ela tirou o capuz e segurou o rosto do garoto com as mãos.

– Você precisa ir embora agora... Seja o mais corajoso de todos, bravo homenzinho, o mais valente...

Deslizou os dedos pelas faces do menino, seu olhar triste encontrando o dele.

– Meu pai... – conseguiu dizer Laerte em meio ao choro. – Meu irmão...

Sentiu-se tomado pelo pavor, sua boca se crispando de dor. Estava com a garganta tão apertada e o coração tão ferido que não conseguia pronunciar as palavras. Restavam sua mãe e sua irmãzinha, na torre, sozinhas e desamparadas. A menos que Meurnau tivesse ido salvá-las. Sim, ele

com certeza tinha ido salvá-las.

– Depois você chora por eles – disse a jovem com doçura. – Agora eu suplico: não fuja outra vez. Sua vida é importante para nós. – Roçou os dedos no rosto de Laerte e, fechando os olhos, aproximou a testa da dele. – Sua vida é importante para mim – explicitou num murmúrio.

Tudo, então, ficou mais claro para Laerte. Já sabia o que precisava fazer e concentrou-se nessa única prioridade: ir com Etyld aonde quer que ela fosse, aonde ela quisesse. Todas as perguntas, os tormentos que o afligiam, cobriam-se com um véu caloroso. Deixou-se levar até o celeiro, abatido, perdido. Meurnau não lhe dirigiu a palavra. Orbey o tratou com delicadeza. Esconderam-no sob a lona da carroça e saíram da cidade no maior sigilo, enquanto alguns homens da guarda, leais ao conde, provocavam confrontos para desviar a atenção dos soldados imperiais.

A noite caiu rapidamente sobre as Salinas. Forte d'Aed se iluminou com mil tochas em suas muralhas de madeira. Azdeki despachava seus homens por toda a região para garantir seu domínio.

Num vilarejo próximo aos pântanos, a poucos quilômetros da cidade, Laerte observava as chamas que oscilavam ao crepúsculo tal como um débil clarão de uma vida anterior. Não conseguia mais chorar. Atrás dele, Meurnau organizava os turnos de vigia dos poucos homens que tinham se juntado a eles. Não havia, naquela aldeia de pantaneiros, mais que uma dúzia de casas de madeira, mas Azdeki ia mover céus e terras para encontrar o descendente do conde. A região inteira seria devastada para que fosse dado um fim à casa de Uster.

– Onde está minha mãe? – perguntou Laerte, sem tirar os olhos da cidade ao longe.

Não houve resposta.

– E minha irmãzinha? – acrescentou.

– Sinto muito...

Ele as tinha procurado com o olhar enquanto, desorientado entre os guardas de Meurnau, era arrastado sem qualquer delicadeza em meio ao caos da fuga. Era a primeira vez que falava desde que tinham fugido de Forte d'Aed. Saindo da casa onde tinham se instalado para passar a noite, Etyld aproximou-se dele. Seus dedos se tocaram.

– Elas também morreram? – perguntou ele, com uma calma repleta de frieza.

Etyld desatou a chorar.

– Sinto muito, Laerte, muito mesmo – repetia ela, escondendo o rosto nas mãos.

Num único dia, Laerte de Uster tinha perdido tudo. A família inteira, a cidade, o futuro... Já não passava de uma casca vazia, prestes a se quebrar.

Ela tentou pegar a mão dele. Laerte se afastou. Era a primeira vez que a rejeitava, sem medo de estragar suas chances de seduzi-la. Do bolso da calça, tirou seu cavalinho de madeira. Quantas vezes não havia brincado com ele? Quantas batalhas não tinha travado contra hordas imaginárias? Fechou os dedos sobre os contornos polidos da pequena escultura, apertando com tanta força que achou que sua mão ficaria marcada para sempre. Então, num gesto brusco, jogou o brinquedo longe. O cavalo de madeira desapareceu noite adentro. Já não havia Etyld, nem Forte d'Aed, Meurnau, Orbey. Apenas ele e sua ira. Naquela noite, descobriu o que queria mais do que tudo.

Um dia seria o maior cavaleiro deste mundo... e, sozinho, derrubaria o Império.

## 2

### ACUADO

*Não terá descanso nem refúgio.  
Dia e noite,  
em todo lugar,  
não será mais que uma presa  
fugindo de seu predador.*

Fugiam. Sem cessar. Sem fim. Percorriam em silêncio a região das Salinas, se embrenhando nos pântanos, se esgueirando entre o capim alto e a lama. De aldeia em aldeia, nos acampamentos improvisados no isolado recôndito dos charcos, seu único objetivo era proteger Laerte, distanciá-lo tanto quanto possível da ameaça avultante da sombra de Étienne Azdeki. O menino sentia que essa sombra o perseguia, ameaçadora e perversa. Volta e meia se virava, temendo avistar o porte altivo do capitão imperial a desafiá-lo com o olhar. Mas só o que havia era o caminho por onde seguiam aos trancos e barrancos.

Eram cerca de vinte pessoas, a maioria soldados da guarda que haviam deixado suas armaduras para trás, adotando a aparência de simples camponeses. Não raro colocavam o garoto na traseira de uma carroça, com a jovem ESYLD a seu lado, e vestidos com farrapos avançavam como infelizes abandonando a região em guerra. As tropas de Azdeki vasculhavam a região, revistando as colunas de refugiados. Nas raras vezes em que foram parados, faltou pouco para serem descobertos. Nessas horas, ESYLD se aproximava do menino, segurava sua mão e lhe cochichava palavras de conforto.

Toda vez os soldados, exasperados, mandavam que seguissem. Quem poderia afirmar que saberiam reconhecer Laerte de Uster? Quem tinha ideia de como ele era? Que habitante das Salinas, tendo cruzado com ele, seria vil o bastante para entregar à morte um menino inocente? Oratio de Uster havia sido amado por seu povo. Sua morte era um sofrimento. Oferecer seu último filho vivo à ira do imperador seria um insulto à sua memória. Queimaram-se os registros.

Apagaram-se as menções a Laerte. As poucas pessoas que sabiam sua idade ou o reconheceriam se calaram.

Esse apoio silencioso os protegeu ao longo da fuga, o mutismo aceito por todos como a única defesa face à loucura de um capitão do Império. Nenhuma boca se abriu para denunciá-los e Azdeki teve que reconhecer que cometera então seu primeiro erro. Em sua pressa, omitira apenas um filho, um simples menino, e o boato de sua sobrevivência andava causando agitação. Aos poucos, homens pegavam em armas, fazendas se rebelavam, recantos isolados viravam trincheiras. A revolta começava aos burburinhos. E o capitão Meurnau estava disposto a tudo para que se transformasse num autêntico rugido.

– Beba – disse ele a Laerte num dia em que tinham parado à beira de uma estrada.

Sentado na traseira da carroça, um pano grosso e amplo cobrindo-o da cabeça aos pés, o garoto estendeu a mão pálida e segurou o cantil que o capitão lhe oferecia. Fazia meses que viajavam sem destino certo, se é que havia algum destino. Nesse tempo todo Laerte não pronunciara mais que poucas palavras. Vivia calado, alheio a tudo, e a cada dia que passava seu olhar ficava mais sombrio.

Bebeu um gole e devolveu o cantil, enxugando a boca com a mão. Meurnau fez o mesmo, sentando-se à sua direita na beirada da carroça. Suspirou ao contemplar os pântanos que ladeavam a estrada. Ao longe, uma espessa fumaça preta se erguia num céu cor de chumbo.

– Incendiaram a aldeia de Aguel – sussurrou Meurnau.

À chegada do inverno, os burgos próximos de Forte começaram a se rebelar, a exemplo das cidades mais distantes. Passado o estupor causado pelo julgamento sumário de seu amado conde, eles vinham se deixando tomar pela ira.

Mesmo morto, Oratio de Uster continuava a ser um espinho no pé do imperador. E, o que era pior, sua memória incitava as multidões à revolta. Por conta disso, aquela não era a primeira aldeia a ser devastada pelas tropas de Azdeki. Decerto não seria a última.

– Sabe por que eles fazem isso? – indagou Meurnau.

Era o que Laerte vinha se perguntando. Também tentara entender por que sua família fora julgada indigna pelo Império a que servia. Ele sempre pensara em Émeris como a cidade dos sábios, onde tudo era decidido por um bondoso imperador que, tal qual um deus onisciente, tomava conta do mundo. Sentira tanto orgulho pelo fato de seu pai ser seu representante ali nas Salinas.

– Eles achavam que a gente era bobo – continuou o capitão da guarda. Passou a mão no rosto cansado antes de alisar seu fino bigode cor de azeviche com a ponta dos dedos. – Achavam que, com seu pai morto, todos iriam se curvar. Mas Oratio de Uster ainda é mais forte que o imperador. Era ele quem governava, quem era amado.

Laerte continuava debaixo do pano grosso, os olhos fitando o nada, sem reação. Ouvia, compreendia, mas, no fim das contas, pouco lhe interessava o porquê, o como ou mesmo quem... Só duas coisas importavam: por que havia sido poupado e como não pudera salvar sua família?

– Foi isso que o matou – confessou Meurnau. – Por isso foi julgado. Porque era amado. Só quem decide é o imperador...

– Ele não traiu ninguém – disse Laerte secamente.

Surpreso ao ouvir a voz do garoto, Meurnau o observou de esguelha por um tempo. Mas o menino se imobilizara novamente feito uma estátua.

– Não, não exatamente – concordou Meurnau, descendo da carroça, o olhar voltado para seus homens, que, sentados, conversavam não muito longe dali.

Perto dos soldados em andrajos, Orbey e sua filha tratavam de esconder algumas espadas em grandes sacos de lona.

– Mas os sonhos do seu pai iam contra o imperador – prosseguiu o capitão. – Ele queria que este mundo deixasse de ser sujeito às decisões de um único homem. Achava que o povo era capaz de escolher por si próprio. Isso deve ser complicado demais para você entender, mas nunca se esqueça, Laerte: se o seu pai morreu, foi, em primeiro lugar, pelo povo. Ele jamais trairia o povo.

O garoto baixou o olhar quando Meurnau o encarou. Não, ele não entendia. Nem tentava entender. O presente não importava. O amanhã também não lhe passava pela cabeça. Só o que havia era o vazio.

– Em alguns dias vamos parar em Braquena – anunciou friamente o capitão. – Lá, vamos ensinar você a lutar. E prepararemos a revolução. Laerte, está me ouvindo?

Sim, estava ouvindo, mas havia umas pedrinhas tão pequenas no caminho... Laerte preferia olhar para elas a fitar aquele capitão austero que desfiava palavras sem nenhuma importância. Eram tão pequeninas, tão escuras, numa terra cinzenta que a geada já começava a rachar.

– Laerte – insistiu Meurnau.

O garoto não esboçou mais nenhuma reação. Cansado, Meurnau fez um gesto com a mão e se afastou.

Então voltaram para a estrada por dias e dias. Certa manhã, outra coluna de fumaça preta, espessa, riscou o céu. Outra aldeia incendiada. Laerte surpreendeu-se ao não sentir nada quando pensava nos moradores consumidos pelas chamas. Finalmente chegaram a Braquena, pequena aldeia de quinze amplas casas de pedra no meio do pântano. Viajavam havia meses... e Braquena ficava a apenas dois dias de Forte d'Aed. Precisaram tomar diversos caminhos para despistar as tropas imperiais. Agora enfim tinham um lugar para ficar, para se esconder... e estranhamente, assim tão próximos do inimigo, sabiam que por um tempo estariam em segurança. Azdeki mandava suas tropas para cada vez mais longe, certo de que haviam fugido para outros condados.

Enquanto Meurnau tentava organizar a revolta, puseram Madog, um gigante careca, a serviço de Laerte. Forte, orgulhoso, fora o auxiliar de Meurnau na guarda do conde de Uster. A cicatriz que ia de seu olho direito até o lábio superior impunha temor e certo respeito. Madog foi encarregado de instruir Laerte no combate. Ao longo do ano seguinte, tentou ensinar o garoto a lutar com a espada em riste. Em vão.

Embora a atitude de Laerte tivesse mudado, sendo agora mais amena, ele continuava casmurro durante as aulas. Em meio às casas amplas, com a espada na mão, ele esbravejava e, com frequência, caía sentado no chão. Estava muito mais interessado nos momentos que passava com a filha do ferreiro, driblando a vigilância irritante de seu mestre de armas.

Madog então o chamou para uma conversa. Da primeira vez, segurou-se para não lhe dar uma

bronca por ter saído da aldeia, arriscando sua vida. O que o preocupava, na verdade, não eram os homens de Azdeki. Não tinha passado nenhuma patrulha a menos de dois dias de distância. Já os ruargues, esses sim, infestavam a região. Da segunda vez que Laerte fugiu, Madog compreendeu que nada iria detê-lo e que, em vez de amarrá-lo numa estaca, precisava ter paciência e se adaptar à situação. Então lhe deu um estranho presente.

– É um apito.

– Um apito? – indagou Laerte, surpreso.

Sentado num banco junto a uma casa de pedra, contemplava o curioso pedaço de madeira entalhada.

– Um apito de ruargue – explicou Madog. – Quando você sai assim campo afora, não posso defendê-lo. Se os soldados imperiais virem você, só espero que saiba correr bem rápido. Só que de um ruargue não vai conseguir escapar. – Mostrou o objeto. – Esse apito imita o rugido de um ruargue macho. Os machos raramente caçam, quem caça são as fêmeas. Assim, quando um deles se aproxima, elas fogem, por medo de... – um sorriso zombeteiro iluminou seu rosto marcado – ... levarem uma sova daquelas. Se for perseguido por algum ruargue, use o apito.

Felizmente não teve oportunidade de usá-lo nos meses seguintes. Enquanto Madog passava horas procurando por ele na aldeia para manter as aparências, o garoto fugia para os pântanos em boa companhia. Com Esysld, ele se esquecia de onde estava, de quem era, e não tinha medo de pensar no que ia acontecer. A moça dedicava uma atenção especial às rãs. Certo dia de primavera, identificou uma rã-de-Erain, de um verde fosco listrado de dourado, saltando indolente pelo capinzal. Foram atrás dela e a ideia de se depararem com soldados do Império só dava mais sabor à expedição. O medo os empolgava muito mais do que os refreava. Coração acelerado, observaram a rã se precipitar para uma carroça caída.

Talvez alguns fugitivos iguais a eles tivessem sofrido um acidente, sendo forçados a abandonar sua carga bem no meio do pântano.

– Xiiiu – ordenou Esysld num sussurro autoritário. – Não podemos assustá-la. Veja.

Ela ergueu o vestido, revelando os joelhos lisos, e parou a poucos metros do animal. Devagar, se ajoelhou na terra úmida e, tocando suavemente no ombro de Laerte, intimou-o a fazer o mesmo.

– Ela está caçando – comentou a jovem. – Está vendo aquele ninho de zangões? E como ela está mudando de cor? Abaixo dos olhos, veja, a pele está estalando feito asas de inseto. Ela está fingindo que é um enxame inteiro de zangões. Eles nem percebem a diferença. Pensam que ela é um deles.

No verde do capinzal, pousada numa rocha encharcada, a rã ia escurecendo e suas finas listras douradas clareavam para um amarelo forte. As longas dilatações de seu papo produziam um curioso efeito hipnótico. Eles ficaram observando sem que nada viesse perturbar a aparente quietude. Em um canto da carroça, um ninho de zangões recém-construído estremecia. Em torno da estrutura oval coberta de uma estranha resina escura, insetos graúdos cuidavam da vida sem se importarem com a rã.

– Minha avó dizia que ela é capaz de ficar esperando assim por dias – sussurrou Esysld com um

sorriso de admiração. – Alguns zangões vão se aproximar e ela não vai se mexer. Aí, quando sentir que chegou a hora, vai atacar e eles não vão nem entender o que está acontecendo. Viu como ela é bonita?

Laerte não estava mais olhando a rã. Contemplava o cabelo comprido e cacheado de Esylld descendo pela nuca delicada, os ombros levemente cobertos por um vestido empoeirado, os dedos finos e frágeis unidos em uma atitude de recolhimento. Sentia seu coração bater com força. Sem nenhuma dor, muito pelo contrário.

– O que foi? – perguntou ela ao ver que ele a observava, o rosto imóvel.

– Ela não é bonita – disse ele, tímido. – Você é...

Desviou o olhar. A mão de Esylld pousou sobre a sua sem que eles dissessem nem mais uma palavra.

À noite, ele ainda guardava aquela sensação de suave calor em sua pele. Esperava que a vida seguisse assim, que o estrondo gerado pela perda de sua família enfim se calasse. Continuava a treinar com Madog, dia após dia.

– Levante a espada! – berrava o gigante. – Segure direito esse punho! Que droga, Meurnau me avisou que você era desastrado, mas não pensei que fosse tanto.

Semanas...

– Sempre mantenha seus pontos de apoio! – bradava Madog. – Os pontos de apoio, caramba!

E, depois da primavera, veio o verão.

– Vamos, Laerte! – encorajava Esylld, sentada num tonel perto de uma das casas. – Defenda-se!

Vamos!

– Melhor essa defesa! Melhor essa aparada! – ordenava Madog.

Aos poucos, ia melhorando, mas não o suficiente para ter esperanças de um dia lutar decentemente. Ainda não tinha destreza e, embora memorizasse alguns encadeamentos, reproduzia-os sem muita convicção, para desespero de seu professor. Não tinha puxado ao pai...

Depois do verão, veio o outono, e então mais um inverno. Nesse tempo todo, Meurnau conseguira a adesão de muitas aldeias à sua causa e, aos poucos, a resistência vinha se organizando. Simples camponeses aceitavam pegar em armas, movidos por uma ira reprimida por tempo demais. Ainda não aceitavam a morte do conde e se animavam diante da simples ideia de seu filho Laerte liderar a revolta junto com o capitão de sua guarda. A isso vinham se somar os terríveis boatos envolvendo a morte da mãe e da irmã de Laerte, as torturas infligidas a duas inocentes, a barbárie perpetrada sem outra justificativa que não uma crueldade animalesca. O Império perdia sua razão de existir quando aqueles que lhe serviam sucumbiam aos mais baixos instintos. O capitão planejava reconquistar Forte d'Aed em pouco tempo. Agora tinha um exército.

Certo entardecer, na maior casa de Braquena, aquecida por uma ampla e austera lareira, Laerte assistiu pela segunda vez a uma reunião de Meurnau com seus homens. Não que tivesse sido convidado. Para as pessoas das Salinas, ele não passava de um símbolo. O que ele era se diluía atrás de uma figura maior, mais bela e mais experiente. Naquele momento, porém, ainda não tinha se dado conta de que sumira em benefício de um fantasma. Saboreava uma sopa quente enquanto Esylld remendava seu casaco junto à lareira.

– Vamos atacar na primavera – explicava Meurnau, de pé atrás de uma mesa, as mãos em um mapa das Salinas.

Ao redor, seus tenentes, Madog entre eles, escutavam com atenção. Alguns tinham vindo especialmente de aldeias vizinhas, onde treinavam os moradores para a luta. Havia alguns meses os pequenos combates se multiplicavam, e ele pensava se Azdeki começara a duvidar de que conseguiria restabelecer a calma na região.

– Vamos cercar Forte d’Aed sem eles perceberem, passando por aqui.. e por aqui. – explicou, indicando com o dedo dois pontos do mapa. – Eles nem sonham que todo o povo vai pegar em armas – assegurou com certa satisfação. – Nos condados vizinhos, já há quem questione os atos do imperador. E quando o povo começa a duvidar...

Deixou a frase em suspenso. Sentado junto ao fogo, Laerte escutava distraído. Observava Esylld costurar um remendo em seu casaco rasgado. Ao terminar, ela lhe entregou a roupa com um leve sorriso.

– Aí está, bravo homenzinho, para você se aquecer.

– Obrigado – respondeu timidamente.

As chamas crepitavam, devorando a lenha com paixão, e sua luz brilhava nos olhos de Esylld. Não conseguia deixar de fitá-los, esperando ver neles algo mais que um simples... afeto? Talvez devesse confessar o que sentia ou simplesmente beijá-la. Sim, ia pedir que ela o acompanhasse até a casa vizinha, onde ele dormia, e ali na soleira beijaria seus doces lábios. Ela não ia rejeitá-lo. Se cuidava tanto dele, não era por compaixão. Ela o amava. Só podia ser. Ele tinha que perguntar. Era o que ia fazer.

– Esylld... – murmurou.

– Esylld, vá buscar lenha – ordenou uma voz atrás dele.

A mão firme de mestre Orbey segurou o ombro do garoto no exato momento em que ele ia se levantar, já que Esylld, assentindo, pulou do banquinho de madeira. Estava chegando à porta quando seu pai, com ar constrangido, sentou em seu lugar. Ela sumiu na noite fria. A porta bateu à sua passagem.

– Eu o vi treinando com Madog outro dia – disse mestre Orbey, esfregando as mãos perto do fogo.

Coçou a barba com o dorso da mão, pensativo, antes de finalmente se atrever a continuar:

– O senhor é meio desatento. Isso me preocupa.

Laerte lançou-lhe um rápido olhar antes de se virar para a porta. Só esperava uma coisa, a volta de Esylld. Ou que ao menos achasse um jeito de se esquivar do pai dela e fosse encontrá-la no frio da noite que caía.

– Eu sei que o senhor passou por coisas bem difíceis – acrescentou o ferreiro –, mas... toda ferida acaba se fechando.

Orbey hesitou um instante. Laerte havia se virado para ele, os olhos brilhando. Nenhum dos dois se atrevia a falar. Até que o garoto, por fim, rompeu o pesado silêncio.

– Não vou me esquecer da minha família – murmurou em tom desafiador.

– Não estou pedindo isso. – Orbey pareceu se desculpar, erguendo as mãos diante de si. – De

jeito nenhum. Só estou tentando dizer que precisa superar essa dor que o consome por dentro. Precisa aprender a lutar. Pela memória de seu pai.

– Não sabe nada sobre meu pai! – exclamou o garoto, à beira das lágrimas.

Com que direito aquele simples ferreiro se permitia falar em Oratio de Uster? Embora trabalhasse para o conde, nunca tivera qualquer relação com ele. Nem com seu filho.

– Não estou pedindo que esqueça – insistiu Orbey com mais convicção. – Isso nunca vai ser possível. Toda ferida acaba se fechando. Ficam as cicatrizes para nos lembrar de sua existência. E, embora a dor se torne menos intensa, nunca deixa de ser profunda. – Levantou-se devagar. – Nada, jamais, vai preencher o vazio dessa perda. O que receio é sua própria perda, se não der ouvidos a Madog.

Não houve tempo para o garoto reagir. A porta se abriu com um súbito estrondo e dois homens, segurando um terceiro pelos ombros, entraram aos gritos:

– Ande, seu frouxo! Conte essa sua infâmia!

– O que está acontecendo? – bradou Meurnau.

– É o velho Bastian, da casa Crique – explicou um dos homens.

O sujeito trazido por eles não disfarçava seu pavor, cabelos brancos desgrehados sobre um rosto encovado. Raquítico, mergulhado num grosso manto que batia nas botas muito gastas e cobertas de lama, ele revirava os olhos para os homens que o seguravam à força.

– Misericórdia! Misericórdia! – suplicava com voz aguda.

– Ele esteve em Forte d’Aed há dois dias, e não foi só para fazer compras. É um covarde! Um traidor! – vituperou um dos homens.

Meurnau foi até ele e o agarrou pelo pescoço.

– O quê?

– Eu... eu... por favor – gaguejava Bastian.

– O que você fez? – bradou o capitão.

– Ele nos vendeu – declarou um dos soldados.

– Não, eu só... eu só disse...

– Disse o quê? – indagou Meurnau.

Um brado distante interrompeu o interrogatório:

– Alerta! ALERTA! O Império! Eles estão chegando!

– Eu não queria. – Bastian estava aos prantos. – Mas ele me deu dinheiro, dinheiro para a minha gente. Eu falei que vocês estavam em Braquena, que estavam protegendo Laerte de Uster. Ele deu dinheiro para minha família ter o que comer. Está sendo um inverno difícil, meu senhor, e...

– Ele QUEM?!

– O capitão Étienne Azdeki – confessou o velho.

– Contra um cavaleiro que usa o Sopro não há nada que possamos fazer – declarou Madog.

– Laerte! – chamou Meurnau.

Lá fora, as vozes dos soldados ressoavam à luz das tochas. Azdeki estava chegando. Da agitação que se seguiu, Laerte só guardou uma confusa lembrança: os tenentes desembainhando as espadas, homens correndo e um ruído crescente. Até que as mãos de Meurnau ergueram o

garoto perdido e o levaram para o outro lado da sala, junto a uma pequena porta.

– Precisa ir embora, Laerte – avisou. – Como o garoto não se mexia, elevou a voz: – Laerte, está me ouvindo? É Azdeki! Não sei se temos como escapar. Precisa fugir. Podemos, pelo menos, afastá-lo de você. Fuja, Laerte! Fuja!

Laerte continuava imóvel. Os tenentes saíram pela porta da frente e gritos ressoaram. O som seco de espadas batendo umas nas outras, gritos e o alarido... Tudo, porém, parecia tão lento aos olhos do menino, tão estranhamente desfocado e...

O tapa o despertou de seu torpor, o coração acelerado. O Império. O Império estava ali. O medo então o agarrou para não mais largá-lo.

– Fuja, Laerte! Vá embora! Fuja! – repetia Meurnau, abrindo a porta.

Sem esperar mais, ele se lançou noite adentro, mal ouvindo a porta bater, de tanto que seu coração martelava no peito. Caiu de joelhos na terra gelada e o estardalhaço da batalha se fez mais nítido. Levantou-se apressadamente. À sua direita, as sombras gigantescas dos beligerantes se desenhavam numa parede de pedra. Disformes, esplêndidas e apavorantes, às vezes misturavam-se, aureoladas pelo fulvo clarão das tochas.

– Laerte? – chamou uma voz fraca.

Ela surgiu da noite, a respiração sibilante, o rosto vermelho do esforço da corrida. Em seus olhos, o medo. Ao longe, o clamor dos combates.

– Fuja – disse ela secamente. – Vá embora.

Ele ficou ali parado, perdido, sem saber para onde ir, o que fazer: lutar ou partir, morrer longe dela ou talvez ali em seus braços ou...

– Vá embora, Laerte! Vá embora!

Sua voz o atingiu feito um chicote, ferina. Não estava pedindo, mas mandando. Suas feições delicadas se contraíam numa agressividade que não combinava com ela.

– VÁ EMBORA! – insistiu.

E então ele se lançou noite adentro. Correu pelo capim alto dos pântanos, que açoitava seu rosto. Correu o mais depressa que pôde, até os combates não passarem de um eco distante e apenas a luz gelada das estrelas iluminar seu caminho. As pernas estavam pesadas, sua respiração, entrecortada, a garganta, seca e ardida, mas ele não parou. Em sua cabeça ressoava a voz de Etyld, tão áspera e violenta: “Vá embora, fuja, vá embora.”

Não demorou para suas botas afundarem em água estagnada. Ele continuou. Por pouco não ficou atolado num lodo espesso. Continuou. Caiu, raspando o joelho numa pedra saliente, sufocou na lama, chorando. Levantou-se e continuou.

Seu peito estava em brasas, a cabeça girava. A respiração sibilava na garganta, o coração parecia prestes a explodir. As lágrimas corriam soltas em suas faces imundas. Diante dele só havia escuridão, vultos pouco discerníveis, ululações e estalidos acompanhados do lento sopro do vento. Estava ali sozinho, no escuro...

Caiu para a frente. Não tornou a se levantar. Só restava o breu absoluto e um longo silêncio apaziguador. Ouviu-se então um murmúrio, como um chilrear distante.

Laerte piscou. Algo pastoso, de gosto azedo, obstruía sua boca. Tossiu uma vez, fechando os

olhos.

O vento afagava seu rosto, levantando o cabelo sujo. Tossiu uma segunda vez, com mais força, e aos poucos foi voltando a si. Estava de bruços no capinzal, mergulhado na lama, parte do rosto afundada. Levantou-se de súbito, num sobressalto, mas curvou-se em seguida, cuspidando com força a terra encharcada que o sufocava. Quando se sentiu melhor, endireitou-se. Não sabia quanto tempo correria. Os charcos à sua volta se estendiam a perder de vista. A não ser... Destacando-se em meio ao capinzal, caída numa pequena elevação, a carroça do ninho de zangões encontrava-se à sua frente. Resolveu ir até lá e seguiu, com passos incertos. Estava exausto, a cabeça vazia. Desabou na terra seca a poucos metros da carroça e tornou a desmaiar.

Quando voltou a si, foi tomado por uma avalanche de perguntas. O que ia ser dele, agora que estava sozinho? O que fazer? Para onde ir? Como sobreviver? Meurnau conseguira rechaçar o capitão do Império? Esylld tinha sobrevivido, com certeza. Ela não podia morrer. Ia encontrá-la outra vez e... Não. Ele não sabia. O Império tinha matado sua família e o enxotava feito um cão. Estava reduzido à condição de animal acuado.

Ao avistar o ninho de zangões aos pedaços no chão, soltou um grito de alegria. Aquela simples descoberta lhe deu tanto alívio que quase chorou. A rã-de-Erain tinha se fartado com os insetos, deixando apenas a casca seca e vazia de seu abrigo. A carroça parecia tão acolhedora quanto uma casa em Braquena, então o jovem se pôs a vasculhar os caixotes, tratando de ajeitar um esconderijo minimamente confortável. Estendeu panos velhos no chão, devorou os pêssegos em conserva que achou como se não comesse havia dias e finalmente adormeceu quando o sol já estava a pino.

Nos dias seguintes, o consolo se esfacelou diante de uma sensação atroz de desespero. Não passou uma alma sequer pelos pântanos ao redor. Laerte estava mesmo sozinho. Meurnau decerto não sobrevivera. Os dias viraram semanas e a primavera chegou em boa hora para amenizar o vento das Salinas. Torturado pela fome, Laerte tivera que aprender a caçar rãs-colmeia, lembrando-se de Esylld dizer que sua carne tenra se parecia com frango.

Tentou, sem sucesso, acender uma fogueira. Só o que conseguiu foram vários cortes nas mãos. Contentou-se em comê-las cruas, por pouco não vomitando a cada mordida. A carne era viscosa, o sangue, gosmento, os nervos, duríssimos de se rasgar. Mas era o único alimento disponível. Para sobreviver, recorreu a tudo o que aprendera com Esylld e que na época parecera tão inútil. Os pântanos eram um autêntico viveiro de rãs com várias utilidades. O muco de uma servia para fazer unguento e outra se revelava um prato nutritivo.

Cogitou várias vezes sair de seu esconderijo e tentar chegar a Forte d'Aed. Mas será que acharia o caminho em meio aos charcos? Caso conseguisse, o que encontraria ao chegar lá? Meurnau e seus homens, se tinham sobrevivido, decerto tinham revirado a região à sua procura. E se pensassem que ele estava morto? Com o passar dos dias, seu desespero foi crescendo, tornou-se tão opressor que ele acabou não fazendo mais nada. Ficava ali prostrado, faminto e cansado. Até que, certa manhã, a morte pareceu tão próxima que não teve coragem de enfrentá-la. Levantou-se e por fim resolveu não morrer ali.

As semanas viraram meses, houve a doçura da primavera, o calor do verão. Até o dia em que saiu para caçar e, movendo-se pelo capinzal atrás de rãs-colmeia longe do seu refúgio, ouviu uma

voz que bradava:

– AZDEKI! Santa Miséria! Tomlinn!

Em meio ao capim, avistou um homem a cavalo que agitava a espada no ar. Ao seu redor, três ruargues se movimentavam rosnando.

– Tomlinn! AZDEKI!

Quando uma das criaturas atacou o cavaleiro, derrubando não apenas o homem, mas também sua montaria, Laerte conteve o impulso de fugir desabalado. Não foi a curiosidade mórbida que o levou a assistir ao massacre, mas um mero sentimento de revanche. Eles tinham matado sua família... Era como se sua região estivesse vingando o conde de Uster e os seus. Levantou-se para vê-lo ser devorado, mas logo se ajoelhou, nervoso. Adiante, sessenta homens, no mínimo, carregavam pesadas toras de madeira que pareciam uma ponte desmantelada. Quando tornou a erguer a cabeça, viu que eles se afastavam sem se preocupar com o destino de seu camarada.

– Azdeki! Tomlinn! – urrava o cavaleiro a poucos metros dali.

O rosnar do ruargue encobriu sua voz. O homem logo viraria mingau. Laerte resolveu sair dali; não queria ouvi-lo gritar até morrer. Mesmo porque, se um ruargue notasse sua presença, acabaria tendo o mesmo destino. Estava dando meia-volta, de cócoras, quando sua mão roçou um calombo no bolso. O apito. O apito de ruargue. Foi tomado por um sentimento de culpa mais cortante que uma espada, mais pesado que chumbo, insuportável e doloroso. Assistir à morte de um homem, fosse quem fosse, era uma coisa. Não intervir tendo condições de fazê-lo era outra. A satisfação da vingança desmoronava face a uma vergonha tão repentina quanto inesperada. Podia deixar aquele homem morrer assim?

Percebeu um ruído estranho às suas costas.

Lançando um olhar assustado por sobre o ombro, assistiu ao impensável: o ruargue sendo lançado aos ares por uma força invisível e, junto com ele, os despojos estripados de um cavalo. Um urro ressoou, tão dilacerante, tão atroz, que Laerte precisou se sentar na lama para tapar os ouvidos. Seria possível alguém sofrer a esse ponto? Aquele grito não tinha mais nada de humano e, quando se extinguiu, instalou-se um silêncio gélido e pesado sobre os pântanos. Laerte enfiou a mão no bolso e apanhou o apito. Apertou-o com tanta força que sentiu como se o pedaço de madeira penetrasse na palma de sua mão. Quanto o vento lhe trouxe o som dos passos pesados de um ruargue, levou o apito à boca. Sentia a garganta engasgada, a respiração ofegante. Os passos se aproximavam. O capim se dobrava ao vento. Ele inspirou, encheu os pulmões e soprou, ainda mais forte, exalando todo o ar que podia na minúscula madeira entalhada. Mais forte. Ouviu um rosnado, tão próximo que julgou sentir o hálito fétido da criatura em cima dele. Inspirou a plenos pulmões e soprou mais uma vez. Um rugido abafado surgiu. E outro. E mais outro, até seu rosto ficar carmesim.

Julgando ouvir o arquejo de um macho, as ruargues fêmeas fugiram às pressas. Resfolegando, Laerte se arriscou a levantar-se. As tropas imperiais tinham sumido no horizonte. O capim alto balançava devagar sob um céu branco cintilante. A natureza foi aos poucos emergindo de seu torpor e o coaxar das rãs se fez ouvir novamente. Não longe dali, um cavalo encilhado avançava, parecendo perdido, com as rédeas balançando no pescoço e uma sela vermelha gasta no lombo.

*Por que...*

Procurou pelo corpo do cavaleiro e quase desmaiou ao se deparar com a perna esmagada, o sangue se mesclando à lama do pântano em estranhas espirais.

*Por que você não me disse...*

Foi talvez por pura compaixão que tratou de salvar o cavaleiro à beira da morte. Sua respiração estava fraca. A pele, lívida.

*Eu... pensei que você estivesse morto... pensei...*

Foi talvez por misericórdia que o levou até seu esconderijo... e que o viu soçobrar aos poucos, até por fim não sentir nada, nem pena nem ódio. Quando viu no cinturão a bainha vazia, voltou para o meio do pântano à procura da espada. Passou mais de uma hora revirando a lama grossa enquanto a chuva caía. Um cheiro de esgoto invadia suas narinas, mas não era nada se comparado ao medo que fazia suas entranhas se contorcerem. Parava de vez em quando, espreitando algum ruído em meio ao som das gotas batendo na terra mole. Nenhum ruargue veio perturbar sua busca, até que sua mão por fim tocou no punho de uma espada afundada. Conseguiu retornar ao acampamento improvisado, o coração ainda a ponto de rebentar, mas o medo se diluía a cada passo que o trazia de volta a seu esconderijo.

Deitado junto à carroça, o cavaleiro ferido delirava, o rosto encharcado de suor, contorcido de dor.

*... por quê, Rã...*

*Por que o quê, Pernalta?*

Naquela primeira noite, ficou ajoelhado junto ao moribundo, segurando firmemente o punho da espada nas mãos úmidas. A chuva caía com força. As gotas que se esgueiravam entre as tábuas da carroça se misturavam com suas lágrimas. Aos prantos, ergueu a lâmina sobre o corpo tomado por espasmos. Poderia baixá-la, romper, perfurar a armadura e acabar com aquilo. Eles tinham matado seu pai.

*Por que não me deixou morrer lá nas Salinas?*

Na segunda noite, quando já começara a tratar das feridas do homem, hesitou novamente. A espada era tão pesada... Bastava um movimento mais forte para o seu peso cuidar do resto e penetrar no tronco.

Chorava. Não conseguia fazer isso. Ardia de vontade de fazê-lo, de vingar os seus, de revidar aquela barbárie que roubara toda e qualquer dignidade de sua mãe e de sua irmã. Se eles tinham destruído os seus, ele poderia fazer o mesmo... Será? Ainda não era capaz disso. Ainda não.

*Você era apenas um menino...*

Deixou-se cair de lado, gemendo, chorando sem parar, xingando a si mesmo por sua covardia. Entre um soluço e outro, abriu os olhos.

*... Você podia ter me deixado morrer...*

A poucos metros dali, uma rã-de-Erain o fitava, imóvel, a luz pálida da lua baça refletida em seus olhos pretos.

*Uma rã-de-Erain...*

*Você era apenas um menino...*



– Você podia ter me deixado morrer... Era apenas um menino...

– Minha infância acabou no dia em que, pela primeira vez, eu hesitei – respondeu Laerte.

Mal conseguia lembrar do ar úmido e morno das Salinas. Ali em Massália as noites eram secas, sufocantes. Os tempos mudavam.

– No dia em que salvei você, acredite, eu hesitei – acrescentou calmamente.

Recostado na parede de uma cozinha, de braços cruzados, fitava com seus olhos cinzentos, penetrantes, o velho general sentado à mesa. Diante dele, pousada sobre o cobertor que a camuflara durante tantos anos, Eraed cintilava à luz de um lampião a óleo. Perto da porta, Rogant vigiava. Do outro lado, o cabelo ruivo de Viola esvoaçava à brisa ligeira que vinha da janela entreaberta onde ela apoiava as mãos. Tinham levado o general para aquela casa, não muito longe do porto. Desde que estavam em Massália, era ali que se refugiavam enquanto Viola tentava convencer o ancião.

– Laerte...

Dun-Cadal suspirou, passando a mão trêmula no rosto.

O que ele não daria por uma jarra de vinho... Laerte balançou brevemente a cabeça.

– Dun-Cadal... – respondeu, como se fosse a primeira vez que se encontravam.

Era difícil para ele ver naquele estado o general que o tomara sob sua proteção, com as feições tão marcadas, tão tensas, um ar sujo e abatido. Parecia tão diferente do homem que conhecera... Como podia ter se acabado tanto? Tentava imaginar o que estaria pensando naquele momento, que perguntas lhe passavam pela mente agora que sabia quem ele era. Havia se preparado tanto para aquele encontro que nenhuma pergunta iria surpreendê-lo.

– Rã... – disse o general com o olhar distante.

Parecia evocar a lembrança de um defunto. De certa forma, Rã estava mesmo morto, se é que tinha existido algum dia. O olhar do general se deparou com a forma perfeita da espada e se deteve.

– Então é por isso... É por ela que você está aqui... Por quê...? Por que essas mortes, por quê? – balbuciou ele.

Laerte foi até a mesa. Com mão firme, pegou o punho da espada.

– Por muitos motivos, Dun-Cadal – respondeu. – Por vingança, dever... obrigação... mas, principalmente, por vontade.

Encarou o general, esperando uma reação. Não houve nenhuma. De soslaio, percebeu a expressão cética da moça. Só ele conhecia o velho, só ele sabia como despertar dentro dele o general adormecido.

– Você está chateado comigo, não é? Por eu nunca ter dito nada, por ter mantido segredo sobre quem eu era... Eu sei.

Dun-Cadal continuava fitando o vazio sem esboçar qualquer reação, mas seus maxilares se contraíam aos poucos.

– Encontrar você não fazia parte dos planos. Isso, aliás, incomoda um pouco Rogant – brincou

Laerte.

O nãaga, em um canto, balançou a cabeça com ar ressentido.

– Você me conhece, só faço o que me dá na telha.

O general, agressivo, imediatamente o desafiou com o olhar.

– É mesmo? – perguntou.

E, pela primeira vez desde que estavam ali, quase face a face, Laerte desviou os olhos. Baixou a cabeça, deixando instalar-se o silêncio. Então, a passos lentos, pôs-se a andar altivamente em volta da mesa e continuou:

– Sabe, quando ouvi dizer que um antigo soldado do Império andava contando suas aventuras por aí em troca de uns canecos de vinho, estava longe de imaginar que pudesse ser você. E aí, em algum momento, não sei por quê, você começou a falar na espada. Ah, Pernalta, tenho certeza de que muita gente está procurando por ela em Vershã. Mas... eu... Quando o reconheci, logo imaginei que você nunca a esconderia muito longe. Mesmo patético como está atualmente, mesmo sujo e fedido feito merda, você não é do tipo que deixa a arrogância para lá. A Mão de Reyes... o general... o remanescente do Império velando por um... ah, sim, um símbolo, não é isso?

Dun-Cadal aguentou firme, sem reagir. Quando Laerte se aproximou dele, inclinando-se levemente junto a seu ouvido, não esboçou qualquer gesto. A ira fazia brotar em seu olho uma lágrima solitária.

– Você reviveu seu passado, não é? Relembrou sua antiga grandeza? Tome, pegue.

Com um gesto, fez a espada rolar na direção do general impassível.

– Sinto você fervendo por dentro.

– Basta, Laerte – interveio Viola.

Ela não pôde deixar de corar quando ele a encarou com um olhar feroz. Tentando disfarçar sua apreensão, tirou as mãos da janela e as uniu à frente.

– Ele não merece isso – disse ela em voz baixa.

Pensou que ele fosse reagir com violência, talvez até esbofeteá-la, mas não foi o que aconteceu. Diante do olhar impávido de Rogant, Laerte saiu da sala a passos lentos.

Mas conseguia distinguir as emoções que o invadiam. Tantos anos para enfim tornar a vê-lo, tantos anos para entender o que havia forjado seu destino... Diante da porta fechada da cozinha, Viola segurou seu pulso.

– Espere – pediu. – O que você está querendo? Me diga.

Embora houvesse censura em sua voz, tentava manter certa suavidade para não piorar a situação. Precisava reconhecer que ela sabia apaziguar as coisas. Mas era apenas uma garota, jovem demais para entender o que ele sentia em relação a Dun-Cadal.

– Não era para ele estar aí – prosseguiu Viola, lançando olhadelas na direção da cozinha. – Já conseguimos o que queríamos. E agora, o que vamos fazer com ele? Se o deixarmos ir, vai acabar contando tudo. Mesmo sendo um bêbado, pode chamar atenção, e disso nós não precisamos.

– Rogant vai ficar aqui de olho nele – respondeu Laerte secamente.

– Mas quando Page souber que...

– Não vai falar nada. Eu sei o que estou fazendo – assegurou-lhe Laerte. – Confie em mim. –

Com um gesto brusco, puxou o capuz para cobrir a cabeça. – E você tem razão, ele não merece isso... Merece muito mais.

Antes que ela pudesse responder, virou-se e saiu da casa.

# 3

## GARMARET

*Você vai matar sua inocência  
também, meu rapaz.  
E, acredite, quem  
mais lamenta isso sou eu.*

Deixara-se cair de lado, escondendo-se ao máximo no denso capim.

– Foi assim que ensinaram você a montar guarda? – bradou um homem ali perto.

– O quê? Eu só estava mijando – respondeu o outro com indiferença.

A noite estava clara, qualquer passo podia fazer com que os dois soldados o vissem. Tinha apenas 14 anos e estava fugindo das Salinas.

– Nunca saia do seu posto sem avisar os outros!

– Chegamos ontem, capitão – defendeu-se o soldado, insolente. – Não sabemos o que fazer, ora. Só nos mandaram alinhar as catapultas.

– De onde vocês são?

– De Avrai, capitão. Somos quinze.

Sua arma de madeira estava a apenas pouco centímetros de seu braço estendido. De braços na terra úmida, como se esmagado de medo, Rã não se animava a fazer um gesto em sua direção. Seu coração batia com violência, ressoando nas têmporas, a respiração estava curta; seu peito, apertado.

– Vocês têm sempre que...

A alguns metros dali, um capitão de botas reluzentes avançou apenas um passo.

– O que foi que vocês fizeram?

– A gente alinou as catapultas, ué.

Um passo apenas, que lhe permitiu vislumbrar um vulto escuro deitado no capim. Quando ouviu o zunido de uma espada sendo puxada da bainha, Laerte não teve escolha, teve que se jogar.

Ágil, rolou, aproveitando para agarrar a espada de madeira, e se pôs de pé com uma facilidade surpreendente. Tinha treinado tanto nos últimos meses.

Mas nessa noite já não se tratava de um exercício em que podia errar. Sua vida dependia de suas escolhas.

– Você...?! – espantou-se o homem. – Mas como?

Aquele rosto marcado por uma cicatriz, clareado parcialmente pelas altas tochas do acampamento, imobilizou-se, atônito. O soldado era calvo, de ombros largos, tinha o lábio cortado.

*Quando você sai assim campo afora, não posso defendê-lo. Se os soldados imperiais virem você, só espero que saiba correr bem rápido.*

Laerte, por sua vez, hesitou um instante. No bolso da calça, o apito de ruargue pareceu pesar.

*... não posso defendê-lo.*

À sua frente estava Madog, boquiaberto, quase largando a espada.

– O que você...?



*... defendê-lo...*

Levantou-se num sobressalto ao raiar do dia, com a respiração curta e encharcado de suor. Toda noite, desde que tinham deixado as Salinas, revivia o momento daquela terrível decisão. Todo sono continha sempre o mesmo pesadelo em que ele assumia irrevogavelmente a culpa de um assassinato, pois não fora para defender a própria vida que ele mergulhara a espada de madeira na garganta do homem. Queria desesperadamente apagar essa culpa que tanto o assombrava. Tentava esquecê-la, convencer a si mesmo de que fizera o que era certo porque não tinha escolha.

– Quem é Madog? – perguntou uma voz atrás dele.

Tinham cavalgado dois dias inteiros, só parando para os cavalos descansarem. Galoparam até a grande floresta de Garm, divisa de pinheiros entre as Salinas e as planícies agrícolas do condado de Garm-Sala.

Atrás dele, Dun-Cadal o fitava de relance enquanto encilhava os cavalos.

– Ninguém – respondeu Laerte, abraçando os joelhos junto ao peito.

– Ninguém? – espantou-se o general, rindo. – Se toda noite você chama por ele, esse Madog tem que ser alguém...

Laerte o ignorou, decidido a não deixar transparecer nada sobre o assunto. Dun-Cadal era um simples instrumento para levá-lo ao imperador. Não precisava saber dos seus segredos. Se descobrisse sua verdadeira identidade, decerto acabaria com ele. Laerte não entendia muita coisa sobre a revolta das Salinas. Seu único objetivo era a morte do imperador. Nada mais merecia sua atenção. Na verdade, não tinha sequer consciência do restante do mundo.

Durante meses, tinha pensado, matutado, imaginado cada mínimo detalhe. Cuidar do cavaleiro para que depois ele se tornasse seu professor fora apenas o começo. Aos poucos, tinha entrado no

jogo, certo de que se tornaria um homem tão respeitado quanto seu pai... e, principalmente, temido por seus inimigos. Havia se exercitado até a exaustão, superando a dor, treinando incansavelmente os movimentos assim que seu mentor adormecia.

– Vamos, garoto, levante – disse Dun-Cadal, bufando. – Estamos no condado de Garm-Sala, Garmaret fica a apenas duas semanas daqui. Em breve vamos ter direito a um bom banho quente.

Quando chegassem a Émeris, ele já seria o maior cavaleiro do mundo, capaz de desafiar o próprio imperador. Tal como a rã-de-Erain, estava se tornando igual à sua presa... para melhor atacá-la. Levantou-se, ainda cansado.

– Vamos! – apressou-o Dun-Cadal.

O general, com uma careta, se içava em seu cavalo. Será que sua perna ainda doía? Espantado consigo mesmo, Laerte sentiu pena. Receara que a perna fosse um empecilho durante sua fuga, mas, para sua imensa surpresa, Dun-Cadal dera mostras de um impressionante autocontrole. Ajudara-o a escapar, para depois lutar sozinho. Ao menos por isso tinha que respeitá-lo.

Ele dissera duas semanas. Duas semanas de cavalgada floresta adentro, até as planícies verdejantes de Garm-Sala, onde os esperava a cidade fortificada de Garmaret. Duas semanas em que ele sonhou com Madog e, toda manhã, aguentou as mesmas perguntas de seu mentor, que lhe ensinou o básico sobre caça ao longo da viagem, feliz por provar outra carne além daquela das rãs-colmeia.

Foram momentos um tanto difíceis para Laerte, que achava o general grosseiro, debochado e indiscreto. Estava sempre tentando descobrir mais a seu respeito, lançando sem mais nem menos perguntas que o garoto penava para responder. No entanto, para seu grande alívio, quando despistava sua curiosidade com uma frase evasiva, Dun-Cadal mudava de assunto.

A cada parada, prosseguia o aprendizado. Combatia, na penumbra, inimigos invisíveis até que seus músculos virassem carvões ardentes e ele, exausto, caísse de joelhos, esgotado. Cansado, voltava para o acampamento, deitava-se para não dormir mais que três horas e acordava, sobressaltado, ao raiar do dia.

Sacolejando em sua montaria, por pouco não pegou várias vezes no sono. Até que, no limiar da floresta, avistou as planícies de Garm-Sala. Sob um suave sol primaveril se estendiam centenas de campos cultivados, que iam do verde-escuro do capim cortado ao dourado dos cereais. Por ali serpenteavam algumas estradas de terra, trilhadas por carros de boi sacolejantes, junto aos quais caminhavam, calmos e serenos, pequenos vultos escuros. No ar vojavam curiosas formas brancas, minúsculas e belas, levadas por um vento ligeiro.

– São dentes-de-leão soprados pelo vento – explicou Dun-Cadal, e suspirou de satisfação. – Garmaret...

Com os braços pousados na sela, indicou com a cabeça a bruta arquitetura das muralhas de Garmaret. Dali a cidade parecia um simples quadrado de pedras com uma torre de vigia se erguendo em cada ângulo reto.

– Se andarmos a bom passo, chegaremos lá no final do dia.

Laerte, estoico, contemplou a paisagem. Não deixou transparecer seu espanto, habituado que estava a ocultar suas emoções.

– Nossa... por que tanta felicidade? – ironizou Dun-Cadal, afagando o pescoço de sua montaria.

– Não gosta da ideia de um merecido descanso?

– Gosto...

Seu laconismo pareceu irritar o general e ele achou melhor se justificar:

– É a primeira vez.

– Que você vai tomar banho? – brincou Dun-Cadal.

– Não... – Balançou a cabeça devagar. – Eu nunca vi nada além das Salinas.

Estava tomado pelo medo na mesma intensidade em que era dominado pela inabitual agitação que tratava de não demonstrar. Seria o Império tão imenso que levaria anos para chegar a Êmeris? Olhou instintivamente por sobre o ombro, na direção das Salinas.

– Ei, menino – chamou Dun-Cadal. – Olhe para mim.

Quando cruzou seu olhar com o do general, ficou tão perturbado que sentiu lágrimas vindo à tona. Viu bondade em seus olhos. Por que estava começando a temer o momento em que Dun-Cadal descobriria que tinha alimentado seu inimigo?

– Menino, aqui você está em casa.

Batendo com os calcanhares, pôs o cavalo a galope. Estar em casa... Não havia nada de tranquilizador nisso.

Percorreram o caminho a bom passo, cruzando carretas e camponeses sem que ninguém se surpreendesse. Ele esperava ser detido, que alguém atravessando a estrada gritasse que ele era das Salinas ou algo pior. Todos ali estavam a serviço do imperador e de sua corte, deviam ter comemorado ao saber da morte de Oratio e da tomada das Salinas. Por que se mostravam tão pouco interessados nos dois cavaleiros que galopavam rumo à cidade fortificada? Quando, ao sol poente, chegaram aos portões de Garmaret, Laerte entendeu o motivo da indiferença.

Diante do olhar ríspido dos soldados imperiais, dezenas de carroças se amontoavam junto aos portões, e sob sua lona choravam mulheres e crianças aos farrapos. Ao seu lado andavam homens, às centenas. Fugiam das Salinas buscando refúgio em Garmaret. O alarido da guerra chegava até ali. Longe de desfrutarem de um sossego reparador, eram revistados sem cerimônia, às vezes apartados dos seus, e conduzidos pela cidade depois de passarem pelas grades erguidas na entrada.

Uma vez deixados para trás os pesados portões da cidade, abriram caminho entre a multidão, avançando pelas vielas estreitas que subiam até o acampamento, que ficava em volta de uma torrezinha de pedra, a poucos metros de uma ampla porta fechada com grade. Dali partia uma larga estrada vigiada por soldados de couraça escura.

Até apear, Laerte evitou a todo custo baixar o olhar para sua gente, que ia até ali em busca de paz. Em nenhum momento se atreveu a encarar ninguém, com medo de que o reconhecessem... ou de que percebessem seu sofrimento. Angustiou-se quando uma tropa passou por trás deles. Acabara de apear ao pé da torre e a ideia de estar na boca do lobo lhe causava um aperto no peito. Para onde quer que olhasse, só via militares e refugiados. Ali, à entrada de uma tenda alta e larga, uma mulher embalava suavemente seu bebê para acalmá-lo. Adiante, soldados discutiam com um homem de rosto marcado pelo cansaço. Mal ouvia a voz de seu mentor, que havia alguns minutos

discutia com um jovem tenente de armadura reluzente.

– Quem comanda este acampamento?

– O general Négus, senhor...

Um estava limpo, penteado e intimidado. O outro passara meses nos pântanos, estava sujo e fedido, com a armadura amassada, o cabelo desgrenhado e um semblante exausto.

– Pois vá chamá-lo, depressa. – Mas logo estalou os dedos para atrair a atenção do tenente apressado. – Diga a ele que Dun-Cadal Daermon está aqui.

O tenente ficou perturbado. Por detrás da sujeira dos pântanos que maculava a armadura, entreviam-se as cores do Império. Qualquer militar reconheceria a patente gravada nos ombros. Mas o general Daermon fora dado por morto fazia quase um ano. O tenente assentiu e subiu a escada de pedra que levava ao alto da torre sem pedir mais explicações.

Laerte então reparou que não era para ele que se dirigiam os olhares. Quem chamava a atenção era Dun-Cadal. Soldados cochichavam entre si, guardas se detinham ao vê-lo e outros, em patrulha, se afastavam sem tirar os olhos dele.

O general amarrou as rédeas do cavalo numa grande viga de madeira que se projetava da pedra. Laerte o imitou e aproximou-se dele.

– Por favor, Rã, comporte-se. Não vá causar má impressão – disse em tom firme.

– Está bem, Pernalta...

– Pare de me chamar assim – reclamou. – Aqui sou o general Dun-Cadal Daermon, então me chame pela minha patente! Santa Miséria!

Nervoso, puxou o plastrão para ajustá-lo. Com todo mundo o observando com certa reverência, só o que o preocupava era Laerte causar uma boa impressão. Depois de o garoto salvar sua vida, de o ajudar a cruzar as linhas inimigas, era assim que o general o via: um moleque que a qualquer momento podia envergonhá-lo.

– Pelos deuses! PELOS DEUSES! – exclamou alguém.

Virando-se, Laerte avistou um homem baixo e rechonchudo, apertado dentro de uma armadura dourada, vindo em sua direção com os braços abertos.

Em seu rosto, um sorriso encantado e, nos olhos, um brilho de alegria.

– É você? É você mesmo?

– E quem haveria de ser? – retrucou Dun-Cadal, achando graça, enquanto colocava uma das mãos no ombro de seu aprendiz.

Lenta, mas firmemente, afastou-o para o lado enquanto o general baixinho se aproximava. Então se abraçaram, com fortes tapas nas costas. Carrancudo, Laerte os observava de esguelha: riam, felizes com o reencontro.

– Disseram que você tinha caído! Eu não pude acreditar. Um ruargue dando uma surra em você, Dun-Cadal Daermon?

O homenzinho riu.

– Você foi mal informado – rebateu Dun-Cadal, afastando-se. – Confesso que foi por pouco.

– E Tomlinn?

Dun-Cadal balançou tristemente a cabeça em resposta.

– Eu teria acabado como ele se não fosse por esse garoto... Rã!

Com um gesto, convidou Laerte a se aproximar e pôs a mão em seu ombro com firmeza.

– Este é o general Négus, um dos meus mais leais companheiros de armas. Négus, permita que eu lhe apresente o cavaleiro Rã.

– Rã? Cavaleiro Rã? – zombou Négus.

– Foi o nome que eu lhe dei – explicou o general.

Falava com uma ponta de desprezo, como se Laerte fosse um simples animal de estimação.

– Que olhar tão cheio de... arrogância – observou Négus.

– É um órfão das Salinas, meu amigo. Tem lá seu temperamento. Esqueça. Temos tanto para conversar... antes de eu me dar o prazer de finalmente tomar um banho.

– Isso eu entendo. – O homenzinho sorriu, alternando o olhar entre o general e o menino. – Dá para sentir seu cheiro a 10 léguas de distância.

Conduziu-os para dentro da torre, subindo pela escada externa e passando por uma porta pequena que dava num labirinto de corredores iluminados por tochas fracas. O edifício inteiro era feito de largas pedras escuras e corria pelo chão uma fina nuvem de poeira. Fora construído antes mesmo que se erguesse o Império, quando Garmaret ainda não passava de um simples reino, e, apesar de recentes reformas, mantinha o aspecto bruto das antigas fortificações que se multiplicavam por aquelas terras. Não havia em sua arquitetura nenhum requinte, nenhuma tentativa de embelezar a pedra, somente aquela cor de sujeira.

Entraram numa sala ampla e Négus relatou os fatos que tinham levado à retirada para Garmaret. Tentaram reconquistar Forte d’Aed, mas acabaram expulsos por um exército bem mais aguerrido do que esperavam. Também pudera, um condado vizinho resolvera apoiar os rebeldes, reafirmando o desejo de independência e um apoio incondicional ao novo líder da revolta. Acreditaram por muito tempo que se tratava de um certo Meurnau, antigo capitão da guarda de Oratio de Uster. Na verdade, persistentes rumores mencionavam o filho caçula do falecido conde: Laerte.

Ao ouvi-lo pronunciar seu nome, Rã teve a impressão de que Négus piscava para ele. Suas mãos ficaram úmidas, a respiração, difícil. Empalideceu, sentiu-se vacilar quando Dun-Cadal agarrou seu pulso.

– Rã, está me ouvindo? – repetiu.

Percebeu então que não era a primeira vez que ele perguntava.

– Esse garoto está exausto, Dun-Cadal. Vou pedir que cuidem dele – disse Négus, contornando a imensa mesa em torno da qual conversavam havia mais de uma hora.

Laerte pouco acompanhara a discussão, tamanho o medo de ser descoberto a qualquer momento. A mera menção ao seu nome terminara de embaralhar suas ideias.

– Se não estiver se sentindo bem, avise – censurou Dun-Cadal, ajudando-o a ir até a porta.

Um soldado foi encarregado de levá-lo até um pequeno quarto. Lá, duas criadas prepararam um banho quente em que ele mergulhou, trêmulo. Quando ficou sozinho, quase caiu em prantos. O medo o oprimia com tanta violência que se sentia esmagado. Com os braços pendendo nas laterais da tina de madeira, fitava com um olhar sem expressão os fios de vapor se entrelaçando

sobre a água quente. Por trás do véu que formavam, uma claraboia dava para a luz do crepúsculo, e por ela vinham os ruídos bélicos do forte. Cascos de cavalos na estrada asfaltada, passos e tilintar de armas.... vozes fortes e autoritárias. E o pranto de seu povo, perdido em Garmaret, tão longe de casa. Aos poucos foi recobrando as forças e, ao sair do banho, encontrou uma pilha de roupas limpas separadas para ele sobre a pequena cama. Vestiu-se, saboreando o suave contato do tecido sobre a pele. Custou um pouco para calçar as botas enceradas, de tanto que seus pés tinham padecido em seus antigos sapatos de pele. Uma vez limpo, vestido da cabeça aos pés, deitou-se na cama, pensativo. Não tinha ideia do que estava por vir. Será que conseguiria ir até o fim sem ser descoberto? Nem pensava em desistir, mesmo com toda a incerteza.

Recordou o dia em que voltara a Forte d'Aed depois de vários meses nos pântanos. Deixara o general agonizando perto da carroça e vira em seu cavalo o melhor jeito de chegar com tranquilidade à cidade. Quase se perdeu várias vezes, mas conseguiu encontrar o caminho. Qual não foi sua surpresa ao saber que Meurnau não só tinha sobrevivido ao ataque do Império como tinha retomado a cidade.

Sim, recordava a sua alegria, a esperança que redescobriu ao se aventurar nas ruas sossegadas... até chegar à praça principal e perceber que tinham roubado sua vida. Laerte de Uster está vivo e anda pelas Salinas, diziam. Laerte de Uster está liderando a revolta e ganhou mais uma batalha, comentavam. Laerte de Uster tem 20 anos? Aparentava bem menos...

Falavam dele em todo lugar, como se fosse alguém que ele não conhecia. Relatavam-se por todos os lados as últimas façanhas de um homem que não era ele. E, o que era pior, as pessoas acreditavam naquilo tudo sem manifestar a menor dúvida. Embora todos guardassem na memória o rosto de seu amado pai, quem lembrava realmente do seu? Tinha apenas 14 anos, ninguém acreditaria. Tivera medo da reação de Meurnau se descobrisse que estava vivo. Chegara a imaginar que o capitão da guarda se aproveitara da situação para tomar o poder nas Salinas e que o mataria na primeira oportunidade para não ter que desmentir os boatos sobre seus feitos de armas.

Recordou e adormeceu com o coração pesado.

Ficaram quatro dias em Garmaret, desfrutando de um descanso reparador. E a cada dia chegavam mais refugiados. Dezenas de colunas que, depois de levantada a grade, tomavam a estrada rumo a Émeris. Garmaret não passava de uma etapa. O imperador havia assinado um decreto anunciando que todo morador das Salinas encontraria asilo na capital. Laerte muitas vezes ficava sozinho em seu quarto, deixado de lado por seu mestre, ocupado em se informar sobre o andamento da guerra e discursar para as tropas de plantão junto à porta. O garoto foi várias vezes maltratado quando o acompanhava em suas inspeções fortuitas. Rendeu-se rapidamente às evidências: o general não o queria por perto, a não ser nas poucas horas de treino que se permitiam no final do dia.

Na manhã do quarto dia, num momento em que a grade estava erguida para dar passagem a mais um cortejo de exilados, resolveu sair da torre usando uma capa azul gentilmente emprestada por uma criada. Com o rosto encoberto pelo capuz, desceu a escada externa até a metade e, deslizando a mão pelo corrimão, observou as carroças avançarem sob as grades em meio a uma nuvem de poeira. Soldados gritavam de um lado e do outro da coluna, ordenando aos infelizes que

andassem mais depressa.

Laerte seguiu sem ruído, baixando ligeiramente os olhos, e contornou o acampamento em direção à estrada. Tentava distinguir um rosto familiar na multidão, algum conhecido, alguém cuja simples visão pudesse reconfortá-lo.

Em meio a alguns barris, entre duas tendas largas, aguçou o olhar encarando cada pessoa que passava a poucos metros dali. Observava-as caminharem cabisbaixas, sem ânimo. Então tinham lhes tirado tudo: não apenas os bens, mas também a dignidade.

*Nunca se esqueça, Laerte: se o seu pai morreu, foi, em primeiro lugar, pelo povo. Ele jamais trairia o povo.*

Mas pouco importava ao povo, afinal, se seu pai havia morrido por ele... Lá vão todos pelas estradas, levando consigo o único bem que vale a pena defender: a própria vida. Cansado de tudo aquilo, mais desanimado que nunca, resolveu voltar. Ziguezagueou entre as barracas e, se baixou a cabeça, não foi por medo de ser reconhecido, mas por começar a se dar conta das consequências do conflito. Até aquele momento, será que tinha realmente entendido? Parou de repente e ergueu a cabeça. A alguns passos dali estava uma moça agachada entre duas tendas, tirando a mão trêmula de uma sacola aberta a seus pés.

– Não, eu... eu... – gaguejou ela. – Não é o que está pensando. Esta sacola eu achei, eu não...

Seu vestido estava empoeirado, o cabelo preso às pressas na nuca, e, apesar de seu aspecto lamentável, deixou Laerte boquiaberto.

– Laerte... – sussurrou ela. – Laerte? É você mesmo?

Voltando a si, ele olhou rapidamente ao redor para ver se ninguém os observava e quase se lançou em cima dela. Mas, em vez de abraçá-la, levou a palma da mão a sua boca para abafar suas palavras.

– Rã – disse depressa. – Meu nome agora é Rã, não é mais Laerte. Aqui todos me conhecem por Rã. Entendeu? Ninguém pode saber.

Ela tentava falar por trás da mão, mas só emitia sons incompreensíveis. Seus olhos arregalados se enchiam de lágrimas, não de tristeza, mas de alegria.

– Entendeu, Esyld? Se você disser quem eu sou, se ouvirem você falar meu nome, eu morro, entende?

Fez uma pausa. Os olhos da moça sorriam. Ela assentiu. Devagar, ele tirou a mão, sentindo os finos lábios se afastarem com um beijo suave. Olhavam um para o outro sem dizer nada, embalados pelo sacolejo das carroças ali perto.

– É você mesmo? – sussurrou ela.

Seus dedos roçaram os dele. Nunca tinham estado tão próximos, tanto que até pensou em beijá-la afinal, provar seus lábios e se entregar por inteiro. Mas a preocupação foi mais forte que o desejo.

– Achamos que tinha morrido... Procuramos por você dias e dias...

– O que está fazendo aqui? – perguntou ele secamente.

Não acreditava numa palavra sequer. Meurnau o teria encontrado, conhecia bem os pântanos. E não tinha transformado o nome Laerte de Uster num estandarte em torno do qual todos se

uniam? Não, o capitão Meurnau tinha mesmo se aproveitado do sumiço de Laerte para torná-lo mais forte, maior e mais agregador do que o garoto jamais seria.

– Estou fugindo das Salinas – respondeu ela, surpresa com seu tom.

– Por quê? Forte d’Aed não foi libertado?

Embora feliz por reencontrá-la, não suportava a ideia de vê-la ali. Se acontecesse alguma coisa com ela...

– Meu pai se rendeu – confessou ela. – Mas não é o que você está pensando. Ele vai se infiltrar no palácio. Meurnau tem um plano, tem muitos aliados para...

Não conseguiu continuar. Laerte se afastava, contornando uma tenda para se aproximar da estrada. A procissão se estendia: uma sucessão de carroças capengas com rodas instáveis puxadas por cavalos extenuados, os freios cobertos de baba grossa...

– Vou ficar em segurança lá – afirmou ela, ciente da preocupação dele.

Aproximou-se de Laerte e pôs delicadamente a mão em seu ombro.

– Eu também vou para Émeris – contou ele, com um ar distante.

– O quê? Seu lugar é em Forte d’Aed, Lae... – Ele inclinou a cabeça e ela se corrigiu. – Rã...

– Meu lugar é onde está o imperador – resmungou ele. – Meurnau está se virando muito bem sem mim nesta guerra.

– Rã – murmurou ela –, ninguém espera isso de você, tem só 14 anos.

Ele virou-se para ela com uma careta. Claro, para ela, ele não passava de um menino. Claro...

– Ele matou o meu pai.

– Eu sei – concordou ela, passando a mão em seu rosto para acalmá-lo.

– Eu vou matá-lo.

A mão dela se deteve, enquanto seus olhos o fitavam com um momentâneo brilho de pavor.

– É, eu vou matar o imperador – confirmou ele. – Para eles, eu agora sou Rã. Ajudei um cavaleiro que estava perdido nas Salinas. Virei seu aprendiz. Vou me tornar o maior dos cavaleiros e vingar minha família. Meurnau não procurou por mim.

– O quê? Como pode...? – gaguejou Etyld.

– Eu sei disso – jurou ele, imperioso. – Escutei essa conversa sobre um tal Laerte que estaria liderando a revolta. Já que não me tem mais sob sua asa, ele está usando meu nome para se dar prestígio. Ele que conduza esta guerra como bem entender. Quanto a mim, não vou descansar enquanto não matar Reyes.

– Você não está pensando...?

Pensava nisso todos os dias. Todos os dias, havia mais de um ano. Sustentou o olhar dela com convicção, querendo mostrar que não tinha dúvidas.

– Estou determinado, Etyld – avisou. – Eu fiz umas coisas, eu...

*MADOG!*

– Não posso mais recuar...

Sentia-se digno, estava tranquilo, como nunca pensara ser capaz.

– Se é o que os deuses querem... – disse Etyld, baixando os olhos.

– Os deuses não têm nada a ver com isso – rebateu ele. – Quem decide minha vida sou eu. –

Compreendia, afinal, que estava apto a assumir as rédeas de seu destino. Nas Salinas, desde sempre, e até no início da revolta, ele muitas vezes fizera o que lhe mandavam, sem nunca conseguir impor sua vontade.

– Quem decide o meu futuro sou eu, ESYLD.

Lívida, ela se obrigou a sorrir. Percebia quão determinado ele estava e que não aceitaria nenhuma objeção.

– Bravo homenzinho – elogiou, e enfiou a mão no decote sujo. – Mas, de tanto se fazer passar por outra pessoa, não vai acabar virando quem não é?

Tirou do decote uma estatueta de madeira que ele reconheceu de imediato. Era um cavalo toscamente entalhado. Ela hesitou um instante antes de lhe entregar.

– Ei, você aí! – chamou uma voz rouca.

Do outro lado da estrada, um soldado que acompanhava o cortejo vinha em sua direção. Sem esperar mais, ESYLD pegou sua mão e nela colocou a pequena escultura.

– Volte para a coluna! – ordenou o soldado antes de agarrá-la.

– Para você não se esquecer de quem é.

– Solte-a! – bradou Laerte.

Mas em seguida uma voz forte o paralisou:

– Rã!

Atrás dele, apoiado no corrimão da escada da torre, Dun-Cadal o fitava com ferocidade. Antes de pensar numa explicação para seu comportamento, sentiu a mão de ESYLD apertando a sua.

– Não se esqueça, Rã – disse ela enquanto o soldado a arrastava para a estrada. – Nunca se esqueça de quem você é. Nunca.

Com um gesto brusco, livrou-se do soldado. Foi tudo tão rápido que ele não teve tempo de reagir. Os lábios da moça se uniram aos seus numa suave carícia, seus dedos finos e macios afagando seu rosto. Era úmido, surpreendente úmido. Tão bom, tão inebriante... Ela estava junto dele, como se sempre tivesse estado ali, fosse lá o que fizesse, aonde quer que ela fosse, seu lugar era ali, junto dele...

– Venha aaaaaqui! – esbravejou o guarda, apartando-a do garoto.

Ele ficou ali atordoado, ainda sentindo o gosto açucarado do beijo nos lábios.

– Para você não me esquecer – murmurou ela.

Enquanto o soldado a arrastava pela multidão, seu murmúrio foi virando um grito, uma verdade gritada ao mundo, rasgando seu coração:

– Eu amo você. Sempre vou amar. Sempre. Não se esqueça de mim. Não se esqueça de nós. Rã! Nunca se esqueça de quem você é... Rã! Nunca se esqueça! Eu amo você!

Quando ele enfim pensou em correr atrás dela, o soldado já a tinha içado para a traseira de uma carroça. O cortejo passou por baixo da grade, o sacolejo das rodas deixou uma nuvem de poeira para trás.

– Rã! Volte aqui!

Decidido, Dun-Cadal descia a escada para alcançá-lo. Laerte apertava o cavalinho de madeira na mão. A coluna estava terminando de entrar e os soldados se preparavam para baixar a grade,

que caiu depois que a última carroça passou chacoalhando.

# 4

## O ROSTO DO INIMIGO

*– Eles não passam de crianças.  
Sou responsável por eles. Por este Império.  
Assim está escrito desde a noite dos tempos.  
– Eles o transformaram num fantoche.*

Ele jazia, amorfo e desnortado, numa casa triste no centro de Massália. Rogant o acompanhara ao andar de cima sem dizer uma palavra e o fizera entrar no quarto. Deitado numa cama sobre um cobertor puído, retomava o fio de sua vida na esperança de encontrar algum sentido. Os últimos acontecimentos confirmavam sua impressão de ter fracassado em tudo, ao passo que os generais que tinham servido a seu lado se encontravam no poder. Não tinha conseguido salvar o Império e não aproveitara sua decadência para ocupar um cargo honroso. Se algum ideal lhe restara, virara um fardo.

Quando a porta do quarto se abriu, sequer esboçou um gesto, fitando o teto, os pensamentos distantes. Pairou um cheiro de lavanda no cômodo e só então ele virou a cabeça para o lado. Por um instante, teve a esperança de ver Mildrel junto à porta. Estranhamente, não foi uma decepção reconhecer a frágil silhueta de Viola.

– É meio precário, eu sei, mas pelo menos é melhor que a prisão – disse ela, não se atrevendo a entrar.

Como ele não reagiu, ela avançou. Usando seu vestido verde simples, parecia ansiosa. Mãos unidas às costas, mantinha a capa sobre os ombros, como por pudor. Ao chegar perto da cama, curvou-se ligeiramente para entrar em seu campo de visão e inclinou a cabeça.

– Cansado?

Resmungando, ele voltou a contemplar o teto.

– Sim, sei o que está pensando. Também sinto a mesma coisa. – Ele se deteve e quase se ergueu quando ela continuou: – Também me sinto traída. – Percebeu que ela puxava uma cadeira para se

sentar. – No início, quando o senhor falava em Rã, eu estava a léguas de imaginar que se tratava dele – explicou. – Nem ele tinha me avisado que a pessoa que eu tinha que encontrar era um famoso general do Império.

Intrigado, ele se apoiou nos cotovelos para se levantar, sem nem olhar para ela. Parecia distante.

– O que foi que ele disse? – perguntou com uma voz abafada.

Um sorriso se desenhcou nos lábios de Viola. Ele esperava respostas e, mesmo que não fosse capaz de lhe dar, talvez pudesse ajudar a clarear um pouco suas ideias. Assim como ele, sentia-se meio atropelada pelos acontecimentos.

– Era para eu achar um soldado, um tal de Dun, que contava a quem quisesse ouvir que tinha fugido de Émeris levando a espada. Era para eu convencê-lo a nos levar até Eraed...

Ele enfim se dignou a olhar para ela.

– Está vendo? – disse a moça, inclinando-se. – Eu não menti. Apenas não falei tudo. E nisso... – Ela ergueu os olhos, pensativa. – ... nisso imagino que sou igual a ele... – Antes que ele tornasse a se deitar, ela afirmou: – Estranho, não é?

Ao vê-lo escorregar as pernas para fora da cama para se sentar, soube que conseguira chamar sua atenção. Com o passar dos dias, passara a sentir certa afeição pelo velho general. Compreendera o que o tinha derrotado. Imaginava-o grosseiro, arrogante e autoritário nos seus tempos de esplendor. E agora era apenas uma espada quebrada. Ele desejara dar o mundo a um garoto das Salinas cuja perda o destruíra enquanto o Império pelo qual teria dado a vida ruía.

– O que é estranho? – resmungou ele.

– Ter tanta mágoa dele mas não deixar de amá-lo – disse ela, baixando o olhar.

O general a fitou, reparando em seu súbito constrangimento quando percebeu o duplo sentido de suas palavras.

– Você e ele...?

– Não, isso não – respondeu ela depressa. – Eu o conheço muito pouco, na verdade... e nem sei ao certo se ele sabe que eu existo...

Ela enrubesceu. Não, é claro que não estavam juntos, mas ela agora não tinha mais como negar que sentia alguma coisa por Rã... Laerte... Ele fazia o que bem queria, e Dun-Cadal não tinha mais nada a ver com isso. Só o que desejava era sair daquele quarto, esquecer o que tinha visto, beber até não poder mais.

Então por que não se levantava, passava pela porta, descia a escada, nocauteava o nãaga que estava na sala e desaparecia na boemia de Massália? Por que ficava ali? Ele tinha perdido Rã. Estava descobrindo Laerte de Uster. Sem ter a menor ideia do que acontecera no meio-tempo e que decerto daria um sentido para tudo aquilo. No caos de seus pensamentos, Viola era a única coisa inalterada e tranquilizadora.

– O que faz aqui? – perguntou, perturbado. – Você pelo menos é historiadora?

– Sim. – Ela aquiesceu devagar. – Sou mesmo historiadora do Grão-Colégio, mas estudar custa caro, sabe, e garotas como eu, filhas de gente simples, precisam recorrer a padrinhos. O meu é um conselheiro chamado Page. Um homem bom, íntegro, mas de quem sou, de certa forma, devedora.

– Page? Quer dizer que ele também se deu bem – ruminou o general entre dentes.

Mais um. Mais um dos que haviam se beneficiado com os favores do imperador, tinham buscado sua companhia para, no fim das contas, abandoná-lo como se nunca tivesse tido importância. O duque de Page era famoso por suas festas orgiásticas, seu comportamento atrevido e os desagradáveis boatos que corriam a seu respeito. Um depravado que Dun-Cadal desprezava desde os tempos da nobreza. Um bicho na fruta, cuja fome o imperador não soubera conter...

– Se lhe deve tanto assim...

– Foi ele quem me mandou aqui – declarou Viola, meneando a cabeça outra vez.

Um fraco. Sim, um fraco que andava sempre bajulando. Não dava para entender. Então era assim, na base da bajulação, que ele tinha salvado a pele e obtido um cargo de conselheiro? E todos os outros, tinham aberto mão da própria dignidade para permanecerem no poder? Será que ainda existia um pingo de honra neste mundo? Sua cabeça rodopiava.

– Por que aqui? – exaltou-se, com um nó no estômago. – Por causa de Eraed? Mas por que matar os conselheiros? O que vocês estão querendo?

Sua garganta estava seca. Com muita dificuldade proferiu a última pergunta, talvez a mais importante para ele:

– Por que ele nunca me contou?

Lágrimas se acumulavam sob suas pálpebras, prestes a submergi-lo. Maxilares cerrados, tentava desesperadamente contê-las, mas algumas escorreram e, com elas, o pesar de não ser mais a rocha que fora um dia. Ao sentir as mãos suaves da moça sobre as suas, teve a sensação de despencar numa queda sem fim, sem a esperança de ter algo em que se segurar.

– Não sei – respondeu ela calmamente. – Talvez seja para lhe dar essa resposta que ele veio ao seu encontro...

Ele não acreditou nisso nem por um segundo. Uma parte da sua vida tinha se construído sobre uma mentira. Amara esse menino. Por que tinha se revelado se não fazia parte do plano? Inclinou a cabeça e contemplou as mãos de Viola, que acariciava com os polegares sua pele lembrando couro velho.

– Foi Azdeki quem mandou enforcar o pai dele. É por causa de Azdeki que ele está aqui? – indagou de repente, reassumindo o controle de suas emoções.

Fitava-a com um olhar feroz, ainda turvado de lágrimas. Ela o encarou sem responder.

– Azdeki, Négus, esses homens que serviam ao Império, que condenaram Oratio de Uster... É esse o elo, não é? – prosseguiu Dun-Cadal. – Não foi à toa que Rã... – Com a garganta apertada, ele inspirou fundo. – ... que ele adotou a aparência de Logrid, mas...

Olhava para Viola a fim de manter sua linha de raciocínio, esperando que o caos das perguntas não tomasse conta de sua mente outra vez. Tentava juntar cada fato, cada frase, cada detalhe gravado em sua memória num todo coerente. A presença de Rogant na frente da taberna, impedindo que ele entrasse na viela, a briga provocada por um nâaga para distrair os guardas antes do assassinato de Enain-Cassart, o perfume de lavanda de Viola, que lembrava o de sua amante.

– Não. Não é só uma questão de vingança – corrigiu-se Dun-Cadal. – Não é só por causa de

Azdeki... Vocês queriam a espada.

Ela desviou o olhar, pensativa. Então falou.



– Não é só uma questão de vingança, capitão – disse uma voz fraca. – É uma questão de fé. A sua fé...

– Eu sou um conselheiro – retrucou Azdeki em tom cortante.

Deu um passo em direção às grades e, altivo, a mão empunhando a espada, examinou o prisioneiro de alto a baixo. Tinha trocado sua toga de conselheiro por um traje mais militar, que incluía botas pretas compridas e uma leve sobreveste de couro. Na escuridão da cela, o velho com uma simples túnica encardida permanecia sentado, pés descalços no chão de terra úmida. Seus cabelos, que outrora lembravam longos fios de seda, brancos e puros, eram um emaranhado coberto de lama com os poucos fios que lhe restavam.

– Não se esqueça do que eu fiz – continuou Azdeki, ameaçador. – Nem pense em esquecer.

– Como poderia? – O velho riu tristemente. – Você se aproveitou da confiança que havia entre nós para destruir minha dinastia. Pode até saborear o seu sucesso, mas para mim nunca vai passar de um capitão.

– Conselheiro! – berrou Azdeki, agarrando as grades.

Lívido, tentado a arrombar a cela, a raiva desfigurava seu rosto. Balançando a cabeça, soltou as grades e, inspirando profundamente, passou a mão pela cabeleira grisalha.

– Eu sei que você está metido nessa história. Não sei como, mas sei que é responsável por tudo isso – afirmou Azdeki, meio ofegante. – Caso contrário, me diga: por que ele estaria com a aparência de Logrid? Anvelin...



– ... Evgueni Reyes... – disse Dun-Cadal, incrédulo.

– Ele o mantém prisioneiro no calabouço do Palatio – confirmou Viola.

Dun-Cadal passou nervosamente a mão no rosto, seu olhar fitando o nada.

O bispo de Émeris, tio do último imperador. O homem que um dia o ajudara e depois o traía. Como todos os outros. Sentia um misto de raiva e satisfação ao imaginar o ancião numa cela miserável, sujeito a mil suplícios. Tanto que até se esqueceu de continuar interrogando Viola.

– Dun-Cadal?

Com a mão na frente da boca e expressão aflita, virou os olhos para ela, que continuava surpreendentemente calma. Mais uma vez, sentiu-se apaziguado por isso. Ela continuava olhando para ele com doçura.

– Por quê? – murmurou ele afinal.

– Para dar o exemplo? – sugeriu ela com um sorriso triste.



Ele se levantou, febril, apoiando-se com as mãos ressecadas na parede úmida do calabouço. Então, com passos hesitantes, foi até a grade que o separava de Azdeki. Quando conseguiu pôr as mãos nas grades imundas, fitou o ex-capitão com um intenso olhar azul e, apesar da exaustão, esboçou uma careta.

– Ele está aí, Azdeki. Você está com medo. O fantasma do Império que renegou. Dessa fé que deixou para trás. Estava escrito, Azdeki. Você não pode fugir do seu destino.

– Não tenho medo de fantasmas – respondeu calmamente o conselheiro, aproximando o rosto da grade. – Nem das suas palavras. Você, que nunca respeitou o Livro Sagrado, que traiu a Ordem de Fangol por interesses familiares. O que está escrito, Anvelin, é a triste derrota de seu sobrinho e o advento de minha República. E em breve você vai poder conferir pessoalmente.



– O que ele sabia, Viola?! – impacientou-se Dun-Cadal.

Levantou-se de um salto, nervoso, ciente de estar descobrindo ali tudo o que não conseguira enxergar durante sua antiga vida. No tempo em que era orgulhoso, poderoso e glorioso, estava a serviço de um Império eterno.

– O que é que o bispo sabia?

Examinou-a de alto a baixo. Viola continuava sentada, sem reagir, fitando a cama vazia à sua frente, mãos unidas sobre os joelhos.

– O que Oratio de Uster possuía nas Salinas – confessou baixinho. – O motivo de os Azdeki se voltarem contra ele. E depois contra o imperador. O que a família Uster vinha guardando havia séculos e que Oratio queria revelar ao mundo... – Ela então virou delicadamente a cabeça em sua direção e seus olhos enfrentaram o olhar incrédulo do general. – O Livro.

– Que Livro? – indagou Dun-Cadal com um nó na garganta.

– O... *Livro* – repetiu Viola, enfatizando a palavra com um breve meneio de cabeça.



– Não vai convencer ninguém, Azdeki! – gritava Anvelin com toda a força. – Ninguém pode ler o Livro! Ninguém!

O vulto do conselheiro se afastava no corredor, arrastando atrás de si uma imensa sombra à luz das tochas, cujo crepitar sobreviveu ao som de seus passos na escada de pedra.

– Ninguém – concluiu num soluço contido.

Cansado, Anvelin deixou-se cair de joelhos junto à grade. Não escutou os passos vindo em sua direção. Só a sombra que o cobriu fez com que erguesse os olhos e um sorriso, enfim, iluminou seu rosto encovado de rugas e inanição.

– Você estava aí? – alegrou-se Anvelin com voz arranhada. – Sim, você está sempre aí... sempre. Como uma lembrança. Nunca me abandona.

A sombra se mantinha calada. Examinava-o por trás de uma máscara dourada, inexpressiva, riscada por uma fenda.

– Estava escrito, não é? – Anvelin tremia, sentindo-se entre a alegria e a exaustão. – Estava previsto pelos deuses desde sempre. Caso minha linhagem caísse, você voltaria para nos vingar... sim, voltaria. Não foi um erro nos julgarmos dignos de governar, não, não foi. Rezo todo dia para agradecer aos deuses, sabe? Todo dia. – Seu rosto se contraiu de repente de remorso. – Não, eu não duvidava! Não duvidava do *Liaber Dest*, sempre foi assim desde muitos séculos. Para os Usters, o Livro, e para nós, a Espada. Sempre foi assim. – Seu sorriso ressurgiu. – Você estava aí? – repetiu, como se a sombra acabasse de aparecer. – Está sempre aí... sempre. Como uma lembrança...

A capa verde estalou quando a sombra tomou a direção da escada.

– Nunca me abandona... nunca... – disse Anvelin, soluçando.



Dun-Cadal estava recostado na parede, o olhar perdido nos sulcos do piso, sem saber direito onde estava nem como e por que chegara ali. Já não pensava, não reagia, submerso em uma torrente de sentimentos contraditórios, dominados por uma imensa tristeza. Era essa a dor surda, a chaga que não parava de sangrar e lhe rasgava o coração.

Para além das manipulações, das traições, uma única coisa, e que coisa, causara a sua decadência.

– O *Liaber Dest* – murmurou.

Mal reparou no estalar da cadeira quando Viola se levantou e veio para junto dele. O cheiro de lavanda o tirou de sua confusão e ele encontrou seu olhar.

– Depois do casamento do filho, na Noite das Máscaras, Étienne Azdeki vai apresentar o Livro Sagrado aos conselheiros convidados – anunciou ela gravemente, medindo as palavras. – Imagine o que um homem não é capaz de fazer quando tem nas mãos o destino do mundo. Que prestígio isso não vai lhe dar perante o povo?

– O prestígio de um deus entre os deuses... – murmurou Dun-Cadal.

– E, graças a Anvelin Evgueni Reyes, ele soube conquistar o apoio da Ordem de Fangol, Dun-Cadal – continuou Viola. – O que vai se definir na Noite das Máscaras é o destino de toda a República. Da nossa política, de nossas crenças. É por isso, Dun-Cadal, que estamos aqui.

– E a espada? – perguntou ele.

Estava atordoado, tentando encontrar seu lugar nessa história. Não que saber o motivo de sua presença ali fosse tranquilizá-lo, mas pelo menos esclarecia o abismo sem fim em que tinha a impressão de despencar.

– Já sabe mais do que o suficiente – desculpou-se Viola com um sorriso pálido. – Laerte não aprovaria eu ter lhe contado tudo isso.

Afastou-se em seguida em direção à porta. Seu perfume. A fragrância continuava pairando sobre Dun-Cadal. O ancião não se moveu quando Viola perguntou, constrangida:

– O senhor sabe por que está aqui?

Estava parada junto à porta, hesitante, segurando a maçaneta. A luz do lampião a óleo pendurado na parede se mesclava com suas sardas, como duas chamas se unindo sobre seda branca. Seus olhos verdes brilhavam de ternura.

Dun-Cadal balançou a cabeça, temendo que ela desse a resposta.

– Eu o conheço pouco, mas, pelo que sei, e pelo que o senhor me contou da sua história, acho que... – deixou seu olhar vagar pelo quarto, buscando as palavras – ... ele precisa do senhor, Dun-Cadal.



Laerte avançava seguro mas calmamente, se escondendo atrás das colunas dos corredores quando passava uma tropa em patrulha. Continuou, alerta, se mesclando à escuridão, sem perder de vista o vulto altivo do conselheiro Azdeki. Seguiu-o pelos meandros do palácio, desde a grande sacada interna que encimava o salão de baile até a escadaria imponente.

Laerte parou junto ao primeiro degrau e o observou enquanto descia, cada vez mais rápido, parecendo irritado. O conselheiro apressou o passo pelo mármore colorido, passando diante das grandes estátuas em honra dos deuses sem nem lhes lançar um olhar. Era um salão imenso, circular, com uma abóbada em que inúmeras cenas pintadas relatavam a história dos Caglieres, desde a primeira cidade até as grandes batalhas contra os reinos dos Majoranos, deuses abençoando seu destino até o advento do primeiro imperador e sua busca pelo *Liaber Dest*, e, por fim, o retrato de uma mulher seminua perfurando com uma lança reluzente o coração de um desconhecido. Adismas aparecia no centro, olhos fixos no piso de mármore constelado de estrelas pretas, usando um amplo manto vermelho, a barba branca conferindo-lhe a aparência de um sábio. Tinha o braço esquerdo dobrado sobre o tronco e, na mão, um livro. Na mão direita erguida, Eraed, aureolada de luz divina.

*Em minha mão esquerda, o Livro, em minha mão direita, a Espada.*

Azdeki desapareceu atrás das largas portas abertas no fundo do salão. Não era lugar, e muito menos hora, de agir. Laerte sabia disso, mas nem por isso o desejo era menos sufocante. Podia correr para cima dele, transpassá-lo com a espada e acabar logo com isso, sem mais adiar, sem risco algum.

*E a meus pés, o mundo...*

Não. Azdeki não era o único culpado. E era graças ao orgulho de seu líder que outros, como Bernevin ou Rhunstag, não tinham fugido de Massália após o assassinato de dois de seus pares.

Étienne Azdeki jamais desistiria, estando tão perto de alcançar seu objetivo. Era ambicioso demais e, se até então se mostrara paciente, não aguentava esperar mais. O dia do casamento de seu filho seria também o de sua consagração.

Laerte inspirou fundo e retomou seus passos, resolvendo contornar Azdeki. Guiava-se pelo que recordava da planta do Palatio, buscando o caminho mais seguro para cruzar o trajeto do conselheiro. Uma dúvida sinuosa, viciosa, o invadiu. Sabia-se capaz de enfrentar aquela prova, tinha lutado contra *seu* dragão. Mas será que, quando estivesse face a face com Azdeki, conseguiria controlar a ira que o devorava havia tantos anos?

Para se sentir mais seguro, repetia em sua mente a última etapa do plano, o momento em que, finalmente, teria Azdeki só para si, sem nenhum risco de pôr nada a perder.

Enveredou pelos estreitos corredores do edifício, achando melhor mover-se nos espaços exíguos que os guardas evitavam ao fazer a ronda. Dali a dois dias, o Palatio não estaria mais tão acessível. Os mínimos recantos seriam revistados antes da Noite das Máscaras e seus arredores ficariam impenetráveis durante toda a festa. Mesmo sentindo-se capaz de enfrentar um exército inteiro para alcançar seu objetivo, Laerte sabia que, por mais paradoxal que fosse, só havia uma maneira de preparar sua entrada.

Portanto, saiu correndo, torcendo para chegar a tempo de cortar o caminho de Azdeki. Escondeu-se numa alcova escura e esperou pacientemente, recostado na parede, na extremidade de um estreito corredor que dava num amplo salão com várias portas e janelas. Ouviu passos cadenciados se aproximando.

*Es it allae...*

Tinha pensado muito em como iria abordá-lo, no que diria para iniciar a conversa. Sua vontade era gritar-lhe a sua ira, lembrar-lhe quem ele era, fazê-lo reviver seu último encontro. Mas seria puro orgulho, além de prejudicial à missão.

Azdeki se deteve, sem susto nem surpresa, o rosto seco tão imóvel quanto a máscara que acabava de avistar a poucos passos de onde estava. Com os braços cruzados, no escuro da alcova no corredor, Laerte deu um passo à frente.

– *Es it alle en... Es it allarae* – continuou, adotando uma voz grave. – É isso mesmo? O lema de Massália: “O que foste, o que és, o que serás.”

Nas paredes revestidas de vermelho, a escuridão lutava com a luz dos lampiões a óleo. Era ali, próximo aos grandes salões privados que davam para os jardins externos, que ele daria início ao último ato.

– Quem é você? – interpelou Azdeki em tom firme.

Ele empunhara a espada, o cotovelo erguendo a borda da capa. Laerte se perguntou se poderia resistir à ideia de um duelo. Bateria em retirada como previsto ou, devorado pelo ardor da luta, cederia à tentação de acabar com ele? Podia enfrentá-lo de igual para igual. Dessa vez ele podia.

– O que você era? Um homem mais valente, mais inteligente do que queria aparentar, para melhor manipular todo mundo. Não é? E acha que saiu ileso desse papel que atribuiu a si mesmo?

– Essa máscara. – Azdeki fez uma careta antes de alçar a voz: – Pretende me assustar com esse artifício?

– A zombaria, o desprezo dos outros generais – prosseguiu Laerte como se não tivesse escutado. – É isso que você era. Um tormento, no fim das contas.

– Tire essa máscara – ordenou Azdeki.

– Assim como você tirou a sua diante de Reyes?

– Tire a máscara! – irritou-se Azdeki.

Puxou a espada num gesto preciso. Laerte deu um passo para trás.

– Um homem acuado, tão próximo do êxito quanto da derrota, é isso que você é. Uma vida inteira reduzida à importância de um só momento...

Dando um passo à frente, Azdeki brandiu a espada em sua direção. Não estava mais tremendo. Jamais teria medo dele. Mas pelo menos ia temer sua presença no momento de seu apogeu. A guarda seria redobrada. Pensando em se proteger, só iria se enfraquecer.

– O que você vai ser, Azdeki? Um homem morto...

Sempre recuando, Laerte penetrou num vasto vestíbulo cercado de amplas janelas. Atrás das vidraças se desenhavam as curvas umbrosas de um jardim e, ornando as alamedas de cascalho, altas tochas se consumiam na noite clara.

– Eu conheço você – afirmou Azdeki. – Conheço. Quem quer que seja, se não conseguiu me deter até agora, não é hoje que vai conseguir. Nem amanhã.

– Quer apostar?

– Enain-Cassart, Négus... eram melhores que você.

– Mas não o bastante para defenderem a própria vida – rebateu calmamente Laerte.

– Pelo menos defenderam aquilo em que acreditavam. E mostrando a cara...

– Na Noite das Máscaras, Azdeki – prometeu Laerte, segurando o punho da espada. – Na Noite das Máscaras, vamos definitivamente tirar as nossas.

Num movimento brusco, virou-se para as janelas e se atirou para fora.

– Guardas! – chamou Azdeki, a voz mal cobrindo o estardalhaço do vidro.

Laerte já tinha atravessado a janela, braços dobrados sobre a máscara, arrematando a queda com uma cambalhota na relva fresca.

– Em guarda!

Na lâmina da espada de Laerte correu o reflexo das tochas e o tilintar das armaduras se pôs a ressoar. Erguendo a cabeça, viu-os passar pela vidraça quebrada diante do olhar furioso de Azdeki. Teve tempo de sobra para pegar a espada e preparar a primeira estocada.

Quebrou as lanças em dois golpes precisos antes de agarrar um soldado pela gola do plastrão e curvá-lo com uma joelhada. Alertado pelo zunido de uma lâmina às suas costas, abaixou-se a tempo. Girou e perfurou, na cintura, a armadura de seu inimigo. O homem deu um passo para trás, o rosto contorcido de horror e dor, as mãos cobrindo a ferida aberta. Eram cinco tentando detê-lo. Logo seriam mais. Vultos já apareciam ao longe, na escuridão dos jardins, e com eles, um som de armaduras.

Precisava fugir naquele momento, se não quisesse perder suas chances de continuar.

Os três outros soldados prestes a fazer uso da espada voaram feito bonecos de palha, caindo pesadamente ao pé do Palatio. À janela, Azdeki retesou-se.

Estava dado o recado. O homem mascarado era bem mais que um mero assassino. Eles se encararam por um instante. Quando Laerte embainhou a espada de volta, Azdeki até pensou em cruzar a janela, mas mudou de ideia, balançando a cabeça. Os soldados gritaram:

– Pare!

– Você aí!

O primeiro a chegar brandiu a lança, certo de atingir o alvo, mas Laerte recuou de repente. Com mão firme, agarrou a haste, puxou-a para si e nocauteou o guarda com uma cotovelada na cara, sem tirar os olhos de Azdeki. Inclinou levemente a cabeça. Depois correu para cima dos guardas que vinham chegando. Abriu caminho com as mãos, desviando as lanças, golpeando com pés e punhos e, transpondo a peleja de um salto, seguiu correndo pelos jardins.

Distanciou-se rapidamente, esgueirando-se por um labirinto de sebes, e subiu na cerca do jardim, de onde se avistava quase toda a cidade. Viu, a seus pés, um muro reto, a uns bons 10 metros do chão. Do outro lado da rua, as casas se enfileiravam como seteiras de um castelo. Estava prestes a pular no vazio na direção do telhado mais próximo quando pensou melhor. Escutou cascos de cavalos martelando a rua pavimentada. Uma fila de carruagens apareceu.

O cortejo passou logo abaixo de onde ele estava. As vozes dos soldados se aproximavam. Ele hesitou.

As carruagens ostentavam cores escuras e em seu teto havia brasões pintados que ele custou a identificar. Imaginou que fossem convidados chegando para o casamento e viu a oportunidade de dar mais destaque à sua performance.

Inspirou fundo. E pulou no vazio.

Quando caiu pesadamente sobre o teto, mal dando ao cocheiro tempo de se virar, derrubou-o com um chute no maxilar. Os cavalos relincharam, houve gritos de surpresa e o cortejo parou. Mulheres, eram vozes de mulheres. Ele rolou pelo teto e se pôs de pé na calçada, sentindo a dor despontar no peito. Estava perdendo o controle do Sopro. Precisava se recompor antes de ser dominado e seu corpo se romper. Acalmou-se, a respiração pesada.

Seus sentidos continuavam mais despertos que o normal, ou seja, ainda dispunha de algum tempo antes que se extinguissem os efeitos do Sopro. À direita, à esquerda, pressentia os cocheiros apeando e homens armados saindo das carruagens. Bastava se virar e sumir rua afora.

Quando se levantou, sua autoconfiança desfez-se em poeira, seu coração deu um salto, suas pernas não vergaram por pouco.

Pela janela da carruagem, a mulher o fitava, atônita, segurando a cortina. A surpresa em nada alterava o seu encanto. Os anos não tinham atenuado a beleza de sua pele morena, e seu cabelo cacheado tocando os ombros nus conservava todo o brilho do Oeste.

Foi apenas um instante, mas pareceu uma eternidade.

– Ali está ele!

– Não o deixem escapar!

– É o assassino!

As vozes não passavam de sussurros enquanto, sob o efeito do Sopro, só ressoavam as batidas do coração dessa mulher. Ela estava petrificada. E ele entendeu que ela reconhecia em seu rosto a máscara do imperador; o que ela via não era ele, mas uma lembrança rompida, como o dourado partido pela fenda. Ela mantinha a cortina aberta, imóvel, e seus lábios se moveram ligeiramente sem que nenhum som saísse de sua boca. Ele não sentia nada, nada, só o próprio coração. Quando

um homem segurou seu braço direito, não fez um gesto sequer. Outro homem o agarrou pela esquerda.

Esyl... Queria correr para a porta, abri-la de repente, tirá-la da carruagem e levá-la para longe dali. Tudo podia acabar ali, naquela noite.

– Peguei!

– Não se mexa!

Ela soltou a mão e a cortina voltou para o lugar, ocultando seu rosto. Por um instante, ele pensou ter sonhado. Seu coração, porém, ainda batia forte, depressa, assustado. Mal reparou no som das armas sendo puxadas das bainhas. Ao seu redor tudo era só névoa e bruma, sem distinção, vultos vindo ajudar os dois homens que o forçavam a se ajoelhar.

Sentiu-se fraquejar e vergou as pernas.

*Bravo homenzinho...*

– Em frente! – ordenou uma voz.

Os cascos martelaram o pavimento, as rodas, rangendo, se puseram a girar. O coração se afastou. Nos lábios de Laerte, o sangue destilou um gosto salgado e o tirou de seu torpor. Já podia enxergar claramente as carruagens retomando sua marcha, os homens segurando facilmente seus braços, enquanto um terceiro estendia a mão para seu cinturão a fim de tirar sua espada.

*Fuja, Laerte... Fuja!*

Seus ombros se curvaram à frente, desequilibrando os homens que o prendiam, e então derrubou o outro puxando os braços à frente. A pressão afrouxou, conseguiu se soltar. O cortejo se afastava. Chegavam mais soldados, não havia mais tempo, precisava livrar-se dos três homens e fugir.

Desferiu um soco de direita e um de esquerda no primeiro, jogou a perna, ao se virar, no maxilar do segundo e, se ajoelhando, ergueu o terceiro pelo cinturão e pelo colarinho. Atirou-o para cima como se fosse palha. Levantou-se, o coração pesado, a respiração queimando. Saiu correndo pela rua adjacente, ignorando as invectivas dos soldados que vinham ao seu encalço.

Correu até ficar sem fôlego, dobrando em todas as esquinas, o olhar confuso, buscando uma saída. Pelas ruas desertas, estrondavam as vozes dos soldados e o galope dos cavalos. Era a caça, a presa acuada e, se não achasse depressa uma via de escape, o cerco ia se fechar sobre ele. Foi então que os avistou, distantes e tênues, clarões oscilantes sobre os telhados. Ao se aproximar, pôde ouvir cantorias e tilintar de canecos.

Entrou numa viela e quase caiu ao topar com uma pilha de caixotes à sua direita. Diminuiu o passo ao chegar a uma rua larga iluminada por lampiões pendurados em cordas. A multidão era densa, homens e mulheres cantando, brindando, andando para lá e para cá nas tabernas escancaradas. Tirou a máscara e a prendeu no cinturão enquanto recobrava o fôlego. Ali teria uma chance. Embrenhou-se na multidão.

Ao deixar o bairro, ouvia atrás de si somente risos e aplausos. Entrou numa viela e tratou de galgar o muro de um prédio. No telhado, desfrutou de um merecido descanso.



Esyld...

Ficou repetindo seu nome em pensamento, como se para assegurar-se de que não tinha sonhado. Não havia pergunta capaz de perturbar sua repentina embriaguez. Sobre os motivos de sua presença em Massália, o silêncio de Aladzio a seu respeito, pensaria mais tarde. A ironia do destino, era isso que definia sua vida. A ironia do destino. Ao contrário de seu mentor, nunca acreditara que o destino estivesse escrito num livro, assim como nunca aceitara a ideia de que fosse ditado pelos deuses. Mas era obrigado a admitir que o acaso tinha modos bastante curiosos de se apresentar.

Ficou ali por várias horas, observando os mastros dos navios balançando suavemente na enseada ao longe.

# 5

## LEMBRAR-SE DE QUEM SE É

*Qualquer que seja o motivo dos seus atos,  
quer você os justifique ou não,  
nunca haverá desculpa  
para ceifar a vida de quem quer que seja.*

O imperador.

Desde as Salinas, Laerte nunca deixara de pensar nele, imaginando o dia em que, quando finalmente estivesse pronto, cravaria uma espada em seu peito sem a menor cerimônia. Ceifaria sua vida sem dó nem piedade, vingaria os Usters, daria um fim àquela guerra sem verter uma lágrima. Já o tinha julgado e condenado, faltava apenas aplicar a sentença.

Das Salinas a Garmaret, de Garmaret a Santa Amanna, Serray, Sopira Galzi, ele escutou os conselhos de Dun-Cadal, treinou com afinco sem se curvar ao sofrimento. Sua vontade foi maior que tudo. Passou por inúmeras cidades e aldeias tocadas pela obscuridade da guerra até chegar a Émeris, resplandecente e majestosa. Simplesmente imperial.

Ia completar 15 anos e se julgava capaz de derrubar todos os obstáculos que o separavam de seu único objetivo. Qual não foi sua surpresa ao conhecer a capital, suas altas torres brancas, a queda-d'água borbulhante a seus pés? Qual não foi sua ansiedade ao pensar no maldito imperador? Como será que ele era? Um gigante, decerto, um monstro forte e musculoso, um austero guerreiro.

Ao longo da viagem, vira a revolta se espalhar e, mais de uma vez, precisara matar. A cada sangue derramado, a cada suspiro de um moribundo, lembrava-se de Madog. Tanta violência, fúria, estardalhaço... Estava crescendo em meio a um caos cujas razões e cujo sentido não compreendia.

Cada vida ceifada era mais um motivo para o imperador pagar pelos seus crimes. Por culpa dele Laerte agia assim. Asham Ivani Reyes era o único responsável por toda a sua ira. Com esses

argumentos o jovem ia driblando suas dúvidas, não sem dificuldade, já que persistia dentro dele uma ideia sombria, queimando feito brasa. Quando a culpa aflorava, ele a rechaçava para os recônditos de sua mente, junto com a imagem de Madog. Nos combates, cada vez adquiria mais segurança e destreza, embora Dun-Cadal parecesse não notar. O general nunca o parabenizava por seu esforço, nunca encerrava um treino com um incentivo. Limitava-se a repetir sempre os mesmos conselhos, às vezes caçoando do seu jeito, “brincando”, como dizia.

Laerte não gostava dele, apenas o tolerava. Dun-Cadal era um inimigo, era um daqueles que haviam atacado as Salinas, tomado Forte d’Aed, matado sua família. Em todo caso, era o que ele sempre repetia para si mesmo...

Contra todas as expectativas, no dia em que chegaram aos portões de Émeris, tinha se acostumado com ele e chegava inclusive a apreciar sua companhia em certos momentos. Agradava-lhe sua franqueza, embora não fosse o suficiente para desculpá-lo por todo o resto. O general era grosso, duro, ignorante. Julgava saber tudo a respeito de tudo, julgava ter passado por tanta coisa que não tinha mais nada a provar nem tinha que se sujeitar a mais ninguém, à exceção do imperador. Apenas sua opinião importava, apenas sua visão de mundo era certa, apenas suas palavras comandavam o silêncio. O Império a que servia era justo e correto, digno de que se perdesse a vida por ele. Pouco importava se, em nome desse Império, homens haviam sido enforcados, mulheres estupradas e estripadas... a menos que não soubesse dos tormentos infligidos à família Uster.

*Nais... o nome dela era Nais... minha irmã...*

– Será que você é mudo? Não falou nada até agora! – espantou-se o intendente. – Eu ouvi falar de você, sabe? Seu nome é Rã, não é?

Pelos corredores de Émeris, um homem os conduzia. Usava uma longa túnica branca, um pano vermelho no ombro. Dun-Cadal o apresentara como o intendente do imperador.

– É – respondeu o garoto num sussurro.

– Rã... – disse Dun-Cadal em tom de censura.

De soslaio, o garoto notou o olhar severo de seu mentor.

– Sim, meu senhor – respondeu em tom seco.

– Sua dedicação ao Império tem merecido nossa atenção e nosso respeito, meu rapaz – acrescentou o homem.

– Obrigado, meu senhor.

Na extremidade do corredor revestido de espelhos, havia duas grandes portas. Atrás delas escondia-se o último Reyes. Laerte sentiu o corpo se retesar, pronto para dar um salto. Não tinha o direito de errar. Tinha que agarrar essa oportunidade, sem tremer, assim que passasse pelas portas, abertas pelo intendente.

Não haveria outra chance.

As dobradiças rangeram, então revelou-se uma ampla sala com piso de mármore traçado de preto.

Não haveria outra chance...

Dezenas de colunas se erguiam, lisas e brilhantes, até uma fina cortina vermelha junto a uma

grande sacada afagada pela copa das árvores. Será que era ele aquela sombra atrás da cortina cor de sangue? Aquela forma preta sobre a qual os vultos das servas vertiam água fumegante? Será que era ele, Asham Ivani Reyes? Laerte se retesou. Uma mão em suas costas o empurrou.

– Vá – ordenou Dun-Cadal. – E só fale quando ele lhe dirigir a palavra.

Palavras não seriam necessárias. Bastaria seu gesto, rápido, preciso. Atrás do tecido, a sombra se curvou. O intendente fez sinal para que o seguissem.

– Vossa Majestade Imperial – anunciou com voz forte –, o general Daermon, que retornou das Salinas, e seu jovem... protegido.

– Trouxe um filho de lá? – zombou a voz. – Por isso demorou tanto?

Aproximaram-se do vulto acomodado em seu banho. Apenas uma sombra, mas que sombra! Imponente, forte, odiosa. Laerte, acompanhando o conselheiro, apressou o passo. O coração estava acelerado, o suor brotava na testa, as mãos ficavam úmidas enquanto se aproximava de seu objetivo. Seus dedos roçaram a bainha da espada.

Rápido e certo. Assim tinha que ser seu golpe. Rápido, certo, bem no coração, a lâmina rasgando a cortina, cuja cor se mesclaria ao vermelho do sangue imperial. Então tudo terminaria, a guerra e sua dor. Seu pai, sua mãe, seu irmão... sua irmãzinha. Sua doce irmãzinha seria vingada. Lágrimas brotaram em seus olhos. Sua mão deslizou até o punho. Só mais uns metros, só mais...

Uma lâmina, zunindo, encostou em sua garganta e parou. Laerte ficou paralisado, ofegante. Uma mão enluvada segurava a espada. O homem vestia um casaco verde-escuro e uma capa com capuz que escondia seu rosto. Sua voz era grave e tranquila:

– Paz, Daermon.

Laerte tentou detectar nessa voz algum sinal de humanidade. Bastava seu agressor fazer um gesto, um único gesto, e estaria tudo acabado. O garoto resignou-se a afastar a mão da espada, por medo de ser decapitado no ato. Pela primeira vez, depois de tantas batalhas, de ter vivenciado o medo, fugido pelas Salinas para escapar das tropas imperiais e dos insurgentes... pela primeira vez, viu-se face a face com a morte. Foi forçado a admitir, ao contemplá-la, que ainda não estava pronto para enfrentá-la. Lágrimas brotaram em seus olhos.

Iria morrer ali? Sem honrar a memória de sua família? Sem dar um fim àquela guerra? Sem se tornar o maior dos cavaleiros?

– Ele não é um inimigo! – bradou seu mentor.

Não sabia quem era aquele homem, mas, pela voz de Dun-Cadal, o próprio general parecia temê-lo.

– Mas vem das Salinas... – observou a voz.

– Esteja pronto para me defender, Logrid – interveio a voz, mais forte e autoritária, do imperador, que passou as mãos no rosto enquanto uma serva vertia água em seu banho. Volutas de fumaça deslizaram pelo pano. – Mas não creio que um menino fugindo de sua região em guerra tenha vindo de tão longe para matar o imperador.

Laerte sentiu uma lágrima roçar sua pálpebra. Tinha falhado. Deixara sua única chance escapar.

À beira do choro, tremendo, lançou um olhar sombrio para o homem encapuzado.

– Deixe-o em paz, Logrid! – bradou Dun-Cadal.

O tal Logrid baixou o braço. Mas Laerte ainda sentia no pescoço a frieza de sua lâmina. De soslaio, viu que ele contornava o general enquanto devolvia a espada à bainha.

– É assim que somos recebidos – murmurou Dun-Cadal.

– Só estou seguindo seus ensinamentos... Daermon – respondeu o homem em voz baixa.

– O moleque não representa nenhuma ameaça ao imperador, Logrid...

Laerte cerrou os punhos. *Mentira*, pensou. *Mentira!* Mais do que ameaçar o Império, era capaz de derrubá-lo, destruí-lo, aniquilá-lo. Um dia faria isso. Ele não era um *moleque!* Não era um *menino!* Não tinha feito aquela viagem toda para nada. Mas, embora estivesse fervendo por dentro, seu corpo continuava paralisado de medo.

– Rã... – disse Dun-Cadal.

Logrid desaparecera. Diante dele só restava a cortina vermelha atrás da qual se curvava a sombra do imperador. Viu o intendente sussurrar algo ao ouvido de seu mentor:

– Talvez seja melhor o senhor conversar com Sua Majestade Imperial em particular – sugeriu o conselheiro.



E foi assim que ele saiu da sala, sem nem olhar para Dun-Cadal.

Depois que cruzou a porta, chegou a pensar em dar meia-volta e correr em direção ao imperador. Será que o tal Logrid não ia aparecer novamente? A razão o freou, ou talvez tivesse sido o medo.

Seguiu o conselheiro pelas alamedas do palácio, tomado pela dor e pela ira, mas sem se entregar a elas, sem fugir. Iria para longe, custasse o que custasse, com a esperança de deixar todo o seu sofrimento em Émeris.

Quando conheceu a academia militar e o homem o apresentou aos professores, manteve-se calado. Levaram-no até seu quarto, onde lhe pediram que se afastasse da espada e vestisse o casaco cinzento dos alunos. Em seguida, deixou-se conduzir por um deles até o pátio, no meio do qual havia uma fonte. À sombra dos arcos do corredor, apoiou-se num pilar de pedra, fitando seus novos colegas, que trocavam comentários e o observavam como se ele fosse um animal raro. Pela forma como sorriam, Laerte percebeu que zombavam dele. Não reagiu, ainda atordoado demais para se mostrar orgulhoso. Optara por se lançar na boca do lobo a fim de desferir um golpe fatal, mas agora estava ali, perdido, prestes a ser devorado.

O que ia acontecer com ele?



– Ei, tatuado! Defenda-se, vamos!

– Nossa, como ele fede!

Laerte o observava carregar, com a cabeça baixa, dois pesados caixotes. A despeito das provocações, suas pernas grossas mantinham-se firmes. Era corpulento, apesar do ar juvenil. De sua regata marrom furada surgiam dois braços musculosos, resultantes de sua condição de escravo forçado ao trabalho pesado e de sua cultura nôaga. Esculpira incessantemente o corpo à custa de exercícios intensos, dolorosos e cruéis. Espancar o próprio tronco com uma tora de madeira e continuar de pé era apenas um exemplo entre tantos, segundo lhe contara Dun-Cadal com desprezo. Os nôagas, desde bem pequenos, aprendiam a aguentar.

Persistente, tentava chegar à extremidade de uma ponte suspensa sem derrubar seu fardo, enquanto os estudantes o admoestavam:

- Que nojo dessa pele!
- Você devia tomar um banho!
- Os nôagas são mesmo uns animais.
- Bata nele!

Agiam com nojo e desprezo. Um deles deu um soco no rosto do escravo sem que este nem ao menos tentasse evitá-lo. Não falou nada e continuou avançando, apesar de tudo. Ninguém reagia; consideravam aquele comportamento muito natural. Laerte pegou-se pensando em seu mentor. Dun-Cadal jamais permitiria que um fraco fosse humilhado dessa forma.

Naquele dia, sentira-se um fracassado por não ter aprendido com seu mentor o suficiente para enfrentar o imperador. No entanto, estava longe de um fracasso. Aquele fora apenas um ensaio, uma tentativa que lhe permitira entrar na toca do monstro. Subira mais um degrau, no fim das contas, na busca de seu objetivo.

E tudo o que conquistara, desde as Salinas até Émeris, não havia evaporado.

- Não tem nada na cabeça – zombou um aluno, apontando para o nôaga. – É um saco vazio!
- Vamos, dê um murro nele! – incentivou outro.

Um terceiro aluno se preparava para mais um soco quando uma mão firme segurou seu pulso. Mal teve tempo de se virar, pois um chute atrás do joelho fez com que seu corpo vergasse, e um punho atingiu seu maxilar, diante do olhar atônito dos colegas. Passado o espanto, todos foram para cima de Laerte, que fez o possível para se esquivar, batendo em quem estava ao seu alcance. Não demorou para se ver cercado, caído no chão, todo encolhido, e ser atingido por uma saraivada de socos e pontapés.

Laerte suportou a dor... suportou a humilhação. O nôaga conseguira escapar. Ali, sob os golpes de uma dúzia de alunos enfurecidos, ele acabara de conquistar uma amizade indestrutível.



Uma amizade que os dias, os meses e os anos seguintes só vieram fortalecer. Laerte não se integrou na academia. Não era um aluno igual aos outros, e muitos disfarçavam o próprio despeito com atitudes de desprezo. Era invejado, odiado... mas temido. Era o único que havia estado em combate, acompanhando, ainda por cima, um dos maiores cavaleiros do Império.

Aos 16 anos, Laerte voltava das montanhas de Vershã detentor de uma vitória conquistada a duras penas. Era a terceira vez que retornava a Émeris, mas não tivera mais a oportunidade de enfrentar o imperador. A guerra vinha atenuando seu ímpeto de vingança. Embora não a esquecesse totalmente, outros desejos se impunham.

Esyld encontrara refúgio na grande cidade como serva dos nobres no palácio imperial. Não via a hora de revê-la, mas, a caminho das dependências dos servos, deteve-se num grande pátio interno, no meio do qual se erguia uma estrutura conhecida.

– Morte aos traidores! Morte aos traidores! Morte aos traidores!

As vozes trovejavam feito um rufo de tambores. Alunos da academia, totalmente dedicados à defesa do imperador, cegos por sua formação, aglomeravam-se ao pé do cadafalso. No meio deles, soldados, homens e mulheres da corte com seus empregados assistiam à cena com menos entusiasmo. Ouvia-se um ruído seco, seguido por um medonho estalar de ossos. Pendurados numa corda, três homens de corpo talhado balançavam devagar, os rostos imobilizados numa súbita contração. Incapaz de fitar seus olhares vazios, Laerte baixou os olhos.

– Eles são das Salinas – disse uma voz rouca atrás dele. – Não é preciso provas quando há suspeita de complô. Foram julgados com base em simples boatos.

Laerte olhou rapidamente por sobre o ombro. O rosto amigo bastou para atenuar o pesar causado pela cena e um sorriso surgiu em seus lábios. Fazia meses que não o via, e era reconfortante encontrá-lo visivelmente em forma. Rogant tinha mudado. Tal como Laerte, crescera e estava mais alto que ele.

– Pelo visto, não voltei em boa hora – observou Laerte.

– Pelo visto, andam enforcando as pessoas erradas. Quem devia estar pendurado numa corda era você, Rã – brincou.

– Se isso acontecesse, quem iria defendê-lo?

O nâaga não gostou da brincadeira e mostrou os dentes brilhantes num sorriso agressivo.

– Foi só uma vez – resmungou, cruzando os braços.

Uma sobreveste de couro cobria seu tronco musculoso. Estranhas tatuagens serpenteavam de seu rosto até os ombros, unindo-se ao pescoço. Usava calças de linho largas e botas de couro enceradas. Uma adaga pendia de seu cinturão. Sim, algumas coisas haviam mudado enquanto Laerte estivera ausente.

– Você agora anda armado – observou, passando pelo amigo para descer uma pequena escada que levava ao interior do palácio. Rogant o seguiu pelos estreitos corredores. – Achei que os escravos não tinham o direito de se defender.

– Estou a serviço do duque de Page, como guarda-costas – explicou Rogant. – Digamos que ele viu em mim talentos de guerreiro.

– Ele tem senso de humor.

– Vindo de um aprendiz de cavaleiro chamado Rã, isso não me atinge.

A luminosidade foi diminuindo à medida que entravam na ala dos servos. No meio de um corredor exíguo, Laerte se deteve. Luz e escuridão se enfrentavam, sem que nenhuma levasse a melhor; a luz das tochas oscilava em suas feições. Com um rápido olhar ao redor, os dois amigos se

certificaram de que não haviam sido seguidos. Então, rindo, se abraçaram.

– Que bom ver você! E vivo! – confessou Rogant, dando tapinhas nas costas do garoto.

– Ainda tenho coisas a fazer antes de deixar esta vida.

– Como foi em Vershã?

– Cansativo – respondeu Laerte, afastando-se do nâaga. – E você, como vai?

– Ainda não fui alforriado, mas estar a serviço de Page é quase isso. Aliás, é melhor que isso fique entre nós. As coisas andam complicadas. Qualquer um que critique o imperador já está sendo considerado suspeito.

– E se o seu senhor souber dos nossos encontros?

Laerte logo entendeu a resposta, pela expressão divertida do amigo. O duque de Page somava seu nome a uma lista que vinha se tornando mais longa a cada dia: a dos nobres que se uniam secretamente à contestação, oferecendo aos insurgentes apoio logístico. Quanto a ele, Laerte... o que vinha fazendo por sua causa? Lutar contra os insurgentes para manter as aparências e apoiar a revolta eram duas coisas difíceis de conciliar. No entanto, não questionava as próprias escolhas. Só importava o dia em que estaria pronto para enfrentar o imperador.

Rogant sabia disso. Embora Laerte não lhe tivesse revelado sua verdadeira identidade, concordava com ele em vários aspectos. O imperador por acaso não permitia a escravidão de seu povo? Mesmo desconhecendo o motivo, o nâaga estava a par da vingança de Laerte e se mantinha pronto para ajudá-lo.

– Há pessoas muito mais perigosas para você, Rã. Você é das Salinas... e, no dia em que chegou a esta cidade, já defendeu um escravo. Page ainda poderá lhe ser útil. Estou cuidando disso.

– Eu é que protejo você, nâaga. – Laerte sorriu.

– Pequeno cavaleiro... – respondeu Rogant, dando de ombros. Inclinou a cabeça com ar zombeteiro. Ninguém se atrevia a mexer com ele, agora que já tinha um corpo de adulto. – É só para alertá-lo – confessou em tom mais sombrio. – Não quero que nada aconteça com você.

Laerte assentiu.

– Vá logo... – sussurrou o amigo. – Ela está há dois dias esperando por você.

Embora Rogant os houvesse visto várias vezes se encontrando às escondidas, Laerte tinha certeza de que ele sabia muito pouco sobre ela. O garoto nunca lhe falara sobre sua vida anterior. Muito menos sobre Etyld. A única certeza do nâaga era que ela era mais importante para Laerte do que o tesouro mais valioso do mundo. Foi com base nessa certeza que o nâaga interrompeu a conversa, pois conhecia muito bem seu amigo. Sim, revê-la... Laerte esperava por isso havia tanto tempo.

Com o coração disparado, percorreu os corredores que ainda o separavam de sua amada.

Que alegria tinha sido, dois anos antes, avistar sua silhueta, tão conhecida, num dos jardins do palácio! Ela chegara recentemente a Émeris para se juntar ao pai e conseguira um emprego como serva na corte.

Etyld era seu navio no mar revolto, a única pessoa capaz de mantê-lo a prumo. Contara tudo para ela... até o que pretendia fazer assim que se sentisse pronto.

Quando abriu a porta do quatinho e se abaixou ligeiramente para passar pelo vão, não se deu

ao trabalho de conferir se por acaso havia sido seguido. Já tinha esperado demais.

Ali estava ela, as mãos unidas, o cabelo delicadamente enfeitado com fitas azuis. A luz pálida, filtrada pela claraboia num único raio, envolvia seu rosto num véu transparente. Em um canto, havia uma cama espartana e um frágil criado-mudo. Esylld era a única luz que vinha guiando seu caminho. Sem dizer nada, ele fechou a porta devagar. Ao virar-se para ele, a jovem esboçou um largo sorriso.

– Até que enfim – disse ela.

– A viagem demorou mais que o previsto...

Aproximou-se dela, hesitante, as mãos muito úmidas. Esylld estava ainda mais bonita que da última vez que haviam se visto. As feições de seu rosto tinham ficado mais finas. Tornara-se uma mulher. Não se atreveu a tocá-la. Foi ela quem se aproximou dele, repousando a cabeça em seu ombro. O cheiro de seu cabelo cacheado o embriagou.

– Meu bravo homenzinho... – disse ela. – Você demorou. Já faz tanto tempo desde que tivemos notícias da sua vitória em Vershã...

– Vim o mais depressa que pude. Chegamos há duas horas. Aproveitei que Dun-Cadal se retirou para vir vê-la.

– Ele não vai procurar por você? – preocupou-se Esylld.

– A esta hora, está nos braços de Mildrel. – Laerte sorriu. – E você, nos meus...

Seu sorriso foi se extinguindo à medida que mergulhava no olhar dela. Bem devagar, ele inclinou a cabeça e seus lábios se tocaram num beijo contido.

– Você não pode demorar muito aqui – avisou ela num sussurro. – Precisa ir à academia antes que alguém dê por sua falta.

Esylld se afastou devagar, desviando o olhar. Laerte, surpreso, permaneceu calado por um instante. Será que ela não estava feliz por revê-lo? Passara rapidamente da doçura para a frieza.

– Eles agora andam enforcando gente... – acrescentou Esylld.

– Eu sou aprendiz de Dun-Cadal. O velho rabugento me protege, não se preocupe – tentou tranquilizá-la.

– Será que você não entende? – irritou-se ela, nervosa. De costas para ele, os punhos cerrados junto aos quadris, suspirou frustrada. – Eu e meu pai concordamos em não falar sobre você para Meurnau. Em fingir que você não sobreviveu... mas você devia ter voltado para as Salinas. Está perigoso demais por aqui.

Já haviam tocado nesse assunto mais de uma vez, mas Laerte sempre se mostrara incisivo. Vinham-lhe à mente imagens de quando retornara a Forte d'Aed. Aquela gente toda falando nele como se fosse alguém que nem ele mesmo conhecia. Sua confiança em Meurnau acabara ali.

– Meurnau me transformou num símbolo. *Vivo*, eu não tenho serventia para ele. Está conduzindo sua própria revolta – explicou Laerte. – Aqui, pelo contrário, estou muito mais seguro. Dun-Cadal, apesar dos pesares, cuida bem de mim. E eu aprendi muito com ele.

– Um ano atrás, você o odiava – observou Esylld contendo uma risada.

Estava zombando dele, mas não havia como negar que a opinião de Laerte sobre seu mentor mudara um pouco. Agora chegava a defendê-lo.

– Ainda odeio. Ele só serve para que eu me torne forte o bastante para matar o imperador – justificou-se.

– Matar o imperador... – Ela suspirou. – Tudo bem, vá em frente, já que aprendeu tanta coisa com seu amado general.

Encarava-o com um olhar feroz, como se ele tivesse cometido o pior dos crimes. Essa mágoa, que Laerte não compreendia, deixou-o completamente atônito.

– Esyld...

– Vá em frente! Faça o que acha certo!

– Ainda não estou pronto – confessou ele. – Logo vou estar, prometo, e vou acabar com esta guerra injusta, vingar minha família e...

– Você não cresceu – interrompeu ela.

Afastou-se e foi para a janela, erguendo de leve o vestido com as mãos.

– O que está acontecendo? – perguntou Laerte, pasmo.

Nunca a tinha visto assim, tão agressiva.

– O que está acontecendo? – repetiu ela, num tom insuportavelmente seco e decidido. – O que está acontecendo é que meu pai continua arriscando a vida para perpetuar as ideias de Oratio de Uster. Que alguns nobres estão apoiando a revolta e a tomada de Émeris. Que, a cada dia que passa, a força está mais próxima! Quem pode garantir que um dia não vai ser desmascarado? Nisso, Laerte, você não pensa. Só se interessa pela sua vingança. – Estava com lágrimas nos olhos. – Nós corremos riscos enormes aqui! Todos os dias, refugiados das Salinas são interrogados. Todos os dias, nobres mais distantes da corte são convocados pelo imperador. Alguns estão desaparecidos, e comenta-se que a culpa é da Mão do Imperador. Que esse assassino é imortal, que sempre defendeu os Reyes e continua a servi-los matando quem trama contra eles. Me diga, Laerte. Me diga como é que meu pai vai morrer. Na força? Ou assassinado feito um cão, enquanto você luta contra a revolta? Essa mesma revolta que põe nas alturas o nome de Laerte de Uster! Chego, às vezes, a me perguntar de que lado você está...

– Não é fácil para mim, Esyld, eu... – tentou defender-se.

Surgiam em sua cabeça imagens das batalhas. Em que momento ele compreendera *quem* estava enfrentando? Será que, depois de Madog, admitira por um instante sequer que estava matando aqueles que lutavam pelo sonho de seu pai... o sonho de que, um dia, o povo retomasse as rédeas do próprio destino?

– Não, é claro que não é fácil – prosseguiu ela. – No dia em que tentar matar o imperador, como tanto sonha, a Mão dele irá atingi-lo também.

Essa Mão já tinha atravessado seu caminho. Por orgulho, ele nunca lhe havia contado isso. Para ele, era um fracasso. Queria que Esyld continuasse com uma boa imagem dele, e não que o visse como um perdedor.

– Talvez, nessa hora, você se lembre de quem realmente é. Por enquanto, quem vejo aqui na minha frente é Rã, não Laerte.

Foi o que bastou para derrubar sua habitual timidez. Sem esperar mais, agarrou-a, puxou-a para junto de si e conduziu sua mão até o bolso da calça.

– Eu sou os dois, Esyld. Isso não muda nada. Não acho que eu esteja me esquecendo de onde vim e quem eu sou.

Obrigou-a a enfiar a mão no seu bolso, retirando-a em seguida. Entre os dedos finos, ela segurava um cavalinho de madeira, cuja simples visão fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas.

– Eu nunca esqueci.

Lentamente, ela tornou a guardá-lo no bolso, retesando-se quando ele aproximou o rosto do seu.

– Eu nunca esqueci você... – murmurou ele.

O beijo que trocaram foi tão intenso que ele achou que o mundo ao redor deles havia desaparecido. Só sentia o corpo dela, colado ao seu, e seu doce cheiro frutado. Esyld foi aos poucos relaxando em seus braços e conduziu o que veio depois. Laerte jamais se atreveria a ir adiante, embora fosse seu desejo desde sempre. Sonhara tanto com isso que, nas vezes em que a abraçara daquele modo, sentira tamanha angústia que nunca conseguira lhe dar mais que um beijo.

Naquele dia ele a descobriu, como se descobre uma flor ao ser colhida, linda e nua. Entrelaçaram-se em sua cama estreita de serva, na penumbra do quarto, onde só se ouvia a respiração dos dois. Seus corações, tão próximos, bateram no mesmo ritmo. Provando sua pele, alisando com a ponta dos dedos as curvas de seu corpo, ele perdeu-se nela até se entregar. Quanto mais ela o abraçava, mais ele se aninhava junto dela. Queria que aquele instante durasse para toda a eternidade.



Quando voltou para a academia, sentia-se diferente. Quem ele era, Rã ou Laerte, já não tinha importância agora que se tornara um homem. Voltou a ver Esyld várias vezes, mas nunca mais puderam reviver a união daquele dia. A tensão vinha aumentando no palácio e a cada dia crescia a sensação de estarem sendo vigiados. O imperador desconfiava de todo mundo, especialmente dos refugiados.

Laerte assistiu a algumas aulas na academia sem que ocorresse nenhum incidente. Os alunos o evitavam. Alguns até começavam a olhá-lo como se fosse o próprio Dun-Cadal Daermon. Nunca antes Laerte havia se sentido tão confiante. Tinha certeza de saber quem era, o que estava fazendo e por quê.

Esyld, porém, estava certa. Na verdade, ele vinha se perdendo no calor das batalhas, adiando constantemente seu confronto com o imperador, chegando às vezes a esquecer qual era o motivo da revolta. A ânsia pela luta vinha em primeiro lugar. Sua fúria o cegava a tal ponto que já não tinha outra vontade senão aplacá-la. Tornara-se uma sede inesgotável, um vício insuperável que ele continuava a alimentar.

Sim, Rã vinha se perdendo nos braços da ira e da violência.

Até o momento em que foi confrontado consigo mesmo, com o dragão cheio de ódio que rugia

em seu peito. Esse dragão interior que todo homem precisa um dia combater. Ele o enfrentou lá longe, no norte do Império.

Em Kapernevic, onde conheceu um inventor genial chamado Aladzio.

## DOMINAR O DRAGÃO

*Sinta o Sopro, seja o Sopro.  
Sinta, Rã! Respire como a vida.  
Aí é que está a magia.  
Nesse Sopro que você exala.*

— Levante-se.

Chutou a cama com violência e em seguida deu meia-volta e saiu. O velho na cama resmungou. Esperou alguns minutos que ele se levantasse e então desceu a escada da pequena casa. Na sala, confortavelmente sentada numa larga poltrona, Viola espiou por cima do livro que estava lendo. Surpresa, largou-o no colo ao ver Laerte passar depressa a passos decididos. Instantes depois apareceu Dun-Cadal, o olhar ainda tomado pelo sono.

– Bom dia – cumprimentou com hesitação.

O general a ignorou, perscrutando a sala com seus olhos inchados. Ao avistar Laerte junto a uma porta que dava para a rua, balançou a cabeça, suspirando.

– Vai ser um dia daqueles – pensou Viola em voz alta enquanto Dun-Cadal saía.

Nenhum dos dois falara. Pairava no ar uma tensão quase palpável. Viola se levantou devagar e vislumbrou o vulto de Laerte passando em frente a uma janela. Foi até lá com passos hesitantes.

Caminhavam num pequeno pátio de cascalho com vista para as casas dispostas em declive até a cidade. Dali era possível ver toda Massália, das altas torres aos prédios floridos, das três catedrais ao domo reluzente do palácio. Ao longe, os mastros dos barcos balançando ao sabor da maré. Sobre o mar bailava o reflexo preciso do sol recém-surgido. Dun-Cadal foi até a pequena mureta que cercava o pátio e contemplou a fieira de telhas vermelhas das casas. Mais jovem, teria pulado de um telhado para outro como se fossem degraus de uma escada. Talvez ainda conseguisse, não é? Deixar isso tudo para trás, voltar à sua vida nas tabernas... Mas já não tinha vontade de fugir. A poucos passos dali, Laerte examinava uma espada.

– O que você quer? – resmungou Dun-Cadal.

Como resposta, viu a lâmina cortar o ar, cravando-se a seus pés. Laerte afastou a capa, revelando o punho da espada. Seu mentor não se atrevia a tocar em Eraed, mas talvez aceitasse outra arma.

– Pegue-a – ordenou Laerte em tom seco.

– Quer dizer que é agora que quer acabar comigo... – disse Dun-Cadal. – O acerto de todas as contas...

– Quando você me viu, lá no porto, assassinando Enain-Cassart, o que tentou fazer? – perguntou Laerte com um estranho sorriso. – Depois do assassinato de Négus, quando correu atrás de mim, o que tentou fazer, senão me desafiar? Estou dando uma oportunidade, aproveite.

– Naquele momento, eu pensei que estava correndo atrás de Logrid – rebateu Dun-Cadal duramente.

– Outro aprendiz seu, não é? Está decepcionado com o resultado de seus ensinamentos? – ironizou o rapaz, afastando os braços. – Depois de todos esses anos, estou aqui na sua frente. Menti esse tempo todo. A ira não toma conta de você? Você sabe. Você sente. Se o Império ruiu, foi mesmo graças a mim... à sombra de Laerte de Uster...

Dun-Cadal inclinou a cabeça, fitando o punho da espada.

– O homem que conheci teria lutado e ido embora desta casa deixando apenas cinzas para trás – continuou Laerte. – Teria encarado. Já você, fica aí paralisado. Não foi só seu corpo que envelheceu... sua alma também.

Laerte notou que ele estremecia. Cada feição de seu rosto endurecia sem que seu olhar desgrudasse da arma cravada a seus pés. Dun-Cadal estava contendo a ira. De esguelha, adivinhou a presença de Viola atrás da vidraça. Talvez ela não estivesse gostando da situação, mas não parecia disposta a intervir.

– Pensei que você estivesse me deixando para o final... – disse o general com um sorriso triste. – Mas isso seria honra demais.

– Honra é algo que você nunca teve – provocou Laerte. – Ah, você era um general à parte. Um bronco que, nos tempos da nobreza, conseguiu ser convidado para os maiores banquetes.

– Basta... – murmurou o velho.

– Então nunca percebeu a que ponto *ele* via você como um idiota? Uma simples arma em sua mão? Um grande guerreiro, sem dúvida, mas com um cérebro de passarinho.

– Pare com isso.

– O homem do Oeste aos pés do imperador. E você tinha jurado defendê-lo – continuou Laerte calmamente.

– Pare!

– Você perdeu tudo, Daermon. O mundo a que dedicou sua vida e a pouca glória que tinha. Ninguém mais respeita você. Nem você mesmo, de tanto que decaiu. Se Rã, o *seu* Rã, tivesse mesmo existido, nunca ia querer você como pai, acredite.

Num gesto rápido, o velho levou a mão à espada. Segurou o punho. Ante o olhar apavorado de Viola, Laerte imediatamente se lançou sobre ele e fez a primeira investida. Dun-Cadal mal teve

tempo de erguer a lâmina para se defender. Com uma joelhada, tentou rechaçar seu agressor. Laerte se esquivou, girando e atingindo a virilha do general com um soco firme. As duas espadas se encontraram novamente. As lâminas deslizaram uma na outra, tinindo.

Atrás da vidraça, Viola empalideceu. Tão logo deu um passo em direção à porta, a mão de Rogant pousou em seu ombro.

– Espere – aconselhou.

A contragosto, ela retornou à janela e se conformou em ser mera espectadora de um combate cujo desenlace temia.

– Só isso? – provocou Laerte. – Está ainda mais morto do que eu imaginava.

– Não vai me matar tão fácil assim – rebateu Dun-Cadal.

– É mesmo? Está redescobrando alguma energia, Pernalta? – zombou ele. – Ainda há um soldado dentro de você?

– Eu era... um... general!

– Que se deixou enrolar por um simples moleque.

Laerte sorriu, ciente do efeito que causara.

Um vento violento cavou um sulco no pátio bem na sua direção. Para escapar do turbilhão e do cascalho que voava para todos os lados, deu um salto para trás e caiu pesadamente, apoiando uma mão no chão. Mal levantou a cabeça e viu Dun-Cadal voando para cima dele. Esquivou-se rolando para o lado antes de recorrer ao Sopro. O cascalho açoitou o rosto do general e por pouco não o derrubou.

– Você gostava de Rã, não é? – Laerte voltou a provocar. – Mas ele sempre sentiu desprezo por você. Ria de sua fraqueza enquanto você dormia.

Dun-Cadal, furioso, apontou a espada para o rapaz, finas gotas de sangue escorrendo em seu rosto.

– Cale-se! Você é apenas uma mentira! Uma enganação!

Estendeu a perna e investiu, mas Laerte desviou dando um passo para o lado e golpeou a lâmina do general com a espada antes de derrubá-lo com uma rasteira.

– Azdeki fez você de bobo. Eu também fiz você de bobo. Não acha que merece terminar a vida agonizando numa sarjeta? – perguntou, andando em volta do velho caído no chão. – Não merece que eu mate você aqui, seria muita honra.

– O que quer de mim, afinal? – bradou Dun-Cadal, levantando-se, desajeitado. – Não vai me aniquilar! Não vai tirar de mim aquilo que vivi!

– Aniquilado você já está.

De fato, Dun-Cadal tremia. Não só de raiva. A sede e a falta de álcool estavam atacando seus nervos e queimando seu coração por inteiro. Laerte percebeu o desespero em seus olhos quando o velho ensaiou mais um golpe. Esquivou-se com facilidade, contemplando o velho general curvado, a testa encharcada de suor e a respiração ofegante.

– Tente outra vez – provocou ele, rodopiando a espada.

Dun-Cadal então se lançou sobre ele com fúria, dando um golpe atrás de outro, mas a espada de Laerte sempre aparava a sua com precisão.

– Eu lhe dei tudo! – berrava o velho. – Tudo! E você me traiu! Devia ter me matado! Me mate agora! Vamos, me mate!

Laerte se curvou de repente, deu-lhe uma cotovelada no esterno e o derrubou com uma perna estendida. O velho se estatelou no chão, atordoado. Laerte o observava de cima enquanto ele balançava a cabeça, o rosto molhado de suor.

– Não vou matá-lo – anunciou Laerte com uma voz sombria e grave.

Quando jovem, muitas vezes sonhara com o momento em que iria superar seu mentor. Mas ali, quando o tinha à sua mercê, só o que sentia era pena. O homem tinha razão. Tinha lhe dado *tudo...* inclusive sua dignidade.

– Mas poderia. – Dun-Cadal soluçou. – Você matou um dragão... e eu não passo de uma barata...

– Às vezes as aparências enganam... – Estendeu-lhe a mão. Dun-Cadal a encarou, hesitando em segurá-la. – E se você só tivesse visto o que queria ver? – sugeriu Laerte, com um estranho sorriso que se apagou em seguida. – E se Rã tivesse... tivesse realmente respeitado o homem que salvou nas Salinas?

Dun-Cadal permaneceu daquele jeito por um instante, com lágrimas nos olhos. Então, num gesto rápido, agarrou a mão do rapaz. Laerte o ajudou a se pôr de pé. Em vez das espadas, foram seus olhos que se enfrentaram.

– Você queria que eu o matasse – concluiu Laerte.

Dun-Cadal se afastou, parecendo arrasado. Olhando rapidamente à sua volta, massageou a nuca.

– Estou com sede... Não há nenhuma jarra de vinho por aqui?

– Você não precisa disso.

– Rá, rá! – O general riu, revirando os olhos. – Pelo menos me deixe morrer como eu quiser! Você me odeia! Sempre me odiou!

– Não. Você ainda é o general que me ensinou a lutar – falou Laerte de modo direto, com frieza.

– Esse general morreu... junto com Rã! – exclamou o velho, a boca retorcida de raiva. – Ao Rã eu ensinei tudo o que sabia! Honradez ele tinha, e também inteligência, paixão. Jamais teria feito o que você fez em Massália. Quer me matar como matou Enain-Cassart? Como matou Négus? Pois mate! Cumpra a sua vingança até o fim! Não foi para isso que tirou a máscara?

Laerte deu um passo em sua direção, mas se deteve.

– E se as coisas não fossem o que parecem ser?

*Isso é loucura...*

– O dragão de Kapernevic... O dragão vermelho...

*Pernalta, você não pode confiar nesse... nesse... estúpido!*

– Eu não matei o dragão.

*Aladzio só é um pouco diferente, Rã. Mas o plano dele me parece perspicaz.*

Dun-Cadal virou-se lentamente. Laerte já se fora, e logo o som de seus passos não era mais que um eco distante dentro da casa.

*Um plano perspicaz?*

... *perspicaz*...



– Perspicaz? – disse Rã, apertando o passo para acompanhar seu mentor. – Confiar nesse cretino é tudo, menos perspicaz. Négus não disse que ele ateou fogo no celeiro várias vezes com suas experiências?

Dun-Cadal esboçou um sorriso satisfeito antes de parar nos limites da floresta. Atrás deles, as marcas de passos na neve traçavam um estranho caminho até os contornos incertos de Kapernevic. As chaminés das casas de pedra exalavam uma fumaça pesada e cinzenta que subia em espirais até o céu branco imaculado. A tarde chegava ao fim e já desde o amanhecer os soldados de Négus tinham tratado de instalar, às pressas, as armadilhas contra dragões projetadas à noite por Aladzio. O fato de o inventor ter um papel de tanto destaque no plano desagradava fortemente o garoto, que não confiava nem um pouco nele. Mais que isso: não conseguia suportá-lo. Aladzio tinha um grave defeito: falava o tempo todo, sobre qualquer assunto, se extasiava com qualquer coisa, se entusiasmava com qualquer ideia.

Quando Dun-Cadal sugeriu que ajudasse a derrotar as tropas de Stromdag, perdeu a loquacidade. De início muito nervoso, aceitou pôr mãos à obra e concebeu um sistema de redes capaz de apanhar os dragões.

– Fique aqui, vou ver com Négus como andam as coisas – ordenou Dun-Cadal, seguindo caminho entre os pinheiros.

Négus andava para lá e para cá ao longo de um comprido barranco onde se preparavam os lanceiros. Dun-Cadal foi ao seu encontro, mesmo sob o olhar feroz de seu aprendiz. A poucos passos dali, Aladzio supervisionava uma equipe de quatro soldados ajoelhados ao redor de uma rede.

– Perspicaz... – resmungou Laerte e soltou um longo suspiro. – Estamos indo direto para a morte...

A distância, os dois generais conversavam sem prestar atenção nele. Quando viu Aladzio vindo em sua direção, lamentou não estar com eles. Mal dera um passo na neve, tentando se esquivar, quando sua voz o deteve.

– Rã! – chamou Aladzio. – Prazer em vê-lo!

Diante dos soldados, Laerte desistiu de fugir. Esperou que o inventor o alcançasse, as faces vermelhas de frio, o tricórnio bem firme na cabeça.

– Ontem não deu tempo de conversarmos, foi uma pena. Deixei você sozinho na taberna, mas...

– Tudo bem – interrompeu Laerte.

– É que eu tinha que arrumar minha bagagem – continuou Aladzio como se não tivesse ouvido. – Pois é, eu achava que ia embora hoje, mas, bem, não vou mais. Fazer o quê? – Pôs as mãos nos quadris, contemplando a floresta com ar sonhador. – Fazer o quê? – repetiu. – É a vida. Tem horas

que a gente acha que consegue... e tem horas que percebe que não. A gente acha que vai embora para um lugar e, no fim, o destino nos reserva uma surpresa espantosa que...

Laerte assentiu brevemente e deu início à sua tentativa de escapar de mansinho.

– Me diga uma coisa – interpelou-o Aladzio, para seu pesar. – Não sou obrigado a ficar aqui durante a batalha, certo? Quero dizer, posso ir para Kapernevic? Acho que não vou ser de grande ajuda por aqui e...

Sua voz, de repente, pareceu nervosa. Uniu ansiosamente as mãos enluvadas, exalando a cada expiração uma nuvem leitosa.

– Tudo depende – respondeu Laerte com um sorriso malicioso. Virou-se lentamente para ele, a neve rangendo sob seus pés, e desafiou o inventor com um olhar zombeteiro. – Se suas armadilhas funcionarem, os homens de Stromdag não vão cruzar nossas linhas. Que perigo haveria em você assistir ao combate do limiar da floresta?

– Ne-nenhum – gaguejou Aladzio, sem jeito. – Nenhum, claro. É só que, bem, eu sou um cientista e é claro que, na ciência, sempre há uma margem de incerteza. É... experimental.

– Está querendo dizer que existe alguma *incerteza* em relação às suas redes contra dragão? Você as testou direito?

A cada passo que dava em sua direção, Aladzio recuava. Laerte o pressionava com um olhar severo.

– Não estou querendo dizer nada – defendeu-se Aladzio, sem deixar de sorrir. – Fiz um cálculo rápido de massa, peso e velocidade com base no que sabemos sobre os dragões cinzentos que habitam os montes de Kapernevic, mas... se houver um dragão vermelho...

– Muito científico – esbravejou Laerte. – Teria sido melhor chamar um mágico.

Aladzio balançou a cabeça.

– Não, não. Sei alguma coisa de magia e, acredite, não é nada conclusivo... – Baixou os olhos quando Laerte postou-se diante dele. – Enfim, pelo menos quando tento fazer algum truque... Calculei tudo certinho, pode acreditar... Eu... sou bom nisso.

O inventor parecia tão sem jeito que o garoto achou desnecessário insistir. Afastou-se um pouco e se pôs a observar as redes que os soldados amarravam entre as árvores. Dentro de algumas horas, uma pequena tropa ia simular um ataque a Stromdag e atrairia os insurgentes até ali, junto com os dragões que teriam tirado das tocas. A tática dos ruargues das Salinas tivera seguidores. Laerte ouviu a neve ranger sob as botas de Aladzio. Mesmo tremendo de frio e de medo, o alquimista permanecia junto dele.

– O duque de Page não disse nada sobre isso – falou então e suspirou.

– Page?

– É o meu mecenas – explicou Aladzio. – Enfim, por enquanto. Aliás, é por isso que vocês estão aqui. Tenho essa impressão. Há outras pessoas querendo contratar meus serviços. Mas ele me mandou aqui para pesquisar. Não para guerrear. – Sua voz ficou abafada de repente, enquanto seu olhar se perdia na orla da floresta nevada: – Para ser sincero, e com todo o respeito, aprendiz de cavaleiro, não entendo muito desta guerra.

Quando Laerte voltou a cabeça e o encarou, ele sustentou seu olhar sem pestanejar. Manteve-se

assim, embora desse para notar certo temor em seus olhos.

– Verdade – reiterou Aladzio. – Eu, pessoalmente, não tenho nada contra essa gente... Eles só estão lutando para... Enfim, só o que eles querem é ser ouvidos, não é? Querem poder opinar sobre seu destino, enfim, eu... eu...

– Você podia ser morto pelo que acabou de dizer – declarou Laerte em tom sério.

Aladzio desviou o olhar, exibindo um sorriso forçado.

– Porque eu dei minha opinião? – indignou-se, sem jeito. – Só estou tentando entender as coisas... Enfim, quero dizer...

Laerte balançou a cabeça com ar de desprezo. O inventor já engatava mais um monólogo, que ele achou melhor ignorar. Não longe dali, os soldados terminavam de instalar as redes. Será que seriam suficientes para deter os dragões? O garoto não entendia por que um homem como Dun-Cadal cometia o erro de alicerçar seu plano numa base tão frágil. A essas perguntas se mesclavam ansiedade e animação. Para ele, cada batalha era uma oportunidade de esquecer, de se achar grande e forte quando dominava seus inimigos, quem quer que fossem. Cada enfrentamento era uma oportunidade de confirmar, ter certeza de estar se tornando quem esperava ser, para, um dia, conseguir vingar os seus. Pouco importava lutar contra pessoas que afirmavam defender ideias republicanas. Pouco importava o sonho de seu pai, que estava morto. Mesmo porque Meurnau e seus companheiros haviam se apropriado desse sonho sem nenhum pudor.

Isso tudo lhe importava muito pouco. Ali, em Kapernevic, na brancura ofuscante da neve, não se tratava apenas do desejo de Oratio de Uster. Tratava-se do seu sonho. Stromdag e seus homens não eram nada perto dos dragões.

Até onde sabia, essas criaturas furiosas eram tão estúpidas quanto os ruargues. Mas havia, entre elas, uma raça superior em todos os aspectos: na força, no tamanho, na inteligência. O mítico dragão vermelho. Dun-Cadal minimizara o perigo, mas nem por isso deixara de alertá-lo. Essa contradição era, por si só, uma prova.

O dragão vermelho equivalia a todos os desafios do mundo e Laerte rezava para conseguir enfrentá-lo.



Ao anoitecer, os soldados se posicionaram na orla da floresta, escondidos atrás de um monte de neve. Encostados nas árvores, homens munidos de machados se preparavam para cortar as cordas que prendiam as redes no chão. As estrelas, aos poucos, começaram a brilhar, lembrando fogueiras distantes na escuridão glacial. Dun-Cadal ordenou que acendessem as tochas em volta das armadilhas e ficou de pé sobre o monte, a apenas poucos metros dos pinheiros. A tensão crescia. Ao lado do garoto, um soldado tremia; não era apenas de frio.

A tropa que ia servir de isca partira havia mais de uma hora quando Négus, com a espada em riste, postou-se junto a um tronco. Ouviram-se acessos de tosse... e o som do vento balançando os ramos.

– Ahn... por favor... por favor – chamou uma voz, enquanto uma mão dava uns tapinhas no ombro de Laerte.

O rapaz olhou para trás e reconheceu sem surpresa o vulto encurvado de Aladzio. Na noite já escura, ele estava pálido como a lua. Amassava nervosamente seu chapéu entre as mãos.

– Preciso mesmo ficar aqui, meu senhor? Não vou ser de grande serventia. Imagino que eu...

– Cale-se! – ordenou Laerte, autoritário.

Fez sinal para ele recuar.

– Bem, suponho que deva entender isso como: “É claro, vá para algum lugar aquecido em Kapernevic” – comentou Aladzio em tom brincalhão. – “Seu projeto das armadilhas ficou muito bom, merece comer um frango na frente da lareira.”

Laerte não conseguiu conter o sorriso. Aladzio o irritava tanto que era até melhor achar graça. O inventor se afastou, seguido pelo ranger de seus passos no tapete de neve. Houve então alguns murmúrios. Mas não tão altos a ponto de Laerte não ouvir as batidas de seu coração. Levou instintivamente a mão à espada. O frio amortecia seu corpo inteiro. Não via a hora de se mexer para se sentir vivo, sair de sua posição, agachado num barranco, imóvel.

A luva de couro de Dun-Cadal deslizou na bainha da espada... Teria pressentido alguma coisa?

– Eles estão chegando – anunciou.

– Não estou ouvindo nada – murmurou Laerte.

– Confie nele – interveio Négus, ainda encostado na árvore a poucos passos dali.

Piscou para ele antes de erguer a lâmina da espada diante do rosto, o que não deixou Laerte mais tranquilo. Segundo Dun-Cadal, Stromdag ia mandar os dragões na frente. Com as criaturas ocupadas em perseguir os invasores, aproveitaria para tentar um ataque a Kapernevic, certo de estar em vantagem numérica. Chegariam com a certeza de serem superiores em força e poder, a luz das tochas irritaria os dragões, e do barranco surgiriam os soldados do Império. A surpresa seria tanta que aproveitariam um instante de hesitação dos insurgentes para desorganizar suas fileiras. E os monstros? Aí é que a contribuição de Aladzio penderia a balança a seu favor. A investida dos dragões iria de encontro às redes... Desde que fossem resistentes o bastante para conter seu peso...

– Mantenham suas posições – ordenou Dun-Cadal, ajoelhando-se no alto do acive.

Laerte observou o estranho gesto de seu mentor. Fitando um ponto ao longe, o general pôs uma das mãos sobre a penugem nevada. Para além do muro de tochas, havia só escuridão.

Aos poucos, um som singular começou a ressoar. Cada vez mais forte, lembrava pedaços de metal se chocando. *São as armaduras*, pensou Laerte desembainhando lentamente a espada. O estrondo que se seguiu confirmou seu pensamento. Os batedores estavam voltando e, atrás deles, vinha o exército de Stromdag.

– Eles estão chegando! – berrou uma voz.

E então outra:

– Alerta!

Laerte se levantou de repente, mas a voz tranquila de seu mentor o fez ajoelhar-se de novo. Ainda não era hora de se lançar na batalha. Ainda não... mas logo.

– Lanceiros! – bradou Dun-Cadal.

Estes obedeceram, erguendo as lanças. A alguns metros dali, os soldados se preparavam para cortar a machadadas as cordas que prendiam as redes. Os ramos dos pinheiros balançaram devagar, prenunciando a tempestade. Montes de neve caíram do alto das copas num suave sussurro. Não era tão brutal como os estalos das armaduras somados à pesada respiração dos soldados correndo na floresta.

Estalos... sons de trovão... um rugido.

– Chegaram!

Um homem emergiu da escuridão, logo seguido por outros dez. Atrás deles, os pinheiros se curvavam.

Laerte por fim levantou-se, o coração prestes a explodir, tão sem fôlego como os que terminavam sua louca carreira pulando o barranco. Surgindo do pinheiral, uma enorme mandíbula com dentes reluzentes se abriu, pronta a engolir quem aparecesse pela frente. Em sua garganta vibravam montes de carne em volta de uma úvula do tamanho do braço de um homem, e um rugido terrível ressoou.

Ao redor, seus irmãos respondiam com fúria, um deles ostentando um pescoço com a pele dilacerada. Das manchas cor de creme de suas escamas às listras de suas asas descarnadas, as diferenças entre eles eram visíveis nos simples detalhes. Mas vinham embriagados por uma mesma fúria, uma mesma ira, as poderosas mandíbulas abertas na esperança de abocanhar um homem pelo caminho.

– Agora! – exclamou Dun-Cadal, pondo-se de pé.

Laerte ficou quieto, observando apavorado as criaturas furiosas surgirem por entre os pinheiros. Os machados golpearam as cordas várias vezes, até que as redes se ergueram de repente, envolvendo em suas malhas as mandíbulas vorazes dos dragões. Um por um, caíram na armadilha.

Dragões tão escuros que a escuridão os envolvia.

A luz das tochas bastava para revelar, entre os pinheiros, cada detalhe de suas asas se abrindo. Urrando, os lanceiros atacaram. Lançaram-se sobre os monstros enfurecidos, cravando as armas em seus pescoços. Ante o olhar atônito de seu aprendiz, Dun-Cadal pulou sobre o primeiro dragão e, com um golpe rápido e certo, furou o olho arregalado antes de cair pesadamente na neve. Quando virou-se para ele, Laerte já não o olhava mais. Só os dragões lhe interessavam, enormes, as bocarras presas na malha das redes, uma baba grossa escorrendo pelos dentes. De suas largas ventas se erguiam, dançando, nuvens de fumaça branca. Em seus corpos, inchaços e escamas úmidas cobriam até as asas descarnadas que batiam com força na tentativa de escapar. As redes aguentavam firme...

– Rã!

As criaturas, furiosas, se agitavam, arranhando o solo com as fortes patas.

– Rã! Pelos deuses, saia daí!

Espantou-se com a voz de Dun-Cadal, mas menos do que com a maré de guerreiros que surgiu aos berros de entre os pinheiros. Mercenários, soldados, camponeses. Todos movidos por uma mesma ira, brandindo, à luz das tochas, espadas, flagelos de armas, machados de guerra ou

simples picaretas. Contornaram os dragões derrubados, subindo em suas carcaças ainda quentes, prontos a dar a vida por sua causa. Jamais desistiriam.

Passando pelo monte de neve, os soldados imperiais atacaram sem cessar. Foi um embate violento, um estardalhaço igual ao do trovão. Os gritos se misturavam com o choque das armas, e o som agonizante dos moribundos, com os rugidos dos dragões aprisionados. Em meio ao caos, Laerte aparava, esquivava, saltava e golpeava para todo lado, sempre certo. Sua respiração estava acelerada, o coração, disparado. Tudo ficava cada vez mais rápido, violento... sublime. Ali, no centro da batalha, tornava-se forte, poderoso, intocável.

Com a espada rebateu um golpe à sua direita e então deu rapidamente um passo para trás de modo a se desviar de outro. Com a mão livre, esmurrou a cabeça de um mercenário antes de rodopiar a espada para afastar os adversários. Ouviu uma voz forte, tão familiar:

– Rã! Veja!

Um único homem resolvera continuar com o duelo, postando-se bravamente à sua frente com um sabre em cada mão. Quando investiu, Laerte só precisou se ajoelhar, levantando a espada para que ele fosse atingido sem nem dar um grito. Então, num gesto ligeiro, puxou a lâmina do corpo do homem e virou-se para Dun-Cadal. O general combatia firme no meio de vários insurgentes, aparando os golpes com força, esperando uma brecha para dar a estocada.

– O dragão! – gritou Dun-Cadal.

Indicou com a cabeça um vulto distante sacudido por sobressaltos. Era maior do que os outros e se debatia com força entre as malhas da rede. Sua cabeça, cercada por um colarinho vermelho com reflexos sanguíneos, estava totalmente presa na armadilha. Tentava arrebentar as cordas a dentadas. Martelava o solo com as patas pesadas sem nem reparar nos pobres soldados que se esfalfavam para contê-lo. As lanças se quebravam em sua pele, a força de seus rugidos curvava os pinheiros mais próximos.

A rede estava cedendo.

Laerte apressou-se, abrindo caminho a cotoveladas em meio ao caos dos combates. Quase caiu na neve várias vezes, aparando os golpes com a espada, pulando por cima dos cadáveres ainda quentes. Não parou quando se viu barrado por uma fileira de camponeses. Segurando firme a espada, cortou o ar com a lâmina, rodopiando, rolando, batendo. Seus golpes foram rápidos, certos... fatais. E o grito do dragão se fez mais forte.

Laerte chegava perto, cada vez mais perto, percebendo os músculos perfeitos retesados sob as escamas de um vermelho intenso. Dois chifres sobressaíam sobre os olhos amarelos amendoados riscados de um preto profundo. A bocarra voraz atacava a rede. Rugiu mais uma vez. Laerte parou de repente, sem fôlego.

Das ventas da criatura se erguiam, com graça, espirais de fumaça. Era enorme, pavorosa, iluminada pelas chamas oscilantes das tochas. Laerte ficou imóvel, os braços pendentes, hipnotizado pelo movimento cadenciado do pescoço do dragão, que tentava se livrar da armadilha. Quando, numa dentada, rasgou a rede de alto a baixo, Laerte recuou um passo, ansioso e assustado. Soldados se jogaram sobre o monstro, lanças em riste. Enfim livre, o dragão moveu o pescoço em um arco e baixou a bocarra até o chão. Suas mandíbulas se abriram por inteiro,

revelando pregas de carne contraídas em volta da úvula escura. Sua língua arrematada com dois ganchos ondulou de leve enquanto ele inspirava fundo.

Como vencer um monstro daqueles? Afundando a espada em seu olho até tocar o cérebro? Entre os chifres, entre os olhos? Ou atrás do largo colarinho vermelho? Laerte buscava desesperadamente uma brecha na carapaça, um plano de ataque que pusesse todas as chances a seu favor. Ali, naquela noite, teria que mostrar seu valor, como num último desafio antes de se tornar um cavaleiro capaz de derrubar o Império.

– Rã! – gritou uma voz ao longe no exato momento em que ele recomeçou a correr.

De súbito, o dragão vermelho esticou o pescoço e de sua mandíbula aberta jorrou uma torrente de fogo. A neve derreteu, soltando um vapor denso, pinheiros e soldados arderam em chamas e o sopro quente foi tão forte que jogou o garoto para trás como se fosse um simples boneco de pano. Deitado na neve fria, atordoado, avistou um vulto gigantesco alçando voo. Um rugido ecoou acima dos pinheiros em chamas, quase cobrindo a voz de Dun-Cadal.

– Tarde demais, Rã! Fuja! – gritou o general.

Ouviu-se um clamor selvagem, seguido por uma multidão de guerreiros que se via vulnerável agora que o grande dragão estava livre. No alto, sobre a floresta, com as asas abertas, a criatura cuspiu fogo sobre os soldados do Império. Se continuasse a voar assim, a batalha estaria perdida. Não, isso não podia acontecer. Laerte a seguiu com o olhar e correu, sem que ninguém tentasse detê-lo.

Passando em meio às árvores, os ramos dos pinheiros açoitando seu rosto, afastou-se do estrondo da guerra sem perder de vista o dragão acima dele. A criatura furiosa descrevia lá no alto um grande arco. Dentro de instantes, ia arremeter contra a floresta e lançar mais um jorro de fogo. Laerte tinha toda a intenção de impedi-la, embora ainda não soubesse como. Correndo desabalado, tropeçou numa raiz e despencou num declive. A neve freou sua queda mas não evitou a dolorosa aterrissagem numa camada de cascalho. A batalha era apenas um eco, e os gritos, lembranças distantes assombrando a floresta. Levantou-se, ofegante, o coração batendo forte e as têmporas doloridas. Estava em pé no leito de um rio dessecado que zigzagueava frente a uma vasta gruta que mal era iluminada pela lua. Entre os cascalhos, fios de neve serpenteavam até formas ovais, da altura de um homem, situadas na entrada da caverna. Um urro rouco atraiu sua atenção e, ao erguer os olhos, por pouco Laerte não caiu. O dragão vermelho dava voltas no céu, inclinando o pescoço para não tirar os olhos dele. Tinha mudado de direção, esquecendo o caos da batalha. Interessava-se apenas pelo garoto. Por quê? As formas ovais... será que eram uma ninhada?

Quando o dragão fechou as asas e arremeteu em sua direção, a Laerte só restou sair correndo.

Com os pulmões em chamas, viu o vulto envolvê-lo. No momento em que foi tocado pelo hálito pútrido da criatura, jogou-se no chão cobrindo a cabeça com as mãos. Ouviu o estalar dos dentes, um vento forte devido ao voo do dragão. Pensou que ia morrer quando um jato de chamas esguichou na sua frente; quase chorou quando a cauda, ao bater, levantou sua capa.

Tinha passado... O dragão voara bem acima dele. Não teria uma segunda chance. Levantou-se de um salto. A criatura subia em direção à lua batendo as asas descarnadas. Então se inclinou de

lado, girando acima da floresta. O rapaz levou a mão à espada.

– Miséria... – esbravejou.

A bainha estava vazia. Correrá com a arma na mão e a tinha soltado ao cair. Procurando, desesperado, o brilho da lâmina, retomou seus passos. Na penumbra, havia apenas o azul-escuro da neve e o pretume dos cascalhos.

Seu coração batia tão depressa, tão forte, que teve medo de que parasse de repente. Seu peito estava tão apertado que sentia falta de ar.

O dragão, ao longe, concluía seu movimento no céu. Ele não tinha arma nenhuma para enfrentá-lo.

Não.

Ainda tinha o Sopro, selvagem, indomado, que poderia aniquilá-lo caso não conseguisse dominá-lo. O Sopro que tornava tudo possível. A respiração do mundo.

*... o mundo inteiro é como o ar indo e vindo. O Sopro... Sinta o Sopro, seja o Sopro.*

Firmando-se, fincou os pés no cascalho, os joelhos flexionados. Inspirou profundamente, olhos fechados, e concentrou-se. A urgência da situação já não permitia ter dúvidas. Tinha que fazer isso. Era capaz. Era o maior cavaleiro do mundo. Era o que tinha prometido a si mesmo. E era verdade, ele era mesmo capaz.

Dos pés à cabeça, seu corpo inteiro despertou, desde as últimas feridas ainda sentidas até a dor causada por sua queda, dos pulmões em chamas ao coração palpitante. Por um breve instante, julgou não conseguir; uma lágrima escorreu do canto de seu olho.

A dor se esvaneceu quando surgiu a imagem dos cascalhos cercados de neve. Percebia sua força, sua dureza, seu coração inabalável. As raízes dos pinheiros, os ramos vergando sob a neve, a casca grossa dos troncos... e o vento ligeiro afagando os ramos. Foi por fim submerso por um fluxo poderoso, uma força indescritível que percorreu seu corpo e o envolveu. Sentia a vida na carne disforme da criatura, escorrendo sob as escamas até as veias das asas descarnadas. Ele não via o dragão, mas se tornava o dragão, sentindo cada batida de seu coração, cada movimento, cada respiração. A criatura ia voar para cima dele e... Não, ela não era estúpida ou belicosa. Estava apenas com medo.

O dragão fechou as asas.

Ele o tinha sob controle.

Agora.

Laerte abriu os olhos, estendendo os braços como se para agarrar uma corda invisível. Cerrou os punhos e, num gesto brusco, trouxe-os dolorosamente para si. A criatura urrou, cativa. Abriu as asas, movendo freneticamente o pescoço como se algo a prendesse.

O garoto não conteve um grito de dor. Era tão insuportável, ardente, voraz. Sua vida parecia se esvaír enquanto lutava para puxar o dragão para o solo. Seus pés escorregaram no cascalho. A criatura se debatia. Inspirou mais uma vez, a garganta seca. Não era apenas seu próprio sofrimento...

Havia também o sofrimento do dragão.

Um fio de sangue saiu de sua narina direita. Tudo em volta parecia girar. O luar se tornara tão

ofuscante quanto a luz do sol.

Exausto, sentiu que não estava aguentando. Não conseguia mais contê-lo, não dava mais. Seu coração batia tão depressa que mal podia respirar.

*Desistir? Não... não agora, não ali.*

Recuou devagar, fez um novo esforço, levando os punhos fechados à frente, cerrando os dentes. Tornou a flexionar os joelhos.

Seu coração parou um instante. Tudo ficou escuro.

E depois o silêncio... alguns segundos... um minuto talvez.

No exato instante em que ressurgiu a imagem do riacho seco, ele não pensou, baixou os punhos para o chão num gesto abrupto. O dragão foi tragado, puxado para o chão, rugindo. Espatifou-se em meio a uma nuvem de neve e rocha. Laerte deixou-se cair, esgotado. Seu corpo inteiro parecia ter sido pisoteado por um cavalo furioso. Olhos semicerrados, deitado no cascalho frio, observava o dragão ferido. Seus olhos amarelos estavam perdendo o brilho, as pesadas pálpebras aos poucos cobriam as íris. As ventas cuspiam espirais de fumaça cinzenta. Parecia muito cansado. Lentamente, o garoto se pôs de pé.

– É isso...? – murmurou. – Está protegendo o seu ninho, não é?...

À entrada da gruta, via os ovos tão claramente quanto em plena luz do dia. Era esse o medo que a criatura sentira. Por isso abandonara a batalha para segui-lo quando ele descera o morro. Era graças a esse medo que Stromdag o fizera atacar o Império, invadir seu território. Mancando, Laerte se aproximou do dragão. Em nenhum momento o monstro se moveu. Aceitava a própria derrota.

– Estava protegendo sua família...

Laerte pôs a mão enluvada entre as ventas fumegantes e a deslizou lentamente até um ponto abaixo do olho amarelo riscado de preto. O dragão parecia observá-lo com tristeza. Como podia matá-lo? Que direito tinha de liquidá-lo?

De soslaio, avistou um monte de ossos. Entre eles, um chifre de um branco leitoso, tão imponente quanto os que encimavam a cabeça do monstro.

Lentamente, o dragão fechou os olhos.

Quanto tornou a abri-los, Laerte tinha ido embora.

# 7

## ESYLD

*Quem faz bater meu coração,  
quem o sangra ou aperta  
e o tem na palma da mão?*

Após a morte do pai, tinha se esbaldado em orgias, o que alguns viam como uma manifestação de tristeza, e outros, como a alegria de estar finalmente livre das censuras paternas. O mundinho da corte se reunia em suas vastas dependências a fim de esquecer a revolta com grandes goladas de vinho, fornicar sem cerimônia, com qualquer um, em qualquer lugar. Títulos de nobreza pouco importavam quando se estava bêbado.

Durante o dia, o duque de Page era tido como a mais amoral das criaturas. À noite, valia a pena bajulá-lo para que abrisse as portas de seus aposentos. Era aquele cuja promiscuidade ninguém apreciava, mas de quem todos esperavam um convite, uma senha para a esbórnia. Era o homem das noitadas mais doidas na capital, o festeiro, o que gozava a vida.

Aquela era uma de suas festas privadas, nas quais se movia com graça, um casaco de couro preto de ombros bufantes aberto sobre uma camisa branca imaculada. Uma máscara bordada com rendas cobria seu rosto, mas um bom observador podia reconhecer seus olhos castanhos vagueando com curiosidade entre um casal e outro. Aos risos se somavam os gritos de prazer dos convidados. Aos estalidos dos canecos brindando, o sussurro do vinho vertido.

Num cômodo vizinho, Laerte os ouvia se divertirem sem reservas. A imagem de Kapernevic ainda estava muito vívida em sua memória, o que só aumentava o desprezo que sentia por eles. Ter sido secretamente convocado por Page, naquele momento, era algo inexplicável para ele, mas Rogant havia insistido. Apoiado junto a uma pequena porta, os braços cruzados sobre o colete de couro, o nôaga o fitava sem pestanejar. Sobre sua coxa, pendia a bainha de uma adaga. Levava tão a sério seu cargo de guarda-costas que não se permitia expressar qualquer simpatia por Laerte. Ou será que, por algum outro motivo, se via obrigado a uma austeridade de fachada?

Cansado dos gritos próximos, Laerte sentou-se no sofá vermelho da saleta. Depois de voltar do Norte, mal conseguira se recolher a seus aposentos e dormir cerca de cinco horas até Rogant o chamar.

– Para nós, os dragões são os antepassados – disse o nâaga de repente, com voz rouca.

Sem encará-lo, Laerte balançou a cabeça. Então era isso. Conhecia, é claro, a cultura nâaga e suas crenças, e podia avaliar o que seu ato significava para o amigo.

– Você acha que eu o matei – disse.

– É o boato que corre. Apesar do que diz seu mentor, são poucos os que acreditam que você esteja metido nisso. Mas, para mim, se existe alguém capaz de derrubar um dragão vermelho, esse alguém é você – admitiu Rogant, ainda em tom de censura.

Embora suas palavras não pretendessem ser um elogio, Laerte sentiu-se lisonjeado e esboçou um débil sorriso. Inclinou-se para trás, os braços abertos no espaldar do sofá.

– Kapernevic não foi mais atacada depois que saímos de lá.

– Um dragão só ataca quando se sente ameaçado. Ele estava se defendendo – rebateu Rogant. – Stromdag se aproveitou disso.

– Eu sei – admitiu Laerte.

– Não precisava matá-lo.

– Também sei disso. – Inclinou a cabeça de lado e olhou para o nâaga. – Não se preocupe com seu sáurio. Ainda vai poder venerá-lo por mais alguns anos.

Rogant ficou calado, imóvel. Se sentiu alguma satisfação, tomou o maior cuidado para não demonstrá-la.

Do outro lado da parede, houve uma explosão de risos; a porta pareceu estremecer. Ouviram-se uma música e aplausos cobrindo os poucos arquejos ainda audíveis. Se Page pensava em seduzi-lo com promessas de prazeres delirantes, estava muito enganado.

Laerte nunca o vira, de modo que se fiava na opinião de seu mentor. O que Dun-Cadal dera a entender sobre o novo duque não era nada enaltecido.

– O que você fez? – perguntou Rogant, sem que sua fisionomia expressasse qualquer curiosidade.

Foram interrompidos por uma voz que se aproximava, alguém vindo de trás de duas amplas cortinas vermelhas.

– Eu já volto! Rá, rá, não se preocupem! Volto já, meus amores.

Cada palavra sua parecia tropeçar, articulada por lábios pesados de embriaguez. Laerte olhou para as cortinas, mas, como nada mais aconteceu, respondeu:

– Eu não o matei. Não tive coragem... acho – confessou. – Eu o dominei, Rogant. Consegui dominá-lo. Agora que Stromdag não está mais no seu território, o ninho não está mais em perigo, não é?

Rogant pestanejou, então meneou a cabeça com um leve sorriso nos lábios.

– Dominar um dragão significa entrar na idade adulta – declarou uma voz ainda abalada pelo álcool.

Laerte sobressaltou-se. Atrás dele, passando entre as cortinas de veludo, um homem de cerca de

20 anos avançava titubeando. Tirou desajeitadamente a máscara que cobria o rosto. Usando altas polainas sobre as calças de montaria, sua aparência distinguia-se da dos nobres de Émeris, que eram, não raro, mais vulgares que elegantes. Se lhe dessem farrapos para vestir, ele os usaria com classe. Como único sinal ostensivo de luxo, um anel com um brasão dourado enfeitava seu dedo. Seu cabelo cortado rente brilhava com um óleo perfumado. Laerte levantou-se imediatamente, mas não se dispôs a fazer uma reverência. Sem sentir-se ofendido, o nobre foi até uma mesinha onde havia uma garrafa de licor e duas taças de cristal. Seus passos já estavam mais firmes.

– Na literatura do tempo dos Caglieres – começou com voz arrastada, largando a máscara ao lado das taças –, alguns filósofos comparavam o dragão à nossa fúria interior, a fúria que desperta quando o mundo adquire um real significado.

Já não tinha mais traços de um bêbado quando encheu as duas taças e ofereceu uma delas a Laerte. Prosseguiu, recuperando aos poucos uma dicção perfeita:

– Quando crianças, não percebemos nada, só nos submetemos ou vivemos protegidos até que o mundo se revele com todas as suas injustiças. É então que o dragão toma conta de nós. Mas aí é que está: em algum momento temos que enfrentá-lo, para que não nos escravize. Para não nos tornarmos prisioneiros de nossa ira, tentamos... – Laerte hesitou um instante antes de pegar a taça que ele lhe oferecia. Page ergueu a sua à altura do rosto. – ... dominar o *dragão* – murmurou, antes de molhar os lábios com o licor.

Rogant, em seu canto, observava aquela cena em silêncio. Não esboçou qualquer reação quando Laerte o interrogou com o olhar.

– Por favor, sente-se – convidou o duque com um gesto.

Seu convidado não pestanejou, não se mexeu, limitando-se a fitá-lo com um olhar feroz. Page acomodou-se confortavelmente numa poltrona próxima à lareira de pedra e, cruzando as pernas, descansou a taça no encosto.

– Sente-se, Rã – insistiu.

Laerte, porém, não lhe deu atenção. Aquele jogo não o agradava e, embora aticasse sua curiosidade, temia ser enganado. Page passara da embriaguez para a desenvoltura, como um ator que abandona seu papel depois de estar certo de ter mostrado todo o seu talento.

– O que isso significa? – perguntou Laerte a Rogant, erguendo o queixo.

– Calma, Rã... – limitou-se a responder seu amigo.

– Eu tirei minha máscara – interveio Page, apontando para a máscara que deixara sobre a mesa. – Foi para deixá-lo mais tranquilo. A franqueza é fundamental na nossa conversa. Uma conversa absolutamente informal, de modo que, mais uma vez, peço-lhe que... – estendeu a mão aberta na direção do sofá vermelho – ... se acomode... e dialoguemos.

Rogant permanecia austero, o duque, atencioso, e Laerte, hesitante. Olhou para o sofá atrás dele, esperou alguns segundos sem saber o que fazer.

– Dialoguemos sobre o quê?

– Sobre nós – respondeu Page, sustentando seu olhar.

Laerte sentou-se devagar, disfarçando a curiosidade com um ar pouco afável.

– Até onde sei, e com todo o respeito, meu senhor, não temos nada em comum.

O duque assentiu com um breve meneio de cabeça, mergulhando o olhar na taça cheia. Ouviu-se o forte grito de prazer de uma mulher, que se extinguiu em seguida sob uma salva de palmas.

– Pode ser – admitiu Page. – Ou quem sabe estejamos, os dois, perdidos num mundo que não nos quer. E adotemos uma pose para nos adequarmos.

Os dedos de Laerte se retesaram instintivamente sobre as coxas. A ideia de ser desmascarado nunca lhe passara pela cabeça, obcecado que estava com a finalidade de seu plano. Tentava conter seu medo e, para esconder o que sentia, inclinou a cabeça para a frente. Se Page notou alguma coisa, não fez qualquer comentário.

– Posso imaginar como é difícil uma pessoa não se sentir culpada enquanto luta contra aqueles que um dia foram sua gente – continuou o duque, girando a haste da taça entre o polegar e o indicador.

– Estaria questionando a minha fidelidade ao Império? – inquiriu Laerte em tom grave.

Page esperou uns instantes antes de responder em tom monocórdio:

– Não mais do que a minha própria.

Examinaram um ao outro sem nada acrescentar. Na sala ao lado, violinos se lançaram num ritornelo pontuado por risos e palmas. Page olhou para a porta fechada.

– Não mais do que eles. Eles que transam, bebem, vestem seus mais belos trajes enquanto esperam a derrocada. Mas preferem usar uma máscara, por medo de serem reconhecidos e acusados dos piores vícios do mundo. O que importa? Eu é que sou o pervertido, o *depravado*. Sempre foi assim e vai continuar sendo. É o que meu pai sempre dizia. E o seu? Chegou a conhecê-lo nas Salinas?

– Meus mais sinceros pêsames – desconversou Laerte secamente.

Page fez menção de tomar um gole e pôs novamente a taça sobre o braço da poltrona.

– Diz isso por mera cortesia. Se o tivesse conhecido, não falaria em sinceridade. Meu pai era um porco. Um porco inteligente, cheio de malícia e talento político, mas ainda assim um porco. Enfim... – Balançou a cabeça esboçando um sorriso. – Não estamos aqui para falar do que foi, e sim do que vai ser – disse, com um ar subitamente jovial. – Ouvi dizer que o general Dun-Cadal Daermon tem insistido para que preste seu juramento em breve.

Laerte não pestanejou. Mas sentiu sua garganta ficar seca de repente. Não tirava os olhos de Page, tentando detectar em sua atitude um indício de trapaça.

– Eu sei de muita coisa. Informações, nas minhas festas, rolam como o álcool – explicou Page, adiantando-se a qualquer pergunta. – Parabéns, em breve será um cavaleiro. Como há boatos de que os insurgentes estão se aproximando da cidade imperial, estará na linha de frente. Sua origem deixará de ser motivo de suspeita.

– “Suspeita”? – sibilou Laerte entre dentes.

– O cerco vem se fechando em torno dos conspiradores. Especialmente os da sua região, que Sua Majestade Imperial se dignou a acolher em nossa bela cidade.

– Eu estou a serviço de Asham Ivani Reyes – defendeu-se Laerte friamente. Suas mãos estavam úmidas, seu corpo continuava rígido, seu coração batia incrivelmente rápido. – Eu combato a revolta.

– Pelo que sei, o conde das Salinas era muito amado.

Laerte mediu sua resposta antes de sua voz estalar feito um chicote:

– Era um traidor.

A imagem do alçapão se abrindo sob os pés de seu pai foi como uma pancada na cabeça. Manteve-a erguida, fitando Page intensamente.

Custasse o que custasse, não ia se trair.

– Eu sirvo ao Império e vou defendê-lo até a morte.

Tornava a vê-los pendurados nas cordas. Voltou a sentir o medo devorador que o acompanhara em sua fuga pelos pântanos, a sombra de Azdeki prestes a se lançar sobre ele.

O duque ergueu as sobrancelhas.

– É você mesmo quem está falando? Ou é o general Dun-Cadal Daermon? Não sinto nenhuma paixão em sua voz. – Indicou a porta com um gesto de cabeça. – Rhunstag. Nem mesmo o grande e forte Rhunstag mantém esse discurso de propaganda – disse calmamente. – Só o seu mentor é cego a esse ponto. E ele, sozinho, não vai salvar Reyes.

Laerte continuou calado. De soslaio, buscou uma resposta no semblante de Rogant: um sorriso, um olhar que lhe explicasse o que se esperava dele. Não viu nada além das tatuagens imóveis, dos lábios cerrados e dos olhos negros espreitando seus mínimos movimentos.

– Estão todos esperando a sequência dos acontecimentos – continuou Page. – Principalmente esses que, agora à noite, estão brincando de levar palmadas... e que, amanhã, estarão ostentando um ar grave e digno. Chega a ser surpreendente a capacidade de adaptação que eles têm. É engraçado, sem dúvida. Só não dá para dizer isso para eles; entenderiam como zombaria.

Estaria o duque querendo que ele se revelasse? Ou só estava, à sua maneira, esclarecendo sua posição? Laerte tentava sustentar seu olhar, mas se sentia mais e mais perturbado. O que fazer? O que responder? E Rogant, o que esperava? Não era seu amigo?

– O que seria o caso, obviamente – confessou Page, subitamente pensativo. – Enfim... – Fingiu novamente beber de sua taça, e em seguida umedeceu os lábios. – Não importa quanto se esforce para defender aquilo em que acredita, Rã. Não passa de uma pedrinha no leito de um rio. Até onde sei, não pode desviar seu curso. Não é mesmo?

Laerte lançou um rápido olhar a Rogant. Será que ele não ia intervir? Bastaria um único sinal, um único olhar diferente daquele que vinha mantendo desde o início da conversa, uma única palavra... para Laerte se sentir seguro, e não como uma caça acuada.

– Espero que faça a escolha certa quando a revolta chegar a Émeris – afirmou Page o mais sinceramente possível. – Pois você é, ou melhor, será, um grande *cavaleiro*. Rogant me falou muitíssimo bem de você. E o que aconteceu em Kapernevic só fez confirmar minha opinião. É justamente sobre isso que eu gostaria de conversar.

A taça... a taça no braço da poltrona estava vazia. Durante o breve instante em que olhara para Rogant, seu conteúdo havia sumido. Sumido para onde? Page teria tomado tudo de uma só vez? Não, claro que não. Sua ostensiva embriaguez era puro fingimento.

A embriaguez era uma forma de disfarce. Um artifício de Page, que ele usara também na sala ao lado. Laerte não bebera uma gota, mas o mesmo não acontecia com os convidados do duque.

As línguas se soltavam... e ele escutava.

Olhou novamente para o nâaga e Rogant assentiu com um sorriso imperceptível.

– Kapernevic... – murmurou Laerte, subitamente interessado.

– O tal Aladzio... estava a serviço de meu pai, sabia? – Mal houve tempo de Laerte responder. – Sim, é claro que sabe – prosseguiu Page, meneando a cabeça. – O fato é que meu pai cedeu o contrato dele para outra família. Para o acordo poder ser cumprido, era importante que ele voltasse vivo para cá. De modo que lhe agradeço por tê-lo protegido, um homem que para mim tem um imenso valor. – Não havia em seus olhos nenhum sinal de ironia ou desprezo. – Imenso valor – repetiu com voz grave. – Mas, como gosto de repetir noite e dia, em toda parte, em alto e bom som: Aladzio é um estúpido. Já é público e notório que foi um alívio me livrar dele.

– Verdade? – perguntou Laerte em tom seco.

– O que você acha?

Page sorriu, sem esperar resposta.

Na sala ao lado se acelerava o ritmo da música e dos gritos, risos e aplausos. Sem parar, como as batidas do coração.

– O que eu acho não tem nenhuma importância.

– Muito pelo contrário – rebateu Page, inclinando-se à frente. Apoiou os cotovelos nos joelhos, as mãos unidas. Seu sorriso desaparecera. – Eles vêm às minhas festas – continuou, lançando para a porta um olhar de esguelha – porque acham que ninguém vê nada além da máscara que estão usando. Essa é, aliás, a única coisa que ainda sabem usar atualmente. Rã, não há nada mais importante que isso... Para mim, Aladzio vai continuar sendo um estúpido. Quem, senão um retardado, teria deixado o seu trabalho aqui?

Ergueu os olhos para Rogant, que, sem dizer nada, desapareceu atrás das cortinas vermelhas, retornando em seguida com um pergaminho enrolado.

– Não creio que esses projetos tenham alguma utilidade – confessou Page enquanto Rogant colocava o rolo no sofá. – Para mim, não passam de desenhos horríveis.

Laerte começou a desenrolar os pergaminhos, que continham um amontoado de croquis de uma estranha estrutura longilínea, além de anotações rabiscadas às pressas.

– E essa tal de pólvora, da qual vivia falando sem parar antes de meu pai despachá-lo para Kapernevic... – recordou Page, franzindo a boca numa careta de desprezo. – ... estava convencido de que havia descoberto um pó capaz de lançar projéteis com essa... essa coisa. – Indicou os projetos com o queixo. – Para mim, são apenas desenhos idiotas – continuou o duque, revirando os olhos. – Para ele, eram uma arma capaz de pôr fim a essa guerra e... – Interrompeu-se um instante, pensativo, e então, franzindo o cenho, pôs o dedo sobre os lábios. – Enfim, compreende quanto isso me parece ridículo? Canhões que iam transformar nossas catapultas em antiguidades... Um absurdo! Mas a prova maior de sua estupidez é ele ter deixado para trás os projetos dessa maravilha, arriscando-se a que fossem parar em mãos erradas... – Levantou-se e, altivamente, aproximou-se de Rogant. O nâaga não se moveu 1 centímetro. – Devolva essas garatujas para Aladzio, não quero mais ouvir falar nisso. – Espere... – chamou Laerte. – O duque virou-se bruscamente para ele. – Por quê? – perguntou o rapaz, contemplando os perfeitos croquis do

*canhão*. – Por que faz questão de demonstrar que esses documentos não têm nenhum valor para o senhor?

– Não era isso que queria perguntar, Rã.

Laerte o observou afagar o ombro do nôaga com mão firme antes de pegar sua máscara e encaminhar-se lentamente em direção às cortinas. Na sala vizinha, a festa chegava ao auge, mas o barulho não era nada comparado ao tumulto dos pensamentos do rapaz. Conhecía Rogant o suficiente e já se abria com ele para lhe revelar parte de seus planos. E a confiança era recíproca. Rogant tinha um sonho insano e nunca lhe escondera que via na queda do Império a única possibilidade de seu povo recobrar a liberdade.

Laerte, se ainda tinha total confiança no amigo, precisava acreditar que aqueles subentendidos faziam sentido para ele. Como se para confirmar seus pensamentos, Page acrescentou, sem se virar:

– A verdadeira pergunta é: você viu o homem por trás da máscara... ou viu apenas a máscara? Faça o que achar melhor: em relação a mim, aos projetos e a quem encaminhá-los.

Então recolocou cuidadosamente a máscara no rosto antes de abrir as cortinas. Laerte se levantou, pensando em enchê-lo de perguntas, consumido pela ideia de ter encontrado um poderoso aliado. Canhões? Mais potentes, mais destrutivos que as catapultas? A obra de Aladzio podia acabar nas mãos dos insurgentes e permitiria que eles entrassem em Émeris.

– Já ia me esquecendo – disse Page com voz grave. – Parece que você frequentava a casa de alguns refugiados das Salinas. Um deles, infelizmente, foi acusado de traição e enforcado hoje pela manhã. Você, estando a serviço do Império, não devia conhecê-lo. Era um ferreiro de Forte d’Aed. Esse traidor devia ter pensado na filha, que ficou órfã. Tomara que ela encontre um ombro amigo...

E passou pelas cortinas.

Laerte sentiu as pernas fraquejarem. Não conseguira se encontrar com ESYLD desde que chegara, no dia anterior. E ficava sabendo da morte do pai dela desse jeito, pela boca de um completo estranho. Não se lembrava, em suas brevíssimas estadas em Émeris, de ter cruzado alguma vez com mestre Orbey nos corredores do palácio. A última vez que se viram fora nas Salinas, pouco antes de ele ser obrigado a fugir. Pouco antes de conhecer Dun-Cadal Daermon. Pouco antes de mudar de vida.

ESYLD comentara tantas vezes sobre ele, sobre o perigoso papel que vinha desempenhando em Émeris. Durante todos aqueles anos que Laerte passara se perdendo nos campos de batalha, Orbey permanecera atuando às escondidas, organizando a resistência entre os refugiados das Salinas e entre os nobres hostis ao imperador quando estes buscaram uma aproximação. Mantendo sempre a discrição, fizera o possível para se certificar de sua boa-fé. E entre esses nobres dispostos a se juntarem à revolta estava o duque...

– Rã, a guerra está chegando ao fim – disse Rogant com um olhar insistente. – Confie em mim, meu amigo. Existe aquilo que Page diz, aquilo que é necessário que os outros ouçam e aquilo que é. Esse inventor que você salvou... ele vai treinar os soldados da academia no uso do canhão desde que consiga construir um que funcione. Converse com ele. É um conselho de amigo.

Fez-se um longo silêncio que nada veio perturbar. Rogant baixou ligeiramente a cabeça antes

de se virar.

– Sinto muito por ela – disse, antes de deixar a sala. – Agora essa jovem precisa de você.

Quando ficou sozinho, Laerte esforçou-se para conter as lágrimas. Com os olhos enevoados e marejados, fitava os projetos espalhados no sofá vermelho. Pegou-os sem mais demora.



Passou pelos corredores do palácio o mais discretamente possível, andando rente às paredes, contornando as colunas de mármore, se esquivando dos olhares indiscretos. Foi rapidamente até as dependências dos servos e cruzou a pequena porta tão conhecida.

Quando entrou no quarto de ESYLD, ela estava encolhida ao pé da cama, o cabelo cacheado cobrindo o rosto e lágrimas escorrendo pelas faces. Soltou um pequeno soluço ao ver Laerte ajoelhado diante dela e imediatamente se aninhou em seus braços.

Ficaram assim um bom tempo, sem dizer nada, sem nem mesmo se olhar. Ela então lhe contou sobre a prisão do pai e como ela, por muito pouco, não havia sido enforcada também. Estava viva graças a um nobre cujo nome não revelou, o qual afirmara que ela estava a seu serviço e que sairia prejudicado caso a executassem. Laerte não perguntou quem era; já imaginava. Aliás, tinha certeza de que estivera com ele havia pouco.

Depois de ela relatar demoradamente, com a voz trêmula de dor, o modo como seu pai morrera, ele hesitou vários segundos.

– A morte dele não foi em vão, ESYLD – sussurrou enfim, decidido.

Agachando-se, desenrolou os projetos no piso.

– O que é isso?

– É algo que vai levar o Império a se render – afirmou ele entre dentes. – Temos que fazer com que esses projetos cheguem às mãos de Meurnau quanto antes.

Graças à atuação de Orbey, ESYLD conhecia os refugiados das Salinas que trabalhavam de garotos de recados para os mercadores da capital. Foi assim que os pergaminhos saíram de ÉMERIS, passando de mão em mão até chegarem ao acampamento rebelde mais próximo.

Estranhamente, e sem que ele soubesse o porquê, ESYLD não lhe dirigiu a palavra no mês seguinte. Em geral, evitava-o. Laerte aceitou, ainda que com dificuldade, que ela pudesse julgá-lo culpado. Orbey morrera, ao passo que ele tinha lutado contra sua própria gente durante anos. E, o que era pior, não assumira sua verdadeira identidade e sempre rejeitara a ideia de se unir a Meurnau e suas tropas. Doía-lhe o fato de ela não aprovar suas escolhas. Sentir-se culpado também não facilitava as coisas.

De modo que passou aquele último mês em ÉMERIS entre as aulas da academia, as crises autoritárias de Dun-Cadal e as conversas com Rogant e Aladzio, que estava aprendendo a conhecer. E a apreciar. A espera não durou muito. O clamor da revolta batia às portas da cidade imperial. Como Page havia previsto, a guerra chegava ao fim. Ele enfim estava pronto para enfrentar sem medo o imperador e sua Mão. Já não tinha dominado o dragão vermelho? Asham

Ivani Reyes era apenas um homem, não seria tão difícil, disso ele agora tinha certeza.

– Amanhã... – avisou Esyld.

A luz do sol aclarava as pedras brancas da passarela. Uma trança ondulava em seu ombro desnudo, que um raio luminoso acariciava com pudor. Mantinha as mãos unidas sobre o vestido carmesim e conservava toda a sua beleza mesmo estando com as feições abatidas. Rã buscou desesperadamente seu olhar, em vão. Alheia, ela contemplava os jardins do palácio, que desciam como degraus de uma escada florida.

– Pensei que não passasse de boato – confessou ele baixinho. – Émeris parece tão tranquila...

– Meurnau e suas tropas estão mesmo bem próximos da cidade – garantiu ela em tom cortante.

– Esyld...

– Eles construíram os canhões do seu amigo, vão conseguir entrar sem problemas. Mas ainda há o imperador, e sei que chegou sua hora de agir. Um nobre que nos apoia vai me ajudar a deixar a cidade. Confio totalmente nele, mas você, eu...

– Esyld, olhe para mim...

Ela lançou-lhe um breve olhar e desviou os olhos em seguida.

– Preciso de um tempo, Laerte – explicou em tom seco. – Preciso de um tempo para perdoá-lo, apesar de todo o amor que sinto por você.

– Eu não queria isso...

– Você sabe muito bem o que penso – interrompeu ela.

Sim, claro. O que ele tinha feito durante a revolta? Lutara contra, em vez de assumir a liderança.

– Sou como a rã-de-Erain – justificou-se num sussurro. – Vou dar o golpe na hora certa. E *a hora certa* é amanhã, Esyld. Não vou fraquejar, prometo.

– Acredito em você – respondeu ela sem muita convicção. – Mas e Dun-Cadal?

Esyld sustentou seu olhar e suas feições foram relaxando. Estava prestes a abraçá-la, beijá-la apaixonadamente, arriscando que seu coração explodisse. Desejava-a tanto que estava disposto a morrer por isso.

– O que tem Dun-Cadal?

– Na hora certa... você vai matá-lo?

Matar seu mentor? Seu inimigo... O certo é que Dun-Cadal Daermon preferiria morrer a deixar o Império ruir. Sentiu seu sangue gelar só de pensar que ele podia se colocar entre ele e o imperador. Será que Rã, nesse caso, não ia se sobrepor a Laerte? Embora teimasse em negar, sentia afeto por esse homem. Seria capaz de esquecê-lo para cumprir sua vingança?

– Farei o que for preciso – sussurrou, o olhar devaneando pelas lajotas brancas. – Estou pronto. Confie em mim. Vou conseguir. Vou derrubar o Império sozinho, por você...

– Laerte...

– Rã! – bradou uma voz.

Virou-se e avistou, com irritação, o vulto corpulento de seu mentor vindo rapidamente em sua direção. A mão suave de Esyld em seu ombro foi como uma carícia e, quando ela se ergueu na ponta dos pés para murmurar algo em seu ouvido, desejou poder fugir com ela para longe dali, daquela guerra, daquela violência... e esquecer-se de tudo.

– Nunca se esqueça, eu sempre vou amar você... Tome cuidado amanhã.

Ele a seguiu com o olhar enquanto ela se afastava pela passarela à luz dourada do sol. Sombras deslizavam pelas curvas perfeitas de seu corpo, até que ela chegou à porta da torre. Quando desapareceu no interior do palácio, ele sentiu a presença opressiva de Dun-Cadal às suas costas.

– Estou procurando você há horas – disse ele com voz autoritária.

– Já foi mais eficiente – respondeu Laerte, fazendo o possível para disfarçar sua irritação.

Fitava a extremidade da passarela, como se Etyld ainda estivesse ali.

– Quando não está com Aladzio, está com ela – censurou Dun-Cadal. – Você sabe o que eu acho disso.

– Estive treinando com os cadetes, Pernalta – garantiu o rapaz placidamente.

– E se amanhã nos mandarem de volta para a linha de frente? Não é com os cadetes que você tem que treinar. Você é um cavaleiro, seu cabeça-dura!

– Estarei preparado – exasperou-se Laerte.

Virou-se finalmente para encará-lo. O rosto marcado de Dun-Cadal inspirava pouca simpatia. Seus olhos claros, severos, brilhavam como fogo. Laerte andou em direção à borda da passarela, na esperança de acabar com as recriminações. Não era a primeira vez que Dun-Cadal o alertava em relação a Etyld, afirmando que ela o distraía de seus estudos, que o desconcentrava... Será que temia que ela fosse uma má influência para seu pupilo? Esse homem não era seu pai. Como se atrevia a dizer o que ele tinha que fazer ou com quem podia se encontrar?!

– Você está sempre com Mildrel – reclamou Laerte.

– É diferente.

– E o imperador não fica o tempo todo mandando você treinar. Tenho treinado todas as manhãs. Principalmente desde que me tornei cavaleiro. Tenho direito de me encontrar com ela.

– É diferente – repetiu suavemente Dun-Cadal.

Como era insuportável ouvir seu tom indulgente, meloso. Sempre que uma discussão arriscava desandar ele adotava essa atitude, que só aumentava a raiva de Laerte, ao invés de acalmá-lo. Por quê? Talvez por achar que era o comportamento de um pai.

– Diferente por quê? – exaltou-se, sustentando o olhar de seu mentor.

– Porque Mildrel não é uma refugiada! – respondeu Dun-Cadal elevando a voz.

– Essa história de novo... – disse Laerte, balançando a cabeça com desdém.

Ele estava certo. Esses rumores circulavam em toda a corte. Havia gente tramando contra o Império, e os refugiados das Salinas eram sempre os primeiros suspeitos. A filha do ferreiro de Forte d'Aed ainda estava viva por milagre. Contava com a proteção de um nobre, mas isso não bastava para acabar com o disse me disse.

Dun-Cadal preocupava-se verdadeiramente com ele. Uma dor intensa varou o coração de Laerte. Sentia-se literalmente dilacerado por seus sentimentos. Pela primeira vez, teve a impressão de estar traindo alguém que amava...

*Na hora certa... você vai matá-lo?*

– Eu já lhe disse quando voltamos de Kapernevic: não pode mais se encontrar com ela – continuou Dun-Cadal. – Não vê como todo mundo anda desconfiando de todo mundo? Négus me

alertou. E eu... alertei você.

– Eu também sou das Salinas, esqueceu? – perguntou entre dentes.

– Rã, é só até a guerra acabar. Depois você vai ter todo o tempo do mundo para cortejar essa moça...

Como queria poder dizer que no dia seguinte tudo estaria acabado, que o general ia descobrir quem ele era, o que tinha feito, o poderoso cavaleiro que tinha se tornado.

– Não quero que desconfiem de você.

Laerte sentiu que Dun-Cadal hesitava ao pôr a mão em seu ombro e a repeliu bruscamente. Em seguida, se afastou.

*... você vai matá-lo?*

– Ainda mais agora que foi sagrado cavaleiro – acrescentou Dun-Cadal.

Sim, ele tinha prestado juramento. Fora investido pelo grande general Daermon, seu mentor...

*... você vai matá-lo?*

Laerte se agarrava à ideia de que o general simplesmente o usara. Ambos tinham usado um ao outro como se fossem meros instrumentos. Sentir afeto por ele era um erro; melhor se concentrar em tudo aquilo que detestava. Repetia a si mesmo que Dun-Cadal de fato nunca se comportara corretamente com ele. Sempre fizera sermões, dizendo que precisava treinar mais e mais, mandando que se calasse na frente dos poderosos. Sem nunca reconhecer que ele era um aluno talentoso.

– Pois isso devia me dar o direito de me encontrar com quem eu bem entender – escarneceu Laerte.

– Ah, meu rapaz, não pense que já chegou lá. Você ainda tem muito chão pela frente até...

– Não entendo – interrompeu Laerte, fitando-o com um olhar sombrio. – Para você nunca sou bom o bastante, não é? Não importa que eu faça, nunca é suficiente. Você alguma vez me elogiou, por acaso? Alguma vez me disse “Muito bem, *moleque*”? Mesmo depois do juramento, alguma vez me deu parabéns? Eu queria dizer que você foi como um p... Eu...

As palavras ficaram presas em sua garganta, obstruídas por tantas críticas que não conseguia expressá-las. E, o que era pior, uma nova tristeza pressionava seu peito. Começou a arquejar enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. Concentrou-se em se recompor, não ceder, não demonstrar quanto estava emocionado. Dun-Cadal não podia desconfiar de absolutamente nada.

Baixou os olhos por um breve instante e então se obrigou a encará-lo outra vez com ar determinado.

Não podia negar que aquele homem lhe ensinara muitas coisas. Mas ele sabia, desde o início, que Dun-Cadal Daermon estava do lado dos que tinham matado seu pai.

*Na hora certa... você vai matá-lo?*

– Às vezes eu... odeio você! – exclamou.

*Precisa de mais alguma coisa, senhora?*

As últimas palavras trocadas com Dun-Cadal haviam sido raivosas.

*Na hora certa...*

As que Etyld lhe sussurrara ao ouvido tinham sido de puro amor.



– Está tudo bem, Marissa. Pode se recolher.

Sua voz, embora um pouco mais grave, mantivera a doçura. Sobre a cornija, encostado na parede junto à janela que dava para os luxuosos aposentos do Palatio, Laerte revia a imagem de si mesmo deixando a passarela. Recordava aquele último dia antes de ele...

A porta se fechou à saída da serva e então ouviu-se apenas o farfalhar do vestido de Elyld indo até a cama de dossel.

Esperara anoitecer para galgar os muros do palácio e deslizar discretamente pelas calhas até finalmente chegar às sacadas. Dali passara para os telhados que circundavam a alta cúpula de modo a identificar a janela da mulher que reconhecera na praça, no dia anterior.

Ele não tocara no assunto com ninguém. Tinha certeza de que Rogant, e mesmo Viola, teriam feito de tudo para impedi-lo... Como poderiam entender que a esperança de um dia tornar a vê-la era a única coisa que o mantivera vivo? Que só a lembrança de Elyld o impedira de naufragar?

Tentara, todos esses anos, descobrir o que havia acontecido com ela, sem acreditar nem por um segundo que tivesse morrido durante a tomada de Émeris. Naquela noite, chegou a se esquecer de tudo o que o fizera vir para Massália. Precisava revê-la, envolvê-la em seus braços, beijá-la. E nunca mais deixá-la.

O quarto era luxuoso, continha amplas poltronas em que estavam dispostas dezenas de vestidos, mas Laerte nem reparou. Seu olhar inevitavelmente era atraído por Elyld, que, na beirada da cama, penteava-se diante de um toucador. Usava um longo vestido roxo com duas finas alças nos ombros. Fios dourados se entremeavam aos cachos do cabelo. Em nenhum momento se questionou, em nenhum momento pensou no que ela teria vivido, algo que explicasse sua presença em tão suntuosos aposentos.

Obcecado, já não pensava. Passou as pernas pela janela e esperou um instante, contemplando suas costas desnudas, o decote em V mostrando a curva de suas costas. Entrou no quarto.

Seu reflexo apareceu no espelho do toucador.

– Não se assuste.

Num sobressalto, ela quase soltou um grito, cobrindo a boca com a mão. Ele tirou o capuz num gesto lento, mostrando seu rosto.

– Laerte... – sussurrou ela.

Lívica, contemplava o reflexo no espelho, sem uma palavra, sem um gesto.

– Sonhei tanto com esse momento... – confessou ele, trêmulo.

– Você está vivo – disse ela, como se nunca tivesse duvidado.

Tentou se aproximar para abraçá-la, mas Elyld se levantou e o encarou, passando as mãos pelo ventre num gesto nervoso.

– Você está vivo – repetiu. – Como... Como foi que me encontrou? Como foi que...?

– Você continua igualzinha à minha lembrança – interrompeu ele.

Ela recuou, quase derrubando o toucador. Atordoada, decerto, pela surpresa. Para não perturbá-la ainda mais, obrigou-se a ficar parado, fitando-a com desejo. Tanto tempo sem ela...

– Laerte, o que faz aqui? – perguntou Etyld à beira das lágrimas.

– Não, não chore – implorou ele. – Estou aqui, bem vivo, está vendo? Sei que aconteceram muitas coisas desde a queda do Império, sei que...

Procurava as palavras certas, ciente de que um momento como esse não permitia improvisação. Depois de todos esses anos, temia estragar o reencontro com que tanto sonhara.

– Eu tentei – justificou-se ele. – Tentei encontrar você, mas era tarde demais. Aconteceram coisas que... Não consegui, era tarde demais, acredite. Nunca, nem por um dia, deixei de pensar em você.

Enquanto ele falava, ela parecia se recompor, inspirando profundamente. Não, ela não tinha mudado, continuava como ele sempre sonhara. A única diferença era que havia em seu semblante mais ansiedade do que alegria pelo reencontro.

Andou devagar em sua direção. Dessa vez ela não recuou e, quando ficaram frente a frente, ele ergueu timidamente a mão enluvada e deslizou os dedos por sua pele, afastando uma mecha cacheada. Mergulhou no olhar dela, imaginando as batidas aceleradas de seu coração. Sentia-se embriagado pelo cheiro de sua pele, pelo brilho carmesim de seus lábios, igual ao do vestido que usava na passarela, na véspera da queda do Império...

Na última vez que tinham se encontrado.

– O que faz aqui? – sussurrou ela, desnordeada.

– Voltei para onde deveria estar há muito tempo...

Ela inclinou a cabeça, como se à espera de um beijo. Laerte se curvou em direção a seus lábios.

– Não – implorou ela. – Afaste-se. – Empurrou-o com as mãos. – Os conselheiros assassinados... – disse, trêmula. – Foi você?

Não soube o que responder. Devia confessar tudo ali mesmo? Contar tudo para ela, mesmo levando em conta que mal haviam se encontrado?

– Aconteceu tanta coisa, Etyld... – confessou.

– Então foi mesmo você – disse ela, com pesar.

– Não é o que está pensando – defendeu-se. – Depois da queda do Império, descobri por que mataram meu pai...

– Isso foi há dezessete anos, Laerte!

Ela elevava o tom, sua voz tremia. Não, não era assim que tinha imaginado esse reencontro.

– As coisas aconteceram dessa forma porque essa era a vontade dos deuses, você não entende? E você aparece assim, achando que...

– Etyld! Eu sei quem tramou contra a minha família e agora essas mesmas pessoas representam uma ameaça para a República!

– Você está agindo a favor da República? Ou para executar sua vingança? – perguntou ela num murmúrio.

Ela olhou rapidamente para a porta do quarto com lágrimas nos olhos.

– Achei que ficaria feliz por saber que estou vivo.

Laerte tentou sorrir.

– Aconteceram muitas coisas, como você mesmo disse – confessou ela. – Quando deixei Émeris, no dia do ataque, uma família nobre me acolheu sob sua proteção. A mesma família que havia me salvado durante o julgamento de meu pai..

Ela ergueu os olhos para o teto, deixando escapar um suspiro. Claramente estava tentando lhe dizer alguma coisa, só não encontrava coragem.

– Eu amo você como amava no primeiro dia – afirmou ele.

Sentia que ela se esquivava, tinha medo do que podia dizer. Deixou que finalmente seus olhos vagueassem pelo quarto, reparando nas tapeçarias que revestiam as paredes, nas poltronas de espaldares bordados, nos cortinados junto à porta... O luxo... Esyld não era mais uma serva.

– Esse tempo todo sobrevivi pensando em você – murmurou ele, sério.

– E eu precisei esquecê-lo, Rã.

Ao ouvir seu antigo nome, sentiu que a tinha perdido. Não, não era possível. Ela dissera que ia amá-lo para sempre. Tinha prometido. Esyld aproximou-se dele e segurou suas mãos, cabisbaixa.

– Rezei por você, sabe... Após a proclamação da República, tive a esperança de ouvir falar de você, que cidades inteiras falassem seu nome e me dissessem que finalmente o viam como um herói.

– Não consegui, porque simplesmente...

– Pessoas de bem salvaram minha vida, Laerte – continuou ela. – Pessoas que me acolheram em sua família e foram eleitas pelo povo.

– Tudo isso acabou, enfim estamos juntos – retorquiu ele, colando a testa na dela. – Preciso apenas cumprir uma missão muito importante. Prometa me esperar até o dia seguinte à Noite das Máscaras.

– Laerte, olhe para mim...

Ele obedeceu, mergulhando outra vez em seus olhos.

– O tempo passou. Nada é mais como antes.

– Só até depois da Noite das Máscaras – implorou ele num sussurro.

– Laerte...

– Poderemos partir juntos, estará tudo acabado... finalmente.

– Laerte...

Ela tremia. Ele tentou tomá-la nos braços, mas Esyld se afastou, os olhos marejados de lágrimas.

– Eu vou me casar...

Laerte pensou que fosse sufocar. Seu coração pareceu parar de bater. Nenhuma palavra saiu de sua garganta. O tal casamento, antes da Noite das Máscaras...

– O nome dele é Balian, é filho do conselheiro Étienne Azdeki.

Ardia no ventre de Laerte uma chama terrível, devoradora, impiedosa. Sua alma parecia ter sido arrancada, e seu coração, estraçalhado. Era a mesma dor que o tomara quando soubera da morte de sua família, só que agora soava como um golpe de misericórdia. Ela o sustentara ao longo dos

dias e agora era quem o apunhalava...

– Foi Azdeki quem me acolheu – justificou-se Elyld, à beira das lágrimas. – Eu não tive escolha. O tempo foi passando. Eu descobri, entendi o que eles tinham feito e por quê... Eles foram tão bons para mim, Laerte... Precisei esquecê-lo. Não tive escolha. Era morrer de tristeza ou tornar a viver!

– Você me ama...

– Eu amo Balian – afirmou ela.

*Eu amo você. Sempre vou amar. Sempre.*

– Você me disse...

– Isso foi há muito tempo – defendeu-se ela. – Naquela época, era verdade. Mas as coisas mudam. As pessoas mudam. O mundo não está mais em guerra, Laerte!

– EU ESTOU EM GUERRA! – gritou ele, erguendo o punho cerrado.

Ela estremeceu, lívida.

– Os Azdeki são perigosos!

– Não é verdade. Você não conhece Balian – retrucou ela.

– O pai dele matou minha família! Entregou o Império à violência e ao caos... e, se seu pai está morto, é por culpa deles.

– Não! – exaltou-se ela. – É culpa sua! Você não estava lá! Como ousa? – Fez uma careta. Lágrimas escorriam junto a seus lábios trêmulos. Ela desviou o olhar. – Você não sabe de tudo, Laerte – declarou num sussurro. – Não sabe o que aconteceu de verdade.

O corpo inteiro de Laerte fervia, seu coração batia com tanta força que parecia prestes a explodir. Não podia aceitar aquilo.

– Será que fui amaldiçoado, pois a mulher que amo vai se casar com o filho do meu inimigo? – disse, gemendo, antes de se lançar sobre ela. – Diga que não me ama, Elyld. Diga, se for mesmo verdade! Atreva-se a dizer!

– Nós não temos culpa – ela tentou explicar. – Os deuses é que decidem... Não passamos de simples murmúrios.

– Nunca! Está me ouvindo? Nunca! – Ele pôs-se a andar em círculos, a mão no punho da espada. Ofegante, tinha a sensação de estar em queda livre, sem ter nada a que se agarrar... – Eu nunca vou ser um mero brinquedo do infortúnio... Nunca vou ser um simples murmúrio... nunca...

De súbito, virou-se para ela, mas, antes que se aproximasse, ela lhe deu as costas, contendo o choro. Seus ombros tremiam, de medo e de tristeza.

– Saia, Laerte. Não pode ficar aqui. Vá embora, estou pedindo.

– Para você...

– Saia, Laerte...

– Para você, eu serei um grito.

– Guarda! – chamou ela.

Fez-se silêncio. Ele espiou por sobre o ombro.

– Atreva-se a dizer que não me ama mais – implorou Laerte.

A resposta dela despedaçou seu coração:

– Não amo mais você...

Ressoou, no corredor, um som compassado de botas pisando o mármore.

– Fuja, Laerte... Não vou denunciá-lo, mas não volte nunca mais. Nunca mais tente me ver. As coisas mudaram... salvo você e essa sua vingança, que não tem mais sentido. Ela continuou de costas, cabisbaixa, aos prantos. – Vá... bravo homenzinho.

– Esyld... – disse ele, chorando.

Os passos se aproximavam.

– GUARDA! – gritou ela.

Quando a porta se abriu de repente, dando passagem a soldados alarmados, Esyld se virou. Na mesa próxima à janela, avistou um estranho objeto sobre o qual o luar disputava com a escuridão.

Era um cavalinho de madeira...

# 8

## DORES

*Ele a amava.*

*Acabaria conspirando com ela.*

*Um jovem, por amor, é capaz de qualquer coisa,  
inclusive perder a si próprio...*

Jamais imaginara o amor deixando de existir. Esse amor lhe parecia tão eterno, inalterável, que não entendia como Esyld conseguira esquecer um sentimento assim. Seu coração estava despedaçado e ele saltava pelos telhados, despistando as tropas em seu encalço. Não era delas que fugia, e sim da mágoa que o sufocava. E embora corresse desatinado, se afastando mais e mais do Palatio, de Esyld e das lembranças deles dois, quando chegou em casa a mágoa continuava ali, triturando seu peito.

Finas nuvens brancas deslizavam, vagarosas, num leito de estrelas. No pátio, tirou a espada da bainha. Depois, acendeu duas tochas. À luz tremeluzente, treinou estocadas e defesas. Todo seu ser era um só sofrimento. Sob seus passos, sussurravam os cascalhos. À sua fúria respondia um grito que lhe rasgava o peito.

*Eu amo Balian...*

Sua espada açoitava o ar derrubando inimigos imaginários, seus pulmões arderam quando usou o Sopro para levantar as tochas. Imaginou a madeira se partindo, as brasas se apagando. Cerrou o punho.

*Eu amo Balian...*

E tudo se rompeu.

Lutava contra mil homens, mil exércitos, repetindo os gestos aprendidos anos antes. *Azdeki*, pensava. *Azdeki*. Essa família tinha lhe roubado tudo. Havia sido amaldiçoado.

– Posso estar enganada – interveio uma voz fina –, mas alguma coisa está preocupando você, não é?

Ele se deteve, um joelho no chão, a espada estendida como se transpassasse um inimigo invisível. Junto à porta, de braços cruzados, estava o vulto esguio de Viola, aureolado pela luz dos lampiões da sala. Viu que continha um sorriso.

– Ou será excesso de virilidade? – supôs ela. – Sei que os homens gostam de brigar, mas em geral, para ter graça, precisam ser no mínimo dois. – Seu sorriso desapareceu quando Laerte se levantou, no escuro, mais intimidador do que nunca. – Estou aqui, se você... enfim, se quiser conversar – sugeriu baixinho. Ele girou a espada, a lâmina riscando o ar. – Você passou o dia inteiro fora, chegou ao anoitecer e...

Ele a fitava, os olhos brilhando na penumbra. Sem uma palavra, sem um sorriso. Só um semblante fechado. Ela entrelaçou os dedos nervosamente.

– É tão raro você conversar... – Ela suspirou.

– Vá para dentro, Viola – disse ele em voz rouca, sem qualquer cordialidade. – Está tarde.

– Sou muito jovem, tudo bem, mas não precisa me tratar feito criança – queixou-se ela, revirando os olhos.

– Vá para dentro – repetiu, mais devagar.

– Que gênio ruim! – reclamou ela, punhos cerrados junto às coxas.

Obedeceu a contragosto, entrando na sala a passos rápidos. Deitado no sofá com um cântaro de vinho na mão, Rogant mal a olhou quando Viola passou resmungando.

– Eu só queria ajudar – protestava ela.

Ao cruzar com Dun-Cadal na escada, desabafou:

– Vocês dois têm o mesmo gênio difícil!

O velho general franziu o cenho, parando no degrau para lhe dar passagem sem que ela nem se dignasse olhá-lo. Ver a garota ruiva com o rosto vermelho de raiva era a última coisa que teria esperado.

O som dos passos no cascalho do pátio o arrancara de seu torpor e, curioso, resolvera descer para ver o que se passava. Ao chegar à sala, a primeira coisa que chamou sua atenção não foi Rogant, mas o vinho em sua mão. Não tomava nenhuma gota havia dois dias, a tentação foi grande. Lançou-se sobre o nôaga sonolento e se apoderou do cântaro antes que ele pudesse reagir.

– Ei, velho fantasma! – grunhiu Rogant pulando do sofá, o olhar ainda meio embaciado.

Dun-Cadal já não escutava, sorvendo o máximo de vinho possível, a garganta seca. Quase engasgando, enxugou a boca com uma mão enquanto, com a outra, continha seu oponente irritado.

– Começo a gostar um pouco mais de você – disse, com dificuldade.

Punho em riste, prestes a socar o maxilar do velho, Rogant se deteve. Dun-Cadal não parava de balançar a cabeça, ar satisfeito, um leve sorriso. O nôaga não aguentou e caiu na risada.

– Verdade – insistiu Dun-Cadal. – Estou achando você mais simpático...

– Tudo bem... – disse o outro, rindo. – Fique com ele. – Com mão firme, afagou o ombro do ancião, o rosto sorridente. – Você foi um grande guerreiro, velho fantasma – murmurou Rogant, zombeteiro. – Mas o vinho o está entorpecendo. Embriague-se. Só não sei... se Laerte vai gostar. E, acredite, ando louco para ver o acerto de contas entre vocês.

Pela porta aberta para o pátio, Dun-Cadal avistou o vulto de Laerte. Então era dali que vinha o som de lâmina cortando o ar, como um eco do passado. Não, não um eco... um reflexo distorcido. Aquele garoto não tinha nada a ver com o Rã que ele conhecera. Na soleira da porta, tomou um gole, saboreando o gosto frutado do vinho que descia por sua garganta. Espiando por sobre o ombro, viu Rogant sentar-se no espaldar do sofá, braços cruzados, um leve sorriso. Esperando, sem dúvida, que Laerte iniciasse o combate. Podia ter uma decepção: Dun-Cadal não sentia a menor vontade de se defender. Estava muito cansado.

– Ainda não sei o que você pretende – disse afinal, enquanto o rapaz seguia açoitando o ar com sua lâmina. – Mas parece que já começou mal.

Laerte parou, meio sem fôlego. O luar o envolvia num pálido clarão. Virou-se para Dun-Cadal, cabisbaixo.

– A fúria – disse o velho, suspirando e sentando-se no pequeno degrau junto à porta – sempre estive dentro de você. Hoje entendo por quê...

Se esperava uma resposta, afogou sua decepção em mais um gole. Laerte ficou calado, imóvel, observando seu antigo mentor com um olhar feroz.

– Tanto ódio por mim... – prosseguiu o antigo general. – Ironia do destino ou desejo dos deuses dar a um homem a chance de alimentar seu próprio inimigo? É tão humilhante eu não ter...

– Você tinha razão – interrompeu Laerte. Embainhou a espada num gesto brusco. Dun-Cadal franziu a sobrancelha. – Etyld. O pai dela estava coordenando a revolta em Émeris enquanto eu...

Com a voz embargada, sentiu as lágrimas brotarem, tal como a raiva que fervia dentro dele. Punhos cerrados, deu um passo em direção a Dun-Cadal sem que esse esboçasse qualquer reação.

– ... enquanto eu lutava ao seu lado e a traía. Só me importava Reyes, em cravar uma espada em seu peito. – O tom de sua voz se elevava, as lágrimas nos olhos abundavam. – Eu não sabia, estava cego. Era ignorante, jovem, estúpido. O culpado não era Reyes. Nem você, que não passava de um...

Ao ver o rosto lívido de Dun-Cadal, seus olhos fugidios, não conseguiu continuar. O velho já estava tão maltratado, a pele tão marcada pelo sol do Sul e pelo álcool, que bebeu mais uma vez antes de jogar longe o cântaro, que se estilhaçou no cascalho.

– Eu a amava. Sempre amei – confessou Laerte, dando-lhe as costas para buscar algum conforto nas luzes de Massália.

Não. Na verdade, estava disfarçando as lágrimas que não conseguia conter. Tentara se livrar da dor golpeando, rasgando o ar, quebrando as tochas, mas a simples visão de seu antigo mestre, tão pálido e fragilizado, acabara com sua combatividade. Naquele momento, temia ter acreditado ser bem mais forte do que era de fato e, pela primeira vez, se imaginou fracassando.

– Ela está aqui, Pernalta. Vai se casar com... – cerrou os punhos – ... o filho de Azdeki – conseguiu dizer, contendo o choro. – Então me diga, qual é a verdadeira ironia?

As lágrimas secaram com a raiva. Ele inspirou antes de se virar e sustentar o olhar sombrio de Dun-Cadal.

– Me diga! – ordenou com voz firme.

*Logrid! Podre! Imundo! LOGRID!*

Laerte fez uma careta. Uma dor estranha varou seu ombro e logo sumiu. Uma lembrança... Tinha sido amaldiçoado.

– Você não significa nada para mim – declarou Dun-Cadal em tom inexpressivo. – O garoto que amei se chamava Rã. Você o matou. Eu poderia amaldiçoar você por isso.

Desafiavam-se com o olhar. Nem dava para imaginar que já haviam sentido algo além de puro ódio. Segurando-se no batente da porta, Dun-Cadal levantou-se, uma careta de nojo alterando suas feições.

– Isso você já fez – afirmou Laerte, sem pestanejar.

*Logrid!*

O semblante de Dun-Cadal ficou sombrio. Estava lembrando, entendendo. Tudo fazia sentido nos derradeiros momentos do Império.

Mas será que tinha noção de quanto Laerte tinha sofrido naquele dia distante? Será que fazia ideia do que tivera que aguentar nos dias que se seguiram? O ódio sumiu dos olhos do velho e Laerte acreditou ver neles algo que lembrava seu antigo brilho. O brilho que se via quando estava preocupado com Rã.

– Sim – concordou Laerte. – Um dia antes da queda de Reyes, você me amaldiçoou...



Naquele dia, ele acabara de deixar Dun-Cadal. No dia seguinte seria dado o sinal para o ataque à cidade imperial. Os insurgentes agora tinham um trunfo importante a seu favor. Aladzio fingia não conseguir concluir a obra que garantiria ao Império uma vitória indiscutível. Tinham sabiamente usado os projetos do inventor. Os canhões se acumulavam nos arredores de Émeris e logo estariam retumbando sem parar.

Laerte se dirigia a seus aposentos, já imaginando o furor da derradeira batalha e ele percorrendo às pressas os corredores do palácio em busca do imperador apavorado. Tiraria a máscara, fitaria seus olhos, contemplaria seu medo ao compreender quem ele era.

E depois?

Sentiu uma estranha aflição ao se imaginar cravando a espada no peito do tirano. O que aconteceria depois?

Chegou à porta de seu quarto. Já não havia nenhum aluno nos corredores, estavam todos no refeitório. Por ter sido sagrado cavaleiro e haver frequentado os campos de batalha na companhia do general Daermon, fora dispensado de cumprir a rotina coletiva.

Estendeu a mão e girava a maçaneta quando sentiu, de repente, um forte empurrão que o jogou para dentro do quarto. Foi parar na beirada da cama, atordoado pelo choque. Atrás dele, a porta se fechou sem qualquer ruído. Levou instintivamente a mão ao punho da espada, mas não teve tempo de desembainhá-la. Um punho fortíssimo agarrou seu antebraço e, num gesto perfeito, torceu-o com facilidade. Laerte gritou, sentindo o ombro lancinar quando o antebraço encostou na omoplata. Levantou-se com um salto, sem pensar na dor, apoiou-se no inimigo e o empurrou,

fazendo-o a recuar. Empurrou, empurrou, empurrou, e o som de seus corpos junto à porta fechada mal cobriu seu grito.

O homem, aturdido, largou-o por um instante, o suficiente para Laerte se soltar, o ombro pegando fogo. Deu meia-volta e reconheceu sem grande surpresa o rosto magro de Logrid escondido pela capa verde.

Se o assassino pessoal do imperador estava ali para matá-lo, havia sido descoberto? Não teve tempo de se perguntar mais nada. Logrid, em absoluto silêncio, puxava duas adagas do cinturão. Laerte evitou o primeiro golpe por pouco, inclinando-se para trás, a lâmina traçando um risco de sangue em seu rosto. Os ataques seguintes foram rápidos, precisos, e teriam sido mortais, não fosse o fato de Laerte ser flexível o bastante para se esquivar. Desembainhou a espada no exato momento em que o assassino se lançava sobre ele. A lâmina conteve as adagas com um estalido seco. Arrancou-as das mãos de Logrid num gesto súbito e desferiu-lhe uma joelhada na barriga. Contendo um gemido, o assassino se curvou, dobrando um braço sobre o casaco de couro.

– Sensacional – sibilou entre dentes.

Para Laerte, era agora ou nunca. Abater a espada e derrotar o inimigo. Seu coração estava disparado, o rosto latejava, o ombro ardia. Ao erguer o braço para o golpe, já se via vencendo o duelo.

Ainda curvado, Logrid estendeu a mão livre em sua direção e, com uma força incrível, jogou-o na parede oposta. Ele bateu no parapeito da janela antes de cair sobre a mesa ao lado da cama, cheia de livros, que cedeu sob seu peso.

– Faz tempo que eu sonhava enfrentar você – murmurou Logrid.

Com um gesto gracioso, puxou a espada e foi em sua direção. Uma dor lancinante varava as têmporas de Laerte. Em meio aos pedaços da mesa, apoiou-se nos cotovelos, cheio de raiva e insolência. Sua única opção era tentar dominar o Sopro e usá-lo sem se poupar. Inspirou fundo, sentindo o sangue pingar das narinas. De súbito, o tempo pareceu passar mais devagar, o mundo se tornou mais claro, como se dentro de Laerte ressoasse cada parede, cada objeto, cada som, incluindo as batidas do coração de Logrid. Esquecendo a dor que oprimia seus pulmões, saltou feito um lobo sobre sua vítima.

Então o duelo recomeçou, com um terrível embate. Estocadas, defesas... Os dois homens se moviam com elegância no espaço diminuto. Voavam lascas de madeira, as paredes se esfarelavam sob o impacto de seus corpos, mas eles continuavam golpeando, esquivando, revidando, sem que nenhum levasse a melhor. Eram como dois reflexos tentando se mesclar.

Um golpe mais forte fez Laerte se afastar. Imediatamente posicionou a espada de lado, tentando aparar mais uma investida, no entanto, para sua imensa surpresa, Logrid deixou-se cair no chão, a perna estendida, e o derrubou com um golpe preciso. Laerte se estatelou, batendo brutalmente a cabeça na beirada da cama. O teto oscilou, sinos se puseram a tocar... O Sopro começava a escapar do seu controle, machucando seu coração, e o sangue não parava de escorrer de seu nariz. Parecia que suas pálpebras tinham virado chumbo.

Mal voltara completamente a si quando o vulto de Logrid se lançou sobre ele. Com os joelhos, imobilizou os braços do garoto, grudando-o ao chão, enquanto uma mão enluvada tapava sua

boca. A lâmina da espada perfurou seu ombro e seu grito, sufocado pela luva, só ressoou na sua cabeça. Um dilaceramento percorreu seu corpo, obrigando-o a se arquear. O desespero brilhou em seus olhos quando viu o sorriso sarcástico de Logrid acima dele.

Não podia morrer, não ali, não naquele momento, não assim. O assassino continuava abafando seu grito com mão firme, sussurrando algo incompreensível com uma voz sibilante... insuportável, quase hipnótica. Que ele se cale! Ele e a dor! Que tudo acabe...

Não, Laerte não podia soçobrar. Precisava respirar a plenos pulmões, reagir à lâmina cravada em seu corpo que lhe causava um verdadeiro suplício. Lutar, era isso que ele aprendera nos últimos anos, lutar para vingar sua família. A assombrosa imagem do pai pendurado na forca o perturbava. O vulto do irmão pendurado numa corda, os gritos da mãe e de sua irmãzinha, que eles tinham...

Não pôde conter as lágrimas. A raiva lhe dava forças. O desespero não ia detê-lo, nem o abandono, muito menos aquela droga de dor. Não podia desistir! Sua vontade suplantou o Sopro.

Uma cadeira se espatifou com violência na cabeça de Logrid, partindo-se em mil pedaços. Meio atordoado, o assassino se virou. Segurando um pé da cadeira quebrada na mão, Aladzio deu um passo para trás, lívido. Ao liberar um dos braços do joelho de Logrid, Laerte aproveitou e ergueu a mão bem aberta. O Sopro fez sua parte.

Logrid foi erguido no ar. Mas não caiu de volta. Ficou ali, girando devagar, uma mão no peito, os dedos dobrados como se tentassem arrancar algo cravado em seu coração. Laerte sentia sua dor. Vivenciava, suportava, desejava essa dor. Via o coração do assassino como se fosse um fruto atingido por espasmos, uma laranja a ser espremida com a mão, uma coisa a ser esmagada com os dedos. À medida que o ia apertando, via a vida se esvaír lentamente do corpo que levitava.

Quando só restou uma sensação gelada e a cabeça de Logrid se inclinou para o lado, Laerte baixou o braço e desmaiou.



Uma voz distante o tirou da escuridão, quando só o que ele queria era afundar nela. As palavras se fizeram mais intensas, mais incisivas. O piso, estalando, parecia uma floresta sendo derrubada.

– Rã? Rã?

– Laerte – murmurou ele com voz rouca.

Esse único nome pronunciado era como mil agulhas arranhando sua garganta.

– Não, não se mexa – disse a voz.

Entendeu tarde demais. Já tentava se levantar e o ferimento em seu ombro o trouxe de volta à realidade.

– Tirei a espada e tentei fazer um curativo rápido.

*Seus dois pupilos, Dun-Cadal... Que ironia.*

Ajoelhado a seu lado, Aladzio o fitava com imensos olhos tristes. Laerte deu uma olhada em seu ombro. Estava enrolado num pedaço de lençol manchado de sangue.

*Seus dois pupilos lutando... Em qual deles você apostaria? Me diga, Dun-Cadal. Em qual deles?*

– Você ficou desmaiado alguns minutos, eu fiz o que pude... – gaguejou o inventor.

– Obrigado.

A poucos metros, Logrid estava caído no chão, deitado sobre a capa verde, uma perna dobrada por baixo do corpo, a mão ainda torcida sobre o peito. A capa... Aladzio ajudou Laerte a se levantar.

– É a Mão do Imperador, não é?

– Era – corrigiu Laerte, suspirando. – Ainda bem que você estava aí.

– Foi Page – disse Aladzio, sem jeito. – Page me pediu para ficar de olho em você. Precisa fugir, Rã. Se o imperador mandou seu assassino atrás de você, não é seguro ficar aqui. Eles devem ter descoberto algo...

– Não – falou o garoto, determinado, com uma voz chiada.

Caminhou até o corpo de Logrid.

Era agora ou nunca, fugir ou lutar, desistir ou vencer. Como a rã-de-Erain, que se aproximava o máximo possível de suas presas, ele ia adotar, pela última vez, a aparência de seus inimigos.

*E foi assim...*

Apesar do ombro ferido, apesar do cansaço e da opinião contrária de Aladzio...

*... assim...*

Vestiu o casaco de couro, calçou as botas e as luvas. E cobriu-se com a capa verde da Mão do Imperador, escondendo o rosto com o capuz.

Seu plano não era, desde sempre, ser o assassino do imperador?



– Foi assim que você teve a ideia – repetiu Dun-Cadal.

Sentado na soleira da porta, contemplava os cacos do cântaro espalhados no cascalho. O rapaz continha sua emoção, desfrutando da paz da cidade a seus pés, iluminada por mil luzes. Massália, à noite, fazia suas tochas disputarem com as estrelas.

*Logrid!*

– Foi você que eu vi – recordou o general, baixinho.

*Podre! Imundo! LOGRID!*

– Você achou que estava amaldiçoando Logrid, mas foi a mim, Dun-Cadal.

Ainda podia vê-lo, escoltado pelos soldados, lançando-lhe mil insultos. Desviara os olhos, não suportando fitar as lágrimas de seu mentor nem seu rosto distorcido pelo ódio.

– Eu estava ferido, Pernalta – explicou, com voz grave. – Tinha a impressão de estar caindo, rolando... – Inspirou fundo. Havia sido tão doloroso, tão traumático, que, mais do que lembrar, ele revivia cada instante. – Eu tinha 14 anos quando salvei sua vida. Naquele dia, mal completara 17. O imperador estava a apenas alguns passos de distância. Apenas alguns passos. – Fez uma pausa, então prosseguiu medindo cada palavra: – Eles enforcaram meu pai e meu irmão nas Salinas.

– Eu sei... Era a lei – resmungou o general.

– Essa sua lei também mandou estuprar minha mãe?

Lançou um olhar feroz ao velho cavaleiro. Dun-Cadal disfarçou a surpresa mostrando um semblante fechado. Laerte sabia que seu mentor, no fundo, só agora descobria a terrível condenação que se abateria sobre os Usters. E isso não tinha nada a ver com ideias, desejos de mudança, nascimento de uma República, não...

– Minha irmã tinha apenas 4 anos... – contou Laerte com a voz trêmula.

Horrores que os poderosos justificavam com cinismo, explicando a quem quisesse ouvir que guerra limpa não existia, que violência gerava violência e a crueldade era, se não desculpável, simplesmente inevitável. Com um nó na garganta, deu um passo em direção a Dun-Cadal, e em seus olhos brilhavam lágrimas contidas.

*“Bum!”*

– Foi pregada numa porta como um reles animal.

*“Bum! Bum!”*

Virou-se e, se acalmando, enxugou os olhos com a mão.

– Eu esperei. No dia seguinte, eu esperei...

– Rã – murmurou o general. – Eu não sabia, eu...

– No dia seguinte, esperei o ataque começar – continuou como se não tivesse escutado.

*Logrid! Fique comigo! Preciso deixar a cidade imediatamente.*

Inclinou-se para Dun-Cadal.

*Logrid?*

– Naquela noite, descobri quanto a família Reyes e a minha estavam interligadas...

## O FIM DE UM MUNDO

*Um dia o senhor vai entender.  
Pode ter certeza.  
Ainda vou ser o maior cavaleiro  
que este mundo já viu.*

— Logrid?

Era uma voz trêmula, fina... surpreendentemente fina para um homem que reinava sobre o mundo. O que Laerte tinha diante de si não passava de um vulto franzino usando uma longa túnica preta e uma máscara dourada no rosto. No meio da sala do trono vazia, iluminada por explosões que jogavam escombros e poeira na sacada, o imperador Asham Ivani Reyes perdia seu esplendor. Um dos braços estava torcido à frente do peito, as costas tão tortas que um ombro parecia mais alto que o outro. Em meio ao som dos canhões, não passava de um assustado monstro de extrema feiura.

No dia anterior, Laerte reprimira a vontade que sentia de estrangulá-lo, de cravar uma espada em seu corpo. Apesar do ímpeto, não se sentira capaz de enfrentar a guarda.

Então decidira esperar. Descansara.

Assim que foram ouvidos os primeiros tiros de canhão e os generais abandonaram o palácio para defender as fortificações de Émeris, ele agarrou a oportunidade. Mesmo com o ferimento no ombro transpirando sob o curativo e a dor lancinante persistindo, estava decidido a não recuar dessa vez.

— Logrid? O que está fazendo?

Apavorado, Reyes entrara num rompante na sala do trono. Estava ainda mais apavorado ao ver Laerte parado à sua frente, a espada em riste.

— Precisamos sair de Émeris, as tropas do tal Laerte de Uster estão diante dos portões da cidade, não posso...

O capuz do rapaz caiu sobre os ombros, revelando um rosto encharcado de suor, um olhar feroz.

– Qu... Quem é você? – gaguejou o imperador, recuando um passo.

– A máscara! – ordenou Laerte. – Tire a máscara! Quero ver seu rosto!

– Rã! – reconheceu o imperador. – O aprendiz de... Pelos deuses!

– A máscara! – repetiu o rapaz, erguendo a espada.

O clarão da cidade em chamas bailava sobre as colunas de mármore. Para além da sacada e da copa das árvores, espirais de fumaça preta se erguiam num céu estrelado. As paredes tremiam sob os tiros de canhão dos insurgentes. Não, não era mais uma revolta, era a revolução.

– Mostre seu maldito rosto!

– Por quê? O que quer de mim? Onde está Logrid? Não pode ter matado Logrid! – apavorou-se Reyes, recuando, a estranha forma de seu braço movendo-se sob a túnica preta.

Temendo que desembainhasse Eraed, Laerte se lançou sobre ele, deixando explodir sua fúria. Reyes, na precipitação, tropeçou e caiu no chão aos prantos. Sua máscara caiu, emitindo um ruído ao cair nas lajotas e se abrindo com uma rachadura. Com o rosto à mostra, não tinha mais nada de imponente, nada de digno, e muito menos de imperial. Não passava de um pobre homem assustado erguendo os braços num gesto de defesa. Mas o ataque temido não aconteceu. Laerte se imobilizara, estupefato.

Uma mão enluvada abria os dedos em sua direção e a outra se resumia a um mero farrapo de carne, disforme, coberto de inchaços esbranquiçados.

– Não, não... – suplicava Reyes. – Por favor, não...

– Monstro... – sussurrou Laerte, encarando o homem que ele tanto odiara.

Seu semblante não tinha nada de humano. Eram só buracos e cavidades, calombos e cicatrizes. Um rosto maltratado, devastado por uma doença terrível. Sobre o olho direito, caía a pálpebra. Entre as faces marcadas de varíola, o nariz não era mais que duas fendas pretas acima de um lábio leporino.

– Não me machuque... – choramingava.

– Meu pai jamais suplicaria – afirmou Laerte, cuspiendo no chão. – Não suplicou quando foi enforcado nas Salinas!

Os olhos de Reyes se arregalaram, como se começasse a entender.

– E minha mãe, pediu que não a machucassem? – bradou Laerte, avançando sobre ele. – E minha irmã?!

Reyes baixou a cabeça tal qual um cachorro com medo de apanhar, o corpo sacudido por sobressaltos.

– Eu não queria... – confessou o imperador. – Não fui eu, eu...

– Foi você que ateou o fogo que deu início a esta guerra, Reyes! Vai pagar por tudo o que fez! Vai pagar!

– Eu não queria isso, não queria – repetiu ele.

– Você matou minha família! – estrondou Laerte.

Ouviram-se, em resposta, gritos e canhonaços, seguidos pelo som de espadas se entrechocando

nas ruas de Émeris. Os insurgentes tinham entrado. A cidade inteira ardia em chamas.

Aos pés de Laerte, o imperador implorava com o olhar.

– Olhe para mim, não sou isso que dizem. Sou um pobre monstro que se esconde atrás de uma máscara de ouro para manter alguma compostura... – Grossas lágrimas escorriam por seu rosto esburacado. – No fundo, não sou mau! Sempre agi pelo bem do meu povo, nunca ordenei que sua família inteira fosse... Só o seu pai foi julgado! Só ele me ameaçava.

Mas Laerte não tinha condição de perdoar nada nem de compreender seus motivos. Jovem, tendia mais para o roubo do que para a razão. Embora sentisse pena daquela criatura monstruosa, repetia para si mesmo que seu dever era acabar com aquilo. Rodopiou a espada, ameaçador, contendo uma careta de dor. Seu ombro sangrou ainda mais e o líquido quente encharcou o curativo. O sangue criava uma mancha sob o casaco de couro.

Hesitava, trêmulo e febril, apontando a espada para o homem encolhido. Dar mostra de indulgência? De piedade? Por aquela coisa disforme a seus pés? Esperava por aquele momento havia tanto tempo...

Reyes chorava como uma criança.

Sempre pensara que ele só podia inspirar ódio, mais nada. Um homem poderoso, um tirano, que ele ia fitar nos olhos na hora de cravar a espada em seu peito.

– Não, eu imploro, Rã, eu imploro... Foram eles que me obrigaram a fazer isso, disseram que era preciso tomar as Salinas! Não me mate, Rã... Não me mate...

– Meu nome é Laerte de Uster! – fulminou o rapaz.

Uma voz igualmente forte ressoou na sala do trono:

– Eis que cai uma máscara!

Mantendo a espada apontada para o imperador prostrado, Laerte se virou de leve e viu entrarem cerca de dez soldados. Quatro homens, de armadura bem pouco marcada pelo combate, fechavam o cerco. Não foi difícil reconhecer Négus e sua corpulência, Bernevin e seu andar altivo, Rhunstag e sua pele de urso nos ombros, e...

– Capitão Azdeki! Salve-me! – ordenou o imperador, estendendo as mãos para ele. – Esse louco quer me matar! Defenda-me!

Azdeki avançou, examinando com desdém o rosto deformado de Reyes. Deu uma cuspidinha no chão como resposta.

– Que ironia – pensou em voz alta. – Os Reyes e os Usters... aqui, juntos. Tudo isto começou com eles e vai terminar com eles...

Os soldados formaram um círculo à sua volta. Com os polegares no cinturão, Rhunstag foi para a direita, Bernevin, para a esquerda. Nada mais importava para Laerte, a não ser rosto ressequido de Étienne Azdeki.

– Capitão Azdeki! Faça alguma coisa! – ordenou Reyes, arrastando-se pelo chão.

Laerte, desafiador, apontou a espada para ele e o imperador se imobilizou, olhando aflito para os soldados. Nenhum deles se mexia. Os próprios generais o ignoravam.

– Laerte de Uster, o filho mais novo de Oratio... Pensei que você fosse mais velho. Foi uma excelente estratégia, essa de transformá-lo num mito. Meurnau sabe que você estava conosco?

Lutando contra ele?

Sentia febre, o ombro latejava. O suor pingava em sua testa.

– Azdeki! – irritou-se Reyes.

Sua razão oscilava feito um mar em tormenta. Precisava aguentar firme.

– Não se aproxime! – ameaçou Laerte com uma expressão de ira.

Apontou a espada para o imperador a seus pés. Azdeki, com o semblante sério, a mão no punho da espada, não reagiu. Permaneceu calmo, imóvel. Lá fora, os canhões seguiam bramindo.

– Faça isso – sugeriu, designando Reyes com a cabeça. – Dê um fim à vida dessa... – Fez uma pausa, crispando os lábios com nojo. – ... coisa – concluiu, cerrando os dentes.

Arquejando, Reyes por pouco não desabou por completo. De seu olho devorado pelos inchaços, saíram lágrimas de sangue. No outro, podia-se ver o pânico.

– Rhunstag? – chamou, hesitante. – Bernevin? Négus...? Ajudem-me...

Seu olhar apavorado encontrava um paredão. Os generais o fitavam sem qualquer emoção: nem raiva, nem piedade. Já não podia contar com eles, que o renegavam com seu silêncio e sua imobilidade.

– Piedade...

– Por quê? – inquiriu Azdeki, sem nem olhar para Reyes. – Sustentava o olhar de Laerte, respondendo a sua ira com uma curiosidade genuína. – Por que se uniu a Dun-Cadal Daermon? – prosseguiu. – Por que mentiu esse tempo todo?

– Está na hora de acabar com isto, Étienne – impatientou-se Négus.

Laerte olhou para ele, que desviou o olhar. O amigo de seu mentor. Também ele era um traidor. Sentindo um nó na garganta, preocupado, Laerte pensou em Dun-Cadal. Com quem o general ainda podia contar?

– Agora – insistiu Bernevin. – Precisamos cuidar de Meurnau antes que acabem os combates.

No chão, Reyes chorava tanto que não conseguia mais falar.

– Vingança, não é? – indagou Azdeki, franzindo o cenho. – Foi por isso que esperou?

– Meurnau e suas tropas estão chegando ao palácio, meu sobrinho! – interveio uma voz rouca e pesada. – Se não o matarmos como planejado, Meurnau vai ficar com a vitória, e nós, sem legitimidade nenhuma!

Laerte percebeu uma movimentação às suas costas. Surgindo de trás das colunas, um vulto obeso mancava, seguido por um homem franzino que se apoiava numa bengala e dava uma risadinha nervosa.

– Azinn – guinchou Reyes. – Você também...

Bernevin se aproximou em seguida, puxando do cinturão uma adaga cintilante. Com mão firme, segurou a nuca do imperador e encostou a lâmina em seu pescoço.

Laerte ficou paralisado, lançando olhares frenéticos à sua volta. Todos pareciam surpreendentemente calmos enquanto, lá fora, Émeris caía nas mãos dos insurgentes.

– O tempo de Meurnau acabou, temos que ser rápidos – ordenou Azinn, fitando Laerte de um jeito estranho. – Já que o filho de Oratio está do nosso lado há tanto tempo, não vai dar para transformá-lo no traidor da revolução – concluiu, passando a mão na cabeça calva, onde se via

uma única mecha branca.

Aqueles homens iam sobreviver à guerra, se apropriar da vitória, se tornar os heróis que tinham lutado contra o Império. Estavam todos ali ao seu redor, examinando-o, e, a poucos passos, a adaga de Bernevin estava prestes a degolar Reyes. Pelo rosto do imperador, marcado pela varíola, escorriam lágrimas. Em suas faces refletia-se o clarão distante das chamas que consumiam seu Império. Estava perdido. Recostado numa coluna, a mão apoiada na bengala, o marquês de Enain-Cassart contemplava a cena com deleite.

– Tínhamos certeza de que havia sobrevivido, mas achamos que estivesse à frente da revolta. Como pode estar aqui? – espantou-se.

– Os registros. – Azdeki sorriu, meneando a cabeça, satisfeito. – É isso. Por isso Meurnau queimou os registros de Forte d'Aed. Para esconder a idade dele.

– Bem, aí está um espinho fácil de tirar – tranquilizou-se Azinn com um muxoxo. – O mito de Laerte de Uster perdeu sua aura de mistério.

– Você nos foi útil até o final – admitiu Azdeki, fitando o rapaz. – Laerte, Rã... seja como for, no fim das contas você derrubou um Império... sozinho.

Parecia sincero, meneando ligeiramente a cabeça, um estranho lamento nos olhos.

– Eu sou seu imperador – disse Reyes de repente em meio ao choro.

– Os tempos mudam, Reyes – argumentou Étienne com calma. – Os tempos mudam. O povo precisa de um destino diferente, um destino que só os deuses determinam. Quanto ao seu, termina aqui. O que fica para você de sua passagem por este mundo, Reyes? É como dizem os monges da Ordem de Fangol: “Chega um dia em nossa vida, o cruzamento daquilo que fomos com aquilo que somos e aquilo que seremos. Nesse momento, ao término de tudo, é que decidimos qual será o nosso fim. Com orgulho ou vergonha da trajetória percorrida.” Para você, Reyes, esse momento é agora. Lembra-se da coisa imunda que sempre foi, de tudo aquilo que, afinal, deixou de fazer? Sente orgulho de seu reinado, Reyes? Ou vergonha? Agora que o povo chega às portas de seu palácio...

Laerte permanecia calado. Seu semblante conservava uma expressão cheia de ira enquanto fitava ora o imperador, ora o capitão. O que fazer? Será que ia fracassar outra vez? Inspirou fundo e o ferimento em seu ombro arrancou-lhe uma careta de dor.

*Se houve um único herói nas Salinas, gravem apenas este nome: Dun-Cadal Daermon.*

Dun-Cadal... Ele conseguira se safar daquela situação tão difícil. Sozinho, no meio de tantos soldados, Laerte só tinha uma escolha.

– Laerte... – chamou o imperador com voz trêmula. – Foram eles... Foram eles que decidiram sobre o seu pai. Eles é que me obrigaram. Hoje sei que ele não foi um traidor! – Ergueu os olhos, como se desafiasse Bernevin. – Logrid... Logrid me avisou, mas não acreditei. Ele via vocês como realmente são: desprezíveis. É o Livro, não é? Ele imaginava que, mais cedo ou mais tarde, alguém ia descobrir sua existência e querer ficar com ele. Vocês mentiram para mim a respeito de Uster. Quem contou para vocês sobre o *Liaber Dest*? Quem?

– O próprio Oratio – murmurou Bernevin, para provocá-lo.

– Bernevin – disse Azdeki simplesmente, estreitando os olhos.

Não precisou de nenhuma outra palavra para que o nobre entendesse, então a lâmina cortou a garganta. Ouviu-se ao longe uma explosão, acompanhada de gritos. O sangue jorrou do pescoço. Sem um som, lágrimas ainda mornas no canto dos olhos, Asham Ivani Reyes caiu de cara no chão.

Laerte fez um movimento de recuo. Os guardas imediatamente brandiram suas lanças. A mão erguida de Étienne Azdeki mandou que parassem.

– O *Li... Liaber...* – balbuciou Laerte, confuso.

– Ah, você não sabia! – exultou Azdeki. – Nem fazia ideia?

– Meu sobrinho, temos que...

– Quem decide sou eu! – bradou ele, desafiando Azinn com um olhar feroz.

Ninguém protestou. Pela primeira vez, o semblante de Étienne se alterou, mostrando uma fúria de dar medo. Com as feições ainda tensas, encarou Laerte, uma mão tamborilando no punho da espada.

– O primeiro Reyes, aquele que derrubou Cagliariere, entregou o Livro Sagrado aos cuidados de sua família. Durante séculos, os Usters o guardaram em segredo. Até que seu pai...

– Vocês o mataram... mataram todos eles...

“*Bum! Bum!*”

Viu a imagem de Naïs... sua Naïs... seu rosto doce, seu delicado cabelo com mechas louras. Recordou a mão firme do pai, o anel de brasão em seu dedo. Viu o olhar azul-escuro do irmão. Sentiu o perfume da mãe encobrimdo o cheiro de pólvora que penetrava no palácio.

– Você pelo menos sabe quem era seu pai realmente? – perguntou Azdeki.

Um homem amado, um homem bom, um letrado, um esgrimista fabuloso. Oratio Montague, conde de Uster e senhor das Salinas. Laerte esqueceu-se da febre, do ombro que latejava, das batidas descompassadas que sentia nas têmporas. A raiva funcionava mais que a calma que seu mentor tanto prezava. Um suspiro foi suficiente para ele perceber o ritmo dos batimentos dos soldados que o cercavam. Seu nariz começou a sangrar. A dor pressionou sua cabeça, seu peito, mas tinha certeza de que conseguiria manter o controle antes de ser aniquilado pelo Sopro.

– Tínhamos que fazer isso – justificou-se Étienne. – Tínhamos que recuperar o *Liaber Dest*. Ele é perigoso demais para...

Laerte lançou-se sobre o soldado mais próximo, cortando o ar com a espada e abrindo uma ferida em seu pescoço. Os outros, surpresos, hesitaram um instante antes de avançarem. Ouviu o zunido da espada de Azdeki sendo puxada da bainha e o ruído sutil do casaco de seu tio dando um passo para trás.

O calor que inflamava seus pulmões não o deteve. Não tinha alternativa, precisava dominar o Sopro, sentir a vida ao redor para melhor ceifá-la. Ajoelhou-se, aparou uma lança com a espada erguida e tornou a baixá-la para atingir as pernas de um segundo soldado, cortando seus joelhos.

Cada gesto parecia tão natural, evidente, apesar da dor que lhe causava. Deu socos, deslocou algumas rótulas a pontapés, transpassou armaduras com a espada sem fraquejar. Seus músculos queimavam enquanto, um por um, os corações paravam de bater. O Sopro ia destruí-lo.

– Azdeki! – berrou Bernevin.

– Podridão! – esbravejou Négus.

– Todos comigo! – ordenou Étienne, enquanto seu tio e o ancião deixavam a sala, estupefatos.

Laerte titubeava no meio de dez cadáveres, ofegante, o olhar vidrado mas determinado. Os bombardeios de canhão estavam mais próximos. Junto à sacada, as cortinas vermelhas esvoaçavam. As árvores estavam em chamas. Por pouco ele não desmaiava a cada instante. Seu corpo inteiro se tornava um único fermento. Só a visão dos quatro oficiais o ajudava a aguentar firme, alimentando sua ira. Então percebeu quando os homens que haviam matado seu pai levantaram a mão para ele.

Uma força tremenda correu pelo mármore, virando o cadáver do imperador. Mal teve tempo de, com as pernas encolhidas, cobrir o rosto com os braços. Foi como uma tempestade. As lajotas quebravam-se sob seus pés enquanto ele era empurrado para a sacada.

– Ele é persistente! – exclamou Rhunstag.

– Como consegue? – espantou-se Négus.

A imagem fugidia de sua irmã caçula surgiu aos olhos de Laerte, dando-lhe forças para dar um passo à frente. Então, bruscamente, ajoelhou-se e martelou o chão com punho firme.

Uma rachadura em arco partiu o mármore, espalhando reluzentes estilhaços. Négus voou até a porta, batendo a cabeça na madeira. Os outros três caíram de costas e escorregaram vários metros soltando gritos roucos. Laerte reduziu o esforço, o olhar vidrado buscando uma saída. Cada passo que dava era uma tortura, cada gesto lhe arrancava um gemido. Tudo girava à sua volta. A sacada... Atrás do parapeito de pedra ardiavam em chamas as copas das árvores.

– Uster! – bradou Azdeki às suas costas.

Laerte se virou, quase caindo para o lado, a espada em sua mão se arrastando no piso.

– Dun-Cadal... – murmurou, como um pedido de socorro. – Pernalta...

Azdeki vinha em sua direção a passos rápidos, a espada em riste.

Tentou erguer a arma, mas pesava demais. O sangue escorria de seus lábios. Suas pernas mal o sustentavam.

– Por quê? – balbuciou, antes de conseguir gritar. – Por quê?

Ouviu-se um zunido. Azdeki ia desferir o golpe. Laerte tentou aparar, mas era tarde demais. A lâmina já voava, reluzindo, na direção de seu rosto. No metal brilhante, via-se a nítida imagem de uma bala de canhão.

O ardor da explosão apartou os dois homens. Laerte desmaiou ao ser jogado por cima do parapeito. Caiu vertiginosamente, esbarrando nos pinheiros, açoitado pelos espinhos inflamados. Não ouviu seus ossos se quebrarem quando bateu no chão.

Nunca soube quanto tempo ficou ali, ao pé dos pinheiros em chamas. Só o que havia era a dor de seu corpo esmigalhado. Ao redor, apenas fantasmas.

Sentiu que o erguiam do chão. Seus gritos imediatamente abafaram as poucas palavras que ouviu.

Foi levado para um quarto secreto. Cuidaram dele, enquanto ele urrava mortalmente. Sangue e lágrimas se misturavam. Várias vezes foi tragado por uma escuridão fria e premente, da qual pensou que nunca mais sairia.

– Não vai sobreviver...

A cada vez que afundava para a morte, vozes prendiam sua atenção e o traziam de volta a seu sofrimento:

- Faça tudo o que for possível, Aladzio!
- Só que eu não sou médico, sou inventor!
- Você é a única chance que ele tem.

Quanto mais tinha a sensação de estar voltando à vida, mais a vida lhe era insuportável. Feita de dor, ferida, dilaceramento...

- Quer dizer que ele é o filho de Oratio...

Passado algum tempo, conseguiu dar um nome às vozes, distinguir seu timbre, mesmo que só tivesse ouvido uma delas apenas uma vez.

- Agente firme, meu amigo. Você não vai ser um mero brinquedo nas mãos do infortúnio.

Rogant. Sua mão quente parecia tocar a de Laerte.

– Eu falei que não era uma boa ideia, mas você não quis me ouvir. Foi se lançar na boca do lobo. Para quê? Para enfrentar quantos homens?

A voz de Aladzio parecia uma doce melodia:

- Segurem-no! Segurem-no!

Ele gritava. Berrava feito um porco sendo degolado. Chorava. Só queria uma coisa: que aquilo tudo acabasse, que seu coração parasse de bater e que cada parte sua se extinguísse.

- Laerte de Uster, você é um grande cavaleiro. Não pode nos abandonar...

Quando sua consciência emergia da névoa, teve a sensação de estar sendo martelado por um ferro recém-saído da forja. Seus nervos ardiam. Continuava, no entanto, a voltar à vida. Suas viagens ao reino das sombras agora eram pontuadas por lembranças vibrantes como a corda de um arco.

*Madog! MADOG!*

*Vejamos... Você me apelidou de Pernalta, não foi? Vou lhe dar o troco. Já que você parece gostar desses bichos... Vai ser... Rã... Vou chamá-lo de Rã...*

*Eu amo você. Sempre vou amar. Sempre. Não se esqueça de mim. Não se esqueça de nós. Rã! Nunca se esqueça de quem você é... Rã! Nunca se esqueça! Eu amo você!*

*... Esyld...*

Quando abriu os olhos, um caloroso raio de sol brincava em seu rosto.

# 10

## FÚRIA NO CORAÇÃO

*Lançado ao fogo, não queima.  
Passado ao fio da lâmina, não rasga.  
É feito do murmúrio dos deuses  
e nada, jamais, irá destruí-lo.*

O livro era pesado, tinha uma capa de couro envelhecido arrematada de metal. Era tão pesado quanto o ditame que continha. Parecia excessivamente grande nas mãos do menino e em sua capa estavam desenhadas com graciosidade estas simples palavras: *Liaber Moralis*.

– Agora que já sabe ler, precisa de palavras para alimentar seu talento.

Ajoelhado à sua frente, um homem alto o observava. Barba incipiente, cabelo recém-apanhado, usava uma fina camisa branca e um curto casaco preto. A tradição pedia que usasse um amplo manto de gola forrada, mas o conde Oratio de Uster não era dado a ostentações. À luz do sol moldada pela ampla janela de seu gabinete, oferecia ao filho caçula um precioso presente de aniversário: o *Liaber Moralis*, o alicerce de toda a sociedade imperial.

– Meu pai me deu quando tinha sua idade – confessou Oratio. – Esse livro revela por completo o coração dos homens. O que é certo fazer, dizer, acreditar.

Naquele dia, completava 8 anos e mal começava a manejar a espada com o mestre de armas de Forte d’Aed. Seu pai, hábil esgrimista e grande letrado, fazia questão que ele tivesse uma educação equilibrada, em que a espada jamais tivesse primazia sobre as palavras e sem que os escritos o afastassem da arte da guerra. Essas duas áreas eram, para ele, essencialmente ligadas. Segundo os Usters, era assim que deviam ser as elites: capazes de defender tanto pela espada como pela palavra, optando por uma ou outra conforme a situação.

– Sua mãe e eu já lhe falamos sobre ele, está lembrado?

– Estou – assentiu Laerte com uma voz tímida.

Contemplava o volume que segurava em suas mãozinhas miúdas, hesitando em folheá-lo por

medo de derrubá-lo. A mão carinhosa do conde em seu ombro o conduziu até a escrivaninha, onde o menino depositou o livro com um ruído. Então levantou a capa e se pôs a virar as páginas, descobrindo linhas e mais linhas manuscritas e ilustradas com estranhas iluminuras.

– A escrita dos monges da Ordem de Fangol – explicou seu pai, inclinando-se atrás dele, as mãos na escrivaninha.

Num gesto protetor, roçou com o queixo a cabeça do menino.

– Por que eles são os únicos que podem escrever? – perguntou Laerte, sem tirar os olhos das páginas.

Cada início de parágrafo era enfeitado com um desenho colorido representando cenas misteriosas. Um homem de perfil se ajoelhando diante de uma dama, um camponês com um cordeirinho nos braços, um cavaleiro se impondo entre uma família assustada e nâagas belicosos...

– Ora, você pode escrever – corrigiu Oratio. – Eu mesmo redijo missivas, ordens para a guarda. Também escrevi cartas para a sua mãe, na época em que ela não queria nada comigo. Agora, os livros, onde sobrevive o saber... os monges de Fangol é que se encarregam de copiá-los.

– Mas às vezes eu o vejo escrevendo livros...

– É... – Oratio, contendo um sorriso, parecia estranhamente sem jeito. – É diferente – justificou-se. – Por enquanto, a maioria dos livros é obra dos monges, porque, para eles, livros são divinos. Entende?

– Foram os deuses que inventaram os livros?

– Foram – afirmou o pai, contendo uma risada. – Entre outras coisas, meu filho, entre muitas outras coisas.

O menino fez um muxoxo, frustrado com aquelas linhas que eram, para ele, vazias de sentido. Não conseguia entender as palavras, que pareciam tão complicadas, e o fraseado, tão empolado.

– Não consigo entender tudo...

Veza ou outra, porém, identificava termos familiares, dogmas já inculcados pelos sermões na igreja de Forte d'Aed.

– É assim mesmo – tranquilizou-o o pai. – À medida que for crescendo e lendo, entenderá. A ética deste mundo, o que é certo, o que é errado... Os primeiros monges redigiram esse livro baseados no que dizia o *Liaber Dest*.

O Livro perdido... o Livro do Destino. Uma lenda que não era, em lugar nenhum, mais presente do que na casa de Uster. Seu pai já lhe falara muito sobre ela, sempre de forma muito enfática, exaltando-se às vezes quando o filho mais velho manifestava alguma dúvida sobre sua existência. Ninguém jamais vira o *Liaber Dest* e a ideia de que um único livro, vindo não se sabia de onde, escrito não se sabia por quem, pudesse trazer em suas páginas o destino de todos os homens desde a noite dos tempos parecia completa loucura para os mais cétricos.

– Um dia vou lhe falar sobre o Livro. Um dia você vai saber, meu filho.

Oratio de Uster era um homem esclarecido, sempre pronto a desconfiar das verdades estabelecidas. Embora o *Liaber Dest* não fosse uma verdade, mas um mito, seu pai não admitia que alguém negasse sua existência. Aquelas foram as únicas e raras vezes em que Laerte o viu furioso, a ponto de se assustar. As outras lembranças que tinha do pai eram todas de amor e tolerância.

– “Toda criatura...” – murmurou Oratio atrás dele. Na página que o menino estava olhando, havia as mesmas palavras que seu pai recitava. – “... está neste mundo para cumprir uma missão” – Endireitou-se, passando a mão no cabelo do menino. – Que você cumpra a sua, Laerte. Uma grande...

*Uma grande...*

– ... poderosa...

*Poderosa...*

– ... e magnífica missão.

*E magnífica...*

Acordou com uma dor, intensa, ardente, quente como o sol do meio-dia que se derramava na sala.

*Poderosa...*

Ele não estava mais em Forte d’Aed. Estava sentado numa ampla poltrona, com uma perna esticada, o calcanhar apoiado num banquinho.

*... e magnífica missão.*

Em seu colo descansava um exemplar do *Liaber Moralis* aberto na mesma página, com as mesmas palavras, as mesmas asserções repetidas por seu pai anos antes. Seus ferimentos cicatrizavam lentamente, mas cada dia que passava parecia mais intolerável. Seu corpo fora reduzido a mingau. Qualquer movimento era insuportável, provocava pontadas fortes, seguidas de enjoo, náusea e desmaio. Laerte dera a si mesmo como morto. Em alguns momentos, chegara a esperar que o estivesse. Nada seria melhor do que aquele que não se deixava esquecer.

Quatro meses após a queda do Império, mal conseguia ficar sentado mais de duas horas sem perder os sentidos. Dessa vez, tinha simplesmente caído no sono ao vagar por suas lembranças depois de encontrar um *Liaber Moralis* na biblioteca da mansão.

Mal reparou na mão que tirava de mansinho o livro de seu colo. Ali, na grande sala banhada pela luz do sol filtrada por amplas cortinas brancas, passava a conhecer seu anfitrião. Nesses quatro meses, suas únicas visitas haviam sido as que lhe faziam diariamente os criados da mansão de Page. Próxima dos territórios do Sul, a poucos dias a cavalo da grande Massália, a casa encimava um grande vinhedo além do qual se avistava o azul do mar.

Usando um gibão preto, uma comprida e fina espada presa a um cinturão de couro, altas botas engraxadas que iam até o joelho, Gregory de Page em nada se parecia com um nobre foragido. Andava tranquilamente enquanto folheava o *Liaber Moralis*, tinha uma aparência garbosa. Era um dos vencedores daquela guerra. Atuara em segredo, ajudando os insurgentes a adquirirem canhões e lançarem por terra a cidade de Émeris. Mas o que acontecera com ele desde a queda do Império? Laerte nem procurava saber, preferindo fechar-se em seu silêncio, perdido em seus pensamentos, entregue à ira que o consumia. Ele, Laerte, havia fracassado.

– O Livro da Moral, as leis de convivência – disse Page suspirando pensativo. – Derivado do *Liaber Dest*, que está para sempre perdido. Escrito pelos primeiros monges da Ordem de Fangol... Leis iníquas essas, se pensarmos no papel que concedem às populações ditas “selvagens”...

Fechou o livro com um estalido seco e o jogou sobre uma poltrona em um canto da sala. Sem

dizer nada, foi até a lareira e se apoiou. Lá fora o vento morno do meio-dia serpenteava pela varanda e vinha erguer delicadamente os cortinados das portas que lembravam janelas.

– Talvez já estejam ultrapassadas – pensou em voz alta, massageando o maxilar com a mão enluvada de preto. – São tantos os preceitos escritos nos *Liaber*... E ninguém jamais questiona sua proveniência. Surpreendente, não acha? As determinações dos deuses registradas no papel e ninguém sabe quem foi o primeiro a escrevê-las. Ninguém jamais pôs em dúvida sua legitimidade, por medo, não de um eventual castigo divino, mas do castigo dos homens... O *Liaber Moralis*. O alicerce de fogo do Império...

Laerte pestanejou, tentando não desfalecer outra vez. Seu rosto inteiro queimava. Ele o contemplara, uma vez, no espelho de um toucador que havia em seu quarto: rosto inchado, nariz quebrado, olhos semicerrados. Distinguia o vulto do duque, mas a única imagem que podia ter dele era a que trazia na memória: ainda estava com a visão desfocada e se já não tivesse, com o passar do tempo, vivenciado aqueles despertares delicados inúmeras vezes, talvez julgasse se tratar de mais um sonho.

– Lima me contou que tem falado muito pouco – disse Page.

Lima. Uma das criadas de Page, meiga e bela, morena e com o rosto lindamente tatuado. Uma nâaga...

– Mas sabe que já se passaram quatro meses desde que houve a revolução... – prosseguiu Page e Laerte aquiesceu com um lento gesto de cabeça. – E que está hospedado aqui, na minha mansão do Sul.

Fez-se silêncio, que o duque deixou passar, decerto esperando que seu hóspede o quebrasse. Mas Laerte ficou calado, mirando-o por entre as pálpebras pesadas com um olhar bastante indelicado, considerando-se que o duque lhe salvara a vida. Gregory de Page baixou os olhos, perplexo, então, voltando-se, foi até uma poltrona próxima a uma porta e puxou-a para junto do ferido. Sentou-se, cruzou pernas e braços e fitou seu interlocutor com igual intensidade.

– Laerte de Uster, já não passa de um animal acuado – declarou com voz muito calma. – Meurnau foi morto, assim como o Laerte que supostamente comandava a revolta. Para o povo, é ponto pacífico que tanto Meurnau quanto Laerte de Uster lideraram essa revolução com o mero objetivo de ocuparem o trono, e não de instaurarem uma República. E que foram, felizmente, impedidos por Étienne Azdeki.

Laerte desviou o olhar. Então eram essas as novidades... Sim, ele realmente tinha perdido tudo. O assassino de sua família, eximido de todos os seus crimes, assumira o poder.

– A República foi proclamada há uma semana – continuou Page. – Está olhando para um dos conselheiros incumbidos de ratificar as novas leis.

Laerte inclinou a cabeça, com fúria no coração. Todos saíam ganhando de alguma forma, ao passo que ele, derrotado, era um prisioneiro que não podia esperar nada além da morte iminente.

– Ora, Laerte, não sou seu inimigo – disse Page. – Eu salvei sua vida.

– Por quê?

A voz era fraca, arranhada, mas bastou para impor silêncio. Page mudou de atitude, deixando de lado seu leve sorriso satisfeito e mostrando mais seriedade. Descruzou os braços e os apoiou nos

da poltrona. Então ergueu os olhos para a luz do sol a poucos metros dali, apreciando o calor antes de responder:

– Não sei. Talvez por achar que alguém como você não pode morrer assim. Também por Rogant e Aladzio... Eles gostam de você.

– São seus empregados...

– Sim, são meus empregados, mas são, antes de mais nada, homens dignos de respeito – respondeu secamente. – Aladzio ter permanecido a meu serviço é um segredo bem guardado, não é? Foi graças a ele que conseguimos salvá-lo. Empregados, sim. Escravos, não.

Pela primeira vez desde sua derrota, Laerte esboçou um débil sorriso... perverso. Page sentiu-se magoado e desviou os olhos, balançando a cabeça.

– Pode pensar o que quiser – retorquiu Page. – O fato é que sua vida foi salva e está em segurança nesta casa. Ninguém jamais virá procurá-lo aqui. Azdeki e seus aliados acham que você está morto. Além de terem, atualmente, muito mais com que se preocupar.

– E Dun-Cadal? – indagou Laerte.

Viera-lhe à mente, de repente, a imagem de seu mentor. E também a imagem de uma linda jovem de cabelos cacheados. À dor física juntou-se outra, mais perversa, mais agressiva: a dor da alma e do coração, a dor da culpa. Em nenhum momento, nenhum, ele tinha pensado... Em que monstro de presunção ele se transformara? Que deplorável joguete não havia sido nas mãos de Azdeki para, no fim das contas, não passar de um fantoche desmantelado e desarticulado?

Uma lágrima deslizou. Será que seu coração tinha se entorpecido de ira e sofrimento a ponto de não se importar com o que havia acontecido com eles?

Conteve o choro.

– Esyld Orbey? – Laerte conseguiu articular.

– Dun-Cadal fugiu, isso é certo. Não sei onde está – respondeu Page sem muitos detalhes. – Quanto a Esyld... vou procurá-la.

– Encontre-a – ordenou Laerte em meio às lágrimas, a boca crispada pela ira. – Encontre-a e traga-a de volta para mim.

Page, estranhamente, limitou-se a assentir. Em outro momento, em outra circunstância, talvez se mostrasse mais severo. Não era homem de permitir que ditassem seus atos, mas era sensível, capaz de empatia. Inclinou-se para a frente e mergulhou no olhar semicerrado do rapaz, de cujas pálpebras escorriam lágrimas finas e brilhantes.

– Vou fazer o possível – prometeu gravemente. – Enquanto isso, precisa descansar. Saiba que, neste exato momento, coisas importantes estão sendo construídas. Do Império nasceu uma República, como era o desejo de seu pai.

– Eu perdi...

Laerte se entregou à dor, o corpo abalado por sobressaltos. As imagens de sua queda vinham incessantemente martelar sua mente, num surdo eco de suas feridas mais profundas. Curvou-se, os braços sobre o ventre dolorido. Centenas de lágrimas ardentes abrasavam e dilaceravam sua pele. Conteve um forte gemido, um fio de baba lhe escorria dos lábios.

– Perdi tudo – repetia incansavelmente. – Eles me destruíram, destruíram tudo. Tudo, eles

tomaram tudo... Eu perdi... perdi...

Mal percebia as mãos firmes de Page contendo o tremor de seus ombros.

– Não, não – murmurava seu protetor. – Você destruiu o Império. Sem você, eles não poderiam ter feito nada. O simples fato de você existir, de ter sobrevivido, permitiu que eles derrubassem o poder. Seu nome permitiu que justificassem seus atos.

– Você... Você... – Laerte respirou sofregamente antes de erguer a cabeça e enfrentar o olhar do duque. – Você está enganado. Você também perdeu. Ele está com eles, está com eles. Como estava, antes, com meu pai.

– Eu sei... – O duque se ajoelhou na sua frente e havia em seus olhos uma ira gélida. – O *Liaber Dest* – confirmou.

– Você sabia – disse Laerte com uma careta.

– Desde a morte do seu pai, Laerte. O meu, quando chegou sua hora, me contou tudo enquanto agonizava. – Fitava-o sem pestanejar e, num gesto afetuosamente, pôs as mãos em seus ombros. – Sabe o que é ser odiado pelo próprio pai, Laerte? Sabe o que é vê-lo zombar de você em seu leito de morte por nunca ter sido como ele sonhou? O homem é uma criatura muito estranha. Estranha a ponto de desejar abertamente a morte do único filho e lhe confessar orgulhosamente tudo o que cometeu. Ele e seus amigos sempre viram em mim um presunçoso, um frouxo, um gozador... um imbecil. Eu fiz o jogo deles. Vesti uma... *máscara*. A máscara do que eles queriam ver. Meu pai, ao me falar do complô de Azdeki, da existência do *Liaber Dest* e de todos os sofrimentos que desejava para a minha vida, nem imaginava que estava, na verdade, me dando a chave para a sobrevivência. Ele e seus pares jamais me julgariam capaz de agir contra eles. No entanto...

Laerte inspirou fundo, endireitando-se para conter as lágrimas, e disse:

– Bernevin.

– Rhunstag, Enain-Cassart... e muitos outros...

– Os Azdekis – desdenhou Laerte.

– Os Azdekis – confirmou Page.

– Eles também viraram conselheiros? – indagou Laerte entre dentes.

– Sim, viraram os pais da República, além de outros – informou Page, levantando-se.

Então recuou devagar, espreitando de soslaio a reação de Laerte. Temia, decerto, que ele caísse da poltrona num gesto de ira, mas Laerte estava tão exausto que apenas balançava a cabeça, as mãos apertando os braços da poltrona. Com uma careta, puxou a perna esquerda até a ponta do banquinho e a deixou cair, por pouco não desmaiando quando seu calcanhar bateu no mármore.

– Eles são a República, o sonho de seu pai.

– Não vou permitir – jurou Laerte, lançando ao duque um olhar feroz.

Page, com as mãos às costas, andou até a porta mais próxima.

– Essa é, atualmente, uma das poucas certezas que tenho – confessou. Inclinou a cabeça de modo a olhar por sobre o ombro. – Só que, no momento, você não pode fazer nada.

– Posso mais do que é capaz de imaginar – garantiu Laerte em tom de desafio.

– Pense antes de agir – aconselhou Page. – Ainda está convalescendo, vai demorar até que esteja em condições de fazer qualquer coisa. Anos, talvez.

– Você não... aaah...

Tentara se levantar, mas, dos braços à perna ferida, a dor foi forte demais. Gemendo, tornou a cair pesadamente na poltrona.

– Eles não vão agir antes de decifrarem o *Liaber Dest*. Enquanto Aladzio estiver incumbido dessa tarefa, posso fazê-los esperar à vontade. Eles ainda vão estar por lá quando você estiver pronto para executar sua vingança. A qual, por sinal, pode combinar muito bem comigo, pois nós dois queremos a mesma coisa.

– Que coisa?

– Não posso dizer mais do que isso enquanto não tiver certeza... em relação aos Azdekis. Boatos podem ser mais mortais que uma espada afiada. Tornaremos a falar sobre isso. Por enquanto, saiba apenas que aqui é meu hóspede. E talvez, com o tempo, se torne até... – Fez uma pausa, deixando os olhos vaguearem pelo mármore lustroso do piso. – ... meu amigo – concluiu, antes de encarar o olhar perplexo de Laerte.

Cumprimentou-o com um aceno de cabeça e, sem acrescentar nada, saiu por uma ampla porta situada junto à lareira. Ficaram apenas os brancos cortinados balançados por um leve vento, que afagou o rosto do rapaz. E, então, o silêncio e a escuridão.

O *Liaber Dest*, *Laerte*... o *Liaber Dest*...



– Senhor? Senhor?

Ao abrir os olhos, deu com as feições suaves, sublinhadas por finas tatuagens, de uma moça de pele bronzeada. Com os cabelos negros atados numa comprida trança, Lima estava ajoelhada a seu lado, com ar preocupado.

– Pegou no sono outra vez, senhor.

– Pa... Page? – indagou ele em voz rouca.

– Ele foi para Émeris, senhor. Avisou que voltava. E que, em um mês, um amigo deve vir visitá-lo. – Ela pôs a mão suave em seu pulso, uma mão que ele não teve forças para rechaçar, estremecendo àquele simples contato como se fosse uma agressão. – Senhor, seria melhor ir se deitar. Vou pedir aos criados que o carreguem até sua cama.

O mundo, fora da mansão, não era nada acolhedor: repleto de violência, traições, mentiras e rancores. Seu próprio mundo, no entanto, não era nada invejável. Seu corpo se transformara num inimigo, condenado a uma dor constante. Mal distinguiu os vultos dos três homens de sobreveste azul que vinham para carregá-lo.

Suas pálpebras se fecharam tal como portas escuras de um edifício em ruínas.



As semanas seguintes foram pontuadas por lentos despertares e pesadas sonolências. Os

desmaios de dor foram aos poucos se espaçando e seus movimentos readquiriram a naturalidade. Ao sol púrpura do outono sucedeu-se a palidez do inverno e da geada. Laerte ainda não voltara a andar, mal conseguia ficar segundos em pé antes de o cansaço embotar seus movimentos. Como Lima previra, um de seus poucos amigos chegou à mansão lhe dar apoio.

Era Rogant, sóbrio em palavras, sensato e ponderado. À noite, diante da lareira, não se sentiam, nem um nem outro, propensos a grandes discussões. Contentavam-se com o simples prazer de ficarem ali sentados lado a lado, como dois amigos. A amizade de Rogant era uma das poucas coisas que Laerte se sentia feliz por ter conservado. Algo que os Azdeki jamais poderiam lhe tirar.

Rogant o pôs a par das novidades, dos vãos esforços de Page para localizar Etyld, das novas leis promulgadas por um novo Conselho e do estranho comportamento desses homens que o rapaz execrava. Nem Azdeki, nem Rhunstag, nem Bernevin, tampouco Enain-Cassart, haviam tentado se apropriar do poder. Já eram conselheiros e assim continuaram. Debatiam, representavam na Assembleia republicana aqueles que os tinham escolhido para zelar por seu bem-estar.

Realizava-se o sonho de Oratio de Uster, conduzido por um povo pasmo de admiração, repleto de esperança e sonhos. Mas quem conduzia o povo eram eles. Esses que tinham destruído sua vida.

Certa noite, quando terminavam uma refeição na grande mesa da sala de jantar, Rogant disse palavras infelizes:

– Eles têm feito coisas interessantes...

Laerte empurrou o prato, agitado, as costas curvadas, os olhos fitando as migalhas de pão que constelavam a larga toalha vermelha bordada de prata. Em seu rosto ainda marcado pelos ferimentos oscilava a luz dos candelabros.

– Escutou o que eu disse? – Rogant continuava calmo.

Laerte largou os talheres junto ao prato, no qual restava um pobre ossinho de frango em meio a um monte de legumes variados. Quando ergueu os olhos das sobras de seu jantar, não conseguiu enfrentar o olhar do amigo. Laerte continha uma ira crescente. Mas Rogant continuou a falar:

– Sejam quais forem os crimes que tenham cometido, eles contam com o apoio do povo. Deram ao povo o direito à palavra. Eles mudaram as coisas, Laerte. Você não pode lutar contra isso. Ninguém poderia.

Como única resposta, Laerte fez um breve movimento com a cabeça. Parecia interessar-se tão somente pelas migalhas de pão.

– A vingança não é o caminho... A fúria ainda vai destruí-lo – sussurrou Rogant.

Os olhos ardentes do rapaz finalmente se voltaram para ele. Nas lágrimas que marcavam seu rosto havia um brilho animalesco, uma raiva que lembrava um fogo voraz. Palavra alguma podia extinguir essa fúria.

– Meu povo está livre – declarou Rogant, numa derradeira tentativa. – Quanto a eles, vão acabar pagando por seus crimes, mas por vontade da República, e não da sua... Deixe Page cuidar disso. Não estrague sua vida. Você já sofreu mais que o suficiente.

Laerte pôs lentamente as mãos na borda da mesa e se apoiou, fazendo uma careta.

Imediatamente, Rogant levantou-se.

– É cedo demais para ficar de pé, você ainda não consegue caminhar.

Nenhuma palavra veio contradizê-lo. Só o olhar feroz perdurava. À porta da sala de jantar apareceu Lima, hesitante. O que ela via era uma cena muito estranha. Rogant parado diante do rapaz, como se disposto a empurrá-lo. Foi o que fez quando Laerte tentou se levantar se apoiando nos braços da poltrona.

– Você está muito fraco – disse o nâaga em tom seco.

Fez-se silêncio. Laerte inclinou a cabeça para a frente, dentes cerrados, mas com o olhar fixo no amigo. Os braços da poltrona rangeram sob a pressão de seus dedos.

– Está muito fraco – repetiu Rogant, empurrando-o novamente quando ele voltou a tentar se erguer.

Gemendo, Laerte tentou outra vez. Pensou que suas pernas fossem quebrar enquanto se levantava, os olhos grudados nos do nâaga. Uma violenta fisgada percorreu seu corpo inteiro e sua testa se encheu de suor. Porém não desistiu.

– Está muito fraco...

Nenhum dos dois se dispunha a desviar o olhar. Lima, do seu canto, assistia incrédula àquele duelo de vontades. Esfregou nervosamente as mãos no avental. Laerte ter sobrevivido até então já era um milagre. Mas voltar a andar era algo impensável. Seu corpo ainda estava tão cansado, tão maltratado, que arriscava desmoronar a qualquer momento. Ainda assim, e apesar de alguns gemidos, ele não cedia.

O nâaga o encarou antes de dar um passo à frente. Só então Laerte deixou-se cair pesadamente de volta na poltrona. O recado estava dado. Com Rogant não era preciso palavras. A vontade de Laerte era firme demais para aquilo ser um simples impulso.

Ele iria até o fim.



Foi assim que ele recomeçou a andar. Um passo, dois... depois três. Passaram-se os dias, as semanas, os meses. A dor amainou por conta da força de sua raiva. Ela, por si só, bastava para fazê-lo esquecer seu sofrimento e ir ampliando mais e mais seus limites, até cair de exaustão.

A primavera, o verão... Finalmente pôde sair sozinho ao ar livre, para descobrir uma terra seca salpicada de grama amarelada, uma paisagem retalhada embalada pelo canto das cigarras.

Rogant permaneceu a seu lado.

Laerte se muniu de uma espada e açoitou o ar, soltando um urro quando seu ombro pareceu se rasgar ao golpe de um martelo. Repetiu o gesto, e outra vez, e mais outra. Inúmeras vezes. Devagar. E sempre.

A relva enfim se curvou. Chegava o outono. O calor se esvaneceu. Rogant continuava ali, observando enquanto ele retomava seu espaço. Quando foi capaz de esgrimir, o nâaga finalmente interveio, postando-se na sua frente para aparar seus golpes.

*... uma grande...*

Voltava a tomar posse de si mesmo, a controlar seus movimentos. Um ano se passara.

*... poderosa...*

Page retornou. Infelizmente, sem notícias de Etyld. A República ia se consolidando aos poucos, mas ainda era frágil. Laerte, obcecado pelo desejo de vingança, deixou de lado suas dúvidas quanto às motivações do duque. O importante era o fato de terem um objetivo em comum.

*... e magnífica missão.*

Estocada. Defesa. Seus movimentos voltaram a ser fluidos e controlados. Por fim, conseguiu usar o Sopro.

Foi um esforço exaustivo. Na primeira vez, caiu inconsciente. Rogant o segurou antes que batesse a cabeça no cascalho que revestia o jardim da mansão.

*Sinta o Sopro, seja o Sopro.*

Apesar do sangue escorrendo de seu nariz, apesar da queimação em seus músculos atrofiados, enfrentou o nãaga e inimigos invisíveis do meio-dia ao entardecer, da manhã ao anoitecer, até finalmente reencontrar a si mesmo.

Nada o desviara de seu caminho. Nem a lembrança de Etyld, nem a incerteza quanto ao destino de Dun-Cadal. Nem, muito menos, a delicada atitude de Rogant em relação a Lima e o amor que nascia entre eles. Nada alterou sua vontade. Dois anos depois de sua queda, da queda do Império, Laerte partiu.

# 11

## REVIVER

*Um dia vou lhe falar sobre o Livro.*

*Um dia você vai saber, meu filho.*

De costas para a porta, ele despiu a capa, tirou devagar o casaco. Diante dele, a poeira que encobria a janela brilhava à luz da lua pálida. A mulher o observava em silêncio, uma das mãos apoiada no batente da porta entreaberta. Contemplava a luz do astro que deslizava por seus ombros nus, destacando cada uma das cicatrizes que riscavam suas costas. Com uma careta, ele passou a mão pela omoplata.

Por quais combates, por quais batalhas não havia passado para trazer tantas marcas? Seu coração saíra ileso ou estava, como sua pele, repleto de fissuras?

Ela até teria ficado ali, olhando-o se despir. Teria gostado, inclusive. Mas havia perguntas que não podia deixar em suspenso. Timidamente, bateu à porta.

– Laerte! – chamou, corando, baixando os olhos quando ele se virou. – Desculpe, eu...

Uma cicatriz destacava-se em seu peito. Imaginou-se acariciando-a com o dedo enquanto ele lhe contava como ela surgira. No dia seguinte aconteceria a Noite das Máscaras. Talvez não tivesse tempo para lhe confessar seus sentimentos. Essa ideia despertou-lhe um débil sorriso.

– Se o assunto for Dun-Cadal, está perdendo seu tempo. Page está avisado. Ele não vai ser um empecilho – garantiu Laerte secamente. – Quanto ao Palatio, Azdeki mandou reforçar a guarda.

– Muito bem – respondeu ela, sem ousar encará-lo.

– Está tudo correndo conforme o previsto, Viola.

– Verdade? – surpreendeu a si mesma ao perguntar.

Ele continuava imóvel, como se esperasse que Viola se dignasse sair de seu quarto. A moça, dessa vez, estava decidida a fazê-lo falar. A maior parte do que sabia a seu respeito descobrira através de Aladzio, de Rogant e, mais recentemente, do velho general. O restante, adivinhara. Esperava pelo bendito dia em que ele finalmente se abria com ela, o que seria a prova de algum

afeto ou algo mais. Com o coração acelerado, descontrolado, uniu nervosamente as mãos úmidas.

– Desculpe, mas escutei um pouco da discussão de vocês e...

– E o quê? – murmurou Laerte, a voz subitamente grave.

Estreitava os olhos, parecia sinistro.

– Quem é Esyld?

– Não é da sua conta – respondeu ele.

Pegou a capa e começou a dobrá-la.

– Ela vai se casar com Balian Azdeki? – continuou Viola, ignorando a reprimenda. – Você a conhecia das Salinas, é isso?

Os gestos de Laerte ficaram mais bruscos. Por fim, um tanto irritado, jogou a capa sobre uma cadeira.

– Você a ama? – insistiu ela.

Silêncio... Viola sentiu-se tomada por um imenso vazio, uma imensa tristeza que ela tentava controlar.

– O casamento vai ser antes da festa... – anunciou ela com voz trêmula. – Se tentar qualquer coisa, isso tudo, o tanto que nos preparamos, terá sido em vão.

Ele lançou-lhe um olhar feroz.

– Não venha me dizer o que devo ou não fazer – reclamou.

– Não, claro que não – respondeu Viola. – Você é um homem. Eu não passo de uma moça que mal deixou a infância...

Pela primeira vez diante dela, Laerte baixou o olhar.

– Laerte? – chamou Viola de mansinho.

Ele respondeu com um olhar estranhamente triste. Como gostaria de se aproximar, se aninhar junto dele, estar com ele... só para fazer com que a dor evaporasse no calor de seu corpo.

– Estou aqui do lado, caso você... enfim... queira conversar sobre... enfim, sobre o que quiser.

Ele não fez nenhum gesto nem disse nada. Observou-a fechar a porta sem sentir vontade de detê-la.

*Eu não passo de uma moça que mal deixou a infância...*



Sentou-se na cama, suspirando, perguntando-se como chegara a esse ponto. Ele, que tantas vezes se rebelara contra quem o considerava um simples *moleque* incapaz de se sair bem, estava se comportando igual a eles, no fim das contas. Viola já passara dos 20 anos e ele ainda a via como uma menina.

Tinha 15 anos quando a vira pela primeira vez.

– Você é cavaleiro? – perguntara ela, sentada a uma escrivaninha com uma pilha de livros abertos à sua frente.

Bonitas sardas salpicavam suas faces ainda redondas, um brilho malicioso no intenso olhar

verde, a pele de um branco puro como a neve. Ele não respondera. Viera para se encontrar com Page após anos e anos de andanças. Não dera, naquele dia, a menor importância para a *moleca*. Voltara para a mansão mais forte que nunca, pronto para realizar sua vingança. Pouco menos de seis anos depois, achava-se sentado numa cama em meio ao doce calor noturno de Massália.

Deixou-se cair para trás, o coração à flor da pele. Pensava que Etyld ainda o amava. Azdeki a mantinha prisioneira, era isso, ele a ameaçava, e ela fora obrigada a mentir. Ficou repetindo para si mesmo o que ela tinha lhe dito. Determinado, tentava lembrar a mínima hesitação, a mínima vacilação, a mínima palavra que demonstrasse o contrário. Uma mera indecisão que quisesse dizer “Eu amo você”.

Aos poucos, foi caindo no sono.



Na casa reinava o silêncio. Os lampiões a óleo se consumiam devagar. Dun-Cadal, no sofá, fitava a jarra vazia na mesa de centro. Cansado, olhou desanimado para as próprias mãos. Veias verde-escuras se destacavam na pele manchada. Ergueu lentamente a direita e a estendeu diante de si. Cerrou os dentes quando ela começou a tremer. Era isto que ele era: um corpo instável...

– Pode estar certo de que aqui só tem a ganhar – murmurou.

Tinha vindo a Massália para morrer e acabara encontrando aquilo de que vinha tentando fugir. E, o que era pior, a vida de que tanto se orgulhava agora se resumia a uma enorme mentira.

Quando o sol lançou seus primeiros raios sobre a cidade portuária, Dun-Cadal estava na cozinha, em pé junto à mesa. No centro, uma espada esperava, enrolada num velho cobertor. Nunca se atrevera a tocá-la. Eraed pertencera aos maiores imperadores e, embora já tivesse duvidado de seu poder, nunca se atrevera a encostar nela por não poder confirmá-lo. E em respeito àqueles a quem tinha jurado servir...

Afastou o pano num gesto rápido e nervoso, revelando a lâmina cintilante. Seus dedos pararam a poucos centímetros do punho dourado. Quem era ele para se atrever a empunhá-la? O homem que ele havia jurado proteger o destruiria. Quem era ele para se atrever a pegar sua espada?

Além de um mero resquício do Império... e que Império... o Império das traições, dos ódios, das matanças, do abandono.

Decidiu-se e, trêmulo, foi até o pátio, segurando a velha espada com a mão úmida. Assim que pisou no cascalho, girou-a no ar, por pouco não a soltando várias vezes. Seus movimentos bruscos não tinham a menor naturalidade. Aquilo era apenas um efeito de sua abstinência de álcool. Perdido, golpeava o vazio tentando aparar golpes imaginários. Mas seus gestos eram imprecisos. Caiu três vezes de joelhos, resmungando entre dentes. Seu braço armado tremia. Lágrimas brotaram em seus olhos. Será que perdera toda a sua destreza?

– Você está muito apressado – sentenciou uma voz perto da porta.

Olhou rapidamente por sobre o ombro. Laerte estava recostado no batente, os braços cruzados. Talvez já estivesse ali havia algum tempo, achando-o ridículo.

– Está mal apoiado e executa os movimentos depressa demais – continuou Laerte em voz surpreendentemente suave.

Dun-Cadal o observou se aproximar, imóvel, e quando Laerte chegou junto dele, buscou seu olhar. Mas Laerte fitava a espada. Pegou no seu pulso e o ajudou a segurar a arma, contendo seu tremor.

– Mantenha a espada reta. Pernas levemente flexionadas para ficar bem apoiado – disse em voz baixa. – Sua perna está muito esticada. Se não for cortada por uma lâmina, vai ser quebrada por uma clava...

Enfim trocaram um olhar. Laerte não soube como sustentá-lo. Como estava envelhecido o rosto de Dun-Cadal, suas feições pesadas de tristeza, intensas olheiras!

– Isso eu aprendi com um grande cavaleiro – confessou Laerte, afastando-se. – Não sei se, para ele, fui um bom aprendiz, nem se ele alguma vez se orgulhou do esforço que eu fazia, dia após dia... – Seguiu a passos lentos em direção à casa. – Se houve um dia em que achei que o odiava, foi, sem dúvida, por tudo o que ele representava, e não pelo que realmente era. Disso hoje tenho certeza.

Estava chegando à porta quando a voz rouca de Dun-Cadal murmurou:

– Rã...?

Era a primeira vez, desde que tinham se reencontrado, que ele pronunciava aquele nome sem animosidade. Laerte se virou. Seu mentor se endireitava depois de pousar a espada no chão. No cascalho, à luz do dia nascente, Eraed cintilava.

– É você? – perguntou Dun-Cadal com a voz embargada. Parecia tão cansado, os olhos contraídos, um brilho de lágrimas nos olhos. – Então é você mesmo, Rã...

Laerte não respondeu. Compreendia aquelas palavras, sentia seu peso no coração. Trôpego e desajeitado, Dun-Cadal aproximou-se. Parando diante dele, segurou a nuca do rapaz.

– Passei tantos anos achando que você tinha morrido...

– Eu sei.

– Pensei que tinha perdido você...

– Eu sei.

Estava prestes a chorar e sua luta para não desabar já parecia cair por terra.

– Rã, é você mesmo? – indagou Dun-Cadal outra vez.

Laerte fazia o possível para manter a dignidade, mas era difícil permanecer insensível.

– Sim.

Dun-Cadal então desatou a chorar, por sua vida, por sua decadência, pelos anos perdidos em que nunca deixara de pensar no *moleque*. Jogou-se em seus braços e o abraçou com força, sentindo medo de que ele se esquivasse outra vez. Laerte de início hesitou, mas por fim o envolveu nos braços.

Aquele homem tinha lhe ensinado tudo, tinha lhe dado tudo, sem nunca desconfiar de suas intenções. Um homem que ele já julgara antes mesmo de conhecer, mas pelo qual, com o tempo, acabara por se afeiçoar. Enquanto o sol clareava os telhados de Massália e espalhava sobre a cidade um tom avermelhado, Laerte teve a impressão de finalmente enxergar com clareza. Aquele homem, apesar de toda a sua insolência, nunca deixara de amá-lo como um pai ama seu filho.

Ali abraçados, voltavam a se encontrar.



– É um desses momentos que só pertencem a eles dois – disse Rogant.

À janela do quarto, no andar de cima, Viola sobressaltou-se. Atrás dela, Rogant a fitava com um olhar acusador. Não o ouvira entrar, concentrada em espiar os dois homens no pátio.

– Estou só conferindo se está tudo bem – justificou-se com firmeza.

– Page já tem tudo planejado para a partida de Dun-Cadal. Ele irá pouco antes da Noite das Máscaras. Não vai se colocar em nosso caminho. Já não passa de um velho fantasma.

– Não é isso. Estou preocupada com Laerte – rebateu ela. – Ele não devia ter se exposto. Está perturbado com essa história.

– Acredite, quem mais vai perturbar Laerte não é Dun-Cadal – afirmou Rogant, indo em sua direção.

Ela olhou novamente para o pátio. Não, claro, havia um perigo bem maior do que a presença de Dun-Cadal.

– Acha que ele vai tentar impedir o casamento? – preocupou-se Viola, enquanto observava os dois homens se afastarem.

– Conheço Laerte o suficiente para dizer que ele não é do tipo que desiste do que quer ou de quem quer. Se ela vai se casar com Balian Azdeki, Page e Aladzio já estavam informados. Se não contaram, foi por um bom motivo. Agora que ele sabe, vai ter que escolher a quem será leal.

Nenhum dos dois tinha a menor ilusão. O que quer que dissessem a Laerte, ele só faria o que bem entendesse. Era ele quem comandava a missão, quem decidia o que devia ou não ser feito.

– Ele ainda vai pôr tudo a perder – esbravejou Viola cerrando os punhos.

Rogant olhou para ela, um estranho sorriso nos lábios. No pátio, Dun-Cadal agora estava sozinho. Pegou Eraed e desapareceu no interior da casa.



Mais tarde naquela manhã, Laerte se esgueirou para fora da casa e, numa viela deserta, subiu por uma calha até um telhado. Sabia do risco que corria, sabia que ao mínimo erro estaria tudo acabado e não cumpriria seu objetivo. Mas o Livro podia esperar mais algumas horas. Esyld estava sendo forçada a se casar com o filho de Azdeki, e isso era prioridade.

Que tipo de cavaleiro ele seria se não corresse em seu socorro? Nem mesmo a ideia de fracassar e reduzir a pó suas chances de entrar no Palatio ao cair da tarde podia fazê-lo desistir. Ele tinha dominado um dragão, lutado ao lado de Dun-Cadal e enfrentado quatro dos mais altos oficiais do Império antes de derrotar a própria morte. Nada mais era impossível para ele. De telhado em telhado, furtivamente cruzou a cidade sem ser visto. Foi até o alto de um grande edifício, na praça da mais imponente das três catedrais, e esperou dar meio-dia. Atrás da torre da catedral se avistava,

ao longe, o telhado arredondado do Palatio.

*Lutar com uma espada é fácil.*

Às portas do santuário se aglomeravam oficiais, conselheiros, capitães da guarda, nobres, todos exibindo seus mais belos trajes. A maioria já usava as máscaras coloridas que todo habitante de Massália portaria à noite, na festa.

*Mas, para vencer os próprios demônios, a lâmina não tem qualquer serventia.*

Ao pé das escadas da catedral parou uma carruagem vermelha ornada de frisos dourados. Laerte mirou o chão, alguns metros abaixo. E saltou...

*Você, que está aí de joelhos, já sem orgulho nenhum, levante-se, mesmo trêmulo, e recobre sua dignidade.*

*Recobre sua dignidade.*



– “Pois ela é de fato a única arma que o protege dos poderosos” – declamou Page.

A carruagem sacolejava e, sentado na banqueteta púrpura, tinha a impressão de estar dançando ao ritmo dos solavancos. Segurando-se na alça junto à janela, lançou um breve olhar à paisagem enevoadada. Vultos disformes de árvores mortas se destacavam em meio à bruma e, vez ou outra, sobre um galho retorcido, as silhuetas de corvos grasnando.

– A única arma – repetiu, pensativo. – A dignidade.

Estava com uma roupa preta simples, sem outro ornamento além da fivela dourada de seu cinturão, luvas pretas que se alargavam nos antebraços e um pingente por cima da gola fechada.

O restante era de uma sobriedade de que Laerte não tinha como lembrar. A primeira vez que o vira fora em Émeris, numa de suas orgias. Na segunda vez, na mansão, sentira-se como as planícies que agora cruzavam de carruagem: enevoadado e perdido.

Agitado pelos solavancos, observava o duque com certa cautela, esmiuçando cada um de seus gestos, cada palavra que dizia, na esperança de vislumbrar alguma certeza. Page era um homem de intrigas e, embora tivesse salvado sua vida, Laerte preferia confiar desconfiando. Não acreditava nem um pouco na sua amizade.

– Sabe quem escreveu isso? – perguntou Page, contemplando os rasgos de névoa.

Laerte balançou a cabeça. O duque, pelo visto, esperava essa resposta, já que prosseguiu sem nem olhá-lo:

– Seu pai.

Um cheiro de grama queimada empestou o ar, obrigando Page a se afastar da janela. Avistou algo em chamas, sendo espetado pelas foices de camponeses. O duque apertou o nariz um instante e, suspirando, recostou-se na banqueteta. Fez uma pausa, olhando para Laerte.

– Eu li os escritos dele. Tive essa sorte, apesar de terem sido proibidos pelos monges da Ordem de Fangol.

Laerte assentiu com o coração pesado. Nunca havia lido nada de Oratio.

– Sabe o que ele queria dizer com isso? – perguntou Page.

– Não.

– Que somente a dignidade nos põe em pé de igualdade com aqueles que mandam. Já vi pobres mais dignos que muito barão grosseiro e covarde. Vi camponesas enfrentarem com brio os coletores de impostos para defenderem sua parca colheita. Vi nâagas em servidão manterem a cabeça erguida, vi... – Interrompeu-se de súbito. – Não é só com a espada que se luta, Laerte. – Virou-se novamente para a janela. – Estamos chegando.

A carruagem reduziu a velocidade e os solavancos foram se atenuando até ela parar de vez e os cavalos bufarem.

Tinham viajado por duas horas desde o condado de Garm-Sala, onde haviam combinado se encontrar. Laerte deixara a mansão nove anos antes. Cavalgara pelo que restava de um Império arruinado, numa República incipiente que, dia após dia, soubera devolver a esperança ao povo. Acompanhara tudo isso de longe e, no entanto, sempre tivera a sensação de estar no centro de Émeris, de ser quase uma sombra dos Azdekis. E nisso Page tivera um papel.

Mesmo afastados, haviam mantido contato: Aladzio pusera à disposição seu amigo mais fiel, encarregado de transmitir suas mensagens. Nove anos de viagens, idas e vindas, despedidas e reencontros. De Vershã ao oeste, do norte aos portões de Massália, tinha procurado por Elyld, e quando era tomado pelo desespero, passava um tempo na mansão de Page para desfrutar da companhia de Rogant e, certas vezes, da de Aladzio. O inventor também estava sempre para lá e para cá, cumprindo ordens de Azdeki, vasculhando os mosteiros fangolinos na esperança de encontrar a chave para decifrar o Livro Sagrado. No entanto, os onze longos anos desde a queda do Império em nada tinham alterado a vontade de Laerte. Quando o conselheiro mandara avisar que era chegada a hora de resolverem o assunto, atendera rapidamente ao chamado.

O mensageiro de Aladzio os recebeu com um grito agudo. Laerte desceu da carruagem e pisou numa lama espessa. Ao erguer a cabeça, vislumbrou-o em meio à névoa, em torno da torre em ruínas e repetindo seu grito. Só os deuses sabiam como aquilo sempre conseguira encontrá-lo em meio aos destroços do Império. Mas, quando o via surgir no céu, bastava estender o braço para ele pousar e desprender a cápsula contendo a carta.

– Não repare na aparência da construção – aconselhou o nobre, com a sobrelance erguida e um sorriso de esguelha. – Ela tem beleza interior.

Com um gesto, convidou-o a seguir até a pesada porta de madeira, à qual faltavam umas tábuas; atrás se notava a luz vacilante de algumas tochas. A torre ficava no alto de uma elevação onde a relva custava a crescer de tão encharcada que era a terra. A lama grossa, viscosa, grudava nas botas. Laerte deu um passo e então se deteve, certo de já ter visto uma torre parecida, apesar das pedras faltantes e do telhado com vigas bolorentas à mostra.

– Fangol – disse Page, percebendo sua perturbação. – Este é um dos primeiros mosteiros da Ordem de Fangol. É uma imitação da Torre de Fangol, só que em versão reduzida.

Sim, claro. O *Liaber Moralis* descrevia a sede histórica da Ordem de Fangol como um edifício imenso, construído no alto de uma montanha para atingir o céu. Rezava a lenda que, em alguns dias, seu topo ultrapassava as nuvens. Era curioso que sua réplica fosse cercada de névoa.

Page abriu a porta e entrou na frente, tirando as luvas e batendo uma na outra. As pedras estavam cobertas de poeira, o ar parecia poluído apesar das seteiras e, em um canto, havia um homem de aspecto lamentável sentado a uma velha mesa capenga. Virou-se para eles, um sorriso bobo nos lábios, cabelo branco desalinhado e um rosto redondo e enrugado. Ao fundo, no vão de uma parede abaulada, havia uma escada e, do lado, abria-se no chão um pequeno alçapão. Laerte fechou a porta ao passar e foi recebido por uma risadinha.

– Eles chegaram – comemorou o velho com as mãos tortas de artrite. – Sim, o perfume, o perfume cheiroso do nobre fidalgo. E com ele...

Farejou o ar. Laerte, ao se aproximar, reparou na membrana branca que encobria seus olhos.

– Catarata – explicou Page. – Não dê bola para ele, é louco.

– Um homem com espada? – alegrou-se o velho. – Um homem perspicaz, sim, perspicaz, mas não arrogante.

– Cale-se, seu monge estúpido – ordenou Page. – Não estamos aqui para escutar suas sandices.

Laerte nunca o tinha visto agir de modo tão autoritário. Virou-se para ele e viu que o conselheiro conservava seu ar severo.

– O irmão Galapa é o antigo guardião deste monastério – explicou Page. – É um velho doido que nunca se deu conta do tesouro em que está sentado.

– É claro que me dou conta – discordou Galapa, sempre sorridente. – Os outros é que não me escutam, rá, rá. Galapa não vê? Vê, sim. Galapa viu tudo. E também ouviu umas coisas.

Page pareceu se irritar, mas logo adotou uma atitude mais contida, pondo a mão no ombro de Laerte.

– Venha, Aladzio está lá embaixo.

Conduziu-o até o alçapão e o abriu puxando uma corda. Lá dentro, um clarão tremulava no escuro. Page se abaixou para entrar.

– Sim, sim, está tudo lá embaixo, sempre está. – Galapa ria, esfregando as mãos. – Lá embaixo, o cavaleirinho vai descobrir umas coisas. Estava escrito? Sim, sim, claro que sim.

O ancião continuou rindo e balançando a cabeça. Laerte dirigiu-lhe um último olhar antes de entrar no buraco. Deparou-se com uma escada e, para sua satisfação, com uma passagem que ia se alargando. Desceu os degraus, endireitando-se aos poucos, e alcançou Page, que o esperava na entrada de um túnel. Tochas crepitavam nas paredes úmidas, sua luz ondulando nas pedras pesadas, cobertas de poeira preta.

Seguiram pelo túnel até que Page avistou uma espécie de nicho.

– É aqui.

Abaixou a cabeça e entrou.

O rangido de uma porta antiga de madeira ressoou no corredor estreito. Laerte hesitou um instante antes de entrar no nicho, vislumbrando então uma abertura que conduzia a uma sala ampla e estranha onde pairava um cheiro de pimenta e jasmim. Distribuídos em compridas mesas de madeira espessa, candelabros difundiam uma luz avermelhada sobre pilhas de livros. Pesadas vigas imbricadas, das quais pendiam teias de aranha gigantescas, ornavam o teto alto. Sobre os volumes empoeirados fumegavam alguns alambiques cheios de líquidos coloridos em ebulição.

– Senhores – saudou uma voz fina à sua direita.

Surpreso, Laerte levou instintivamente a mão ao punho da espada, mas relaxou ao ver o rosto bonito de uma moça, cujos olhos verdes cintilavam à meia-luz.

– Não está reconhecendo Viola? – O duque riu. – Viola Aguirre?

Deu um tapinha no seu ombro. Laerte a contemplava. Quando cruzara com ela alguns anos antes, em uma de suas estadias na mansão, não passava de uma menina recém-chegada do interior. Agora era uma linda mulher, com o cabelo ruivo preso para trás, mechas suaves caídas na nuca de um branco leitoso e junto às orelhas. Sob os olhos tímidos, as faces eram salpicadas de sardas. Usava com elegância um vestido marrom simples.

Não ficou fascinado, apenas surpreso ao vê-la assim tão diferente. Será que ele ainda era o mesmo? Decerto endurecido por tantos anos de vida errante.

– Ela é de confiança. Agora é historiadora! – informou Page com orgulho, passeando entre as mesas transbordando de manuscritos.

Viola, com as faces coradas, cumprimentou o rapaz inclinando-se sem jeito. Quando ia lhe dirigir a palavra, ele se virou, intrigado pelos estranhos utensílios que via no meio dos livros. Para que serviria aquela parafernália? Não tinha a mínima ideia. Em compensação, não foi grande surpresa descobrir a quem ela servia.

– Rã! Rá, rá! Rã! – exclamou uma voz jovial.

Em um canto parcamente iluminado por velas, um vulto familiar descia de uma escada disposta junto a uma alta estante de livros. Enquanto vinha em sua direção, braços abertos, ele foi discernindo o casaco de mangas bufantes e o tricórnio, o rosto aberto num largo sorriso.

– Que bom ver você por aqui! Ah! Rã... Laerte – emendou Aladzio. – Desculpe, não consigo me acostumar.

– Vejam só! Quem poderia imaginar que o porão de uma torre escondesse uma biblioteca destas? – indagou Laerte.

– Ninguém – respondeu Page.

Buscando o duque com o olhar, viu-o sentado numa ampla poltrona atrás de uma das mesas cobertas de livros. O nobre passou delicadamente a mão pelo queixo barbeado.

– Viola, pode nos deixar a sós? – pediu, fitando Laerte. – Galapa vai adorar lhe contar suas histórias malucas.

Junto à porta, a moça assentiu, mal disfarçando a decepção. Sabia que algumas coisas eles iam lhe omitir até o fim e que, apesar de sua curiosidade natural, precisava se conformar. Page fazia questão de controlar tudo, desde as informações até o papel de cada um.

– Como sempre, vou fingir que estou escutando? – perguntou ela, desanimada.

– Isso mesmo. – Page sorriu.

Quando a porta se fechou, Aladzio deu um tapinha amistoso no ombro do rapaz.

– Nem imagina como estou feliz, muito feliz – repetia alegremente. – Há quantos anos foi nosso último encontro?

– Três – respondeu Laerte.

Lembrava que tinha sido na mansão. Uma conversa furtiva antes de ele voltar para a estrada

em busca de ESYLD. Page não conseguira nenhuma informação para lhe dar naquele tempo todo, mas nada seria capaz de desviá-lo dessa busca, a não ser sua vingança.

– Três – repetiu Aladzio, pensativo. – É, três anos. Você estava voltando de Poliesta. Então, seguiu meu conselho? Retornou às Salinas?

Laerte deixou escapar um suspiro. As Salinas. Vinha deixando aquelas terras como última alternativa. Voltar para os pântanos, rever Forte d’Aed, refazer os passos de quem ele tinha sido... ainda lhe era difícil, por vários motivos. De todas as regiões da República, as Salinas eram de fato onde ESYLD podia ter se refugiado após a queda do Império. Se não a encontrasse por lá, perderia toda a esperança de um dia tornar a vê-la. Portanto, paradoxalmente, adiava esse reencontro.

Ciente de estar tocando num assunto delicado, Aladzio prosseguiu:

– Bicuda fala muito em você, sabe? Acho que, depois de tanto tempo, ela se afeiçãoou a você.

– Aladzio, Bicuda é uma ave. – Laerte sorriu, inclinando a cabeça, já mais relaxado.

– Uma falcão! – melindrou-se o inventor. – Uma falcão-peregrino que, é bom lembrar, sempre entregou todas as nossas cartas! Não é uma... – crispou os lábios antes de continuar, cheio de desprezo: – ... “ave”, como você diz. – Apontou um dedo acusador. – Ela vai ficar magoada com o que você disse. Muito, muito magoada.

Laerte não conteve um sorriso. Era tão bom ter Aladzio como amigo! Enquanto Rogant o apaziguava com sua calma e seu autocontrole, Aladzio dava um pouco de leveza a seu coração pesado. Quando às vezes acontecia de estar sozinho frente a uma fogueira, acampado, sentindo-se devorado pela ira, fingia que o inventor estava ali com ele.

Sim, gostava de Aladzio. E o respeitava, principalmente por saber do perigo constante a que ele se expunha: estava a serviço dos Azdekis desde que o pai de Page o cedera a eles, mas, secretamente, também trabalhava para o conselheiro. Embora tomassem todo o cuidado para não despertar nenhuma suspeita, um único erro, um único texto citando seu nome que fosse parar nas mãos de Étienne significaria sua morte. Pudera... Se Théodus de Page, ao sentir a proximidade da morte, oferecera aos Azdekis os serviços de seu inventor, era porque este, desde muito jovem, dera mostras de uma incrível capacidade intelectual.

Aos 15 anos, traduzira um texto do antigo dialeto gueyle. Aos 16, recitava a ascendência dos Perthuis, descrevia a vitoriosa tática dos Majoranos na grande batalha de Poliesta, propondo, inclusive uma nova manobra. Seu único ponto fraco era a instabilidade, uma mansa loucura que ele não controlava e que, às vezes, o afastava da realidade; uma ingenuidade quase infantil. E era exatamente isso que fazia bem a Laerte.

– Bicuda sempre foi gentil com você – ruminava Aladzio, meneando a cabeça, decepcionado. – Acredite, ela gosta muito de você, muito mesmo.

– Aladzio – chamou Page em tom calmo.

– Há certos vínculos entre os homens e os animais que devem ser respeitados, coisas que vão além do mundo real e que você não devia desprezar, Rã... Laerte.

– Aladzio! – Page alçou a voz com o tom certo de autoridade e o inventor se calou no ato. Mas continuava chateado, esbravejando baixinho enquanto colocava o tricórnio numa mesa a seu lado. – Acho que Laerte não fez essa viagem toda para ouvir você falar sobre a sua av... a simpática

Bicuda. Acho também que temos assuntos mais importantes para tratar. Estou errado?

Não foi preciso insistir: um sorriso imediatamente iluminou o semblante de Aladzio. Ele então se pôs a remexer nos livros sobre a mesa, espanando a capa de um ou outro, até finalmente encontrar o que queria.

– Está aquiiii. – Olhou para Laerte, extasiado, tamborilando com a mão firme na capa de couro de cabra, gasta pelo tempo. – O códice.

– O códice? – repetiu Laerte, incerto.

– Em gueyle – interveio Page, querendo chegar logo ao ponto. – Um dos mais antigos dialetos dos antigos reinos. E uma das primeiras escritas. Essa língua foi esquecida com o passar do tempo, a não ser para...

– ... mim – interrompeu Aladzio, orgulhoso. – Rá, rá! Estamos aqui numa das primeiras bibliotecas dos monges copistas! – Enquanto falava, foi recuando entre as mesas, braços abertos, o códice numa das mãos. – Centenas de livros, Laerte! Em cada um deles, séculos de conhecimento, de línguas extintas, glifos, descrições... E este códice, este fabuloso códice, que é o elo entre os três *Liaber* que conhecemos e... – Parou no meio da sala, com uma expressão mais séria e grave do que nunca. – Eu consegui.

O semblante de Laerte se turvou. Lançou a Page um olhar sombrio. O nobre o sustentou sem pestanejar.

– Conseguiu o quê? – perguntou Laerte, sentindo a ira brotar dentro de si.

Entre as mesas, Aladzio balançava a cabeça, pensativo, o olhar vagueando pela sala.

– Consegui entender... – declarou. Foi rapidamente até a escada, fixada entre dois trilhos, e, com a palma da mão, a fez deslizar ao longo da estante. – ... o poder do Livro – prosseguiu, afagando a lombada dos volumes enfileirados nas prateleiras. – O poder dos escritos: é isso que os Azdekis querem.

Laerte cruzou mais uma vez o olhar com o do duque e se deu conta, pelo modo como este meneava a cabeça, de quanta impaciência seu próprio rosto mostrava. O poder então não bastava para Étienne Azdeki e seu tio? Eles ainda nutriam outras ambições? Já tinham tudo, tinham a República, o *Liaber Dest*, o que mais queriam? Laerte precisava de respostas claras.

– Os fatos, Aladzio – alertou Page. – Atenha-se aos fatos.

O inventor estacou, surpreso. Quando ia abrir a boca para expressar seu desagrado, a voz de Laerte se fez ouvir:

– O que eles esperam conseguir com o *Liaber Dest*? Pois é isso, não é? Aladzio finalmente o traduziu...

Page, sem dizer nada, limitou-se a fitá-lo com um olhar estranho. Às costas, Laerte escutou os passos ligeiros de Aladzio. Virou-se de súbito quando este se aproximou e viu o inventor um tanto sem jeito, o dedo indicador tocando a ponta do nariz.

– Não exatamente – murmurou, como se revelasse um vergonhoso segredo. – É mais...

– O *Liaber Dest* não pode ser traduzido como um livro qualquer – interrompeu Page num tom extremamente calmo. – Precisa ser decifrado. Ele é composto de poemas, pensamentos, escritos em vários idiomas, e de gravuras que, para fazerem sentido, precisam ser apresentadas numa ordem

bem precisa.

– Trata-se do destino dos homens, Laerte – continuou Aladzio com súbito entusiasmo. – A lenda do monge da Torre de Fangol que ouviu a voz dos deuses murmurando o destino da humanidade! Por trinta dias e trinta noites, ele escreveu. Trinta dias e trinta noites, sem descansar, sem se alimentar, até morrer... Ainda não consigo entender tudo, mas...

– Mas o quê? – irritou-se Laerte, quase grudando nele. – Você o decifrou? O que querem os Azdekis? Me diga. Me diga, Aladzio. Me diga apenas isso.

– Não, não decifrei – respondeu. – É muito complexo. Vi, sim, algumas coisas que talvez se refiram a fatos passados ou talvez anunciem eventos futuros, mas como ter certeza, como...

– O que eles querem é derrubar a República – interrompeu Page de repente. Apoiando-se nos braços da poltrona, o duque se levantou devagar. – Eles fundaram a República, mas já não conseguem controlá-la. A Ordem de Fangol vem perdendo a legitimidade, outras crenças vêm surgindo em seu lugar, as coisas não estão acontecendo do jeito que eles tinham imaginado. Azdeki sempre sonhou em ser o salvador, o eleito pelo povo. Sempre teve a esperança de ver para si um destino glorioso no Livro Sagrado. O que ele quer é mostrar que está de posse do *Liaber Dest* e, agora que Aladzio começou a decifrá-lo, é só uma questão de tempo até ele ser capaz de lê-lo, de entender os deuses.

O duque ajeitou minuciosamente as mangas da camisa, sem nem olhar para Laerte e Aladzio, e prosseguiu:

– Azdeki, Rhunstag, Enain-Cassart, todos esses que já não acreditavam na dinastia Reyes... Quando seu pai lhes revelou o pacto entre a família Reyes e a sua, quando eles descobriram que o *Liaber Dest* fora mantido em segredo esse tempo todo, que sempre era um Reyes quem dirigia a Ordem de Fangol, não tiveram nenhuma dúvida sobre o que deviam fazer. Sempre tiveram certeza de que o *Liaber Dest* continha o destino da humanidade, que só a Ordem de Fangol garantia o respeito pelas tradições. E agora, depois de fundarem a República, descobrem que ela tende perigosamente para algo que não lhes convém. O que eles querem não é o poder de decisão, mas o poder de moldar um mundo à sua imagem e semelhança. Está percebendo, Laerte?

Page dirigiu-lhe um sorriso comedido e acrescentou:

– Nós dois temos interesses comuns. Antes de agir, eu precisava ter certeza de estar com todas as cartas na mão. Neste exato momento, Azdeki está preparando sua coroação. Preciso descobrir quem são os que estariam dispostos a segui-lo, e sei onde poderemos encontrá-los... Com o cúmulo de orgulho, ele quer realizar, num mesmo evento, o casamento do seu filho. Uma nova e grande linhagem irá governar, com o apoio dos deuses e de uma Ordem de Fangol mais forte do que nunca. Azdeki vai jogar para o alto o sonho de seu pai, depois de o ter usado para sobreviver à derrocada do velho mundo.

– Não – disse Laerte num sussurro. – Isso nunca.

– Vamos agir para impedir que isso aconteça.

– Quando? – a voz de Laerte estalou feito um chicote.

– Daqui a um ano – informou Page. – Em Massália, durante a Noite das Máscaras. Após o casamento do filho dele.

*Durante a Noite das Máscaras...*

*Após o casamento...*



O casamento. Quando o mencionara, Page seguramente sabia quem era a feliz eleita. Se não dissera nada, fora decerto para evitar que Laerte tentasse se convidar à sua maneira. De nada adiantou. Um ano depois, tocavam os sinos da catedral de Massália. Na multidão, um homem avançava devagar, o rosto encoberto por um capuz. Laerte ia abrindo caminho sem que ninguém percebesse. Sua discrição era como sua fúria: absoluta. Esgueirou-se entre os convidados fantasiados, bem debaixo das fuças dos guardas, e entrou na catedral.

Os sinos tocavam e seu coração dilacerado se agitava em sobressaltos. Os sinos tocavam e, ao longe, na casa, soavam para Viola como um dobre fúnebre. Se Laerte se mostrasse antes de começar a Noite das Máscaras, tudo estaria perdido.

# 12

## A ESCOLHA

*Não, eu não duvidava!  
Não duvidava do Liaber Dest,  
sempre foi assim desde muitos séculos.  
Para os Usters, o Livro, e para nós, a Espada.*

Na nave central, grandes vitrais coloridos fragmentavam a luz do sol. Inúmeros raios multicoloridos pousavam no piso ladrilhado, roçando os bancos envernizados, se moldando aos nobres tecidos dos convidados.

Do veludo púrpura ao verde-folha dos paletós, do azul-celeste ao branco puro dos vestidos de gala, a nata da sociedade republicana estava reunida na catedral de Massália. Empoleiradas nas vigas que se entrecruzavam 10 metros acima, pombas batiam asas, insensíveis ao estranho espetáculo que se desenrolava sob seus olhos. Foram as únicas, decerto, que repararam no vulto destoante, capuz puxado sobre a cabeça ligeiramente inclinada à frente.

Laerte se esgueirava tão discretamente na multidão que mal se notava sua presença. Insinuava-se entre os convidados, roçando seus trajés, espiando de esguelha os soldados de plantão junto às imponentes colunas.

Diante de uma parede da nave central, havia a estátua de uma mulher com um pano cobrindo os seios, uma das mãos tapando o sexo e a outra erguida para o céu. Era apenas a primeira de uma longa série de esculturas, todas altas, mas a única que ele podia alcançar furtivamente. Afastando-se da maré humana que entrava na catedral, apertou o passo e se esgueirou atrás do pedestal. Subiu sem fazer ruído pelas costas da estátua e, chegando ao ombro, certificou-se de que não havia ninguém olhando. Então recorreu ao Sopro e, num salto impecável, pendurou-se numa cornija, as pernas balançando no ar.

As pombas bateram asas, alguns convidados olharam para cima.

Ninguém reparou no vulto que se içava habilmente sobre a cornija. Laerte se agachou, a mão

no punho da espada. Tinha, dali, a visão ideal. Alguns metros adiante, no centro da catedral, ficava o altar de pedra parcialmente encoberto por um tecido vermelho e dourado. Sobre ele, dois cálices acolhiam a água clara vertida por um santo homem que usava uma longa túnica violeta e um chapéu ornado de uma folha de carvalho. A seu lado, homens com as armas em riste aguardavam.

Laerte reconheceu Azdeki e sua armadura brilhante que ostentava as insígnias de sua família: uma águia segurando uma serpente entre as presas. Não longe dali, sentado nas primeiras fileiras, o corpo disforme de seu tio se sobressaltava a cada ronco que dava. Foi acordado por um jovem vindo lhe sussurrar alguma coisa ao ouvido.

*Vivam, pensava Laerte, riam e aproveitem... Logo serão castigados como merecem.*

Seu olhar tentava adivinhar em quais dos cavaleiros presentes corria o sangue dos Azdeki. Procurava um homem de rosto magro, nariz aquilino, feio e arrogante, mas não avistou ninguém que correspondesse à imagem que tinha de Balian Azdeki.

Depois que todos ocuparam seus lugares e se abriu, na catedral, um caminho entre as portas escancaradas e o altar, o santo homem ergueu os braços para o alto. Laerte se encolheu na cornija.

– Eminentemente conselheiros, famílias, amigos, dignitários de Massália, que hoje acolhem a nata de nossa jovem e amada República – clamou –, estamos aqui reunidos sob o olhar dos deuses a fim de unir o destino de duas lindas pessoas.

Então o avistou, finalmente. O santo homem endereçou um sorriso servil a um dos jovens cavaleiros presentes, ao pé do altar. O plastrão de sua armadura não ostentava o brasão da família, mas se distinguia dos demais por ser mais brilhante, mais claro, e pelo bordado prateado nas dragonas. Tinha cabelo louro curto, um rosto ainda pouco marcado pela vida de combatente. Decerto passara a guerra em seu castelo, em Vershã. Havia em sua fisionomia uma ansiedade mesclada de agitação, uma felicidade que irradiava em toda a sua postura, em seu porte altivo. Era, naquele momento, o centro das atenções.

Havia nele algo que lembrava Iago, o filho do capitão das Salinas... Aquele de quem Etyld não parava de falar antes de a guerra eclodir. Laerte se retesou na borda da cornija, a mão segurando o punho da espada.

As pombas responderam às tosses de alguns convidados. O santo homem deu continuidade ao culto. Suas palavras ecoavam por toda a catedral, mas Laerte já não escutava. Fitava intensamente o cavaleiro louro. Observava cada detalhe do que o cercava, contava os guardas a seu lado, já imaginava o momento em que se lançaria sobre sua vítima deixando que ela visse bem seu rosto. Fazia questão de que a última visão daquele que lhe roubara sua amada fosse uma autêntica personificação da ira. Ah, é? Queria obrigá-la a partir? Considerava-a sua escrava? Seu objeto? Que futuro sórdido preparava para ela?

Ao imaginar o horror reservado a Etyld, sentia brotar dentro de si uma ira indescritível. Mais violenta que todas que já experimentara até então, era como um fogo percorrendo suas entranhas, agitando todo o seu ser e conferindo-lhe uma força implacável.

Foi então que a avistou, precedida por quatro daminhas de amarelo e pela longa cauda de seus trajes. Usava um vestido dourado, um amplo colarinho emoldurando o penteado cacheado. Em seu pescoço, logo acima do colo realçado por um corpete, cintilava um diamante. Seu rosto parecia

gélido, seus olhos evitavam a multidão que a fitava. Caminhava lentamente e, atrás dela, vinham os alabardeiros, armas junto ao ombro, capacete em forma de cone.

Eles a obrigavam a avançar, disso Laerte tinha certeza. Não podia perder tempo, não podia deixar que a submetessem àquela abjeta cerimônia. Curvado, moveu-se pela cornija, detendo-se acima do altar. A que altura estava? Uns 20 metros? Quando fora jogado da sala do trono, na noite da revolução, tinham sido no mínimo 40 metros, e sem o Sopro para amortecer a queda.

Finalmente ESYLD chegou ao altar, onde foi recebida pelo impostor. Ele lhe ofereceu a mão, ajudando-a a subir os degraus até as almofadas aos pés do santo homem. Ajoelharam-se e trocaram um olhar.

Um só olhar.

*Você a ama?*

É claro que ele a amava. É claro que não podia abandoná-la assim nas mãos daqueles monstros.

*O tempo passou. Nada é mais como antes.*

– Balian Azdeki, filho de Anya Bernevin e do eminente conselheiro Étienne Azdeki, comendador da ordem da República, conde de Vershã, aceita por esposa ESYLD Orbey, aqui presente, filha de Alena Angenet e Guy Orbey?

*O casamento vai ser antes da festa...*

Isso não ia alterar os planos. Não ia interferir em nada. Ele era perfeitamente capaz de cuidar de Balian Azdeki sem prejudicar a entrada deles no Palatio. Étienne Azdeki não ia, de jeito nenhum, adiar o ritual...

– Sim... sim, aceito – respondeu Balian, a voz trêmula de emoção.

*Precisei esquecê-lo, Rã.*

*Diga que não me ama!*

– ESYLD Orbey, filha de Alena Angenet e de Guy Orbey, aceita como esposa Balian Azdeki, filho de Anya Bernevin e do eminente conselheiro Étienne Azdeki...

A mão dela continuava pousada sobre a do cavaleiro, apertando-a. Laerte precisava agir, era agora ou nunca. Ela o amava, tinha dito que o amava, um sentimento assim não podia morrer, era eterno.

– ... comendador da ordem da República...

Sentia o coração latejar, um vazio voraz crescer dentro dele, feito um monstro faminto se alimentando de sua dor. Tinha a sensação de não ser mais nada.

*Se tentar qualquer coisa, isso tudo, o tanto que nos preparamos, terá sido em vão.*

Que garota estúpida era Viola; não tinha ideia do que era o amor, a paixão, a renúncia de si em razão do outro. O que ela sabia do que ele era capaz de fazer por ESYLD? Só restava surgir com a espada em riste, cravar a lâmina na garganta de Balian, livrar-se dos guardas e se perder na multidão, feito uma sombra... Do mesmo modo como cuidara, no porto, do marquês de Enain-Cassart. Tão furtivo quanto a Mão do Imperador. E o medo e a aflição iam consumir Étienne Azdeki ainda mais.

*Diga que não me ama!*

Não acreditava nisso, nem por um instante. Ela só tinha dito isso para protegê-lo.

– ... conde de Vershã, aqui presente?

Seu coração parou. Fez-se, entre os presentes, um longo silêncio. Nem mesmo as pombas emitiram qualquer som. À luz do sol colorido pelos vitrais da catedral, o semblante de Elyld pareceu endurecer. Seus olhos ficaram marejados.

– Não... diga não – murmurou Laerte. – Diga não, por favor.

Abaixou-se na cornija, puxando ligeiramente a espada da bainha. Lá embaixo, o santo homem ficou confuso, lançou olhares aflitos para Étienne e seu tio. Sem mais esperar, perguntou novamente:

– Elyld Orbey, filha de Alena Angenet e de Guy Orbey, aceita como esposo Balian Azdeki, aqui presente?

– Não... – repetia Laerte.

Ouviram-se algumas tosses, que se deviam tanto ao cansaço de gargantas idosas quanto ao constrangimento que aquele silêncio causava.

– Diga não... Não...

Quase chorando, ela ergueu o olhar para o santo homem. Porém...

Sorria, resplandecente.

Não! Estava sendo forçada e coagida a se casar; essa não era, de modo algum, sua vontade. Os Azdeki manipulavam todo mundo. Por que Balian haveria de ser diferente? Como ela poderia amá-lo?

Laerte se impacientava.

– Sim – respondeu ela afinal, num sussurro. – Sim, aceito.

Irradiou-se então um alívio imenso, seguido por uma salva de palmas.

– Eu os declaro unidos pelos laços do matrimônio diante dos deuses e da República que eles protegem – anunciou orgulhosamente o santo homem. – Bebam deste cálice e selem sua união.

*As coisas mudam. As pessoas mudam. O mundo não está mais em guerra, Laerte!*

Como ela podia beijá-lo tão ternamente? Como podia deixar a mão dele se demorar em seu rosto, como se o quisesse junto de si? Passou-lhe pela cabeça a imagem de seus corpos nus. Com fúria no coração, encolheu-se na cornija. Não conseguia deixar de vê-los se enlaçando, se aninhando com paixão... sua pele colada na pele dele, seus lábios colados nos dele, seu coração entregue a ele por inteiro...

*EU ESTOU EM GUERRA!*

Sentou-se, puxou as pernas para junto do corpo e as abraçou, feito criança. Respirava com dificuldade, sua única vontade era ir para cima de Balian, esfolá-lo vivo, espancá-lo, destruí-lo, rebentar os lábios que tinham beijado o corpo de Elyld, cortar fora as mãos que haviam alisado suas curvas, enfiar o punho em seu peito, arrancar seu coração e fazer dele picadinho.

Via como estava linda, feliz. Ela não havia mentido. As coisas mudam. Passados tantos anos, ela havia se afastado sem ele achar que isso fosse possível. E ele, que podia ter ficado com ela, saíra para lutar ao lado de Dun-Cadal, obcecado por sua vingança. Ficou ali, prostrado, durante toda a cerimônia. Sucederam-se os cânticos religiosos, tocaram os sinos quando os noivos caminharam e

reapareceram no adro da catedral, aclamados pela multidão. Quando enfim se viu sozinho, desceu pela estátua e saiu por uma porta lateral. Contornando o povo em festa, sob uma chuva de confetes multicoloridos, olhou para os recém-casados. Ao sol cintilante, saudavam Massália inteira, que se unia à sua alegria. Sorriam, emocionados.

Laerte se afastou, deixando para trás parte de sua vida. Naquele momento, seus caminhos se afastavam para sempre. Tudo de fato havia mudado.



– É preciso acabar com isso – disse, em pé na soleira da entrada.

Na sala, todos o fitavam gravemente, Rogant sentado no sofá, Viola ao pé da escada e Dun-Cadal perto da cozinha, um caneco de vinho na mão.

– E o casamento? – perguntou timidamente a moça quando Laerte passou depressa por ela.

Sem responder, ele atravessou a sala com passos decididos. Não queria falar sobre a cerimônia, isso não importava mais. Concentrava-se no que tinham planejado. Dali a algumas horas, iriam para o Palatio, ao passo que Dun-Cadal partiria da casa, livre, apaziguado, quem sabe, depois de tantos anos pranteando a morte de Rã. Não. Quem tinha desejado paz era Laerte, ao revelar sua identidade. Quem sabe até esperasse um perdão.

O ancião, sem dizer nada, foi até ele no pátio. Lado a lado, contemplavam a cidade, trocando olhares tensos. Diante deles, os telhados de Massália se tingiam de alaranjado. Ao longe se avistavam o porto, os veleiros ancorados e, na linha do horizonte, o sol refletindo no mar calmo.

Laerte olhou para o caneco que o ancião levava à boca. Balançou a cabeça, resignado. Não parecia embriagado, mas quanto tempo restava até o álcool lhe subir à cabeça? Tornou a baixar os olhos ao ouvir o vinho escorrendo no cascalho: Dun-Cadal, com uma expressão vaga, virava o caneco e derramava a bebida.

– Eu até podia comemorar nossa despedida, mas não sinto a menor vontade...

Laerte apenas assentiu. Com um sorriso triste nos lábios, Dun-Cadal observou as gotas grossas de vinho pingando do caneco. Parecia contemplar seus remorsos desaparecendo no cascalho até a última gota.

– Pelo que entendi, estarei livre hoje à noite.

– Uma carruagem virá buscá-lo pouco depois que sairmos – disse Laerte com a voz embargada. – Vai levá-lo aonde quiser. Page aceitou lhe deixar uma quantia suficiente para você viver mais alguns anos.

– Quer dizer que ele está me comprando... É assim que funciona? – indagou Dun-Cadal com um riso de escárnio. – Escondeu muito bem o jogo.

Laerte até gostaria de contar a seu mentor o que o aguardava, tranquilizá-lo antes de se despedir. Se sentira recentemente algum ódio por ele, era só por vê-lo assim, alcoólatra e perdido. Ao longo de todos aqueles anos, aprendera a amá-lo. Perdera-o de vista levando a lembrança de um altivo general e o que via agora não passava da sombra suja de um cavaleiro à beira da morte.

Seus sentimentos estavam mais claros. Embora não fosse capaz de colocá-los em palavras, agora sabia: amava Dun-Cadal.

Cogitou, por um breve instante, pôr a mão no ombro do velho.

Mas não se moveu. Seu olhar voltou-se novamente para a cidade lá embaixo.

– Me diga uma coisa – pediu Dun-Cadal, antes de pigarrear. – É no Palatio que tudo vai acontecer, não é?

Laerte não respondeu.

– Ele tem o *Liaber Dest*, moleque – continuou o general, derrubando o caneco, que espatifou-se ao cair. Entre os cacos de cerâmica, observou o vinho serpenteando no cascalho, formando minúsculos rios que pareciam decidir o próprio curso. – É o destino dos homens que ele tem nas mãos.

– É possível que sim – concordou Laerte, o olhar distante.

– Ele não merece esse poder...

– É certo que não.

– Então detenha-o, filho.

O tempo pareceu se arrastar até Laerte se animar e enfim pôr a mão no ombro de seu antigo mentor. Só por um instante. Depois se afastou e seguiu em direção à casa.

– Rã! – chamou Dun-Cadal com voz grave.

Ao se virar, viu o brilho do sol poente envolvendo o vulto curvado do velho guerreiro. Lentamente, o homem se endireitou e, ao som de sua voz, sem distinguir seu rosto na contraluz, Laerte teve a impressão de vê-lo em seus tempos de glória.

– Você se tornou quem queria ser, meu garoto? Você é um cavaleiro? Ou é um assassino?

Sua voz parecia mais segura, no entanto, ainda continha um ar de tristeza.

– E existe diferença? – perguntou Laerte.

Dun-Cadal deu um passo à frente e a luz clareou seu rosto enrugado. Havia em sua expressão uma serenidade alheia ao homem que fora um dia, como se o envolvesse em um véu de sabedoria.

– Existe para você, para mim. O juramento, lembra-se dele? Nós prestamos um juramento.

– Juramos servir ao Império – rebateu Laerte sem nenhuma animosidade.

– Um juramento é muito mais que isso – garantiu Dun-Cadal. – Envolve o caminho que você escolhe trilhar. E se você, hoje à noite, se deparar com ESYLD? Vai se deixar levar pela fúria?

O corpo de Laerte se contraiu. Não queria pensar nela, não queria imaginá-la, precisava se concentrar em seu objetivo. Mas só de ouvir o nome de ESYLD sentia uma tempestade que tinha medo de não conseguir controlar.

– É disso que se trata, da promessa que você fez. Lembre-se disso. O caminho da fúria fatalmente conduz ao abismo. Porque, para trilhá-lo, terá que alimentar constantemente essa fúria e sempre olhar para trás. Vingança chama vingança. – Dun-Cadal aproximou-se a passos lentos. – A escolha é sua, Laerte de Uster. Meu filho... – Não fez um gesto sequer, limitando-se a encará-lo. – Sempre tive muito orgulho de você.

Não esperava nenhuma reação e passou diante de Laerte sem dizer mais nada. Afinal, para ele o importante não era saber qual seria a escolha do rapaz e, sim, lembrar-lhe que era inevitável

tomar uma decisão. Depois que o general entrou na casa, Laerte foi para os fundos do pátio e ficou admirando o sol deslizar no horizonte.

*Lançado ao fogo, não queima...*

Tudo se decidiria naquela noite, tudo aquilo pelo que tinha lutado, todos os sacrifícios que fizera, conscientemente ou não... como perder Etyld para Balian Azdeki.

*Passado ao fio da lâmina, não rasga.*

*É feito do murmúrio dos deuses e nada, jamais, irá destruí-lo.*

O Livro Sagrado tinha a peculiaridade de ser indestrutível. Isso Aladzio já comprovara. Fora uma das primeiras coisas que demonstrara a seu novo patrão, jogando-o no fogo de uma lareira. As chamas tinham lambido a capa sem marcar o couro. Assim que Azdeki tirara o livro do fogo, ainda ardendo, Aladzio lhe pedira para furá-lo com uma adaga.

A lâmina se partira.

O *Liaber Dest* era bem mais que um simples livro: estava aí uma verdade absoluta, inquestionável. Daí a conter, como rezava a lenda, o destino da humanidade...? Page, hostil à Ordem de Fangol, tinha lá suas dúvidas. Os Azdeki tinham absoluta certeza de que sim. Quanto a Aladzio...

O inventor se sentia dividido entre seu olhar crítico de cientista e sua esperança na existência de algo maior que a simples razão humana. Ao mesmo tempo que tentava entender o mundo, queria acreditar em algo superior, algo... *divino*... talvez para poder se deparar com algum limite à sua inteligência.

Do labirinto das lendas, conseguiu depreender algumas verdades, como a existência de uma antiga torre sob a qual jazia o saber. Entre frases sibilinas e os primeiros mapas dos antigos reinos, conseguiu definir a localização aproximada da construção. Quando finalmente, com o coração apertado, foi até lá, temia encontrar apenas ruínas. Porém, debaixo dos destroços, guardados por um monge caído em desgraça, os primeiros grandes livros de escrituras da Ordem de Fangol esperavam por ele.

Galapa, muito tempo atrás, vivera na Torre de Fangol, o lugar de referência da Ordem, o primeiro monastério. Havia sido banido pouco antes da revolta nas Salinas e herdara a ingrata tarefa de guardar aqueles destroços que não interessavam a mais ninguém. Debaixo das pedras destroçadas, no entanto, jazia um saber imenso, esquecido pela Ordem de Fangol após a morte de seus membros mais ilustres. Havia, entre os monges fangolinos, algo que sobrevivera a reinos e imperadores: o segredo.

Naquela torre Aladzio decifrou, traduziu e percebeu quanto a Ordem tinha contado a História à sua maneira, recopiando lendas nebulosas até torná-las inquestionáveis. Foram necessários séculos até que nenhuma voz dissidente se fizesse ouvir. Os livros mais antigos conservavam em suas páginas liturgias diferentes daquelas praticadas no tempo dos Reyes.

Nos muitos textos que tratavam do *Liaber Dest*, Aladzio observou uma estranha referência a uma espada divina. Sempre ressurgia, ao longo dos séculos, uma frase cujo sentido fora inúmeras vezes discutido: “Em minha mão esquerda, o Livro, em minha mão direita, a Espada, e a meus pés, o mundo.” Tanto os monges fangolinos quanto os nobres mais eruditos eram unânimes em

afirmar que o significado da frase era simbólico. A mera hipótese de que devia ser tomada ao pé da letra fora desaparecendo com o passar dos séculos.

*A meus pés, o mundo.*

Que outra espada podia ser, além de Eraed? Que outra lâmina era tão antiga quanto a dos imperadores?

Para Aladzio, isso se tornara uma certeza, as duas coisas estavam ligadas. A repetição de um símbolo desconhecido, um retângulo cortado por uma linha reta, foi se impondo como referência nos diversos documentos que consultava. Até que, com a descoberta de um códice redigido na antiga escrita gueyle, o significado do desenho ficou claro.

Entre as linhas se escondiam as origens do Livro e da Espada. O único objetivo da lâmina era a destruição do volume.

Movidos por sua obsessão de ler o próprio destino nas páginas do *Liaber Dest*, os Azdekis tinham esquecido a Espada do Imperador. Só o que importava para eles era a certeza de serem indispensáveis para o bom andamento do mundo. Embora tivessem fundado a República, embora trabalhassem pelo futuro do povo, algo mais sombrio, mais misterioso, vinha alimentando suas ambições desde a queda do Império. Algo místico. A fé.

O Livro conferia aos Azdekis, se não o conhecimento do destino dos homens, ao menos o temor dos incrédulos e o respeito dos crentes. Não estavam de posse do mítico *Liaber Dest*, que diziam ter se perdido para sempre? Havia conquistado o respeito de todos ao derrubarem um tirano por uma República mais justa. E agora também teriam o apoio dos deuses. Havia, no entanto, uma falha. Um pacto cuja importância eles não consideravam, um segredo que durante eras se perpetuara entre os iniciados, uma partilha do poder: aos Usters, o Livro, e aos Reyes, a Espada.

Livro e Espada estavam conectados.



– Que ironia, não acha?

As tochas do subsolo da torre criavam um curioso jogo de luz e sombra no rosto barbeado do conselheiro. Page apoiou as mãos na comprida mesa de madeira, seu olhar passeando pelos livros abertos.

– Se ele está em Massália...

– A Espada está com ele – afirmou Laerte, recostado na parede.

Page ergueu o queixo.

– Também acho – admitiu Page, assentindo. – Esse Dun... – Não pôde deixar de sorrir, franzindo as sobrancelhas, mas se deparou com o rosto sério de Laerte. – Jamais a esconderia longe dele. Ele se diverte mandando o pessoal para o frio de Vershã, enquanto fica ao sol de Massália... – Fez uma pausa. – A “cidade onde tudo é possível”. Ela faz mesmo jus ao título. Quais são seus sentimentos em relação a ele?

– Ele não significa mais nada para mim, Page. Não vai ser um obstáculo. Ele vai falar, eu o conheço.

Page então se endireitou, suspirando, já sem nenhuma complacência.

– Não podemos nos permitir nenhum erro... nenhum. Aladzio está a caminho de Massália, a pedido dos Azdekis, para ajudar a organizar a Noite das Máscaras. Conseguiu pólvora, bem mais do que a necessária para os fogos de artifício. Alguns conselheiros devem vir pelo mar. No porto, você...

– Vou me contentar com Enain-Cassart – interrompeu Laerte friamente.

– Étienne Azdeki fica por último. Isso é importante.

– Eu elaborei esse plano com você, Page. Vai duvidar de mim a esta altura?

Pela primeira vez o duque não conseguiu disfarçar sua ansiedade. Sumiram a serenidade e o autocontrole que o caracterizavam. Diante de Laerte, não controlava mais nada. Porque agora andavam lado a lado, de igual para igual.

– Não duvido de você.

– Por quê? – perguntou Laerte de repente.

– Qu... Por que o quê? – balbuciou Page.

– Antes de partir para Massália, quero saber quais são suas motivações. A minha você já conhece. Será mesmo pela República, como diz? Será mesmo por ela que você luta?

– Já disse, eles são uma ameaça para a...

– Por quê? – repetiu Laerte calmamente.

Desde a queda do Império, o duque vinha paparicando Laerte, repassando todas as informações, deduções e premissas para que montassem seu plano. A poucos meses da Noite das Máscaras, quando a calor da primavera devolvia a vida aos campos que cercavam a torre em ruínas, Laerte queria ter certeza de não ser um mero instrumento nas mãos dele. A desconfiança de Page em relação aos Azdekis decerto se somava a sua ira. Mas e depois, como seria?

– É fundamental que nenhum de nós seja identificado nos próximos acontecimentos.

– Você não respondeu – interrompeu Laerte.

– Enquanto eu não descobrir quais conselheiros foram cooptados por Azdeki, não tenho como saber quem são nossos inimigos. Quem são aqueles que estão dispostos a destruir o sonho do seu pai por motivos religiosos e a dar à Ordem de Fangol um poder que ela não merece. Para eles tudo já está determinado pelos deuses. Isso vai contra a ideia de uma República em que os homens decidem por si próprios o caminho a seguir. Esses homens vão se dizer eleitos pelos deuses, e não pelo povo. E o povo é medroso, vai lhes dar ouvidos e...

– Por quê? – repetiu Laerte num sussurro.

– Porque o destino não está escrito! – bradou Page. – Porque as pessoas que não forem como eles vão acabar na forca ou na fogueira. Em nome dos deuses. Contra toda a humanidade.

Bateu o punho na mesa e, desnortado pela própria ira, passou a mão no cabelo, os maxilares cerrados. Laerte ficou parado, observando-o com um olhar desconfiado. Page contornou a mesa para ficar frente a frente com ele.

– O que você quer ouvir? Que meu pai me batia porque via em mim a degeneração de sua

linhagem? Posso contar, se quiser, o modo como ele zombou de mim quando me chamou ao seu leito de morte. Laerte... ele estava rindo. – Falava com frieza, sem tirar os olhos dele. – Ah, ou então posso tirar a camisa, se quiser, e mostrar as marcas das chicotadas que trago nas costas, de quando ele tentava expulsar o demônio do meu corpo – propôs em tom zombeteiro. – Todos nós sofremos, Laerte. Todos. Todos temos as nossas cicatrizes, que servem para nos lembrar quanto é necessário agir. A Ordem de Fangol enforcava gente como eu e, se Azdeki cumprir seu objetivo, os monges vão governar a República. Pode acreditar. Não haverá mais escolha, eles vão dizer que já está tudo escrito, que tudo é imutável, que nada que eles não aceitem pode continuar existindo. Não estou lutando só pela República ou pela sua vingança...

Dando um passo à frente, encarou Laerte e segurou sua nuca com mão firme. O rapaz podia sentir sua respiração no rosto, mas não se mexeu.

– É tudo uma questão de fé, Laerte. É tudo uma questão do sentido que damos aos nossos atos, de seu alcance simbólico. Não acredito que o destino dos homens esteja no Livro. Um dia ainda saberemos como e por quem ele foi escrito, por que a Espada foi forjada junto com ele e o que confere a ambos essa indestrutibilidade. Acontece que temos uma grande oportunidade, Laerte. Uma oportunidade incrível que Aladzio está nos dando, só para nós, de descobrir o poder da Espada. Quero agarrar essa oportunidade. Vamos cuidar desse Livro para que ninguém nunca mais fique achando que ele é divino. Estamos apenas no primeiro degrau, meu amigo. Minha fé é na democracia. Minha fé é na humanidade, e não nesses deuses que teriam nos dado as costas depois de decidirem tudo.

Laerte baixou os olhos e Page perguntou:

– Era isso que você queria ouvir?

– Onde quer que esteja, seu pai deve estar se revirando – murmurou Laerte.

Page hesitou um instante e suspirou, crispando os lábios. Então começou a rir.

– É verdade – admitiu. – Ele jamais teria imaginado que eu pudesse ser um de seus oponentes mais perigosos. Algo que Azdeki também nem imagina... – andou até um baú entreaberto e ergueu a tampa com um gesto brusco – ... é que vai ser assombrado por um fantasma – concluiu num sussurro.

Laerte aproximou-se dele lentamente, a mão no punho da espada. Page não se esquecera do que ele havia lhe pedido. Ele a tinha encontrado e trazido. Ela passara de mão em mão, como um despojo do Império conservado por súditos nostálgicos, até que o duque a comprasse a peso de ouro numa loja de antiguidades. Dentro do baú havia uma capa verde e, sobre ela, a máscara rachada do último imperador.

Laerte a contemplou, com um nó nas entranhas e os maxilares cerrados. Iria usar aquela máscara. Precisava fazer isso, custasse o que custasse. Sua vingança tinha esse preço e não podia se contentar com simples assassinatos. Queria que cada um dos traidores que haviam destruído sua família se sentisse tomado, esmagado e sufocado pelo medo. Cada um teria que enfrentar o próprio passado, a própria vilania, e nenhum deles teria paz enquanto Laerte não desse fim à sua vida. Ia acuá-los como fora acuado nas Salinas. Ia acabar com seus nervos, ia torturar suas consciências.

– Não fique tão entusiasmado. Contente-se com Enain-Cassart e Négus – lembrou-o Page enquanto se inclinava para apanhar a máscara. – Azdeki não vai adiar o evento. Basta assustá-lo o suficiente para ele tomar as medidas necessárias. Faça com que eles desconfiem... – A luz das tochas criava reflexos dourados na máscara que Page lhe estendia. – Chegamos, Laerte.

Ia humilhar Étienne Azdeki na frente de seus partidários. E ia matá-lo, pois o Livro não era indestrutível e uma espada havia sido forjada em metal desconhecido.

– Quando chegar a hora, crave a Espada no *Liaber Dest* para eles verem que não passa de um simples livro. Apenas um livro... Chegamos.



Na escuridão de uma viela, estava a poucos passos da grande praça do Palatio.

Havia ali uma multidão naquele fim de tarde, homens e mulheres trajados para o carnaval, usando máscaras variadas, sorridentes ou inexpressivas, lisas ou estampadas, enfeitadas com fitas ou penas de pavão... Tudo em volta era só brilho, aparência e vaidade. Cuspidores de fogo lançavam chamas para o alto, malabaristas divertiam grupos de foliões, músicos marcavam a cadência com o pé enquanto pinçavam com os dedos as cordas dos bandolins. Flâmulas e fitas esvoaçavam acima de crianças risonhas. Alguns casais se beijavam e as estrelas iluminavam o azul-escuro do crepúsculo. Atrás do telhado arredondado do Palatio, nascia uma lua pálida.

Laerte puxou o capuz sobre a cabeça, encobrindo parte da máscara dourada, e saiu de sua posição. Sabia que todas as portas do Palatio estavam fortemente vigiadas. Só se interessava por uma delas, a que ficava junto aos jardins, onde tinha certeza de que não toparia com nenhum folião. Todos preferiam ficar nas grandes avenidas, com suas roupas coloridas, batendo tambor, rindo e bebendo. E o eco de seus passos ressoava ao redor do palácio.

Eram cinco soldados, dois deles postados junto à portinhola que dava para a escada iluminada por tochas. Atrás deles se erguia o muro alto do jardim. A rua estava envolta pela penumbra. Ouviram seus passos antes de notar o brilho de sua máscara e a rachadura que a riscava. Quando um deles ordenou que parasse, Laerte obedeceu, levando a mão ao punho da espada. O soldado veio em sua direção, segurando a alabarda, logo seguido por um dos colegas. Atrás deles, descendo os degraus, vinham outros: dez soldados ao todo.

– Não se mova!

– A máscara... É ele!

– É o assassino!

Laerte empunhou a espada, mas não a tirou da bainha. Não fez nenhum gesto quando ouviu as lâminas transpassando as cotas de malha, o arquejo dos soldados estrangulados pelos colegas.

*Chegamos, Laerte.*

Foram caindo um por um. Logo restavam apenas quatro soldados, que conduziram Laerte ao interior do Palatio.

## O MURMÚRIO DOS DEUSES

*Nunca vou ser um simples murmúrio...  
Para você, eu serei um grito.*

Com as rédeas de couro, Rogant freou os cavalos que puxavam a carroça carregada de barris. Passou devagar pela ponte parcamente iluminada. À sua frente se erguia o imponente domo do Palatio e, ao pé do edifício, alabardeiros controlavam aos brados o descarregamento das carroças de frutas e verduras. Foi observado por alguns soldados quando se aproximou, mas sem nenhuma desconfiança, apenas uma interrogação no olhar. Outros nâagas carregavam caixotes de bebidas para dentro do prédio.

– O que é isso? – berrou um soldado, aproximando-se da carroça.

– Vinho – respondeu Rogant entre dentes.

Mostrava-se pouco simpático para não chamar atenção. Os nâagas não eram conhecidos por sua sociabilidade. Ao tom carrancudo, o soldado respondeu com um aceno de cabeça e, erguendo o polegar, apontou para as portas abertas de um depósito repleto de provisões. Lá dentro, empregados tratavam de separar e levar os mantimentos. Rogant bateu com as rédeas na garupa dos cavalos. Constatou, com certa tristeza, que, embora houvesse entre os empregados homens de outras origens, a maioria pertencia ao seu povo. E eram eles que executavam as tarefas mais pesadas, apesar da óbvia fragilidade de alguns: nem todos os nâagas tinham um físico igual ao seu.

Assim que entrou no depósito, puseram-se a descarregar os barris sem nem sequer esperar que ele descesse da carroça. Dois guardas, porém, logo interromperam as operações.

– Que carregamento é esse? – perguntou o primeiro, que ostentava uma cruz vermelha no plastrão.

Rogant desmontou e o encarou em silêncio. Era bem mais alto que ele, mas o soldado, certamente um oficial, não se deixava impressionar. Ao contrário de seu ajudante que, pouco à

vontade, a mão junto à espada que trazia no cinturão, evitava o olhar de Rogant.

– Eu perguntei que carregamento é esse – insistiu o soldado, pronunciando bem cada palavra.

– A princípio, todas as entregas já foram feitas – observou seu colega.

– As frutas já estão no bufê e não falta chegar nenhum vinho! – exaltou-se outro. – É da parte de quem?

Os nâagas ao redor largaram os barris no chão, sem saber se continuavam o serviço ou iam cuidar de outra tarefa.

– É da parte de quem? – repetiu o soldado, cada vez mais agressivo. – Você consta na lista?

– Foi um esquecimento meu – interveio uma voz ofegante.

Atrás dos dois soldados, surgiu o tricórnio de Aladzio.

Não precisou convencê-los, todos ali sabiam de sua posição e que vinha acompanhado de uma boa escolta. Rogant o seguiu sem ter que dar mais explicações e a carroça foi descarregada. Atrás deles vinham os nâagas, em silêncio, seus braços nus e tatuados com formas estranhas trazendo os barris nos ombros.

– Você não ia responder com... com a força, ia? – indagou Aladzio em voz baixa, um ar preocupado.

A resposta de Rogant foi um sorriso estranho. Os clichês sobre seu povo eram persistentes, mesmo para um homem esclarecido como o inventor. Já cansado de se melindrar com isso, preferia achar graça.

– Onde? – perguntou quando chegaram a um grande pátio interno cercado de sacadas floridas.

Guirlandas coloridas enfeitavam as sebes nos canteiros de grama, seguiam para as sacadas, cercavam as colunas de mármore e os toldos. De cada lado do pátio, pessoas vestindo libré azul e preta entravam e saíam por portas de duplo batente que davam para o interior do Palatio. Fora, estavam dispostos cavaletes e mesas, pratos e talheres, barris de vinho com torneiras de madeira acopladas.

Aladzio apontou com a cabeça um estrado onde alguns empregados já depositavam barris de reserva.

– Empilhem atrás do estrado – ordenou Rogant, fazendo um gesto com as mãos.

Os nâagas seguiram rapidamente em direção ao estrado para descarregar os barris. No meio do pátio, Aladzio girava para observar as sacadas, erguendo a aba do chapéu.

– Eu enchi tudo direitinho – garantiu Aladzio quando Rogant se aproximou.

Esboçou um sorriso sem jeito enquanto esfregava as mãos nervosamente.

– Disso eu não tenho a menor dúvida – respondeu o nâaga calmamente.

– É mesmo? Porque eu, pensando bem, tenho alguma – disse Aladzio de repente. Ergueu os olhos para a sacada mais próxima, imaginando o vulto de Laerte escondido atrás de uma das colunas. – Pode ficar tranquilo, logo saberemos se vai ser o suficiente para distrair a atenção ou se vamos todos virar fumaça.

Zombeteiro, afagou o ombro do nâaga antes de se afastar.

– Maravilha... – disse Rogant, bufando.



As botas dos guardas estalavam no piso do corredor. Os quatro soldados avançavam maquinalmente, tão acostumados a realizar o mesmo percurso que já nem se deslumbravam com as esplêndidas tapeçarias vermelhas iluminadas pelos lampiões a óleo. Naquela noite de festa, andando para lá e para cá, mudos de frustração, amaldiçoavam o chefe de patrulha que os mandara para aquela ala do Palatio onde não teriam a oportunidade de assistir ao espetáculo dos convidados trajados com suas fantasias. Mantinham a mão no punho da espada, mas não esperavam desembainhá-la. Apesar dos dois assassinatos perpetrados nos últimos dias, era improvável que um crime fosse cometido naquele local. Além do que, de última hora, o efetivo fora dobrado.

Os três homens que vinham ao seu encontro eram reforços. Vestindo plastrões de couro, estavam armados de simples espadas e arcos a tiracolo. Pareciam insossos perto das armaduras vistosas dos soldados do Palatio, mas deixavam os dignitários mais tranquilos. Estavam incumbidos de vigiar apenas os espaços fechados ao público, onde ninguém, além da guarda, se ofenderia com a aparência deles.

Cumprimentavam-se com um simples aceno quando um vulto envolto em uma capa apareceu na extremidade do corredor. Sob o capuz reluzia uma máscara dourada e a mão esquerda segurava o punho da espada.

Os guardas não tiveram tempo de agir: lâminas transpassaram suas costas, saindo pelos plastrões. Com mão firme, os mercenários cortaram suas gargantas e apararam suavemente sua queda no piso ladrilhado. Laerte passou em silêncio por cima dos cadáveres. Fez um sinal para que os soldados improvisados o seguissem.



– Fez boa viagem? – perguntou Viola.

Aceitando a mão que lhe era estendida, ele pisou garbosamente no estribo, trocando o sossego da carruagem pelo alarido da grande praça do Palatio. O nojo que sentiu ao avistar um fio de urina escorrendo pelas lajotas foi dissimulado pela máscara de javali que cobria seu rosto. Não longe dali, junto a um canteiro de flores, uma tropa repreendia um homem que, titubeante, tratava de ajeitar as calças.

– Aparentemente, a festa já começou – observou Page.

Na praça, a multidão se aglomerava, alegre e colorida, todos vestindo trajes estranhos, dos mais refinados aos mais remendados, ostentando máscaras elaboradas ou feitas de simples papel. Só se vislumbravam os olhares, apenas as palavras contavam, a aparência já não importava. Assim sempre fora a Noite das Máscaras, uma festa antiga trazida da distante Eola e transformada pela República em evento nacional. Fingir igualdade mesmo que apenas por uma noite, esquecer as próprias origens: que o endinheirado brinde com o mais pobre, que se disfarcem as diferenças.

Naquele ano, a convite do conselheiro Azdeki, a maioria dos dignitários de Émeris se deslocara para Massália, que desfrutava assim de uma Noite das Máscaras muito especial.

Flautas e bandolins acompanhavam cantores de uma noite só. Risadas pipocavam na multidão. Corpos se enlaçavam sem pudor, trocando beijos e carícias diante do olhar divertido dos foliões.

– Deixamos a casa do jeito que o senhor pediu – informou Viola, enlaçando o braço no dele.

Page dirigiu-lhe um sorriso que ela só notou pelo franzir de seus olhos. Ele parecia devorá-la com o olhar, e ela, corando, não conseguiu disfarçar seu constrangimento. A parte superior de seu rosto estava oculta pela máscara e plumas se curvavam sobre seu cabelo trançado. O vestido decotado, de um azul que lembrava o céu ao entardecer, revelava, a cada passo, suas delicadas pernas.

– Embora tenha me custado caro – disse Page entre dentes –, Dun não será um problema. Já cuidei disso. Esse assunto está encerrado.

– O importante era o que ele guardava, não creio que...

– Não o defenda – respondeu Page secamente. – O fato de Laerte ter revelado sua identidade ao velho general sem me avisar é algo que vamos acertar mais tarde. Por ora, Viola Aguirre, façamos boa figura.

Atravessaram a multidão, mostraram seus convites aos guardas e foram escoltados até os degraus do Palatio, cujo telhado arredondado brilhava com mil luzes. No céu, a lua não parava de crescer e, a seu lado, as estrelas começavam timidamente a brilhar. Entraram no palácio, deparando-se com um suntuoso cenário de mármore e tapeçarias antigas, cuja beleza era realçada pela luz quente de tochas e lampiões a óleo. Adentraram o imenso salão de baile, decorado com tapeçarias e lustres de cristal, imponentes estátuas e quadros de mestres. Duas amplas escadarias levavam ao andar de cima descrevendo curvas perfeitas. No alto, a cerca de 10 metros, o domo do Palatio cobria o salão com uma pintura de guerra que mostrava uma mulher seminua cravando uma lança cintilante no coração de um imperador disforme.

Estavam todos ali, com seus mais belos trajes, máscaras sutilmente trabalhadas, e riam, conversavam, falavam alto, bebiam vinho cor de sangue em taças de prata. Empanturravam-se no gigantesco bufê disposto junto a uma grande fonte interna ornada com a estátua de um gigante barbudo. Page identificou facilmente os conselheiros que costumava enfrentar na Assembleia. Quem seriam, entre eles, os que abraçavam a causa de Étienne Azdeki? Lá estava Rhunstag, acompanhado da esposa, ambos usando máscara de urso e ele ostentando orgulhosamente no ombro sua pele. Não tão longe dali, conversando com quatro conselheiros, Bernevin optara por uma simples mascarilha e sua toga de estadista. O homem que mais chamou a atenção de Page exibia uma máscara de águia, o bico afiado lançando uma leve sombra em seus lábios finos e queixo barbeado. O casaco preto batia na altura das coxas, e do cinturão prateado pendia uma comprida espada numa bainha ornada de pedras preciosas.

Page sentiu Viola encolher-se junto a ele quando Azdeki, ao avistá-los, abriu caminho entre os convidados para vir cumprimentá-los.

– Ora, que surpresa! – exclamou Azdeki.

– Está me reconhecendo? Será que não escolhi direito o meu disfarce? – brincou o duque.

– Pelo contrário, essa máscara é a sua cara... Só imaginei que preferisse o clima da capital ao sufocante calor do Sul.

– Achei que seria educado aceitar seu convite, caro conselheiro Azdeki. O casamento de seu filho é um acontecimento para a nossa bela República.

Azdeki meneou a cabeça, estreitando os olhos atrás da máscara de águia. Virou-se afinal para Viola.

– É a primeira vez que o vemos na companhia de uma mulher.

– Ah, as aparências enganam – murmurou Page, com um prazer que não pretendia disfarçar. – Na Noite das Máscaras, cada um assume a imagem que lhe convém. Até um fraco pode se fingir de forte, não acha? Só percebe no dia seguinte que era apenas uma ilusão. Talvez eu esteja sendo indelicado. Você não é do tipo que se deixa embalar por ilusões.

– Não, não sou – respondeu Azdeki em tom gélido. – Talvez você seja, não é?

– Eu? – espantou-se Page, levando a mão ao peito. – Ora, deixemos para lá nossas diferenças na Assembleia. Ambos servimos à República, já é um ponto em comum entre nós. Respeitemos um ao outro esta noite, que pode ser a última de nossas vidas. Soube, com pesar, que um assassino andou agindo em Massália... Pobre Enain-Cassart, pobre Négus.

– Apenas um louco, que não vai nos prejudicar mais – assegurou Azdeki com firmeza.

– Não estou preocupado, já que me disseram que mandou reforçar a guarda. Não foi difícil achar homens honestos para cuidar da segurança?

– Estaria duvidando de minha competência, respeitável conselheiro? – indagou Azdeki com um sorriso ameaçador nos lábios.

– De modo algum! Nem me atrevo a avaliar o problema que enfrentou, tendo que reforçar a guarda do Palatio sem privar a cidade de todos os seus efetivos. O que me leva a concluir que precisou recrutar.

– Fiz o que precisava ser feito, Page. Não tema por nossa segurança, apesar do que ouviu dizer sobre esse assassino... ou qualquer outro assunto – disse Azdeki devagar, inclinando ameaçadoramente a cabeça em sua direção.

– É que tem havido muitos boatos... Você me conhece, às vezes me preocupo à toa.

– Você é mais esperto do que deseja aparentar – declarou Azdeki. – Está tentando me dizer alguma coisa, Page? Tem alguma pergunta sobre algo que tenha ouvido nos corredores de Émeris? Receios quanto a sua pessoa, talvez?

– Não, não, nada disso. Nem me passa pela cabeça que possa nos esconder alguma coisa. Quanto ao assassino, não há dúvida de que saberá nos proteger. Aceite minhas desculpas, longe de mim melindrá-lo. Principalmente esta noite.

– Agora, se me dá licença, preciso cumprimentar outras pessoas.

– É claro – afirmou Page. – Em companhia de minha dama, vou fazer o que sei melhor: me embriagar e desfrutar.

– Quanto ao primeiro item, não tenho a menor dúvida – brincou Azdeki, virando-se para Viola. – Quanto ao segundo, minha senhora, receio que se decepcione com seu par.

– Uau, quanta fineza! – cumprimentou Page enquanto Azdeki se inclinava numa reverência.

O conselheiro rapidamente desapareceu na multidão. A pressão no braço de Page então relaxou e, virando-se para Viola, percebeu sob a máscara que seu rosto estava pálido como a neve.

– Tinha que provocá-lo? Não podia evitar? – lamentou ela.

– E daí? – defendeu-se ele, achando graça. – Azdeki não é tolo. Pode ter demorado, mas finalmente entendeu que não é só esta noite que eu uso uma máscara. Quem vive à sombra reconhece seus iguais. Ele não vai recuar só por causa de algumas ameaças veladas. Relaxe.

– Estou relaxada – defendeu-se ela, ofendida. – Só ficaria mais à vontade se você brincasse menos com fogo.

O burburinho da multidão encobriu o riso contido do conselheiro. A festa estava no auge. Na porta do Palatio, uma fileira de alabardeiros rechaçava os mais curiosos, enquanto, na praça, o povo ria e dançava ao ritmo dos flautistas.



Junto à escada, parecia estar tudo escuro e silencioso. Só o piso estalando sob seus passos lembrava-lhe que estava mesmo vivo. O luar, filtrado pelas vidraças sujas que davam para a viela, desenhava compridos retângulos na madeira empoeirada. Estava sozinho, cansado. Sentou-se num degrau da escada e, trêmulo, uniu as mãos sobre os joelhos. Esperava a morte, certo de que nem Laerte, nem Page tinham a intenção de deixá-lo ir embora.

Podia fugir. Podia deixar aquela casa.

Mas já se conformara. Fosse para onde fosse, levaria a dor consigo. De modo que, quando ouviu as rodas da carruagem e os cascos dos cavalos ressoando no pavimento, sentiu um alívio. Logo estaria tudo acabado. Ao estalo das rédeas seguiu-se o bufar dos cavalos e depois um som de passos. Cerrou os punhos quando a maçaneta girou.

A porta se abriu devagar, deixando entrar a luz dos lampiões a óleo. Ele fechou os olhos e se levantou. Junto à porta estava o vulto de uma mulher com um longo vestido roxo, um amplo capuz cobrindo sua cabeça.

– Dun-Cadal – disse ela.

Ele a reconhecera pelo cheiro de lavanda. Com a mão no corrimão, desceu o degrau, surpreso e desapontado. Esperava a morte, e quem vinha buscá-lo era Mildrel.

Ela tirou o capuz antes de entrar, revelando um semblante sereno. Seus olhos delineados de preto o observaram, sem que dissesse nada, e, imaginando o que ela não estaria pensando de seu aspecto, ele também permaneceu calado. Como se enganara... Laerte cumprira sua palavra. Queria dizer que ainda se importava com ele.

– Como estou? – perguntou ele debilmente.

Ela hesitou, então esboçou um sorriso triste.

– O mesmo velho de sempre apesar das novidades?

Ele soltou um gemido enquanto assentia, nervoso. Olhando para sua mão apoiada no corrimão, imaginou as manchas escuras que a cobriam. Deixou-a cair junto à coxa.

– Você sabe. – Enfim ele compreendeu.

– Sei. Rã...

– E o que mais?

– Sei que ele sobreviveu, que está aqui. Pedi que eu cuidasse de você. Só isso. Para mim, é mais que suficiente. Eles me deram dinheiro, o bastante para irmos embora de Massália...

– Quem deu?

– Page.

Ele assentiu, o olhar sombrio.

– Não temos nada a ver com isso, Dun-Cadal – argumentou ela, aproximando-se. – Os assuntos da República não nos dizem respeito. Somos de outra época.

Suas mãos enluvadas de preto deslizaram até as dele. Instintivamente, ele baixou os olhos. Como seus dedos eram finos, como pareciam perdidos em suas mãos largas marcadas pela idade. Como estava distante o tempo em que ia encontrá-la num suntuoso quarto do palácio imperial, voltando de uma batalha, o corpo ainda sujo de uma longa cavalgada. Essa antiga vida parecia só ter existido em seus sonhos.

– Passei tanto tempo vagueando por aí antes de vir para Massália – admitiu, a garganta seca, os olhos fitando suas mãos entrelaçadas. – Não sabia para onde ir. Estava procurando. Procurando por respostas. Aqui, eu desisti...

– Respostas para quê?

– Quem eu sou, por que fracassei – respondeu ele num sussurro. – Buscava um sentido para tudo isso. Por que os deuses nos escreveram esse destino? Eu não passo de um simples murmúrio? E agora que...

Estava prestes a mencionar o *Liaber Dest*, dizer quanto temia que, nele, sua vida se resumisse a uma única frase. Mas Page certamente não contara a ela sobre o livro. Dun-Cadal conteve um riso nervoso.

– Você se estabeleceu aqui. Me acolheu, tentou me proteger de mim mesma, sem muito êxito, mas pelo menos sempre esteve ao meu lado.

Finalmente se atreveu a encará-la e viu em seu olhar algo que imaginava que nunca ia querer rever: o brilho do amor com que ela o fitava, um amor sem hesitação, sem fim, capaz de se dobrar sem jamais se romper. Ela merecia que, para variar, ele cuidasse dela. Eles poderiam fugir, deixar aquilo tudo para trás. Como ela dizia, os assuntos da República não lhes diziam respeito.

– Ele cresceu, sabe? Está um homem feito... – Seu leve sorriso se desfez. – Ele tem contas a acertar com Azdeki...

– Quanto menos soubermos a respeito, Dun-Cadal, melhor – disse ela.

Estava implorando para ele não continuar.

– Mildrel...

Ela sustentou seu olhar, erguendo as mãos enlaçadas à altura do ombro, e chegou mais perto. Sentiu seu aroma de lavanda, que, dessa vez, não o acalmou. Aninhou-se junto dela, na esperança de espantar a tristeza que pesava em seu peito.

– Venha, temos que ir – pediu Mildrel. – Vamos esquecer tudo isso. Esquecer a República e seus

assuntos, esquecer o Império e viver só nós dois. É o que você quer, não é?

– Sim... – murmurou ele.

Mildrel recuou lentamente, estendendo os braços, soltando suas mãos. Ela também sorria, mas era um sorriso repleto de significados, sério e amargo. Como se estivesse se conformando.

– Você virá comigo?

– Sim – repetiu ele, confuso.

Esquivou-se de seu olhar insistente, buscando na escuridão da casa algo que capturasse seus pensamentos. Mas nada veio ajudá-lo a conter aquela atroz sensação de abandono.

– Não – corrigiu-se.

Fez uma pausa, esperando que Mildrel se exaltasse e o forçasse a sair daquela casa, subir na carruagem e ir embora de Massália. Mas ela ficou quieta.

– Ele vai ao Palatio – confessou Dun-Cadal, a voz extremamente calma. – Quer assassinar Azdeki.

– E você tem medo de que ele não consiga.

– Tenho medo de que alguém o detenha, o deixe paralisado e... – Não ousava se aproximar de Mildrel, mas teve ao menos a coragem de enfrentar seu olhar. – Ele precisa de mim.

Não havia nenhuma censura em seus olhos, nenhum pingo de raiva em seu rosto, apenas tristeza. Mildrel assentiu com um breve gesto de cabeça.

– Não sei se sempre tive esse medo... ou se sempre soube – admitiu ela, inclinando a cabeça. – Cocheiro! A mala!

Vislumbrou-se na rua o vulto curvado de um homem. Ouviram-se cordas sendo soltas e em seguida um arquejo acompanhando de um ruído. O homem por fim apareceu à porta, arrastando uma mala gasta fechada por um cadeado de latão. Usava um fraque empoeirado, tinha o cabelo desgrenhado e grisalho, o semblante fechado. Colocou a mala entre Mildrel e o general.

– Obrigada – agradeceu Mildrel sem olhar para ele.

O cocheiro fez um tímido aceno para Dun-Cadal e voltou para a carruagem.

– É sua bagagem? – perguntou Dun-Cadal.

– Não preparei minhas malas – confessou ela.

Hesitante, ele se aproximou da mala. Pelo visto, ela nunca tivera a intenção de sair de Massália. Então, o que trazia? Ergueu o fecho com a mão trêmula.

– Eu sempre a guardei – disse Mildrel atrás dele. – Sabia que, cedo ou tarde, você tornaria a usá-la. Você é um homem do Oeste, um general do grande exército. Você é Dun-Cadal Daermon.

Quando ele abriu a mala, o brilho de uma velha armadura ofuscou seus olhos. Ou seriam lágrimas brotando? Passou os dedos na lâmina pousada sobre o plastrão. Aquela espada sobrevivera às Salinas, a Vershã, a Kapernevic...

– Há um cavalo à sua espera... – acrescentou ela.

Dun-Cadal endireitou-se devagar, sentindo que Mildrel se apoiava em seu ombro. Ergueu a mão para acariciar o rosto dela, deslizar por sua nuca, sentir a maciez de sua pele. Em silêncio, envolveram-se num último abraço, uma última vez.

Sabiam que nunca mais tornariam a se ver.



Azdeki ia convocar os conselheiros ao pátio interno sob sigilo. Em seguida os conduziria ao outro lado do pátio, à sala dos deuses, cujas portas se fechariam à sua passagem. Os mais leais de seus guardas se postariam à entrada e ali ele cumpriria seu objetivo.

*Não*, pensava Laerte.

Ia pronunciar um longo discurso sobre a história do Livro Sagrado, sobre a decisão de Aogustus Reyes de confiá-lo à guarda dos Usters, sobre o declínio deliberado da Ordem de Fangol e sobre os riscos apresentados por uma República corrompida. Azdeki julgaria os conselheiros demasiado liberais, demasiado propensos a mudanças, evocaria o desgaste dos valores, da moral e da ordem, o esquecimento dos textos sagrados. E então mostraria o *Liaber Dest*, que ergueria como um estandarte a ser seguido. Entregaria aos monges de Fangol o destino do antigo bispo de Émeris, como prova de sua fé e sua devoção. E uma nova ordem, mais justa, mais respeitosa, menos permissiva, nasceria de suas palavras. Legitimaria sua ascensão ao poder com o *Liaber Dest*, traduzindo a seu modo os versos enigmáticos e as estranhas gravuras, aos quais, graças às pesquisas de Aladzio, daria o sentido que bem lhe aprouvesse. Era isso que Azdeki pretendia, o que ele vinha planejando havia tantos anos.

*Mil vezes não*, jurava Laerte para si mesmo. O futuro da República não devia ser sua preocupação prioritária. Mas era insuportável para ele que o sonho de seu pai fosse pervertido pelo próprio assassino. Enquanto se dirigia às sacadas que cercavam o pátio interno, recordava seus anos de sofrimento escondendo-se sob o nome de Rã, renegando quem havia sido. Ele finalmente estava pronto.

Com a mão no punho de Eraed, andava com passos decididos. Os homens que o acompanhavam iam abrindo caminho, discretamente eliminando os guardas. Não tirou, nenhuma vez, a espada imperial da bainha. Em pouco tempo, parte do palácio seria controlada pelos homens de Page. Os mesmos homens que Azdeki se obrigara a recrutar para reforçar a segurança. Que ironia...

– Assumam suas posições – ordenou Laerte em voz baixa.

Indicou cada sacada e foi para uma delas, deixando então seu olhar passear pela multidão que conversava logo abaixo. Criados de libré serviam os convidados, enchendo as taças de vinho nos barris, oferecendo bandejas de carne assada, abrindo com toda a habilidade possível passagem entre os mais ilustres. Todos ali eram conselheiros, dignitários, abastados, bem distantes do espírito da Noite das Máscaras. O povo, sob estreita vigilância, estava relegado ao grande salão de baile e às ruas.

Os mercenários se esconderam atrás das colunas e, armados com seus arcos, ajoelharam-se o mais perto possível dos parapeitos. Laerte observava os barris, estranhamente empilhados em forma de escada. Com mão firme, segurou o ombro do homem que estava ajoelhado à sua frente.

– E a distância?

– Perfeita.

O mercenário sorriu, colocando um lampião a óleo no chão.

– Só quando eu der o sinal – lembrou Laerte, procurando na multidão um vulto familiar.

Dezenas de máscaras, trajes de seda e linho, todos diferentes, todos únicos. As cores dançavam, as risadas cresciam, as bocas se abriam para pedaços de carne, acolhiam o vinho com alegria. A orgia lembrava uma feira de monstros.

E então, na multidão, avistou uma cabeça de águia.



– Aquele ali é Bernevin, e o outro, Daguaret – cochichou Page ao ouvido de Viola.

O duque espreitava os mínimos movimentos, os gestos mais sutis que pudessem indicar algum vínculo entre os conselheiros que conversavam. Era sua segunda natureza: da corte imperial à Assembleia republicana, sempre soubera prestar atenção aos mais ínfimos detalhes. Pelos gestos, olhares e acenos que observava, deduzia as relações. As opiniões, as manobras políticas e as amizades privilegiadas de cada conselheiro: tudo isso lhe dava uma ideia da teia tecida por Azdeki.

Viola estava de braços dados com ele e o ajudava a analisar os vaivéns dos dignitários enquanto passavam por um comprido corredor revestido de espelhos rumo a um pátio interior de onde vinha um aroma de porco assado.

– Daguaret apoiou sua lei para a educação – observou Viola.

– Sim, mas foi porque eu o comprei – zombou Page, perscrutando a multidão que caminhava a sua frente. – Está aí um homem que sempre soube dar um valor às ideias.

– E El Chaval? – indagou a moça, desviando olhar.

Passaram na frente de três homens de máscara amarela que conversavam tranquilamente, uma taça de vinho na mão. Com o cabelo preso num rabo de cavalo, jeito afável e bem-apeado, El Chaval meneava nervosamente a cabeça.

– É pretensioso, grosseiro, mas é movido por um autêntico entusiasmo – comentou Page. – Embora tenha fé, não é a favor de uma República sujeita à Ordem de Fangol. Tem uma postura clara, embora eu não partilhe de suas ideias. Eles não o abordaram.

Seu pai tinha lhe contado. Tinha até gritado, se firmando nos cotovelos, antes de seu coração falhar: “Não haverá lugar para você neste mundo, Gregory! Você e seus vícios serão enfim julgados diante dos deuses, pois ninguém escapa daquilo que está escrito. O *Liaber Dest* foi encontrado!”

A visão daquele rosto transformado pelo ódio, dos lábios tremendo de raiva, da baba escorrendo, não saía de sua cabeça. Não fora uma simples questão de *poder* que levara seu pai e os Azdeki a adotarem o sonho de Oratio e sua tão desejada República. Fora o seu credo. Dar a palavra ao povo, que alguns viam como uma evolução, não era o que realmente importava. Só interessava a palavra dos deuses conservada no Livro Sagrado tão cuidadosamente escondido pelos Reyes.

– À sua direita – sussurrou Viola.

Page inclinou ligeiramente a cabeça no exato momento em que passava a seu lado um grupo de monges fangolinos. De capuz sobre a cabeça e mãos unidas no peito, dirigiam-se para uma

porta vigiada por quatro alabardeiros.

Na soleira, conselheiros se reuniam sem trocarem palavras. Como Page imaginara, Daguaret estava com Rhunstag e Bernevin. Em meio à agitação, ninguém reparava neles enquanto se aproximavam de Étienne Azdeki, que do patamar observava atentamente o pátio interno, mãos às costas, calmo e confiante. Os monges vieram juntar-se a eles.

Nenhum estadista escapara ao olhar de Page, nenhum. Ele agora sabia quem eram os inimigos da República, e aqueles que sobrevivessem a essa noite não sairiam engrandecidos. Ele cuidaria para que a voz de nenhum deles jamais tornasse a falar em nome da República.

– Está na hora, não é? – sussurrou Viola, apertando seu braço com mais força.

Page assentiu com um breve aceno. O pátio fervilhava de convidados já bêbados. Se acontecesse uma tragédia, o pânico seria absoluto e, o que era pior, incontrolável. Page olhou para as sacadas e reconheceu, atrás de uma coluna, um vulto familiar. Laerte estava de prontidão, a máscara dourada brilhando à luz das tochas. De soslaio, o conselheiro avistou Rogant entre o bufê e as portas que levavam ao salão de baile. Quanto a Aladzio... O inventor, nervoso, abria passagem entre os convidados, usando uma máscara de raposa, o tricórnio enfiado na cabeça. Tudo se encaminhava perfeitamente.

– Esta noite, meus amigos... – começou uma voz.

Page se retesou.



Na multidão, o tricórnio parecia deslizar em meio aos altos toucados e máscaras barrocas. Laerte o acompanhou com o olhar até Aladzio se afastar das pessoas, trocar palavras com Azdeki e entrar no Palatio, não sem antes dar uma rápida olhada para trás. Aos pés de Laerte, o mercenário mergulhava a ponta de uma flecha num lampião.

– Esta noite, meus amigos...

O mercenário armou a flecha e, erguendo os olhos para o homem da máscara dourada, esperou que ele baixasse a mão.

– ... é uma grande noite!

Laerte continuava imóvel, como se estivesse paralisado. Seu coração pareceu parar de bater quando o homem, no pátio, ajudou uma mulher a subir nos barris.

– Pois à alegria desta noite republicana vem somar-se a sublimidade de minha união. Minha esposa...

O vestido púrpura realçava sua silhueta, em seu peito pendia um medalhão em forma de estrela, nos lábios um vermelho carmesim acentuava a brancura de seu sorriso. Por trás da máscara salpicada de ouro e prata, seus olhos amendoados se enchiam de tímidas lágrimas que, ao escorrer, levavam consigo a maquiagem preta. Ela ria enquanto se colocava sobre os barris como se fossem um estrado, de mãos dadas com seu jovem esposo.

– Esyld Azdeki, mostre-se para o mundo! – exclamou Balian Azdeki.

– Senhor? – murmurou uma voz aos pés de Laerte.

Balian tirou a máscara para contemplar, de braços abertos, a multidão à sua frente. Animado pelo álcool, saboreava aquele momento.

– Obrigado a todos por estarem aqui hoje! Salve a República!

Os aplausos ribombaram feito tambores de guerra. Laerte sentiu a mão tremer.

– Senhor, estou pronto – insistiu em voz baixa o mercenário.

Do patamar, com sua máscara de águia, Azdeki observava a cena com satisfação: seu filho, feliz, curvando-se diante de ESYLD sob os aplausos dos convidados. Ninguém reparava nos conselheiros e nos monges que passavam pela porta e desapareciam dentro do Palatio.

Em cima dos barris, ESYLD saudava a multidão, inclinando-se para a direita, para a esquerda, um riso contido nos lábios, as faces coradas de timidez... ou alegria. Laerte sentia a máscara pesada, a respiração ofegante, os músculos enrijecidos, um nó no estômago. Os barris de vinho empilhados atrás dela estavam cheios de pólvora. Bastava uma faísca para...



Page lançava olhares inquietos para Rogant, que estava à porta do corredor, e para as sacadas, onde pressentia o vulto imóvel. *O ataque, Laerte, pensava. Dê o sinal para o ataque! Vamos!*

Ainda lhe dando o braço, Viola hesitava. Inclinava-se levemente para a frente como se prestes a intervir. Mas o que poderia fazer? Os soldados tinham afastado os nâagas que cuidavam dos barris de vinho e cercavam Balian e sua esposa. Não seria Viola quem iria afastá-los. A ideia angustiante de que tudo pudesse acabar nisso se insinuou em sua mente. Tornou a olhar para a sacada onde estava Laerte, na esperança de perceber algum movimento.



– O tempo está acabando, senhor – preocupou-se o mercenário.

A voz parecia distante. Sua mão continuava erguida. Seu coração...

Todos os conselheiros já tinham passado pela porta.

– Viva! Viva! – gritava a multidão. – Salve os noivos! Viva!

Os alabardeiros posicionavam-se frente à porta. Azdeki recuou. Um guarda fechou um dos batentes. Azdeki desapareceu. O soldado então se aproximou da outra porta.

Em cima dos barris, as mãos no peito, ESYLD dirigia ao marido um olhar cheio de ternura.

A mão de Laerte continuava erguida.

O soldado fechou a última porta.

– Senhor!

*É muito mais que isso.*

Com a mão direita, Laerte empunhou o cabo de Eraed. Tudo parecia confuso. Em meio à salva de palmas, percebeu um martelar semelhante ao de tambores. Abafado, de início, depois cada vez

mais distinto, até ele antever o som dos cascos estalando no mármore. Em meio ao estrondo dos aplausos, alguns mascarados se viraram para o corredor de espelhos, intrigados com o som de ferraduras. O ritmo irregular e as ordens gritadas aumentavam sem cessar. A porta, do outro lado do pátio, estava fechada. Os conspiradores, alertados pelos combates, teriam tempo de fugir antes que fossem alcançados no labirinto do Palatio.

*Envolve o caminho que você escolhe trilhar.*

A multidão aclamava o casal. Esyld resplandecia. Balian Azdeki aproximou-se dos barris, segurando a mão de sua amada para levá-la aos lábios. O som dos cascos se intensificava, um martelar contínuo, cada vez mais forte, mais assustador. Com ele, as ordens gritadas.

*E se você, hoje à noite, se deparar com Esyld? Vai se deixar levar pela fúria?*

Os cascos batendo no mármore, os gritos... e uma voz, grave e rouca, ergueu-se no pátio interno feito um trovão:

– AZDEKI!

## O CAMINHO DA FÚRIA

Dun-Cadal o obrigara brutalmente a se ajoelhar na sua frente, segurando seu ombro com mão firme. Sentiu nos joelhos a dor causada pelo choque, mas, cerrando os dentes, não disse nada. Sabia que era observado, avaliado, e por nada nesse mundo daria mostras de fragilidade. Não deixaria nada transparecer em seu rosto. Seu coração batia disparado, o suor escorria em suas têmporas. Ia aguentar firme. Os cavaleiros haviam formado um semicírculo ao seu redor; usavam armaduras luzidias que refletiam a luz do sol matutino. Atrás deles se erguiam as estátuas das divindades, altas e de um branco puro, o olhar inexpressivo voltado para o altar.

Nos vitrais, as imagens em cores vivas de cavaleiros combatendo monstros e demônios, ruargues e dragões, protegendo famílias assustadas com a espada em riste.

– Pelos erros cometidos – disse Dun-Cadal. Esbofeteou-o com tanta força que ele sentiu seu pescoço estalar. – E para que não cometa mais nenhum, Rã.

Sua outra face enrubesceu com a enérgica bofetada, a cabeça pareceu se separar do corpo, sentiu gosto de sangue nos lábios mordidos por si mesmo. Lágrimas brotaram em seus olhos. Inspirou profundamente, maxilares cerrados.

– Repita comigo: eu sou a espada, eu sou o escudo – ordenou Dun-Cadal.

– Eu sou a espada... – balbuciou Laerte.

– Mais alto!

– Eu sou a espada! – repetiu, olhando para seu mentor. – Eu sou o escudo.

– Sou aquele que nunca fraqueja – continuou Dun-Cadal, sob o olhar severo de seus irmãos de armas.

– Sou aquele que nunca fraqueja.

– Sou a espada contra os fortes, o escudo para os fracos. Minha palavra é de ouro. Não hei de renegá-la. Sou aquele que marcha para o combate. Meu caminho é o caminho dos justos. Não hei

de fraquejar. Sou aquele que marcha para o combate.

Laerte repetia em voz alta quando Dun-Cadal puxou a espada com um som seco e a deitou no ombro de seu aprendiz.

– Eu sou a espada e o escudo, e esse é meu único caminho. Nada jamais há de deter meu braço.

– Nada jamais há de deter meu braço – concluiu Laerte com um suspiro.

Não pôde evitar fechar os olhos quando Dun-Cadal ergueu a lâmina à frente antes de baixá-la com força sobre seu ombro direito. Cerrou os dentes.

– Eu o desligo daquele que você foi. O passado não importa mais.

Laerte sentiu a espada passar por cima de sua cabeça. Então a dor causada pelo dorso da lâmina no seu ombro esquerdo fez com que abrisse os olhos.

– Repita comigo – pediu novamente seu mentor em tom firme. – Eu aqui presto o juramento...

– Eu aqui presto o juramento...

– ... de nunca ceder ao caminho da fúria, de sempre servir à justiça com ética e honradez. De ser um cavaleiro entre os cavaleiros e de que isso tenha um sentido.

– ... e de que isso tenha um sentido – concluiu Laerte com a voz embargada.

Na penumbra da capela, o rosto de Dun-Cadal, grave e orgulhoso, se inclinou para ele.

– Eis o cavaleiro Rã.



*Eis o cavaleiro...*

– Azdeki! Seu imundo!

O cavalo empinou ao entrar no pátio, rios de sangue escorrendo no pelo crivado de lanças. Homens e mulheres em pânico recuaram aos gritos quando o corpo do cavaleiro foi lançado no ar e caiu pesadamente no chão com um estrondo. A montaria desabou sobre as patas dianteiras, bufando freneticamente, e então, em convulsão, deixou-se cair sobre o flanco, a língua pendendo da boca aberta. Atrás dela acorriam soldados pegos de surpresa pelo ataque inesperado. Viram o cavaleiro irromper em meio à multidão na praça, subir a escada açoitando o ar com a espada. Alguns tinham tentado detê-lo, mas o cavalo, apavorado, empinara repetidas vezes, aos coices. As lanças só o deixaram ainda mais assustado. E o cavaleiro o trouxera para a morte bem ali, no meio do pátio.

Dun-Cadal tentava se levantar, ainda atordoado, e aos berros bateu o chão com a mão trêmula em busca da espada.

– Azdeki! Apareça, pelos deuses!

Com a espada em riste, Balian Azdeki ajudou Esyld, logo cercada pelos soldados, a descer dos barris. Os guardas apressavam-se no pátio, prestes a se jogar sobre o imprudente, enquanto a multidão, ainda sob efeito do choque, hesitava entre a curiosidade e o medo. Um idoso sozinho com uma armadura gasta, que mal era sustentada pelas velhas correias de couro, exortava um conselheiro a enfrentá-lo. Estava mais para uma cena espantosa do que para uma real ameaça.

Em um canto do pátio, Page não estava gostando da situação. Em meio à confusão gerada pela entrada inesperada do general, Rogant fora até ele. O nâaga pediu-lhe que deixasse o local sem demora, segurando seu braço para empurrá-lo junto com Viola na direção do corredor de espelhos.

No meio do pátio, Dun-Cadal aguentava firme, se recompondo com um estranho sorriso nos lábios. Sentia-se vivo outra vez e, embora seus ossos doloridos da queda lhe lembrassem sua idade, tinha a intenção de mostrar ao mundo o combatente que era. Pela última e derradeira vez. Os guardas já o cercavam, ameaçadores, apontando as lanças. Ele teve uma sensação de déjà-vu, seu sorriso se desfez.

*Vossa Majestade Imperial, ele ainda é um menino! Não tem o direito de fazer isso!*

As tochas crepitavam. Não se ouvia mais nenhum riso, nenhuma música, somente um pesado silêncio. Balian rompeu o círculo dos guardas, a arma em riste.

– Prendam esse homem! – ordenou.

– Você, lourinho, espere ficar com a voz mais grossa para dar ordens desse tipo – resmungou Dun-Cadal antes de elevar o tom: – É Étienne Azdeki, o capitão Azdeki, que eu vim buscar! Azdeki! Apareça!

Os guardas hesitaram quando, à porta, o vulto de um homem se adiantou. No início do corredor, do outro lado do pátio, Page hesitou. Viola, a seu lado, parecia perdida, olhando de esguelha para os barris empilhados no estrado, até que cruzou com o olhar determinado de Rogant.

– Saíam daqui – murmurou ele entre dentes.

– Não intervenha – ordenou Page, o olhar feroz.

– Não vai ser preciso – garantiu o nâaga, o semblante tenso.

Page não podia ser vinculado ao que estava por vir. Ninguém podia saber do papel desempenhado pelo conselheiro naquela iniciativa, fosse ela um êxito ou um fracasso. Não apenas para sua segurança, mas por tudo o que resultaria daquela noite. O nâaga os seguiu com o olhar e, quando eles sumiram na extremidade do corredor de espelhos, esgueirou-se atrás de um dos batentes da porta.

– Azdeki! – gritou Dun-Cadal.

Girou a espada no ar, por pouco não a deixando cair. Aquilo não ia ser brincadeira. O gesto não lhe vinha naturalmente. Fazia muito tempo que não combatia.

– Não estão me ouvindo? – exaltou-se Balian. – Mandei prender esse homem! Ele...

– Daermon...

A voz saíra arrastada, como que para saborear o nome que pronunciava. À soleira da porta, Étienne Azdeki inclinava a cabeça de lado, intrigado, o olhar penetrante por trás da máscara de águia. Às costas, entrevia-se o vulto molenga de seu tio em uma ampla toga branca.

– Prendam-no! – repetiu Balian.

Os soldados, dessa vez, estavam prontos para obedecer, mas mal esboçaram um passo e Azdeki elevou a voz:

– Esperem!

Afastou-se do patamar, a mão no punho da espada, não demonstrando nenhuma emoção além de curiosidade. Dun-Cadal aprumou-se e dirigiu-lhe um sorriso provocador, de quem quer partir para a briga.

– Não esperava me ver, esperava? – escarneceu. – Está preocupado?

– Estou contrariado por um caco velho ter conseguido entrar tão facilmente – respondeu Azdeki, sem alterar sua soberana tranquilidade.

Murmúrios de espanto e comoção corriam entres os presentes e poucos foram os que preferiram sair do pátio e perder aquele espetáculo. Embora o cavaleiro de armadura mostrasse toda a sua sanha, o conselheiro permanecia indiferente. Elevou a voz, encarando Dun-Cadal:

– Será que isso não é excentricidade demais para uma Noite das Máscaras? Um cavaleiro do Império forçando a entrada no Palatio e acabando por parar aqui? Mas não há o que temer. Vejam, está tão enferrujado quanto sua armadura.

– Venha, Azdeki – propôs Dun-Cadal. – Venha expiar seus erros. Você traiu o Império e agora planeja trair a República.

Rodopiou novamente a espada, mas o gesto, dessa vez, foi lento e preciso, a mão segurando o punho com firmeza.

– Não é que o cão ainda morde... – murmurou Azdeki, franzindo os lábios de desprezo, antes de se dirigir aos presentes: – Peço desculpas por este incidente, mais espetacular que perigoso! Divirtam-se sem receio!

– Que a festa continue! – clamou Rhunstag às suas costas.

Os guardas cercavam o general com cautela, vigiados por Balian, em pé junto ao estrado. A poucos passos dali, encoberta por dois alabardeiros corpulentos, Esyld observava a cena, extremamente pálida. O conselheiro deu meia-volta e estava prestes a cruzar a porta quando Dun-Cadal bradou:

– O *Liaber Dest*, Azdeki! Você contou para eles? Anvelin Evgueni Reyes ainda é seu prisioneiro? Diga para essas pessoas tudo o que as aguarda!

Dun-Cadal indicou os presentes com a ponta da espada, verificando, satisfeito, a perturbação causada por suas palavras. Os murmúrios cresciam e, com eles, um estranho mal-estar, denso e pesado. Azdeki estacara no patamar, ombros caídos, corpo retesado. Só se ouvia uma palavra entre os cochichos, apenas uma: *Liaber...*

– Eles podem até tentar me prender, mas nada vai me impedir de chegar até você – prometeu Dun-Cadal.

Azdeki virou-se de repente, já sem tanta soberba. Furioso, apontou um dedo para Dun-Cadal quando os soldados já estavam apenas a poucos metros dele.

– Tirem esse lixo do pátio! Acorrentem-no!

– Venha, Azdeki, me mostre do que é capaz – provocou Dun-Cadal, açoitando o ar com a espada, olhando para os lados como se para prevenir o ataque dos soldados.

A multidão se agitou. Os alabardeiros intimaram Esyld a se afastar em direção ao corredor. Balian contornou o círculo de soldados.

– Joguem-no no calabouço!

– Puxe a espada! Seja um cavaleiro!

Os insultos encobriram o assobio da flecha que passou acima deles. Alguns ainda avistaram de relance a chama oscilante trazendo consigo brasas esvoaçantes.

– Você não é nada, Daermon, você está mor...

O aço rasgou a madeira do barril. Tudo explodiu.



O fogo devorava o estrado, crepitando, uma densa fumaça preta se erguendo sobre os destroços. A força da explosão provocara um caos, jogando Dun-Cadal no chão, afetando os convidados mais próximos, obrigando os demais a correrem para as extremidades do pátio.

Laerte saltara da balaustrada no exato momento em que a flecha se cravara no barril. Usando o Sopro, caíra ao chão sem nenhum ruído, sentindo todas as partes do corpo vibrarem com o impacto. Aliviado, sentiu as batidas do coração do general caído a seus pés e vasculhou o pátio com o olhar. Dun-Cadal ia voltando a si, seus dedos abrindo sulcos no cascalho. A explosão fora na medida certa para semear confusão. Diante da porta, Azdeki agitava os braços para espantar o denso véu áspero que encobria sua visão. Não reagiu quando as flechas romperam a nuvem de fumaça e se cravaram no pescoço dos alabardeiros a seu lado.

Uma chuva de aço então desabou sobre o pátio, abatendo os homens armados. Os convidados, em pânico, apressaram-se às cotoveladas para o corredor, pisoteando os infelizes caídos no chão, derrubando as mesas. No patamar, Azdeki parecia paralisado. Os gritos, o cheiro de pólvora, os filetes de sangue, a fumaça espiralando, tudo estava um caos, no meio do qual se erguia um homem usando uma capa verde.

Segurando o cabo de Eraed, a ponta da espada roçando o cascalho, Laerte esperava o momento certo. E, quando percebeu o olhar por trás da máscara de águia, exultou. Pela primeira vez na vida, via pavor nele.

– Vo... você... – gaguejou Azdeki. – É você...

– Seu... – resmungou Dun-Cadal, se levantando.

O pátio se esvaziou rapidamente. Entre as espirais de fumaça e os resíduos dos toldos, surgia um céu estrelado. À luz das tochas e do estrado em chamas, cintilava a Espada do Imperador. Corpos inertes, crivados de flechas, cobriam o chão. Todos usavam armaduras ou casacos de couro guarnecidos de pregos e ainda empunhavam a espada ou a alabarda. Nenhum deles tivera tempo de reparar nos mercenários nas sacadas, os quais agora se erguiam silenciosamente ante o olhar estupefato de Étienne Azdeki.

Próximo ao corredor de espelhos, a poucos metros do estrado que ardia, ESYLD estava ajoelhada, aturdida, passando a mão no cabelo sujo de terra e poeira de Balian Azdeki. Ele tinha uma flecha fincada no ombro, na junção da dragona com o plastrão, o qual se movia lentamente ao sabor de sua lenta respiração. Parecia dormir, às voltas com um pesadelo, a boca franzida de dor. O crepitar das chamas encobria as poucas palavras que sua esposa sussurrava. ESYLD se virou para fitar os

olhos atrás da máscara dourada e seu ar desamparado se desfez. A ira contraiu suas feições. Laerte desviou o olhar, o coração despedaçado.

– Então é assim – declarou Azdeki, enquanto observava os mercenários saírem de suas posições.

– O *Liaber Dest*, Azdeki! – clamou Dun-Cadal. – Onde está o *Liaber Dest*?

Lentamente, o conselheiro levou a mão ao rosto para tirar a máscara. Já não havia medo em seu olhar e os lábios esboçavam um sorriso triste, quase de escárnio.

– Ainda restou algum soldado nos jardins? Ou seus mercenários já deram cabo de todos eles? – perguntou, fitando as sacadas desertas.

Dun-Cadal tentou dar um passo à frente, mas tropeçou no cadáver de um alabardeiro. Laerte o segurou.

– Ainda posso ficar de pé – resmungou o general.

Em seus olhos avermelhados, Laerte percebeu um brilho estranho e, quase sem pensar, assentiu. Lentamente, Dun-Cadal se levantou, balançando a cabeça de um lado para outro para estalar o pescoço. Não precisavam de palavras; ambos sentiam naquele momento o que nunca deixara de uni-los desde o dia em que se conheceram. Reviam a si mesmos, desde as Salinas até Kapernevic, lutando lado a lado, cuidando um do outro, como pai e filho. Sem se consultarem, ergueram simultaneamente as espadas, apontando-as para Azdeki num gesto de desafio.

Vindas do distante salão de baile, ecoando no corredor de espelhos, vozes raivosas de soldados se aproximavam. Talvez imaginando estar salvo, Azdeki puxou a espada da bainha. Mas seu semblante endureceu quando avistou o nâaga junto à porta do outro lado do pátio. Depois de olhar rapidamente para os guardas que chegavam às pressas, Rogant tratou de fechar as duas folhas da porta. Azdeki recuou para o patamar, respirando pesadamente. O cerco se fechava à sua volta. Às costas, não havia nenhum soldado para defendê-lo, já que aquela parte do Palatio fora confiada principalmente aos mercenários. Restavam apenas aqueles que ele incumbira de proteger o Livro. Em meio à densa fumaça, Azdeki vislumbrou o vulto ajoelhado de sua nora. Deitado junto dela, Balian levava a mão trêmula à flecha cravada em seu ombro.

– Isso é assunto nosso, não é? – questionou Azdeki entre estranhos suspiros. – Deixe-os em paz.

– Eu sou um cavaleiro, Étienne – respondeu Dun-Cadal. Então acrescentou com voz abafada, quase desdenhosa: – Sempre fui.

O velho general baixou a espada e deu um passo para o lado, sem tirar os olhos dos conselheiros. Laerte virou-se para o filho ferido, que cerrava o punho sobre a flecha, prestes a arrancá-la, enquanto Etyld o ajudava a se levantar. Laerte se viu jogando-se em cima dele para impedi-lo, batendo com força até ele clamar por piedade, e, insensível às suas súplicas, cravando Eraed no seu peito. Lágrimas riscavam a poeira que lhe cobria as faces. O clarão das chamas dançava em suas pupilas. Mesmo suja e despenteada, conservava toda a beleza que ele tanto admirara nos pântanos das Salinas.

– Tenho a sua palavra, Daermon – declarou Azdeki.

Sua respiração estava pesada, entrecortada, quase virando um assobio enquanto ele batia em

retirada. Já passara pela porta e recuava pelo corredor, o braço armado ligeiramente retraído. Mas sua mão livre se erguia ostensivamente.

– Laerte – murmurou Dun-Cadal.

Laerte apertava o cabo de Eraed, um nó em seu estômago, a garganta seca. Esyld, só ela, dominava seus pensamentos. Nada jamais iria livrá-lo de seu mal-estar, nem mesmo o aniquilamento de Azdeki. Ela cruzou seu olhar e se levantou, confiante, apesar das lágrimas, uma mão ainda entrelaçada com a do marido. Balian, lívido, permanecia ajoelhado.

– O...

Dun-Cadal não concluiu sua frase. Azdeki estendeu a mão livre e as folhas da porta se fecharam com um som seco. O Sopro.

– Ah! Filho da mãe! – gritou o general, correndo para a porta.

– Não! – berrou Balian a plenos pulmões, por pouco não desabando ao arrancar, de repente, a flecha do ombro.

O pai podia esperar: não ia sair do Palatio. Laerte avançou, determinado, em direção ao rapaz, que puxava a espada, endireitando-se, o rosto contraído de dor.

Dun-Cadal abriu a porta com um chute, conteve um palavrão ao sentir a pontada no joelho, lançou-se corredor adentro e parou. Laerte não vinha atrás dele. Ouviu as espadas retinirem. Virou-se, viu Balian e seu aprendiz se enfrentando, Rogant tentando segurar Esyld e as brasas saltando em torno deles.

– Laerte! – chamou.

A única resposta foi o choque das lâminas.

– Não, por favor – suplicava Esyld.

O suor pingava da testa de Balian, que só se mantinha em pé por força da vontade. Procurava um bom ângulo de ataque, mas seu oponente se defendia com muita facilidade. Laerte, mesmo sabendo que o tempo era contado, saboreava aquele momento como uma prova de sua superioridade. Num gesto brusco, girou a espada e desarmou Balian. Em seguida, deu-lhe um soco no rosto.

– Não! – continuava a repetir Esyld, aos prantos.

Eraed deslizou para a garganta do marido ferido.

– Laerte... – implorava ela nos braços do nôaga, às lágrimas, já perdendo todas as esperanças.

– Rã!

A voz soou forte, autoritária, trazendo consigo muitas lembranças. A ponta da espada deixou uma gota de sangue no pescoço de Balian, que, exaurido, deixou-se cair de joelhos, um fio vermelho e gosmento escorrendo do ferimento na armadura.

– Não foi para isso que você esperou a vida inteira! – protestou o general atrás dele. – Você é um cavaleiro! Um cavaleiro!

Empurrando Esyld para trás, Rogant precisou se posicionar entre Balian e Laerte para que seu amigo finalmente recuasse. Desafiaram-se com o olhar, nenhum dos dois parecendo disposto a ceder.

– Ele não – disse o nôaga. – É desnecessário.

Então, como que para evitar o julgamento de seu mais fiel companheiro, Laerte deu meia-volta, tenso por conta da fúria contida. Seu mentor esperava junto à porta. Atrás dele, havia um largo corredor iluminado por dezenas de tochas cujas chamas oscilavam à carícia da brisa noturna. Laerte sentia-se dividido entre dois mundos, duas épocas, dois desejos igualmente ardentes e incômodos. Seu coração batia a ponto de explodir, a máscara o sufocava. Quem era ele? Laerte ou Rã?

O choro de Elyld, que se jogara no chão para abraçar Balian, o crepitar das chamas ao redor, o cheiro de madeira queimada, a aspereza da fumaça estagnada, tudo se tornava insuportável, até sua respiração.

– Rã – repetiu Dun-Cadal, penalizado. – Você é um cavaleiro ou um assassino?

Laerte inspirou fundo e deu um passo em direção ao general.

– Sou um cavaleiro, Pernalta, o melhor – declarou. – O maior. Como lhe prometi.

– Então cumpra a sua promessa.



Havia no interior do Palatio uma capela em reforma. Ao fundo, erguia-se um altar e, junto às paredes, imponentes estátuas de homens e mulheres com compridas túnicas que o tempo não havia poupado. Rachaduras percorriam a pedra, do pedestal à cabeça. Sentado junto ao altar, um idoso esquelético gemia, o corpo machucado, os braços abertos presos por pesadas correntes. Em sua cabeça cheia de manchas escuras, havia alguns poucos cabelos brancos esfiapados. Os olhos semicerrados fitavam o espaço de um lado para outro, como se estivesse descobrindo o local. Entre as estátuas divinas pendiam compridas tapeçarias de um amarelo forte. Aos pés dos deuses, chamas ondulavam dentro de largas piras. Imponentes vigas de sustentação se cruzavam no teto, ocultando a abóbada com um afresco deteriorado.

Anvelin Evgueni Reyes, último bispo de Émeris e mestre da Ordem de Fangol nos tempos do Império, sabia-se condenado havia vários anos, mas, longe de se conformar com essa ideia, tinha a esperança de que, naqueles derradeiros momentos, aparecesse alguém para salvá-lo. Ele o vira, falara várias vezes com ele nos últimos meses. O homem da máscara de ouro. Contara-lhe sobre o pacto do Livro e da Espada, sobre o significado de sua separação, sobre o vínculo existente entre os Usters e os Reyes. Ninguém neste mundo merecia possuir os pilares da civilização.

*Em minha mão esquerda, o Livro, em minha mão direita, a Espada, e a meus pés, o mundo...*

Reyes permanecia alheio à agitação dos conselheiros. Limitava-se a esperar. A explosão distante lhe arrancara um sorriso. A tempestade que ia salvá-lo se aproximava. E então os murmúrios dos deuses assumiriam todo o seu sentido. Seu destino certamente não era morrer ali, daquele jeito, feito um pobre coitado, logo ele que por tantos anos tinha governado a Ordem de Fangol. De todos os homens presentes, o de tricórnio, pouco à vontade e grudado numa estátua, era o único que parecia sentir por ele alguma compaixão. De todos, era o único que não demonstrava nenhuma preocupação.

- Isso foi um ataque?
- Mas quem se atreveria?
- É o assassino, tenho certeza! Ele matou Enain-Cassart e Négus. Agora veio atrás de nós!
- Onde está Azdeki?
- Calma, senhores, calma! – pedia Azinn próximo ao altar.

Envolto em sua vasta túnica branca, puxara a máscara de falcão sobre a cabeça e, num gesto tranquilizador, balançava as mãos à frente. Os cerca de vinte conselheiros à sua volta olhavam apavorados para a entrada da sala, apesar da presença da guarda pessoal de Azdeki que cercava o altar. A um canto, silenciosos, os monges da Ordem de Fangol pareciam alheios à confusão, quase serenos. Para eles só importava o prisioneiro seminu.

– O que é isso, senhor? – perguntou Daguret, apontando o dedo para Azinn. – Uma armadilha?

Foi imediatamente empurrado pelo corpulento Rhunstag.

– Não existe nenhuma armadilha, meu senhor. Nenhuma trapaça por parte dos Azdeki – jurou, severo, Rhunstag. – Então peço que mantenha distância.

As vozes resmungavam, inquietas. Pensavam em deixar o local, por medo de ficarem trancados ali. A hipótese de terem sido enganados ia se transformando em certeza. Por fim, o homem que seria capaz de aplacar seu pânico, o homem que os conquistara, entrou pela porta.

– Guardas! Para o lado! – bradou.

Andava com passos determinados, espada na mão, semblante tenso. Sua presença bastava para impor o silêncio. Os guardas obedeceram, saindo do lado do altar e se postando junto à entrada.

– Afastem-se! – ordenava Azdeki, movendo no ar a mão livre. – Senhores! Afastem-se, senhores! Formem um corredor de honra para nossos ilustres convidados!

Passou pelos conselheiros sem nem sequer olhá-los, fitando intensamente o corpo amarrado ao altar. Quando chegou junto dele, ajoelhou-se.

– Chegou a hora, Anvelin – murmurou.

O velho, exausto, mal ergueu a cabeça. De esguelha, Azdeki avistou os monges fangolinos e fez um sinal para que se aproximassem.

– E o assassino, sobrinho? – cochichou Azinn às suas costas.

Azdeki o ignorou e levantou-se altivamente, a mão enluvada segurando o punho da espada. Teria perdido sua destreza ou finalmente ia provar ao velho general que era um bom esgrimista? Em um minuto, talvez menos, eles estariam ali. Então virou-se para os presentes, que, ainda confusos, hesitavam em obedecer à sua ordem. Bernevin tirou a máscara, revelando um semblante sério. Cruzando o olhar com o de Azdeki, assentiu brevemente com a cabeça e tratou de dividi-los em dois grupos e enfileirá-los próximo às piras.

– Traga-o, Aladzio – ordenou o conselheiro.

O homem de tricórnio foi até ele, cercado por dois alabardeiros, trazendo solenemente nas mãos uma caixa de madeira envernizada com arremates dourados. Azdeki a abriu com delicadeza, ciente da importância daquele momento.

– Senhores! – clamou, enquanto tirava da caixa um antigo livro de couro cuja capa parecia cintilar à luz das piras. – Eis o motivo de estarem aqui, escolhidos pelos deuses para o retorno da ordem após séculos de caos e tirania. Aqui está o que Aogustus Reyes escondeu dos homens. Aqui está o que foi perdido por Fangol.

Sua mão tremia. O volume era pesado, mas o que o perturbava era o que ele continha. Aladzio o observou erguer o livro tal qual um estandarte.

– O *Liaber Dest* retornou para as mãos dos homens, como estava escrito, e, com ele, nosso dever, nossa imensa responsabilidade de devolver ao mundo seu esplendor – disse, elevando o tom de voz.

Eles já tinham ouvido falar do Livro. Podiam ter reagido com toda a tranquilidade, mas, na verdade, e embora todos tivessem uma fé inabalável, foi como se deparassem com o impossível. O Livro Sagrado deixava de ser uma lenda. Azdeki pôs sua espada sobre o altar e, com a mão livre, empunhou a adaga que trazia no cinturão.

– O murmúrio dos deuses foi registrado nesta obra, o destino da humanidade, dos grandes homens deste mundo a quem cabe a árdua tarefa de conduzir o rebanho! Vejam o Livro que não pode ser destruído. Não duvidem de seus escritos!

Com um gesto brusco, tentou cravar a adaga na capa do Livro. Um burburinho de espanto se espalhou entre os conselheiros quando a lâmina se partiu ao meio, sem deixar nenhum arranhão, nenhuma marca. A adaga caiu aos pés de Azdeki.

– O *Liaber Dest*. É para ele que estão aqui, para aquilo que ele nos revelou, o motivo de os deuses terem nos escolhido. – Virou-se então para os alabardeiros que cercavam Aladzio. – Soltem o bispo. Que ele seja entregue aos monges e por eles julgado.

Enquanto os soldados cumpriam a ordem sem qualquer delicadeza com o idoso ferido, ele colocou o Livro no altar e pegou de volta sua espada, olhando para os monges fangolinos, que permaneciam imóveis e calados, imersos em seu desespero. Aladzio aproveitou para recuar até a coluna mais próxima.

– Aceitem esse gesto como prova de minha boa vontade. Os Reyes enfraqueceram Fangol para melhor sujeitá-los. Sintam-se livres, mas peço que nos reconheçam. Reconheçam nosso destino tal como está escrito no Livro.

Amparado pelos alabardeiros, Anvelin gemeu, os pés descalços se arrastando no chão, sangue ressecado nas pernas imundas.

– Não – resmungava, ofegante. – Você só enxerga... o que quer... enxergar... Não compreende... *Eu sou a Ordem de Fangol, não eles... não eles... Eles são hereges, uns...*

Sua frase terminou com um gemido, pois o haviam lançado no chão diante dos monges impassíveis. Azdeki precisava dos monges. Sendo reconhecido pelos derradeiros detentores da religião, estaria legitimado. Para quê? Para tomar o poder? Derrubar a República? Com os maxilares cerrados, não disfarçava sua apreensão. Passos se aproximavam, rápidos, decididos.

– Nós libertamos o povo do jugo dos Reyes – insistiu Azdeki.

Aos pés dos monges, Anvelin tentava se levantar com dificuldade, firmando-se com as mãos, os músculos salientes dos braços magros.

– Esse louco, enquanto representava vocês, sabia que o *Liaber* estava nas mãos dos Usters. Ele escondeu de nós o perigo, renegou a palavra dos deuses. Reconheçam-me. O que está acontecendo esta noite não é obra do acaso.

Duas sombras surgiram à porta, passando diante dos soldados postados junto à primeira estátua. As sombras diminuíram à medida que Laerte e Dun-Cadal entravam, espada na mão. Um gesto de pânico agitou os conselheiros, logo abafado pelo dos soldados se posicionando atrás dos recém-chegados para barrar a saída. Alguns começaram a acreditar que Azdeki havia planejado tudo, mas a maioria concluiu que um acontecimento desses já devia estar escrito. E, como se para confirmar essa opinião, Azdeki arrematou, num tom calmo e terrível:

– Os deuses não jogam com a sorte.

Se Dun-Cadal se virou ao ouvir as dragonas tilintando nos plastrões, Laerte não sabia dizer, pois só teve olhos para o conselheiro diante do altar. O crepitar das chamas pareceu se estender uma eternidade, mal encoberto pelos passos de Rhunstag e Bernevin aproximando-se de Azdeki, que colocava o Livro no altar. A poucos metros dali, Azinn recuou para junto dos monges fangolinos, contando com sua proteção. A maioria dos presentes identificava a capa verde que vinha dando o que falar desde o assassinato de Enain-Cassart no porto. Em compensação, poucos reconheciam o velho cavaleiro de armadura que o acompanhava.

– Ó, júbilo... – resmungou Dun-Cadal, antes de se aproximar de seu aprendiz, parado no meio do corredor de honra.

Espantou-se ao ver, com desprazer, a magreza de Anvelin Evgueni Reyes aos pés dos monges. Seu semblante endureceu, a mão apertou com mais força o punho da espada. Era imperdoável o bispo tê-lo traído anos antes, mas será que merecia um destino tão cruel? Anvelin o apoiara inúmeras vezes quando ele ainda não passava de um jovem aspirante a cavaleiro. Fosse lá o que tivesse feito, ainda era um homem santo, o bispo de Émeris.

Os estadistas os observavam com um temor mal disfarçado. Apenas um deles, bastante jovem, com uma cicatriz sob o olho direito, parecia sentir mais curiosidade que medo. Inclinou levemente a cabeça, como se tentando imaginar o rosto escondido pela máscara.

– Detenham-nos! – impacientou-se o homem a seu lado.

O jovem conselheiro lançou-lhe um olhar estranho, de divertimento.

– Isso não estava escrito, Azdeki! – exclamou outro, próximo à coluna oposta.

Vozes começavam a se erguer, instando os soldados a se jogarem sobre o assassino e seu acólito. Aos pés do monge mais próximo, Anvelin se virou, firmando-se nos cotovelos, um pasmo sorriso esticando suas rugas.

– Você está aí... Você veio... – sussurrava, feliz.

– Conselheiro? – indagou Rhunstag, desembainhando a espada.

Azdeki não reagiu. Nada mais existia para ele além da máscara de ouro e do aspecto exausto de Dun-Cadal. Desafiavam-se sem precisar de palavras, mediam-se, avaliavam-se, certos de que suas espadas inevitavelmente se cruzariam. Tudo terminaria ali, estava escrito. A tensão era tão palpável que o silêncio voltou naturalmente, os conselheiros já desistindo de obter uma resposta de seu líder, que não precisou alçar a voz para se fazer ouvir.

– Sei quem você é – declarou Azdeki. – Sei da fúria que o move. Eu compreendo. E, o que é pior para você, a respeito. Mas não posso permitir que se oponha ao dever que me cabe. A verdade está no Livro, Laerte de Uster.

Os conselheiros ficaram pasmos. Rhunstag e Bernevin trocaram um olhar desconcertado. O nome fora pronunciado. Era um mito voltando à vida, um mito terrível para todos que haviam fundado a República. Laerte de Uster não tinha, segundo os Azdeki, tentado tomar o poder após a queda do imperador?

– A verdade, Azdeki, é que você está com medo. E com razão! – exclamou Dun-Cadal.

Azdeki não conteve um riso nervoso.

– Medo? De quem? De você, Daermon? De sua entrada espetacular, digna do patético que você sempre foi? Sabe que vai morrer aqui, assim como o filho de Uster. Eu sei qual é o meu destino. E, por ele, deduzo o de vocês. Não vão poder mudar nada.

Embora tentasse demonstrar segurança, o medo contraía suas feições. Bernevin e Rhunstag hesitaram um instante, então desceram do altar. Mestre e pupilo estavam unidos novamente e, mesmo depois de tantos anos, não podiam desconhecer seu papel na revolução. Azdeki deu um passo à frente, lançando um rápido olhar para os fangolinos.

– Irmãos? Preciso de sua bênção.

Eles continuavam calados, encobertos pelos capuzes. Diante deles, Anvelin, com lágrimas nos olhos, mal conseguia se firmar nos cotovelos. Laerte levou a mão à máscara. Tirou-a e deixou-a escorregar pelos dedos.

Junto ao altar, Aladzio recuou devagar, buscando o olhar de Laerte. Mas o filho de Oratio não tirava os olhos dos três conselheiros que, apesar da idade, pareciam dispostos a enfrentá-lo com suas espadas.

– Bênção nenhuma – asseverou Laerte. – Confiança nenhuma por parte de seus conselheiros. Esse livro que você tem não é tão eterno como diz, Azdeki. E também não encerra o destino dos homens. A República não vai cair sob seu jugo.

– Não quero que a República caia – rebateu Azdeki, com a tranquilidade de quem não duvida. – Quero defendê-la. – Inspirou profundamente. – Sua bênção? – repetiu para os monges.

Um deles inclinou levemente a cabeça, então, com voz abafada, anunciou friamente:

– Conte com ela.

– Prendam-nos – ordenou Azdeki, num tom despido de ilusões.

Percebia que não seria fácil, que se envolveria na batalha, que Dun-Cadal sabia usar o Sopro, assim como Laerte, e não cederia diante dos soldados. Mas com isso ele ganhava tempo.

Quando os soldados avançaram, Aladzio se encolheu junto à última estátua no fundo da sala. Não era para ter sido assim. Era para Laerte ter cuidado primeiro do *Liaber Dest*, transpassado o livro com a espada, então todos teriam fugido, sem acreditar mais no discurso de Azdeki. O medo apertava o coração do inventor.

A dor agarrou o coração de Dun-Cadal quando ele se abaixou, joelhos estalando, para desviar de uma lança. Lançou-se à frente, rolando no chão e, ainda deitado, ergueu a espada para aparar o golpe que Azdeki desferia sobre ele. As lâminas se chocaram. Sentiu o peito se inflamar. Então

estendeu a palma da mão livre para os três conselheiros que o atacavam. O Sopro só os fez recuar alguns passos, o suficiente, porém, para dar tempo de o velho general se levantar.

Atrás dele, Laerte, às voltas com dez soldados, deixava-se guiar pela intuição diante do olhar atônito dos conselheiros que começavam a entrar em pânico. A cada golpe aparado, rebatia com uma investida à altura; a cada lança de que se esquivava, agarrava-a, puxava o soldado para perto e o transpassava com a lâmina. Nunca empunhara uma espada tão leve quanto Eraed, tão simples de manejar. Era como uma extensão de seu braço. Mais que deter as estocadas, ela partia o aço, cortava armaduras e ossos, cintilava numa dança mortal. Em momento algum se sentiu em apuros, em instante algum se sentiu dominado, mas o tempo contava. Inspirou fundo.

Seu corpo inteiro parecia mergulhado em chamas.

Cercado por cinco soldados ainda em pé, abaixou-se, batendo com o punho no mármore do piso.

O Sopro lançou os soldados para o alto como se fossem feitos de palha. Um deles voou tão longe que se espatifou no torso de uma estátua. Os conselheiros se precipitaram para a porta sem querer saber de mais nada. Quando Laerte se endireitou, virando-se para o altar lá longe, viu Dun-Cadal resistindo a duras penas às investidas de seus antigos companheiros de armas. Com a fúria dominando suas entranhas, correu, ofegante, até seu mentor, restaurando o equilíbrio de forças. Dun-Cadal se afastou para o lado de modo a enfrentar apenas Bernevin.

– Não! Não! – berrou Anvelin, a poucos passos dali.

Esquecendo o cansaço, superando a dor, Anvelin tentava agarrar um dos monges. O fangolino levava a mão ao *Liaber Dest* pousado no altar e o bispo, passando o braço em volta de seu pescoço, tentava fazê-lo recuar. Observado por Azinn Azdeki, que se mantinha a distância, o monge recuou, quase caiu por cima do bispo e conseguiu soltar-se com uma cotovelada em suas costelas. Com o rosto vermelho e olhos vidrados, o velho caiu dentro de uma pira e as chamas o envolveram, vorazes. Livre, o monge retornou ao altar e se apossou do Livro, sem nem fitar o bispo que ardia em chamas.

As espadas se cruzavam, os golpes se sucediam. Esquiva, estocada, corte. Azdeki e Rhunstag penavam face ao furor de Laerte, que continuava vencendo. Ele enfiou Eraed no peito de Rhunstag, segurando-o pela nuca para transpassá-lo.

Inteira e devorado pelas chamas, Anvelin deu um grito lancinante. A dor o sacudiu tal qual um boneco desarticulado, dando-lhe forças para se erguer bruscamente. Com as pernas vergando sob o peso do corpo, já quase caindo, deixou-se rolar até uma tapeçaria. As chamas se espalharam pelo tecido e atingiram as vigas de madeira abaixo da abóbada.

A lâmina de Bernevin tocou o joelho de Dun-Cadal pela fenda entre a coxa e a perna da armadura, rasgando calça e carne. O general curvou-se num gemido. Com o coração dolorido, fez o esforço de erguer a espada à frente com um leve movimento do braço e rechaçou a arma do inimigo.

À sombra de uma estátua, Aladzio viu o corpo inflamado do bispo, num último estertor, se lançar em meio aos monges fangolinos que tentavam fugir da sala. O fogo atingiu as batinas. Assustado, Azinn refugiou-se atrás do altar. Ao redor, o fogo percorria as vigas, propagava-se nas

tapeçarias e, com ele, uma fumaça densa e áspera, misturada com o odor fétido de carne calcinada. Dois monges fangolinos rolavam no chão tentando apagar as chamas de suas túnicas. O monge que estava com o Livro apertou o passo em direção à saída.

Uma viga cedeu, em meio a um estardalhaço terrível.

Embaixo dela jazia o monge, o *Liaber Dest* aberto ao alcance da mão. O fogo se pôs a lambe as páginas expostas.

Em meio ao caos, Dun-Cadal resistia a Bernevin, Laerte enfrentava Azdeki. Um arquejo acompanhava cada passe de arma. Mas a voz de Laerte era a que mais se ouvia, enquanto a silhueta de Azdeki recuava na fumaça. Laerte distinguia seus olhos avermelhados por causa do incêndio e seu corpo magro e esbelto. Vislumbrava, vez ou outra, o brilho da lâmina do conselheiro cruzando com Eraed antes de ceder. Veio-lhe a imagem de seu pai pendurado na ponta de uma corda.

Laerte golpeou com tanta força que ouviu o aço se partir. Azdeki soltou um grito de espanto. Laerte imediatamente arremeteu e varou o ar com a espada. Sentiu a resistência dos joelhos de Azdeki e em seguida seu rompimento. Reerguendo-se, espantou a fumaça com o braço e agarrou a cabeleira branca de seu inimigo caído.

Viu, em seus olhos, a incredulidade e o medo. Havia pavor nos olhos do conselheiro quando Laerte ergueu Eraed.

Desferiu um golpe em seu pescoço com a espada e, segurando os cabelos brancos, sentiu o peso do corpo de Azdeki desaparecer. Pendia em sua mão a cabeça do conselheiro, os olhos para sempre arregalados.

Largou-o. Nem ouviu seu corpo cair no chão. Suas entranhas ardiam e só tinha um desejo: vomitar, morrer, sumir. Sua fúria ainda o torturava, sentia falta de ar. Então o viu, a poucos passos de distância, ao lado de uma mão aberta: o *Liaber Dest*. As chamas dançavam sobre as páginas, sem consumi-lo. Nada. Permanecia intacto, como que protegido por uma misteriosa magia. Não foi, porém, essa assombrosa particularidade do Livro que o fez se ajoelhar com o coração disparado.

Cercada de glifos estranhos, era possível ver uma antiga gravura sob as chamas. Mostrava um cavaleiro com uma armadura simples, sentado, recostado numa árvore. A seus pés, um menino, vestindo trapos parecidos com os que ele próprio usava nas Salinas, o observava dormir, segurando uma espada na mão direita. E na mão esquerda...

– Rã...

Dun-Cadal tinha se arrastado até uma estátua e se virado de barriga para cima, a cabeça descansando no pedestal. Sorria, mas, quando estendeu a mão para Laerte, havia em seu olhar uma estranha tristeza. Atravessando a densa fumaça, o rapaz aproximou-se dele e se ajoelhou, segurando sua mão. Uma chaga se abria em seu joelho, um fio de sangue escorria de seus lábios, mas não havia ferimento aparente. Laerte entendeu: não fora a espada que o derrubara. Olharam um para o outro em silêncio. Perto dali jazia Bernevin, degolado.

– Laerte... – articulou Dun-Cadal com esforço.

Seu peito se erguia em sobressaltos. Seu coração o abandonava. Laerte sentia a mão do ancião,

que segurava a sua, gelada em meio àquele braseiro. Ficaram olhando um para o outro. Apenas isso. De mãos dadas. Estavam juntos.

Uma última vez.

Um último sopro passou pelos lábios rachados de Dun-Cadal Daermon.



– Laerte, o Livro – ouviu ele.

Em meio à espessa fumaça, esboçou-se o vulto de Aladzio, o tricórnio enfiado na cabeça. Parecia perdido, desamparado.

– Ele não está mais ali. Não pode ter queimado, ele...

Aladzio se calou ao perceber o corpo inerte de Dun-Cadal. Laerte soltou devagar a mão do general e colocou-a sobre o plastrão. Passos e gritos ressoavam ao longe. Levantou-se sem dizer nada. Sua fúria continuava ali. Seus dedos se contraíam no punho da espada. Ouviram os soldados que se aproximavam. Tinham arrombado a porta, invadido o pátio interno; decerto haviam sido retidos pelo pânico dos conselheiros. Não se espantou ao escutar, atrás de si, a voz grave de Rogant:

– Temos que ir.

O nãaga lhe estendia a máscara dourada. Laerte não tirava os olhos do semblante calmo e sereno de seu mentor.

– Não posso deixá-lo aqui. Carregue-o – pediu Laerte em tom gélido.

As chamas devoravam tudo ao redor. Em poucos minutos, os corredores daquela ala do Palatio seriam tomados por soldados em seu encaço. Precisavam sair dali e encontrar a passagem que Laerte usara para entrar.

– Carregue-o – insistiu Laerte.

Pegou a máscara das mãos do amigo.

Sua fúria...

Não tinha sumido.

## EPÍLOGO

*O destino dos homens  
nunca passou  
de um murmúrio dos deuses.*

Dun-Cadal foi enterrado sem grandes pompas à beira-mar. Além do homem santo encarregado do culto, só Mildrel estava presente, usando um longo vestido preto, um véu cobrindo o rosto. Ninguém nunca soube o que de fato aconteceu no Palatio, mas os boatos se espalharam feito rastilho de pólvora, entre mentiras e meias verdades, revelações e negações. Um nome ressurgia em todos os lábios, um único nome, que era, no entanto, execrado desde a queda de Asham Ivani Reyes.

Laerte de Uster.

O corpo de Étienne Azdeki foi resgatado do fogo a tempo. Mas não sua cabeça. Uma investigação rapidamente empreendida pelo Alto Conselho de Émeris só fez levantar perguntas nebulosas e oferecer respostas capengas. A tensão tomou conta da capital, os conselheiros se espreitavam, mudos e hostis; acreditou-se que um golpe de Estado talvez tivesse sido evitado. Havia quem cochichasse nos corredores do antigo palácio imperial que o conspirador talvez não fosse quem se pensava. Azinn Azdeki não dera sinal de vida desde a Noite das Máscaras.

O *Liaber Dest* foi mencionado. O *Liaber Dest* teria sido encontrado.

Balian Azdeki tratou de testemunhar com toda sua raiva perante o Alto Conselho de Émeris, jurando que tinha certeza do que afirmava. Seu pai estava acima de qualquer suspeita, havia fundado a República e lutado contra o tirano Reyes. Mas isso depois de ter servido a ele, objetavam alguns.

A própria Esyld, abatida, foi chamada para confirmar o depoimento do marido. Timidamente, com lágrimas nos olhos, encarou os conselheiros e declarou ter mesmo reconhecido o filho de Oratio na Noite das Máscaras. Confessou que o conheceu no passado e admitiu que ele tinha o

objetivo de assassinar os pais da República presentes naquela noite. Com isso e com base no que Étienne Azdeki sempre afirmara, passou a ser geralmente aceito que Laerte de Uster tentara derrubar a República e tomar o poder, a exemplo de um Reyes.

A verdade se via assim deformada, triturada, moldada por boatos, convicções e conveniências políticas. Os conselheiros discordavam em diversos pontos, inclusive quanto à natureza dos acontecimentos e suas consequências. A única coisa sobre a qual concordaram foi acerca do caso Laerte de Uster: ele estava de volta e representava um perigo para a República. Sua cabeça tinha que ser posta a prêmio.

E todos, do camponês ao taberneiro, do soldado ao conselheiro, deram sua própria versão da história, imaginando as motivações do filho de Uster, sua deslealdade, sua crueldade... sua vingança. Sem que nenhum deles jamais soubesse da verdade e do heroico retorno de um glorioso derrotado. Sem que nenhum deles jamais tornasse a pronunciar o nome de Dun-Cadal Daermon, sepultado à beira-mar, sob uma chuva torrencial, em Massália.

De longe, além da cerca do cemitério, Laerte observava Mildrel chorar por aquele que os deixara com tanta dignidade.

*Vingança chama vingança...*

De punhos cerrados, ele a contemplava, bela e serena. Pensou, por um momento, em aproximar-se dela para homenagear aquele que tudo lhe ensinara, mas resignou-se a se afastar rumo às vielas da cidade.



– Estão todos se digladiando – esbravejava Aladzio. – Ficam apontando você como culpado, mas na verdade estão se digladiando. O que aconteceu em Massália trouxe à tona as contendas entre os conselheiros do povo.

Empilhava nervosamente os livros na mesa comprida, indo e vindo das estantes. O inverno se aproximava e, embora a biblioteca da torre ficasse no subsolo, um ar frio vinha afagar as chamas das velas.

– Todos só falam no *Liaber Dest*. A Ordem de Fangol está querendo saber dos conselheiros que se encontravam em Massália a respeito do desaparecimento de seus representantes. E, o que é pior, principalmente para Page: os monges acham necessário ter, daqui para a frente, uma cadeira na Assembleia.

Selecionava os volumes sem muito cuidado, colocando para trás os que achava desinteressantes e guardando os demais em largas sacolas de couro gasto.

– Eles vão vir para cá, Laerte, os soldados da República. – Ele se deteve, uma expressão séria no rosto. – A Ordem de Fangol quer reassumir o lugar que julga ser seu. Eles vêm para cá, por isso estou salvando tudo que posso.

Recostado numa parede, os braços cruzados, Laerte sustentava seu olhar.

– Você nem imagina a ira de Page – disse Aladzio, suspirando e conformando-se em deixar

para trás três códices volumosos. – Agora, em comparação com você, ele até que tem se dado bem. Ninguém toca no nome dele, está limpo como a neve, e os mercenários conseguiram sair do Palatio a tempo, pelos jardins. Ele fala muito em você, sabe? Perguntou se eu sabia onde estava.

– Você deu sua palavra – lembrou Laerte.

– Eu dei minha palavra – concordou Aladzio. – Por outro lado, acho que você devia retomar o contato. Ele talvez possa protegê-lo.

– Ele sabe para onde foi Azinn, não sabe? Foi Azinn quem pegou o *Liaber Dest...*

Aladzio dirigiu-lhe um olhar sombrio, mordendo os lábios, então tratou de fechar as sacolas cheias até a borda.

– Sim, é o que ele supõe. Mas não é por causa do Livro que você vai procurar Azinn, é? – Colocou com dificuldade as sacolas no ombro. – Rogant está atrás dele. Espera vê-lo em breve. – O sorriso que esboçara foi se apagando à medida que o olhar embaciado percorria a biblioteca. – Esses livros guardam o saber secreto – acrescentou, tristonho. – Parte meu coração deixar tudo isso para os fangolinos. – Com a mão frouxa, tamborilou o couro de uma das sacolas que trazia a tiracolo. – Estou levando o que me é devido.

Ele sorriu pesarosamente.



Galapa os acolheu com uma leve risada, sentado em sua cadeira junto à porta da torre em ruínas. Enquanto ajeitava as sacolas no lombo do cavalo, Aladzio ergueu os olhos para Laerte, que montava o seu.

– Estou preocupado com esse velho irmão – confessou Aladzio, pesaroso. – É um doido, sem dúvida, mas vou sentir falta dele.

Subiu em sua sela. Ao longe, na linha do horizonte, uma nuvem de poeira se erguia. Eram cavaleiros chegando. Aladzio ergueu o tricórnio antes de enfiá-lo na cabeça.

– Chegamos.

– Aladzio, o Livro... Você o leu... Viu todas as páginas.

Constrangido, ele não olhou para Laerte. Sabia o que amigo queria saber e não se sentia confortável para responder.

– Cada um vê no Livro o que quer ver, você sabe – tentou se esquivar.

– É mesmo? Não acredito em destino escrito pelos deuses, mas eu vi... no Palatio... eu vi Dun-Cadal no Livro.

– Ah, é? – Aladzio sorriu timidamente. – Não me lembro de tê-lo visto.

Ainda esquivava o olhar. Galapa continuava com sua risadinha.

– Aladzio, olhe para mim.

Aladzio fitava o horizonte, tentando discernir, na poeira erguida, o vulto dos cavaleiros.

– Olhe para mim – repetiu Laerte.

O inventor dignou-se por fim voltar os olhos para ele. Seu rosto já não apresentava nenhum

sinal de constrangimento, mas uma gravidade que ele nunca, em toda a vida, demonstrara.

– Você acredita no Livro? – perguntou Laerte.

– Ainda tenho dúvidas, Laerte. As certezas são o que matam a República. Eu tenho dúvidas. Queria ter toda a certeza de que esse livro não passa de uma fábula escrita milhares de anos atrás. Juro, pela minha vida, que queria poder lhe dizer isso. – Passou a língua pelos lábios enquanto puxava levemente as rédeas para conduzir seu cavalo até a estrada lamacenta. – Porque eu vi o final do Livro. Uma gravura, uma simples imagem que ainda guarda seus segredos, mas... tenho certeza: estamos nos aproximando do final, meu amigo.

– E...?

– Por nada no mundo eu quero viver esse final. – O medo, por um breve instante, brilhou como nunca em seus olhos. – Você devia ir atrás dela – aconselhou, com expressão séria.

– Dela quem?

– De Viola. Viola Aguirre. Ela fala em você, sabia? Só sendo cego para não ver a afeição que sente pelo misterioso Laerte de Uster. Devia ir atrás dela. Viola foi para o Oeste há dois dias, para o condado de Daermon. Pretende fazer uma pesquisa histórica, mas nós sabemos que o motivo não é só esse, não é? Foi uma forma que ela encontrou de homenageá-lo. Acho... – Fez uma pausa, farejando o ar. – Sim, você devia ir atrás dela. E viver uma vida tranquila, meu amigo.

Enveredou com a montaria pela estrada de pedras e logo a incitou para sair a trote.

– Bicuda vai seguir você! Recorra a ela se quiser entrar em contato comigo! Cuide-se, Laerte!

A risadinha de Galapa silenciara. Laerte permaneceu alguns instantes em silêncio, pensativo, contemplando a paisagem. Para onde ir? Que caminho seguir? Tinha a sensação de ter perdido tudo, de não ser mais ninguém.

– Ele esteve aqui, sabe, filho de Uster. Ele veio me ver – anunciou Galapa, todo sorrisos.

Sua voz quase chiava enquanto ele erguia os olhos de um branco leitoso para Laerte, como se pudesse vê-lo claramente. Pouco inclinado a dar conversa a um louco e vendo os cavaleiros se aproximarem, Laerte conduziu seu cavalo para o caminho que descia da torre. Mas Galapa o interpelou novamente:

– Ele me disse que você tinha cortado a cabeça de Azdeki! Que ele tinha ficado na porta vendo você lutar!

Laerte puxou as rédeas com tanta força que o cavalo relinchou. Deu meia-volta.

– De quem você está falando? – perguntou secamente. – De quem?

Só teve como resposta uma risadinha longa e horripilante. Devagar, o velho monge desabotoou a túnica e a abriu, mostrando orgulhosamente o peito, balançando a cabeça.

– Ora, do homem que me deu este lindo presente, claro. Ele sabe que o Livro e a Espada precisam ser reunidos.

Em sua pele lívida, havia uma antiga cicatriz de um retângulo cortado por uma linha reta. Não, uma linha, não. Parecia uma lâmina, fina, com punho torneado.

– O mais gordo dos Azdeki o conhece. Ele sussurrou no seu ouvido – continuou Galapa, achando graça. – Alguma notícia do Oeste? Alguma notícia além do grande mar?

O tempourgia, a imagem dos cavaleiros ao longe se tornava mais precisa e um deles trazia o

estandarte dos soldados da República. Laerte bem que queria continuar interrogando o monge, mas não estava com ânimo para lutar.

– Quem está aí? – perguntou Galapa de repente.

Passou a mão manchada na boca, com uma expressão vaga. Então deu outra risadinha.



Ao longe, na estrada de terra, a poeira se erguia atrás de um cortejo de viajantes. Na traseira de uma carroça sacolejante, um homem obeso se escondia sob um cobertor sujo e furado, com um livro junto ao peito, fitando o nada. Vez ou outra, lançava ao redor olhares de esguelha, para verificar se ninguém o reconhecia. Faltavam poucas horas para chegarem a Eola. No final da estrada, para além de uma vasta e escura floresta, erguia-se, no alto de uma falésia, uma cidade de pedra cercada por importantes fortalezas. Lá, Azinn Azdeki estaria seguro. Assim esperava, pelo menos. Talvez mudasse de opinião se avistasse, lá no alto da colina, um homem afagando o pescoço de um cavalo.

*Vingança chama vingança... Envolve o caminho que você escolhe trilhar.*

Laerte observou o cortejo que cambaleava pela estrada. Então tornou a montar, decidido.

*O caminho da fúria fatalmente conduz ao abismo. Porque, para trilhá-lo, terá que alimentar constantemente essa fúria e sempre olhar para trás. A escolha é sua, Laerte de Uster. Meu filho...*

Instigou o cavalo com os calcanhares e saiu a galope...

## AGRADECIMENTOS

A Barbara Bessat-Lelarge e Quentin Daniel, que foram os primeiros a acreditar neste livro.

A toda a equipe da Bragelonne, que trabalhou com extrema gentileza e um profissionalismo exemplar.

A Claire Deslandes, por seu precioso trabalho de revisão e seus conselhos. A Tom Clegg, pelas sugestões finais.

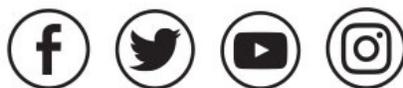
Um agradecimento muito especial a Gillian Redfearn, da Gollancz, e a Stéphane Marsan, da Bragelonne, pela confiança.

## SOBRE O AUTOR

ANTOINE ROUAUD nasceu na França em 1979 e passou a infância escrevendo histórias, imaginando roteiros e compondo canções antes de entrar para o mundo do rádio. Hoje em dia ele é redator e trabalha com premiadas radionovelas. *O Livro e a Espada* foi indicado ao David Gemmel Awards como melhor estreia literária.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)



# Sumário

## Créditos

### Parte I

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

### Parte II

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

## Epílogo

## Sobre o autor

## Informações sobre a Arqueiro